mosaico

ISSN: 2176-8943
Vol. 9 | nº. 14 | 2018

14

Revista Discente
Programa de Pós-Graduação em História,
Política e Bens Culturais (PPHPBC)
CPDOC | FGV

Mosaico é a revista discente do Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais (PPHPBC) da Escola de Ciências Sociais da Fundação Getulio Vargas (FGV/CPDOC) que tem como objetivo divulgar artigos e outras produções voltadas para as áreas de Ciências Humanas e Sociais.

Editora-chefe

Isabella Trindade Menezes

Conselho editorial

Ana Carolina Borges, Evelyn Cristina S. de Oliveira, Julia Chequer, Maria Lúcia B. S. Alexandre, Philippe Chaves Guedon, Sérgio Taibo e Thaís Portela.

Professora Conselheira

Ynaê Lopes dos Santos

Conselho consultivo

Ângela de Castro Gomes (UFF e CPDOC / FGV, Niterói e Rio de Janeiro, Brasil), Alexandre Fortes (UFRRJ, Nova Iguaçu, Brasil), Bernardo Buarque de Hollanda (CPDOC/FGV, São Paulo, Brasil), Bianca Freire-Medeiros (CPDOC/FGV, Rio de Janeiro, Brasil) , Celso Castro (CPDOC/FGV, Rio de Janeiro, Brasil), Fernando Lattman-Weltman (CPDOC/FGV, Rio de Janeiro, Brasil), Gisele Venâncio (UFF, Niterói, Brasil), João Marcelo Maia (CPDOC/FGV, Rio de Janeiro, Brasil), Juniêle Rabelo (UFF, Niterói, Brasil), Luciana Quillet Heymann (CPDOC/FGV, Rio de Janeiro, Brasil), Maria Celina D'Araújo (PUC-Rio, Rio de Janeiro, Brasil), Marieta de Moraes Ferreira (IFCS/UFRJ e CPDOC/FGV, Rio de Janeiro, Brasil), Mario de Souza Chagas (UNIRIO, Rio de Janeiro, Brasil), Mario Grynszpan (UFF e CPDOC/FGV, Niterói e Rio de Janeiro, Brasil), Martha Abreu (UFF, Niterói, Brasil), Miriam Hermeto (UFMG, Belo Horizonte, Brasil), Paulo Fontes (CPDOC/FGV, Rio de Janeiro, Brasil), Rodrigo Patto Sá Motta (UFMG, Belo Horizonte, Brasil), Sabrina Evangelista Medeiros (EGN/MB e PPGHC/UFRJ, Rio de Janeiro, Brasil), Verena Alberti (CPDOC/FGV, Rio de Janeiro, Brasil), Victor Andrade de Melo (EEDF e IFCS/UFRJ, Rio de Janeiro, Brasil) e Viktor Chagas (UFF, Niterói, Brasil).

Pareceristas desta edição

Adriana Capretz (UFAL, Alagoas, Brasil); Ariane Pacheco (UFRGS, Rio Grande do Sul, Brasil); Bruno Otávio de Lacerda Abrahão (UFBA, Bahia, Brasil); Carlos Henrique Gileno (UNESP, São Paulo, Brasil); Cláudia Samuel Kessler (UFSM, Rio Grande do Sul, Brasil); Coriolano Pereira da Rocha Junior (UFBA, Bahia, Brasil); Cristiano Sant'Anna de Medeiros (UERJ), Rio de Janeiro, Brasil; Denaldo do Alchone de Souza (IFF), Rio de Janeiro, Brasil; Diana Mendes (USP, São Paulo, Brasil); Elcio Loreiro Cornelsen (UFMG,

Minas Gerais, Brasil); Enny Vieira Moraes (UESB, Bahia, Brasil); Enrico Spaggiari (USP, São Paulo, Brasil); Ester Liberato Pereira (Unimontes, Minas Gerais, Brasil); Euclides de Freitas Couto (UFSJ, Minas Gerais, Brasil); Fabiano Pires Devide (UFF, Rio de Janeiro, Brasil); Fabio Lanza (UEL; Paraná, Brasil); Felipe Tavares Paes Lopes (Universidade de Sorocaba, São Paulo, Brasil); Francisco Xavier Freire Rodrigues (UFMT, Mato Grosso, Brasil); Gilberto Grassi Calil (UNIOESTE, Paraná, Brasil); Gustavo Bandeira (UFRGS, Rio Grande do Sul, Brasil); Isabella Trindade Menezes (IFRJ, Rio de Janeiro, Brasil); Ivete Miranda Previtalli (Faculdade Vinhedo, São Paulo, Brasil); João Manuel Casquinha Malaia (UFPEL, Rio Grande do Sul, Brasil); Jônatas Carati (Universidade Federal do Pampa, Rio Grande do Sul); José Aelson da Silva Júnior (UFMG, Minas Gerais, Brasil); Leda Costa (Unicarioca; Rio de Janeiro, Brasil); Leila Salvini (UFPR, Paraná, Brasil); Leonardo Gonçalves de Alvarenga (FDV/ UMESP, Espírito Santo, Brasil); Letícia Jovelina Storto (UENP, Paraná, Brasil); Luis Ernesto Guimarães (UEMG, Minas Gerais, Brasil); Luiz Carlos Ribeiro (UFPR, Paraná, Brasil); Marcel Tonini (USP, São Paulo, Brasil); Marcia Morel (UESC, Bahia, Brasil); Marco Betine (USP, São Paulo, Brasil); Maria Bernadete Moreira Kroeff (PUCRS, Rio Grande do Sul), Brasil; Maria Ines Vendrame (Unisinos, Rio de Janeiro, Brasil); Mariana Zuaneti Martins (UFES, Espírito Santo, Brasil); Marina de Matoos Dantas (UFMG, Minas Gerais, Brasil); Maurício Drumond (Universidade Santa Úrsula, Rio de Janeiro, Brasil); Osmar Moreira de Souza Júnior (UFSCAR, São Paulo, Brasil); Priscila Augusta Ferreira Campos (UFOP, Minas Gerais, Brasil); Priscila Gomes Dornelles (UFRB, Bahia, Brasil); Rafael Fortes (UNIRIO, Rio de Janeiro, Brasil); Raphael Rajão Ribeiro (FGV-RJ, Rio de Janeiro, Brasil); Renato Lana (Pedro II, Rio de Janeiro, Brasil); Renato Soares Coutinho (UCAM, Rio de Janeiro, Brasil); Rosana da Câmara Teixeira (UFF, Rio de Janeiro, Brasil); Rosângela Pimenta (UVA, Rio de Janeiro, Brasil); Sarah Teixeira Souto Mayor (UFJF, Minas Gerais, Brasil); Sérgio Settani Giglio (UNICAMP, São Paulo, Brasil); Silvana Vilodre Goellner (UFRGS, Rio Grande do Sul, Brasil); Silvio Ricardo da Silva (UFMG, Minas Gerais, Brasil); Surama Conde Sá Pinto (UFRRJ, Rio de Janeiro, Brasil); Vivian Fonseca (CPDOC/FGV- RJ, Rio de Janeiro, Brasil); Viviane Teixeira Silveira (UNEMAT, Mato Grosso, Brasil), ; Wagner Xavier Camargo (UFRGS, Rio Grande do Sul, Brasil); Yuri Martins Fontes Leichsenring (USP, São Paulo, Brasil).

Agradecimentos

Isabelle Pires

Sumário

Apresentação 06

Dossiê

Livros de futebol, marketing esportivo e mercado editorial: a produção do livro oficial tetracampeonato brasileiro do Cruzeiro Esporte Clube 08
Felipe Castanho Ribeiro

Escolas de samba e torcidas organizadas de futebol: análise de um caso de sincretismo no carnaval paulistano 23
Bernardo Borges Buarque de Hollanda e Jimmy Medeiros

Futebol de mulheres em tempos de proibição: o caso das partidas Vespasiano x Oficina (1968) 48
Raphael Rajão Ribeiro

Redação AM: a memória do rádio nas ondas da TV esportiva 70
Roberto José Marinho Falcão

Imagens de si de líderes do passado e do presente da torcida organizada Máfia Azul no discurso sobre violência e elitização no futebol 87
Thiago Madureira Alvarenga

Novos "sujeitos-torcedorxs": trajetórias e estratégias de visibilidade da Galo Queer, Bambi Tricolor e Palmeiras Livre 105
Maurício Rodrigues Pinto

Pra Frente Marias: convergências históricas, sociais e políticas identificadas entre o futebol e a palhaçaria protagonizados por mulheres 125
Ana Cristina Valente Borges

"O futebol pode não ter sido profissional comigo, mas eu fui com ele": trabalho e relações sociais de sexo no futebol feminino brasileiro 142
Fernanda Ribeiro Haag

Negritude futebol clube: pretos, brancos e cinzas 161
Aira Fernandes Bonfim

A tensão como regra: regulações em torno da profissão de jogador de futebol 177
Radamés Rogério

Futebol profissional: saída da pobreza? 195
Carlos Heller Mandel

Recusando armários: histórias de homens homossexuais no futebol brasileiro 214
Luiza Aguiar dos Anjos e José Aelson da Silva Júnior

Mr. Reader no Brasil: processos de hibridismo cultural em torno da Copa do Mundo de 1950 232
Raphael Alberti de Nóbrega

Democracia torcedora versus vantagens consumistas: uma análise da associação clubística em tempos de futebol-negócio 246
Anderson David Gomes dos Santos

O futebol na China: do Cuju ao sonho de se tornar uma potência mundial 262
Emanuel Leite Júnior e Carlos Rodrigues

Representações sobre mulheres nos estádios de futebol 284
Gustavo Andrada Bandeira

O Mirante Esporte Clube: estudo etnográfico do processo de aprendizagem e reprodução do gosto pela prática futebolística amadora na cidade de Ponta Grossa-Paraná (2013-2017) 302
Edilson de Oliveira, Miguel Archanjo de Freitas Junior e Wendell Luiz Linhares

Campos, festas e pedreiras: narrativas varzeanas das periferias de São Paulo (SP) 321
Enrico Spaggiari

Artigos Livres

A construção social do espaço para si: pertencimento na biografia de um migrante 338
Lucas Cé Sangalli

A paz, tranquilidade e garantia dos habitantes desta Capital: A atuação da Quarta Delegacia Auxiliar do Distrito Federal no ano de 1932 359
Felipe Castanho Ribeiro

A cidade e os terreiros: os zeladores de santo e a construção do imaginário sobre Codó-MA 379
Márcio Douglas de Carvalho e Silva e Romário Chaves Oliveira

Entrevistas

Isabella Trindade Menezes entrevista Maurício Murad 394

Apresentação

O futebol é um dos "nossos maiores e mais importantes patrimônios culturais, simbologia e identidade coletivas da história e da formação social no Brasil", como nas palavras de Maurício Murad[1]. Por isso, suscita análises de todas as camadas sociais, bem como questões políticas, culturais e econômicas. Em um cenário de futebol globalizado, o esporte apresenta dilemas próprios não só da sociedade brasileira, como também serve de objeto analítico para outros países e para as Ciências Humanas, uma vez que apresenta parte de nossas principais questões de cunho social.

Com uma multiplicidade de atores e instituições que se debruçam de forma inovadora sobre o objeto, o campo cresceu muito nos últimos anos. É inegável a importância atual do esporte para a contemporaneidade, pois a indústria esportiva é uma das responsáveis por movimentar maior capital em nosso país. Para além da vivência clubística dos brasileiros e nas audiências, assistimos ao crescimento do interesse acadêmico sobre o futebol e, por esta razão, analisado a partir de um significado cultural amplo, no qual podemos explorar temáticas diversas.

Simultaneamente a esse crescimento, podemos apontar o aprofundamento do debate acadêmico a respeito da temática, bem como em áreas como o jornalismo e da sociedade civil brasileira, a partir da realização da última Copa do Mundo no Brasil, em 2014. Percebemos que a organização desse evento custou caro a nossa sociedade e ainda hoje, em 2018, sentimos seu efeito, não só com obras que não foram terminadas, como também com o déficit nas contas públicas decorrente dos gastos com a preparação do mesmo. Nesse sentido, nos últimos quatro anos, assistimos a uma série de eventos e debates acerca da herança dos grandes eventos e do papel do futebol em nossa sociedade.

Em ano de Copa do Mundo, como o que vivemos, essas discussões voltam à tona, a partir de temas como a representatividade da seleção, os dramas pessoais dos jogadores e outros tópicos que atravessam o esporte. Dessa forma, decidimos pela publicação de um dossiê sobre futebol, com o objetivo de dar visibilidade a estas e outras questões que se referem ao campo de estudo.

Nossa publicação apresenta dezoito artigos sobre o tema do dossiê e três artigos na sessão livre. Abrindo os trabalhos com "Livros de futebol, marketing esportivo e mercado editorial", Giulia Piazzi discute a produção editorial de um livro de futebol como estratégia de marketing esportivo, tendo como objeto de análise o livro *Cruzeiro Tetracampeão Brasileiro 2014*, de Guilherme Guimarães e Thiago Soraggi.

[1] MURAD, Maurício. *A violência no futebol:* Novas pesquisas, novas ideias, novas propostas. 2 ed. São Paulo: Benvirá, 2017.

“Escolas de samba e torcidas organizadas de futebol” é o título do ensaio de Bernardo Borges Buarque de Hollanda e Jimmy Medeiros, que analisa um caso de sincretismo no carnaval paulistano.

Um episódio pouco conhecido que ajuda a compreender as formas de organização do futebol feminino é o tema do artigo “Futebol de mulheres em tempos de proibição”, de Raphael Rajão Ribeiro.

A análise do quadro Redação AM, do programa Redação Sportv, que superpõe narração de rádio a vídeos de trechos de jogos de futebol, disputados no Brasil e no exterior são o tema do artigo “Redação AM”, de João Batista de Abreu Júnior e Roberto José Marinho.

Thiago Madureira Alvarenga busca, em “Imagens de si de líderes do passado e do presente da torcida organizada Máfia Azul no discurso sobre violência e elitização no futebol”, identificar um *ethos* em comum desses torcedores organizados no discurso sobre violência.

Maurício Rodrigues Pinto e Marco Bettine de Almeida investigam as trajetórias de movimentos de torcedores contemporâneos de todos os gêneros, que se posicionam politicamente contrários à homofobia e à misoginia no futebol brasileiro, no artigo “Novos sujeitos torcedorxs”.

O artigo “Pra Frente Marias: convergências históricas, sociais e políticas identificadas entre o futebol e a palhaçaria protagonizados por mulheres”, parte de um jogo de futebol feminino, protagonizado por mulheres palhaças, para discutir os obstáculos encontrados por elas ao desempenhar funções profissionais, em segmentos predominantemente masculinos.

“O futebol pode não ter sido profissional comigo, mas eu fui com ele”, artigo de Fernanda Ribeiro Haag reflete, a partir da trajetória de duas atletas, sobre as relações sociais de sexo e as relações de trabalho que se estabelecem no futebol feminino do Brasil.

Aira Fernandes Bonfim, em "Negritude futebol clube: pretos, brancos e cinzas” resgata a figura da única liderança mulher, que compôs a diretoria do time de futebol amador, Negritude Futebol Clube, através do seu depoimento, de entrevistas e fotos.

O artigo “A tensão como regra: regulações em torno da profissão de jogador de futebol”, de Radamés Rogério, procura discutir a regulação da profissão de jogador de futebol, baseando-se na teoria civilizadora de Norbert Elias. Seu objetivo é demonstrar que o futebol, enquanto fenômeno moderno, configura-se como um espaço de disciplinarização das massas, ao mesmo tempo em que, se manifesta como instrumento de liberação de lazer.

Carlos Heller Mandel, Fernando Burgos e Pimentel dos Santos analisam a perspectiva daqueles que desejam se tornar atletas profissionais e, levantam questões acerca das reais possibilidades que jovens pobres têm de romper com o ciclo da pobreza por meio da prática futebolística profissional em “Futebol profissional: saída da pobreza?”.

No artigo “Recusando armários: histórias de homossexuais no futebol brasileiro”, Luiza Aguiar dos Anjos e José Aelson da Silva Júnior tem como objetivo tecer uma reflexão sobre os obstáculos enfrentados por homens homossexuais no futebol brasileiro, apresentando trajetórias de resistência em que se evidencia a multiplicidade de vivências que ocorrem nesse campo.

Raphael Alberti Nóbrega de Olievira apresenta o artigo “Mr. Reader no Brasil: processos de hibridismo cultural em torno da Copa do Mundo de 1950”, no qual retrata a passagem do árbitro de futebol George Reader pelo Brasil em 1948 e 1950 e os processos de hibridização cultural que aconteceu ao longo desse período da (na) cultura futebolística sul-americana.

Os autores Irlan Simões da Cruz Santos e Anderson David Gomes dos Santos apresentam no artigo “Democracia torcedora versus Vantagens consumistas: uma análise da associação clubística em tempos de futebol-negócio”, a partir de um resgate histórico, as transformações ocorridas nas formas de associação de clubes brasileiros na logica do futebol-negócio.

No artigo “O futebol na China: do cuju (蹴鞠) ao sonho de se tornar uma potência mundial”, os autores Emanuel Leite e Júnior Carlos Rodrigues apresentam um histórico sobre o futebol na China, destacando o plano chinês para se tornar potência do futebol mundial até 2050.

Em “Representações sobre mulheres nos estádios de futebol”, Gustavo Andrada Bandeira em seu artigoutiliza trechos da imprensa esportiva e entrevistas a torcedores na Arena do Grêmio para analisar a presença de mulheres nos estágios e a legitimação da lugar masculino nesses espaços.

Miguel Archanjo de Freitas Junior, Edilson de Oliveira e Wendell Luiz Linhares, através da etnografia, analisam em seu artigo, o “Mirante Esporte Clube: um estudo etnográfico do processo de aprendizagem e reprodução do gosto pela prática futebolística amadora na cidade de Ponta Grossa- Paraná (2013-2017)”, o papel da família no processo de aprendizagem e da reprodução do gosto pela prática futebolística da equipe Mirante Esporte Clube, da cidade de Ponta Grossa- PR.

Em “Campos, festas e pedreiras: narrativas varzeanas das periferias de São Paulo (SP)”, Enrico Spaggiari se propõe a discutir os sentidos que o futebol varzeano desperta nos moradores da periferia paulista ao longo do tempo, destacando a importância das memórias, rupturas e atores envolvidos nesse processo.

Na sessão de artigos livres, os métodos de entrevista narrativa biográfica e de reconstrução de caso biográfico foram usados por pelo doutorando em Ciências Sociais da Universidade de Göttingen, Lucas Cé Sangalli, para compreender os processos de construção do pertencimento na biografia de um migrante do Haiti no Brasil em “A Construção social do espaço em si”.

Felipe Castanho Ribeiro analisa as medidas adotadas pelo Governo Provisório para combater a oposição política no Distrito Federal ao longo do ano de 1932 no artigo “A paz, tranquilidade e a garantia dos habitantes desta capital”.

Márcio Douglas de Carvalho Silva e Romário Chaves Oliveira analisam a presença dos zeladores de santo e seus terreiros para a constituição imagética da cidade de Codó-MA, em “A cidade e os terreiros”.

Fechando a edição, apresentamos a entrevista com o professor Dr. Maurício Murad, professor Adjunto aposentado da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, UERJ e professor e pesquisador de Sociologia dos Esportes do programa de mestrado da Universidade Salgado de Oliveira, Universo. Foram abordados temas relacionados às suas pesquisas e trabalhos atuais, como a análise de dados estatísticos relacionados à violência e futebol. Maurício relatou sua trajetória acadêmica, que inclui a publicação de vários livros e trabalhos, a organização de um Núcleo Permanente de estudos de Sociologia do futebol em 1990 e a fundação da revista Pesquisa de Campo. Em sua fala, Maurício Murad abordou sua trajetória como pesquisador, bem como as transformações ocorridas durante esse processo, desde a valorização do futebol como objeto de pesquisa por diversas áreas do conhecimento, até as mudanças ocorridas no próprio esporte.

A revista *Mosaico* espera que a publicação do dossiê “Diálogos com futebol” e as demais contribuições suscitem debates fecundos, impliquem novas pesquisas e proporcionem uma leitura prazerosa e intelectualmente estimulante.

Maria Lúcia B. S. Alexandre
Isabella Trindade Menezes
Yasmin Getirana

Conselho Editorial

Livros de futebol, marketing esportivo e mercado editorial: a produção do livro oficial do tetracampeonato brasileiro do Cruzeiro Esporte Clube

Giulia Piazzi[1]

Football books, sports marketing and publishing market: the production of the official book about the fourth Brazilian championship won by Cruzeiro Esporte Clube

http://dx.doi.org/10.12660/rm.v9n14.2018.73247

[1] Mestranda em Estudos de Linguagens e graduada em Letras - Tecnologias de Edição, pelo CEFET-MG. E-mail: piazzi.giulia@gmail.com

Resumo:

Este artigo discute a produção editorial de um livro de futebol como estratégia de marketing esportivo, tendo como objeto de análise o livro *Cruzeiro Tetracampeão Brasileiro 2014*, de Guilherme Guimarães e Thiago Soraggi. Para esta avaliação, considerou-se o sítio eletrônico da obra, bem como uma pequena entrevista realizada com um dos autores, via e-mail. Analisou-se o caso sob os preceitos editoriais contemporâneos de Schiffrin (2006; 2011) e Thompson (2013) e a partir do conceito de marketing esportivo de Melo Neto (2007; 2013). Além da discussão a respeito do processo de publicação do livro sob os holofotes da conquista do Campeonato Brasileiro pelo clube em questão, pretendeu-se também avaliar brevemente o interesse dos leitores-torcedores pelo produto.

Palavras-chave: livros de futebol; produção editorial; marketing esportivo; mercado editorial; Cruzeiro Esporte Clube.

Abstract:

This paper discusses the editorial production of a football book as sports marketing strategy, analyzing the book *Cruzeiro Tetracampeão Brasileiro 2014*, written by Guilherme Guimarães and Thiago Soraggi. For this analysis, we considered the official website of the book, as well as a short interview with one of the authors via e-mail. The case was analyzed based on contemporary editorial precepts of Schiffrin (2006; 2011) and Thompson (2013) and from the concept of sports marketing by Melo Neto (2007; 2013). In addition to the discussion of the book publishing process through the conquest of the Brazilian Championship by this football club, we also briefly evaluated the interest of readers/fans for the product.

Keywords: football books; editorial production; sports marketing; publishing market; Cruzeiro Esporte Clube.

Primeiros Passes

Os livros de futebol têm sido alvo de poucos estudos acadêmicos no Brasil, apesar de terem sido fundamentais na história do esporte. Em um estudo recente, realizado pela autora deste artigo, pôde-se constatar o papel que o livro impresso teve na história do futebol brasileiro, considerando o processo de reconhecimento e autenticidade do futebol no país, e ainda tem, levando em conta a importância de resgatar e registrar a memória do esporte. Na pesquisa mencionada (PIAZZI, 2015), analisou-se esse nicho editorial a fim de obter um panorama sobre o mercado atual e sobre como editoras/livrarias especializadas trabalham com essa temática.

A existência de editoras/livrarias independentes especializadas em nichos específicos, como é o caso do futebol, garante que os livros sejam produzidos não apenas em épocas de maior visibilidade, mas também visando manter a bibliodiversidade em outros períodos – isto é, a variedade de livros de diferentes temáticas no mercado. Isso dá opções para o consumidor (leitor), além de ser um modo de os editores publicarem livros sob uma ideologia, já que as editoras independentes carregam uma série de "bandeiras", como atesta José Muniz Jr. (2010). Ademais, "é comum (...) que valores como qualidade, atualidade e relevância histórica/literária surjam como estrelas-guias das decisões editoriais" (MUNIZ JR., 2010, p. 7).

No cenário atual geral, no entanto, o que se percebe é que, cada vez mais, editoras e agências de marketing têm marcado presença e garantido a vinculação de sua marca à popularização de assuntos que estão sob enfoque da mídia e da internet como um todo. Apenas com um clique nas redes sociais, nota-se a reprodução instantânea de notícias, reportagens, vídeos, imagens e comentários relacionados a conteúdos específicos e diversos. No mercado editorial e em relação ao futebol, isso não é diferente.

Quando ocorrem eventos de grande proporção, por exemplo, como a Copa do Mundo, a Copa das Confederações e até mesmo as Olimpíadas, o mercado é "inundado" por livros sobre o esporte, uma vez que editoras, livrarias, agências e empresas patrocinadoras veem a oportunidade de relacionar-se com o mundo da bola, dada a grande aderência do público. No mesmo sentido, a conquista de um título por um clube ou seleção, assim como datas comemorativas de alguma instituição esportiva (aniversários, centenários e afins), intensifica a busca por parte desses agentes para que sejam gerados mais produtos em torno de um assunto momentâneo, como estratégia de marketing – uma ocasião oportuna para registrar o que a história promove e/ou revela e o que a mídia divulga. Porém, isso nem sempre é feito com a qualidade e a preocupação de um agente, editora ou livraria, especializados. E quanto aos livros de futebol, embora o público se mostre interessado e adira a temas atuais, as vendas nem sempre têm um aumento expressivo nessas épocas mais oportunas.

Ainda assim, entre muitos, lançam-se trabalhos bem produzidos, muitas vezes de preço elevado, e direcionados até mesmo para públicos específicos dentro do público amplo

dos torcedores, como é o caso do livro utilizado para análise no presente artigo – publicado em edição limitada para colecionadores. A editora iniciou a produção algum tempo antes da confirmação do título do campeonato pelo Cruzeiro, preocupando-se com a excelente qualidade do material e utilizando a visão de torcedor que os próprios profissionais envolvidos no trabalho possuem.

Tomando como base o conceito de marketing esportivo de Francisco Paulo de Melo Neto (2007; 2013) e as lições editoriais contemporâneas apresentadas por André Schiffrin (2006; 2011) e John B. Thompson (2013), este artigo busca analisar o livro *Cruzeiro Tetracampeão Brasileiro 2014*, de autoria de Guilherme Guimarães (jornalista) e Thiago Soraggi (fotógrafo), lançado pela editora e produtora de conteúdo Agência Número 1. Mais conhecido como "o livro do Tetra", ele foi lançado em janeiro de 2015, pouco depois da conquista do título do Campeonato Brasileiro pelo Cruzeiro Esporte Clube, em dezembro de 2014.

Para isso, foi realizada uma breve entrevista com um dos autores, Thiago Soraggi, via e-mail,[1] a fim de compreender alguns aspectos do processo de produção editorial do livro e de obter informações básicas para avaliação do êxito ou não do produto. Analisou-se o sítio eletrônico disponibilizado para promoção e aquisição do livro e avaliou-se, ainda, o interesse dos leitores-torcedores pela publicação, considerando as estratégias utilizadas para lançamento na época, o seu público-alvo, o preço estabelecido e o número de exemplares publicados.

Um pouco da história dos livros de futebol no Brasil

O primeiro livro de futebol publicado no Brasil, em 1903, tratava-se de um livro de regras traduzido pelo jornalista Mário Sérgio Cardim da versão original inglesa, trazida por Charles Miller, em 1894. Intitulado *Guia de foot ball*, tinha como objetivo padronizar o jogo de acordo com as normas internacionais da *Football Association* e evitar conflitos em partidas, que poderiam ocorrer na disputa entre times de diferentes cidades ou estados (SANTOS NETO, 2002, p. 90), servindo de referência necessária para a conduta de árbitros. Além disso, era uma forma de divulgar as normas para os interessados (e despertar interesse) em aderir ao esporte – como praticantes ou simplesmente como espectadores (GAMBETA, 2014, p. 13). Dessa forma, o livro impresso teve papel fundamental na difusão do futebol no país e até mesmo mundialmente. Quaisquer alterações e atualizações feitas pela FA, na Inglaterra, eram incorporadas às edições brasileiras, e essa ação contribuiu muito para a internacionalização das competições e refletiu na legitimação de um esporte uno.

[1] A entrevista foi realizada em contato direto com o empresário Thiago Soraggi, via correio eletrônico, no dia 14 de outubro de 2016. Foi-lhe enviado um formulário com oito perguntas, para que a análise pudesse ser realizada sob a perspectiva do próprio produtor do livro e não se limitasse apenas ao *site* oficial do produto ou a informações buscadas na *web* sobre o lançamento.

De lá para cá, foram publicados mais de 3 (três) mil livros sobre a temática (TAKARA, 2014), mas não mais apenas livros de regras, treinamento e referências, dominantes no mercado até, pelo menos, os anos de 1950. Uma vez legitimado, o esporte passou a ser objeto editorial nos mais diversos gêneros, entre literatura (crônica, contos, livros infantis, etc), biografias e, principalmente, livros de clubes e seleções – importantes para registro da história de equipes no Brasil e no mundo e, em especial, a representação de mais um bem simbólico a ser adquirido pelos torcedores, embora façam parte de um nicho editorial específico cujas vendas não são exorbitantes (PIAZZI, 2015, p. 43). O primeiro livro de clubes publicado, de acordo com registros do Centro de Referência do Futebol Brasileiro (CRFB), e que corresponde ao mesmo gênero do objeto de análise deste artigo, foi *Resumo histórico do Club Athlético Paulistano*, de Antônio Figueiredo, publicado pelo jornal O Estado de São Paulo, em 1918.

Na literatura, o esporte bretão sofreu muitas críticas de grandes escritores da elite, como Graciliano Ramos e Lima Barreto, mesmo que ele tenha sido aderido inicialmente apenas por esse grupo social. De caráter socializador e popular, o futebol conseguiu conquistar diversos âmbitos quando chegou oficialmente ao Brasil, opondo-se às ideias de que seria somente uma onda passageira, como o próprio Lima Barreto comentava. A popularização do esporte forçou a criação de seções especiais nos jornais no início do século XX, o que colaborou, posteriormente, para o surgimento da crônica esportiva, tão célebre nos dias atuais.

Àquela época, o desinteresse intelectual brasileiro e as altas taxas de analfabetismo contribuíam para que a produção literária sobre futebol e os livros sobre o esporte não tivessem mercado. Com o tempo, o esporte passou a apresentar características que não poderiam mais ser ignoradas pelos escritores (ROSSO, 2010, p. 46), e a "aceitação" do futebol como esporte respeitável, de cunho educacional e salutar, deu-se especialmente quando Gilberto Freyre, reverenciado sociólogo, publicou o texto *Foot-ball mulato*, em junho de 1938, no Diário de Pernambuco, após a Copa do Mundo daquele ano – o qual também contribuiu para o reconhecimento do esporte como representativo, popular e símbolo de identidade nacional, em um processo longo e complexo.

Os livros de futebol começaram a ter uma preocupação com o registro histórico após a publicação d'*O negro no futebol brasileiro*, por Mário Rodrigues Filho, em 1947, que "bebeu da fonte" do texto de Gilberto Freyre, para tentar traçar a história do esporte a partir da figura do negro.[2] Três anos adiante, Thomaz Mazzoni, anteriormente à primeira Copa do Mundo no país, publicou *História do futebol no Brasil: 1894-1950*, também exatamente pela escassez e pela necessidade de escrever a memória do futebol brasileiro.

[2] Tal livro mostrou-se estar em sintonia não somente com as ideias de Freyre, mas também com fenômenos como o Modernismo, além de ter trazido a discussão de uma democracia racial aparente. Para compreender essas questões, é válido consultar as obras *O descobrimento do futebol: modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego*, de Bernardo Buarque de Hollanda (2004), e *Mil e uma noites de futebol: o Brasil moderno de Mário Filho*, de Marcelino Silva (2006).

Além de sua importância para registrar a memória do esporte, os livros também se tornaram território de debates sociais, polêmicas e denúncias em torno do futebol. Aproveitando-se do interesse em massa pelo esporte, um livro como a biografia de Mané Garrincha, *Estrela Solitária*, de Ruy Castro, publicado em 1995 pela Companhia das Letras, pôde trazer à tona o alcoolismo a partir do drama vivido pelo craque devido à doença – além de abordar questões a respeito da vida fora de campo de um jogador de futebol heroicizado. No mesmo sentido, polêmicas e denúncias puderam ser vistas em *Jogo Sujo* e *Um jogo cada vez mais sujo*, publicados pela Panda Books, respectivamente em 2011 e 2014, que são a tradução dos livros de Andrew Jennings, jornalista investigativo escocês, responsável por denunciar atos corruptos da FIFA (Federação Internacional de Futebol).

No cenário acadêmico, também é importante destacar a produção editorial, iniciada pelo antropólogo Roberto DaMatta, em 1982, com *O universo do futebol*, obra que traz reflexões sociais importantíssimas para inserir o esporte como objeto de estudo.

Embora o futebol seja um esporte de massa, infelizmente os livros sobre a temática não são tão populares quanto o jogo em si – na verdade, é um "problema" geral de leitura existente no Brasil. Muitos produtos relacionados aos clubes, adquiridos pelos torcedores como bens simbólicos (DAMO in ALFONSI & CAMPOS, 2014, p. 37), como camisas, bandeiras e outros objetos, nem sempre englobam os livros na mesma perspectiva, mas estes podem ser consumidos da mesma maneira e serem usados em estratégias de marketing pelas equipes de futebol brasileiras. Isso tem ocorrido atualmente. Entretanto, ainda se vê e se fala muito sobre o desinteresse pelas leituras sobre o futebol, que não sejam as notícias, as reportagens e, em menor medida, as crônicas.

Adiante, neste artigo, analisar-se-á o livro *Cruzeiro Tetracampeão Brasileiro 2014*, com base nas características do mercado de livros de futebol acima apresentadas e promovendo a discussão sobre os livros no universo do marketing esportivo, a partir dos dizeres de Thiago Soraggi, produtor e autor da obra. Anteriormente, será abordado o conceito de marketing esportivo aplicado ao próprio departamento de marketing do Cruzeiro Esporte Clube.

Marketing esportivo: o que é e como o Cruzeiro o utiliza

O marketing esportivo não é um conceito novo, e foi a partir do início do século XX que ele começou a tomar consistência, por volta de 1921. Segundo a Universidade do Futebol,[3] "o marketing esportivo é a aplicação de estratégias do marketing tradicional na indústria do esporte", e sua maior ferramenta atualmente é o patrocínio. Ele é "responsável

[3] A Universidade do Futebol define marketing esportivo com base nos seguintes autores:
a) CONTURSI, Ernani Belivaqua. *Marketing Esportivo*. Editora Sprint, 1996.
b) MELO NETO, Francisco Paulo de. *Marketing Esportivo*. Editora Record, 1995.
c) STOTLAR, David K. *Como desenvolver planos de marketing esportivo*. Editora Ideia & Ação, 2005.

pelo fortalecimento da marca e da imagem, o retorno de mídia espontânea, a agregação à marca, a conquista de segmentos do mercado e o enriquecimento da comunicação", dentre várias modalidades que podem ser trabalhadas no âmbito esportivo. E é dessa forma que o Cruzeiro define o seu planejamento estratégico comercial e de marketing, afirmando que o departamento Comercial & Marketing da instituição "é o elo que une o Clube à sua apaixonada torcida e aos seus parceiros comerciais", além de "manter e expandir a força da marca Cruzeiro Esporte Clube".[4]

A principal função do marketing esportivo, de acordo com Francisco Paulo de Melo Neto (2013, p. 48), é gerar receitas, que podem ser divididas em receitas de marketing (venda de produtos, ingressos, direitos, propriedades, conteúdo, publicações e títulos de sócios) e operacionais (cobrança de taxas de filiação, inscrição em eventos, concessão de laudos e taxas de vistoria). Também para o autor (2007, p. 27), "o esporte é uma mídia alternativa, pois além de permitir uma divulgação diferenciada através do merchandising, exibe a marca ou o produto de diferentes formas". Nesse sentido, pode-se considerar a publicação de um livro também como uma ação de marketing esportivo, pois além da ideia de expandir a marca do clube, há todo um trabalho de licenciamento por detrás da obra para garantir sua qualidade e o vínculo oficial com a marca. Para lançar o único livro do Tetracampeonato Brasileiro do Cruzeiro, a Agência Número 1 – editora e produtora de conteúdo – precisou solicitar a autorização do clube e pagar um valor de licença. De acordo com Thiago Soraggi, o processo é feito mediante contrato. Ele comenta que "a revisão do livro é realizada pelo clube" e que, inclusive, "o custo de venda aumenta em virtude dos royalties a serem pagos à empresa que administra as lojas físicas e os royalties da venda sobre o valor total de todas as vendas".

Questionado sobre as ações que a Agência Número 1 promoveu para divulgar o livro na época, Soraggi afirmou ter utilizado mídias sociais, participação em programas esportivos, bem como promoções e lançamento do livro, em uma noite de autógrafos, com a exposição da taça conquistada pelo clube e a presença do Raposão, mascote oficial. O Cruzeiro, por sua vez, além de ter dado condições para que o evento tenha ocorrido dessa forma, divulgou em seu site e em suas mídias sociais oficiais a publicação e o lançamento do produto.

Junto a essas estratégias, utilizou-se uma muito comum no mercado editorial: a escrita do prefácio por uma celebridade, ou, nesse caso, um ídolo do clube. Wilson Piazza, capitão celeste na conquista do primeiro campeonato brasileiro (ainda chamado de "Taça Brasil"), em 1966, foi o escolhido para assinar as palavras iniciais do livro.

De acordo com Thiago, considerando o público-alvo, as estratégias de divulgação e o preço[5] de cada exemplar (inicial de R$ 109,90), o livro teve grande êxito, com bom retorno

[4] Informações retiradas no site oficial do clube: Disponível em: <http://www.cruzeiro.com.br/index.php?section=conteudo&id=48>. Acesso em: 14 out. 2016.

[5] Considerou-se o preço do livro neste artigo também devido à ideia trazida da administração e do marketing, de que "uma boa determinação de preços começa com um entendimento completo do *valor que um produto ou serviço cria para os clientes*" (KOTLER & ARMSTRONG, 2007, p. 257, grifo meu). E por ser o único livro sobre

financeiro. Ele ainda acrescenta ao sucesso do produto a satisfação de ter produzido um material de qualidade à torcida.

É Tetra!: a saga da conquista do Cruzeiro nas páginas de um livro

Em meio à euforia da conquista do título brasileiro de 2014 pelo Cruzeiro Esporte Clube, que também havia assegurado a taça no ano anterior – tendo sido a primeira equipe fora do eixo Rio-São Paulo a conquistar dois títulos consecutivos no Brasileirão –, o livro oficial não ocorreu por acaso. Como se trata de uma disputa por pontos corridos, o caminho para "levantar o caneco" é desenhado antes do fim do torneio, e já em meados de outubro daquele ano, segundo Thiago Soraggi, o livro já começou a ser produzido.

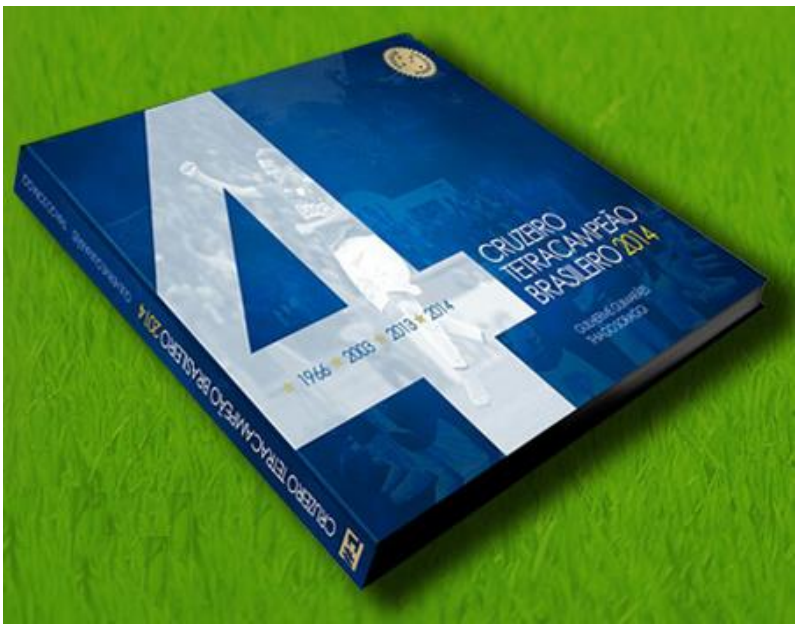


Figura 1 – O livro Cruzeiro Tetracampeão Brasileiro 2014, em imagem divulgada no site oficial do produto
Fonte: www.livrodotetra.com.br

Como já se verificou uma "preterição" dos torcedores pelos livros de seus clubes, em Piazzi (2015) – e este é um tema que necessita de uma pesquisa mais aprofundada para afirmações mais veementes –, esses produtos dificilmente são disponibilizados em número grandioso. A torcida do Cruzeiro é estimada em oito milhões de pessoas, e mesmo assim a tiragem do livro do Tetra foi de "apenas" dois mil exemplares. O livro ainda não se encontra

o tetracampeonato brasileiro do Cruzeiro, lançado tão brevemente após a conquista e em baixa tiragem, o que lhe deu o caráter de "edição de colecionador", esse valor foi criado a partir dessa caracterização do livro, de seu público-alvo e da representação da taça do torneio para a torcida cruzeirense.

esgotado. Curiosamente, veiculou-se, durante o ano de 2015, a campanha de marketing do clube intitulada "Time do Povo". Em relação à leitura, questiona-se por que, até os dias de hoje, os livros ainda infelizmente não sejam tão acessíveis ao "povão" ou, quando são (pelo preço, por exemplo), não há interesse da grande massa.

Nas palavras de Thiago Soraggi, "estimar tiragem de livro não é tarefa fácil", e "a venda de livros de futebol não é tão grande quanto deveria no Brasil". Ele enfatiza a proporção da tiragem em relação ao número de torcedores, afirmando que "apesar de termos quase oito milhões de torcedores, poucos buscam ter o livro como objeto histórico". Outros diversos fatores, segundo Soraggi, não permitem que as vendas se intensifiquem.

Levando essa discussão para o contexto do marketing esportivo e para o âmbito editorial, é possível entender que "o torcedor consumidor apresenta necessidades e desejos que devem ser atendidos por meio de ofertas esportivas (produtos e serviços diferenciados)", de acordo com Melo Neto (2013, p. 123). E é nesse sentido que um livro como o que está sendo analisado neste artigo direciona-se a um público mais restrito, mesmo que a intenção não tenha sido esta desde o princípio. Designá-lo como "edição de colecionador" é uma estratégia para destacar o diferencial do produto, motivo pelo qual ele ganhou esse selo, já que se trata de uma demanda relativamente baixa, um livro de custo e preço elevados e de grande qualidade e o único específico e oficial sobre o título do clube.

A baixa tiragem da obra, porém, não é necessariamente um fator adverso. Para John B. Thompson (2013), os livros, quando publicados em grandes tiragens, em geral, podem já ter uma predefinição de sucesso – o que nem sempre é válido para um livro de futebol. Um best-seller tem um contexto de ocorrência e o momento certo para publicação, e o êxito se deve a todo um trabalho de análise anterior, inclusive da quantia investida no projeto. É claro que se analisássemos o momento oportuno em que o livro do Tetra foi publicado, teríamos a ideia de que as vendas pudessem ser exorbitantes, mas ao passo que consideramos o envolvimento do público e o interesse pelo livro e pela leitura de futebol, constatamos que nem sempre o diferencial de um produto garante um excelente resultado ao final. No entanto, ao que o livro se propôs, Thiago Soraggi ressalta que tanto o retorno financeiro quanto o *feedback* dos leitores foram bons. Além dos elogios sobre a qualidade do livro e das fotos, não só houve *feedback* espontâneo por parte dos torcedores como também uma nota publicada na Folha de São Paulo exaltando em especial a edição fotográfica.

O livro do Tetra: análise sobre a jogada editorial

Como dito na introdução deste artigo, os livros de futebol representam um nicho editorial, constituído em geral por pequenas editoras, preocupadas em historicizar o esporte. Editoras independentes refletem a prioridade de seus "chefes" em publicar títulos que estão de acordo com aquilo em que acreditam. Isso significa que elas são "formadas por pessoas

que fazem livros por causa de suas paixões ou opiniões veementes" (WAGENBACH, 1999 In: SCHIFFRIN, 2006, p. 153), e não necessariamente pelo lucro que eles podem gerar.

No caso do livro do Tetra, o fato de ter sido produzido por pessoas envolvidas no mundo esportivo e que representam os torcedores, na medida em que também o são, nota-se a pessoalidade da publicação, que é sempre refletida nos catálogos de editoras menores. Na visão de André Schiffrin (2011, p. 31), uma grande parcela dos livros que grandes editoras costumavam editar tem vindo de editoras independentes, o que é bom para manter a variedade do mercado, o que se chama de "bibliodiversidade".

Para Schiffrin (2006, p. 174), "os livros tradicionalmente têm sido o único meio pelo qual duas pessoas, um autor e um editor, podem concordar em algo que precisa ser dito e, por um pequeno volume de dinheiro, partilhar isso com o público". A Agência Número 1, de acordo com Thiago Soraggi, produziu e publicou o livro sem nenhum patrocínio, utilizando-se de recursos próprios. Como ressaltado, o livro ainda teve o cuidado e a perspectiva de torcedores, logo os próprios envolvidos no projeto também fazem parte de seu público-alvo, e isso facilita partilhar o produto com os demais.

Thompson (2013, p. 10) toma o conceito de "campo", de Pierre Bourdieu, para explicar a autoridade que pequenas editoras criam quando se especializam em um nicho específico. Segundo ele, os capitais econômico, humano, social, intelectual e simbólico, presumidos em torno de uma obra, são os recursos necessários para que os agentes atuem em um campo específico e promovam seus interesses, crenças e valores por meio de seus livros.

Apesar de a cadeia editorial de um livro de futebol oficial, que necessita de licenciamento pelo clube, ter algumas diferenças em comparação a de livros "comuns", o processo de edição segue mais ou menos a linearidade que Thompson (2013, p. 22) determina como "cadeia de valor": o autor escreve, submete à avaliação de um editor, o qual aceita e inicia o processo de editoração até o lançamento e a pós-produção em geral.

No caso do livro do Tetra, porém, a produção iniciou-se sem essa linearidade, em meio a um campeonato ainda em andamento: Thiago Soraggi, fotógrafo, que teve fotos de sua autoria publicadas no livro do Tricampeonato Brasileiro do Cruzeiro, em 2013, demonstrou o interesse de produzir todo o livro sobre o Tetracampeonato e sem a necessidade de passar pelo crivo de uma editora, pois ele mesmo avaliou essa brecha e pôde, por meio da própria editora/agência da qual é sócio, colocar o projeto em prática.

Também diferindo do processo linear, o autor Guilherme Guimarães entrou no projeto como convidado, como comentado por Soraggi, "por ser um jornalista de respeito na imprensa esportiva, ser cruzeirense e ter aceitado o convite com muita motivação".[6]

[6] No mercado editorial de futebol, a grande maioria dos autores de livros com a temática são jornalistas. Thomaz Mazzoni, o fundador do jornalismo esportivo em São Paulo, grande referência histórica, mesmo após

Tratando-se de um livro "encomendado", dada a demanda e o interesse no momento, pauta-se essa discussão sob a luz dos "lançamentos de oportunidade", abordados por Thompson (2013, p. 245). Esse modo de lançar novos títulos, com um objetivo bem demarcado, cuja produção e cuja preparação são feitas com antecedência, trata-se de uma estratégia que funciona muito bem, segundo o autor, para livros de não ficção, pois, de certa forma, "o autor tem o tipo de reconhecimento que permite às contas mais importantes vender o livro sem muito esforço" – é o caso dos livros de celebridades, por exemplo. Além disso, ainda há o fato de que a revisão final é feita pela instituição sobre a qual o livro trata, saindo mais uma vez do processo linear da produção editorial em geral.

O livro é um objeto de consumo, e o torcedor, enquanto consumidor, tem uma gama de opções para adquirir produtos e serviços relacionados ao time para o qual torce. E ele pode realizar esse consumo de variadas formas: o esporte, para ele, é o produto/serviço, e ele se torna um consumidor permanente e ativo do esporte quando marca presença nos eventos (estádios), quando pratica futebol, quando se associa ao clube e quando compra roupas, calçados e objetos licenciados pela instituição (MELO NETO, 2013, p. 135), colaborando com a arrecadação ao mesmo tempo em que investe em um bem simbólico e de valor para ele.

Nesse viés, o marketing em torno do livro não só abre mais uma opção para o torcedor-leitor-consumidor, como também lhe dá a chance de participar ativamente do mercado, de modo que o produto chega até ele de forma mais rápida e direta (MELO NETO, 2007, p. 34), no momento em que o evento (a conquista do título) ainda é novidade. O marketing esportivo diferencia-se de toda propaganda tradicional, da TV, dos jornais, dos rádios e das revistas, exatamente por essas características, de maior preocupação em atingir públicos mais restritos, que atribuem maior valor ao produto, do que em englobar toda a multidão de torcedores, na qual existem perfis, gostos, necessidades e modos de consumo completamente distintos.

O livro do Tetra, atualmente, encontra-se em promoção junto ao livro do Tricampeonato, publicado por outra editora, com um preço menor na aquisição do "combo". Contudo, isso não intensifica as vendas, precisamente por não haver mais o ineditismo para o torcedor. Nas palavras de Thiago Soraggi, esse tipo de promoção "tem momento certo para acontecer".

Encerrando a partida: comentários e reflexões finais

É interessante refletir a respeito de todo o processo de produção do livro, mas também o de pós-produção, essencial para que o objetivo inicial seja atingido. Uma publicação sobre um clube tem várias etapas para serem cumpridas, e o vínculo oficial criado

mais de 40 anos de sua morte, ainda continua sendo o autor com mais títulos de futebol publicados (pelo menos 27 títulos).

entre a editora e a instituição esportiva carrega a marca de ambas no intuito de alcançar o público com o diferencial do produto.

Foram analisadas, neste artigo, algumas questões básicas envolvidas na produção editorial do livro "Cruzeiro Tetracampeão Brasileiro 2014", lançado pela editora e produtora de conteúdo Agência Número 1, em janeiro de 2015, de autoria de Guilherme Guimarães e Thiago Soraggi. Pôde-se notar a especificidade da produção de um livro de futebol, oficialmente licenciado por um clube brasileiro, e compreender decisões editoriais, especialmente sob a perspectiva contemporânea de Schiffrin (2006; 2011) e Thompson (2013). Além disso, verificou-se de modo prático a aplicação do conceito de marketing esportivo e a maneira geral como o Cruzeiro o utiliza em relação à sua marca.

Ainda que o mercado editorial de livros de futebol não seja tão aquecido como em tempos de Copa do Mundo, por exemplo, há métodos de envolver o público leitor, por meio das estratégias de marketing esportivo, que atribuem ao produto muito mais do que o título de um simples livro. Futebol geralmente abrange paixão, sentimento, e publicar uma obra em edição limitada pode ter efeito muito maior para que o torcedor decida comprá-la. Para alguns, a compra é realizada com interesse na leitura do texto e das fotografias; para outros, o fato de ter em posse uma publicação rara, de grande qualidade e valor simbólico já é o bastante.

Esses pontos abarcam muito mais do que questões editoriais, intrinsecamente ligadas ao marketing. Como dito anteriormente, o marketing esportivo não é um conceito novo, e muitas estratégias antigas ainda são utilizadas para promover os clubes e suas marcas. No início do século XX, a pretensão das publicações de futebol era essencialmente a de promover o esporte em si. Hoje, dado que o futebol já representa a identidade nacional, é um esporte legitimado, cuja aderência é mais espontânea do que no princípio de sua história no Brasil, várias características das publicações sobre a temática foram modificadas, mas muitas vêm sendo mantidas. O departamento Comercial & Marketing do Cruzeiro atua em outras estratégias para levar informações à torcida. Por meio de uma espécie de cartilha/revista, de quinze páginas, intitulada "Guia do Torcedor", o departamento dedica-se à criação de valor desses dados, distribuídos a cada jogo no estádio Mineirão. Nela, existem informações estatísticas, curiosidades, reportagens e um quiz, o que é capaz de atingir grande parte dos perfis de torcedores. Alguns torcedores optam por colecioná-la, outros a ignoram, e muitos realizam sua leitura na própria arquibancada, antes do início da partida.

Essas particularidades editoriais não são novas no nicho dos livros de futebol. No início deste artigo, foi mencionado que o "Guia de football", primeiro livro de futebol publicado no Brasil, também era direcionado a fãs, não somente aos praticantes do esporte. Isso ocorreu logo na introdução das regras inglesas do futebol no país. Dado o sucesso do campeonato da liga (LPF – Liga Paulista de Futebol), em 1902, Mário Cardim reuniu, no ano seguinte, informações para quem quisesse acompanhar o torneio, entre regras, times, regulamento e explicações de jogadas (GAMBETA, 2014, p. 13). Nesse sentido, embora a princípio isso tenha ocorrido apenas entre as elites, a leitura e a interpretação das regras

também foram fundamentais para que os interessados no esporte pudessem acompanhá-lo e virassem torcedores assíduos.

E trazendo essa discussão para os dias atuais, ainda são vistos em jornais ou outros impressos, guias para acompanhar os campeonatos, com o histórico de confrontos dos clubes nas competições em andamento. Dificilmente, entretanto, nota-se a presença de explicações de regras ou jogadas, como era feito no princípio.

Os livros de futebol têm um histórico riquíssimo, tanto em relação à memória do futebol quanto à promoção dos clubes atualmente, além de serem utilizados também como suporte para abordar sérias questões sociais (principalmente no que concerne ao preconceito racial e de classe), debates (sobre a vida extracampo dos jogadores e doenças que tenham atingido algum de nossos ídolos) e polêmicas e denúncias (como as denúncias de corrupção da FIFA publicadas em dois "volumes").

Fez-se aqui um estudo de caso sobre um livro relevante para registro de uma história recente de um torneio importante pelo Cruzeiro Esporte Clube, mas seguimos com a intensa e árdua tarefa de retornar aos primórdios da introdução dos livros de futebol no Brasil para destacar sua imensa importância e responsabilidade para que o esporte se tornasse o que é hoje: envolvimento, identidade e paixão.

Artigo recebido em 26 dez. 2017.

Aprovado para publicação em 19 abr. 2018.

Referências

DAMO, Arlei Sander. *O espetáculo das identidades e alteridades*. As lutas pelo reconhecimento no espectro do clubismo brasileiro. In: ALFONSI, Daniela; CAMPOS, Flávio de (orgs.). Futebol objeto das Ciências Humanas. São Paulo: Leya, 2014.

CRUZEIRO, Esporte Clube. Disponível em: <www.cruzeiro.com.br>. Acesso em: 14 out. 2016.

CRUZEIRO, lança livro oficial do tetracampeonato nesta segunda-feira. O Tempo, Belo Horizonte, 25 jan. 2015. Disponível em: <http://www.otempo.com.br/superfc/cruzeiro-lan%C3%A7a-livro-oficial-do-tetracampeonato-nesta-segunda-feira-1.979248>. Acesso em: 12 out. 2016.

GAMBETA, Wilson (org.). *Primeiros passes*. Documentos para a história do futebol em São Paulo (1897-1918). São Paulo: Edições Ludens, 2014.

KOTLER, Philip; ARMSTRONG, Gary. *Princípios de Marketing*. Trad. Cristina Yamagami. 12. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

MARKETING esportivo: conceitos e definição. Disponível em: <www.universidadedofutebol.com.br/marketing-esportivo-conceitos-e-definicao/>. Acesso em: 14 out. 2016.

MELO NETO, F. P. *Marketing esportivo*. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

MELO NETO, F. P. *Marketing esportivo*. O esporte como ferramenta do marketing moderno. Rio de Janeiro: BestSeller, 2013.

MUNIZ JR., José de Souza. *O grito dos pequenos*. Independência editorial e bibliodiversidade no Brasil e na Argentina. São Paulo: Balão Editorial, 2010.

PERON, Humberto. *Futebol em livros tem caminho do Cruzeiro ao título e causos de Levir*. Folha de São Paulo, São Paulo, 3 mar. 2015. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/esporte/2015/03/1596405-obra-revive-o-caminho-do-titulo-do-cruzeiro.shtml>. Acesso em: 12 out. 2016.

PIAZZI, Giulia. *Esporte de massa como objeto de nicho: uma análise editorial do mercado de livros de futebol*. 92 f. Monografia (Graduação em Letras – Tecnologias de Edição), Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

ROSSO, Mauro. *Lima Barreto versus Coelho Neto*. Um Fla-Flu Literário. Rio de Janeiro: Difel, 2010.

SANTOS NETO, José Moraes dos. *Visão do jogo*. Primórdios do futebol no Brasil. São Paulo: Cosac Naify, 2002. Coleção Zona do Agrião.

SCHIFFRIN, André. *O negócio dos livros*. Como as grandes corporações decidem o que você lê. Trad. Alexandre Martins. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2006.

SCHIFFRIN, André. *O dinheiro e as palavras*. Trad. Celso Mauro Paciornik. São Paulo: BEI Comunicação, 2011.

TAKARA, Ademir Massayoshi. *Livros sobre futebol publicados no Brasil (1903-2013).* In*: II Simpósio Internacional de Estudos sobre Futebol: expressões, memórias, resistências e rivalidades*, 2014, São Paulo. 11 f. Não publicado.

THOMPSON, John B. *Introdução*. In: THOMPSON, John B. *Mercadores de Cultura.* O mercado editorial no século XXI. Trad. Alzira Allegro. São Paulo: Unesp, 2013.

THOMPSON, John B. *Lançamentos de oportunidade*. In: THOMPSON, John B. *Mercadores de Cultura.* O mercado editorial no século XXI. Trad. Alzira Allegro. São Paulo: Unesp, 2013.

Escolas de samba e torcidas organizadas de futebol: Análise de um caso de sincretismo no carnaval paulistano

Bernardo Borges Buarque de Hollanda[1], Jimmy Medeiros[2]

Samba schools and Soccer supporter groups: Analysis of a case of syncretism in the carnival of São Paulo

http://dx.doi.org/10.12660/rm.v9n14.2018.73873

[1]Doutor em História Social da Cultura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Professor adjunto da Escola de Ciências Sociais da FGV. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 2. E-mail: bernardo.hollanda@fgv.br

[2]Doutor em Políticas Públicas, Estratégias e Desenvolvimento pela UFRJ. Pesquisador do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas. E-mail: Jimmy.Medeiros@fgv.br

Escolas de samba e torcidas organizadas: Análise de um caso de sincretismo no carnaval paulistano

Resumo:

O presente artigo examina o processo de apropriação dos desfiles de carnaval pelas torcidas uniformizadas de futebol profissional. Trata-se de analisar o caso particular das associações de torcedores paulistanos e sua participação institucionalizada no calendário festivo da cidade de São Paulo, nas três últimas décadas. A questão central do texto interroga o fato de o carnaval ter sido apropriado pelas torcidas organizadas de São Paulo, dentro de uma estratégia jurídica e institucional de sobrevivência associativa, ante as tentativas de proibição desses subgrupos no universo do futebol pelo Ministério Público desde 1995, em razão de seu comportamento violento e socialmente antidesportivo nos estádios. Por meio de uma enquete quantitativa, procura-se compreender a simbiose dessas organizações juvenis e populares em São Paulo, com a conversão dos agrupamentos de torcedores em agremiações voltadas para a prática do carnaval. Ao final, objetiva-se entender o modo de entrada das torcidas nas ligas das Escolas de Samba, o fenômeno de sua ascensão paulatina e, em especial, a visão de parte dos atores envolvidos. Conclui-se com evidências empíricas acerca da adesão expressiva da base de integrantes das torcidas organizadas ao carnaval da cidade, trânsito que pode tanto amenizar quanto potencializar conflitos no universo futebolístico e carnavalesco.

Palavras-chave: futebol; carnaval; torcidas uniformizadas; sociabilidade; são paulo.

Abstract:

This article examines the appropriation process of the carnival parades by the professional soccer supporter groups in uniform. We aim to analyze the particular case of the associations of supporters from São Paulo and their institutionalized participation in the festive calendar of this city, considering the last three decades. The central issue of the text questions the fact that the carnival has been appropriated by the supporter groups of São Paulo, inside a legal and institutional strategy of associative survival, upon the attempts of prohibition of these subgroups in the soccer universe by the Prosecution Office of São Paulo since 1995, due to their violent behavior and socially unsportsmanlike conduct inside stadiums. Using a quantitative survey, we aimed to understand the symbiosis of these youth and popular organizations in São Paulo, with the conversion of groups of supporters in confederations focused on the practice of the carnival. By the end, our goal was to understand the way of affiliation of the supporter groups in the leagues of the Samba Schools, the phenomenon of its gradual rise and, in particular, the view from some actors involved. We concluded with evidences of the expressive adhesion of the base of members of supporter groups of the Carnival of the city, transit that can both soften as enhance conflicts in the soccer and carnival universe.

Keywords: soccer; carnival; supporter fan groups; sociability; sao paulo.

Introdução

Em fevereiro de 2012, a apuração do desfile do Grupo Especial das Escolas de Samba de São Paulo ficou marcada por um incidente que alarmou a opinião pública e que gerou notícias exibidas por diversas vezes pela televisão. Enquanto o locutor oficial divulgava as notas dadas pelos jurados ao último quesito das escolas que desfilaram pelo grupo de elite do carnaval daquele ano, um componente de uma agremiação carnavalesca, sentindo sua agremiação prejudicada, invadiu o local em que se encontravam as urnas e rasgou o envelope com os resultados. Desta maneira, a cena inusitada, registrada ao vivo pelas câmaras de TV e pela imprensa especializada, gerou uma grande confusão, impediu a contagem final dos votos e comprometeu parcialmente a definição da escola vencedora.

Durante aquele episódio perturbador, os componentes da Escola de Samba Gaviões da Fiel, cujo baixo desempenho no desfile deixava-a distante do título, tomaram parte nos distúrbios. Tanto os membros da diretoria, na pista do Sambódromo do Anhembi, onde se realizava a apuração, quanto os integrantes nas arquibancadas, onde se encontravam em grande maioria, ao número de milhares, envolveram-se no distúrbio, que se alastrou após a interrupção do anúncio dos resultados pelas ruas e pelos arredores da passarela.

Os torcedores passaram então a arremessar objetos das tribunas, depredaram as instalações locais e, à saída das arquibancadas bilaterais do setor B do sambódromo, interromperam o trânsito da Avenida Marginal Tietê, chegando a incendiar carros alegóricos nas proximidades do Anhembi . Cenas de confronto com a polícia, tais como as ocorridas em dias de jogos de futebol, foram vistas naquela ocasião. Deslocavam-se, no entanto, para outro espaço público, o do desfile de carnaval, até então menos habituado a conflitos coletivos, ao menos daquela escala e intensidade, com as forças da ordem.

Esse incidente pontual, talvez hoje já esquecido por muitos, é um dos exemplos que pode ser evocado para pensar a participação e a presença crescente das torcidas organizadas no universo contemporâneo do carnaval de São Paulo. Para aqueles que acompanham os dias de desfile, e suas respectivas apurações, são perceptíveis as influências das lógicas rivais intergrupos e as dinâmicas territoriais de antagonismo clubístico.

Com adaptações, os modos de apoiar os clubes nas praças desportivas são, por assim dizer, transferidos para a forma de adesão identitária às escolas de samba no Anhembi, epicentro do carnaval, após um ano inteiro de investimento e preparação. Em contrapartida, a cada início de ano, a presença policial nas imediações da passarela vem sendo ampliada, a fim de prevenir, por meio das demarcações territoriais, os potenciais encontros entre as escolas cuja rivalidade advém previamente do futebol.

O debate público em torno dessa questão se alterna, ora com argumentos a favor ora com ponderações contrárias ao fato de as torcidas uniformizadas se imiscuírem nos desfiles carnavalescos. Para uns, a fusão das escolas-torcidas possibilitou o fortalecimento e a visibilidade do carnaval paulistano nos últimos 20 anos, beneficiando-se hoje da cobertura

midiático-televisiva. Para outros, as novas agremiações ofuscam as escolas tradicionais, valem-se de um contingente de adeptos muito maior, gerando uma concorrência desproporcional, recebem dinheiro público e ainda levam ao carnaval a ameaça de ampliar focos de violência no meio, antes inexistentes.

A discussão se intensifica à medida que novas escolas, ligadas às torcidas uniformizadas, ascendem na estrutura hierárquica do carnaval e alcançam o quadro principal da primeira divisão do carnaval. Em São Paulo, o evento carnavalesco oficial que congrega as vinte e duas de escolas de samba da cidade é organizado pela Liga SP, órgão civil criado em 1986, com vistas a regular e administrar o desfile. A entidade e as escolas auferem incentivos fiscais de empresas e da União – por dedução ou isenção junto à Lei Rouanet –, além de incentivo financeiro da Prefeitura da cidade de São Paulo.

Em 2017, por exemplo, a Mancha Verde recebeu captação de recursos da Crefisa para produzir seu carnaval. Graças à lei de incentivo fiscal, Leila Mejdalani Pereira, dona da referida empresa de crédito pessoal e proprietária da Faculdade das Américas, além de integrante do conselho fiscal do Palmeiras, investiu um montante total de 1.3 milhão de reais para a escola de samba palmeirense. Por sua vez, a Gaviões da Fiel teve o pedido de autorização para captar 1.5 milhões pela Lei Rouanet reprovado pelo Ministério da Cultura. O dinheiro iria cobrir gastos da preparação para o desfile de carnaval de 2017, mas o projeto foi indeferido porque a escola não esclareceu questionamentos feitos pelo MinC.

Já o apoio da Prefeitura se dá por intermédio da empresa pública SP Turismo S/A, ao mesmo tempo em que também são apoiadas por meios de comunicação, como a Rede Globo de Televisão, cuja cobertura do desfile ao vivo, transmitido a todo o país, condiciona o repasse de suas cotas de transmissão e de exclusividade às escolas . São ao todo três dias de exibição e de competição na passarela do Anhembi, divididas em dois dias do Grupo Especial, composto por catorze escolas, e em um dia do Grupo de Acesso, que conta com oito agremiações.

A dinâmica de ascensão e descenso das mais bem e das menos bem colocadas faz com que a cada ano o sistema permita alternâncias no elenco de agremiações. As escolas de samba por sua vez recrutam milhares de integrantes, quer seja da comunidade de origem, quer seja de fora dela. Neste último caso, uma das condições é que as fantasias sejam compradas junto às diversas alas e que haja participação nos ensaios preparatórios na quadra, ao longo do ano.

Em 2016, a média oscilou entre 2.700 e 3.500 componentes por agremiação, distribuídos em pouco mais de 20 alas e com 5 carros alegóricos, num cortejo linear que atravessa uma passarela com 530 metros de extensão e com capacidade de acolher em seus camarotes e arquibancadas um total de 30 mil pessoas. Em 2018, quatro grêmios carnavalescos vinculados a torcidas de futebol desfilaram nos dois dias de desfile do verão paulistano: a Gaviões da Fiel, ligada ao Sport Club Corinthians Paulista; a Mancha Verde, identificada à Sociedade Esportiva Palmeiras; a Dragões da Real e a Independente Tricolor,

ambas as últimas vinculadas ao São Paulo Futebol Clube.

Há ainda três torcidas organizadas que participam como escolas de samba nos desfiles promovidos pela União das Escolas de Samba Paulistana (UESP), responsável por organizar a competição de outras dezenas de agremiações, o que corresponde a divisões inferiores: no Grupo 1 – equivalente à terceira divisão – participaram em 2018 o Grêmio Recreativo Carnavalesco Torcida Jovem Santista, com aderentes do Santos Futebol Clube, e o Grêmio Recreativo Camisa 12, facção torcedora ligada ao Sport Club Corinthians; no Grupo 4, que equivale à sétima e última divisão do carnaval, encontra-se a Sociedade Escola de Samba T.U.P., acrônimo para Torcida Uniformizada do Palmeiras.

Abaixo deste grupo, vêm os blocos carnavalescos, que desfilam nas ruas da cidade, tal como a corinthiana Pavilhão 9. Foram destes blocos, ou de alas de escolas já constituídas, que muitas torcidas-escolas se originaram, já nos anos 1970, a exemplo dos grêmios Gaviões da Fiel, em 1975, e Torcida Jovem do Santos, em 1978.

Nos limites do presente artigo, não cabe um posicionamento de ordem moral em torno do debate sobre os supostos benefícios ou malefícios relacionados à presença de organizações torcedoras no âmbito do carnaval. De um ponto de vista acadêmico, a questão mais frutífera consiste na compreensão dos motivos pelos quais este fenômeno medrou especificamente no carnaval paulistano, e não em outras cidades, onde o carnaval ocupa uma posição central no imaginário coletivo.

Outra questão central a ser examinada diz respeito à visão dos agentes envolvidos, em particular os componentes dessas torcidas, a fim de entender a real dimensão da suposta convergência entre esses dois tipos de associativismo popular – o futebol e o samba – na capital de São Paulo. A opção pela sondagem de opinião junto à base de torcedores, em detrimento dos líderes e dos presidentes de escolas de samba originárias do futebol, visa fugir de um discurso por assim dizer oficial, ou de uma voz autorizada, e entender se de fato há aderência no trânsito entre essas duas esferas, a futebolística e a carnavalesca, por parte de seus componentes.

Argumenta-se que tais convergências resultaram na fusão sincrética de agrupamentos surgidos originalmente para apoiar clubes de futebol, mas que, em razão dos laços de sociabilidade de sua vida recreativa interna e, ao mesmo tempo, da crescente repressão policial no universo futebolístico, converteram-se em escolas de samba, o que vem demonstrando relativo êxito. Existentes já desde os anos 1970, blocos e escolas associadas ao futebol autonomizaram-se a partir da década de 1990, após o primeiro título de uma agremiação carnavalesca com laços futebolísticos – os Gaviões da Fiel transformaram em escola de samba em 1989 e sagram-se campeões do carnaval em 1994. Ao mesmo tempo, tal movimento ganha força quando entra em pauta o processo de "judicialização das torcidas", a ser explicado adiante.

No presente artigo, o entendimento do processo de conversão das torcidas uniformizadas em agremiações sambísticas passa por três elementos: 1. A dimensão

agonística e competitiva da festa carnavalesca (Cavalcanti, 2015, p. 18), que guarda ressonâncias com a competição entre os times de futebol, além das sinergias da relação entre música e futebol no Brasil, particularmente a presença do repertório musical expresso nas canções, nos versos, nos gritos de guerra e nas palavras de ordem adotadas pelas torcidas ao longo do século XX.; 2. A emulação no interior das próprias torcidas organizadas de futebol, decorrente do impacto e da repercussão da conquista do primeiro título da Gaviões da Fiel no Grupo Especial, em 1994, seguido de outros três títulos; 3. A estratégia de sobrevivência adotada pelos líderes das associações torcedoras, diante dos constrangimentos jurídicos sofridos a partir da década de 1990, com seu processo de proibição e de criminalização.

Tal processo foi deflagrado entre 1988, com o assassinato de Cleo, fundador e líder da Mancha Verde, e 1995, ano da chamada "batalha campal" do Pacaembu, quando as torcidas uniformizadas do São Paulo e do Palmeiras invadiram o campo de jogo e digladiaram entre si, com centenas de feridos e um jovem morto. Desde esses acontecimentos fatais, sob o apoio de parte expressiva da opinião pública e dos meios de comunicação de massa, as ações do Estado, através do Ministério Público e da Federação de Futebol de São Paulo, têm-se orientado no sentido de proibir a existência dessas torcidas, colocando-as na ilegalidade, ainda que com idas e vindas, sem sucesso definitivo.

Embora muitas das associações de torcedores já existissem como blocos de carnaval, sua transformação em grêmios recreativos se impulsiona durante os períodos de impedimento legal a que ficaram restritas no âmbito futebolístico. Em 1995, por exemplo, no mesmo ano em que é interditado como torcida organizada, o Grêmio Recreativo Cultural Mancha Verde é fundado e começa a participar dos desfiles de carnaval junto à União das Escolas de Samba.

No presente artigo, a compreensão da adesão das torcidas de futebol ao ambiente carnavalesco se dá como desdobramento do projeto de pesquisa "Territórios do torcer: uma análise quantitativa e qualitativa das associações de torcedores de futebol na cidade de São Paulo", coordenado pelos autores, entre 2014 e 2015, sob os auspícios da FAPESP, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Em parceria com o Museu do Futebol, por meio de seu Centro de Referência do Futebol Brasileiro (CRFB), a investigação permitiu a realização de um survey, com a produção de dados originais para este trabalho. Os questionários, correspondentes à parte quantitativa, foram aplicados a mais de 600 componentes das torcidas organizadas de clubes como Corinthians, Juventus, Palmeiras, Portuguesa, São Paulo e Santos.

Isso posto, o presente artigo estrutura-se em duas partes. Na primeira, expõe-se um balanço mínimo da produção acadêmica que trata das escolas de samba na cidade de São Paulo, com apresentação dos elementos sumários de formação e de estruturação do carnaval na capital. Junto à revisão bibliográfica, recapitula-se o debate da literatura científica existente acerca da evolução das formas de torcer e da consolidação das torcidas uniformizadas no acompanhamento do futebol profissional em São Paulo. Com isto,

tenciona-se dar evidências de que o tema em tela coloca em diálogo dois subcampos de estudos – esportes e festas populares – contribuindo para a compreensão de suas sinergias.

A segunda e principal parte do artigo se debruça sobre os dados quantitativos levantados em enquete realizada junto a integrantes das torcidas organizadas dos principais clubes da cidade. A sistematização desses dados, sob a forma de doze gráficos, permite delinear e inferir o grau de aderência ou de rejeição dos torcedores ao projeto de conversão da torcida em escola de samba e do nível individual de engajamento dos respondentes aos ensaios preparativos e à participação no desfile. A tabulação das respostas e do respectivo perfil socioeconômico do torcedor organizado permite observar que há uma aceitação expressiva no âmbito interno das torcidas organizadas para sua presença como escolas de samba. Para além das lideranças, verifica-se um envolvimento considerável, para não dizer majoritário, na base dos componentes das torcidas que se transladam para as escolas.

A carnavalização das torcidas: revisão da literatura e estado da arte

Com a virada do século XX para o XXI, uma das características da produção acadêmica sobre carnaval é a irradiação das pesquisas para além do polo, outrora hegemônico, do Rio de Janeiro. Causa e consequência da perda dessa hegemonia, outros carnavais têm sido investigados em diversos centros de pós-graduação. Seria o caso de ilustrar brevemente esse dado com algumas dissertações e teses defendidas no estado de São Paulo, que se debruçam sobre o crescente carnaval paulistano, cujo modelo, evidentemente importado e adaptado dos desfiles e das escolas de samba do Rio, começa a apresentar características próprias, bastante instigantes e inesperadas, como o caso trazido pelo presente artigo.

O interesse da Academia pelo carnaval paulistano pode ser considerado um efeito também da ampliação da visibilidade das escolas de samba paulistanas em âmbito nacional. Na Unicamp, a tese “Brancos e negros no carnaval popular paulistano (1914-1988)”, de Olga von Simson, transformada em livro (2007), trata das escolas de samba como espaços de socialização e de diversão das classes subalternas que habitavam bairros tradicionais pobres ou periféricos. Dedica também algumas páginas à vinculação entre cordões de carnaval e equipes de futebol de várzea entre os anos 1920 e 1940, mas, em razão de seu recorte temporal, não chega a tocar na relação posterior das torcidas organizadas no carnaval paulistano, dos idos de 1970 em diante.

Embora não aborde exclusivamente a temática carnavalesca, o antropólogo Heitor Frúgoli Jr. agrega informações importantes sobre a história, a geografia e a memória do carnaval paulistano, em seu livro São Paulo – espaços públicos e interação social. Até os anos 1950, três bairros concentravam os festejos momescos: a Barra Funda (antigo Largo da Banana, atual Memorial da América Latina), a Bela Vista e o Cambuci. Nesse período, outros quatro redutos importantes da cidade eram o Brás, que reunia engraxates sambistas, a Lapa,

a Liberdade e Santa Cecília.

Mas, com o advento da especulação imobiliária, o carnaval de cariz popular foi limitado, migrou para o outro lado do rio Tietê e adentrou a zona leste. Por meio de subvenção da prefeitura, o centro da cidade, especialmente a Avenida São João, ainda conseguiu preservar o desfile de corsos, ranchos e grupos alegóricos. Em 1972, as tradicionais Vai-Vai, da Bela Vista, e a Camisa Verde e Branco, da Barra Funda, deixam de ser cordões e viram escolas de samba.

No livro, Frúgoli Jr. relata que:

> "Do ângulo cultural, o carnaval de rua do Brás, na Avenida Rangel Pestana, se tornaria famoso em termos de animação, em oposição ao luxuoso carnaval de corso da Avenida Paulista, muito menos empolgado, e que permitia à maioria dos participantes apenas a condição de plateia dos carros adornados. O romance Parque Industrial, de Mara Lobo (cognome da modernista e militante comunista Patrícia Galvão, a "Pagu") mostra como tornara-se chic dirigir-se do carnaval da Avenida Paulista para o do Brás, em busca de emoções não vividas no carnaval das elites. Nesse período, configurava-se uma festa popular mas com a participação de outras classes sociais, momento em que o "lado de lá" e o "de cá" da cidade festejavam no mesmo espaço, ainda que com claras demarcações sociais" (1995, p. 25).

Em abordagem menos histórica e mais contemporânea, a dissertação de mestrado da antropóloga Clara Assunção de Azevedo, intitulada Fantasias negociadas: políticas do carnaval paulistano na virada do século XX (2010), defendida na USP, tem por cerne a gestão pública dos festejos de início de ano por parte do poder municipal. A Autora investiga os "enredos de negociação" e os casos concretos de decisão que envolvem o poder público – por meio de uma vivência interna com os funcionários do órgão SP Turis, empresa de evento da prefeitura responsável pela administração do sambódromo e pela subvenção das escolas – e as ligas representativas dos sambistas.

Uma das questões que perpassa o trabalho de Clara Azevedo é o entendimento dos critérios pelos quais a administração do município confia à pasta de Turismo, em detrimento da Secretaria de Cultura, a organização dos desfiles carnavalescos. A interlocução do governo com as agremiações populares faz-se assim por intermédio do interesse voltado primordialmente à recepção aos estrangeiros na cidade. Mais do que um expediente de ordem burocrática, o privilégio dado à destinação turística do espetáculo carnavalesco é percebido com argúcia pela antropóloga, dentro das estratégias classificatórias da estrutura governamental. Tais estratagemas são parte dos processos de legalização, normatização e legitimação de suas políticas públicas junto à sociedade.

O pesquisador da área de administração, César Tureta (2011) foca em sua tese de doutorado defendida na FGV – Práticas organizativas em escolas de samba: o setor de harmonia na produção do desfile do Vai-Vai – um dos objetos clássicos dos estudos

carnavalescos, as escolas de samba, mas as investiga com o ângulo direcionado para a especificidade dessa "organização aberta" e desse modo associativo fluido no Brasil. Tureta reconhece a estrutura hierárquico-competitiva do carnaval, bem como a extensão das suas atividades no decurso de um ano inteiro.

Conforme já apontavam outros estudiosos, a produção da festa se divide em etapas simultâneas e consecutivas, que vão dos preparativos dos barracões, galpões e ateliês aos ensaios das alas na quadra e à simulação aberta na passarela. Destes, vão até o grande dia do desfile na avenida, ocasião em que a "festa competitiva" adquire conotações cênicas, plásticas, rítmicas, estéticas e até esportivas, passíveis de avaliação por um corpo de jurados.

Na tênue fronteira de trabalho e lazer, o Autor aponta ainda a complexidade organizativa das tarefas que abrangem a fabricação dos carros alegóricos, a confecção das fantasias, o trabalho artesanal com as alegorias e os adereços, a definição plástico-visual do carnavalesco, a escolha do tema musical e a composição dos sambas-enredo. Estes, em conjunto, dão coesão e, ao mesmo tempo, emulam internamente os componentes da agremiação.

Ao repisar as definições de cultura popular, Tureta traspassa a problemática da tradição/modernidade para o campo da Administração. Neste, supõe-se a existência de uma fissura entre organizações autênticas e inautênticas, que no jargão nativo contrapõem o elo comunitário à escala empresarial. A mercantilização e a descaracterização do carnaval são relativizadas, de modo a problematizar o contraponto costumeiro entre um passado impoluto e um presente corrompido. A ingerência governamental, a comercialização e a promoção turística do carnaval, segundo o argumento dos Autores, com base em fontes bibliográficas, já se faziam presentes na primeira metade do século XX, o que mostra a ausência de novidade em relação ao debate contemporâneo.

No plano específico da administração, César Tureta argumenta que as escolas de samba são práticas organizativas que permitem a coexistência de elementos modernos e tradicionais. Por isto, suas fronteiras estão longe de serem rígidas e mesmo a divisão epistemológica entre um interior e um exterior (dentro/fora) é a seu juízo problemática. Em constante processo de reconstituição e reinvenção, as organizações não existem a priori, elas fabricam-se a cada ano. Não podem, pois, elidir a ação do ambiente e prescindem de definições dicotômicas, uma vez que são fruto da articulação histórica de união entre interesses grupais distintos, entre camadas sociais diferentes e entre atores políticos díspares.

Sob inspiração da teoria do ator-rede, de Bruno Latour, entre outros, o Autor critica a concepção binária das organizações carnavalescas e a definição de Roberto DaMatta acerca das escolas de samba. Estas se orientariam, segundo o antropólogo, por uma "dupla ordem organizatória", ilustrada pela metáfora do cometa e da sua cauda. Assim, ter-se-ia um centro nucleado por fundadores, criadores e sustentadores morais, que detêm o poder, e um rastro mais pulverizado, composto por simpatizantes, adeptos e clientes, com menor capacidade de

influência.

Em detrimento de tal imagem, o Autor propugna as especificidades da prática organizacional e dos modelos de gestão das escolas de samba, produto de uma realidade em que a organização não abole por completo a desorganização. Seu sucesso, ainda não examinado a fundo na tradição dos Estudos Organizacionais, perfaz aquilo que denomina uma "organização sem fronteira" , capaz de assistir ao fenômeno latouriano da "translação", isto é, quando dois campos de atores distintos e heterogêneos, em princípio assimétricos entre si, passam a equivaler-se. Como no caso do presente artigo, as torcidas organizadas e as escolas de samba, os atores passam por um processo de transformação, em que negociam, interagem e engendram um terceiro, de ambos diferenciado.

Em linha de continuidade com a área de administração, as torcidas organizadas também chegaram a ser foco de abordagem acadêmica. O texto de André Lucirton Costa (USP) – "A organização cordial: ensaio de cultura organizacional do grêmio Gaviões da Fiel" – foi publicado de início em meados dos anos 1990, sob a forma de um artigo ensaístico para a Revista de Administração de Empresas, da FGV. À luz do conceito de "cultura organizacional", e inspirado no debate sobre a controvertida "cordialidade" sugerida por Sérgio Buarque de Holanda na definição do homem brasileiro, Costa traça uma instigante leitura da torcida no âmbito da gestão e da administração pública., salienta, para tanto, a dimensão societária afetiva que distingue o grêmio de outras instituições utilitárias surgidas no bojo do capitalismo moderno.

O ensaio de Costa pontifica nos anos 1990, ao lado da dissertação de mestrado de Luiz Henrique de Toledo, defendida no Programa de Antropologia Social da USP, que forneceu um arrojado instrumental analítico de compreensão do fenômeno das torcidas organizadas. Estas, de acordo com o antropólogo, seriam constituidoras de uma rede simbólica de parentesco, distribuídas por sua vez em um mosaico de subgrupos, em que se identifica tanto um "comportamento verbal" quanto um "enquadramento moral" dos torcedores.

Mais do que um sistema dualístico, Toledo apreende um futebol profissional com base tripartite, isto é, dotada de uma estrutura ternária do campo esportivo. Os especialistas (jornalistas, comentaristas, repórteres) seriam responsáveis pela intermediação material, simbólica e tecnológica dos torcedores com os profissionais (jogadores, técnicos, juízes, dirigentes). Isto aparece em sua tese de doutoramento, Lógicas no futebol, de início dos anos 2000, quando o antropólogo Luiz Henrique de Toledo delimita estes três atores sociais em interação no cenário futebolístico, sendo que as torcidas organizadas constituiriam um subgrupo do terceiro elemento.

Toledo mostra ainda como existe toda uma diferenciação interna das funções dos integrantes de um agrupamento, não apenas referente à hierarquia das relações de poder dentro da torcida, mas também à faixa etária dos membros e à disposição para a participação nas brigas e nas caravanas de viagem, já previamente demarcadas como formas

de prestígio e de status interno. O antropólogo também assinala que o perfil típico-ideal do torcedor organizado contemporâneo – jovem entre 14 e 25 anos, do sexo masculino, proveniente das classes populares, estudante que esporadicamente exerce atividade remunerada – não é aplicável de forma automática aos dirigentes das torcidas, pois o universo destes apresenta-se muito mais complexo do ponto de vista etário, geracional e participativo.

Por fim, nesta seção, cabe dizer que o levantamento bibliográfico feito para o presente artigo localizou tão-somente uma única publicação dedicada diretamente ao tema das torcidas-escolas em São Paulo. Trata-se de capítulo de livro desenvolvido pelo sociólogo Arthur Bueno, formado na USP, que explora uma faceta singular do universo das torcidas paulistas: a sua presença no carnaval. Na pesquisa de campo intitulada "Uma torcida que samba" (2015), com dados etnográficos coletados na quadra da torcida originalmente em 2003, Bueno apresenta um relato em que investiga todo o processo de conversão dos Gaviões da Fiel em uma escola de samba, sem descurar das tensões internas, das contradições discursivas e das resistências parte de seus próprios membros.

Para tanto, o autor deslinda os mecanismos de absorção e as tentativas de modificação do habitus viril da torcida, bem como das limitações impostas a seu ethos guerreiro pelo meio carnavalesco, seja quando a sede da torcida se torna a quadra da escola – trata-se do mesmo espaço – seja quando os integrantes transladam-se dos estádios de futebol para o Anhembi, palco principal dos desfiles e epicentro televisivo de cobertura da performance das escolas. Futebol e samba são assim apreendidos como "dois mundos" em processo simbiótico pelo Autor. Seus aspectos ora se aproximam ora se distinguem e, de modo simultâneo, mostram as ambiguidades constitutivas do discurso da virilidade vis-à-vis da confraternização preconizada pela folia.

Percepções dos torcedores organizados sobre sua participação no carnaval paulistano

Visto o debate mais amplo da literatura especializada, atinente às razões antropológicas, sociológicas e organizacionais para o investimento associativo no Brasil tanto no carnaval quanto no futebol, particularmente no que se convencionou chamar de associativismo torcedor em São Paulo, veja-se agora a ótica dos integrantes da base dessas torcidas, tendo por referência os resultados mensurados pela aplicação de questionários quantitativos. Em conjunto, as estatísticas dão subsídios importantes para entender como o cenário paulista tornou-se o caso mais evidente da aproximação entre torcidas organizadas dos tradicionais clubes de futebol e o carnaval naquela cidade.

Considerando este contexto peculiar, foi realizado um survey composto por 612 entrevistas. Em termos metodológicos, como não existia um cadastro atualizado e validado dos membros das torcidas organizadas dos clubes selecionados, o que possibilitaria a adoção

de uma amostra probabilística, foi escolhida uma amostra do tipo não-probabilística para tornar possível a realização da pesquisa de opinião , mesmo que sem possibilitar o cálculo da margem de erro e do nível de confiança, os parâmetros da amostra.

Nesta pesquisa, para efeito de seleção dos entrevistados, consideramos como "torcedor organizado" o sujeito que vestia camisa, boné, calça ou bermuda da facção investigada, bem como aqueles que portavam bandeira ou instrumentos musicais. Uma vez identificado com uma destas características, a pessoa estava apta a ser abordada pela equipe de pesquisadores.

O período de aplicação do questionário da pesquisa transcorreu entre o segundo semestre de 2014 e o mês de fevereiro de 2015. Assim, o trabalho de campo perpassou o Campeonato Brasileiro de Futebol de 2014, organizado pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF), além da Copa Paulista, em 2014, e o início do Campeonato Paulista de Futebol séria A1, em 2015, ambos organizados pela Federação Paulista de Futebol (FPF).

Para a realização do trabalho de campo foi utilizado um questionário estruturado composto por quase 50 perguntas, com vistas a dimensionar a percepção dos torcedores organizados de São Paulo sobre diversos temas e questões atuais da agenda pública brasileira na esfera futebolística. Os temas contemplados no survey permitem identificar o perfil socioeconômico dos torcedores organizados dos seis clubes selecionados, bem como produzir indicadores quantitativos para entender o seu vínculo com o futebol, a torcida, violência e, em particular, o carnaval, objeto de interesse deste trabalho.

De início, uma pergunta do questionário aferia o grau de participação da torcida organizada no carnaval. Conforme o gráfico abaixo, 87% dos entrevistados mencionou algum tipo de participação da TO no ambiente carnavalesco, sendo que 82% indicou a atuação em forma de Escola de samba, 4% como bloco carnavalesco e 1% em ambas as formas.

A categoria "Não participa" com 13% das respostas no gráfico abaixo, e equivalente a 78 questionários, é composto, em sua maioria, por torcedores dos clubes Portuguesa (22 casos), Juventus (20 casos) e Palmeiras (18 casos). Santos (9 casos), São Paulo (5 casos) e Corinthians (4 casos) contribuem com poucos entrevistados. Todavia, enquanto a quantidade de resposta da Portuguesa e do Juventus representam cerca de 95% dos casos de cada clube, no Palmeiras ela é equivale a 11% e, por fim, São Paulo e Corinthians representam, somente, 3% dos seus torcedores entrevistados.

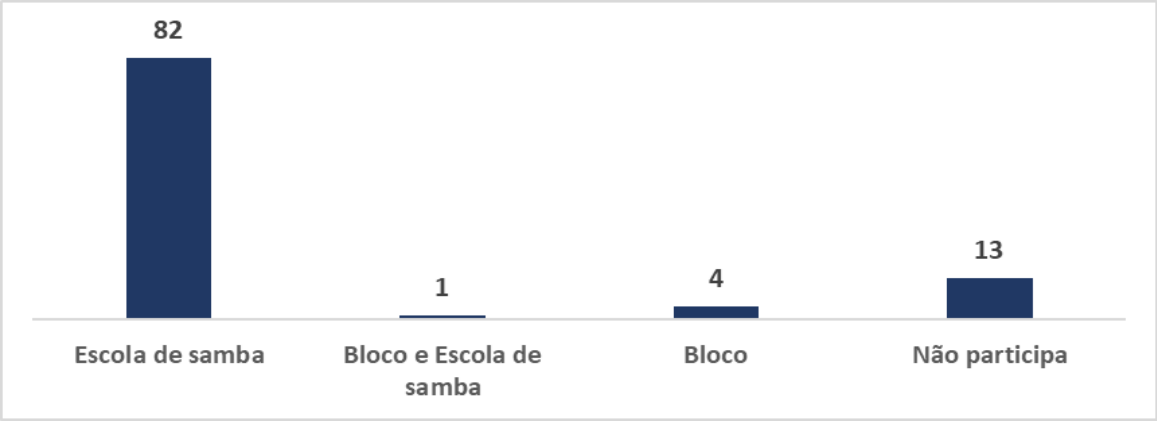


Gráfico 1 – Tipo de participação da Torcida Organizada no carnaval (%)
Fonte: FGV-Opinião/CPDOC e CRFB-Museu do Futebol.
Elaboração: Jimmy Medeiros.

Uma possibilidade interessante do método de *survey* é o relacionamento entre variáveis. Neste sentido, selecionamos duas questões para buscar compreender melhor a participação ou não da torcida organizada no carnaval paulista. A primeira dimensão utilizada é a percepção do perfil da TO em relação à violência. Conforme o gráfico 2, quanto maior o grau de violência declarado pelo entrevistado, maior é a indicação da participação da torcida organizada no carnaval, seja através das escolas de samba, seja em blocos carnavalescos.

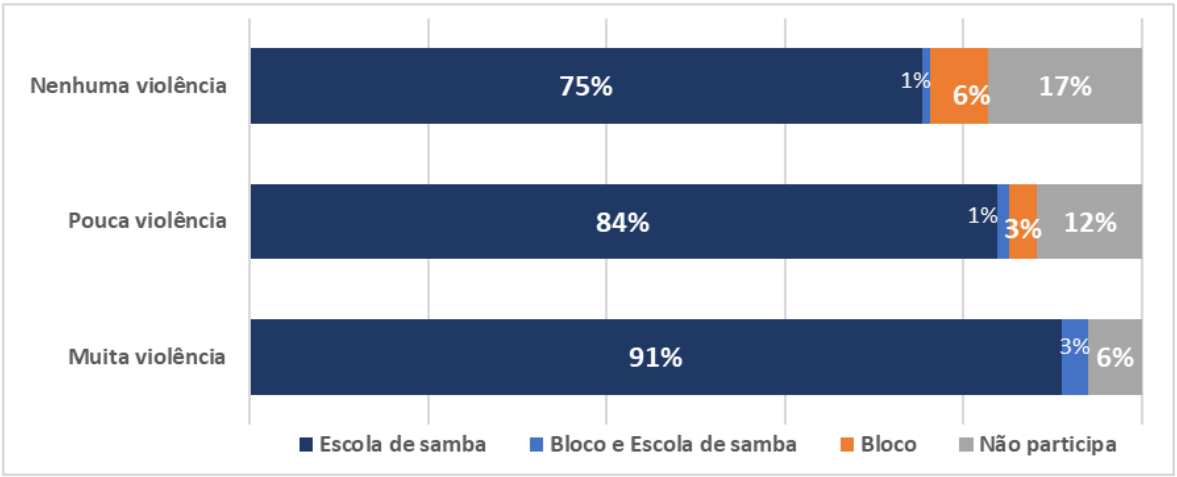


Gráfico 2 – Tipo de participação da Torcida Organizada no carnaval, segundo o perfil da torcida organizada em relação à violência (%)
Fonte: FGV-Opinião/CPDOC e CRFB-Museu do Futebol.
Elaboração: Jimmy Medeiros.

A segunda dimensão utilizada é a percepção da adequação das novas arenas para as torcidas organizadas. Via de regra, tais equipamentos esportivos são criticados pelo valor dos ingressos e pelas restrições impostas pelas cadeiras e pela segmentação das arquibancadas às TOs. Não obstante, de acordo com o gráfico 3, quanto maior é a percepção de adequação do uso dessas novas arenas por parte das torcidas organizadas, maior é a indicação de participação da torcida organizada no carnaval.

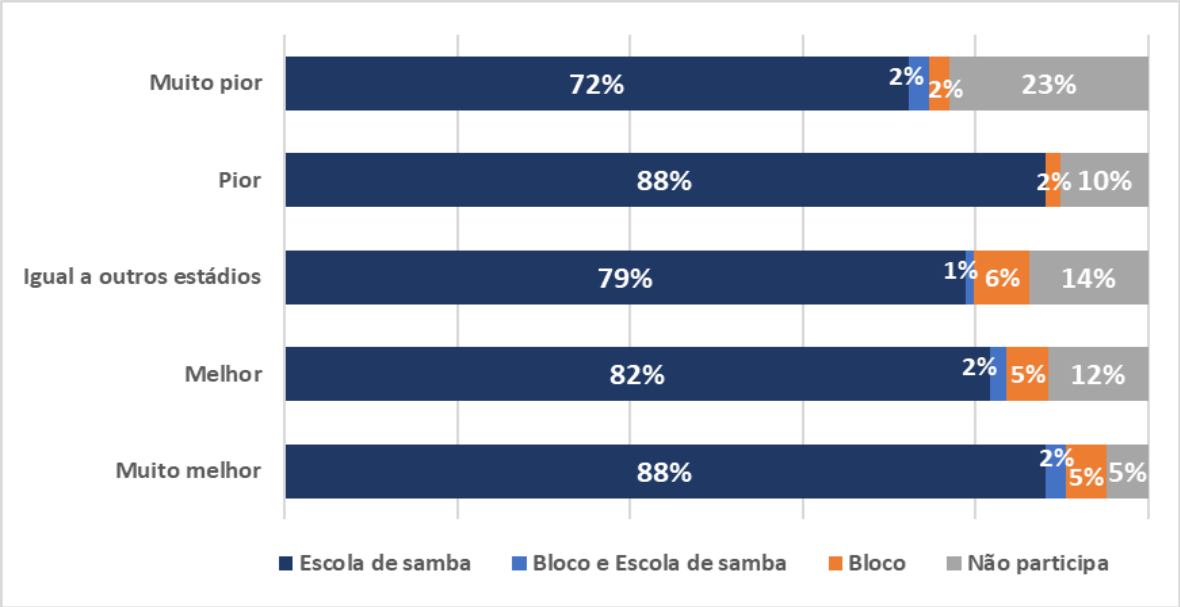


Gráfico 3 – Tipo de participação da Torcida Organizada no carnaval, segundo a percepção da adequação das novas arenas para as torcidas organizadas (%)
Fonte: FGV-Opinião/CPDOC e CRFB-Museu do Futebol.
Elaboração: Jimmy Medeiros.

Este resultado é interessante, pois há uma associação entre uma *proxy* de gentrificação no meio futebolístico e envolvimento distinto no meio das torcidas organizadas. Isto, pois as novas arenas possuem um padrão melhor de limpeza, de organização, de segurança e, por conseguinte, de conforto oferecido aos espectadores, se comparado aos antigos estádios. Contudo, há uma elevação do valor do ingresso, assim como no controle imposto aos frequentadores. Ao mesmo tempo, os torcedores organizados relatam receber tratamento melhor por parte da sociedade e do poder público, quando representam a escola de samba

do que ao representar a torcida organizada[1].

Após avaliar a participação da TO no carnaval e o impacto de duas variáveis quanto a isso, apresentamos a seguir uma nova pergunta do questionário que mensurava a participação do entrevistado no desfile da escola de samba ligada à sua torcida organizada, se ele assistia aos desfiles desta escola de samba ou se nenhuma das duas opções anteriores. Neste sentido, ampla maioria apontou algum tipo de envolvimento com o carnaval da torcida, visto que 40% informou participar efetivamente do desfile e 42% indicou ao menos assistir ao desfile, seja no sambódromo, seja pela televisão. Por fim, menos de 1/5 dos entrevistados disse não se envolver com o desfile da escola ligada à sua torcida organizada (Gráfico 4).

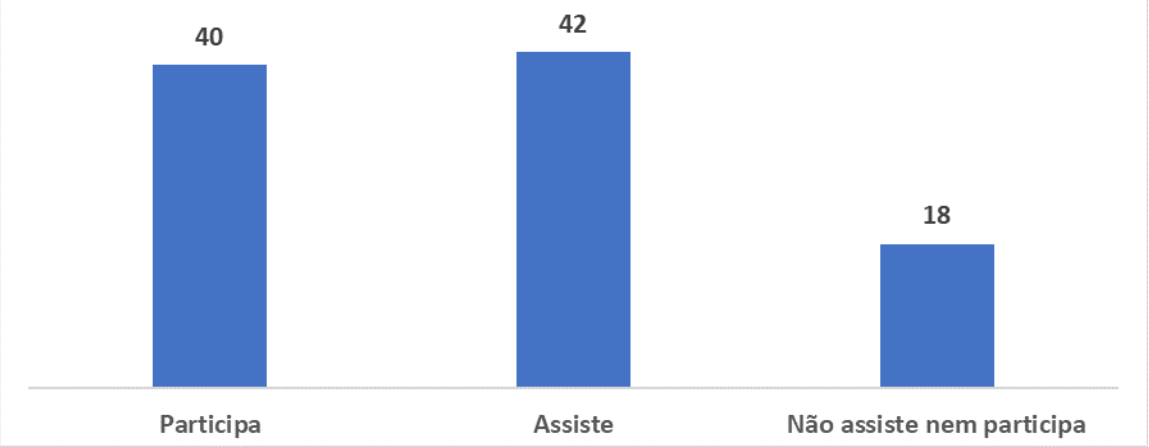


Gráfico 4 – Envolvimento do entrevistado com o desfile da escola de samba da torcida organizada no carnaval (%)
Fonte: FGV-Opinião/CPDOC e CRFB-Museu do Futebol.
Elaboração: Jimmy Medeiros.

Um aprofundamento desta variável pode ser realizado ao comparar o resultado do gráfico anterior, segundo algumas características sociodemográficas. Inicialmente, o tipo de envolvimento do torcedor organizado com o desfile da escola de samba ligada à sua torcida é similar entre "casados" e "solteiros", de acordo com os dados do gráfico 5. No entanto, ambos diferem para os "divorciados" em quase 10 pontos percentuais.

[1] Esta versão foi dada em depoimento pelo presidente da torcida Dragões da Real, André Azevedo, no dia 18 de setembro de 2014, para o projeto Territórios do Torcer.

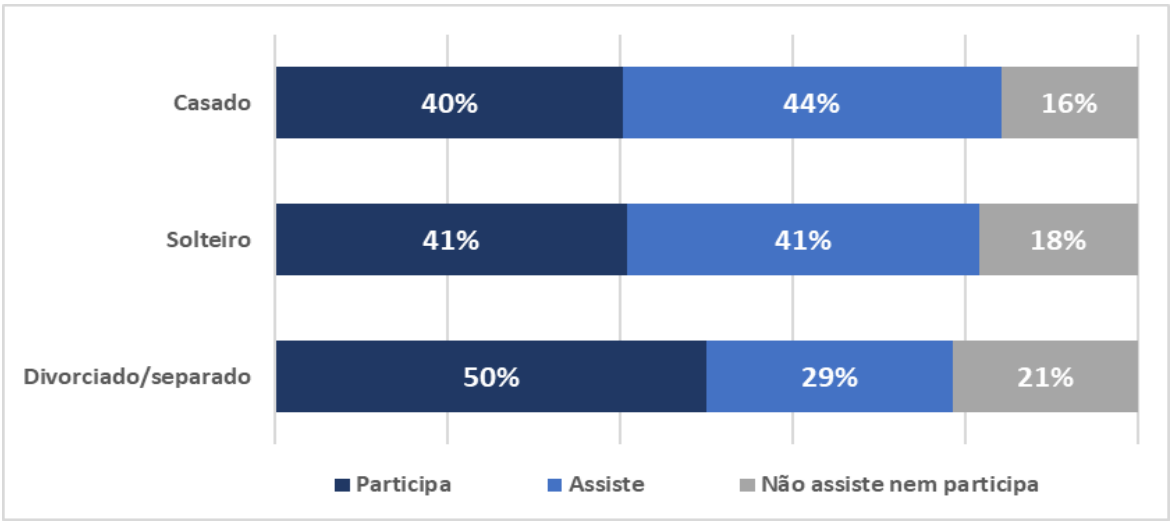


Gráfico 5 – Envolvimento do entrevistado com o desfile da escola de samba da torcida organizada no carnaval, segundo o estado civil
Fonte: FGV-Opinião/CPDOC e CRFB-Museu do Futebol.
Elaboração: Jimmy Medeiros.

Com relação ao grau de escolaridade, há maior participação de torcedores organizados "analfabetos" (sem grau de instrução formal) no desfile da escola de samba, se comparado às demais categorias. Afinal, a proporção de torcedores participantes reduz, conforme aumenta o grau de escolaridade, passando para 45% entre aqueles com "primário completo" e reduzindo para 38% entre os entrevistados com "superior completo" (Gráfico 6).

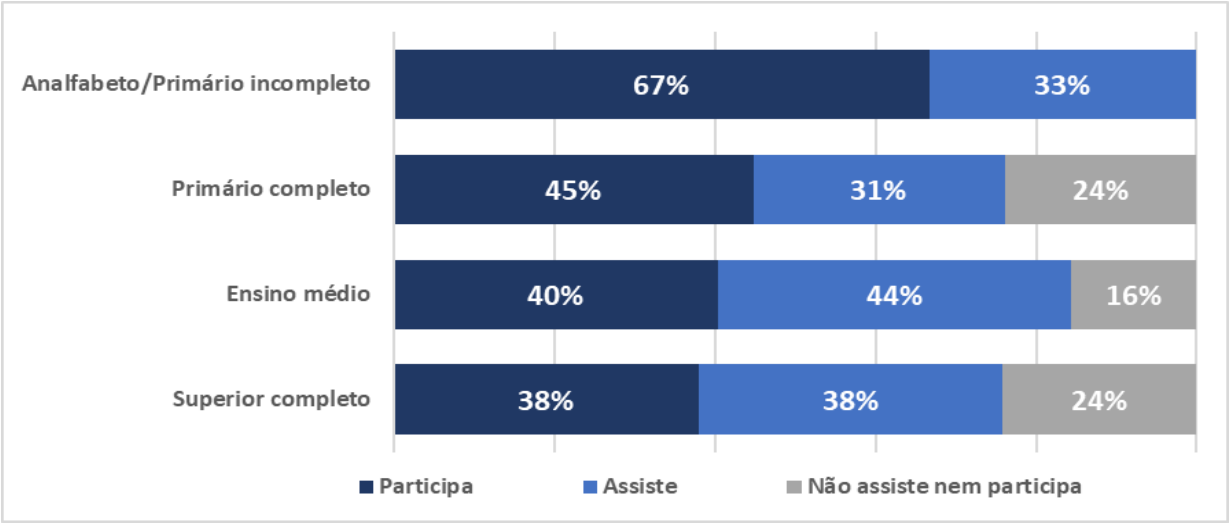


Gráfico 6 – Envolvimento do entrevistado com o desfile da escola de samba da torcida organizada no carnaval, segundo o grau de escolaridade
Fonte: FGV-Opinião/CPDOC e CRFB-Museu do Futebol.
Elaboração: Jimmy Medeiros.

Ainda considerando as características sociodemográficas, de acordo com o gráfico 7, os entrevistados situados nas duas maiores faixas etárias têm participação efetiva no desfile da escola de samba maior do que aqueles situados nas duas faixas etárias inferiores. Desta forma, há tendência de participação maior entre os torcedores organizados mais velhos.

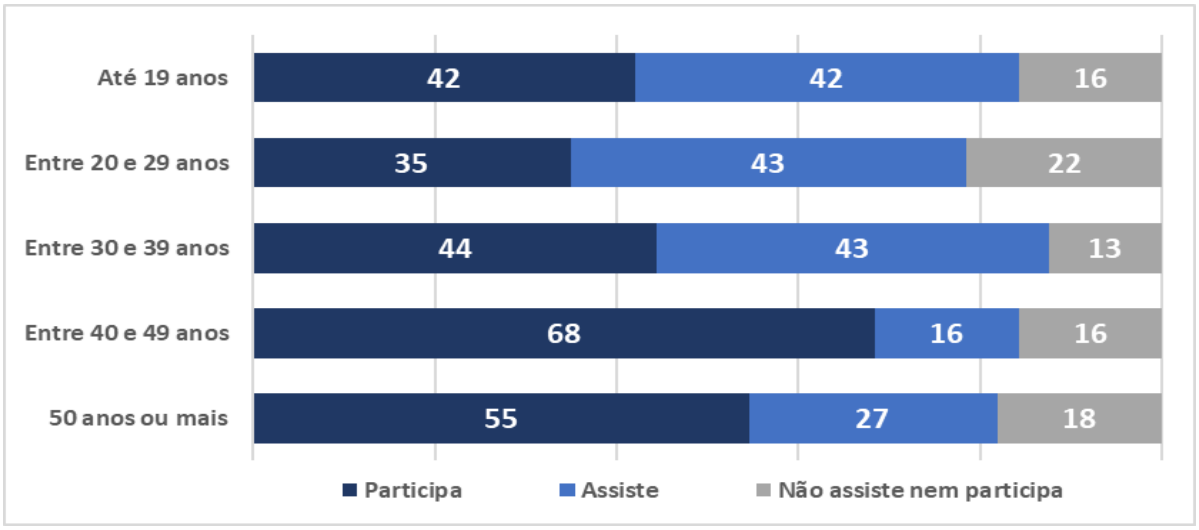


Gráfico 7 – Envolvimento do entrevistado com o desfile da escola de samba da torcida organizada no carnaval, segundo faixa etária (%)
Fonte: FGV-Opinião/CPDOC e CRFB-Museu do Futebol.
Elaboração: Jimmy Medeiros.

A análise da pergunta a respeito do tipo de participação do entrevistado no desfile da escola de samba da torcida organizada no carnaval pode ser complementada por outros itens do questionário. Talvez, tão ou mais interessante que avaliar pelas características sociodemográficas. Neste sentido, os gráficos a seguir tentam aprofundar este debate, considerando as declarações dos entrevistados quanto ao grau de envolvimento dele com o clube, com a torcida organizada, seu envolvimento em brigas e sua adesão a viagens para partidas em outras cidades. Uma hipótese é que o maior engajamento do entrevistado com a TO tenderia a resultar em maior participação na escola de samba com o DNA da torcida.

Uma primeira comparação realizada é pela posse ou não do título de sócio do clube do coração. De acordo com os dados do gráfico 8, não há diferença na participação no carnaval por esta variável, uma vez que os percentuais das três categorias de participação no carnaval são similares entre ter ou não o título de sócio proprietário.

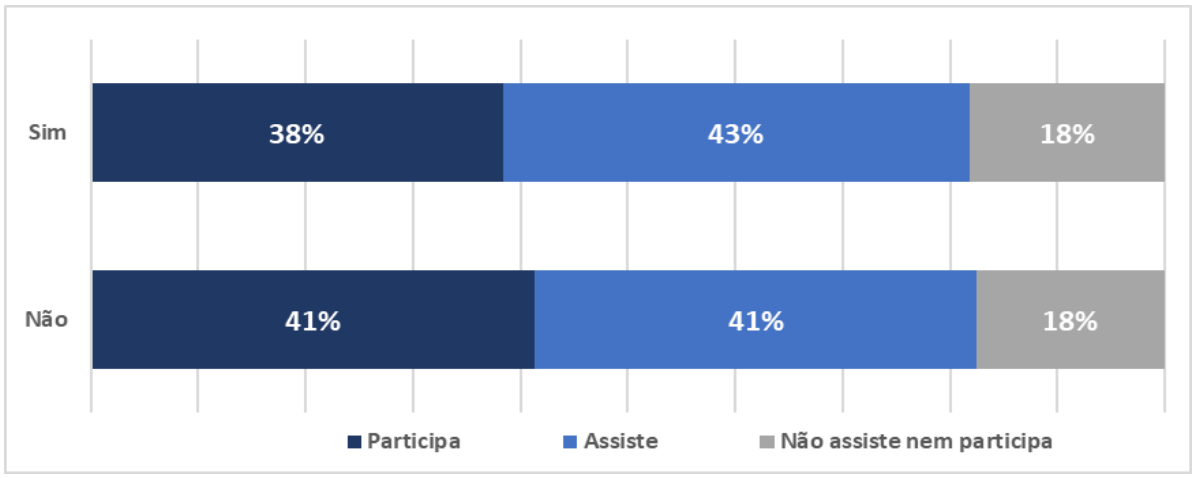


Gráfico 8 – Envolvimento do entrevistado com o desfile da escola de samba da torcida organizada no carnaval, segundo a posse de título de sócio do clube que torce (%)
Fonte: FGV-Opinião/CPDOC e CRFB-Museu do Futebol.
Elaboração: Jimmy Medeiros.

Apesar disso, um dado interessante é a diferença do tempo de filiação do entrevistado na torcida organizada entre as três categorias de envolvimento com o carnaval. O participante declarado do desfile de escola de samba tem, em média, 10,7 anos de filiação. Aqueles que apenas assistem ao desfile têm em média 7,8 anos de filiação e os que nem desfilam, nem assistem estão filiados há 6,6 anos. A diferença entre os valores é estatisticamente significante, o que reforça um perfil distinto do torcedor organizado engajado com o desfile da escola de samba da sua torcida.

Ademais, outra pergunta do questionário reforça a hipótese de que um maior envolvimento com a torcida organizada tende a um engajamento maior com a escola de samba da TO. Assim, quanto maior é a frequência de ida do torcedor à sede da sua torcida organizada para participar das festas, encontros e reuniões, maior é a taxa de participação no desfile da escola de samba. Afinal, enquanto 51% dos que “sempre” vão à sede participam do desfile da escola de samba da torcida, a proporção reduz para 25% entre os que declararam “raramente” visitar a sede. As categorias “quase sempre” (42%) e “às vezes” (27%) apresentam percentuais intermediários aos dois limites e com redução contínua (Gráfico 9).

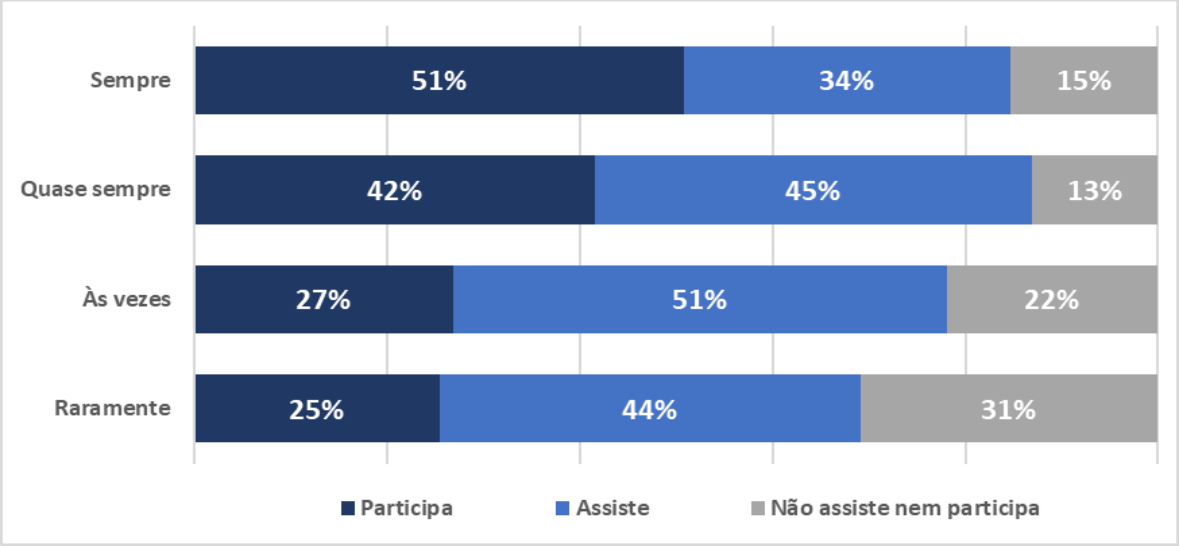


Gráfico 9 – Envolvimento do entrevistado com o desfile da escola de samba da torcida organizada no carnaval, conforme a frequência à sede da TO para encontros, festas e reuniões
Fonte: FGV-Opinião/CPDOC e CRFB-Museu do Futebol.
Elaboração: Jimmy Medeiros.

Outra dimensão que mensura o maior ou menor engajamento do torcedor com sua TO é o pagamento de mensalidade/anuidade à agremiação. Com uma diferença de apenas 7 pontos percentuais, a participação no desfile da escola de samba é maior entre os que contribuem financeiramente com a torcida, o que confirma a hipótese de que quanto mais engajado com a TO, maior a probabilidade de estender sua participação ao desfile carnavalesco (Gráfico 10).

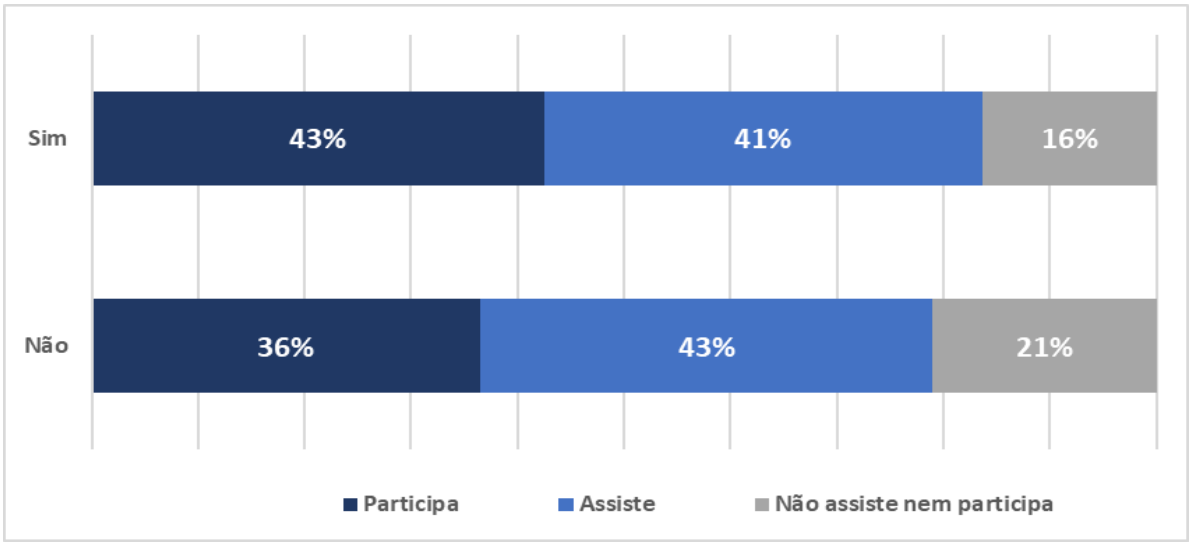


Gráfico 10 – Envolvimento do entrevistado com o desfile da escola de samba da torcida organizada no carnaval, segundo o pagamento de mensalidade para ser sócio da TO
Fonte: FGV-Opinião/CPDOC e CRFB-Museu do Futebol.

Em sequência, verificamos outras formas de engajamento com a TO, como a participação em brigas com torcidas rivais. De acordo com os dados do gráfico 11, não há diferença na participação no carnaval entre ter participado ou não de confrontos com torcidas rivais, visto que os percentuais das três categorias caracterizadoras da participação no carnaval – participa do desfile, assiste ao desfile e, por último, não assiste/nem participa – são muito parecidos. A diferença é pequena e não passa de 5 pontos percentuais.

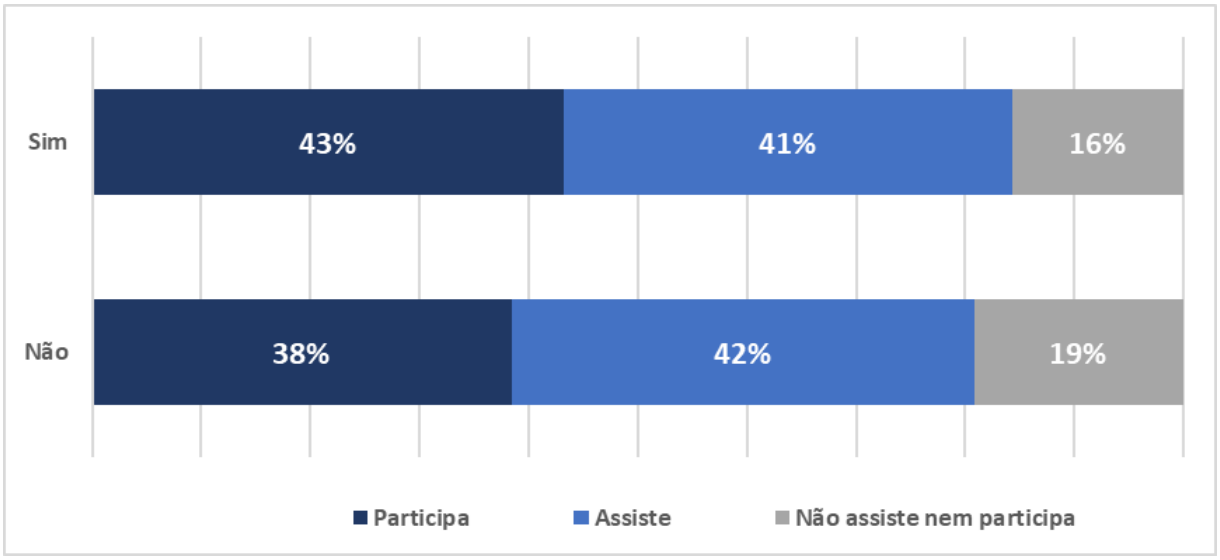


Gráfico 11 – Envolvimento do entrevistado com o desfile da escola de samba da torcida organizada no carnaval, conforme a participação em brigas e confrontos com outras torcidas organizadas
Fonte: FGV-Opinião/CPDOC e CRFB-Museu do Futebol.
Elaboração: Jimmy Medeiros.

Por último, utilizamos a pergunta sobre participação em viagens de caravana com a TO no ano anterior ao da pesquisa como mais uma *proxy* para o engajamento com a torcida. Enquanto 45% dos que mencionaram ter viajado com a torcida também informaram participar do desfile carnavalesco, aqueles que nunca viajaram e que desfilam pela escola da TO alcançou somente 19%. Desta forma, esta dimensão nos auxilia a confirmar a hipótese de que quanto mais engajado com a TO, maior a probabilidade de participar do desfile carnavalesco (Gráfico 12).

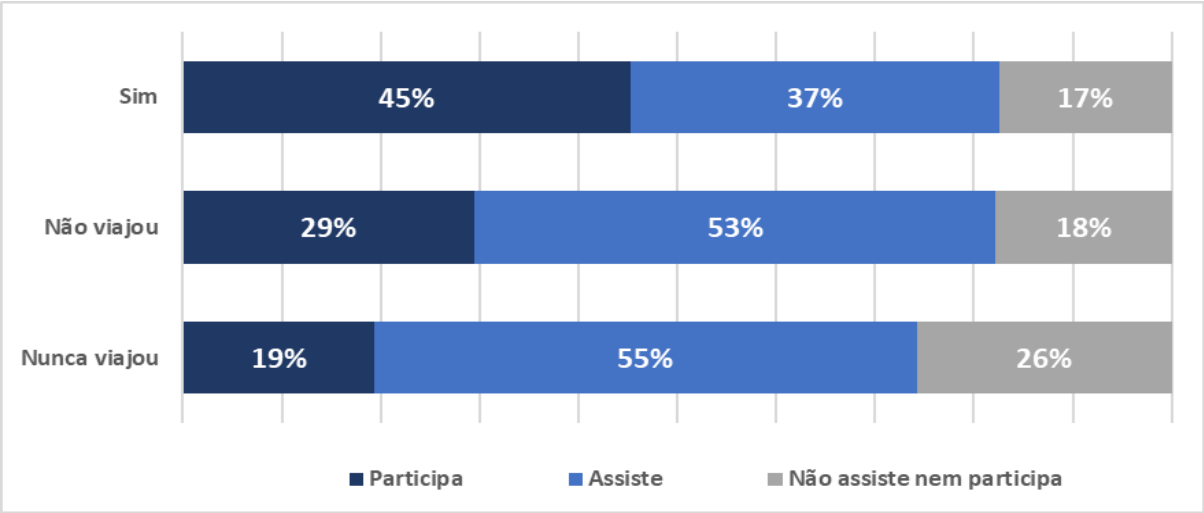


Gráfico 12 – Envolvimento do entrevistado com o desfile da escola de samba da torcida organizada no carnaval, segundo a participação em viagens com a TO no último ano
Fonte: FGV-Opinião/CPDOC e CRFB-Museu do Futebol.

Desta forma, em alcance quantitativo, a pesquisa permite encontrar evidências sobre o envolvimento direto a ativo dos torcedores organizados e uma das principais festas populares do Brasil. Ao considerar a percepção dos entrevistados, verificamos uma associação entre o engajado com a TO e a participação no desfile carnavalesco das escolas de samba com o DNA das torcidas organizadas.

Se a filiação ao clube e o envolvimento ou não em brigas com torcidas rivais não apresentam distinções quanto ao envolvimento no desfile da escola de samba, conseguimos identificar variáveis importantes para isso: o tempo de filiação à TO, a contribuição financeira regular, a participação em viagens com a torcida, assim como a maior frequência à sede da TO demonstraram uma relação positiva com a probabilidade de participar do desfile carnavalesco. Ao mesmo tempo, não há diferença de estado civil entre solteiros e casados quanto a tal critério, porém os divorciados declararam maior envolvimento. Além disto, constatou-se que, quanto mais velho for o torcedor e quanto menor o seu grau de escolaridade, maior a inclinação para a participação no desfile.

À guisa de conclusão

Este artigo teve como motivação inicial as seguintes interrogações: que fatores

permitiram a interpenetração entre escolas de samba e torcidas organizadas de futebol? Por que tal fenômeno se manifestou em São Paulo, ao contrário de outras cidades, tradicionalmente associadas ao desfile de carnaval, como o Rio de Janeiro? Que circunstâncias vivenciadas pelas torcidas uniformizadas paulistanas favoreceram seu investimento no carnaval? E, em contrapartida, por que as ligas das escolas de samba de São Paulo permitiram a entrada dos subgrupos torcedores no universo carnavalesco da capital paulista?

Conforme quis-se entender ao longo do texto, trata-se de reconhecer uma especificidade de São Paulo e de observar um processo de sincretismo organizacional inédito no Brasil.

O Grêmio Recreativo e Cultural Escola de Samba Gaviões da Fiel, vinculado ao Sport Club Corinthians Paulista, é o exemplo primeiro e paradigmático. Constituído inicialmente de forma espontânea em uma ala da tradicional escola Vai-Vai, tornou-se um bloco carnavalesco em 1975. Treze anos depois de participar de forma ininterrupta do carnaval de rua, desfilando na Avenida São João, o bloco converteu-se em 1989 em uma escola de samba. Após assensos e descensos, em 1994 a Gaviões sagrou-se campeã do carnaval paulistano.

Essa conquista coincide com a conjuntura crítica dos anos 1990, quando as torcidas uniformizadas são proibidas de atuar no futebol profissional paulista e reconvertem seus estatutos de modo a se tornarem associações recreativas de duplo vínculo: torcidas de futebol e escola de samba. Percebe-se neste momento tanto a ampliação da estrutura burocrática quanto o crescimento organizacional das torcidas, em decorrência de sua vinculação ao carnaval.

Tal feito e visibilidade tem levado à ascensão em cadeia de outras escolas originadas do futebol, que passam a ocupar a elite do carnaval paulistano e que transplantam a rivalidade e a popularidade futebolística para o terreno do carnaval. A questão se tornou ainda mais candente com a subida do G.R.C.E.S. Mancha Verde, que reúne adeptos da Sociedade Esportiva Palmeiras, e com a emergência do G.R.C.E.S. Dragões da Real e do G.R.C.E.S Independente Tricolor, esta última escola que acaba de galgar o Grupo Especial e cujos integrantes são originalmente torcedores da mais importante torcida uniformizada do São Paulo Futebol Clube.

Pondera-se que, por um lado, tal fato fortalece o desfile local; por outro, coloca problemas imprevistos aos gestores e promotores do carnaval, como a delimitação territorial das arquibancadas, à maneira dos estádios, nos dias de desfile e de apuração, a exemplo do

relato de distúrbio com que principiamos este texto.

Almejou-se aqui realizar um balanço da atuação das torcidas uniformizadas como escolas de samba, mediante a identificação dos elementos inclusivos e exclusivos que este tipo de associativismo juvenil implica para o universo carnavalesco. O referencial teórico e empírico para a materialização desse texto foi buscado na literatura existente acerca das torcidas uniformizadas em São Paulo, bem como na bibliografia científica concernente ao carnaval paulistano.

Junto a elas, as informações veiculadas pelos meios de comunicação foram utilizadas, ainda que pontualmente e aqui citadas com a devida cautela metodológica, para o acompanhamento da maneira pela qual as associações de torcedores são usualmente retratadas. O núcleo primordial dos nossos dados foi colhido sob a forma de um questionário, submetido a mais de 600 componentes de torcidas organizadas e aplicado no interior de estádios de futebol. Assim, para além de uma visão institucional do processo, que obteríamos junto a lideranças de torcidas e a presidente de escolas, buscou-se compreender o grau efetivo de aderência dos torcedores organizados ao projeto de conversão em escolas de samba.

Mais do que postular juízos de valor frente às torcidas organizadas, frequentemente alvo de posições maniqueístas de aprovação ou de reprovação, conclui-se com a observação de que esses grupos se movimentam de maneira até certo ponto ambígua, expressão de sua diversidade interna e de sua miríade de interesses, instáveis e conflitantes. Ora elas se comportam com vistas a marginalizar-se da sociedade envolvente, com a adoção de atitudes transgressoras que vão de encontro aos valores socialmente aceitos pelas mesmas; ora elas atuam no sentido de buscar formas de institucionalização, de reconhecimento e de regularização na vida civil, a exemplo de sua participação cada vez maior no carnaval, objeto principal de escrutínio no presente texto.

Artigo recebido em 17 de fev. 2018.

Aprovado para publicação em 21 de abr. 2018.

Referências

AZEVEDO, Clara de Assunção. *Fantasias negociadas*: políticas do carnaval paulistano na virada do século XX. São Paulo: Dissertação de Mestrado em Antropologia Social/USP, 2010.

BABBIE, Earl. *Métodos de pesquisa de survey*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

BUENO, Arthur. "Uma torcida que samba: o Grêmio Recreativo Gaviões da Fiel". In: HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; NEGREIROS, Plínio Labriola. *Os Gaviões da Fiel*: ensaios e etnografias de uma torcida organizada de futebol. Rio de Janeiro: 7Letras, 2015.

CAVALCANTI, Maria Laura. *Carnaval, ritual e arte*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2015.

COSTA, André Lucirton. "A organização cordial: análise de cultura organizacional no grêmio Gaviões da Fiel". In: *Revista de Administração de Empresas* – Revista de Administração de Empresas. São Paulo, 1995.

7DOZENA, Alessandro. *A geografia do samba na cidade de São Paulo*. São Paulo: Editora PoliSaber, 2013.

FRÚGOLI JR., Heitor. *São Paulo*: espaços públicos e interação social. São Paulo: Marco Zero, 1995.

SANTOS, Fernando Burgos dos. *Estado, política cultural e manifestações populares*: a influência dos governos locais no formato dos carnavais brasileiros. São Paulo: Dissertação de Mestrado em Administração de Empresas/EAESP, FGV-SP, 2007.

TOLEDO, Luiz Henrique de. *Torcidas organizadas de futebol*. São Paulo: Autores Associados, 1996.

TURETA, César. *Práticas organizativas em escolas de samba*: o setor da harmonia na produção do desfile da Vai-Vai. São Paulo: Tese de doutorado em Administração de Empresas/EAESP, FGV-SP, 2011.

URBANO, Maria Apparecida. *Carnaval e samba em evolução na cidade de São Paulo*. São Paulo: Plêiade, 2006.

VON SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes. *Carnaval em branco e negro*: carnaval popular paulistano (1914-1988). São Paulo: Edusp, 2007.

RAMALHO, Simone Aparecida. *Uma alegria subversiva*: o que se aprende em uma escola de samba. São Paulo: Tese de doutorado em Psicologia/USP, 2010.

Filmografia

CAPUANO, Fernando. *Vai-Vai* – 80 anos nas ruas. (Documentário). Brasil: 2015, 80 minutos.

HOINEFF, Nelson. *82 minutos* – nada pode dar errado. (Documentário). Brasil: 2016, 127 minutos.

Futebol de mulheres em tempos de proibição: o caso das partidas Vespasiano x Oficina (1968)

Raphael Rajão Ribeiro[1]

Women's football in times of prohibition: the case of the matches Vespasiano vs. Oficina (1968)

http://dx.doi.org/10.12660/rm.v9n14.2018.73995

[1] Doutorando pelo CPDOC/FGV. Mestre pelo Programa de Pós-Graduação História da UFMG. Atua no Museu Histórico Abílio Barreto. E-mail: raprajao@gmail.com.

Resumo:

O presente artigo investiga a promoção de uma série de jogos entre duas equipes femininas, *Vespasiano* e *Oficina*. As partidas se realizaram na pequena cidade de Vespasiano, vizinha à capital mineira Belo Horizonte, no ano de 1968. Ocorridas em um momento de aprofundamento da proibição da prática do futebol por mulheres no Brasil, que fora vedada expressamente pelo Conselho Nacional de Desportos em 1965, essas disputas articulam-se à mobilização comunitária em favor de uma escola local, bem como à cultura esportiva do lugar. Trata-se de episódio pouco conhecido que ajuda a compreender as formas de organização dessa modalidade, os mecanismos de perseguição a ela e os apagamentos da memória sobre o desempenho dessa atividade atlética por garotas. Para sua elaboração, foram produzidos relatos orais com algumas participantes dos eventos e consultados jornais do período.

Palavras-chave: história do esporte; futebol de mulheres; ditadura; vespasiano.

Abstract:

The present article investigates the promotion of a series of matches between two women's teams, *Vespasiano* and *Oficina*. Those matches were realized, in 1968, in a small town called Vespasiano, situated near Belo Horizonte, the capital city of Minas Gerais State. Occurring in a moment of deepening of the prohibition on women's football practice in Brazil, which was expressly forbidden by the Sports National Council in 1965, those matches are articulated with communitarians mobilizations in favor of a local school, such as with the local sports' culture. This is a little-known episode that helps to understand the organization of this kind of sport, the arrangements of its persecution and the erasures in the memories about the football's practice by girls. For its writing, were produced oral reports with some participants of the events and consulted newspapers of that year.

Keywords: sports history; women's football; dictatorship; vespasiano.

Introdução

Em 28 de julho de 1968, o jornal *Estado de Minas*, diário impresso de maior circulação em Minas Gerais, trazia, em seu caderno de esportes, matéria que destacava:

> O futebol feminino está de volta. Não é nenhuma novidade. Há algum tempo aqui, no Rio e em São Paulo, várias equipes foram formadas e diversas partidas disputadas. Há dias, na Rússia, a Federação Soviética de Futebol negou a um grupo de môças de Tiflis, na Georgia, licença para se filiarem e disputarem partidas oficiais de futebol.
> No Brasil o CND proibiu as mulheres de jogarem futebol. Agora Vespasiano tem a primazia de ter as duas únicas equipes de futebol femininas do país, em atividade. No domingo passado as môças da cidade fizeram seu primeiro jôgo e hoje repetem a dose. À tarde, no Estádio do Independente, no final da rua Francisco Lima, 22 môças com idades que variam entre 12 e 20 anos, uniformizadas, calçando tênis e vestindo bermudas ou shorts correm atrás de uma bola oficial G-18.
> O juiz é o Zé Fubá, um tipo popular de Vespasiano, que também é o técnico. Às 12,30 o jogo começa. A idéia do futebol feminino partiu das professoras do Grupo Escolar Padre José Senabre, que necessitavam de recursos para o Caixa Escolar que auxilia seus 385 alunos. Agora as meninas tomaram gosto e querem continuar jogando.
> Vespasiano fica ali mesmo, a 36 quilômetros de Belo Horizonte (30, em marcha regular) em estrada asfaltada, aquela que vai para Lagoa Santa. O torcedor que quiser ver um futebol diferente do jogado no Mineirão, é só ir lá e ver como as meninas conversam com a bola.[1]

A reportagem de página inteira, um espaço considerável até mesmo para partidas de futebol profissional, destacava detalhes e personagens do jogo que aconteceria naquele dia na pequena Vespasiano. Ilustrada com fotos das equipes e dos lances da disputa anterior, a matéria enfatizava a singularidade da atração esportiva. Aquele evento foi notícia em outros dois periódicos. No dia seguinte, o *Diário da Tarde,* jornal vespertino de perfil mais popular da mesma empresa responsável pelo *Estado de Minas*, os Diários Associados, fundada por Assis Chateaubriand, publicou outra cobertura extensa, informando sobre o desenrolar do certame[2]. Igualmente, *O Estado de São Paulo*, por meio de um enviado especial de sua sucursal mineira, dedicou meia página ao ocorrido[3].

As partidas protagonizadas por mulheres realizadas entre as duas equipes locais, o *Vespasiano* e o *Oficina*, resumiram-se a pequeno número de embates, que se concentraram

[1] "Futebol feminino é em Vespasiano". *Estado de Minas*. Belo Horizonte, 28 de julho de 1968, Caderno de esportes, p. 4.
[2] "O futebol das môças de Vespasiano". *Diário da Tarde*. Belo Horizonte, 29 de julho de 1968, 1ª edição, p. 26.
[3] ORNELAS, Luciano. "Só um gol no jogo das môças". *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 29 de julho de 1968, Edição de esportes, p. 6.

naquele inverno de 1968. A um primeiro olhar, elas poderiam parecer acontecimentos isolados, que não desembocaram em fenômeno mais amplo, de maior duração. Contudo, como destaca Georges Duby em livro dedicado ao chamado "Domingo de Bouvines", uma batalha ocorrida em 27 de julho de 1214, entre exércitos franceses e alemães, o exame do evento pode ser produtivo ao historiador justamente por sua singularidade.

> Pelo próprio fato de ser excepcional, o acontecimento faz emergir, no afluxo de palavras que ele libera, vestígios que, se não nos detivéssemos nele, permaneceriam nas trevas, desapercebidos, os traços mais banais de que raramente se fala no cotidiano da vida e sobre os quais nunca se escreve. (DUBY, 1993, p. 11).

Ao considerar a excepcionalidade representada pelas partidas disputadas pelas mulheres de Vespasiano, no período mais agudo da proibição do futebol feminino no Brasil, entende-se que essas foram eventos significativos para a compreensão das formas como a prática se realizava. Evidência dos modos pelos quais a reivindicação dessa atividade por garotas articulava-se com o desenvolvimento de uma cultura esportiva amadora em pequenas cidades e com mecanismos de mobilização comunitária. Por fim, esses jogos ajudam a entender como a vedação à participação feminina na modalidade se efetivava.

Para tanto, foram localizadas algumas das personagens dessa história. Por meio de relatos orais, essas agentes expuseram as percepções que têm sobre aquele evento ocorrido há cinquenta anos[4]. Seus depoimentos foram expressivos, inclusive, quanto às operações de memória por que aquela série de jogos passou. Poucos foram os registros produzidos sobre o acontecido, contudo, os pequenos rastros que sobreviveram ao tempo e ao esquecimento são ricos indícios da trajetória de uma prática esportiva tão escassamente documentada.

Nessa perspectiva, o exame do caso tratado no presente artigo mobilizou relatos orais recentes[5] e textos jornalísticos produzidos à época do evento. A articulação dessas duas fontes permitiu a abordagens das operações de memória vivenciadas ao longo dos cinquenta anos que afastam o ocorrido dos dias atuais. Como será tratado ao final, entre boa parte das participantes, silêncios e esquecimentos, nos termos apontados por POLLAK, 1989, puderam ser identiticados.

[4] Foram realizadas duas visitas à cidade, na ocasião, foram feitos relatos orais com diversas das personagens. O que seria uma entrevista com a jogadora mais destacada, Edina de Aguiar Malta, a "Dininha", acompanhada de meu informante local, o ex-jogador João Bosco dos Santos, o "Buião", tornou-se um grande encontro entre as antigas atletas e reuniu Iolanda Maria Braga Viana, Elair "Deusinha" Lopes Viana, Maria das Graças "Bill" Rodrigues e Heloísa Helena "Ló" Araújo. Num segundo dia, foi entrevistada a ex-professora responsável pela formação das equipes, Iolanda Maria Braga Viana.

[5] A produção e o tratamento das entrevistas se pautaram no método da História Oral, considerando-se as recomendações de obras referenciais da área, tais como ALBERTI, 2005 e THOMPSON, 1992.

Antes que seja apresentado o caso das partidas realizadas em Vespasiano, faz-se necessário pequeno panorama acerca da prática do futebol por mulheres no Brasil. Como aponta o historiador Georges Duby, é apenas em perspectiva com fenômenos de mais longa duração que o exame de um evento pode ser compreendido para além da mera narrativa.

Futebol de mulheres no Brasil

A participação feminina no desenvolvimento do futebol no Brasil extrapola a prática do jogo por mulheres. Ela se inicia, sobretudo, com a sua atuação na condição de torcedoras e incentivadoras dos times. A bibliografia do tema em diversas ocasiões registrou essa presença (RODRIGUES FILHO, 2003, p. 45 e PEREIRA, 2000, p. 76).

Mulheres ocuparam papel de destaque nas mais diversas organizações dedicadas a apoiar as agremiações futebolísticas no país. A presença feminina pôde ser percebida ao longo de todo o século XX, independentemente da conformação da torcida a que se filiavam (HOLLANDA, 2008, p. 117, 154 e 251).

Quanto à sua participação dentro das quatro linhas, são esparsos os registros para as três primeiras décadas do século XX (RIGO et al, 2008, p. 174). Em que pese iniciativas dos anos 1930 (MOURÃO e MOREL, 2005, p. 76-77), é em 1940 que se identifica organização mais consistente do futebol de mulheres no país, especialmente na cidade do Rio de Janeiro. Por aquela época, ao menos uma dezena de equipes femininas estaria formada na capital federal, segundo dados do jornal *Folha da Manhã* (FRANZINI, 2005, p. 319).

Toda a movimentação gerada pelos times de mulheres no ano de 1940, inclusive com a promoção de partidas interestaduais em São Paulo e Minas Gerais (COSTA, 2017, p. 497-498), teria suscitado comentários contrários, os quais evocavam argumentos pretensamente científicos dos malefícios decorrentes da prática do futebol por mulheres. Proteção à "natureza feminina" e à maternidade eram os elementos centrais dos discursos condenatórios (FRANZINI, 2005, p. 321-323).

Por essa época, a Divisão de Educação Física do Ministério da Educação e Saúde do Estado Novo já trabalhava na formulação de decreto-lei para a regulamentação do esporte no país. Como demonstra Fábio Franzini, as críticas decorrentes do desenvolvimento do futebol de mulheres não passaram despercebidas aos agentes que elaboravam o documento. Segundo destaca,

> (...) a sugestão da "interferência dos Poderes Públicos em tais questões" parece ter sido acatada, uma vez que o Decreto-lei 3.199, que em abril de 1941 instituiu o Conselho Nacional de Desportos (CND), afirmava em seu artigo 54 que "às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito,

> o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país".(FRANZINI, 2005, p. 322).

O Decreto-lei n. 3.199 de 14 de abril de 1941 trata-se de um documento vasto, cujo objeto principal era estabelecer as bases de organização dos desportos no Brasil. Ele instituiu o Conselho Nacional de Desportos que se encarregou de indicar as diretrizes para o desenvolvimento esportivo no país. Essa normativa tem fortes traços do regime varguista, que a aproximam de outras regulamentações do período. Como observa Meily Linhales, suas implicações gerais eram as seguintes:

> A partir dessa perspectiva disciplinar/corporativa que embasa o Decreto-Lei nº3.199/41, o esporte brasileiro passou a ser controlado pelo Estado (contra a autonomia); as entidades esportivas, tais como confederações e federações, foram oficializadas (contra a iniciativa privada e de grupos); o sistema esportivo sofreu uma verticalização linear de suas funções (contra o pluralismo); institucionalizou-se o "aparelhamento da ordem", mediante a criação do CND (contra o poder estatutário que regia a organização de várias modalidades esportivas) e, finalmente, a "harmonia" e a "disciplina" passaram a ser as palavras-chave e de justificativa (contra o conflito). Assim, o Estado introduz, na organização esportiva, as intenções de controle e intervenção que paulatinamente foi construindo para tomar em suas mãos toda a sociedade brasileira. (LINHALES, 1996, p. 89-90).

Num contexto de centralização e controle sobre o desenvolvimento esportivo nacional, em suas disposições transitórias, o Decreto-Lei n. 3.199 previa no artigo 54 a vedação da prática, por mulheres, de desportos "incompatíveis com as condições de sua natureza". Estipulava, ainda, a posterior publicação das "necessárias instruções às entidades desportivas do país"[6], regulamentação essa que levaria anos para ocorrer.

Contudo, em que pese a falta de especificação do rol de modalidades que estavam em desacordo com a "natureza feminina", a publicação do Decreto-Lei foi suficiente para interromper o desenvolvimento do futebol de mulheres em diversas partes do Brasil. Na imprensa, o desaparecimento de notícias acerca das partidas foi imediato (COSTA, 2017, p. 498).

Durante as décadas que se seguiram, identificam-se transgressões esporádicas que expunham tentativas de manutenção da prática (RIAL, 2013, p. 119). Um dos casos

[6] Decreto-lei 3.199 de 14 de abril de 1941. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/Del3199.htm>. Acesso em: 10 fev. 2018.

documentados refere-se à organização de times de futebol de mulheres no Rio Grande do Sul no início dos anos 1950, especialmente na cidade de Pelotas. Ali, *Vila Hilda Futebol Club* e *Corinthians Futebol*, "dois clubes de bairro que mantinham também times masculinos e possuíam uma estrutura com sede social e campo próprios"(RIGO et al, 2008, p. 176), organizaram equipes femininas que realizaram jogos na cidade e em outras localidades gaúchas. Suas atividades teriam se estendido de maio a novembro de 1950, quando finalmente foram notificados pelo Conselho Nacional de Desportos – CND da proibição (RIGO et al, 2008, p. 176).

Outra ocorrência representativa refere-se às "Partidas beneficentes disputadas por vedetes e promovidas por empresários na segunda metade dos anos 1950" que "foram alvo de disputa entre o CND e os envolvidos em sua organização." (SILVA, 2015, p. 10) Em 1959, esse tipo de certame ganhou maior notoriedade com o anúncio de disputa que teria lugar no Estádio do Pacaembu. Isso aprofundou a tensão com a CND, a justiça foi acionada para a viabilização dos eventos, mas, por fim, houve a desistência dos promotores (SILVA, 2015, p. 11-13).

Os anos de 1950 foram um momento de expansão das iniciativas para retomada da prática, como atestam casos em estados como Minas Gerais, Bahia e Rio de Janeiro. Toda essa movimentação, viu-se frustrada com a ascensão do regime autoritário e com um fortalecimento da atuação da CND (SILVA, 2015, p. 33-37). No que se refere ao futebol feminino, houve a publicação da Deliberação nº 7 da CND que estabelecia como práticas não permitidas às mulheres "lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, polo aquático, polo, rugby, halterofilismo e baseball"[7].

Após a regulamentação das modalidades vedadas, cumprindo previsão do artigo 54 do Decreto-Lei n. 3.199 de 1941, verifica-se, a partir da metade da década de 1960, o desaparecimento das notícias sobre o futebol de mulheres no Rio de Janeiro e em São Paulo (COSTA, 2017, 498; MOURÃO e MOREL, 2005, p. 78 e SILVA, 2015, p. 38). O tema retornaria à pauta por meio de notícias internacionais, que davam o panorama do desenvolvimento da modalidade, com foco especial na Europa (SILVA, 2015, p. 38-39).

Em que pese algumas notícias pontuais em inícios dos anos 1970, predominantemente no âmbito do futebol de várzea, o assunto só ganharia destaque novamente nas páginas dos periódicos no final da década, já dentro do processo de liberação da prática (COSTA, 2017, 498-500; MOURÃO e MOREL, 2005, p. 79-80 e SILVA, 2015, p. 38-79). Em 1979, houve a revogação da deliberação do Conselho Nacional de Desportos (GOELLNER, 2005, p. 147).

A prática oficializada do futebol por mulheres ainda dependeu de deliberação publicada pelo CND, no ano de 1983, com o estabelecimento de regras para a modalidade feminina no país. Nesse ínterim, a defesa da livre prática desse esporte foi incorporada como pauta do movimento feminista emergente no Brasil, sendo, inclusive, tema do 1º Festival

[7] Deliberação nº 7 do Conselho Nacional de Desportos de 7 de agosto de 1965. Disponível em: <http://cev.org.br/biblioteca/deliberacao-n-7-2-agosto-1965/>. Acesso em: 14 fev. 2018.

Nacional das Mulheres nas Artes realizado, em São Paulo, em setembro de 1982 (SILVA, 2015, p. 80-116).

Foi justamente no período mais acirrado da perseguição ao futebol de mulheres no Brasil, marcado pela regulamentação do rol de modalidades vedadas às praticantes do sexo feminino, que ocorreram as partidas entre *Vespasiano* e *Oficina* na cidade de Vespasiano. A partir desse panorama da prática, passa-se ao exame do caso, numa tentativa de conectá-lo ao cenário mais amplo da modalidade.

As partidas Vespasiano x Oficina e o futebol de mulheres em Vespasiano

Como informado pelo jornal *Estado de Minas*, no trecho citado anteriormente, a formação das equipes partiu da iniciativa de professoras do Grupo Escolar Padre José Senabre. A realização da primeira partida entre os dois times femininos tinha caráter beneficente, o que aproxima esse caso de outras experiências relacionadas que se deram durante o período da proibição. Para que se compreenda melhor o contexto em que o jogo foi promovido, é necessário abordar as questões que envolviam a instituição de ensino à qual as idealizadoras da disputa eram vinculadas.

Vespasiano, no final da década de 1960, era uma cidade de cerca de sete mil habitantes[8]. Faz parte da Região Metropolitana da capital mineira desde os anos 1970, quando a mesma foi instituída. Por essa época, a principal atividade econômica da localidade era agrícola, com produção familiar voltada ao abastecimento da vizinha Belo Horizonte. Muitos dos pais e familiares das jogadoras entrevistas se dedicavam a essa atividade. Mesmo dentro dos limites urbanos, era comum a presença de chácaras, em terrenos amplos, onde o cultivo se desenvolvia[9].

Por essa época, a cidade começava a expansão para outras áreas além de seu núcleo original, com a criação de novos bairros, a exemplo do Celvia. Ali, em meados da década de 1960, fora criado o Grupo Escolar Padre José Senabre, o segundo da cidade. A nova instituição de ensino contava com equipe de professoras que, na maioria, havia se formado recentemente e ingressado no ensino público por meio de concursos promovidos pelo Estado.

Resultado da expansão da rede educacional local, o Grupo Escolar Padre José Senabre sofria com a falta de infraestrutura. Feito de material pré-moldado, o prédio era

[8] Cf. "Futebol feminino é em Vespasiano". Estado de Minas. Belo Horizonte, 28 de julho de 1968, Caderno de esportes, p. 4 e "O futebol das môças de Vespasiano". *Diário da Tarde*. Belo Horizonte, 29 de julho de 1968, 1ª edição, p. 26.

[9] Cf. Entrevista de Iolanda Maria Braga Viana, Edina "Dininha" de Aguiar Malta, Elair "Deusinha" Lopes Viana, Maria das Graças "Bill" Rodrigues, João "Buião" Bosco do Santos e Heloísa Helena "Ló" Araújo concedida ao autor em 19 de janeiro de 2018.

apelidado de “escola de lata” [10]. Por essa época, boa parte dos recursos que financiavam as atividades das instituições de ensino estaduais eram decorrentes do chamado caixa escolar. Estabelecido pela Lei Bueno Brandão de 1911, que complementou a Reforma Escolar do Estado de Minas Gerais de 1906, esse instituto tinha por finalidade fomentar e impulsionar a frequência escolar, especialmente, dos alunos mais carentes. Com o passar do tempo, seu uso foi sendo alargado de modo a compor o sistema de financiamento da educação (CARVALHO e BERNARDO, 2012, p. 145-146).

Os recursos do caixa escolar

> (...) eram adquiridos através de algumas fontes peculiares, quais sejam: as jóias e subvenções pagas pelos sócios; o produto das subscrições, quermesses, teatros, festas, etc.; donativos espontâneos e legados; gratificações às quais não fariam jus os professores licenciados ou faltosos, que deviam ser solicitados pelo diretor à Coletoria local; e finalmente, com o produto líquido das multas do art. 414 n. 10. Eventualmente, as câmaras municipais destinavam recursos para as Caixas Escolares. (CARVALHO e BERNARDO, 2012, p. 147).

Como se pode perceber, eram verbas extraordinárias, que não vinham diretamente do executivo estadual. Boa parte delas era fruto de campanhas de arrecadação que, muitas vezes, eram empreendidas pelos funcionários das escolas. Iolanda Maria Braga Viana era uma professora recém-formada quando chegou ao Grupo Escolar Padre José Senabre em meados dos anos 1960. Ela se recorda que, desde os primeiros dias de trabalho, ficou clara a centralidade do caixa escolar e da mobilização por recursos complementares:

> A professora já ia sabendo que... que além de dar aula, ela tinha que lutar para a sobrevivência dessa... desse lado social da escola. (...) Tudo, tudo passava pela luta das professoras, nós fizemos... tanto é que naquele tempo tinha... surgia os chamados “Serões de junho”, era Festa Junina muito forte, inclusive teve um ano que a minha aluna ganhou o primeiro lugar, era pedindo mesmo, a gente fazia movimento, eu tenho o troféu. Você entendeu? De campeã, primeiro lugar do “Serão de Junho”, era... era dinheiro que a gente levava. Pedindo, pedindo, pedindo, pedindo... fazendo pedágio, você entendeu? (...) Era tudo para essa finalidade, ainda chegava no dia da Festa Junina a gente trabalhava muito, por quê? Porque cada professora ficava encarregada de uma barraca. Então, por exemplo, aquelas que trabalhavam com as crianças menores, como era o meu caso, era barraca da pesca. Porque sabia que a meninada ia ficar ali perto da gente,

[10] Cf. Entrevista de Iolanda Maria Braga Viana concedida ao autor em 3 de fevereiro de 2018.

> não é? Então, barraca da pesca que acabava dando um dinheirinho para a escola. A gente sobrevivia de movimento de professora.[11]

Boa parte dos recursos do caixa escolar do Padre José Senabre era originária da arrecadação promovida pela equipe do grupo. Como narrado por Iolanda, as Festas Juninas ocupavam posição de destaque no levantamento de verbas. Esse dinheiro era tão central no dia a dia da instituição de ensino que a professora já incorporava a promoção de eventos como parte de suas tarefas rotineiras. Em uma cidade agrícola como Vespasiano, havia também o rodízio entre produtores, que doavam gêneros alimentícios para complementar a merenda escolar[12].

Ao contrário da previsão da lei que criara o caixa escolar, muitas vezes os recursos eram destinados para outros fins que não o combate à evasão de alunos. Serviam à resolução de problemas estruturais da escola recém-inaugurada e à aquisição de materiais, como tesouras e livros. E, nesse sentido, quando o muro de arrimo nos fundos do prédio onde a instituição de ensino funcionava começou a ceder, foi necessário o desenvolvimento de novas estratégias de arrecadação.

Como informou o *Diário da Tarde*, em reportagem sobre o futebol de mulheres: "Iolanda e as outras professoras fizeram rifas, horas dançantes, até pediram dinheiro nas casas. Nada adiantou, não deu para pagar nem a metade das dívidas."[13] A partir disso, uma nova forma de levantar os valores precisava ser pensada. A opção escolhida por Iolanda e suas colegas seria a promoção de partidas de futebol feminino.

Para que se compreenda essa escolha, é importante observar o meio esportivo local. Sua constituição ajuda a compreender alguns dos aspectos de como o futebol de mulheres ocorreu na cidade.

Vespasiano atingiu certa notoriedade pela revelação de atletas profissionais de futebol. Dentre eles, destacam-se Afonso Silva, o Afonso Bandejão - que atuou como zagueiro do *Atlético Mineiro* entre 1945 e 1958 -, João Bosco dos Santos, o Buião - que jogou pelo *Atlético* de 1964 a 1968, tendo depois passagens por *Corinthians*, *Flamengo* e *Grêmio* - e Éder Aleixo - revelado pelo *América*, atuou em diversos clubes do Brasil e do exterior, tendo disputado a Copa do Mundo de 1982 como titular da Seleção Brasileira[14].

No que se refere às agremiações de futebol, a cidade tinha a polarização entre duas equipes, o *Vespasiano Esporte Clube* e o *Independente Futebol Clube*. Cada uma delas

[11] *Idem*.
[12] Cf. *Idem*.
[13] "O futebol das môças de Vespasiano". *Diário da Tarde*. Belo Horizonte, 29 de julho de 1968, 1ª edição, p. 26.
[14] Cf. Enciclopédia Galo Digital. Verbetes: Afonso Silva, João Bosco dos Santos e Éder Aleixo de Assis. Disponível em: < http://www.galodigital.com.br>. Acesso em: 16 fev. 2018.

possuía um estádio, sendo que, em finais dos anos 1960, os campos eram praticamente vizinhos. Por essa época, desenvolvia-se a disputa de um torneio regional que reunia nove equipes, com competidores de Vespasiano e das vizinhas Lagoa Santa, Santa Luzia e Pedro Leopoldo. Tratava-se de um campeonato amador, como era todo o esporte por ali.[15]

Situado fora do circuito profissional, o futebol em Vespasiano cultivava cerimônias tradicionais, a exemplo dos festivais esportivos realizados por ocasião do aniversário do clube. Essas celebrações concentravam partidas em um dia inteiro, iniciadas com os jogos dos quadros infantis e juvenis, ainda na parte da manhã e finalizadas pela apresentação do chamado primeiro quadro, a equipe principal adulta da agremiação. Como adversários, eram convidados rivais clássicos ou equipes de renome de cidades vizinhas. Cada um dos certames envolvia a disputa de um troféu, normalmente oferecido pelo patrono, figura convidada que se encarregava da compra da premiação. O embate de fundo, que fechava a festividade, era antecedido por um desfile, no qual os jogadores da agremiação da casa iam da sede, na área central, até o campo da entidade, em uniformes, acompanhados pelas madrinhas, que poderiam ser a esposa, a namorada ou uma irmã.[16]

Esse e outros costumes demarcavam uma cultura própria do futebol amador em pequenas localidades como Vespasiano. A ausência de torneio regular que se estendesse por longo período fazia com que a prática fosse caracterizada principalmente pelos amistosos, pelas excursões a cidades vizinhas e pelos já citados festivais esportivos. A presença nos campos do *Vespasiano* e do *Independente*, aos domingos, delineava a sociabilidade local, inclusive das mulheres, que participavam ativamente das torcidas.

Foi nesse cenário esportivo que as professoras do Grupo Escolar Padre José Senabre tiveram a ideia de usar o futebol como mecanismo para arrecadar os recursos para a reconstrução do muro de arrimo. Em busca de estratégias mais eficientes, já haviam tentado a realização de um bingo, autorizado pelo delegado local, Jorge Elias[17].

Ainda que soubessem da proibição ao futebol de mulheres no Brasil, as professoras, capitaneadas por Iolanda Braga, resolveram ir atrás de garotas que estivessem dispostas a compor as equipes, tarefa inicial que foi facilmente concluída. Como se recorda a responsável pelo recrutamento, em uma única tarde os times foram montados, sendo que todas as candidatas moravam na rua principal de Vespasiano. Eram adolescentes e jovens, de doze a vinte e poucos anos, todas solteiras, algumas estudantes, outras já inseridas no mercado de trabalho. Praticamente nenhuma tinha tido contato com aquela modalidade esportiva, à exceção das irmãs de Buião, então jogador do Corinthians, Clarice e Dora, e da mais jovem da turma, Dininha.

[15] Cf. Entrevista de Iolanda Maria Braga Viana concedida ao autor em 3 de fevereiro de 2018.
[16] Cf. Entrevista de Iolanda Maria Braga Viana, Edina "Dininha" de Aguiar Malta, Elair "Deusinha" Lopes Viana, Maria das Graças "Bill" Rodrigues, João "Buião" Bosco do Santos e Heloísa Helena "Ló" Araújo concedida ao autor em 19 de janeiro de 2018.
[17] Cf. "Futebol feminino é em Vespasiano". Estado de Minas. Belo Horizonte, 28 de julho de 1968, Caderno de esportes, p. 4.

O caso de Dininha é representativo das limitações impostas por modelos pré-concebidos de feminilidade e das possibilidades existentes para a prática do futebol por mulheres durante as décadas de proibição. À época, com 12 anos de idade, Edina de Aguiar Malta era, como a maioria das crianças do lugar, filha de uma família de produtores rurais, e vivia o cotidiano entre a escola, as brincadeiras e a ajuda à lida diária daqueles pequenos agricultores. Muito ativa, enfrentava regularmente problemas de disciplina dentro e fora de sala de aula. Sua principal diversão, naquela época, era jogar futebol com os garotos, no campinho que havia nos fundos de sua casa. Com postura de liderança, era ela quem apartava as brigas frequentes que surgiam por conta do jogo. Tal conduta garantia que não se intimidasse e, demonstrando habilidade para a prática, destacava-se mesmo entre garotos. Seu envolvimento com a modalidade não era bem visto pela mãe, que a repreendia constantemente, o que obrigava que, muitas vezes, vivenciasse a atividade no espaço limitado do quintal de casa.

Essa postura, que tencionava com os padrões de feminilidade esperados para a época, persistiria na adolescência, quando, depois de comprar uma motocicleta, passou a dedicar-se ao MotoCross, prática que abandonou depois de alguns acidentes, além da reprovação do marido, com quem se casara aos dezoito anos e teria seus filhos[18].

Outra jogadora destacada da cidade, que atuaria em clubes de Belo Horizonte já em finais da década de 1970, momento de liberação do futebol para mulheres, Heloisa Helena Araújo, mais conhecida como Ló, também apontou em seu depoimento essa aproximação entre o gosto pelo jogo como parte de uma personalidade que reivindicava outros lugares para as mulheres naquela sociedade interiorana. Em seu depoimento rememorou junto a Deusinha, antiga massagista do time, sua trajetória:

> Ló: Meu pai tinha um armazém, ele comprava... numa casinha velha assim na época, ele comprava arame de cobre, enquanto ele ficava lá comprando arame de cobre na mão dos meninos que vendiam, ele punha a gente para fazer massa, para fazer tijolo. Fazia duas masseiras todo dia. Eu limpava carro que ele mandava eu limpar, eu fui... e sozinha até hoje, você não acredita. Não larguei a profissão, Deusinha. Só não faço massa.
> Deusinha: Olha, sabe o que é que ela faz? Ela mexe com constru... com pintura de casa.
> Ló: Eu não nasci para limpar casa...
> Deusinha: Ela mexe com esse negócio de pintar parede.
> Ló: Lavar roupa eu não sei, minha coluna dói, meu filho. Doí, Deusinha, eu estou te falando que dói, quando eu vou torcer, nossa! Agora, outra... capinar, pegar carrinho, pintar... eu mexo com pintura, agora tem que ser

[18] Cf. Entrevista de Iolanda Maria Braga Viana, Edina “Dininha” de Aguiar Malta, Elair “Deusinha” Lopes Viana, Maria das Graças “Bill” Rodrigues, João “Buião” Bosco do Santos e Heloísa Helena “Ló” Araújo concedida ao autor em 19 de janeiro de 2018.

> mais leve, que eu estou ficando mais velha, né? Aí agora eu estou só pintando mesmo, mas carregar carrinho, esses "trem", eu não mexo com isso mais não. A minha vida sempre foi assim, serviço só de homem. Tem gente que passa e diz assim: "Nossa, Ló, você parece homem." Eu falo: "Parece homem é o dinheiro que eu ganho, meu filho!" Não é não Deusinha?
> Deusinha: Inclusive tem uma filha muito bonita!
> Ló: É pelo serviço que eu faço.
> Deusinha: Né, tem uma filha?
> Ló: Duas, duas...[19]

Trajetórias como as de Ló e de Dininha, identificadas com a prática regular do futebol desde a infância, apontam para as limitações de acesso ao jogo naquele tempo. Tendência essa que, mesmo depois de quase quarenta anos do fim da proibição, ainda inviabiliza o ingresso de inúmeras meninas na modalidade.

Os casos de Clarice e de Dora também apontam para outra possibilidade de maior acesso à prática que se abria no caso de famílias esportivas, como era a de Buião, na qual quase todos os irmãos e as irmãs dedicavam-se às atividades atléticas[20]. Dentre as recrutadas por Iolanda, ainda havia algumas que se envolviam com outras modalidades, a exemplo do vôlei, mas a maioria não tinha nos exercícios físicos algo que compunha sua rotina.

Feita a seleção das jogadoras, a tarefa seguinte era viabilizar um campo e os materiais esportivos. Para tanto, Iolanda e as demais professoras contaram com um importante aliado, o massagista da equipe do *Vespasiano*, José Drumond, chamado por todos de Zé Fubá. Reconhecido personagem local, destacava-se pela extravagância das roupas e do comportamento, com longos cabelos loiros, era muito identificado com o Carnaval e com o futebol da cidade. Às vezes se aventurava como juiz em jogos locais[21].

Foi por seu intermédio que conseguiram o primeiro jogo de camisas para as partidas de mulheres, um conjunto de uniformes do *Vespasiano Esporte Clube* pertencente à equipe masculina adulta. A participação do rival histórico, o *Independente Futebol Clube* se deu com a cessão do campo. Como se recorda Iolanda:

> Não, primeiro jogo ia ter um jogo dos... jogo normal, não era campeonato nem nada, e ia ter um jogo e aí nós pedimos se nós podíamos jogar e aí eles deixaram a gente jogar, antes do deles, mas já com portaria, por que às vezes era até portão aberto [...] Era portão

[19] *Idem*.
[20] Cf. *Idem*.
[21] Cf. Entrevista de Iolanda Maria Braga Viana concedida ao autor em 3 de fevereiro de 2018.

> aberto, porque aqui o povo não pagava para ir não, porque senão não ia. Mas nesse pagou. Nesse pagou![22]

Segundo a ex-professora, as garotas conseguiram fazer sua primeira partida como preliminar de um jogo amistoso comum que seria realizado pelo time do *Independente*. Era o tipo de evento para o qual não se cobravam entradas, dada a pouca atratividade da disputa. Mas, a novidade do jogo de meninas fez com que houvesse maior interesse pelo certame, cuja arrecadação da portaria foi toda destinada às obras do muro do Grupo Escolar Padre José Senabre.

Além do *Independente*, o time de garotas contou com o apoio de uma terceira equipe local, o *Oficina*. A agremiação recém-fundada pertencia a Biquinho, dono de uma oficina mecânica, o que explica o nome do clube. Sua esposa, Inês, próxima às professoras, viabilizou a cessão do segundo jogo de camisas. Igualmente masculino, os uniformes quase alcançavam os joelhos das mais novas, como Dininha. Estava assim formada a disputa entre *Vespasiano* e *Oficina*, que iria movimentar a pequena cidade naquele inverno de 1968[23].

Segundo Iolanda, o valor arrecadado na partida inicial - que, como noticiado pelos jornais, foi de NCr$ 180,00[24] - teria sido suficiente para arcar com quase a totalidade da melhoria. Em que pese isso, o interesse de público despertado pela disputa dos times femininos fez com que o *Independente* convidasse as garotas a seguirem fazendo a abertura de seus jogos[25].

Dessa vez, a participação não se centrava na motivação inicial da arrecadação, mas no desejo de as mulheres continuarem a praticar o futebol. Toda a atenção alcançada e o prazer descoberto com a atividade mobilizava aquele grupo de garotas. Como acordado, a bilheteria seria dividida entre os times femininos e o *Independente.* Foi nessa nova dinâmica que seguiram ocorrendo os jogos entre *Vespasiano* e *Oficina*[26].

Um aspecto dos jogos femininos que remete à cultura do futebol amador refere-se às possibilidades de conciliação entre engajamento competitivo e momentos lúdicos e jocosos. A exemplo de partidas festivas, nas quais brincadeiras entre jogadores e a assistência são recorrentes, os jogos entre *Vespasiano* e *Oficina* tinham, por meio das figuras

---

[22] *Idem*.

[23] Cf. Entrevista de Iolanda Maria Braga Viana, Edina "Dininha" de Aguiar Malta, Elair "Deusinha" Lopes Viana, Maria das Graças "Bill" Rodrigues, João "Buião" Bosco do Santos e Heloísa Helena "Ló" Araújo concedida ao autor em 19 de janeiro de 2018.

[24] Cf. "O futebol das môças de Vespasiano". Diário da Tarde. Belo Horizonte, 29 de julho de 1968, 1ª edição, p. 26.

[25] Cf. Entrevista de Iolanda Maria Braga Viana concedida ao autor em 3 de fevereiro de 2018.

[26] Cf. *Idem*.

do juiz Zé Fubá e da massagista Deusinha, a criação desses instantes. Em seu relato, Iolanda se recorda de algumas dessas situações:

> Vamos supor, é... a Deusinha, você viu a figura até hoje. Até com a idade dela que tá, né? Mas é aquela figura. Então, por exemplo, se uma caía e machucava mesmo, mas se falasse que era no ombro ela ia e passava no pé. Por farra, de farra, entendeu? Primeiro ela passava no pé. Porque ela gostava, já sabe (fazendo gesto referente à bebida) (risos), então ela de cara falou assim: "Eu não vou jogar, mas massagista eu vou aceitar".[27]

Todo o clima de novidade e diversão proporcionado pelas partidas femininas, nas quais familiares, amigos e namorados interagiam com as atletas e se envolviam com os lances, fez com que os jogos chamassem a atenção da imprensa de Belo Horizonte. Por se tratar de cidade vizinha, onde os moradores de Vespasiano vendiam seus produtos, as notícias das disputas que vinham dando o que falar na pequena cidade rapidamente se alastraram pela capital.

Nessa medida, uma partida que ocorreria no dia 28 de julho de 1968, um domingo, como parte da programação de festival promovido pelo *Independente*, recebeu ampla cobertura da imprensa, sendo noticiada pelos jornais *Estado de Minas*, *Diário da Tarde* e *O Estado de São Paulo*. Nessa ocasião, *Vespasiano* e *Oficina* se enfrentariam em disputa que comporia o meio do programa, antecedendo os jogos do primeiro e do segundo quadro do time anfitrião. As mulheres ficavam, assim, restritas ao ingrato horário de meio dia e meia. Coube a Buião ser o patrono e oferecer o troféu para as vencedoras, além de dar o pontapé inicial do certame.

A ampla cobertura que o jogo ganhou do *Estado de Minas* que, na edição daquele domingo, dedicou uma página inteira à partida de futebol feminino, alertou as autoridades locais para a dimensão que aquelas disputas alcançavam e a forma como os problemas municipais estavam repercutindo para além de Vespasiano. A questão do Grupo Escolar José Padre Senabre aparecia nas falas das integrantes da equipe, como na declaração de Deusinha, massagista dos times:

> "O importante de tudo, não é o fato das meninas jogarem futebol e sim os motivos que nos levaram a promover as partidas. Através do futebol, que atrai a atenção de todos, estamos denunciando uma série de problemas que envolvem nossos Grupos e seus alunos. Com a presença dos jornais, televisões e rádios, a nossa campanha de conseguir recursos para os alunos pobres sairá vitoriosa. Descobrimos o futebol como uma forma de integração e de ajuda num problema social. Estamos juntando o útil ao agradável. Ao mesmo tempo que ajudamos nossos alunos, temos uma experiência nova e divertida. Antes conhecíamos o futebol nas arquibancadas vendo os outros jogarem, agora estamos participando

[27] *Idem*.

> efetivamente e vivendo as emoções que êle oferece. Nossa intenção é a melhor possível, espero que ninguém nos interprete mal."[28]

Com discurso que apontava para forte consciência sobre a repercussão social das partidas e sobre as possibilidades de apropriação do futebol, tanto como mecanismo de mobilização, quanto como um divertimento, Deusinha desnudava problemas educacionais do município. Igualmente, a notoriedade do jogo atentou as autoridades sobre a prática do esporte proibido para mulheres. Não por acaso, um membro do Conselho Nacional de Desportos – CND esteve presente e tentou impedir a realização da disputa. Como apontou matéria de *O Estado de São Paulo*,

> O jôgo das meninas foi com bola de volei porque o CND proibiu uma oficial. Um representante do CND esteve sábado em Vespasiano e queria proibir o jogo. Mas as meninas explicaram que era um jogo em benefício de grupo escolar local e ele acabou permitindo.[29]

A matéria produzida pelo repórter Luciano Ornelas, enviado especial de *O Estado de São Paulo*, destoava daquelas produzidas pelo *Estado de Minas* e pelo *Diário da Tarde*. Enquanto os jornais belo-horizontinos exaltavam o ineditismo da iniciativa das garotas de Vespasiano, o periodista da imprensa paulistana produziu um relato ácido que destacava a violência da partida, a insensatez de Zé Fubá, classificado como "um doido", e até a pouca receptividade que Buião tinha em sua cidade natal.

[28] "Futebol feminino é em Vespasiano". *Estado de Minas*. Belo Horizonte, 28 de julho de 1968, Caderno de esportes, p. 4.

[29] ORNELAS, Luciano. "Só um gol no jogo das môças". *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 29 de julho de 1968, Edição de esportes, p. 6.

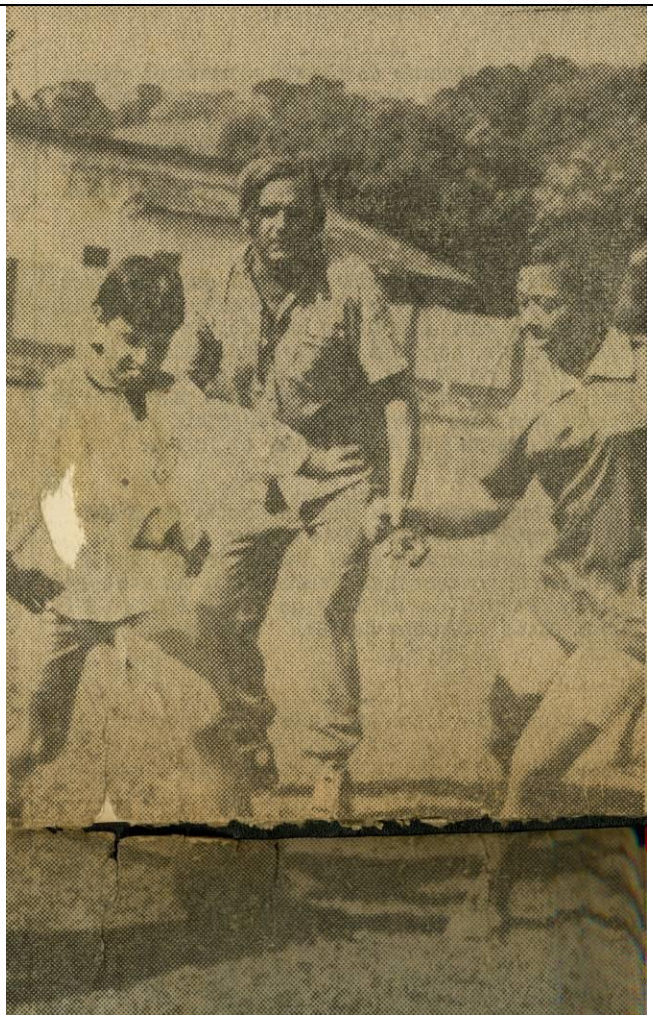


Figura 1 - Zé Fubá acompanha lance protagonizado por Dininha em treino. "Futebol feminino é em Vespasiano".
Fonte: *Estado de Minas*. Belo Horizonte, 28 de julho de 1968, Caderno de esportes, p. 4.

Em reportagem do *Diário da Tarde* nem tudo eram elogios. Há passagem da matéria em que o repórter cita a surpresa causada entre a assistência por toda a técnica demonstrada por Dininha e por seu modo altivo de se portar[30]. De cabelos curtos, teria sido confundida com um menino. Como Iolanda aponta em seu relato, tal questionamento teria partido do próprio repórter.

> Não, eles chegaram, esse aqui do jornal Estado de Minas e do Diário da Tarde, no dia eles chegaram, perguntaram. Teve um deles até que questionou, um dos jornais que fala, e é verdade, sobre a Dininha. Porque

[30] Cf. "O futebol das môças de Vespasiano". Diário da Tarde. Belo Horizonte, 29 de julho de 1968, 1ª edição, p. 26.

> ela jogava com tanta confiança e com tanto conhecimento que ela realmente... porque ela jogava com os irmãos, com os colegas de escola na rua. Então eles questionaram sobre se ela era menino. É, aí no jornal fala e realmente questionou. E eu falei, não, ela é menina e mostrei a certidão de nascimento dela.[31]



Figura 2 - Dininha carregada ao final da partida. "O futebol das môças de Vespasiano".
Fonte: *Diário da Tarde*. Belo Horizonte, 29 de julho de 1968, 1ª edição, p. 26.

Toda a exposição dos problemas locais e a pressão do CND para o encerramento dos jogos fazia com que cada vez fosse mais difícil manter a prática. Exigências de documentação e de autorização dos pais foram alguns dos empecilhos colocados, além do já citado uso de bola de vôlei em lugar da oficial de futebol. Apesar disso, mobilizando a natureza beneficente das disputas, as garotas seguiram promovendo os jogos até a interrupção definitiva, conforme relatou Iolanda.

> Até que realmente, aconteceu isso aqui... eles proibiram. Que naquele tempo era CND, né? Conselho Nacional dos Desportos, né? Aí, só sei que

[31] Entrevista de Iolanda Maria Braga Viana concedida ao autor em 3 de fevereiro de 2018.

> proibiram. Ah, antes exigiu... você não viu que nós tivemos que jogar com bola de vôlei? As meninas reclamaram, porque aí teve um jogo que foi proibido, aí, "Não, nós já havíamos tratado, já vendemos os ingressos", porque vendia até antes. Então, "Ah, mas vocês não vão poder jogar, não". Então, "com essa bola não pode, mulher não pode, essa bola é muito pesada para mulher". Então deram uma bola de vôlei. As meninas reclamaram o tempo todo porque a bola era mais leve, qualquer chutinho que elas davam a bola... a bola ia lá. Entendeu? Então elas reclamaram. Assim que funcionou, e depois foi realmente proibido pela CND.[32]

As disputas *Vespasiano* e *Oficina* não passaram de algumas poucas partidas. Depois de seu encerramento, apenas Dininha e as irmãs de Buião, Clarice e Dora, seguiram praticando futebol nos campinhos da cidade, sem participação em novos certames. Depois de adultas, nenhuma delas jogava mais. Dininha ainda é reconhecida em Vespasiano como uma mulher que levava jeito com a bola. As demais participantes são lembradas apenas pelos contemporâneos, sendo suas passagens pelos campos totalmente desconhecidas pelos mais jovens. Em alguns casos, até mesmo os filhos não sabiam dessa faceta da trajetória de suas mães. Novas futebolistas, como Ló, formaram-se em Vespasiano, mas não se tem notícia de realização de disputas entre duas equipes da cidade desde então[33].

Interessante notar os padrões dos silêncios que contornam a memória sobre essas partidas de mulheres. Eles articulam operações de lembranças individuais e coletivas. Como destacado neste artigo, boa parte das atletas teve experiência futebolística que se restringiu a esses eventos. Para elas, tal ocorrido tem pouca centralidade na construção da percepção sobre si. O que não acontece no caso de Dininha, que tem forte vinculação com a prática do esporte e que tem nessa passagem algo importante para sua trajetória de vida.

Da mesma forma, ao examinar a memória coletiva sobre o caso, é necessário considerar conflitos e ressentimentos que se mantiveram encobertos pelo silêncio sobre o caso, especialmente em torno de preocupações das elites locais com a exposição de problemas da organização escolar da cidade e das proibições impostas por um órgão federal com a colaboração das autoridades municipais.

Nos termos apontados por POLLAK (1989) tais silêncios revelam inconformidades de narrativas individuais frente a memórias coletivas que escamoteiam os conflitos vivenciados naquela pequena cidade. Uma tendência recorrente para narrativas sobre práticas e grupos subalternizados, tal como o futebol de mulheres.

Conclusão

[32] *Idem*.

[33] Cf. Entrevista de Iolanda Maria Braga Viana, Edina "Dininha" de Aguiar Malta, Elair "Deusinha" Lopes Viana, Maria das Graças "Bill" Rodrigues, João "Buião" Bosco do Santos e Heloísa Helena "Ló" Araújo concedida ao autor em 19 de janeiro de 2018.

A série de partidas de futebol de mulheres *Vespasiano* x *Oficina* foi fenômeno esporádico que teve lugar em uma pequena cidade vizinha à capital mineira. Em que pese a abrangência do caso, ao examiná-lo em perspectiva, é possível identificar tendências que perpassaram a trajetória dessa prática esportiva em tempos de proibição no Brasil.

A associação com uma cultura atlética amadora, a realização de disputas com fins beneficentes, a contestação dos limites impostos pelos padrões de feminilidade da época e os subterfúgios para adiar a vedação completa pelo CND apontam para algumas das estratégias adotadas pelas mulheres que desejavam praticar o futebol. Mesmo em um contexto de proibição, ainda que por curtos períodos, o fenômeno demonstrava não ter sucumbido por completo.

No entanto, esse caráter espasmódico da atividade lança um desafio para pesquisadores e pesquisadoras que tentam revisitar a trajetória do futebol de mulheres no país. Como apontado no caso de Vespasiano, muitas vezes a própria memória local opera esquecimentos sobre o ocorrido, silenciado como tantas outras realizações femininas ao longo da história.

Com o presente artigo, espera-se fazer pequena contribuição para o processo de redescoberta de prática que fora por tanto tempo proibida e esquecida em nosso país. Apenas, por meio desse "garimpo" de histórias, será possível reconstituir a trajetória da participação feminina no futebol do país e compreender de forma mais abrangente esse fenômeno. O esforço empírico de registrar casos como o das garotas de Vespasiano é fundamental para o dimensionamento das barreiras que mulheres precisaram superar e que, ainda hoje, enfrentam para simplesmente praticarem o esporte que gostam. Ter isso em conta permite compreender e tentar superar limites estruturais que persistem para o desenvolvimento da modalidade.

Artigo recebido em 27 fev. 2018.

Aprovado para publicação em 4 de jul. 2018.

Referências

ALBERTI, Verena. *Manual de história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

CARVALHO, Rosana Areal de e BERNARDO, Fabiana de Oliveira. "Caixa escolar: instituto inestimável para a execução do projeto de educação primária". *Educação em foco*, v. 16, n. 3, Juiz de Fora, setembro de 2011/ fevereiro de 2012, p. 141-158.

COSTA, Leda Maria da. "O Futebol feminino nas décadas de 1940 a 1980". *Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro*, n. 13, Rio de Janeiro, 2017, p. 493-507.

DUBY, Georges. *O domingo de Bouvines*: 27 de julho de 1214. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

FRANZINI, Fábio. "Futebol é 'coisa para macho'? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol". *Revista Brasileira de História,* v. 25, n. 50, São Paulo, 2005, p. 315-328.

GOELLNER, Silvana Vilodre. "Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades". *Revista brasileira de Educação Física e Esporte*, v.19, n. 2, São Paulo, jun. 2005, p.143-151.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. *O clube como vontade e representação*: o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro (1967- 1988). 2008. 771 f. Tese (Doutorado). Pontifícia Universidade Católica do Rio e Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

LINHALES, Meily Assbú. *A trajetória política do esporte no Brasil*: interesses envolvidos, setores excluídos. 1996. 242 f. Dissertação (mestrado). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1996.

MOURÃO, Ludmila; MOREL, Márcia. "As narrativas sobre o futebol feminino: o discurso da mídia impressa em campo". *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 26, n. 2, Campinas, SP, jan. 2005, p. 73-86.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania*: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

POLLAK, Michel. "Memória, esquecimento, silêncio". *Estudos Históricos*, vol. 2, n. 3, 1989, Rio de Janeiro, p. 3-15.

RIAL, Carmen. "El invisible (y victorioso) fútbol practicado por mujeres en Brasil". *Nueva Sociedad*, n.248, nov/diec. 2013, Buenos Aires, p. 114-126.

RIGO, Luiz Carlos; GUIDOTTI, Flávia Garcia; THEIL, Larissa Zanetti e AMARAL, Marcela. "Notas sobre o futebol feminino pelotense em 1950: um estudo genealógico". *Revista Brasileira de Ciências do Esporte,* v. 29, n. 3, Campinas, maio de 2008, p. 173-188.

RODRIGUES FILHO, Mario. *O negro no futebol brasileiro*. 4.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

SILVA, Diana Mendes Machado da. *Futebol de várzea em São Paulo*: a Associação Atlética Anhanguera (1928-1940). São Paulo: Alameda, 2016.

SILVA, Giovana Capucim e. *Narrativas sobre o futebol feminino na imprensa paulista*: entre a proibição e a regulamentação (1965-1983). 2015. 136 f. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

THOMPSON, Paul. *A Voz do Passado*: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

Redação AM: a memória do rádio nas ondas da TV esportiva

Roberto José Marinho Falcão[1]
João Batista de Abreu Junior[2]

Redação AM: the memory of radio in the sports TV waves

http://dx.doi.org/10.12660/rm.v9n14.2018.73972

[1]Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da PUC-Rio e professor da graduação em Jornalismo das Faculdades Integradas Hélio Alonso.
E-mail: roberto.falcao@facha.edu.br.
[2] Doutor em Comunicação pela UFRJ. Professor titular do Departamento de Comunicação Social e do Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano.
E-mail: joaobajr@uol.com.br.

Resumo:

Este trabalho analisa o quadro Redação AM, do programa Redação SporTV, veiculado pelo canal de assinatura SporTV, que superpõe narração de rádio a vídeos de trechos de jogos de futebol, disputados no Brasil e no exterior. A disponibilidade online, no Facebook e no portal Globo.com, acrescenta mais uma mídia, a internet, a esta superposição do rádio à TV. A descrição oral de locutores brasileiros e estrangeiros evidencia os elementos semiológicos presentes na narrativa esportiva radiofônica: identificação, visualização e velocidade.

Palavras-chave: rádio; tv; internet; redação am; jornalismo esportivo.

Abstract:

This article aims to analyse the segment “Redação AM”, part of the TV show Redação SporTV, broadcasted by the paid channel SporTV, which combines radio talking with videos of football games, performed in Brasil and abroad. The online availability, on Facebook and on Globo.com, a Brazilian sports news portal, adds one more media platform, the internet, to this overlapping between radio and TV. The oral description made by Brazilian and foreigners professional speakers shows the semiological elements included in the radio narrative description: identification, visualization, game speed.

Keywords: radio; tv; Internet; redação am; sports journalism.

Introdução

A redução do uso de aparelhos transistores está entre as razões para o consequente enfraquecimento do hábito de se assistir a um jogo de futebol pela TV acompanhado pela narração radiofônica[1]. A prática existe desde os anos 60, com a popularização dos rádios de pilha. Recurso comum em um passado recente, a audiência compartilhada era uma opção principalmente daqueles torcedores apaixonados (pelo futebol e pelo rádio) que buscavam uma overdose de tensões no desenrolar da partida. Afinal, o rádio sempre foi um meio quente, um eficiente catalisador de emoções.

Ainda hoje, numa época em que impera o poder da televisão, narradores esportivos de rádio se esforçam para compensar a ausência da imagem criando um ambiente mágico em cada partida decisiva de futebol. É como se houvesse um descolamento entre o real da disputa desportiva, ou seja, o jogo em si, e o espetáculo da transmissão. Cada lance, cada pedaço do campo recebe um nome particular, cada craque ganha um apelido, para potencializar a emoção e reforçar a identidade entre o ídolo e o torcedor ouvinte. Expressões como "zona de agrião", "intermediária", "corner de mangas curtas", "quebradas da direita ou quebradas da esquerda" foram criadas por locutores esportivos para que o ouvinte tivesse uma dimensão exata do local em que o lance se desenvolvia.

Da mesma forma, craques recebem novas nomenclaturas. Leônidas da Silva se transforma em "Diamante Negro" e serve de garoto-propaganda para o lançamento de uma barra de chocolate. O lateral Nilton Santos, do Botafogo – bicampeão mundial pela seleção brasileira em 1958 e 1962 – se torna a "Enciclopédia". O atacante Jairzinho vira o "Furacão", Roberto ganha a alcunha de "Dinamite", Zico é o "Galinho de Quintino", e Edmundo, o "Animal". Todos estes apelidos foram criados e lançados por locutores do rádio

É difícil questionar que, durante as transmissões esportivas, o gol atua como clímax da narração, o momento de catarse coletiva. Os torcedores abraçam pessoas anônimas a seu lado e parecem irmanados pela alegria. É esta magia que os programas de debates esportivos na TV aprenderam a explorar, no dia seguinte ao espetáculo, tais como as diversas edições do Bate-Bola, da ESPN-Brasil, o Central Fox, da Fox Sports, o Redação SporTV e o Seleção SporTV, do SporTV, entre outras atrações da grade diária dos canais especializados em esporte.

O Redação AM[2], quadro do programa Redação SporTV[3], do canal de TV por assinatura

[1] De acordo com a Pesquisa Nacional de Amostragem por Domicílio (PNAD), realizada pelo IBGE, o rádio perdeu a condição de eletrodoméstico de difusão comunicacional mais popular para a televisão. Em 1992, 84,92% de domicílios brasileiros tinham aparelho de rádio, contra 74,62% que tinham aparelho de TV. Em 2011, a posse de aparelho de TV já era maior do que a posse de aparelho de rádio: 96,88% de TV contra 83,43% de rádio.

[2] Embora atualmente o futebol já seja transmitido largamente também em FM, o quadro tem o nome da frequência ainda mais identificada pelo público com o rádio.

[3] O Redação SporTV foi ao ar pela primeira vez em 12 de junho de 2004 e seu primeiro apresentador foi o locutor Luís Roberto. Atualmente é apresentado pelo jornalista André Rizek em formato de bancada, com mais dois debatedores

SporTV[4], vinculado ao Sistema Globo de Televisão, resgata esta prática, reexibindo gols ou outros momentos marcantes de jogos de futebol com a superposição do áudio do rádio às imagens geradas para a transmissão de TV. A escolha da emissora não é aleatória, mas motivada pela sua proximidade com o objeto em questão e pela carga emotiva transmitida pelo locutor. Geralmente opta-se por locuções de emissoras vinculadas ao grupo econômico da televisão, para evitar problemas com direitos autorais, mas não necessariamente.

As escolhas dos jogos recaem sobre aqueles com maior noticiabilidade, entre eles as partidas que valeram título. Assim, no quadro Redação AM levado ao ar em 27 de junho de 2016, para "cobrir" as imagens da véspera da disputa de pênaltis que resultou para o Chile no título de campeão da Copa América Centenário[5], foi escolhido o áudio da narração de Patricio Barrera, da ADN Rádio Chile 91.7. Dois momentos são marcantes na locução de Barrera[6], sendo o primeiro a perda do pênalti por Messi, um dos melhores jogadores do mundo, cinco vezes vencedor do prêmio Bola de Ouro[7], conferido pela Fifa.

> Aqui está Messi para a Argentina com todos os flashes nas traves de Bravo. Faça como no treino. Veio Messi, bateu, por cima, por cima, por cima, por cima, por cima, por cima, por cima, por cima! Os grandes também falham, os grandes também falham. Erro de Messi, bola nas nuvens. (BARRERA. In: Redação SporTV, ed. 27 jun. 2015)

O segundo momento, e com emoção ainda maior, quando Silva, ou Gatito Silva, como carinhosamente lhe trata o locutor chileno, converte a cobrança que resulta no quarto gol na disputa de pênaltis do Chile, o que lhe garante o título.

> Gatito Silva, por favor! Arrebente nossos corações, enlouqueça o povo do Chile, Gato Silva. Vamos Gatito querido, bateu, gol do Chile!!! GOL! GOL DO CAMPEÃO CHILE DA COPA AMÉRICA! GOOOOOL! Hoje é para chorar, hoje é para comemorar!

---

diários. O programa, com transmissão ao vivo a partir dos estúdios da SporTV no Rio de Janeiro, vai ao de segunda-feira a sexta-feira, usualmente de 10h às 12h (o horário pode variar em função de transmissão de eventuais competições ao vivo). Para programação, consultar o site do SporTV: http://sportv.globo.com/site/programacao/.

[4] O canal SporTV foi criado em 1991 com o nome de Top Sports e passou a se chamar SporTV em 1995. O canal pertence à Globosat, maior programadora de TV por assinatura na América Latina, criada em 1991, conforme informam o site do SporTV (http://sportv.globo.com/site/noticia/2011/05/sobre-o-sportv.html) e o site da Globosat (http://canaisglobosat.globo.com).

[5] Em 26 de junho de 2016, no Metlife Stadium, em New Jersey (EUA), após empate em 0 a 0 no tempo normal, o Chile derrotou a Argentina nos pênaltis, por 4 a 2, e se sagrou campeão da edição extraordinária da Copa América, realizada em comemoração aos 100 anos da competição, conforme relato do site da Fox Sports: https://www.foxsports.com.br/news/260676-messi-perde-cobranca-e-chile-e-campeao-da-copa-america-centenario-nos-penaltis.

[6] Para este trabalho, para transcrição de voz dos locutores de língua não portuguesa, optou-se por utilizar a tradução realizada pelo próprio programa Redação SporTV e exibida em legendas.

[7] Messi ganhou o prêmio em cinco ocasiões: 2009, 2010, 2011, 2012 e 2015, conforme o site da FIFA (http://fr.fifa.com/ballon-dor/news/y=2016/m=1/news=messi-ce-n-est-pas-facile-d-en-decrocher-cinq-2755205.html) e o site do jornal *Lance!* (http://www.lance.com.br/futebol-internacional/confira-vencedores-dos-ultimos-anos-premio-bola-ouro.html).

> Chega de triunfos morais, porque agora sim, somos de uma geração que sempre, sempre podemos vencer. O Chile outra vez, o Chile outra vez faz tremer o monstro, faz tremer uma equipe temida no mundo. Nunca pensei, nunca pensei estar vivo para ver dois títulos do Chile! Obrigado, Chile! (BARRERA. In: Redação SporTV, ed. 27 jun. 2015)

Neste caso a função de linguagem utilizada pelo locutor é a fática, a que, de acordo com Francis Vanoye (1986), com base nas formulações linguísticas de Roman Jakobson, estabelece uma relação de aparente reciprocidade entre emissor e receptor. As metáforas, metonímias, hipérboles, onomatopeias, concretizadas nos bordões, transformam-se em recursos estilísticos, que dão forma à narração. Ao contrário do que se possa pensar, o rádio é um meio essencialmente visual e a enunciação busca explorar a emoção por meio de polarizações conhecidas do senso comum, como sucesso e fracasso, fortuna e falência, amor e ódio, glória e decadência.

> Sustentado na oralidade, o enunciado representa a materialização destas emoções, nestes 180 minutos da transmissão esportiva, incluindo o pré-jogo, a guerra de torcidas, a entrada em campo das equipes, as entrevistas antes da partida, os comentários do intervalo e, depois do jogo, as gravações dos gols e as entrevistas de vestiário. Os 90 minutos de narração da partida representam a principal parte do espetáculo, o ápice do extravasamento das tensões. (ABREU, 2001. p. 2 e 3)

A vinheta estridente, geralmente um sinal agudo, anuncia o tempo e o placar e tem como função principal chamar a atenção de quem ouve o jogo preocupado mais com o resultado que com seu andamento. O movimento dos jogadores, do juiz, dos bandeirinhas, do técnico e até mesmo da torcida são traduzidos pelo locutor em verbos metafóricos.

> Muitos destes verbos são trazidos do vocabulário popular e incorporados à narrativa, o que estabelece uma identificação de linguagem entre locutor e ouvinte. Existe um simulacro de interatividade, na medida em que o ouvinte tem a impressão de estar falando com um igual, alguém capaz de sentar-se com ele à mesa do bar para ouvir o jogo. (ABREU, 2001, p. 3)

A locução de Barrera permite conferir alguns elementos apontados como integrantes da narrativa esportiva radiofônica, em que a mercadoria simbólica é a emoção do torcedor, sua identificação com o time e os jogadores que o representam. O ritmo da narração e o universo vocabular peculiar da narrativa radiofônica estimulam uma percepção visual, apesar de não oferecer imagem.

> A narrativa esportiva recria o objeto descrito, emprestando-lhe cor, vida e simbolismo próprios do rádio, que estimulam o imaginário popular. (...) Os olhos constituem a imaginação do ouvinte, o que aumenta a polissemia interpretativa. Uma imagem em cada mente. (ABREU, 2001, p. 2)

O imaginário do ouvinte é estimulado através de três recursos semiológicos: o primeiro, a identificação, com o uso de expressões que fazem parte do vocabulário popular; o segundo, a visualização, em que o vocabulário evoca um jogo "visível" no imaginário; e o terceiro, a velocidade, dada pelo ritmo e pela alternância de emoção e informação, que lhe conferem uma musicalidade própria.

É importante destacar que a veiculação na TV da narração esportiva entra na categoria documento, de acordo com estudiosos de rádio como Mário Kaplun (1978). O rádio resgata a característica de verdade e é reaproveitado como uma confirmação do relato sob o qual não existe questionamento.

De volta à fala de Barrera, é possível observar estes recursos nos dois trechos escolhidos, de pouco mais de um minuto (67 segundos no total). Para criar efeito de identificação, os locutores costumam tratar as estrelas por seus apelidos, conferindo uma certa intimidade entre o ídolo, o narrador e também o ouvinte. Barrera chama Silva de "Gato" e "Gatito". Além do mais, recorre a outro expediente: o uso de expressões típicas do repertório popular. Embora na legenda em português apresentada pelo SporTV tenha sido utilizado "tremer", no áudio original em espanhol o verbo pronunciado é "cagar". "Chile otra vez hace cagar el monstro. Hace cagar a uno que tanto le teme el mundo[8]", literalmente berra Barrera, em referência nada elogiosa ao time da Argentina, país com o qual o Chile mantém uma rivalidade particular, não só no futebol9. Basta lembrar as várias controvérsias territoriais entre os dois países, das quais a mais conhecida diz respeito ao Canal de Beagle, junto ao Estreito de Magalhães, no extremo sul do continente.

A visualização também está presente no discurso de Barrera, quando ele recorre à imagem de que todos os flashes estão nas traves do goleiro chileno Bravo para dar a dimensão de como Messi atrai a atenção mundial. O espocar do flash está intimamente ligado à fotografia, uma das plataformas de representação da imagem que costuma ser entendida como expressão da verdade no fotojornalismo. E a velocidade é acelerada pela repetição da expressão "por cima" oito vezes, em ritmo constante, musical, como a marcação acelerada de uma melodia.

Embora não com esta riqueza de detalhes, estes recursos da narração radiofônica foram percebidos por um ex-jogador de futebol, recém-aposentado da profissão, ao trocar no fim dos anos 1940 sua Paraíba natal pelo Rio de Janeiro, então capital federal e mais importante praça brasileira de futebol. Ex-meia-esquerda do Botafogo da Paraíba e do Náutico, Hélio Falcão[10] estava acostumado a acompanhar pelo rádio as narrações vibrantes do Campeonato Carioca e se decepcionou ao assistir in loco, nos estádios do Rio de Janeiro, a seus primeiros jogos, que considerou tão lentos quanto os que costumava jogar ou ver nos campos do Nordeste. Somente depois de algum tempo é que percebeu que não eram diferentes as velocidades do futebol

[8] "O Chile mais uma vez faz o monstro se cagar. Faz cagar àquele que é tão temido pelo mundo todo", em português (tradução livre dos autores).
[9] Um dos polos da discórdia entre Chile e Argentina é a disputa pelo Canal de Beagle, no extremo sul do continente. O assunto é motivo de acompanhamento pela imprensa internacional, incluindo a brasileira (a título de exemplo, ver matéria do site do jornal Estado de S. Paulo: http://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,crise-de-beagle-entre-chile-e-argentina-completa-30-anos,297491).
[10] A história foi contada pelo próprio diversas vezes a um dos autores deste artigo.

nordestino e do carioca, mas a diferença se dava falsamente pelos speakers[11] do Rio de Janeiro, capazes de imprimir ritmo acelerado.

O que esta pequena história evidencia é o poder de memória que têm as narrativas empreendidas pelos meios de comunicação a respeito da realidade. Ou melhor, da representação que fazem da realidade. Por isso, o estranhamento causado pela diferença de velocidade entre o futebol "visto" com a audição e o efetivamente visto com a visão. Ao discorrer sobre o papel da imprensa, Marialva Barbosa (2004), adverte que a "memória é uma construção e não um dado".

> Constituindo os acontecimentos, os meios de comunicação tornam-se, portanto, senhores da memória da sociedade. (...) É dado, portanto, aos jornalistas o estatuto de produção de um discurso considerado como crível, ou melhor, de um discurso acreditado como verídico. (BARBOSA, 2004, p. 4)

Neste cenário, o rádio é particularmente importante na construção da memória do futebol. No caso específico do quadro Redação AM, trata-se do que podemos chamar de memória acumulativa, em que são somadas a imagem da TV e a narrativa do rádio. É uma experiência que remete ao hábito de torcedores que baixam o som da TV e sintonizam o rádio para acompanhar o jogo.

A novidade hoje é que o Redação AM atualmente oferece outras experiências nem sempre possíveis ao espectador / ouvinte, uma vez que consegue pôr no ar narrações de rádios situadas em lugares distantes e que só poderiam ser captadas em ondas curtas. Hoje poucos aparelhos disponíveis no mercado oferecem estas faixas de frequência. A audição concentra-se majoritariamente na frequência modulada (FM), de alcance mais limitado12. Também não se trata de uma experiência ao vivo, no instante mesmo do acontecimento, mas no dia seguinte ou algum tempo depois, quando um fato passa a valer uma efeméride, como em um caso analisado adiante, o do aniversário de um ano da goleada de 7 a 1 sofrida pelo Brasil para a Alemanha na Copa do Mundo de 2014.

Exibida em programas de TV, como o Redação AM, a narração do rádio sofre edição para se adaptar às imagens disponíveis da TV, e nem sempre os cortes seriam os mesmos para uma retransmissão no veículo de origem. Por sua vez, a TV perde completamente seu áudio, guardando somente a imagem.

Se quisermos, podemos incluir uma terceira mídia, a internet, onde são hospedados alguns dos vídeos apresentados no Redação AM (o Globo.com, portal onde está o site do SporTV, e a página do programa no Facebook13). Neste caso, na internet, os conteúdos disponíveis podem ser acessados a qualquer momento, e há possibilidade de os internautas fazerem comentários.

[11] Para usar a denominação dada à época aos locutores.
[12] O alcance da FM pode ser ampliado na formação de redes por satélite, mas este expediente é caro não é viável para a maioria das emissoras comerciais.
[13] Também estão disponíveis vídeos do Redação AM no YouTube, mas em número muito reduzido.

Redação AM e os vídeos de TV narrados pelo rádio

O Redação SporTV estreou em 12 de junho de 2004, sob comando do narrador Luís Roberto, seu primeiro apresentador. Em 2008, passou a ser apresentado por Marcelo Barreto, que dois anos depois foi substituído por André Rizek, seu atual titular, acumulando com a função de editor-chefe.

Com um formato de resenha diária (de segunda-feira a sexta-feira), pela manhã, o Redação SporTV apoia-se fortemente no trabalho da imprensa de maneira geral para construir seu conteúdo. Os jornais impressos têm suas edições comentadas pelo apresentador e pelos outros integrantes da bancada (a maior parte de colaboradores fixos, de acordo com os dias da semana, e eventualmente outros convidados de ocasião).

Desta forma, parece quase natural o quadro Redação AM, que também se apoia em uma mídia distinta da TV, o rádio. De acordo com Rizek[14], o quadro é o mais popular e mais querido, não só pelos espectadores, mas também pela equipe de produção. A frequência não é determinada. A decisão de levar o quadro ao ar, e quando, é dada pela oportunidade, segundo Rizek.

> Um jogo maluco, ou um gol importante, ou um jogo irrelevante com uma narração muito maluca. Não existe uma frequência determinada. O curioso é que, hoje, o próprio público do programa nos manda sugestão de narrações pelas redes sociais. (RIZEK, entrevista)

O critério para a escolha do que vai ser objeto do quadro Redação AM é variável, de acordo com o próprio Rizek.

> Pode valer pela importância do gol ou simplesmente pela narração, que pode ser sensacional, conter uma gafe etc.. O áudio é simples: tem qualidade para ir ao ar? Se tiver, vamos embora. Buscamos muita coisa na internet e também entramos em contato com as rádios, do Brasil e de fora, para nos mandarem os áudios quando achamos que vamos encontrar coisa boa lá. (RIZEK, entrevista)

Para este trabalho, foram analisadas quatro edições do quadro Redação AM, sendo três produzidas logo após os seus fatos geradores (no Campeonato Brasileiro Série A 2017, na Copa América Centenário 2016 e na Eurocopa 2016). A quarta é uma edição especial levada ao ar em 2015 e motivada por uma efeméride: aniversário de um ano da maior goleada sofrida pelo Brasil (7 a 1 para a Alemanha, pela Copa do Mundo de 2014). A seleção das quatro edições levou em conta o conteúdo embutido nas narrações.

Assim como no exemplo analisado anteriormente neste mesmo texto, da disputa de

[14] Em entrevista por e-mail aos autores, em 8 de julho de 2016.

pênaltis na decisão da Copa América Centenário 2016 entre Chile e Argentina, também nos outros três será possível encontrar os três recursos semiológicos apontados (identificação, visualização e velocidade). Em todas os casos selecionados, percebe-se que o locutor toma posição ao lado da equipe de seu país. É como se ele abrisse mão da objetividade da narração jornalística para se transformar em mais um torcedor, seja no estádio ou no estúdio.

NARRAÇÃO 1
Edição do Redação AM: 23 de junho de 2016
Duração: 1'18''
Narração: Nuno Matos, Rádio Antena 1 (Portugal)
Objeto: Gol de Cristiano Ronaldo
Jogo: Hungria 3 x 3 Portugal, 22/06/2016, Stade de Lyon, Lyon, França
Competição: Eurocopa 2016
Disponível online em FACEBOOK (ver referências)

Em 23 de junho de 2016, o quadro Redação AM trouxe o gol de Cristiano Ronaldo, o segundo de Portugal no empate de 3 a 3 com a Hungria, na véspera, pela Eurocopa 2016. Foi um golaço, uma "pintura de gol", como pode ser classificado segundo o linguajar próprio dos locutores e repórteres de rádio, remetendo à estética visual valorizada nas transmissões esportivas. A narração, de Nuno Matos, da Rádio Antena 1, de Portugal, é vibrante e carregada de emoção não só pelo fato em si, mas também pelo ritmo veloz imposto pelo locutor. Também busca relacionar, literalmente aos berros, Ronaldo, orgulho e Portugal, prometendo ao torcedor lusitano mais gols do ídolo.

> Ronaldo! Ronaldo! Gol! Gol! Gol! Cristiano! Cristiano! Cristiano! (...) Nasceste pra vencer. Doa a quem doer. Cristiano. Portugal. Orgulho, orgulho, orgulho, orgulho. Olha o catchup[15], olha o catchup. Tu vais ainda derramar muito catchup nesta Euro 2016. Ronaldo, gol! Primeiro do mundo. Acredita, acredita, acredita, Portugal. Ficas muito louco quando está apaixonado! Portugal, Portugal, Portugal, Portugal, Portugal faz dois. Caramba![16] (MATOS. In: Redação Sportv, ed. 23 jun. 2016)

Identificação, visualização e velocidade são três dos recursos semiológicos que ajudam a instigar o imaginário do ouvinte. E todos estão presentes na narrativa de Nuno Matos.

[15] Em 13 de junho de 2010, o jogador, em entrevista à imprensa, ao falar um período de 16 meses sem marcar pela seleção portuguesa, comparou os gols à extração do *catchup* da embalagem, em que normalmente o molho demora a sair, mas depois vem todo de uma vez. Nuno Matos recupera esta imagem já que Ronaldo ainda não havia marcado até então na Eurocopa 2016 (ver site do jornal O Globo: http://oglobo.globo.com/esportes/os-gols-sao-como-ketchup-diz-cristiano-ronaldo2994983). A mesma imagem fora usada poucos meses antes, em 5 de março de 2010, pelo atacante argentino Higuaín, também em entrevista à imprensa, e atribuindo esta comparação originalmente ao holandês Van Nistelrooy (ver site do jornal Marca: <http://www.marca.com/2010/03/05/futbol/equipos/real_madrid/1267744871.html).

[16] Nas locuções em português transcritas neste trabalho, foi mantida a literalidade da fala, sem correções gramaticais e mantendo contrações de palavras, quando utilizadas.

Pelo uso de expressões populares dá-se a identificação. A interjeição "caramba" é um exemplo. A identificação também pode ser observada na confusão entre pátria, seleção de futebol e ídolo. Portugal aparece, ao mesmo tempo, como nação e representação futebolística. Cristiano Ronaldo surge simultaneamente como ídolo dos portugueses espalhados por todo o mundo e como exemplo de um atleta vencedor e realizado profissionalmente. É a "pátria de chuteiras[17]", na expressão eternizada pelo cronista Nelson Rodrigues, mas em sua versão lusitana. Aqui, a título de curiosidade, vale observar que o atacante português é tratado tanto como Cristiano quanto como Ronaldo, o que não é comum no esporte18, em que o mais usual é a escolha, pelos locutores e jornalistas esportivos, de um nome simples19 para identificar os jogadores.

Cristiano Ronaldo começou a atuar profissionalmente na Ilha da Madeira, onde nasceu, transferiu-se para o Sporting de Lisboa e se consagrou como atleta de ponta no Manchester United (Reino Unido) e depois no Real Madrid (Espanha). Foi eleito cinco vezes o melhor jogador do mundo20. Este êxito internacional se associa ao fato de ser admitido como principal craque da seleção portuguesa. Cristiano Ronaldo significa, portanto, a síntese do sucesso, nacional e internacional, num país tão carente de heróis no presente. Mas nada disso teria acontecido se os meios de comunicação não tivessem colaborado para reconhecer o papel deste personagem como herói lusitano.

A visualização neste texto oral de Nuno Matos não se dá pela marcação dos espaços do campo, como habitual nas narrações de futebol, mas há uma forte imagem explorada, a do catchup, e mais ainda, o seu derrame. O locutor apenas recupera uma metáfora visual do próprio jogador em entrevista concedida em 13 de junho de 2010. Ronaldo, ao falar sobre um período de 16 meses sem marcar pela seleção portuguesa, comparou os gols à extração do catchup da embalagem, em que normalmente o molho demora a sair, mas depois vem todo de uma vez. Nuno Matos usa novamente esta imagem, já que Ronaldo ainda não havia marcado até então na Eurocopa 2016.

A sensação de velocidade, natural da locução com a bola em movimento, é mantida graças ao recurso da repetição de uma mesma palavra várias vezes. O artifício é utilizado com cinco substantivos diferentes: Ronaldo, Cristiano, gol, orgulho e Portugal. O campo destas palavras encontra a convergência na ideia de êxito e de reconhecimento de uma nação outrora reconhecida como potência. O futebol se oferece como um simulacro de alternativa de recuperação da glória através da História.

O narrador Nuno Matos mantém, em sua página pessoal no Facebook[21,] no campo

[17] Expressão popularizada pelo jornalista e escritor Nelson Rodrigues como referência à seleção brasileira de futebol. A expressão, originalmente "pátria em chuteiras", dá nome à crônica publicada por Rodrigues em O Globo, edição de 2 jun. 1976.

[18] Hábito, e não regra. Semelhante comportamento acontecia com o defensor brasileiro Carlos Alberto Torres, chamado tanto de Carlos Alberto quanto de Torres.

[19] Dependendo do país e de sua cultura, o mais habitual é o prenome ou o principal sobrenome de família.

[20] À época da Eurocopa 2016, ele já tinha sido considerado o melhor do mundo três vezes: 2008, 2013 e 2014. Venceu novamente no próprio ano de 2016 e depois em 2017 (ver site do jornal *Lance!:* http://www.lance.com.br/futebol-internacional/confira-vencedores-dos-ultimos-anos-premio-bola-ouro.html).

[21] A página, embora identificada como oficial de Nuno Matos, não tem selo de verificação do Facebook. No entanto,

"vídeos", várias de suas narrações. Porém, as imagens que acompanham os áudios não são em movimento (de TV, por exemplo), mas sim fotos dos jogos em foco, sem identificação autoral.

Hoje a maioria das emissoras comerciais dispõe de sites com a imagem do estúdio, mas este recurso ainda está engatinhando. São limitadas as informações sobre as condições de produção da mensagem radiofônica. A câmera geralmente permanece fixa. Ficam-se conhecendo apenas o rosto e os trajes do locutor esportivo e alguns detalhes da mesa de operação.

NARRAÇÃO 2
Edição do Redação AM: 8 de julho de 2015
Duração: 3'41'' (FACEBOOK) e 3'32 (GLOBO.COM)
Narração: Vários
Objeto: Goleada da Alemanha sobre o Brasil (7 x 1)
Jogo: Brasil 1 x 7 Alemanha, 08/07/2014, Mineirão, Belo Horizonte, Brasil
Competição: Copa do Mundo Fifa Brasil 2014
Disponível online em FACEBOOK e GLOBO.COM (ver referências)

Em 8 de julho de 2015, um ano exato após o Brasil sofrer sua pior derrota da história do futebol, a goleada de 7 a 1 para a Alemanha pela fase semifinal da Copa do Mundo de 2014, o Redação AM trouxe uma compilação curiosa em vídeo dos gols com diferentes narrações, incluindo um locutor alemão, dois brasileiros, e outros quatro sul-americanos (um colombiano, um uruguaio, um chileno e um argentino). De cada um dos locutores foi selecionado um gol, exceção ao uruguaio Maximo Goñi, da Radio Oriental, a quem coube a voz do terceiro e do quarto gols alemães, próximos do ponto de vista temporal já que foram marcados aos 23 e aos 25 minutos do primeiro tempo.

O vocabulário utilizado pelos narradores reflete seu estado de espírito. O brasileiro Pedro Denardin, da Rádio Gaúcha, narra com frieza o primeiro gol da Alemanha, como fato normal de um jogo até então equilibrado. Denardin busca preencher o tempo entre a feitura do gol e a nova saída de bola com informação, trazendo mais detalhes sobre o artilheiro, o veterano atacante Müller.

Já o outro brasileiro, Deva Pascovicci[22], então na Rádio CBN, dá um caráter de inutilidade ao único gol brasileiro da partida, feito por Oscar depois de a Alemanha marcar sete vezes. "É claro, na farra, na brincadeira, mas tem torcedor comemorando o gol aqui do Oscar", descrevia Pascovicci o que via no Mineirão, sem utilizar sequer uma palavra comemorativa com que os locutores celebram os gols.

Na narração do quinto gol, por parte de um locutor alemão não identificado, da Rádio B5

isso não lhe confere necessariamente menos legitimidade.

[22] Deva Pascovicci, que depois se transferiu para a Fox TV, morreu no acidente com o avião que levava a delegação da Chapecoense para a final da Copa Sul-americana, em Medellin, em novembro de 2016. A narração da vitória da equipe catarinense contra o San Lorenzo da Argentina entrou para a história pela emoção de Pascovicci ao final (disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PcYI1d6hIh0>).

Aktuell, a verdadeira gritaria é de júbilo, mas também de espanto diante do resultado inesperado, e construído em tão pouco tempo (eram 28 minutos do primeiro tempo). “Isso é Alemanha! Em sua melhor época!”, festejou o locutor. “É um sonho isso! Cinco a zero, cinco a zero para a Alemanha! Por favor, por favor, me digam se é um sonho!”, comentava, em tom de alegre espanto.

Os gols narrados por locutores de outros países sul-americanos demonstram a decepção com o Brasil, maior representante do futebol do continente, e a admiração pelo futebol alemão. Verifica-se a presença de verbos de ação com indicação de fracasso (sucumbir, sepultar). A seguir, os gols e a narração como na compilação apresentada pelo quadro Redação AM.

Brasil 0 x 1 Alemanha
Narração: Pedro Ernesto Denardin, Rádio Gaúcha (Brasil)
Levantamento, gol. Goool da Alemanha! Müller. Dez minutos e meio do primeiro tempo, estava completamente livre para fazer o gol na cobrança de escanteio. Ele é um dos goleadores da Copa do Mundo, chegou a cinco gols. Ele é do Bayern de Munique, ele tá fazendo o primeiro gol, o torcedor tá reagindo aqui e em todo o Brasil. Brasil, Brasil! É gol de Copa, é gol do Müller, Alemanha um a zero.

Brasil 0 x 2 Alemanha
Narração: Tato Sanin, Rádio Caracol (Colômbia)
Para o Klose. Vem o gol. Ui! Primeiro (Julio) César! No rebote, Klose. Gol! Gol da Alemanha! Chegou! Chegou! Chegou! Chegou! Chegou! Chegou o gol da Alemanha! Chegou! Gol. Gol da Alemanha. Gol do Klose. Gol do recorde.

Brasil 0 x 3 Alemanha
Narração: Maximo Goñi, Rádio Oriental (Uruguai)
Aí vem a Alemanha buscando o terceiro. Bola rasteira. Vem. Vem. Gol! Gol! Gol da Alemanha! E Scolari, como o burro do Dunga, está sepultando as expectativas da equipe brasileira.

Brasil 0 x 4 Alemanha
Narração: Maximo Goñi, Rádio Oriental (Uruguai)
Aí vem outro. Creio que vem. Creio que vem. Gol! Gol da Alemanha! O futebol americano sucumbe diante da globalização. O futebol sul-americano sucumbe diante da globalização. O futebol sul-americano sucumbe com um técnico medíocre. Com um técnico que manda bater. Uma paulada no futebol domesticado da América. Domesticado pela FIFA. Domesticado pelo futebol europeu.

Brasil 0 x 5 Alemanha
Narração: locutor não identificado, Rádio B5 Aktuell (Alemanha)
E lá vem a Alemanha mais uma vez com tudo, Sami Khedira... Gooooooooll! Aos 29 minutos! Isso é Alemanha! Isso é Alemanha! Em sua melhor época! É um sonho isso! Cinco a zero, cinco a zero para a Alemanha! Por favor, por favor, me digam se é um sonho! A Alemanha nesta semifinal, contra o Brasil, com 5 a 0.

Brasil 0 x 6 Alemanha
Narração: Jesus Lopes, Rádio ADN (Chile)

Linha de fundo. Fez o cruzamento. Aí está Lahm. Veio o disparo no meio. Gol! Grita a Alemanha, grita a Alemanha. Senhoras e senhores, aparece o Shürrle. Shürrle, o homem da reserva que queria entrar. Ele queria entrar e marcar. Aos 24 minutos. Humilhação. Humilhação. Humilhação, senhoras e senhores, em Belo Horizonte.

Brasil 0 x 7 Alemanha
Narração: Martin Perazzo, Rádio Belgrano (Argentina)
Alemanha vai pelo sétimo. O chute. Golaço! Golaço! Está tomando sete gols a equipe de Felipão. Sete de (Joachim) Löw. Amor. Amor. Amor pelo futebol tem a equipe de Löw.

Brasil 1 x 7 Alemanha
Narração: Deva Pascovicci, Rádio CBN (Brasil)
Mano a mano, Oscar vai embora, cara a cara, mandou pro gol, taí o gol brasileiro. Taí o gol do Oscar pra seleção brasileira. Sete a um. Recebeu na frente, ficou no um contra um, cortou pro pé direito e bateu pro gol. É claro, na farra, na brincadeira, mas tem torcedor comemorando o gol aqui do Oscar.

Ao acessarmos o vídeo disponível na página do Redação SporTV no Facebook, no dia 8 de julho de 2016, exatamente dois anos depois do jogo e um ano após a postagem, é possível constatar um total de 1.409 visualizações, com 48 curtidas, 12 compartilhamentos e 11 comentários. Os usuários contribuem para a construção do conteúdo, não só se referindo diretamente ao titular da página do Facebook (Redação SporTV e seu apresentador), mas também pela troca de mensagens que fazem entre si. Esta nova postura do espectador/internauta confirma a tendência de que o consumidor de informação esportiva busca cada vez mais interagir com os produtores de conteúdo, seja aprovando ou contestando a opinião /análise divulgada.

NARRAÇÃO 3
Edição do Redação AM: 4 de dezembro de 2017
Duração: 2'17 (FACEBOOK) e 2'32'' (GLOBO.COM)
Narração: Rafael Henzel, Rádio Oeste Capital (Chapecó, SC)
Objeto: Gol de Túlio de Melo
Jogo: Chapecoense 2 x 1 Coritiba, 03/12/2017, Arena Condá, Chapecó (SC)
Competição: Campeonato Brasileiro 2017 (Série A)
Disponível online em FACEBOOK e GLOBO.COM (ver referências)

Em 4 de dezembro de 2017, o quadro Redação AM trouxe o gol de Tulio de Melo, o segundo da Chapecoense na vitória de 2 a 1 sobre a Portuguesa, na última rodada do Campeonato Brasileiro (Série A), resultado que valeu a vaga na Copa Libertadores de 2018 ao time de Chapecó, que teve um desempenho irregular durante toda a competição, chegando mesmo a gerar suspeita aos torcedores e analistas de que pudesse ser rebaixado. À vibração pelo gol, marcado já nos acréscimos, somou-se à emoção pessoal do narrador Rafael Henzel, um dos seis sobreviventes da tragédia do voo da Chapecoense[23], como ficou conhecido pelo público, a partir do tratamento pela

[23] Rafael Henzel é um dos seis sobreviventes à queda do voo fretado da LaMia que transportava a delegação da

imprensa, o acidente com o avião da Lamia.

> Vamos, Verdão[24]. Últimos 30 segundos, últimos 30 segundos. Preparou Reinaldo, jogou pra dentro da área. Corta a zaga, volta com Nadson, Nadson vai tocar de cabeça, só tem o Canteros, tranquilinho por ali, preparou, Canteros, por cima, vai fazer, Túlio, Apodi. Túlio. Goooool. Gol, gol, gol, goooool. O meu coração transborda de felicidade. Túlio. Túlio de Melo. Um ano depois, a Chapecoense chega... ao gol da Pré-Libertadores. O gol... extremamente importante. Como tem que ser. Na luta, na força. Na garra. Como foi o ano, como foi a vida dos chapecoenses que há um ano choravam pelos seus corpos aqui na Arena Condá. E a gente chora de felicidade e de alegria um ano depois. A gente fica emocionado com o gol do Túlio de Melo (HENZEL, In: Redação Sportv, ed. 4 dez. 2017).

Vale destacar o longo o trecho de imagens da jogada do gol e da torcida no programa Redação SportTV que foram "cobertas" pela narração de Henzel, mas é importante perceber como o locutor mistura as emoções do gol e do ano da recuperação do clube (e também da recuperação pessoal do próprio locutor). Praticamente em seguida ao gol segue-se o apito final da partida, o que vale para o narrador emendar a festa pela classificação:

> Vai apitar, acabou. A Chapecoense está na Pré-Libertadores da América. Oitavo lugar. O Flamengo pode perder a Copa Sul-Americana que a Chapecoense está na Copa Libertadores. Estamos extremamente felizes, emocionados, porque a Chapecoense faz 2 a 1. Como sempre fez, sem desistir um minuto sequer. E Túlio de Melo com Apodi fazem o gol. Transbordam os nossos corações de felicidade. Seja bem-vinda Libertadores da América. Um time que jamais desistiu durante uma temporada. Que festa fazem os jogadores! (HENZEL, In: Redação SporTV, ed. 4 dez. 2017).

Identificação, visualização e velocidade, os recursos semiológicos a instigar o imaginário do ouvinte, estão presentes na narrativa de Rafael Henzel.

A identificação, neste caso, é explícita. O sobrevivente no voo Henzel se inclui entre os chapecoenses que há um ano choravam os seus mortos e faz uma narração que evoca esta imagem já que seu público é, preferencialmente, o da cidade de Chapecó pelo caráter local que carrega a rádio Oeste Capital. Neste caso analisado, de forma excepcional, o locutor chega a chorar, o que se percebe pela voz embargada e as pautas silenciosas pouco comuns em locução de futebol, que na transcrição aparecem indicadas pelas reticências. O choro é uma das mais inequívocas manifestações de emoção, que aqui representa a identificação de sentimento com o público torcedor.

Chapecoense e jornalistas que iriam cobrir a final da Supercopa Sul-americana de 2016 contra o Nacional de Medellin. A queda, em 29 de novembro de 2016, foi no Cerro El Gordo, perto da cidade colombiana de Medellin. No acidente, morreram 71 pessoas.

[24] Apelido dado à Chapecoense, em referência ao verde, principal cor do clube.

Antes do momento dramático, que tem ritmo extraordinariamente lento para uma locução esportiva, há exploração de uma forte imagem, como habitual nas narrações de futebol: a dos corações que transbordam de felicidade, uma alegoria que chega a ser lugar-comum, mas que funciona perfeitamente bem nas transmissões radiofônicas. A sensação de velocidade, natural da locução com a bola em movimento, é indicada pela rapidez com que os atores se apresentam na jogada do gol: Túlio, Apodi, Túlio, sem que seja necessário indicar ao ouvinte que a bola está com eles em cada momento, o locutor simplesmente induz a esta compreensão.

Considerações finais

A análise do aproveitamento da narração radiofônica ao programa de debates de TV Redação SporTV no quadro Redação AM leva à percepção de que é possível somar a narração do rádio e a imagem da TV, com a criação de uma nova forma de comunicação, em que somam-se duas mediações entre espetáculo e público: a realizada pelas imagens (de TV) e uma segunda feita pelo suporte de áudio (de rádio). O rádio ganha a força das imagens; e a TV, a emoção e a vibração do áudio radiofônico.

As metáforas, metonímias, hipérboles e onomatopeias, concretizadas nos bordões do rádio, transformam-se em recursos estilísticos, que dão forma à narração, permitindo ao ouvinte visualizar o campo de disputa e os jogadores, conforme Abreu (2001). Ao contrário do que se possa pensar, o rádio é um meio essencialmente visual. Os olhos constituem a imaginação do ouvinte, ampliando a polissemia interpretativa. A imagem é individual, ou seja, cada indivíduo constrói a sua. A enunciação – como o ato de produção de um texto – consiste na busca constante da emoção através de polarizações como sucesso e fracasso, fortuna e falência, amor e ódio, glória e decadência, virtuosismo e incompetência. Não há lugar para o meio termo. Sustentado na oralidade, o enunciado representa a materialização destas emoções, nestes usuais 180 minutos da transmissão esportiva, incluindo o pré-jogo, a guerra de torcidas, a entrada em campo das equipes, as entrevistas antes da partida, os comentários do intervalo e, depois do jogo, as gravações dos gols e as entrevistas de vestiário. Os 90 minutos de narração da partida representam a principal parte do espetáculo, o ápice do extravasamento das tensões.

A narração realça o futebol como um espetáculo que extrapola o mero entretenimento que é um jogo de futebol. O locutor usa expressões como “festa da decisão” e “futebol show”, para qualificar a partida final do Campeonato. Estimula-se o imaginário do ouvinte, através basicamente de três recursos semiológicos, identificação, visualização e velocidade, a saber:

a) identificação – as expressões integram o vocabulário popular, ou porque dele vieram ou porque foram absorvidas devido à força do seu uso pela mídia. Temos aqui um caso de interação de linguagem, em que locutores e ouvintes se complementam.

b) visualização – o vocabulário cria um jogo particular, só possível porque é alimentado pelo imaginário do público. Expressões como “intermediária”, “quebradas da direita”, “córner de mangas curtas” indicam zonas do campo não demarcadas por linhas ou círculos, mas qualquer torcedor pode depreender facilmente o seu lugar de correspondência.

c) velocidade – a narração valoriza e destaca o aspecto emotivo do jogo, mesclando emoção e informação no discurso. A musicalidade e o ritmo veloz garantem a emoção da narrativa. Aqui se dá a distinção entre o futebol e a narração do futebol, em que o discurso sobre o real transforma-se no próprio real.

Quase uma brincadeira, mas feito com todo o profissionalismo e cuidado, o Redação AM também aponta a importância dos dois meios de comunicação na construção da memória do futebol. Sem frequência definida, mas sempre levado ao ar quando oportuno, o quadro é um dos mais populares do programa Redação SporTV, segundo o apresentador e redator-chefe, André Rizek.

A força do áudio, quando contraposto à imagem, permite que sejam percebidos os três elementos presentes na narrativa esportiva radiofônica: identificação, pelo uso de expressões populares; visualização, com a descrição de quadros visuais; e velocidade, pelo ritmo e pela alternância entre emoção e informação, criando uma musicalidade própria.

Artigo recebido em 27 fev. 2018
Artigo aprovado para publicação em 15 mai. 2018

Referências

ABREU, João Batista. *Metáforas, hipérboles e metonímias: o discurso do radiojornalismo esportivo.* In: 24º Congresso da Intercom, 2001. Campo Grande, 2001, p 1-6.

BARBOSA, Marialva. *Jornalistas, senhores da Memória?***.** In: XXVII Congresso da Intercom, 2004, Porto Alegre, p. 4.

BRETONES, Marco Jardim de Amorim. *Redação SporTV: uma experiência de jornalismo esportivo crítico*. 2010. Monografia de conclusão de curso de graduação em Comunicação Social. UniCEUB – Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2010.

KAPLUN, Mario. *Producción de programas de rádio – el guion, la realización*, Quito, Colección Intiyan, Ciespal, 1978.

RODRIGUES, Nelson. “Patria em chuteiras". In: ___. *A pátria de chuteiras*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013. p. 179-180.

VANOYE, Francis. *Usos da linguagem: problemas e técnicas na produção oral e escrita*. São Paulo: Martins Fontes, 1986, são Paulo, Martins Fontes. 1996, 10ª edição.

Internet

IBGE. *Séries históricas e estatísticas*. Disponível em: https://seriesestatisticas.ibge.gov.br/. Acesso em: 8 mai. 2018.

ESTADAO.COM. *Crise do Canal de Beagle, entre Chile e Argentina, completa 30 anos*. Disponível em: <http://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,crise-de-beagle-entre-chile-e-argentina-completa-30-anos,297491>. Acesso em: 8 mai. 2018.

FACEBOOK. *Página de Nuno Matos*. Disponível em: <https://www.facebook.com/Nuno-Matos-503251933130814/info/?entry_point=page_nav_about_item&tab=page_info>. Acesso em: 5 jul. 2016.

____. *Página do Redação SporTV*. Disponível em: <https://www.facebook.com/RedacaoSporTVOficial/videos/889669341100155/>. Acesso em: 8 jul. 2016.

____. *Página do Redação SporTV.* Disponível em <https://www.facebook.com/RedacaoSporTVOficial/videos/1080670422000045/>. Acesso em: 14 fev. 2018.

____. *Página do SporTV.* Disponível em: <https://www.facebook.com/sportv/videos/1183862218303581/>. Acesso em: 14 fev. 2018.

____. *Página do SporTV.* Disponível em: <https://www.facebook.com/sportv/videos/1758041637552300/>. Acesso em: 14 fev. 2016.

FIFA.COM. *Messi: 'Ce n'est pas facile d'en décrocher cinq'.* Disponível em: <http://fr.fifa.com/ballon-dor/news/y=2016/m=1/news=messi-ce-n-est-pas-facile-d-en-decrocher-cinq-2755205.html>. Acesso em: 9 jul. 2016.

FOX SPORTS. *Messi perde cobrança e Chile é campeão da Copa América Centenário nos pênaltis.* Disponível em: <http://https://www.foxsports.com.br/news/260676-messi-perde-cobranca-e-chile-e-campeao-da-copa-america-centenario-nos-penaltis>. Acesso em: 8 mai. 2018.

GLOBOSAT.COM. *Sobre.* Disponível em: <http://canaisglobosat.globo.com/>. Acesso em: 17 fev. 2018.

GLOBO.COM. *Rafael Henzel 'transborda de felicidade' e chora de emoção em gol da Chape.* Disponível em: <http://sportv.globo.com/videos/redacao-sportv/t/ultimos/v/redacao-am-rafael-henzel-transborda-de-felicidade-e-chora-de-emocao-em-gol-da-chape/6332446/>. Acesso em: 14 fev. 2018.

____. *Redação AM especial tem os sete gols da Alemanha sobre o Brasil na Copa do Mundo*. Disponível em: <http://sportv.globo.com/copa/videos/v/redacao-am-especial-tem-os-sete-gols-da-alemanha-sobre-o-brasil-na-copa-do-mundo/4306919/>. Acesso em: 29 jun. 2016.

LANCE.COM. *Veja todos os vencedores do prêmio de melhor jogador do mundo.* Disponível em: < http://www.lance.com.br/futebol-internacional/confira-vencedores-dos-ultimos-anos-premio-bola-ouro.html>. Acesso em: 8 mai. 2018.

MARCA.COM. *Van Nistelrooy me dijo que los goles son como el ketchup.* Disponível em: <http://www.marca.com/2010/03/05/futbol/equipos/real_madrid/1267744871.html>. Acesso em: 6 jul. 2016.

OGLOBO.COM. *Os gols são como catchup, diz Cristiano Ronaldo.* Disponível em <http://oglobo.globo.com/esportes/os-gols-sao-como-ketchup-diz-cristiano-ronaldo-2994983>. Acesso em 6 jun. 2016.

RIZEK, André. Entrevista, por email em: 8 jul. 2016.

SPORTV.COM. *Sobre o Sportv.* Disponível em: <http://sportv.globo.com/site/noticia/2011/05/sobre-o-sportv.html>. Acesso em: 17 fev. 2018.

TERRA. *Em grande fase, Higuain compara gols a 'sachê de catchup'.* Disponível em: <http://esportes.terra.com.br/futebol/internacional/espanha/em-grande-fase-higuain-compara-gols-a-sache-de-catchup,056a763f463aa310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>. Acesso em: 6 jul. 2016.

UEFA.COM. *Euro 2016.* Disponível em <http://www.uefa.com/uefaeuro/>. Acesso em 9 jul. 2016.

UOL. *Cristiano Ronaldo compara seca de gols a ketchup e diz não temer a Espanha*. Disponível em: <http://copadomundo.uol.com.br/2010/ultimas-noticias/2010/06/13/cristiano-ronaldo-compara-seca-de-gols-a-ketchup-e-diz-nao-temer-a-espanha.jhtm>. Acesso em: 6 jul. 2016.

Imagens de si de líderes de três gerações da torcida organizada Máfia Azul no discurso sobre violência

Thiago Madureira Alvarenga[1]

Images of yourself of leaders of three generations of the Máfia Azul in the discourse on violence

http://dx.doi.org/10.12660/rm.v9n14.2018.74022

[1] Mestrando em Estudos de Linguanges do Cefet-MG. Repórter do jornal Estado de Minas. Filiado ao Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais.

Resumo:

Líderes da Máfia Azul de três gerações: o fundador nos idos 1977 Eder Toscanini, o ítalo-francês Jean Marc, que a presidiu no início dos anos 2000, e o jovem mineiro Daniel Sales, atual mandatário. Embora cada um tenha vivido um momento distinto à frente da organizada, podemos identificar um ethos em comum desses torcedores organizados no discurso sobre violência? Para isso, utilizamos conceitos teórico-metodológicos da Análise do Discurso. Analisamos as narrativas dos torcedores sob a lente de três conceitos: imaginários sociodiscursivos, efeito patêmico e subjetivemas. Observamos que esses torcedores demonstram ethé de virilidade e agressividade.

Palavras-chave: Torcida organizada; *Ethos*; Máfia Azul; Violência

Abstract:

Leaders of Máfia Azul from three generations: the founder in 1977 Eder Toscanini, the Italian-french Jean Marc, one of the first members of the organization who presided over it in the early 2000s, and the young Daniel Sales, the current president. Although each has lived a distinct moment ahead of the organized, can we identify a common *ethos* in the discourse on violence? For this, we use theoretical-methodological concepts of Discourse Analysis. We analyze the narratives of the organized fans under the lens of three concepts: sociodiscursive imaginaries, pathetic effect and subjectivemas. We observe that these fans demonstrate *ethé* of virility and aggressiveness.

Key words: Organized fan groups; Máfia Azul; *Ethos*; Violence

Introdução

Eles pulam, cantam, vibram, choram, brigam. São responsáveis por belas festas nas arquibancadas, com faixas, bandeiras, pó de arroz e sinalizadores. Mas também, por ação de determinados grupos, protagonizam atos de violência em torno do futebol, assustando a sociedade. É praticamente impossível ir a uma partida de futebol de um time grande e não notar os torcedores organizados, que despertam os mais diversos sentimentos: da admiração, pela doação ao clube de coração, ao medo, pela forma agressiva com que alguns deles se comportam.

Pesquisas acerca desses grupos de torcedores começaram a ganhar força no Brasil a partir da década de 1990. De acordo com Pimenta (1997, p. 65) há "uma unanimidade entre os estudiosos em apontar a década de 1940 como marco inicial desses movimentos". Formadas por grupos pequenos, as primeiras organizadas tinham um sentido fraternal, com grande identificação entre os membros. Nesse período, a relação entre as torcidas organizadas era marcada por um clima amistoso. "Nos primeiros anos, algumas vezes, a torcida (agrupamento relativamente pequeno à época) do time que ganhava a partida pagava o jantar à torcida do time derrotado". (MURAD, 2017, p.111).

Os pesquisadores (TOLEDO, 1996; PIMENTA, 1997) estabelecem o fim dos anos 1960 e início dos anos 1970 como ponto de inflexão na história das torcidas. Esse período marca o surgimento de uma série de organizadas - dentre elas a Máfia Azul - que vai assumir o protagonismo nas arquibancadas. Com essa ascensão, constata-se uma alteração no comportamento e no *status* do torcedor organizado, que deixa a condição de coadjuvante e passa a dividir com jogadores e dirigentes o protagonismo do espetáculo, com direito a manchetes nos jornais por atos de violência.

> [As torcidas organizadas] Inauguraram, portanto, um novo padrão de sociabilidade entre torcedores de futebol expresso nos comportamentos, na estética, na manipulação de um instrumental simbólico, enfim, num determinado estilo de vida. Estas agremiações torcedoras passam a ter influências na escolha e na demissão de jogadores, técnicos e dirigentes. Chegam às páginas dos jornais responsabilizadas por inúmeros atos de vandalismo e incidentes graves. Participam, muitas deles, dos espetáculos carnavalescos oficiais da cidade, transformaram-se em grandes blocos e escolas de samba, constroem patrimônio e arregimentam milhares de sócios em torno de suas práticas (TOLEDO, 1996, p. 33).

Embora haja vasto material sobre as torcidas organizadas pelas lentes da Antropologia e da Sociologia, no que se refere a estudos voltados à análise do discurso, não são numerosos os registros nos periódicos do Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), provando que ainda há muito a se caminhar neste sentido e

ressaltando a relevância deste artigo[1]. Além disso, acreditamos que esta pesquisa tem um valor social simbólico em si: dar voz aos torcedores organizados. Como evidencia Lopes (2012), os torcedores organizados não são fonte de informação nem de reflexão na mídia, gerando assim uma dificuldade de encontrar em outro espaço o discurso dos organizados.

> Esses torcedores praticamente não possuem voz na mídia nem em outros lugares onde é realizado o debate público em torno das questões relativas ao futebol profissional. Não é difícil inferir que o descrédito estabelecido em relação a eles subtraí seu "direito à palavra": faz dele uma fonte de informação e reflexão ilegítima e, por isso, não consultada (LOPES 2012, p. 318)

Para realização deste trabalho, selecionamos líderes de três gerações da Máfia Azul. Esta associação foi escolhida por sua relevância, pois se trata da maior organizada ligada ao Cruzeiro - clube mineiro com maior torcida no Brasil, segundo pesquisa do Datafolha[2] - e uma das mais tradicionais do estado de Minas Gerais, completados 40 anos no dia 22 de julho de 2017 (Praça, Silva, 2009).

Neste artigo, tentaremos contribuir para engrossar as publicações sobre o fenômeno das organizadas ao observar como os líderes de três momentos distintos da torcida Máfia Azul projetam as imagens de si no discurso, identificando possíveis *ethé* que promovam a junção das gerações, além de colaborar para demonstrar em que medida alguns estereótipos sociais sobre os torcedores organizados se confirmam nos depoimentos.

Os torcedores organizados entrevistados

Para que o discurso dos torcedores organizados pudesse ser estudado, foi preciso ir a campo para coletar os dados por meio de entrevistas. Na construção do corpus, o método a ser utilizado será a pesquisa qualitativa. Segundo Bogdan e Biklen (1994), a investigação qualitativa é profunda, rica em pormenores descritivos e de complexo tratamento estatístico, sendo assim ideal para a análise discursiva. Adotamos um modelo semiestruturado de questionário por entender que o diálogo com os torcedores organizados precisa de um direcionamento inicial, mas sem se prender a perguntas fixas.

Nas entrevistas realizadas, os torcedores narram momentos da vida. São as

[1] Por meio da pesquisa, chegamos ao livro "*Não é só a torcida organizada: o que os torcedores organizados têm a dizer sobre a violência no Brasil*" (Cultura Acadêmica), um dos trabalhos que analisam o discurso e que se aproximam da proposta deste artigo.

[2] Pesquisa realizada pelo Datafolha em 2018. Disponível em: http://media.folha.uol.com.br/datafolha/2014/08/01/time-de- preferencia-dos- brasileiros.pdf Acesso em: 20 de maio de 2018.

memórias da arquibancada, os sentimentos, as percepções e opiniões sobre a vivência na pele de um organizado. Arfuch (2010) coloca a narração como uma forma de estruturação da vida e, consequentemente, da identidade, sendo também expressão da interioridade e afirmação de si mesmo.

Comporão o corpus deste artigo relatos de três torcedores organizados icônicos da Máfia Azul de gerações e experiências de vida distintas. As entrevistas são de Eder Toscanini, Jean Marc Gougeuil e Daniel Gomes Sales. Os três nomes são de muito prestígio dentro da organizada e foram marcantes em períodos diferentes, sendo possível, assim, observar o discurso de forma diacrônica.

O surgimento da Máfia Azul ocorre no momento em que desabrocham as grandes organizadas do país. Em 1977, Eder Toscanini, então com 15 anos, propôs ao irmão mais velho, Henri, 16, a criação da Máfia Azul. A fundação ocorreu porque Tosca, como é conhecido, queria uma torcida para chamar de sua e sentiu a necessidade de uma organização para abrigar os amigos em uma período de brigas de bairros entre adolescentes em Belo Horizonte[3]. Toscanini foi o principal nome da organizada até meados dos anos 1980, quando se afastou da organizada, voltando nos anos 1990. Casado e com filhos, deixou a organizada nos anos 2000.

Já o ítalo-francês Jean Marc Gougeuil[4], ou simplesmente Francês, é conhecido por muitos cruzeirenses que frequentaram o Mineirão nas últimas décadas. Nascido em 1962, Jean Marc é natural de Turim, cidade ao norte da Itália. Mas ele não se sente um italiano. Ainda jovem, mudou-se para os arredores de Paris. Na França, tornou-se um ávido frequentador do estádio Parque dos Príncipes. Seu coração batia pelo Paris Saint-Germain. Em 1986, aos 24 anos, veio morar no Brasil e se apaixonou pelo Cruzeiro. O fascínio pelo jeito vibrante de torcer dos europeus fez com que Jean Marc tentasse imprimir uma cara nova à Máfia Azul. Tornou-se respeitado por todos. Foi um dos membros mais atuantes desde meados da década de 1980, ganhando a condição de líder máximo da maior organizada do Cruzeiro nos anos 2000. Após a sua gestão, afastou-se da Máfia Azul.

Atualmente, Daniel Gomes Sales[5], ou Quik, é o atual mandatário da organizada. Mineiro de Belo Horizonte, foi criado na região do Cabana do Pai Tomás[6]. Desde criança, o

[3] Além de nos confirmar essa informação na entrevista, Eder Toscanini fez um *post* sobre a fundação da Máfia Azul na página do Facebook da torcida. Disponível em: https://www.facebook.com/MafiaAzulRevolucao/posts/1356941577715472:0 Acesso em: 25 de fev. de 2018.
[4] O pesquisador Bernardo Buarque de Hollanda escreveu um perfil de Jean Marc Gougeuil para a revista *Cult* em 2015. Disponível em: https://gvcult.blogosfera.uol.com.br/2015/01/27/o-chefe-da-mafia-breve-historia-de-um-frances-em-minas-gerais/ Acesso em: 23 de fev. de 2018.
[5] Daniel Sales concedeu entrevista a um canal do *Youtube* e contou a sua trajetória de vida até chegar à Máfia Azul. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=0snRIwveds0&t=563s Acesso em: 28 de fev. de 2018.
[6] A Cabana do Pai Tomás é uma favela da zona Oeste de Belo Horizonte que surgiu no início da década de 1960, coincidindo com o surto de industrialização da região metropolitana da capital mineira. Atualmente, o aglomerado enfrenta problemas de violência, transporte público e saúde. Disponível em: http://portalpbh-hm.pbh.gov.br/pbh/ecp/comunidade.do?evento=portlet&pIdPlc=ecpTaxonomiaMenuPortal&app=urbel&tax=17484&lang=pt_BR&pg=5580&taxp=0&&idConteudo=44410&chPlc=44410 Acesso em: 15 de fev. de 2018.

Mineirão era destino certo nas tardes de domingo. Aproveitava a lei da gratuidade para crianças menores de 12 anos para assistir aos jogos. Foi no estádio que conheceu a Máfia Azul. Encantou-se pela festa da organizada e se associou em meados da década de 1990. Hoje, participa ativamente da administração da Máfia. Pela função importante que executa, recebe ordenado mensalmente. Segundo relato, está presente em todas as caravanas da organizada, viajando para as cidades em que o Cruzeiro atua.

Metodologia e conceitos

O perfil reflexivo-metodológico adotado para analisar o corpus será a Análise do Discurso, mais especificamente a Teoria Semiolinguística, trabalhada pelo pesquisador francês Patrick Charaudeau (1983) que observa o discurso de forma multidimensional, resultante da interação da dimensão linguística e de certos fenômenos psicológicos e sociais. Como se trata de uma teoria ampla, mas flexível, que permite recortes e aplicação de acordo com o corpus trabalhado, vamos utilizar dois operadores analíticos articulados por Charaudeau: efeitos patêmicos e imaginários sociodiscursivos. Para complementar análise, os subjetivemas, por Kerbrat-Orecchioni, serão acrescentados, uma vez que a Teoria Semiolinguística dialoga e absorve conceitos de outros autores.

Os imaginários sociodiscursivos são uma representação da realidade, imagens que interpretam os acontecimentos da vida, transformando-os em um universo de significações, de acordo com Charaudeau (2007). Assim, os imaginários dão sentido ao mundo como conhecemos. Eles são resultado da atividade de pensamento que se propõem a explicar os fenômenos e comportamentos levando em conta elementos racionais e afetivos. A construção dos imaginários está ligada a dois tipos de saberes:

1 - saberes de conhecimento, que buscam uma verdade fora da subjetividade do sujeito. Eles podem ser do tipo científico (explicações do mundo que se baseiam nos procedimentos de observação, experimento e cálculo) ou de experiência (o conhecimento é construído a partir da experiência pessoal, mas sem nenhuma garantia de comprovação científica);

2 – saberes de crença, que estabelecem um conhecimento do mundo construído a partir de avaliações, apreciações e julgamentos dos sujeitos. Eles se distinguem entre saberes de revelação (verdade exterior ao sujeito que exige um movimento de adesão total. A justificativa desse tipo de conhecimento está em textos sagrados ou de referência absoluta que testemunhem essa verdade) ou saberes de opinião (nasce da tomada de posição dos sujeitos sobre os fatos do mundo. Os julgamentos ocorrem pela lógica do necessário, do provável, do verossímil, etc).

Outra categoria de análise, os efeitos patêmicos foram escolhidos para compor o arcabouço teórico porque as torcidas organizadas são reconhecidas pela passionalidade que carregam. Então, tentar compreender as emoções presentes no discurso da Máfia Azul se faz necessário para, posteriormente, se chegar ao ethos.

Na perspectiva discursiva, como proposto por Charaudeau (2010), as emoções serão identificadas como quaisquer aspectos linguístico-discursivos capaz de desencadear no interlocutor algum tipo de reação afetiva. O pesquisador francês recupera a noção aristotélica da retórica dos efeitos, que se consiste em uma tentativa de despertar paixões que façam com que o auditório compartilhe o ponto de vista do orador. Os efeitos patêmicos, segundo Charaudeau (2010), podem ser obtidos por três formas:

1 - explícita e direta - emprega palavras que remetem a um universo emocional (“raiva”,“angústia”, “horror”, “indignação”);

2 - implícita e indireta - palavras aparentemente neutras do ponto de vista da emoção (“assassinato”, “conspiração”, “vítimas”, “manifestação”, "assassino"), que são susceptíveis de nos levar a um universo patêmico;

3 - enunciados que não comportam palavras patemisantes e que, no entanto, são susceptíveis de produzir efeitos patêmicos, desde que tenhamos conhecimento da situação de enunciação.

O terceiro operacionalizador serão os subjetivemas, estudado conforme Kerbrat-Orecchioni (1997). Este conceito é conhecido como uma das formas de se chegar às marcas dos sujeitos no discurso, cujas funções são indicar avaliações e julgamentos. Segundo a autora, o sujeito utiliza unidades semânticas e lexicais se apresentando de forma objetiva (resulta de um esforço para se ‘ocultar’) e subjetiva (demonstrando avaliações). São quatro os tipos de subjetivemas (os axiológicos, os não-axiológicos, os afetivos e os modalizadores). Trabalharemos com dois deles:

1 - axiológicos: são, de modo geral, adjetivos ou substantivos ligados a um ato de descrição e avaliação do objeto descrito (apreciativo/depreciativo). Os julgamentos do sujeito dependem dos contextos dos usos das palavras, das intenções do falante, das tendências ideológicas. Além do mais, segundo a autora, qualquer termo neutro da língua pode adquirir um traço axiológico dependendo da situação de comunicação.

2 - afetivos: são adjetivos que determinam uma propriedade do objeto e uma reação emocional. Alguns exemplos são as palavras: alegre, triste e patético.

Kerbrat-Orecchioni (1997) ressalta que, além dessa subjetividade mais marcada elencada acima, também há uma interpretativa, porque, ao escolher uma determinada palavra e não outra, o sujeito estará enfatizando uma faceta do objeto e, ao mesmo tempo, escondendo outras.

Na junção dessas três categorias de análise (imaginários sociodiscursivos, efeitos patêmicos e subjetivemas), chegaremos ao ethos discursivo, termo esse que designa a releitura de um conceito aristotélico, recuperado e ampliado pela Análise do Discurso. Em todo e qualquer enunciação, o sujeito projeta imagens de si que auxiliam na tentativa de convencimento do interlocutor. Apresentaremos este conceito baseado nos estudos de Dominique Maingueneau (2008).

Segundo o autor citado, a imagem de si é um fenômeno que se constrói dentro da instância enunciativa, considerando-se também a concepção pré-discursiva. Maingueneau (2008) trabalha com o ethos de forma encarnada, recobrindo não apenas o verbal, mas determinações físicas (corporalidade) e psíquicas (caráter) ligadas ao fiador por meio de estereótipos.

Para uma compreensão global do ethos discursivo, Maingueneau (2008) fez um esquema de visualização das instâncias. Fazem parte desse arranjo:

(i) – o ethos pré-discursivo (posição extradiscursiva);

(ii) – o ethos discursivo (dividido entre ethos dito e ethos mostrado);

(iii) – os estereótipos sociais ligados aos mundos éticos (a imagem discursiva é ancorada em estereótipos, representações sociais de determinada cultura, que determinam, de forma superficial, a apresentação de si).

Analise discursiva sobre a temática da violência

A análise foi dividida em duas partes: inicialmente, será feito uma busca pelas categorias analíticas (imaginários, efeitos patêmicos e subjetivemas) em cada um dos eixos temáticos; depois, já com a captura dos elementos citados, demonstraremos como as imagens de si no discurso são projetadas pelos torcedores organizados, levando em conta a narrativa da experiência de vida destes torcedores organizados.

Segundo os sociólogos ingleses Elias e Dunning (1992), autores influentes na Sociologia do Esporte, o contexto do jogo de futebol aparece como local propício para excitação de embates, uma área masculina reservada na qual o homem manifesta suas emoções, muitas delas violentas.

A violência, então, aparece como principal meio de afirmação da masculinidade entre os torcedores organizados. “Mostrar-se mais forte, mais valente, mais macho e mais brigão é uma característica marcante dos membros das torcidas organizadas” (MONTEIRO, p. 110). Assim, parte dos organizados age agressivamente no sentido de adquirir respeito e poder sobre outros torcedores.

Muito em função disso, o envolvimento dos torcedores organizados em atos de agressão é recorrente no Brasil. De acordo com Murad (2017), o país está entre os primeiros em relação ao número de mortes de torcedores de futebol. Segundo o estudioso, contudo, apenas uma minoria dos organizados é considerada violenta – entre 5% e 7%.

Analisaremos a seguir o discurso do fundador Eder Toscanini:

Depoimento de Eder Toscanini

> **Pergunta:** Como você viu a violência no futebol entre as torcidas?
> **Resposta de Eder Toscanini:** *São três etapas, na minha opinião. Antes dos anos 1980, de 1987 prá cá [quis dizer antes de 1987], as brigas resumiam apenas em coisa verbal. Chamar o atleticano de cachorro, eles nos chamavam de refrigerado, vai para aquele lugar… era assim. De 1988 pra cá, de 88 até mais ou menos ali 2000, virou guerra. Guerra mesmo, de faca, de revólver, de fuzil, de briga, de guerra mesmo, de matar mesmo. Hoje, de 2010 pra cá, se falar que tem muita violência, eu discordo, não tem muita violência como tinha antes. Hoje é mais tranquilo, muita mais tranquilo. Hoje a diretoria da Máfia Azul e da outra lá [se referia à Galoucura, organizada ligada ao Atlético] é mais tranquila, é mais amena. Não tem, pessoal visa mais torcer para o Cruzeiro. Tem briga? Tem, como teve há pouco tempo em Contagem, que quase matou o atleticano lá. Isso é uma vez ou outra. Dentro do estádio, não tem briga. Como não tinha dentro do estádio e na periferia tinha muita briga. Hoje não tem, é mais tranquilo. Dá pra segurar. Basta querer. Apesar de que hoje é mais difícil, porque antigamente polícia era polícia. Eu estou entrando do outro lado da história. Polícia antigamente era polícia. Hoje, não. Polícia não pode fazer quase nada. Se a polícia vai fazer alguma coisa chega um cara lá e diz que não pode fazer isso, não pode fazer aquilo. Coisa que acho um absurdo. Eu acho um absurdo isso. Minha opinião. A polícia tinha que ser mais enérgica como era nos anos 1980, hoje.*

Por meio do saber de experiência, Eder Toscanini identifica os períodos históricos e a ocorrência dos tipos de violência nas torcidas organizadas em cada um deles. Como frequentou o Mineirão desde meados da década de 1970, Toscanini viveu *in loco* o passar dos anos no estádio, sendo um observador privilegiado de toda essa história. Segundo seu relato, o início era de agressões verbais: o atleticano era conhecido como cachorro, ou cachorrada, um dos xingamentos da época ligado à canalhice; os cruzeirenses eram os refrigerados, apelido homossexual que vigorava, e posteriormente, foi substituído por bicharada. Nos dias de hoje, prevalece a provocação Maria para denominar os torcedores do Cruzeiro. Portanto, ao decorrer dos anos, é notável a relação homofóbica criada pelo atleticano para caçoar os rivais celestes[7]. Está inscrito nesse tipo de apelido o imaginário do "homossexualismo como anormalidade", numa tentativa de desumanizar e rebaixar moralmente o adversário. Segundo Bandeira (2010), nas arquibancadas, os homossexuais são considerados inferiores aos heterossexuais.

[7] Vale ressaltar, no entanto, que cantos e provocações homofóbicas não são de exclusividade dos torcedores atleticanos. Caracterizam praticamente todas as grandes torcidas organizadas do Brasil, inclusive a Máfia Azul. Nos últimos anos, torcedores do Cruzeiro denominaram os atleticanos de "Frangas" e "Lurdinhas", evidenciando essa lógica. Disponível em: http://globoesporte.globo.com/mg/zona-da-mata-centro-oeste/noticia/2015/01/na-esportiva-cruzeirenses-respondem-outdoor-da-torcida-do-atletico-mg.html Acesso em: 8 de jan. de 2018.

Toscanini denomina a segunda etapa de violência das organizadas como uma guerra. “Guerra mesmo, de faca, de revólver, de fuzil, de briga, de guerra mesmo, de matar mesmo”, afirma. Há nesse trecho uma tentativa de causar um efeito patêmico de medo no interlocutor, comparando as brigas entre organizadas a um confronto bélico. Para além da metáfora criada e na tentativa de reforçar o imaginário de guerra, o fundador da Máfia Azul utiliza as construções “guerra mesmo” (duas vezes) e “matar mesmo”. A palavra “mesmo”, sinônimo de verdadeiramente, intensifica a relação entre guerra e briga de torcida. Socialmente, o imaginário de guerra está ligado a dor, perdas humanas, destruição, violência. Por meio dos subjetivemas, Toscanini leva o interlocutor para o universo de sentidos da guerra: “faca”, “revólver”, “fuzil”, “briga”, “matar”. Cria-se, assim, o imaginário de “torcedor organizado como violento”.

Para Toscanini, a violência no futebol diminuiu a partir de 2010. O torcedor usa por quatro vezes o adjetivo axiológico “tranquilo (a)” para tentar transmitir uma situação de normalidade, justificando sua posição: “Hoje é mais tranquilo, muita mais tranquilo. Hoje a diretoria da Máfia Azul e da outra lá é mais tranquila. (...) Hoje não tem, é mais tranquilo”.

No fim da resposta, o fundador da Máfia Azul aborda o tema da segurança pública. No discurso, sugere que a polícia aja com mais truculência como no passado, resgatando um imaginário de “polícia respeitada e temida”. Assim, mais uma vez, Toscanini usa um saber de experiência, pois como torcedor conviveu com a polícia de perto durante todo esse tempo.

No seguinte trecho (“Se a polícia vai fazer alguma coisa, chega um cara lá e diz que não pode fazer isso, não pode fazer aquilo”), podemos interpretar que o “não pode fazer isso, não pode fazer aquilo” indica a aprovação de ações de violações de direitos, tema tão debatido atualmente na sociedade. Para demonstrar sua posição contrária aos limites impostos hoje ao trabalho das forças de segurança, Toscanini aciona o adjetivo axiológico “absurdo” (“Eu acho um absurdo isso. Minha opinião. A polícia tinha que ser mais enérgica como era nos anos 1980, hoje”). O fundador da Máfia Azul evoca, nesse momento, um efeito patêmico de indignação. Há tom de revolta no discurso com o fato de a Polícia Militar não poder agir como bem entender para deter os baderneiros das torcidas organizadas.

Nota-se, a partir dessa posição contida na enunciação, então, o imaginário dos direitos humanos como “regras para proteção de bandido”, uma interpretação que tenta combater uma série de garantias históricas da liberdade civil[8]. Por ressaltar essas características, o discurso de Toscanini pode ser classificado como reacionário[9], que busca a redenção da sociedade em um passado idílico. Para o fundador da organizada, então, a violência relacionada ao futebol poderia ser menor se as forças de repressão não tivessem

[8] Os direitos humanos se afirmaram, em especial, depois da Segunda Guerra mundial com a Declaração Universal da Organização das Nações Unidas (ONU), que inspirou a constituição brasileira de 1988. A constituição da República Federativa do Brasil pode ser acessada no seguinte link. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf. Acesso em: 30 de jan. de 2018.

[9] No livro “*The shipwrecked mind: on political reaction”* (New York Review Books), o historiador Mark Lilla, da Columbia University, analisa as diferenças na construção identitária de alguns perfis de pensamento, como o conservador, o revolucionário e o reacionário, fazendo ligações com a política em alguns países.

tantas restrições, como era no passado.

A seguir, segue trecho do discurso de Jean Marc Gougeuil:

Depoimento de Jean Marc Gougeuil

> **Pergunta:** Hoje a violência relacionada à torcida organizada é mal vista pela sociedade. O que você pensa a respeito?
> **Resposta de Jean Marc:** *Eu vou nos números. No Brasil, morrem 60 mil pessoas assassinadas. 60 mil pessoas! Quantos torcedores morreram por conta de futebol? Vamos falar assim, por alto, 10, 15. Infelizmente, são números tristes porque morrer por futebol é um absurdo, um escândalo. Morrer assassinado porque um cara roubou o seu celular é um absurdo. Então, nós moramos em um país violento e, infelizmente, vão morrer pessoas de confronto de torcidas. Um país que, infelizmente, não ajuda a educar seu povo, vai ser sujeito a esse tipo de coisa.*
>
> **Pergunta 2:** Foi a partir da violência que a Máfia Azul começou a ganhar notabilidade e destaque entre as torcidas organizadas no passado?
> **Resposta de Jean Marc:** *Eu falo que a nossa época é uma época boa que, na verdade, não é a violência de hoje. A gente tinha assim algumas regras, entre aspas, que a gente assim brigava, brigava, na mão, tapa, no máximo uma pedrada. Então, assim, não existia a vontade de matar o cara. Brigava, invadia, mas a gente recuava. Quando o cara estava no chão, ninguém tocava, não. Porque a gente não via no nosso conceito fazer alguma coisa. Caiu, acabou. Ninguém encosta no cara, não. Ninguém vai matar ninguém, não. A gente queria mostrar quem é quem, mas igual homem, na mão mesmo. Esses covardes como a gente vê hoje, pra mim é pura covardia, infelizmente, isso aqui no Brasil que é um país violento, isso é pura covardia.*

Ao ser questionado sobre a violência das torcidas organizadas e da própria Máfia Azul no primeiro trecho, Jean Marc utiliza um saber de conhecimento para desenvolver seu raciocínio ("Eu vou nos números. No Brasil, morrem 60 mil pessoas assassinadas"). É uma tentativa de passar credibilidade, demonstrar, de forma objetiva, para além do sentimento de insegurança, que o Brasil é um país violento - violência essa refletida também no futebol. O raciocínio dele integra uma premissa pode ser verificada segundo dados estatísticos. Embora o torcedor não cite nenhum instituto de pesquisa, o dado é referendado pelo Atlas da Violência 2017 do Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada)[10].

Paralelamente, há um efeito patêmico de indignação à violência no discurso, que pode ser notado quando ele utiliza o substantivo axiológico "escândalo" e o adjetivo

[10] Estudo realizado pelo Ipea e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública em 2015 e divulgado em junho de 2017. Mais informações podem ser encontradas no link a seguir, acessado no dia 26 de outubro de 2017. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=30253. Acesso em: 30 de jan. de 2018.

axiológico “absurdo”, demonstrando tristeza com esse cenário. Essa indignação pode atingir também o interlocutor, tendo em vista que a violência é uma das grandes preocupações do brasileiro, conforme pesquisa do Instituto Ibope[11]. Outro momento em que a emoção fica evidenciada ocorre quando o torcedor repete o dado de 60 mil homicídios, logo na primeira frase. Ele busca enfatizar os números dando um tom de dramaticidade. Observamos o imaginário da “banalidade da violência no Brasil” é destacado no momento em que cita morte até por roubo de celular, ressaltando o senso comum de que se mata por quase tudo.

A noção de identidade, tão peculiar em relatos de vida, pode ser notada nesse fragmento. Jean nasceu na Itália, mas se sente francês – o forte sotaque, logo nas primeiras palavras, já indica a cultura gaulesa que traz consigo. Por mais que ele tenha se mudado ainda na juventude para o Brasil, país no qual construiu sua família (ele é casado com uma brasileira e pai de uma menina também brasileira), estando totalmente integrado profissional (é professor em uma escola de idiomas) e socialmente (conquistou o respeito e foi o líder de uma das maiores torcidas organizadas do Brasil), mesmo com tudo isso, Jean ainda não se vê como um brasileiro e ressalta seu estrangeirismo. O Brasil, para ele, ainda é um país do outro, um outro país, como indica a seguinte passagem: “Um país que, infelizmente, não ajuda a educar seu povo, vai ser sujeito a este tipo de coisa”. Na frase, Jean se coloca como alguém de fora (destaca-se: “um país”, não o nosso país, e “seu povo”, não a gente ou o nosso povo). A passagem ainda guarda o imaginário do Brasil como “país de forte desigualdade”, quando o torcedor pondera que a educação formal é privilégio de uma minoria e que a consequente exclusão social proveniente disso reflete, também auxiliada por outros fatores, na violência social. O tema da escolarização é um saber de experiência mobilizado por Jean Marc, que é professor e conhece a realidade das escolas no país.

No início do segundo trecho, há a reconstrução de uma parte da vida como ato ético, comum nessas reconstruções da vida por meio da narrativa. E Jean define como “época boa” o período em que os torcedores possuíam um código moral em relação aos atos de agressão:

> 1 - brigas não envolviam armas de fogo. Enfrentamentos com paus, pedras, socos e chutes;
>
> 2 - quando oponente estava no chão, a conduta era esperá-lo levantar;
>
> 3 - invadia o território do rival, mas havia um recuo natural;
>
> 4 - não havia uma intenção de brigar e matar rival/inimigo.

Nesta parte, Jean cria uma divisão entre o comportamento dos torcedores organizados do presente e do passado. No discurso, é possível entender que os atos de agressão no tempo pregresso são entendidos como respeitosos, pois seguiam as regras citadas.

[11] Pesquisas do Ibope mostraram que preocupação do brasileiro com violência dobrou em um ano. Disponível em: http://www.valor.com.br/politica/5329425/ibope-mostrou-que-preocupacao-com-violencia-dobrou-em-um-ano. Acesso em: 15 de fev. de 2018.

No trecho referido, o torcedor ainda evidencia a desaprovação ao recrudescimento da violência. O adjetivo axiológico “covardes”, que, no sentido adotado, significa "pessoa que exerce com crueldade o seu poder sobre outrem que não pode proteger-se ou revidar" (definição do dicionário Houaiss[12]), indica repulsa de Jean Marc de um novo tipo de violência, mais agressiva e perniciosa, entre torcedores organizados. Há, conjunto, um efeito patêmico de indignação.

Entretanto, este raciocínio guarda uma contradição, pois ele alimenta, na seguinte frase: “A gente queria mostrar quem é quem, mas igual homem, na mão mesmo”, o imaginário de que “homens resolvem as coisas na mão”, uma característica típica dos saberes de crença pela opinião que apresentam escopo generalizante. O “mostrar quem é quem” está relacionado ao universo machista de que os homens demonstram quem são pela virilidade, imposição e violência, que também está relacionado ao imaginário do “organizado como violento”. Alguns axiológicos, casos de “brigava”, “tapa”, “pedrada”, “na mão”, ajudam a entender a posição de Jean Marc favorável aos atos de agressão no passado, buscando um efeito patêmico de medo no interlocutor. Há uma ligação do discurso de Jean Marc com a afirmação da masculinidade dos torcedores pesquisada por Monteiro (2003), uma vez que Francês encarna o “etos guerreiro” mencionado pelo pesquisador. O líder da Máfia Azul nos anos 2000 se mostra alguém que busca se impor pela força.

Por fim, o depoimento de Daniel Sales, que representa a geração atual da torcida Máfia Azul.

Depoimento de Daniel Sales

> **Pergunta:** A imagem da torcida organizada muitas vezes aparece relacionada à violência. O que você pensa sobre isso?
> **Resposta de Daniel Sales:** *A violência está em todo lugar. Estamos expostos a todo tipo de violência, em todos os sentidos. Temos violência não só no futebol, temos violência em show, no carnaval, e a torcida é mais um fator, né. A violência está no futebol também. Infelizmente, todo lugar tem violência. Mas nós, como torcida organizada, temos CNPJ, temos nossa sede, sempre temos reunião com Batalhão de Choque, reunião com Ministério Público, tudo que a torcida vai fazer, entidade grande como a Máfia Azul, que está há 40 anos em Minas Gerais, sendo a maior de Minas com 30 mil componentes, todo clássico, a gente tem reunião, passa o horário que a torcida vai sair, tudo é passado para a Polícia Militar, para o Ministério Público, a gente tenta ajudar da melhor forma possível todos os envolvidos no futebol. Então, no fato da violência, o que podemos fazer, temos que punir o infrator que pratica a violência, o CPF, o RG, não as entidades. A entidade está para acompanhar o clube e fazer a festa do futebol, que é o principal fator da organizada fazer a festa do futebol.*
>
> **Pergunta 2:** Recentemente, o presidente de uma torcida organizada do

[12] A citação ao dicionário *Houaiss* se refere à sua versão digital. Disponível em: https://houaiss.uol.com.br Acesso em: 3 de fev. de 2018.

> Palmeiras morreu assassinado[13]. Você teme pela sua vida ou pela vida de alguém próximo a você?
> **Resposta de Daniel Sales:** *A gente assusta sim com a violência que tem, a família preocupa. Mas eu posso dizer que, particularmente eu, nunca tive medo, sempre quis fazer o melhor para a torcida, melhor para o clube, sempre tento evitar, evitar que a minha família preocupe. Eu faço o melhor para a torcida, e o melhor para a torcida é sempre evitando a violência. Não vou te falar que torcida tem santo, torcida não tem santo, e ninguém é santo. O que eu posso te dizer é o seguinte: o que a gente puder fazer para evitar a violência nós vamos fazer, mas uma torcida igual a Máfia Azul, ninguém passa por cima da gente, ninguém vai passar por cima da Máfia Azul. O que a gente puder fazer para evitar a violência e fazer a festa nos estádios nós vamos fazer, mas jamais fazer apologia à violência, ir para cima de qualquer pessoa. Nós vamos preservar sempre nossos integrantes e preservar a entidade Máfia Azul e o Cruzeiro Esporte Clube. Nós não somos a favor da violência, mas ninguém passa por cima da Máfia Azul.*

Logo no início do primeiro enunciado, Daniel evoca o imaginário da "violência está por toda parte no Brasil", uma generalização mobilizada por um saber de crença de opinião comum. Parte daí, uma explicação para os atos de agressão das torcidas organizadas. O uso lexical ajuda a comprovar essa ideia do torcedor: "violência está em todo lugar", "não só no futebol", "a torcida é só mais um fator", "todo lugar tem violência".

Nota-se, quando Daniel diz "estamos expostos a todo tipo de violência, em todos os sentidos", podemos considerar não apenas as agressões físicas, mas também os diversos tipos de violência simbólica, como machismo, homofobia e outros preconceitos - inclusive o estigma contra as organizadas que reflete também contra os mais pobres nos estádios, conforme Lopes (2012) - de toda a ordem tão característicos a esse universo.

Na sequência, quando argumenta sobre o que é preciso ser feito, o torcedor observa a necessidade de punição, trazendo à tona o imaginário do Brasil como "país da impunidade". Daniel defende a punição aos envolvidos nas práticas, isentando as organizadas. De fato, a grande maioria dos envolvidos em crimes ocorridos no futebol não termina na penitenciária cumprindo a pena prevista. Segundo Murad (2017), em 2015 e 2016, 97% das transgressões imputáveis ligadas de alguma forma ao futebol não sofreram sanções determinadas pela legislação.

O torcedor também sinaliza o imaginário de grandeza no momento que se auto afirma como integrante da maior torcida organizada de Minas Gerais – dado difícil de se comprovar, já que há outra torcida grande, a Galoucura, ligada ao Atlético, e não se encontra estatísticas atuais a respeito do número de integrantes das organizadas. Quando eleva a Máfia Azul a um panteão em que as outras não estão, concomitantemente Daniel também cria uma maior responsabilidade e importância ao cargo que ocupa, como relata ao informar

[13] Fundador da Mancha Verde, Moacir Bianchi foi assassinado com 22 tiros no dia 2 de março de 2017, em São Paulo. Disponível em: https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/fundador-da-mancha-verde-e-morto-na-zona-norte-de-sao-paulo-com-22-tiros.ghtml. Acesso em: 10 de jan. de 2018.

os encontros com membros de instituições públicas de segurança.

No segundo trecho, é possível notar, por meio de outro saber de crença, o imaginário machista de que "homens não podem demonstrar fraquezas", quando o torcedor diz não temer a violência. Por meio dos subjetivemas, contudo, é visível uma contradição no discurso, uma vez que os advérbios axiológicos "assusta" e "preocupa" reforçam uma sensação de ameaça do enunciador em relação à sua família.

Quanto à patemização, nota-se que o tom do discurso vai mudando, tornando-se mais firme e agressivo, tentando provocar medo no interlocutor, quando o atual mandatário da Máfia Azul assume que fará o que for preciso para "ninguém passar por cima da Máfia Azul". Neste trecho, Daniel Sales explica que torcedor organizado não é santo, uma entidade sagrada do catolicismo, mobilizando o saber de crença de revelação, ligado ao sagrado. O imaginário de santo está relacionado ao "homem puro, caridoso, divino", muito distante, segundo o próprio Daniel, do senso comum que circula sobre os torcedores organizados.

Daniel Sales acaba reafirmando, mesmo que implicitamente, o estereótipo de agressivo, ou pelo menos de pouco pacífico, dos torcedores organizados, em especial quando afirma por três vezes a frase "ninguém passa por cima da gente/Máfia Azul", que soa como recado às torcidas organizadas adversárias ou a qualquer pessoa que seja um obstáculo à torcida. O tom ameaçador com que enuncia evidencia a tentativa de impor respeito e causar temor. Cria-se, assim, o imaginário do "torcedor organizado como violento". Podemos observar também a lógica da masculinidade, conforme Monteiro (2003), do torcedor organizado como viril e destemido.

As imagens de si no discurso sobre a violência

Cada um à sua forma, os torcedores organizados tentam minimizar a temática da violência no futebol. Jean Marc e Daniel Sales explicam as agressões tendo em vista o contexto violento brasileiro. Já Eder Toscanini entende que a Máfia Azul e as organizadas em geral eram muito mais perigosas no passado e que o presente é de relativa tranquilidade.

Os três criam *ethé* centrais de virilidade e agressividade - outras imagens de si também podem ser observadas. Embora os torcedores preguem uma saída pacífica, os próprios avalizam atos agressivos, validando o estereótipo da violência como uma faceta dos torcedores organizados.

Hoje líder da organizada, Daniel Sales se coloca como um protetor da Máfia Azul. Dois trechos que validam esses *ethé*: "Eu faço o melhor para minha torcida"; "ninguém passa por cima da gente, ninguém vai passar por cima da Máfia Azul". Essa última enunciação indica, pelo implícito da situação de comunicação, que, se necessário, Sales impedirá por meio do uso da força que a torcida organizada seja prejudicada, reforçando também as imagens de viril e agressivo.

Já Jean Marc demonstra *ethé* de virilidade e agressividade quando admite que participara das brigas: “Brigava, brigava, na mão, tapa, no máximo uma pedrada”. Mas era um violento ético, que não desrespeitava os princípios das brigas entre as torcidas organizadas (“A gente tinha assim algumas regras, entre aspas”). Apesar de colérico, Francês tenta emplacar uma imagem de piedoso nos confrontos, alguém que de certa forma estava preocupado com o inimigo (“não existia a vontade de matar o cara”; “... caiu, acabou. Ninguém encosta no cara, não”).

Por sua vez, Eder Toscanini se mostra um observador, alguém que analisa os fatos de certa distância, criando, inclusive, uma classificação dos períodos de violência e explicando as mudanças para o trabalho da Polícia Militar. Podemos considerar o *ethos* de viril e agressivo em Toscanini, pois o fundador da Máfia Azul esteve presente em quase todos os momentos da história da organizada e participou de toda essa “guerra” narrada por ele. No seguinte trecho, descreve com riqueza de detalhes como eram as brigas, reafirmando uma imagem de agressividade: “Guerra mesmo, de faca, de revólver, de fuzil, de briga, de guerra mesmo, de matar mesmo”. O fundador da Máfia Azul também se mostrou favorável a uma ação mais truculenta da Polícia Militar em seu discurso (“A polícia tinha que ser mais enérgica como era nos anos 1980, hoje”), demonstrando imagem de violento.

Considerações finais

Através do discurso, os seres a todo tempo dizem “que somos isso, e não aquilo”, como bem cunhou Barthes, citado por Amossy (2005). Pois este é o ‘espírito’ do *ethos*. Apesar das diferenças de gerações entre os três torcedores organizados entrevistados, há uma convergência de pontos de vista em relação à temática abordada. Também foi possível notar que Eder Toscanini, Jean Marc e Daniel Sales possuem *ethé* em comum, inclusive, confirmando alguns estereótipos sociais ligados aos organizados. Embora defendam a paz no futebol, os organizados aprovam ou descrevem atos violentos, criando *ethos* de virilidade e agressividade.

Pela análise, foi possível notar como os efeitos patêmicos, os subjetivemas e os imaginários sociais contribuíram na formação de imagens. Pela patemização, percebemos uma intenção, em alguns momentos, de provocar medo no interlocutor, demonstrando agressividade no discurso.

Já os axiológicos auxiliaram, pois denunciam a posição dos torcedores. Selecionamos alguns que dialogam com o *ethos* que prevaleceu: "guerra", "faca", "revólver", "fuzil", "briga", "matar", “brigava”, “invadia”, “na mão”, “no tapa”, “torcida não tem santo”, “ninguém vai passar por cima da gente”, “ninguém passa por cima da Máfia Azul”.

Em relação aos imaginários sociodiscursivos, observamos que os três torcedores organizados fazem uso da representação de “torcedores organizados como violentos”, reafirmando esse estigma. Alguns imaginários machistas também foram encontrados: “homens resolvem as coisas nas mãos” e “homens não podem demonstrar franquezas”.

Dentre as particularidades que chamaram atenção, Eder Toscanini evoca o imaginário de "direitos humanos como proteção para bandidos"; Daniel Sales traz a ideia de "Brasil como país da impunidade" e Jean Marc, do "país de forte desigualdade". São indícios de como os três observam a sociedade brasileira para além do futebol.

Por fim, por meio da análise deste corpus, podemos observar os imaginários, as marcas discursivas, as crenças e os valores que atravessam o ato de fala de três gerações de líderes da torcida Máfia Azul. Esta é uma pequena contribuição, que abrange três torcedores de gerações diferentes, que, de certa forma, representam a visão de mundo de muitos organizados do passado e do presente.

Artigo recebido em 28 fev. 2018.

Aprovado para publicação em 04 jun. 2018.

Referências

AMOSSY, Ruth. (Org). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos.* São Paulo: Contexto, 2005.

ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea.* Rio de Janeiro, EDUERJ, 2010.

BANDEIRA, Gustavo Andrada. Eu canto, bebo e brigo... alegria do meu coração: currículo de masculinidades nos estádios de futebol. 209. 126f. Dissertação (Mestrado em Educação) Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

BOGDAN, Roberto C.; BIKLEN, Sari Knopp. *Investigação qualitativa em educação.* Tradução Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Porto: Porto Editora, 1994.

CHARAUDEAU, Patrick. *Langage et discours*. Paris, Hachette, 1983.

CHARAUDEAU, Patrick. A patemização na televisão como estratégia de autenticidade. In: MENDES, Emília; MACHADO, Ida Lúcia (Orgs.). *As emoções no discurso*. 1. ed. Campinas: Mercado das Letras, 2010, vol. 2, p. 23-56.

CHARAUDEAU, Patrick. *Les stéréotypes, c'est bien. Les imaginaires, c'est mieux. In: Boyer H. (dir.) Stéréotypage, stéréotypes: fonctionnements ordinaires et mises en scène. Paris:L'Harmattan*, 2007.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. *A busca da excitação*. Lisboa, DIFEL, 1992.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. *La enunciación – de la subjetividad em el lenguaje*. Buenos Aires: Edicial S.A., 1997.

LOPES, Felipe Tavares Paes. Discursos sobre violência envolvendo torcedores de futebol: ideologia e crítica na construção de um problema social. 2012. 192f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: http://goo.gl/KfyqE5. Acesso em: 26 out. 2017.

MAINGUENEAU, Dominique. A propósito do *ethos*. In: MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana (Orgs.). *Ethos discursivo*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 11-25.

MASCARENHAS, Gilmar. Um jogo decisivo, mas que não termina: a disputa pelo sentido da cidade nos estádios de futebol. Cidades, v. 10, n. 17, p.142-70, 2013. Disponível em: http://revista.fct.unesp.br/index.php/revistacidades/article/view/3238. Acesso em: 08 fev. 2017.

MONTEIRO, Rodrigo de Araújo. *Torcer, lutar ao inimigo massacrar: Raça Rubro-Negra! Uma etnografia sobre futebol, masculinidade e violência*. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

MURAD, Mauricio. *A violência no futebol*. São Paulo: Benvirá, 2017.

PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. *Torcidas organizadas de futebol: violência e auto-afirmação, aspectos da construção de novas relações sociais.* Taubaté: Vogal, 1997.

PRAÇA, Gibson Moreira; SILVA, Sílvio Ricardo da. As torcidas organizadas de Belo Horizonte e suas manifestações. In: ENCONTRO NACIONAL DE RECREAÇÃO E LAZER, 21., 2009, São José, SC. Anais... São José, SC, 2009. Disponível em: https://goo.gl/rxZ5js. Acesso em: 26 out. 2017.

TOLEDO, Luiz Henrique. *Torcidas organizadas de futebol*. Campinas: Autores Associados: Anpocs, 1996.

Novos “sujeitos-torcedorxs”: trajetórias e estratégias de visibilidade da Galo Queer, Bambi Tricolor e Palmeiras Livre

Mauricio Rodrigues Pinto[1]
Marco Bettine de Almeida[2]

New "subject-fans": trajectories and strategies of visibility of Galo Queer, Bambi Tricolor and Palmeiras Livre

http://dx.doi.org/0.12660/rm.v9n14.2018.73996

[1] Mestre pelo Programa Mudança Social e Participação Política pela USP. Graduado em História pela Universidade de São Paulo (USP), com especialização em Sociopsicologia pela FESPSP. E-mail: maorodrigues9@gmail.com

[2] Professor Associado da USP na Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH-USP). Professor do Programa Interdisciplinar de Pós-graduação em Mudança Social e Participação Política. E-mail: marcobettine@gmail.com

Resumo:

A proposta deste artigo é investigar as trajetórias de movimentos de torcedorxs contemporâneos que se posicionam politicamente contrários à homofobia e à misoginia no futebol brasileiro. Por meio do acompanhamento de suas interações na rede social Facebook e também a partir de relatos obtidos em entrevistas de história oral com seus integrantes, são analisadas as trajetórias da Galo *Queer* (formada por torcedorxs do Clube Atlético Mineiro), Bambi Tricolor (que reúne torcedorxs do São Paulo Futebol Clube) e Palmeiras Livre (coletivo de torcedorxs da Sociedade Esportiva Palmeiras) e algumas de suas estratégias de visibilidade.

Palavras-chave: futebol; homofobia; machismo; torcidas *queer*; facebook.

Abstract:

The purpose of this article is to investigate the trajectories of movements of contemporary fans who are politically opposed to homophobia and misogyny in Brazilian soccer. Through the monitoring of their interactions in the social networking site Facebook and also from reports obtained in oral history interviews with their members, it'll be analyzed the trajectories of Galo Queer (formed by fans of Clube Atlético Mineiro), Bambi Tricolor (that unites supporters of the São Paulo Futebol Clube) and Palmeiras Livre (a collective of fans from the Sociedade Esportiva Palmeiras) and their strategies of visibility.

Keywords: football; homophobia; male chauvinism; queer football supporters, facebook.

Introdução

> Está muito equivocado quem, indivíduo ou organização, acredita deter o monopólio da paixão e do modo certo de torcer por um clube. Nós temos muita vontade de ver e exibir cartazes, faixas, bandeiras com mensagens afirmativas à causa LGBT nas arquibancadas, e não necessariamente como uma torcida organizada. Como torcida, simplesmente. Todo o fundamento de manter uma campanha anti-homofobia, afinal, é essa: conquistar mais liberdade, mais espaço pra diversidade, diluir a naturalidade com que o preconceito se manifesta ali, de modo geral (Extraído de postagem da Bambi Tricolor, de 22/10/2013)[1].

Trinta anos após o fim da Coligay[2], a primeira e única torcida declaradamente gay a marcar presença nas arquibancadas dos estádios brasileiros, inicia-se em 2013 uma nova movimentação envolvendo torcedoras e torcedores de alguns dos principais times de futebol do Brasil, novamente questionando a norma de que o futebol é um jogo exclusivo "pra machos". Esses movimentos, que se apresentam à época como torcidas livres e *queer*, construíram a sua visibilidade por meio de páginas no site de rede social Facebook[3]. Além de espaços de exaltação ao time "de coração", também se constituíram em canais de produção e divulgação de conteúdos que visavam desnaturalizar as ofensas e as violências misógina e homofóbica que são reiteradas no campo futebolístico, e, questionar o lugar de abjeção ao qual são usualmente relegadas as mulheres e as pessoas LGBT[4].

Neste artigo, trataremos das trajetórias e das estratégias de visibilidade adotadas por Galo *Queer*, a Bambi Tricolor e o Palmeiras Livre, por meio de análises das suas práticas discursivas e interações expressas no ciberespaço, como também pelos relatos de integrantes desses movimentos. É possível afirmar que integrantes desses movimentos buscam para si o reconhecimento como *sujeitos-torcedorxs*[5], na medida em que combinam a

[1] Disponível em: https://www.facebook.com/BambiTricolor/photos/a.456985997715246.1073741828.456955007718345/540855135994998. Acesso em: 01/10/2017.

[2] A Coligay foi uma torcida do Grêmio Foot Ball Porto Alegrense (RS), que existiu entre os anos de 1977 e 1983. Criada por Volmar Santos, na época dono da boate gay Coliseu, localizada em Porto Alegre, é reconhecida como a primeira e única torcida gay a marcar presença nas arquibancadas dos estádios brasileiros.

[3] O Facebook (originalmente, thefacebook) é um site de rede social criado por Mark Zuckerberg em 2004, enquanto este era aluno da Universidade de Harvard. Atualmente, o Facebook é o maior site de rede social do planeta, tendo quase 2 bilhões de usuários ativos em todo mundo.

[4] LGBT é a sigla de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Trangêneros. No Brasil, a alteração do termo GLBT em favor de LGBT foi aprovada na 1ª Conferência Nacional GLBT, realizada em Brasília, em 2008, com o propósito de valorizar as lésbicas no contexto da diversidade sexual e também de aproximar o termo brasileiro com o termo predominante em várias outras culturas.

[5] É deliberada a opção pelo uso da linguagem não-binária em "torcedorxs" para se referir aos integrantes dos movimentos e coletivos contrários ao machismo e à homofobia no futebol no decorrer deste artigo. Trata-se de

paixão e a torcida pelo time de coração com o ativismo político. A partir de práticas discursivas, em suas respectivas páginas no Facebook, que questionam a norma que estabelece uma masculinidade hegemônica, cisgênera e heterossexual, como o modelo que os atores participantes do campo futebolístico devem se adequar, a ponto de se tornar comum a expressão de que futebol no Brasil é um "jogo pra macho".

Para Butler (2016), as normas reguladoras, em um determinado contexto, produzem indivíduos que são reconhecidos como *sujeitos* e também os não sujeitos (seres abjetos, inadequados perante a norma regulatória). Estes movimentos de torcedorxs reivindicam também ser reconhecidos como sujeitos pelo campo futebolístico, mas não pelo enquadramento à masculinidade hegemônica[6] que se consolidou no futebol brasileiro, mas pelo rompimento e a desconstrução dessa norma. No entanto, conforme será discutido adiante, tal posicionamento faz com que esses movimentos de torcedorxs encontrem grande resistência e rejeição, muitas vezes expressas na forma de ofensas públicas nas páginas que mantêm e também por meio de atos de intimidação aos seus integrantes, fazendo com que as pessoas ligadas a esses movimentos não se sintam seguras para realizarem a ocupação de espaços nas arquibancadas ou mesmo para promoverem reuniões em locais públicos.

Para aprofundar o entendimento sobre o surgimento e a atuação desses grupos, além da análise das postagens no Facebook, serão utilizados relatos de integrantes desses movimentos, obtidos por meio de entrevistas de história oral temáticas[7] (MEIHY, 1994). As entrevistas foram importantes para aprofundar o entendimento sobre as motivações que levaram essas pessoas a criarem e/ou a fazerem parte dessas comunidades virtuais, além de possibilitar conhecer os seus pontos de vista sobre o ativismo que realizam e as reações que despertaram no campo futebolístico.

Trajetórias das torcidas livres e *queer*: o torcedor como forma de ativismo político

uma forma de resaltar o posicionamento político desses grupos contrário à norma que naturaliza homens cisgêneros e heterossexuais como os legítimos "torcedores" do futebol.

[6] "As masculinidades hegemônicas podem ser construídas de forma que não correspondam verdadeiramente à vida de nenhum homem real. Mesmo assim esses modelos expressam, em vários sentidos, ideais, fantasias e desejos muito difundidos. Eles oferecem modelos de relações com as mulheres e soluções aos problemas das relações de gênero. Ademais, eles se articulam livremente com a constituição prática das masculinidades como formas de viver as circunstâncias locais cotidianas. Na medida em que fazem isso, contribuem para a hegemonia na ordem de gênero societal". (CONNELL; MESSERCHIMIDT, 2013, p. 253).

[7] As entrevistas fizeram parte do projeto "Pelo Direito de Torcer, realizado em com o Museu do Futebol e o Centro de Referência do Futebol Brasileiro (CRFB), que tem como objetivo "mapear grupos e movimentos de torcedorxs contrários à norma de que o futebol é jogo 'pra macho', assim como de conhecer as suas vivências, discursos e embates com o campo futebolístico"[7] (PINTO; BONFIM, 2017, p. 10). Neste artigo, são aproveitados relatos das seguintes entrevistas: Thaís Nozue e Erick Miyasato (Palmeiras Livre), em 18/11/2016; Nathália Duarte (Galo Queer), em 15/02/2017. Não foi possível a realização de entrevista com integrante da Bambi Tricolor. As transcrições das entrevistas na íntegra estão disponíveis no banco de dados online do CRFB em: http://dados.museudofutebol.org.br.

Durante uma partida do Atlético Mineiro válida pela Libertadores da América, em 2013 – que viria a ser conquistada pelo Galo –, a atleticana Nathalia experimentou uma sensação de grande incômodo diante de uma situação aparentemente tão comum e natural para a grande maioria dos presentes naquele jogo disputado no Estádio Independência, em Belo Horizonte. Na ocasião, acompanhada de amigos, ela via a torcida do Galo entoar cantos e gritos homofóbicos contra os torcedores do Arsenal de Sarandi, time da Argentina. O estranhamento e a desnaturalização da carga de violência presente nos cantos e gritos dirigidos ao adversário, somada à vivência de ser mulher em um espaço de sociabilidade predominantemente masculino, foram determinantes para que, em 09/04/2013, ela decidisse criar a página da Galo *Queer*[8] no site Facebook, primeira comunidade a se apresentar como torcida *queer*:

> Tem dois momentos que ficaram mais gravados. Um deles, em um jogo contra o Arsenal (ARG), pela Libertadores, e aí o estádio inteiro começou a gritar "Maricón!" para o outro time. Eu sabia que essas coisas aconteciam, mas me chocou um pouco a violência das pessoas ao dizerem isso, como se fosse uma coisa realmente muito ofensiva e o que me chocou mais foi o fato dos meus amigos terem participado. Fiz questão de sentar para não participar daquilo, e eu olhava em volta e não tinha ninguém que estava achando aquilo minimamente estranho. Aí teve um dia que estava no bar, com os amigos, eu falei: "Fiquei com vontade de criar esse movimento." As pessoas da mesa ficaram escutando. "Ah, legal...", mas ninguém botou muita fé e nem se dispôs a fazer junto. "Bom, vou fazer sozinha, então". Hoje em dia é relativamente fácil, porque no Facebook, você simplesmente cria uma página, a coisa existe. E aí eu fiz a página e achei legal a ideia do *queer*, porque a minha ideia não era fazer uma torcida gay, por exemplo, ou só um movimento contra a homofobia, mas eu queria abordar a questão das mulheres também, mesmo heterossexuais. Q*ueer* era um nome abrangente, além de sonoro e foi daí que surgiu. Eu inocentemente criei a página e divulguei no meu perfil, para os meus amigos. Falei assim: "Ah, umas 100 pessoas vão curtir, vão achar legal e é isso mesmo". Criei a página, fui dormir, de repente, quando acordei era ligação de todos os jornais querendo falar comigo, já tinha 1000 pessoas curtindo, e 1000 pessoas me escrevendo, querendo falar, querendo participar... Foi uma loucura! E ao mesmo tempo, as outras torcidas foram surgindo, acho que 48 horas depois já havia umas cinco torcidas de outros times e foi só aumentando. Foi uma reação muito desproporcional, muito maior do que eu imaginava...[9] (Nathalia, Galo *Queer*).

[8] Comunidade criada em 09/04/2013. O texto de apresentação da página da Galo Queer é o seguinte: "Galo Queer é o movimento anti-homofobia e antissexismo no futebol dos torcedores do Clube Atlético Mineiro, vulgo Galo Doido. Porque paixão pelo Galo não tem nada a ver com intolerância". A página possui 2035 curtidas (dado de 26/06/2017). Endereço da página: https://www.facebook.com/Galo-Queer-941232029242434/.

[9] Dentre as reportagens realizadas após a criação da Galo Queer, cito matéria postada no site ESPN.com.br, intitulada "A corajosa 'Galo Queer': cientista social funda movimento anti-homofobia na torcida do Atlético-MG", de 11/04/2013. Disponível em: http://espn.uol.com.br/noticia/322413_a-corajosa-galo-queer-cientista-

A alusão ao *queer* presente na fala de Nathalia é importante para a compreensão do caráter contestatório dos grupos de torcedorxs que começaram a se articular e aparecer por meio de comunidades no Facebook. A palavra *queer*, cujo significado original na língua inglesa corresponde a "estranho", "excêntrico", adquiriu conotação de xingamento, injúria dirigida especialmente contra a população homossexual nos Estados Unidos, principalmente por causa da crise social provocada pela epidemia de HIV/Aids, no início da década de 1980.

No final da década de 1980 e início da década de 1990, o termo foi apropriado por coletivos formados pela militância homossexual, pessoas portadoras de HIV, lésbicas, trabalhadores do sexo e profissionais de saúde, amigos e familiares de homossexuais, dando forma a *Queer Nation*, constituída pela "parte da nação que foi rejeitada, humilhada, considerada abjeta, motivo de desprezo e nojo, medo de contaminação" (MISKOLCI, 2013, p. 24). A apropriação feita pela *Queer Nation* teve o objetivo de deslocar e ressignificar a conotação ofensiva que era até então atribuída à palavra.

De acordo com a fala de Nathalia, a proposta da Galo *Queer* não era a de ser uma torcida gay buscando a sua aceitação em um meio homofóbico e misógino, nem mesmo resumia-se a ser "só um movimento contra a homofobia", maneiras pelas quais muitas pessoas interpretaram (e ainda interpretam) o movimento. MISKOLCI (2013), ao analisar a dimensão política do ativismo *queer*, afirma que este "não é uma defesa da homossexualidade, é a recusa dos valores morais violentos que instituem e fazem valer a linha da abjeção, essa fronteira rígida entre os que são socialmente aceitos e os que são relegados à humilhação e ao desprezo coletivo" (MISKOLCI, 2013, p. 25).

Nos dias seguintes à criação da Galo *Queer*, outras comunidades similares a ela surgiram no Facebook. Uma delas foi a página do hoje coletivo Palmeiras Livre[10], resultado da articulação de um grupo de palmeirenses de diferentes partes do Brasil. Thaís, uma das moderadoras da comunidade, relata a inspiração na Galo *Queer* e explica como se deu a constituição da Palmeiras Livre, falando também sobre o que a motivou a fazer parte do grupo que faz a moderação dos conteúdos postados:

> É engraçado que o coletivo nasceu com dois membros de São Paulo e o resto de fora. Porque tinha a Ligy, a Ana e a Lorraine, todas do Norte do país, e depois entrou o William, que também morava em João Pessoa, não estava em São Paulo ainda. Só tinha o Felipe e eu de São Paulo, e a Amara,

social-funda-movimento-anti-homofobia-na-torcida-do-atletico-mg. Acesso em 27/09/2016. Outra matéria, de 24/04/2013, já tratando das outras páginas que seguiram o exemplo da Galo Queer, foi publicada pelo portal da Empresa Brasileira de Comunicação (EBC), com o título "Torcidas organizadas gays usam redes sociais para enfrentar preconceito no futebol". Disponível em: http://www.ebc.com.br/esportes/2013/04/torcidas-organizadas-gays-usam-redes-sociais-para-enfrentar-preconceito-no-futebol. Acesso em 31/05/2016.

[10] Página criada em 12/04/2013. Apresenta-se como: "Movimento anti-homo e transfobia, contra o racismo e todo tipo de sexismo (os machismos e misoginias em especial), destinado à torcida que mais canta e vibra. Porque paixão pelo Palmeiras não tem nada a ver com intolerância". A comunidade conta com 7429 curtidas (dado de 26/06/2017). Endereço da página: https://www.facebook.com/PalmeirasLivre.

> que era de Campinas, e depois saiu. Era uma coisa super espalhada. Eu vi crescer a questão do Galo *Queer* e, de repente, alguém dentro da página comentou alguma coisa e colocou que existia a Palmeiras Livre. Eu falei: "Nossa, que legal, vou lá". Eu vi que existia e era para as pessoas colaborarem. Eu já mandei mensagem no inbox e me envolvi. Acho que na primeira semana de fundação da página já estava envolvida e comecei a fazer as coisas. (Thaís, Palmeiras Livre).

A sua fala ajuda também a compreender como se dá articulação de grupos que fazem ativismo político nas redes sociais virtuais. Apesar das páginas serem acompanhadas e curtidas por milhares de pessoas, esses coletivos e movimentos são majoritariamente constituídos por um núcleo atuante reduzido, formado por pessoas com faixa etária predominante entre os 20 e 35 anos, público que mais se apropria das redes sociais digitais com fins de participação em movimentos políticos e sociais (OMENA, 2015).

No caso do Palmeiras Livre, apesar da distância física, a reunião do grupo inicial que criou a página no Facebook foi viabilizada pelo acesso a um mesmo site de rede social e por laços sociais em comum. Dentre eles, a paixão e a torcida pelo Palmeiras combinadas ao posicionamento político contrário à homofobia e ao machismo e ao sentimento de que era preciso fazer algo para enfrentar tais violências no futebol. Segundo RECUERO (2009, p. 44), "a comunicação mediada por computador apresentou às pessoas formas de manter laços sociais fortes, mesmo separadas a grandes distâncias (...). Essa desterritorialização dos laços é consequência direta da criação de novos espaços de interação".

No dia 14/04/2013, era lançada a página da Bambi Tricolor[11]. O próprio nome do movimento – que faz referência ao "apelido"[12] rejeitado pelos são paulinos e que se tornou a principal ofensa usada por torcedores adversários para referirem-se ao São Paulo –, mostra um alinhamento de seus integrantes ao ativismo *queer*, por meio da apropriação e positivação de um termo que tem conotação de ofensa homofóbica. Ao fazer tal ressignificação, o propósito foi o de questionar porque ser "bambi" (ou ser associado à homossexualidade) tem de ser encarado como uma ofensa ou um estigma abjeto. Aline, uma

[11] A Bambi Tricolor tem o seguinte texto de apresentação: "Paixão pelo futebol, amor ao clube e até rivalidade entre adversários não tem nada a ver com homofobia. Se, até agora, Bambi foi um apelido usado para discriminar, por que não adotá-lo com orgulho e desarmar o preconceito? Pelo SPFC livre". Comunidade que conta com 3674 curtidas (dado de 01/08/2017). Endereço da página: https://www.facebook.com/BambiTricolor/.

[12] "Bambi" é um termo que faz referência ao cervo que dá nome a um filme produzido pelos estúdios Disney, na década de 1940. Atribui-se ao ex-jogador corinthiano Vampeta, a popularização do termo, no início da década de 2000. Durante uma coletiva de imprensa, o jogador revelou o "apelido" que usava para provocar os seus amigos que, à época, jogavam pelo São Paulo: "O Corinthians tem o gambá, o Santos tem a baleia, o Palmeiras tem o porco e o São Paulo precisava adotar um animal de estimação. Essa história do bambi já existia e eu só acordei o gigante adormecido". Fala extraída da matéria "Ídolo no Corinthians, Vampeta explica o apelido de 'bambi' que deu para o São Paulo". Disponível em: http://torcedores.uol.com.br/noticias/2016/11/idolo-no-corinthians-vampeta-explica-o-apelido-de-bambi-que-deu-para-o-sao-paulo. Acesso em 02/05/2017.

das criadoras e principal interlocutora da página, reafirma esse propósito ao comentar o porquê da escolha pelo “Bambi Tricolor”:

> Quando nós dizemos "vamos assumir o Bambi" pensando em mudar os termos dessa discussão, quando dizemos que o estigma da homossexualidade não pode, em si, ser recebido como ofensa por mais que seja formulado e proferido como tal, somos acusados de todo o tipo de coisa, que vai de ingenuidade, a estupidez, a sermos rivais humilhando e desrespeitando o clube. Uma das coisas que nos foram ditas é que se tivéssemos escolhido o nome SPFC Livre, nós receberíamos mais apoio e adesões. O que, para nós, aponta a ambiguidade da situação dos são-paulinos diante da homofobia. Como defender a causa LGBT sem "piorar" o estigma de sermos uma torcida gay, ou torcedores de um time gay? A própria configuração desse "impasse" já expõe o quanto nós, como sociedade, não temos clareza sobre o problema, e quão naturalizada é a homofobia[13].

O surgimento dessas comunidades está inserido no contexto político brasileiro de 2013, ano marcado por forte efervescência política e por manifestações e protestos em diversas partes do país, que culminaram nas “jornadas de junho”. Essas manifestações inicialmente estavam focadas na questão do transporte público urbano e do direito à cidade. A adesão de grande contingente popular fez com que os protestos passassem também a enfocar outros problemas sociais do país, abarcando também o futebol, principalmente por conta dos elevados gastos públicos na construção de estádios e da infraestrutura para a realização da Copa das Confederações, em 2013, e da Copa do Mundo de Futebol Masculino, em 2014:

> As manifestações ganharam conotação popular à medida que apareceram as palavras de ordem contra os gastos com a Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas de 2016, sobretudo nos locais em que ocorreram os jogos da Copa das Confederações. O chamado "branqueamento" dos modernos templos do futebol construídos para 2014, (...) parece ter ocasionado uma justificada revolta nos "de baixo". Com a crítica aos dispêndios para o calendário esportivo, entrava em cena uma segunda bandeira de esquerda, após a da redução das tarifas. Afinal, o que está em jogo é a destinação de dinheiro público para construir estádios luxuosos e rendosos em termos de negócios, mas depois pouco úteis, em um país onde os pobres não têm esgoto, atendimento médico, transporte aceitável, segurança pública e, agora, para cúmulo da ironia, passaram a ser excluídos também do próprio futebol (SINGER, 2013).

[13] Entrevista concedida para o blog “Futepoca: Futebol, Cachaça e Política”. Disponível em: http://www.futepoca.com.br/2013/08/bambi-tricolor-em-questoes-que-envolvem.html. Acesso em 26/08/2017.

Muitas dessas manifestações e protestos públicos tiveram como grande diferencial as articulações realizadas através de sites e aplicativos de rede social, sendo que muitos atos foram convocados pelo Facebook. A internet e as redes sociais virtuais possibilitaram a um grande contingente de pessoas expressarem diretamente as suas insatisfações e posicionamentos políticos, constituindo-se em canais potentes para a "disseminação de descontentamentos compartilhados pela maioria da população dos grandes centros urbanos" (OMENA, 2015, p. 210-211).

As falas a seguir de Nathalia e Thaís ajudam a compreender a relação desses torcedorxs e das páginas recém-criadas com esse contexto de efervescência política, no qual o futebol constituiu-se em um potente espaço de debates e de questionamentos políticos. Evidenciam também os seus processos de formação política, exteriores ao futebol, provenientes de experiências em outros movimentos políticos e sociais, especialmente ativismos em defesa da igualdade de gênero e dos direitos da população LGBT. Nas falas de ambas, fica explícita a intenção deliberada de levar essa bagagem de ativismos políticos para o futebol:

> Foi uma época em que eu estava numa fase de ativismo político muito forte. Em 2013, quando eu criei a Galo *Queer*, eu voltei de um intercambio na Alemanha, muito engajada, participava de coletivos feministas e entrei num coletivo de mobilidade urbana, o Tarifa Zero, estava muito em contato com todos os movimentos políticos da cidade [Belo Horizonte], então, nessa época tava todo mundo imerso, 2013 foi muito intenso. Por algumas semanas a vida era só aquilo, havia uma variedade grande de pautas ainda ali, nas manifestações, a gente não sabia direito o que era aquilo. Politicamente foi um momento intenso, porque eu entrei em contato com o feminismo de forma mais forte. Foi na Alemanha que comecei a estudar gênero e conheci pessoas que eram muito ativas politicamente também. Isso formou muito a minha visão. Na época eu estava com os óculos do gênero total, só via isso, só conversava sobre isso. Quando eu voltei ao Brasil e fui ao estádio, foi muito violento para mim, estando com esse olhar (Nathalia, Galo *Queer*).
>
> 2013 foi um ano em que aconteceram várias coisas. Nosso coletivo nasceu em abril, antes das jornadas de junho. Mas no ano anterior eu já tinha participado muito de movimentos políticos abordando questões de gênero. Aí eu vi a oportunidade de somar as duas coisas, ainda mais porque o Palmeiras tinha sido campeão e rebaixado. Eu vi a oportunidade de juntar as duas coisas. Porque o futebol está ligado com as pessoas, a sociedade e a política. Eu entrei, achei a ideia super bacana. Ela foi amadurecendo e até hoje ela vem se transformando. Não me puseram condição nenhuma. Não é um compromisso que eu tenho que postar tantas coisas por dia ou por

> semana. É só mesmo envolvimento e a vontade mesmo de mudar, de transformar alguma coisa, de fazer as pessoas refletirem um pouco, se apropriarem do espaço da rua, entenderem um pouco de política. (Thaís, Palmeiras Livre).

Estratégias de visibilidade e as resistências do campo futebolístico

O episódio do selinho dado pelo jogador Émerson Sheik[14], em agosto de 2013, contribuiu para impulsionar a visibilidade dos movimentos de torcedorxs contrários ao machismo e à homofobia para além das redes sociais. Todos eles, à época, se posicionaram acerca do assunto e repercutiram também os seus desdobramentos. A partir da repercussão do episódio e da discussão instalada sobre a homofobia no futebol, diversas reportagens foram realizadas por veículos de comunicação da grande mídia (das mídias impressa e eletrônica e também por canais de televisão) e integrantes desses movimentos passaram a ser reconhecidos como interlocutores desse debate no futebol.

Em reportagem da revista Placar[15], de setembro de 2013, fica explícito também o esforço mobilizado por atores estabelecidos do campo futebolístico em rejeitar o compartilhamento de uma identidade torcedora com esses "sujeitos-torcedorxs". Ao ser convidado a opinar sobre a Bambi Tricolor, um diretor da torcida organizada Independente disse: "Essa torcida não existe, chapa! Não significa nada para nós". A resposta dada pela Bambi Tricolor, em postagem feita dias depois, buscou mostrar que o esforço feito em ignorar a existência do movimento era, na verdade, uma demonstração do incômodo com a visibilidade recente alcançada pela Bambi Tricolor:

> Ousamos acreditar que esta declaração diz exatamente o que não quer dizer: que a Bambi Tricolor tanto existe como significa algo, e que essa existência, como seu significado, exigem um esforço tremendo para serem ignorados - daí a quantidade de ofensas e ameaças de agressão física e até morte que recebemos, constantemente. Quanto mais resistente uma sociedade se mostra aos discursos combativos do preconceito e da

[14] No dia 18 de agosto de 2013, o jogador de futebol Emerson Sheik, à época atacante do Corinthians, postou uma foto na sua página pessoal na rede social Instagram, na qual dava um selinho em um amigo. A foto era acompanhada da seguinte mensagem: "Tem que ser muito valente para celebrar a amizade sem medo do que os preconceituosos vão dizer. Tem que ser muito livre para comemorar uma vitória assim, de cara limpa, com um amigo que te apoia sempre...". O episódio foi repercutido na reportagem "Sheik comemora vitória do Corinthians com selinho em amigo", feita pelo portal Uol Esportes. Disponível em: http://uolesporte.blogosfera.uol.com.br/2013/08/19/sheik-comemora-vitoria-do-corinthians- com-selinho-em-amigo/. Acesso em 10/10/2014.

[15] "Porta da Esperança: O selinho de Sheik poderia ser um marco para encorajar jogadores a saírem do armário, mas só reforçou a homofobia no futebol". Revista Placar, n° 1382, setembro/2013, p. 31-36.

> violência, mais esses discursos se mostram necessários e precisos em sua crítica[16].

É recorrente que esses movimentos e coletivos tenham a sua prática torcedora questionada e sejam inferiorizados por ditos "torcedores de verdade". Em razão disso, estes também se preocupam em fazer postagens nas quais explicitam a paixão pelo time, acompanham e comentam o seu desempenho em partidas e competições disputadas, dessa forma buscando mostrar o engajamento pelos times que torcem.

No caso da página da Palmeiras Livre, por exemplo, a estratégia de fazer postagens sobre as atuações, o desempenho do time e abordar episódios e personagens importantes da história do clube, além de mostrar que se trata de um coletivo feito por torcedorxs do Palmeiras, visa também estabelecer diálogo com uma gama maior de pessoas que gostam de futebol (especialmente palmeirenses), abrindo a possibilidade para que elas pensem nas questões políticas implicadas no futebol:

> Eu entrei para o coletivo com umas propostas. "Ah, vamos colocar algum texto aí sobre o Palmeiras, algumas curiosidades históricas aí do time. É aniversário da Arrancada Heróica, vamos botar um texto sobre a Arrancada Heróica". Porque essa foto vai ser compartilhada, alguém vai chegar nessa foto. "Ah, é alguma coisa do Palmeiras". Ela vai ler e tomar conhecimento da página e das ideias que a gente defende e falar: "Nossa, tem uma página aqui que é diferente, vou dar uma olhada, vou chegar mais", "Nossa, existem torcedores que pensam assim? Que legal!". Eu acho que a coisa boa da internet é isso, ela é um canal. A gente está ali, é uma galera que existe. Se não está presente no espaço físico do futebol, então esteja presente na internet, porque essas pessoas existem, elas estão aí, só não podem circular pela arquibancada livremente por uma série de questões (Erick, Palmeiras Livre).

Além da apropriação da identidade "torcedorxs", outra estratégia que fez com que esses movimentos ganhassem visibilidade e firmassem o seu posicionamento político de questionamento à ideia do futebol como um reduto masculino, cisgênero e heterossexual, foi a vinculação de referências e símbolos dos movimentos LGBT e da diversidade de gênero e sexual aos símbolos, escudos, cores e nomes dos seus respectivos times. No entanto, como exposto anteriormente, no caso da apropriação do "bambi" pela Bambi Tricolor, as transgressões dos símbolos dos clubes feitas por esses movimentos encontraram forte

[16] Extraído de postagem da comunidade Bambi Tricolor, de 22/10/2013, que recebeu 97 curtidas, 14 comentários e 16 compartilhamentos. Disponível em: https://www.facebook.com/BambiTricolor/photos/a.456985997715246.1073741828.456955007718345/540855135994998/. Acesso em 30/09/2017.

rejeição. Para FRANCO JUNIOR (2007, p. 216), tal reação pode ser explicada pelo fato de que o “escudo é praticamente a síntese material do clube, sua corporificação, daí a atenção e tensão maior de que é cercado”.

A fala de Nathalia mostra como o fato de colorir o escudo do Atlético com as cores do arco-íris – fazendo referência à bandeira do movimento LGBT – e usá-lo como identidade visual da Galo *Queer*, ao mesmo tempo que contribuiu para a visibilidade do movimento, criou tensões e questionamentos até por pessoas que se declaravam favoráveis à diversidade sexual e sem preconceitos. Tal fato evidencia uma resistência de que tal debate seja realizado no futebol e o temor de que a visibilidade de tais ações faça com que um time fique marcado pelo mesmo “estigma” que recaiu, por exemplo, sobre o São Paulo:

> Eu muito inocentemente peguei o escudo do Galo e pensei: “Bem, vou colorir o escudo”. E isso deu uma polêmica que talvez tenha sido maior do que a própria criação do movimento. Várias pessoas falaram: “Sim, eu apoio o movimento, mas isso de subverter o escudo do Galo, isso aí é imperdoável, isso aí não pode...” Nossa, foi uma loucura! A maioria das ameaças e dos xingamentos eram mensagens para página ou *posts* na própria página – depois a gente desativou a possibilidade das pessoas publicarem lá por causa disso, porque era uma chuva de xingamentos. Mas tinha amigos também, que vinham falar comigo na linha do: “Ah, eu acho legal, mas pera aí...”, principalmente em relação a essa coisa do escudo. Na época, eu lembro que a coisa estava tão insana, que outras pessoas já tinham me procurado, querendo fazer parte do grupo. Aí surgiu essa ideia de fazer uma enquete na página e se as pessoas não quisessem, a gente trocava. Um dos meus amigos que estava no grupo era *designer*, e depois que as pessoas realmente rejeitaram o escudo colorido, ele fez uma logo bonitinha, que é que tá atualmente... Foram alguns dias de muito muito assédio, de pessoas vindo falar comigo o tempo inteiro. As ameaças eram feitas 99% por homens e atleticanos. A gente recebia muito e, as vezes, ainda recebe mensagens falando que aquilo é coisa de cruzeirense: “Isso aí é coisa de “maria” pra sujar o nosso nome” (Nathália, Galo *Queer*).



Figura 1 – Primeira versão da página Galo Queer, com o escudo do Atlético Mineiro colorido
Fonte: Nathalia Duarte



Figura 2 – Identidade visual que substituiu a primeira identidade visual da Galo *Queer*
Fonte: Galo Queer (Facebook) [17]

[17]https://www.facebook.com/941232029242434/photos/a.941240279241609.1073741825.941232029242434/941240292574941/?type=1&theater . Postagem de 03/05/2015. Acesso em 20/05/2017.



Figura 3 – Identidade visual atual da página Bambi Tricolor
Fonte: Bambi Tricolor (Facebook)[18]



Figura 4 – Identidade visual do Palmeiras Livre, que faz referência aos símbolos dos movimentos LGBT, feminista, negro e transexual.
Fonte: Palmeiras Livre (Facebook) [19]

[18]https://www.facebook.com/BambiTricolor/photos/a.456957987718047.1073741825.456955007718345/648296975250813/?type=1&theater. Postagem de 07/12/2016. Acesso em 20/05/2017.

A rejeição e os discursos de ódio contrários à existência desses movimentos de torcedorxs que questionam e denunciam o machismo e a homofobia recorrentes no futebol brasileiro, são manifestadas por pessoas que agem como *haters*[20] nas redes sociais. Para AMARAL e COIMBRA (2015, p. 300), o "comportamento sexual disruptivo é o alvo predileto do ataque dos *haters*, principalmente quando estes fogem dos padrões tidos como 'morais' por um determinado grupo social". Abaixo transcrevo alguns comentários públicos em resposta a postagens das páginas Palmeiras Livre, Galo *Queer* e Bambi Tricolor:

> Que algumas páginas Palmeirense (sem citar nomes das tais páginas) não queria confudir [sic] o que acontece na Europa (Inglaterra) com o que acontece aqui... Nossa cultura é muito diferente, nosso estilo de ver futebol é diferente, nosso jeito de torcer é diferente... Não queria [sic] que nos tornemos burgueses de estádio em prol de meia dúzia... Futebol é a nossa paixão não queiram mistura-la a outros interesses, não queiram misturar isso com políticas, com algum tipo grupo... Vamos somente focar no PALMEIRAS... desculpem mais pra mim é assim FODA-SE direita FODA-SE a esquerda... FODA-SE PARTIDO (A ou B)... Político aprontou OK que seja preso por isso... Quando se tratar de PALMEIRAS AS ÚNICAS CORES SÃO VERDE E BRANCO... querem apoiar fulano ou beltrano OK não envolvam o nome da Sociedade Esportiva Palmeiras... Querem defender um grupo que se acham oprimidos pela nossa sociedade OK façam isso mais não usem o nome da Sociedade Esportiva Palmeiras como plataforma de apoio... (comentário enviado em 31/05/2017, por palmeirense ligado a torcida organizada do time em resposta à postagem sobre nota da torcida Mancha Alviverde a respeito do grito "Bicha" nas arquibancadas e as ofensas e ameaças homofóbicas sofridas por palmeirenses LGBT e pela própria página)[21].

> Chupa gaylo, depois vem zoar o Cruzeiro, pelo menos não temos torcida gay[22].

---

[19]https://www.facebook.com/PalmeirasLivre/photos/a.523789234329431.1073741825.523788454329509/1106482982726717/?type=1&theater. Postagem de 17/05/2016. Acesso em 20/05/2017.

[20] "O termo *hater* (em português, odiador) como gíria da internet é originário do hip hop norte-americano, e está relacionado à expressão "Haters Gonna Hate" (Odiadores vão odiar), e é utilizado para categorizar o sujeito que fala mal dos outros através dos espaços de interação e conversação na internet" (AMARAL; COIMBRA, 2015, p.300).

[21] Postagem do dia 29/05/2017, que recebeu 288 curtidas, 9 comentários e teve 17 compartilhamentos. O link para acesso à postagem é: <https://www.facebook.com/PalmeirasLivre/posts/1548851118489899>. Acesso em 30/09/2017.

[22] Comentário feito à postagem do dia 26/06/2015, que apresenta a identidade visual da Galo Queer estilizada com as cores do arco-íris, em homenagem ao Dia do Orgulho LGBT. A postagem recebeu 558 curtidas, 33 comentários e teve 36 compartilhamentos. Disponível em: <https://www.facebook.com/941232029242434/photos/a.941240279241609.1073741825.941232029242434/970308719668098/?type=1&theater>. Acesso em 30/09/2017.

> Franga rosada depois chama a gente de Maria GAYLO[23].
>
> Mais vocês não são nadas [sic] mesmo, as únicas torcidas do são paulo que apoiam o time são: Dragões da Real, Independente, Movimento são paulino, Metal tricolor e torcida uniformizada do são paulo, Esses sim apoiam o time, e não ficam usando a equipe como forma de movimente [sic] contra homofobia. Nada contra, vocês só deviam criar uma pagina de gays e prontos, não querer falar por 20 milhões de torcedores, pq nao [sic] representam nem 1% disso, e nunca representaram [sic], cola no morumtri [sic] la que agente [sic] acaba rapidim com essa palhaçada hehe[24].

Além de comentários ofensivos e violentos, outras ações de intimidação mais ostensivas foram colocadas em prática. No início de 2016, o acesso à página da Galo *Queer* foi bloqueado e, em seguida, a página foi deletada pelo Facebook. De acordo com Nathália, o Facebook não deu qualquer justificativa sobre a exclusão da página, o que implicou na perda de todo conteúdo produzido desde 2013. Além disso, a perda do vínculo com as pessoas que curtiam e seguiam a página, representou um "balde de água fria no movimento", que reduziu significativamente as suas ações no Facebook:

> Simplesmente um dia, em janeiro de 2016, eu fui entrar na página para fazer uma postagem e a página original não existia mais. E o Facebook faz isso de forma muito arbitrária, não tem nenhuma forma de você recuperar. A gente chegou a consultar um advogado na época, para pensar em resgatar a página, só que não valia a pena, que as chances da gente conseguir eram pequenas para um trabalho muito grande. Acho que isso foi um grande balde de água fria no movimento também. Qual é a minha teoria? O Facebook tem uma política muito forte contra *fakes*[25]. Eu acho que começaram a denunciar a página como *fake*, ou de alguma forma descobriram qual era o perfil que hospedava a página, e começaram a denunciar como *fake*. Porque as denúncias de que era um conteúdo impróprio não faziam sentido. No começo teve muita denúncia e a página não chegou a ser tirada do ar por causa disso. Mas acho que quando eles viram essa possibilidade do *fake*... Eu não sei se de fato foi uma investida contra a página, mas eu acredito que sim. Como é que uma página desaparece do nada? Eu acho que foi isso que aconteceu e na época a gente ficou muito em dúvida sobre como proceder, o que fazer, não conseguimos informação nenhuma e aí acabamos optando por criar uma nova página, mas a página atual tem mais ou menos mil e poucas curtidas. Na outra a

[23] Idem nota 22.

[24] Comentário de são-paulino à postagem na qual a Bambi Tricolor critica frase de um diretor da Torcida Organizada Independente sobre a Bambi Tricolor em uma matéria publicada pela revista Placar. Postagem do dia 22/10/2013, que recebeu 97 curtidas, 18 comentários e 20 compartilhamentos. Disponível em: <https://www.facebook.com/BambiTricolor/photos/a.456985997715246.1073741828.456955007718345/540855135994998/?type=3> . Acesso em 30/09/2017.

[25] *Fake* em inglês significa "falso". O termo é usado para denominar contas ou perfis usados em redes sociais digitais com o propósito de ocultar a identidade real de um usuário.

> gente tinha mais de 10 mil. Então, o alcance da página diminuiu muito, foi uma perda muito grande (Nathalia, Galo Queer).

Já em junho de 2016, moderadores da página Palmeiras Livre tiveram seus perfis pessoais expostos e circulando entre pessoas ligadas à torcida organizada Mancha Alviverde, contrárias à existência da página. Tal fato ocorreu dias depois de uma postagem na qual o coletivo manifestou repúdio à presença do deputado federal e presidenciável, Jair Bolsonaro[26], em um jogo do Palmeiras, assim como pelo fato deste declarar-se palmeirense[27].

O objetivo de tal ação, além de intimidar integrantes do coletivo Palmeiras Livre, era também o de mostrar que estes estavam sendo monitorados, reforçando que o ambiente do estádio não seria um espaço seguro para a presença desses torcedorxs, tampouco para a exposição de símbolos e imagens que identifiquem o coletivo. Dessa forma, pretendia-se reafirmar o domínio masculino (cisgênero e pretensamente heterossexual) do espaço de torcer e, por meio da violência, "domesticar" a quem se dispusesse a afrontar a norma que produz e demarca os sujeitos e os não sujeitos no campo futebolístico.

Esse cenário culminou com ameaças e intimidações dirigidas diretamente ao perfil pessoal de Thaís e de outros moderadores da página, além de denúncias contra a página que resultaram no bloqueio provisório desta pelo Facebook. Thaís relata a sensação de "medo real" vivenciada pela primeira vez ao longo da sua experiência como ativista, o que exigiu um exercício de reflexão, além da tomada de algumas medidas:

> Fiquei bem amedrontada. A gente conversou no grupo, falou: "Olha, a gente tem uma causa, a gente acredita em coisas, mas não temos vocação para mártir, vamos segurar um pouco". Tive que mudar nome no Facebook, ocultei as minhas publicações para preservar a minha filha, meu namorado, minha família. Isso durou um mês, até eu me reestabelecer por completo. Eu fiquei com medo de ir em estádio e de me expor mais ainda, porque afinal de contas eu estou aí dando minha cara em nome do Palmeiras Livre. Mas o medo real dura 24 horas. Eu não queria publicizar, não queria falar nada. Mas o pessoal que acompanha a página, me acolheu, me deu força... Resolvemos fazer um texto para publicar na nossa página. A gente não vai mais ter medo. Porque esse é o objetivo. Pessoalmente, fisicamente, não me fizeram nada, mas a gente não sabe quem são essas pessoas e do que elas são capazes de fazer. Eu fiz os meus contatos com

[26] Deputado federal pelo estado do Rio de Janeiro, cumprindo seu sexto mandato, Bolsonaro declarou-se palmeirense na ocasião. É conhecido pelos seus posicionamentos conservadores, como, por exemplo, a defesa da ditadura militar no Brasil e de práticas de tortura contra presos políticos, além de declarações homofóbicas e machistas.

[27] Postagem feita em 03/06/2016. O link para acesso à postagem é: https://www.facebook.com/PalmeirasLivre/posts/1116985478343134. Acesso em 13/07/2016.

> pessoas ligadas diretamente a essa pessoa: ‘Ih, desencana, isso aí só ladra, não faz nada, não acontece nada’. Mas é pra acreditar? Afinal de contas, a pessoa não faz nada, mas ela manda fazer, ela incita a violência. O futebol mexe com muita emoção e dentro da torcida organizada a gente tem um público muito misto. A gente não sabe quem é cada um ali... A gente está até acostumado ao mesmo tipo de xingamento, sabe. “A Mancha tem que pegar vocês mesmo e enfiar a bandeira no cu para aprender a virar homem”. Dessas coisas pra baixo... “Fica esperto, é melhor vocês não aparecerem no estádio...”. Isso foi sempre muito genérico, nunca foi direcionado para alguém. Mas eles estavam falando para mim. “Feminista peluda, sapatão”. “Ah, vou pegar para virar mulher” (Thaís, Palmeiras Livre).

Episódios como este mostram que o ciberespaço se configura como um campo de disputa em relação aos sentidos da prática torcedora e da conquista de reconhecimento do *status* de sujeito participante do campo futebolístico. Se por um lado, há produções discursivas e o esforço de naturalização do futebol como um reduto de “machos”, por outro lado, a tomada da palavra feita por essas páginas revela que as suas práticas discursivas repercutem e também produzem desdobramentos cujo alcance vai além das redes sociais.

Conclusão

O presente artigo procurou mostrar a trajetória dos movimentos de torcedorxs contrários ao machismo e à homofobia no futebol brasileiro. Constituídos em 2013, em um contexto de efervescência política do país, relacionado a um maior uso das redes sociais digitais, para a manifestação de descontentamentos compartilhados e para a organização e articulação de manifestações políticas, estes movimentos construíram a sua visibilidade por meio do questionamento e desestabilização da norma da masculinidade hegemônica, que regula os atores estabelecidos do campo futebolístico, e pela reivindicação para si do direito de serem reconhecidos como sujeitos que compartilham da identidade torcedora, algo visto também como uma afronta pelos “torcedores de verdade”.

Se as arquibancadas revelam-se lugares vedados à presença de grupos de torcedorxs que exponham tal posicionamento político ou expressem performatividades consideradas inadequadas ao ideal que visa naturalizar a ideia de que o futebol é um “jogo pra machos”, é importante reconhecer que a internet e as redes sociais digitais constituíram-se em importantes ferramentas de empoderamento e de construção de representatividade pelas quais pessoas em situação de maior precariedade constroem “regimes de visibilidade alternativos” às suas experiências e aos seus posicionamentos políticos, descolando-se das imagens e dos discursos preconceituosos e estigmatizantes (CARVALHO, 2015).

Dessa forma, a criação das páginas no Facebook e as interações e posicionamentos expressos na rede social, podem ser entendidos como estratégias pelas quais esses movimentos de torcedorxs contrários ao machismo e à homofobia no futebol contribuíram

(e ainda contribuem) para a criação de novas referências e sentidos para o torcer e o fazer parte da experiência futebolística:

> Em um futuro hipotético, a gente quer ter um espaço... Mas não estou falando um espaço com uma bandeira que a gente saia esfregando na cara de todo mundo, igual uma torcida organizada faz. Mas um espaço em que a gente possa se reunir, possa ver o jogo do Palmeiras, possa conversar no pré-jogo, no pós-jogo. No último jogo a gente conseguiu reunir 4, 5 pessoas. Foi super legal! Então que isso aconteça mais vezes e que isso aconteça com mais pessoas. Que mais pessoas que pensem como a gente e que tenham os mesmos anseios se reúnam e comecem a ocupar o espaço físico do futebol para que isso comece a mudar. Uma coisa sou eu sentado na arquibancada me incomodando com o cara do meu lado gritando "bicha" em um tiro de meta. Eu vou, no máximo, falar "Para de gritar, pô!" e vai ficar por isso mesmo. Se o cara quiser parar ele para, mas se ele não quiser, vai continuar gritando e eu não vou poder fazer nada. Mas acho que quando forem mais pessoas talvez esse comportamento mude, entendeu? Quando são 5 pessoas falando "Ow, olha o jogo!", a pessoa vai parar. Eu acho que quando têm várias pessoas juntas, o ambiente fica melhor, fica porque você está entre pessoas que você se identifica ali. Pessoas que você pode falar abertamente das suas questões, você pode ser você, não precisa ficar cheio de dedos. Pelo menos eu espero que isso possa acontecer um dia (Erick, Palmeiras Livre).

Artigo recebido em 28 fev. 2018.

Aprovado para publicação em 17 abr. 2018.

Referências

AMARAL, A; COIMBRA, M. *Expressões de ódio nos sites de redes sociais: O universo dos haters no caso #eunãomereçoserestuprada*. Contemporânea – Revista de Comunicação e Cultura. Salvador, v. 13, n. 3, p. 294-310, 2015. Disponível em http://dx.doi.org/10.9771/1809-9386contemporanea.v13i2.14010. Acesso em: 30 set. 2017.

BUTLER, Judith. *Quadros de guerra:* quando a vida é passível de luto? Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

CARVALHO, Mario Felipe. *Muito prazer, eu existo!:* visibilidade e reconhecimento no ativismo de pessoas trans no Brasil. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2015.

CONNELL, R. MESSERSCHIMIDT, J. W. *Masculinidade hegemônica*: repensando o conceito. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 21, n.1, p. 241-282, janeiro-abril/2013. Disponível em http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2013000100014. Acesso em 20 jun. 2017.

FRANCO JUNIOR, Hilário. *A dança dos deuses:* futebol, sociedade, cultura. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de História Oral*. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

MISKOLCI, Richard. *Estranhando as Ciências Sociais*: notas introdutórias sobre Teoria Queer. *Revista Florestan Fernandes*, v. 2, p. 8-25, 2014.

_____. *Teoria Queer:* um aprendizado pelas diferenças. Belo Horizonte: Autêntica Editora, Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), 2013.

OMENA, E. *Não foi só por 20 centavos*: a “Copa das manifestações” e as transformações socioeconômicas. In: GAFFNEY, C.; SANTOS JÚNIOR, O. A.; RIBEIRO, L. C. Q. (Org.). *Brasil: os impactos da Copa do Mundo 2014 e das Olimpíadas 2016*. Rio de Janeiro: Observatório das Metrópoles, 2015, p. 203-218.

PINTO, Maurício Rodrigues; BONFIM, Aira. *Pelo direito de torcer*: A experiência de grupos e coletivos de torcedorxs de futebol contra a cultura de que futebol é coisa pra macho. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women’s Worlds Congress (Anais Eletrônicos). Florianópolis, 2017.

RANCIÈRE, Jacques. *O desentendimento:* Política e Filosofia. São Paulo: Editora 34, 1996.

RECUERO, Raquel. *Redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

SINGER, André. *Brasil, junho de 2013, classes e ideologias cruzadas. Novos estudos CEBRAP*. São Paulo , n. 97, p.23-40, Nov. 2013. Disponível em http://www.scielo.br/pdf/nec/n97/03.pdf. Acesso em 26 mar. 2018.

“Pra Frente Marias”: convergências históricas, sociais e políticas identificadas entre o futebol e a palhaçaria protagonizados por mulheres

Ana Cristina V. Borges[1]
Karla A. Cordeiro[2]

“Pra Frente Marias”: historical, social and political convergences identified between women’s soccer and women’s clowning

http://dx.doi.org/10.12660/rm.v9n14.2018.74083

[1] Doutora em Engenharia da Produção (COPPE/UFRJ). Palhaça, Atriz e Contadora de Histórias. E-mail: anaborgesbr@gmail.com.
[2] Bacharel em Teatro pela Faculdade de Artes da Casa das Artes de Laranjeiras (CAL) / Rio de Janeiro. Atriz, palhaça, diretora de espetáculos. E-mail: concakarla@gmail.com.

“Pra Frente Marias”: convergências históricas, sociais e políticas identificadas entre o futebol e a palhaçaria protagonizados por mulheres

Resumo:

O futebol é um fenômeno sociocultural do século XX. A história da presença das mulheres nesse esporte possui convergência com sua inserção em outros domínios e o enfrentamento de resistências políticas, culturais, sociais e legais. O trabalho parte de um jogo de futebol feminino protagonizado por mulheres palhaças para discutir obstáculos encontrados por mulheres ao desempenhar funções profissionais em segmentos predominantemente masculinos. A reflexão abarca uma visão multidisciplinar e histórica, considerando a trajetória das mulheres no futebol e na palhaçaria desde o século XIX e o papel libertador e empoderador que ambas as atividades propiciaram a partir da consciência de si, do domínio do corpo, do direito à livre prática do esporte e ao riso.

Palavras-chave: futebol; mulher; palhaçaria; empoderamento; direitos.

Abstract:

Football is a sociocultural phenomenon of the twentieth century. The history of the presence of women in this sport has convergence with their insertion in other domains and the confrontation of political, cultural, social and legal resistance. The work stems from a women's soccer game played by female clowns to discuss obstacles encountered by women to perform professional roles in predominantly male segments. The reflection encompasses a multidisciplinary and historical view considering the trajectory of women in football and in the clownishness since the nineteenth century and the liberating and empowering role that both activities propitiated from the self-awareness, the mastery of the body, the right to free practice sports and laughter.

Keywords: football; woman; clowning; empowerment; rights.

Trajetória histórica do futebol feminino

O futebol é um fenômeno sociocultural do século XX e um dos esportes mais populares no mundo. A presença das mulheres nesse domínio é recente e permeada por resistências políticas, culturais, sociais e legais. Embora os primeiros registros de jogos de futebol protagonizados por mulheres datem do final do Século XIX, foi a partir de 1970 que as mulheres conquistaram o direito de praticá-lo e profissionalizar-se.

Na Europa, são pioneiras as escocesas/1887, inglesas/1895 (Williams e Ress, 2015), francesas/1920 (Franzini, 2005; Schlesinger, 2011) e austríacas/1923-1924 (Schlesinger, 2011), enquanto, na Oceania, há documentação de times femininos na Austrália/1915 (Ress, 2014 e Haines, 2016). Na Inglaterra, a presença das mulheres no esporte expandiu-se entre 1913 e 1919 como consequência de conjunturas sociais impostas pela Primeira Guerra Mundial. A absorção da mão de obra feminina pela indústria abriu espaço para as mulheres se apropriarem também de práticas sociais até então limitadas aos homens. Os jogos femininos nesse período tiveram inicialmente caráter beneficente, arrecadavam fundos para os homens em batalha e atraíam público expressivo[1]. Em 1920 eram 150 times de futebol feminino reconhecidos na Inglaterra. (Williams, 2003; Doble, 2017; William e Ress, 2015).

No Brasil, a primeira partida oficial data de 1921, em São Paulo, evento qualificado pelo jornal *A Gazeta* como "*curioso* e *cômico*" (Oliveira, 2011). Há registros de times em Araguari (MG) e Campos dos Goytacases (RJ) em 1930 (Pardo, 2017), não havendo, porém, indícios de profissionalização nesse período, uma vez que as equipes não apresentavam caráter permanente e as disputas tinham também fins beneficentes e se restringiam a exibições festivas (Pardo, 2017; Franzini, 2005). A presença das mulheres no futebol tinha, assim, caráter secundário, limitada à apresentação de um espetáculo gracioso, à participação nas torcidas ou à condição de madrinhas dos clubes (Oliveira, 2011; Pardo, 2017; Franzini, 2005). Em 1940, o Rio de Janeiro contava com dez equipes reconhecidas de mulheres futebolistas (Franzini, 2005).

A partir de gatilhos distintos, mas com argumentos similares, o futebol feminino é alijado do cenário oficial, a partir de 1921, na Europa e, a partir de 1941, no Brasil. Na Inglaterra, com o retorno dos soldados às suas rotinas, os dirigentes dos clubes consideraram inepto manter os times femininos e dar seguimento aos jogos que tinham caráter beneficente, alegando que já haviam investido muitos recursos na modalidade. Em dezembro

[1] DOBLE (2017) relata que, em dezembro de 1917, o jogo de Natal disputado entre The Dick Kerr's Ladies e o French Ladies International Team atraiu público de dez mil pessoas em Londres, e WILLIAM e RESS (2015) relatam público de vinte e sete mil pagantes em março de 1921.

de 1921, as equipes femininas foram excluídas da FA[2] (Williams e Ress, 2015). No Brasil, uma convocatória pública para formação de um time feminino no Rio de Janeiro[3] despertou reações contraditórias de apoio e rejeição, e uma carta endereçada ao então Presidente Getúlio Vargas questionando a adequação da modalidade para mulheres dispara um processo público que culmina com a proibição legal[4] da prática do futebol, e de diversos outros esportes, pelas mulheres em 1941 (Franzini, 2005; Emmerick, 2014).

Se os gatilhos foram distintos, os argumentos foram uníssonos e abarcaram, tanto na Europa como no Brasil, pensamento conservador e moralista, que apontava a impertinência de corpos considerados frágeis serem expostos a atividades que exigiam esforço físico, força e condicionamento vigoroso, e a preocupação com prejuízos que poderiam advir para a estética feminina valorizada na época, para a função reprodutiva a elas imputada e para mudanças no comportamento social, consideradas impertinentes para o sexo feminino e que a prática poderia incentivar. Ou seja, a prática sucumbiu ao preconceito (Franzini, 2005; Emmerick, 2017; William e Ress, 2015). Explicita-se nesse processo os diferentes domínios e papéis sociais acessíveis a homens e mulheres. Do ponto de vista econômico, enquanto ao homem são outorgadas as chancelas de produtividade e lucratividade, à mulher cabe aquela meramente beneficente e de entretenimento. Bastaria vontade política por parte de dirigentes dos clubes de futebol da época para que a atividade realizada pelas mulheres, inicialmente sem fins comerciais, passasse a sê-lo no pós-guerra. Ratificam-se aqui as reflexões de Cezard (2009) sobre o direito do homem ao espaço público e os limites do privado imposto às mulheres.

O futebol feminino volta a ser uma realidade a partir da década de 1970. Em toda a Europa, os times femininos ressurgem. Na Inglaterra é criada a Associação de Futebol Feminino[5] em 1971 (Williams, 2003; Doble, 2017). Nos Estados Unidos, em 1974, um movimento nacional a favor do futebol feminino resultou na criação da Liga Nacional de Futebol Feminino[6] (Linden, 2015). Em 1979, com a Convenção sobre todas as Formas de Discriminação contra a Mulher[7], adotada pela Assembleia Geral da ONU, o impedimento legal à prática do esporte passa a ser questionado no Brasil. O Conselho Nacional de Desporto (CND) reverteu sua posição em 1981 e retomou o incentivo à prática do futebol por mulheres que, em 1983, volta a ser legalizada (Emmerick, 2014).

---

[2] Football Association, a confederação de futebol da Inglaterra.

[3] Primavera Futebol Clube, com sede no Bairro de Cascadura, Rio de Janeiro.

[4] Decreto-lei 3.199, de abril de 1941. Instituiu o Conselho Nacional de Desportos (CND), afirmava, em seu artigo 54, que "às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país" (FRANZINI, 2005). O CND proibiu a prática do futebol pelas mulheres e indicou que apenas tênis, voleibol, críquete, natação e ciclismo eram esportes recomendáveis à anatomia feminina e poderiam ser praticados como lazer.

[5] WFA - Women's Football Association.

[6] NWFL - National Women's Football League.

[7] CEDAW - The Convention on the Elimination of All Forms of Discrimination against Women.

O futebol feminino retoma, na década de 1980 e em escala mundial, sua trajetória profissional e o reconhecimento definitivo, enquanto categoria, vem em 1991, quando a FIFA organiza o primeiro campeonato de futebol de mulheres na China e incorpora o evento ao seu calendário regular (FIFA, 2018).

Se a década de 1980 testemunhou a expansão de times de futebol feminino no Brasil, com primeira e segunda divisão constituídas, campeonatos regulares em onze estados do país[8] e mais de duas mil equipes cadastradas na CBF, a década de 1990, mesmo com o advento da Copa Mundial de Futebol Feminino em 1991, testemunhou a decadência da categoria no país (Votre e Mourão, 2004). O fenômeno é explicado pela falta de empenho dos clubes em viabilizar financeiramente a categoria, ancorados no receio existente de que essas iniciativas e o eventual sucesso da modalidade implicassem em redução de recursos para a categoria masculina. Mais uma vez, o preconceito limitou o desenvolvimento dos times e é, ainda hoje, uma barreira a ser transposta pela categoria feminina.

Atualmente o futebol feminino possui maior expressividade profissional na Europa e Estados Unidos com ligas e campeonatos regulares. No Brasil, apesar do reconhecimento como categoria[9], os desafios enfrentados pelas mulheres são estruturais e os patrocínios são praticamente inexistentes. A falta de recursos inviabiliza a dedicação integral das jogadoras que não conseguem se manter apenas da prática do esporte e passam a depender de atividades complementares para a geração de renda e sobrevivência. Com esse cenário, as jogadoras brasileiras que desejam se profissionalizar têm buscado oportunidades fora do país. É relevante destacar que, mesmo nos países onde a prática do esporte por mulheres possui infraestrutura e apoio institucional público e privado, existe enorme discrepância entre os salários pagos aos homens e às mulheres que atuam profissionalmente no esporte[10] (Kelner, 2017).

Trajetória histórica da palhaçaria feminina

Assim como no futebol, a presença de mulheres na palhaçaria se expande a partir de 1980. No ambiente circense, as habilidades artísticas, até então acessíveis às mulheres, eram restritas a números de acrobacia e equilíbrio, atividades atreladas aos estereótipos de beleza, feminilidade e perfeição conferidos à mulher. Mulheres que participavam de cenas cômicas tinham papéis secundários: eram coadjuvantes no enredo, assistentes de palco ou se

[8] Bahia, Goiás, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo.

[9] A Confederação Brasileira de Futebol (CBF) informa o calendário dos jogos femininos em 2018 no site https://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-feminino-a1. Acesso em 21/02/2018.

[10] Segundo Kelner (2017), levantamento salarial de jogadores de futebol mostra que o pagamento total das sete principais ligas de futebol feminino corresponde ao pagamento de um único jogador masculino: Neymar.

apresentavam travestidas de homens com o gênero e a identidade real da mesma mantida sob sigilo (Junqueira, 2012; Santos, 2014).

O registro de mulheres palhaças começa na segunda metade do século XIX nos Estados Unidos e na virada dos séculos XIX e XX na cena europeia (Remy, 2002). No Brasil, tem-se o mesmo relato: as primeiras mulheres palhaças tinham papéis secundários, travestiram-se, e registros oficiais de época são praticamente inexistentes. Santos (2014) identificou no circo-teatro a atuação como comediante de Guaraciaba Malhone, na dupla "Cocada e Guiomar"; e o documentário "Minha Avó era Palhaço" (Gabriel e Minehira, 2016) conta a história de Maria Elisa Alves dos Reis, a primeira mulher negra a atuar como palhaço no Brasil: o Palhaço Xamego. Silva e Melo Filho (2014) citam Alvina Campos, Palhaça Corrupita, que atuou com o marido no Circo Treme-Treme entre 1940 e 1960.

A entrada da mulher na palhaçaria acontece a partir dos anos 1980/1990 do século XX. Há uma ruptura no modelo vigente de formação circense, onde a transmissão de saberes respeitava a hierarquia e deliberações familiares, com o surgimento das primeiras escolas de circo[11] ocidentais abertas ao público e com a proliferação de cursos e oficinas direcionados exclusivamente à palhaçaria[12].

A presença feminina na palhaçaria impulsiona também seu protagonismo como propositora de dramaturgia. Junqueira (2012) destaca que, mesmo com o início da atuação de mulheres como palhaças, não há registros de textos ou esquetes tradicionais escritos para mulheres, o que é reiterado por Guaraciaba Malhone no documentário "Minha Avó Era Palhaço" (Gabriel e Minehira, 2016). Essa realidade é explicitada na literatura que compila textos tradicionais de entradas e reprises europeias e brasileiras (Remy, 2016; Bolognesi, 2003). Ao não se identificarem com esses textos – cujo conteúdo não raro é machista e utiliza recursos cômicos que remetem à violência, como tapas na cara, chutes, empurrões, para construir a graça – as mulheres palhaças passam a propor uma nova abordagem para a dramaturgia.

Gardi Hutter[13] foi quem primeiro cruzou essa fronteira e elegeu profissões tradicionalmente femininas como fio condutor de reflexão da sua palhaça nos seus espetáculos: costureira, lavadeira e cozinheira (Silva, Michelle. 2014). Na cena brasileira, as

[11] As primeiras escolas de circo surgem, segundo Santos (2014), na Rússia, com a nacionalização do circo que, após a revolução de 1917, deixa de ser privado. A partir dos anos 1960/1970, o modelo é implementado: nos Estados Unidos em 1968 (Ringling Bros. and Barnum & Bailey Clown College); na França em 1974 (École Nationale du Cirque, por Annie Fratellini); e no Brasil a partir de 1978 (Academia Piolin de Artes Circenses em São Paulo/1978 e a Escola Nacional de Circo, no Rio de Janeiro/1982; Escola Picolino de Artes do Circo em Salvador/1985).

[12] É interessante notar que a palhaçaria é mais difundida em oficinas que nas escolas de circo propriamente ditas. Das escolas de circo existentes no Rio de Janeiro, nenhuma inclui a palhaçaria em sua grade curricular oficial. As habilidades ensinadas estão relacionadas a malabarismos, trapézios, saltos, equilíbrio individual e coletivo, e acrobacias. Foram consultadas: Escola Nacional de Circo, Circo Crescer e Viver, Cia Up Leon.

[13] Palhaça Suíça.

pioneiras nessa abordagem são "As Marias da Graça"[14], com o espetáculo "Tem Areia no Maiô". Resultado de criação coletiva, o tema surge do impulso de se ter algo que fuja ao tradicionalmente constituído e se aproxime de alguma forma do universo feminino (Borges e Cordeiro, 2017). A ruptura com esquetes clássicas e a busca por uma dramaturgia própria foi inicialmente defendida por Jacques Lecoq (2010), que incluiu o *clown* na estrutura pedagógica de sua escola e assevera ser a pesquisa do palhaço de cada indivíduo a pesquisa do seu próprio ridículo. Lecoq (2010) ressalta como fundamento do jogo do palhaço a verdade, a exposição de suas fraquezas e vulnerabilidades sem interpretar ou representar um papel predeterminado. O palhaço, para ser bem-sucedido como tal, expõe sua inocência e a construção psicológica do seu fracasso.

Não há estatística oficial sobre o número de mulheres palhaças atuantes no Brasil. No entanto, por meio de iniciativas para o fortalecimento das mulheres palhaças[15], sabe-se que elas estão presentes em todos os estados brasileiros e atuando nos diversos cenários da palhaçaria, como o circo, a rua, teatro, relacional (hospitais, asilos, creches, etc.), entre outros.

Resistência feminina e convergências históricas, sociais, políticas, econômicas e culturais identificadas no futebol e na palhaçaria

Há relação histórica, social, política, econômica e cultural – objetiva e subjetiva – entre o futebol e a palhaçaria protagonizados por mulheres. Observa-se, inicialmente, uma relação temporal entre as primeiras manifestações e registros de mulheres em ambas as atividades (anos 1920-1940), e o período em que há uma expansão da presença feminina nesses domínios também coincide (anos 1980-1990). Entre os primeiros torneios registrados de futebol feminino no Brasil estão partidas jogadas por artistas no picadeiro circense (SILVA, Kelen. 2014), espaço que consagrou o palhaço como referência de comicidade.[16] Do ponto de vista social, observam-se, em ambos os períodos, movimentos que reivindicaram a expansão dos direitos civis das mulheres.

O primeiro momento, no início do século XX, vem como decorrência da Primeira Grande Guerra e da experiência de trabalho vivida pelas mulheres que substituíram os homens que foram para as batalhas. Essa primeira onda feminista (Bitencourt, 2015) acontece na década de 1920, também conhecida como sufragista, e culmina, no Brasil, com as mudanças de 1932 que concederam à mulher o direito ao voto, passaram a reconhecê-la

[14] Grupo carioca fundado em 1991.

[15] Rede de Mulheres Palhaças, Festivais de Palhaçaria Feminina, Cabarés de Palhaçaria Feminina.

[16] Anúncio não datado do Circo Irmãos Querolo convida para o início do torneio de futebol feminino disputado pelas moças do Curitiba Futebol Clube e Atlético Paranaense.

como chefe do lar no caso específico de viuvês e outorgaram-lhe o direito a trabalhar, neste caso, independente de autorização masculina.

Observa-se, no período entre 1930 e 1960, um recrudescimento moral, com valores conservadores, tradicionais e reacionários em ascensão, o que provoca um amplo alijamento da mulher no cenário público em geral. Essas décadas são marcadas por um retrocesso frente às breves liberdades adquiridas pela mulher no período da guerra e há uma reapropriação política e social dos corpos femininos, cuja função é vista como apenas reprodutiva e deve ser, por isso, preservada. Essa visão é reiterada nos discursos e narrativas vigentes que consideram a mulher frágil, delicada, inepta a determinadas atividades e nos estereótipos socialmente construídos que determinam o comportamento então aceitável para uma mulher.

O segundo momento, na segunda metade do século XX, vem como decorrência da Segunda Grande Guerra. A segunda onda feminista acontece assim nos anos de 1960 (Bitencourt, 2015) e tem como principal marco legal no Brasil a aquisição, por todas as mulheres, dos direitos ao CPF próprio e de trabalhar independente de autorizações familiares (1962)[17]. Nos campos político, cultural e social, as mulheres protagonizam movimentos que impulsionam mudanças estruturais no seu papel social, permitindo-lhes aspirar e conquistar lugares até então reservados exclusivamente aos homens na sociedade. Nesse sentido, artes e esporte contribuem com esse movimento. Riordan (2014) afirma que a consciência advinda do desenvolvimento de habilidades a partir do domínio do corpo e a possibilidade de demonstração pública de habilidades físicas e cognitivas associadas especialmente ao esporte impactam na autoconfiança e noção de independência das mulheres. Para ele, *"o sucesso feminino no futebol e em outras atividades desafia todo um conjunto cultural e tradicional de atitudes sobre a posição e o papel das mulheres na sociedade"*.

Tanto o futebol como a palhaçaria representam, frente à narrativa vigente, uma subversão feminina. Primeiro, ao reivindicarem espaço e adentrarem, apesar de todos os obstáculos, ambientes dominados pela lógica masculina. Segundo, pelas possibilidades subjetivas de desconstrução da imagem social da mulher que as atividades representam.

Essa desconstrução se relaciona à imagem social e às narrativas que, por meio da linguagem, estruturam um processo de dominação dos homens em relação às mulheres. Butler (2017) aborda a questão e assevera que a linguagem "*em sua ação social plástica, cria uma ontologia artificial de segunda ordem, uma ilusão de diferença e disparidade e, consequentemente, uma hierarquia que se transforma em realidade social".* Na sociologia e nos estudos feministas, essa hierarquização diz respeito às atividades e qualidades que definem socialmente as categorias de gênero em uma relação que cria oposições e

[17] Até essa data, as mulheres utilizavam o CPF do pai ou do marido, e o exercício de atividade profissional remunerada necessitava de autorização formal por parte deles.

fundamenta a estrutura de exclusão e restrição imposta às mulheres. Assim, enquanto o universo masculino corresponde a adjetivos como forte, desbravador, produtor, objetivo, lógico, duro, ativo, proativo e lhe permite sem julgamentos situações de impureza, vulgaridade, protagonismo, visibilidade e o direito ao erro; ao universo feminino são referenciados adjetivos como frágil, protetora, consumidora, subjetiva, emocional, passiva, receptiva, e espera-se de seu comportamento o decoro, a pureza, a elegância, a discrição, a submissão e a exposição limitada e a perfeição (Cezard, 2009; Butler, 2017; Naudier e Rollet, 2007).

Observa-se na estrutura da narrativa que justificou a negação às mulheres para o exercício do futebol e da palhaçaria uma convergência de padrões de expectativas sociais. Alegações de corpo frágil, de falta de estrutura física, de risco de masculinização, de perda das capacidades reprodutivas no que tange à exposição a atividades que envolviam riscos físicos são observadas nas narrativas que legitimam a não participação de mulheres nesses domínios. Ou seja, tanto no futebol como na palhaçaria, os códigos e a prática dessas atividades são assimilados como de natureza masculina (Cezard, 2009; Kessler e Zanini, 2013; Pisani, 2012; William e Ress 2015) e socialmente construídos como exclusivos dos homens.

Cezard (2009) questiona e procura desvendar as estruturas de construção social que fundamentam as caracterizações dadas a uma palhaça nos tempos atuais e fatores que impedem que mulheres sejam relacionadas, de imediato e no senso comum da sociedade, à palhaçaria e ao conceito arquetípico do palhaço. Há explicações na literatura mitológica (Hyde, 2017), sociológica (Remy, 2002; Junqueira, 2012; e Santos, 2014) e nos estudos feministas (Cezard, 2009, Butler, 2003) que abordam a influência da sociedade patriarcal e o preconceito vigentes como fatores determinantes dessa exclusão. Remy (2002) chega a afirmar que as mulheres não possuem preparo social e psicológico para exercer esse ofício. O núcleo forte das explicações encontradas nos domínios acima se aplica também à distância, no senso comum, entre mulheres e futebol.

Há outro fator que subverte a ordem estabelecida para o universo feminino e que está presente tanto no futebol como na palhaçaria: o direito ao erro e ao improviso. Mesmo requerendo conhecimento e desenvolvimento técnico, ambas as atividades possuem alto grau de improvisação e o acerto não é matemático, vem a partir do erro. Nos dois casos, apesar do roteiro, das jogadas ensaiadas no campo e no palco, não se sabe o que acontecerá. Nenhum dos dois jogos – o jogo do futebol e o jogo da palhaçaria – pode ser antecipado e o seu momento, sua verdade, está no presente. Isso indica que o resultado é sempre imprevisível, podendo haver mudança completa de expectativas no último segundo tanto do jogo de futebol como da apresentação de um espetáculo de palhaçaria.

Metodologia

A base metodológica deste artigo é qualitativa, tendo o estudo de caso descritivo e interpretativo (YIN, 2001) como referência. O trabalho contemplou pesquisa bibliográfica referente à história das mulheres no futebol e na palhaçaria, utilizando-se de palavras-chave que direcionassem a esses universos conceituais (história, futebol feminino, futebol, mulher, soccer, women, football, palhaça, clown, women clown, fémmes clown, clownerie, Brasil, gênero, e outros). O material coletado conduziu ao entendimento histórico e à identificação de convergências entre os ambientes do futebol e da palhaçaria para, então, a análise do espetáculo “Pra Frente, Marias”.

“Pra Frente, Marias”: um espetáculo do futebol jogado por palhaças

“Pra Frente, Marias” é um espetáculo de palhaçaria feminina no qual palhaças cariocas entram em cena jogando uma partida de futebol, tema que é cotidiano nas rodas de conversas populares. O futebol, assim como a rua, é palco dos assuntos do dia e é um tema que rompe fronteiras, ultrapassa o limite cultural e engaja cidadãos de todos os países do mundo em uma mesma corrente de vibração e torcida. Unindo essas duas vertentes, esporte e teatro popular, o grupo “As Marias da Graça” leva ao público dois expoentes da cultura nacional integrados no esporte preferido e no notório bom humor do povo brasileiro.

“Pra Frente, Marias” foi concebido em 1998 no ensejo da Copa do Mundo de Futebol, acontecimento que integra a categoria de megaeventos esportivos cuja dimensão vem aumentando a cada edição. O evento representa uma oportunidade de visibilidade comercial e cultural não apenas para o país-sede, como também para os países partícipes da competição. Se o país-sede tem retornos mensurados a partir da atração e circulação de turistas, geração de empregos e retorno no PIB (Magno, 2011), os países partícipes têm oportunidade de retorno mensurado na visibilidade e nas estratégias de oportunizar imagem, comércio e cultura do país (Santos, 2011). Observa-se, no período do evento, a realização de atividades de cunho cultural oferecidas pelos países participantes.

No âmbito esportivo, o Brasil é considerado e reconhecido como um dos países mais bem-sucedidos do futebol mundial, sendo a única seleção a participar de todas as edições realizadas até então de Copas do Mundo e com o talento de jogadores brasileiros disputado pelos principais times europeus. Venerado na sua forma profissional, que aglutina em cada estado da federação uma multidão de torcedores fervorosos que se mobiliza em prol de seu time do coração, o futebol é praticado como esporte por elevado percentual da população em caráter amador. Os jogos da Copa do Mundo unem o país como torcida e nação. Tornam-se a principal pauta de temas cotidianos da população brasileira, engajando homens, mulheres, crianças e idosos, sem distinção de raça, credo, faixa etária, gênero ou qualquer outra variante demográfica. Em outro lado, a cultura e o teatro, em suas mais diversas formas, são um instrumento de socialização e integração de pessoas. O teatro popular, de

maneira mais específica, e ao qual a palhaçaria está historicamente ligada, é uma manifestação que permite o fortalecimento da identidade cultural de uma cidade, região ou país.

Foi nessa perspectiva conceitual, e com o objetivo de aproveitar comercialmente o tema do ano, que o espetáculo foi criado, abarcando dois espaços nos quais a presença feminina é decorrente de insistência e resistência dada a sua exclusão histórica: o futebol e a palhaçaria. "Pra Frente, Marias" é um espetáculo de mulheres palhaças que tem o futebol como temática em uma lógica de mercado que objetivava potencializar financeiramente a oportunidade que os jogos mundiais de futebol representavam.

Evandro Mesquita foi convidado pelo grupo para dirigir a iniciativa por ter uma forte e reconhecida relação com o futebol (especialmente com o Fluminense, time tradicional do Rio de Janeiro), e pela experiência no grupo Asdrúbal Trouxe o Trombone. A trajetória de Evandro aportava a oportunidade de uma dramaturgia inspirada nas histórias em quadrinho, com poucas falas e potente interação com o público.

A dramaturgia do espetáculo consiste numa partida de futebol jogada por palhaças que colocam no gramado sua forma peculiar e todo seu "conhecimento" sobre o tema, resultando num divertido jogo. A atuação se desdobra em atrapalhadas situações sequenciais que incluem pênaltis, dribles, faltas, cartões vermelhos e expulsão. O espetáculo é estruturado em teatro gestual, sem texto ou comunicação oral. Faz uso de recursos visuais inspirados nas histórias em quadrinho para se comunicar com a plateia: palavras-chave aparecem como legendas, em placas que permitem ao público visualizar os pensamentos e diálogos entre as jogadoras e a juíza. Esse recurso permite que o público visualize e interprete os pensamentos das palhaças ou os diálogos entre jogadoras e juíza. Essa estrutura permite ainda a adaptação do espetáculo para qualquer contexto linguístico-cultural, pois as palavras-chave podem ser traduzidas e apresentadas no idioma local ou em diversos idiomas numa espécie de "tradução simultânea".

Para atingir seu objetivo, o grupo trabalha a partir de uma dramaturgia própria com gags[18] pesquisadas especialmente para o espetáculo. No decorrer da apresentação de "Pra Frente, Marias", as palhaças comentam temas referentes à atualidade do futebol: buscam referências nos últimos jogos ou na última temporada da Seleção, comentam sobre a performance do futebol feminino, as melhores jogadas, etc. A trilha sonora do espetáculo reproduz a musicalidade que acompanha o futebol: é estruturada a partir de alguns hinos de times com repercussão nacional e referências inesquecíveis, como a vinheta do Canal 100, de Waldir Camon[19].

[18] Efeitos cômicos.
[19] https://www.youtube.com/watch?v=5uCPo6p97Pw

A primeira versão do espetáculo[20] é influenciada apenas por referências masculinas de futebol, as gags e trejeitos eram masculinos, e uma das explicações é a então inexistência de uma forte referência feminina estabelecida no futebol profissional. Um exemplo é o momento de expulsão de uma das jogadoras que, após ser expulsa por negligência da juíza, é ovacionada pela plateia que clama pela sua volta ao campo. A jogadora retorna e dá uma cabeçada na juíza que a expulsou de campo. Há uma variável de violência que é inerente ao universo masculino nessa cena e, com raríssimas exceções, registrada em partidas de futebol feminino. Outro momento que tem referência explícita no futebol masculino é o penalti, em que as jogadoras afirmam, de forma brincalhona, que quem marcaria o lance seria Roberto Carlos, tido nessa época como um jogador imbatível em seus chutes diretos a gol. A sonoplastia nessa primeira versão foi composta por uma sequência de hinos do futebol, a música "O Carinhoso"[21], e terminava com uma versão do "Segure o Tchan"[22], que marcava a entrada definitiva das equipes em cena. A escolha da última música explicita a inexistência de um conjunto dramatúrgico que reflita e se posicione criticamente sobre a visão masculina predominante, que objetifica e sexualiza a mulher.

Há, ainda, uma abordagem estética na primeira versão que remete a operárias em campo (o figurino de entrada era um macacão padronizado na cor marrom) e as palhaças entravam segurando o campo, colocavam-no no chão, montavam o campo de futebol e, então, faziam uma strip-tease, despindo-se do macacão e revelando os uniformes existentes por baixo. Nessa montagem, o espetáculo era coreografado e o jogo de futebol seguia um formato preestabelecido. As palhaças brincavam com a bola, mas respeitavam as marcações cênicas com poucas improvisações.

Uma segunda versão do espetáculo[23] surge em 2010. Mudanças na constituição do grupo e o fato de uma das integrantes estar grávida conduz a novas soluções cênicas e alterações na dinâmica do espetáculo. As mudanças aproximam o espetáculo de uma perspectiva mais feminina. Entre as mudanças estão a entrada das palhaças que não mais carregam o campo consigo, a mudança no figurino que retira o macacão masculino e a utilização de novos cartazes, abertos por cada uma das palhaças e argumentando por que não podem (ou querem) montar o campo. Para realizar essa tarefa, elas angariam quatro homens da plateia para fazê-lo em seu lugar.[24] A sonoplastia nessa versão se restringe aos hinos de futebol. A eliminação específica de "Segure o Tchan" se dá por duas questões: não é

[20] Elenco: Ana Luísa Cardoso, Geni Viegas, Isabel Gomide, Karla Concá e Vera Lúcia Ribeiro.

[21] "*Carinhoso"* é uma das obras mais importantes da *música* popular brasileira. Composta entre 1916 e 1917 por Pixinguinha.

[22] *Música* do grupo brasileiro de pagode/axé *É o Tchan* que se tornou muito popular na segunda metade da década de 1990.

[23] Elenco: Geni Viegas, Karla Concá, Samantha Ansiães e Vera Lúcia Ribeiro.

[24] As argumentações exibidas nos cartazes retratam a realidade vivida pelas mulheres na época dessa versão. Uma delas estava grávida, outra completava 51 anos com problemas nos joelhos, outra não queria estragar as unhas, e a quarta possuía osteofitose (popularmente conhecida como bico de papagaio), um tipo de artrite que causa dores e compromete a articulação, e as cartilagens se calcificam para compensar os desgastes ósseos.

mais a música sensação do momento e há uma conscientização crítica sobre o conteúdo machista. Nessa montagem, as palhaças têm mais liberdade e não há rigidez quanto à coreografia. As palhaças realmente correm atrás da bola, disputam-na, revelando-se "fominhas por ela" nas palavras de Samantha Ansiães e Geni Viegas.[25] Essa versão incorporou um homem ao elenco para desempenhar o papel de técnico, massagista e contrarregra, apoiando as palhaças com a sequência das placas a serem exibidas. Seu figurino era um jogging esportivo e o mesmo não se caracterizava como palhaço. Esse novo elemento traz para a versão a questão do cuidado que é inerente ao universo feminino: incorpora a possibilidade de as jogadoras e a juíza descansarem e serem cercadas de cuidados. Cabe a ele indicar a pausa e parar o jogo para que elas descansem entre uma jogada e outra, oferecer-lhes água e fazer massagem.

Uma terceira versão está sendo discutida pelo grupo com alterações que contemplem a atualização do roteiro com uma palhaça assumindo a função do técnico, massagista e contrarregra e a revisão de atitudes e jogos cênicos identificados pelo grupo que ainda reforçam o discurso machista.

Conclusão

O presente trabalho estrutura-se em uma abordagem multidisciplinar e transversal, relacionando arte e esportes, em uma perspectiva histórica e sociológica para, a partir de um jogo de futebol feminino protagonizado por mulheres palhaças, discutir obstáculos encontrados por mulheres ao desempenhar funções profissionais em segmentos predominantemente masculinos.

As convergências existentes na trajetória temporal de mulheres no futebol e na palhaçaria são políticas, econômicas, sociais e culturais. Tanto a atividade esportiva como a prática artística têm representado e contribuído para uma mudança na percepção de habilidades físicas e cognitivas que fortalecem e encorajam as mulheres com impactos na autoestima, na autoconfiança e na percepção como indivíduo.

Ambas as atividades – palhaçaria feminina e futebol feminino – têm a década de 1990 como marco na sua profissionalização: enquanto a primeira surge como prática artística com propostas de dramaturgias contemporâneas desvinculadas das propostas tradicionais, machistas, a segunda conquista espaço em competições internacionais com a entrada da categoria feminina na Copa do Mundo de 1991 da FIFA e, na sequência, as competições nos Jogos Olímpicos de 1996.

[25] Integrantes do grupo "As Marias da Graça".

O futebol, assim como a palhaçaria, é atividade de acerto pelo erro. Estruturas de jogo nas quais o sucesso vem a partir de um conjunto de tentativas fracassadas que culminam – ou não – em um acerto comemorado. Nesse sentido, ambas as atividades se mostram subversivas e potentes no sentido de conceder à mulher a gestão de seu corpo, seus interesses e de conduzir a uma nova percepção social sobre o que é e o que não é permitido às mulheres. Trata-se de atividades que têm potencial libertador e propiciam empoderamento e autoconsciência física e cognitiva às mulheres que as praticam.

Artigo recebido em 9 mar. 2018.

Aprovado para publicação em 16 mai. 2018.

Referências

BITENCOURT, Naiara Andreolli. “Movimentos Feministas”. *Revista InSURgência*. Brasília, ano 1, V. 1., n. 1., jan./jun., 2015.

BOLOGNESI, Mário Fernando. *Palhaços*. São Paulo: Editora Unesp, 2003.

BORGES, Ana Cristina Valente; CORDEIRO, Karla Abranches. “Palhaçaria Feminina: Trajetória de Investigação e Construção Dramatúrgica de Espetáculos Dirigidos por Karla Concá.” *Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women’s Worlds Congress (Anais Eletrônicos)*, Florianópolis, 2017.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero, Feminismo e Subversão da Identidade.* Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2017.

CEZARD, Delphine. “La figure féminine du clown: enjeux et représentations sociales.” *Les Cahiers de l’idiotie* (revue en ligne), n° 2, Clowns, Québec, Canadá, 2009. Págs. 77-93.

DOBLE, Anna. *The Secrety History of woman's football.* In: Newsbeat. 19/07/2017. http://www.bbc.co.uk/newsbeat/article/40654436/the-secret-history-of-womens-football. Acesso em 20/02/2018.

EMMERICK, Iara Viegas. *Em busca de dignidade e reconhecimento*. 2014. 32f. Trabalho de Conclusão de Disciplina. Centro de Ciências da Saúde. Escola de Educação Física e Desportos. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2014.

EMMERICK, Iara Viegas. *As Diferentes Funções da Mulher no Futebol*. 2017. 48 f. Trabalho de Conclusão de Curso. Centro de Ciências da Saúde. Escola de Educação Física e Desportos. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2017.

FIFA. *FIFA's Women World Cup China PR 1991*. Data não especificada. http://www.fifa.com/womensworldcup/archive/chinapr1991/index.html. Acesso em 21/02/2018.

FRANZINI, Fábio. "Futebol é 'coisa para macho'? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol." *Revista Brasileira de História.* Vol. 25, n. 50, São Paulo, julho-dez., 2005.

GABRIEL, Mariana e MINEHIRA, Ana. *Minha Avó era Palhaço.* Documentário. 50 minutos. Resultado de projeto apresentado e selecionado para o Prêmio Funarte Carequinha de Fomento ao Circo, categoria Pesquisa em 2014. São Paulo, 2016.

HAINES, Katherine. "The 1921 Peak and Turning Point in Women's Football History: An Australasian, Cross-Code Perspective." In: *The International Journal of the History of Sport*, vol. 33, 2016, n. 8, 828–846. Routledge.

HYDE, Lewis. *A Astúcia Cria o Mundo. Trickster: trapaça, mito e arte.* Tradução Francisco R. S. Innocêncio. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

JUNQUEIRA, Mariana Rabelo. *Da graça ao riso: contribuições de uma palhaça sobre a palhaçaria.* Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Rio de Janeiro, 2012.

KELNER, Martha. *Football's gender pay gap worse than in politics, medicine and space*. In: The Guardian. 26/11/2017. https://www.theguardian.com/football/2017/nov/26/football-gender-pay-gap-worse-than-in-politics-medicine-and-space. Acesso em 21/02/2018.

KESSLER, Claudia Samuel; ZANINI, Maria Catarina Chitolina. O predomínio de masculinidades: narrativas de jogadoras de futebol do interior do Rio Grande do Sul (Brasil) nos anos 1980. In: *Esportes e Sociedade*. 2013, ano 8, vol. 22, págs. 1-17.

LECOQ, Jaques. *O Corpo Poético: uma pedagogia da criação teatral*. São Paulo: Editora Sesc São Paulo: Edições Sesc SP, 2010.

LINDEN, Andrew D. "Revolution on the American Gridiron: Gender, Contested Space, and Womens's Football in the 1970s." *The International Journal of the History of Sport.* 2015, vol. 32, n. 18, 2171-2189.

MAGNO, Felipe. *A Copa do Mundo no Brasil: possíveis legados desse megaevento para a cidade de Porto Alegre.* Trabalho de conclusão de graduação em Educação Física. UFRGS, 2011.

NAUDIER, Delphine e ROLLET, Brigitte. *Genre et légitimité culturelle. Quelle reconnaissance pour les femmes?* L'Harmattan. Paris, 2007.

OLIVEIRA, Sérgio. *Futebol Feminino no Brasil - A História.* 08/02/2011. https://www.ultimadivisao.com.br/futebol-feminino-no-brasil-a-historia/. Acesso em 20/02/2018.

PARDO, Aristides Leo. "O Futebol Feminino no Brasil." In: *Leituras da História.* 10/02/2017. http://leiturasdahistoria.uol.com.br/o-futebol-feminino-no-brasil/. Acesso em 20/02/2018.

PISANI, Mariane da Silva. *PODEROSAS DO FOZ: trajetórias, migrações e profissionalização de mulheres que praticam futebol.* Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Florianópolis, 2012.

REMY, Tristan. "Les Femmes-Clowns Et Les Femmes-Auguste." In: *Les Clowns.* Paris: Bernard Grasset, 2002, págs. 438-446.

REMY, Tristan. *Entradas clownescas: uma dramaturgia do clown.* São Paulo: Editora Sesc São Paulo, 2016.

RESS, Rob. "Missing in Action? New Perspectives on the Origins and Diffusion of Women's Football in Australia during the Great War." In: *The International Journal of the History of Sport,* 2014, vol. 31, n. 18, págs. 2.326–2.344.

RIORDAN, Jim. "The Social Emancipation of Women Through Sport". In: *The British Journal of Sports History,* 1985, vol. 2, págs. 53-61.

SANTOS, J. Peluso, M. et all. "Indústria Cultural: O profissional de educação física e o legado de megaeventos esportivos." *EFDeportes.com, Revista Digital*. Buenos Aires, ano 16, n. 159, agosto de 2011.

SANTOS, Sarah Monteath dos. *Mulheres Palhaças: Percursos históricos da palhaçaria feminina no Brasil.* Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual Paulista (UNESP). São Paulo, 2014. SCHLESINGER, Yvonne Weigelt; LINNE, Carina Sophia; HALLMANN, Sandra. "Die

Geschichte des Frauenfußballs in Deutschland." *German Journal of Exercise and Sport Research*. V. 41, págs. 149-151, 2011.

SILVA, Ermínia; MELO FILHO, Celso Amâncio. *Palhaços excêntricos musicais*. Rio de Janeiro: Grupo Off-Sina, 2014.

SILVA, Kelen Katia Prates. "O Feminino nos Anos Iniciais do Futebol no Brasil: uma história não contada (1920-1941)." *Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos)*, Florianópolis, 2017.

SILVA, Michelle Silveira. "Entrevista com Gardi Hutter." In: *Revista de Palhaçaria Feminina*, n. 3, págs. 77-84. Porto Alegre: Funarte, 2014.

VOTRE, Sebastião; MOURÃO, Ludmila. "Women's Football in Brazil: Progress and Problems." In: *Soccer, Women, Sexual Liberation: Kicking off a New Era.* Págs. 254-267. Fran Cass. London, 2004. WILLIAMS, Jean. *A Game for Rough Girls? A History of Women's Football in Britain.* Routledge. London, 2003.

WILLIAMS, Jean; HESS, Rob. "Women, Football and History: International Perspectives." *The International Journal of the History of Sport*. Vol. 32, Iss. 18, 2015.

YIN, R. K. "Case study research: design and methods." *Thousand Oaks:* SAGE Publications, 2002.

“O futebol pode não ter sido profissional comigo, mas eu fui com ele”: trabalho e relações sociais de sexo no futebol feminino brasileiro

Fernanda Ribeiro Haag[1]

“Football may not have been professional with me, but I was professional with it”: work and social relations of sex in Brazilian women’s football

http://dx.doi.org/10.12660/rm.v9n14.2018.73995

[1]Mestre em História Social pela UFF. Doutoranda em História Social pela USP. E-mail: ferhaag@usp.br.

Resumo:

O presente artigo pretende refletir, a partir da trajetória de duas atletas, sobre as relações sociais de sexo e as relações de trabalho que se estabelecem no futebol feminino do Brasil. Como procedimento para a coleta de dados foi utilizada a entrevista semiestruturada e o objetivo foi analisar o processo de profissionalização, ou ainda as tentativas de profissionalização, do futebol feminino, considerando as especificidades do esporte e a condição das mulheres no campo esportivo. Conclui-se que as dificuldades da profissionalização da categoria impõem empecilhos à trajetória das atletas e que historicamente houve tentativas de alijamento das mulheres da prática futebolística.

Palavras-chave: futebol feminino; trabalho; relações sociais de sexo.

Abstract:

This article intends to reflect, based on the trajectory of two athletes, on the social relations of sex and on the labor relations that are established in Brazilian women 's soccer. The semi - structured interview method was used to collect data and the specific objective was to analyze the professionalization process, or the attempts to professionalize women 's football, considering the specificities of the sport and the condition of women in the sports field. It is concluded that the difficulties of the professionalization of the category impose obstacles to the trajectory of the athletes and that, historically, there have been attempts to eliminate the women from the soccer practice.

Keywords: women's football; job; social relations of sex.

Introdução

No dia 22 de setembro de 2017, a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) demitiu a técnica da seleção feminina, Emily Lima, a primeira mulher a comandar o time feminino. A decisão reverberou instantaneamente, pelo menos, dentro dos círculos envolvidos mais diretamente com o futebol de mulheres e com setores que apreciam a modalidade – a mídia hegemônica dedicou um espaço menor ao evento. Um exemplo da reverberação é o texto da jornalista Lu Castro publicado pelo coletivo Futebol, Mídia e Democracia, no qual, a profissional coloca que um dos motivos que ocasionaram a demissão foi a misoginia: "há um aspecto bastante destacado neste episódio todo: misoginia."[1]

Além da demissão em si, houve alegações de que a CBF não ouviu as próprias atletas acerca do trabalho desenvolvido por Emily. A comentarista Juliana Cabral, no site da ESPN, divulgou uma carta assinada por 26 das 28 jogadoras da seleção, após o amistoso com a Austrália ocorrido na semana anterior, endereçada ao presidente da federação, Marco Polo del Nero, que afirmava: "As atletas concordam que essa comissão seja a mais bem preparada para a continuação desse novo ciclo".[2]

De acordo com a carta, as próprias profissionais marcaram uma posição de que prezavam pela continuidade do trabalho de Emily a frente da seleção. O que foi desconsiderado, aparentemente, pela CBF e seus comandantes. Apenas em grau comparativo, um mês depois o Santos indicou que demitira o técnico Levir Culpi do seu time masculino, após alguns resultados negativos, os jogadores expuseram ao clube o seu desejo pela continuidade do treinador. A diretoria então voltou atrás e deliberou pela permanência de Levir[3]. Dessa forma, ainda que a vontade dos dirigentes seja soberana, os jogadores podem exercer determinada pressão. O que não ocorreu com as atletas da seleção feminina.

Outro aspecto importante de tudo isso é que o desempenho de Emily como técnica pode ser considerado melhor do que dos treinadores das seleções sub-17 e a sub-20, os quais mantiveram seus cargos normalmente (até o momento). E que a mesma não teve tempo suficiente para desenvolver plenamente sua forma de trabalho, visto que ficou apenas 10 meses no cargo. Fator apresentado pelas jogadoras também, alegando que é necessário um período mais longo para implementar um novo padrão de jogo.

A demissão de Emily se constituiu em um estopim. Além do posicionamento de jornalistas, as próprias jogadoras decidiram se manifestar. Tudo teve início com a declaração de cinco veteranas anunciando sua aposentadoria da seleção brasileira, em resposta à demissão e afirmando que não aguentariam mais tal desrespeito com o futebol feminino. As declarações ganharam forte repercussão, inclusive, internacional, tanto de veículos de

[1]Disponível em: https://www.facebook.com/coletivofmd/posts/1523808574331878 Acesso em: 22 out. 2017.
[2]Disponível em: http://espn.uol.com.br/post/729204_em-carta-a-cbf-jogadoras-da-selecao-feminina-pediram-em-vao-que-emily-lima-nao-fosse-demitida Acesso em: 22 out. 2017.
[3]Disponível em: https://globoesporte.globo.com/futebol/times/santos/noticia/sob-pressao-diretoria-do-santos-demite-levir-culpi.ghtml Acesso em: 29 nov. 2017.

comunicação como de demais jogadoras. Como colocado na reportagem do New York Times, *Brazil's Women Soccer Players in Revolt Against Federation*[4].

O passo seguinte foi a escrita e divulgação de uma Carta Aberta[5] assinada por importantes jogadoras – tais como, Marcia Tafarel, Sissi do Amor, Juliana Cabral, Formiga, Cristiane, Francielle (Fran) – apresentando sua revolta com a situação e demandando diretamente da CBF dois pontos centrais: 1) atender às reformas de governança propostas pela FIFA para incluir mulheres nos níveis de decisão e gestão do futebol; 2) construir um caminho inclusivo para mulheres dentro do futebol com a criação de um Comitê de Futebol Feminino dentro da CBF dirigido por mulheres e o desenvolvimento de caminhos para as mulheres assumirem cargos de treinadoras, gestoras e dirigentes na CBF.

Toda essa situação se constitui em um momento chave do esporte nacional e da trajetória de mulheres dentro do campo esportivo[6], pois poderia se configurar em uma inflexão da lógica anterior, marcada por uma hegemonia masculina que não atende às demandas da modalidade. Além disso, lança luz em diversos processos vivenciados pelas jogadoras de futebol aqui no Brasil. Tais processos são marcados pela desigualdade de gênero presente no campo esportivo brasileiro e nos abre um leque de questões passíveis de análise.

Talvez o elemento central dessa desigualdade gire em torno da profissionalização e organização do futebol feminino. Ou melhor, das tentativas de profissionalização, pois até o momento a modalidade ainda está buscando alcançar o status de esporte profissional. A ausência da profissionalização do futebol feminino desvela vários problemas para as mulheres envolvidas com a prática. Começamos partindo do caso da Emily Lima supracitado, com a ausência de mulheres na gestão do esporte. Ou seja, os cargos de comando mantêm uma hegemonia masculina. Outra condição gerada diz respeito ao trabalho das jogadoras e todas as questões ligadas a isso.

No presente artigo iremos focar, sobretudo, na discussão acerca do trabalho das jogadoras de futebol. A realidade das atletas brasileiras é marcada por dificuldades em sua atividade profissional, como por exemplo, a desigualdade salarial em comparação com os homens, a informalidade e a precarização dos contratos de trabalho, a ausência de direitos trabalhistas, o desafio de se alcançar a licença-maternidade, os obstáculos na conciliação do trabalho com a esfera doméstica. Claro que em uma sociedade marcada por relações sociais de sexo desiguais essas questões não afetam apenas jogadoras, mas pessoas em geral. Nossa ênfase, porém, será pensar esses elementos dentro da especificidade do futebol feminino.

[4]Disponível em: https://www.nytimes.com/2017/10/06/sports/soccer/brazil-women-soccer.html Acesso em: 22 out. 2017.

[5] Disponível em: https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/ex-jogadoras-da-selecao-publicam-carta-aberta-para-a-cbf/ Acesso em: 21 abr. 2018.

[6] Partimos do conceito de campo esportivo de Pierre Bourdieu: BOURDIEU, P. "Como é possível ser esportivo?". In: Questões de Sociologia. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero Limitada, 1983, p 142.

Para realizar esse debate partiremos da trajetória de duas ex-jogadoras de futebol: Aline Pellegrino e Marina Aggio. Para a coleta de dados, buscando investigar as experiências de trabalho das duas enquanto atletas, realizamos entrevistas semiestruturadas, gravadas em áudio e transcritas para a manutenção da integralidade dos depoimentos[7]. As entrevistas foram realizadas no mesmo de novembro de 2017. A análise das trajetórias profissionais foi realizada a partir de unidades temáticas, as quais serão abordadas ao longo do trabalho. Seguimos as colocações de Goode e Hatt (1975), encarando a entrevista fundamentalmente como um processo de interação social, mas lembrando que a finalidade primordial para o investigador é a pesquisa. Optamos pela entrevista semiestruturada pois ela permite a combinação de perguntas abertas e fechadas, possibilitando ao informante discorrer acerca da temática proposta (BONI, QUARESMA, 2005, p. 68-80).

A escolha das participantes foi facilitada pela proximidade social, pois nos foram apresentadas por outras pessoas e é justificada pelo fato de ambas serem ex-jogadoras com passagens em clubes brasileiros, clubes no exterior e na seleção brasileira, ou seja, tiveram uma trajetória profissional consolidada dentro do futebol feminino, vivenciando seus diferentes aspectos. Aline Pellegrino atualmente é coordenadora do Departamento Feminino da Federação Paulista de Futebol (FPF) e foi jogadora por dezesseis anos. Marina Aggio hoje atua como professora do ensino Superior no curso de Educação Física em uma instituição privada e sua carreira como jogadora teve duração de vinte anos.

Apesar de serem dois casos dentro de um universo muito maior de mulheres e meninas jogadoras, as vivências de Aline e Marina ecoam as experiências de muitas dessas atletas, pois são marcadas por questões estruturais e, mais do que isso, apontam para nós elementos analíticos sobre o futebol, as relações sociais de sexo e o trabalho. Além das entrevistas, também faremos uso de outras fontes, sobretudo, as vinculadas à imprensa, à legislação e a documentos oficiais da CBF.

Visando a analisar as relações de trabalho e as relações sociais de sexo no futebol feminino brasileiro, partiremos da formação das jogadoras até a sua profissionalização para, posteriormente, problematizarmos o trabalho da atleta de futebol feminino no Brasil. Se sua atividade produtiva se enquadraria na categoria de *trabalho informal*. Por fim, recorreremos às discussões sobre relações sociais de sexo para pensarmos o processo histórico das tentativas de profissionalização do futebol de mulheres, apresentando nossas considerações finais sobre a temática.

Futebol feminino e trabalho

Antes de entrarmos na discussão acerca do trabalho das atletas, gostaríamos de pontuar a maneira pela qual elas têm o primeiro contato com o futebol:

[7] As duas entrevistadas autorizaram a identificação e uso de seus nomes para a publicação deste texto.

> A.P: Eu começo a jogar mais ou menos assim com seis anos na rua. (...) Eu nasci gostando de futebol. É a brincadeira, né, do brasileiro na infância, ali, você vai muito cedo ter um contato com futebol de alguma forma e desde o meu primeiro contato, assim, eu só queria saber de jogar futebol, jogar futebol, sempre que tinha oportunidade de jogar futebol, tava jogando futebol. **Então começo aí mais ou menos com seis anos na rua com os meninos**, começa aí essa relação aí com o futebol. (PELLEGRINO, 2017) [grifo nosso]
>
> M. A.: Meu primeiro contato foi dentro da minha própria família. **Meu pai foi uma pessoa que esteve sempre próximo de mim e foi um dos grandes incentivadores**. Quando eu iniciei, eu já tinha aí doze pra treze anos e foi na cidadezinha pequena chamada Iretama, que é da onde eu venho, norte do Paraná. E comecei jogando de forma bastante informal, no meio dos colegas do meu pai. (...) Dentro disso tudo **eu participei da minha primeira escolinha formal, foi no meio dos meninos** numa cidadezinha sessenta quilômetros longe de Iretama, em Campo Mourão. Nós tínhamos antigamente a Escolinha do Zico e só tinha meninos e eu de menina (AGGIO, 2017). [grifo nosso]

As duas atletas começaram a jogar futebol na infância. Ainda que a Aline tenha começado mais cedo, com 6 anos apenas, enquanto a Marina começou a praticar aos 12 anos. Para além da presença do esporte bretão na "meninice" de ambas, gostaríamos de pontuar que o contato inicial delas com o futebol é mediado através de figuras masculinas. Ambas "jogam bola" com os meninos, seja na rua ou na primeira escolinha. No caso da Marina, o pai, outra figura masculina, tem um papel importante na aproximação com o esporte.

É um dado significativo, pois podemos identificar que há uma diferenciação de gênero logo no início da prática futebolística. Há uma maior quantidade de meninos que jogam futebol, enquanto as meninas, sendo minoria, precisam encontrar seu espaço. Outras jogadoras já relataram tal fenômeno, é o caso da própria Marta no texto *Carta para eu mesma quando jovem* (SILVA, 2017), quando relata que não havia outras garotas para jogar futebol e precisava ouvir "comentários maldosos" por estar jogando com os meninos, além das dúvidas acerca da sua capacidade técnica e física.

A partir daí também é possível apontar a precariedade da formação das atletas, pois enquanto os meninos têm escolinhas e categorias de base para iniciarem seu treinamento, as meninas ficam com alternativas precárias. Ou precisam se adequar às escolinhas masculinas ou como aconteceu com a Aline treinam em escolinhas improvisadas: "Então, primeiro time era nessa escolinha que é no Horto, que tinha meninas, mas a escolinha, que na verdade não era escolinha, era um time feminino. Tinha eu com doze, uma mulher com quarenta, jogava todo mundo junto ali" (PELLEGRINO, 2017).

Ainda que a situação atual já tenha melhorado desde quando Aline começou a praticar, as categorias de base femininas ainda são deficitárias. Basta pensar que somente em 2017 a Federação Paulista de Futebol (FPF) conseguiu organizar o campeonato estadual sub-17 feminino – contando exatamente com a atuação de Pellegrino em sua organização – quando o masculino teve a sua primeira edição em 1988. As carências na formação têm consequências posteriores, inclusive, na dificuldade de profissionalização das jogadoras. Para Marina:

> Nós estamos falando aqui que não existe organização, não existe planejamento, blablablabla, mas **também não existe nenhuma formação para a atleta**. Então ela chega do jeito que ela é no clube, sem orientação nenhuma, sem formação nenhuma tática nem técnica.
> (...)
> Essas atletas chegam pra CBF de forma bastante bruta porque **essa menina até então nunca teve um trabalho formal nos clubes, numa forma bem amadora**. Quando ela chega na seleção ela chega com déficit técnico, tático muito grande. A CBF tem que formar essa atleta lá dentro e colocá-la pra competir em campeonatos que outras já disputam há muitos anos. Se for colocar como base a seleção alemã, as meninas passam desde os sete até o Sub-13, Sub-14, Sub-15, Sub-20. Quando elas chegam na seleção adulta com vinte, vinte e dois anos, elas já têm uma bagagem de treinamento esportivo de dez, doze anos (AGGIO, 2017). [grifo nosso]

Dessa forma, notamos que o problema se inicia na base, pois não há uma formação adequada para as jogadoras, quando elas se tornam adultas precisam compensar os déficits de formação, inclusive o técnico. Essa defasagem alimenta os argumentos do senso comum de que o futebol feminino é "fraco". O que, por outro lado, sustenta e legitima a ausência de investimento na modalidade, pois não despertaria interesse do público. Quando na realidade, o interesse existe: nas Olímpiadas de 2016 o jogo entre Brasil e Austrália atingiu 22,4 milhões de espectadores e superou a audiência do futebol masculino[8]. No pós-Olimpíada 9 milhões de pessoas assistiram apenas com as transmissões online da CBF TV o Torneio Internacional de Manaus, além da audiência obtida pela Band e Bandsports com a competição, uma das poucas femininas transmitidas em canal aberto[9].

Após pensarmos a inserção das atletas do mundo de futebol, cabe discutirmos a etapa seguinte por elas vivenciadas. Nas narrativas das entrevistadas o momento em que o futebol se torna profissão é quando ocorre o vínculo com algum clube ou com alguma escolinha, pois há um treinamento mais formal. Para Marina:

[8] Disponível em: https://veja.abril.com.br/blog/radar/audiencia-do-futebol-feminino-bate-recorde-e-supera-a-do-masculino-na-olimpiada/# Acesso em: 30 nov. 2017.
[9] Disponível em: http://dibradoras.com.br/audiencia-pos-rio-2016-prova-potencial-do-futebol-feminino/ Acesso em: 30 nov. 2017.

> E ali foi minha primeira escolinha formal. Fiquei ali durante dois anos. E depois disso, iniciou um processo ai de busca por melhores, mais espaço, lugares que tinha campeonatos femininos. Eu sempre soube que São Paulo, interior de São Paulo tinha mais condições para o desenvolvimento da modalidade. Foi aí que com dezesseis anos... quinze para dezesseis anos, depois de me formar no ensino médio eu tive a oportunidade de ir embora pra São Paulo por meio de uma clínica que nós fizemos aqui no Paraná e o professor me viu jogando e achou que seria interessante me dar uma oportunidade de jogar em um dos clubes de São Paulo. Foi aí que eu sai com quinze para dezesseis anos, muito nova de casa, sempre com apoio do meu pai (AGGIO, 2017).

Aline coloca o marco inicial da sua carreira profissional quando é convidada, após um período na categoria de aspirantes, para jogar pelo time principal do São Paulo FC, aos quinze anos. Para ela aquele é o momento de: "fazer aquilo ali como profissão todo santo dia." O que traz dificuldades para uma adolescente: "[é] o baque, aquela transição do jogo da brincadeira para uma coisa séria que eu não tava preparada e aí que é a coisa mais legal do mundo, não passa ser a coisa mais legal do mundo. A hora mais chata do dia é a hora que você vai treinar" (PELLEGRINO, 2017). Cleaver (2009) aborda esse tema e denomina que seria a passagem do *homo ludens* para o *homo faber*, pois ao se tornar esporte a prática corporal deteriora o seu caráter lúdico em prol de uma lógica disciplinadora, competitiva e voltada para outros interesses.

Pode-se encarar como a passagem da brincadeira para a profissão. A partir desse ponto, gostaríamos de trazer a discussão acerca do *trabalho* no âmbito do futebol feminino. Longe de almejar fornecer uma resposta fechada, o propósito maior é levantar questões para esse debate, pois após as entrevistas com as jogadoras, surgiu o questionamento sobre como definir a atividade profissional delas, marcada por inúmeras especificidades, oriundas de elementos de gênero, trabalhistas e da própria condição das/dos atletas.

Uma especificidade do trabalho das jogadoras de futebol diz respeito ao regime e às condições de trabalho por elas vivenciadas. De tal modo, direcionamos nossas reflexões para a categoria de *trabalho informal*. A bibliografia acerca do tema parte da definição conceitual de *informalidade*. De acordo com Costa (2010), o debate teórico-conceitual sobre informalidade demonstra a confusão que o termo traz graças à complexidade e diversidade dos arranjos produtivos que podem ser enquadrados no conceito.

Araújo e Lombardi (2013) seguem na mesma direção afirmando que a característica do "informal" é a heterogeneidade de situações de trabalho e complementando a lógica ao defender que as desigualdades sociais – inclusive as de gênero – se apresentam e se reproduzem na informalidade, o que pode ser percebido pelas desiguais oportunidades de mulheres e negros, quando comparados a homens e brancos. Procuramos problematizar se a situação do futebol feminino poderia ou não se enquadrar dentro desse quadro de

informalidade, pois seria mais um arranjo produtivo nesse leque heterogêneo e no qual a desigualdade de gênero ficaria clara.

Para nos auxiliar na análise dos dados, utilizamos também as contribuições de Noronha (2003) sobre a informalidade. O cientista político faz uma crítica ao conceito exatamente pela possível imprecisão causada pela diversidade de trabalhos que são identificados como informais e com isso busca discutir os diferentes significados de informalidade, a partir de três abordagens: a econômica, a jurídica e a do uso coloquial. Também é importante considerar que para se compreender a informalidade é preciso compreender o que é considerado formal de maneira predominante em determinado contexto, setor ou categoria profissional (NORONHA, 2003, p. 111-129). No caso de jogadores/as de futebol no Brasil, pensando em um recorte espacial e de categoria profissional, o padrão formal seria dos jogadores homens, atuando nas competições minimamente estabelecidas[10], que possuem o contrato de trabalho formal caracterizando-os como atletas profissionais perante a CBF e a de acordo com a Lei Pelé (Lei 9.615 de 24 de março de 1998). Seguindo nessa lógica, no Brasil, em geral, o mercado de trabalho e a informalidade devem ser compreendidos como resultados da construção da formalidade, aqui associada à cidadania e ao direito social.

Retomando as três abordagens para pensar o significado de informalidade, a econômica vinculou a informalidade a atividades periféricas não rentáveis. Na perspectiva jurídica, não há contratos formais ou informais, mas sim, ilegais ou legais. Por fim, o uso coloquial, ou seja, a visão da população em geral, relaciona-se à legislação: trabalho formal é aquele com carteira de trabalho, não ter a carteira pode ser considerado injusto. Dessa forma, estabelecem-se três pares contrastantes de conceitos sobre os possíveis contratos de trabalho: 1) formal e informal; 2) legal e ilegal; 3) justo e injusto. Nesse sentido, o informal tende a se identificar com o sem carteira e este, com injusto. (NORONHA, 2003, p. 115) Lembramos ainda que a informalidade existe também em economias formais.

Retomando as narrativas das atletas, podemos pensar pontos de contato e de distanciamento com as características do trabalho informal colocadas acima. Começamos com as aproximações, especificamente, a questão dos contratos de trabalho:

> A.P.: Não, **não tive carteira assinada em nenhum.** Eu tinha um contrato com o São Paulo, que foi isso que eu falei lá no começo que era meio que um contrato de formação, até porque eu era menor de idade e tudo. E eu recebi ali. Que era o contrato correto para a idade, né. Dentro do formato todo ali. As jogadoras que eram mais velhas e tal, que eram maiores de idade, tinham contrato de trabalho mesmo CLT. E aí depois que eu saio do

[10] Para fins de melhor delimitação, consideramos essas ligas como aquelas profissionais ligadas CBF – Campeonato Brasileiro com as séries A, B, C e D, Copa do Brasil, Copa do Nordeste, Copa Verde – e demais Federações Estaduais, com seus campeonatos por estado. Disponível em: https://www.cbf.com.br/competicoes/ Acesso em: 21 abr. 2018.

> São Paulo, tudo mais contrato verbal. Na verdade, na maioria não tem nem contrato verbal, porque daí você já não recebe, né. Aí eu volto a ter um contrato ali entre aspas “mais formal”, uma bolsa atleta, que a prefeitura de Santos, em 2008 quando eu chego no Santos. No mais, quando tinha uma graninha ali nos outros era verbal (PELLEGRINO, 2017).
> M. A.: Primeiro que você não tem contrato nenhum com esse clube. Você mal assina um contrato. Carteira assinada é agora que ta surgindo no futebol feminino. São poucos os clubes que possuem. (...) Fora do Brasil sim, eu tive carteira assinada e passaporte assinado por todos os clubes que eu passei. Aqui no Brasil não. Eu posso contar nos dedos hoje os clubes que formalizam essa situação com as atletas (...) **Não tive fundo de garantia, não tive décimo terceiro, não tive uma carteira de trabalho registrada, não tive VT, não tive nada de direito que uma pessoa trabalhista tem**. Tanto que eu vim parar na docência que eu sabia que se eu ficasse na área do futebol feminino seriam mais vinte anos de forma muito informal. E isso eu não quis (AGGIO, 2017). [grifo nosso]

Partindo da abordagem coloquial de que a formalidade seria garantida com a carteira de trabalho assinada e a informalidade seria a ausência da mesma, podemos considerar que a realidade da grande maioria das jogadoras de futebol no Brasil é marcada por um trabalho informal, pois poucos clubes formalizam um contrato de trabalho e assinam a carteira de suas jogadoras[11]. Em um exercício comparativo, até podemos considerar que essa também não é a realidade de todos os jogadores homens no Brasil, porém, vale lembrar que estamos abordando atletas que estão no nível de maior performance no país. Comparando objetivamente no campeonato Brasileiro, todos os jogadores da série A possuem contrato de trabalho formal – inclusive se não tiverem não podem constar no Boletim Informativo Diário (BID) da CBF, que permite o atleta entrar em campo em um jogo oficial –, situação inversa das mulheres, pois apenas uma minoria de jogadoras possui a carteira assinada, mesmo na série A1 do Brasileiro.

Como comentado anteriormente, a formalidade (garantida pelo contrato e pela carteira de trabalho) no caso brasileiro, historicamente, esteve associada à cidadania e ao direito social, Marina ao afirmar que nunca teve enquanto jogadora o direito “que uma pessoa trabalhista tem” demonstra a força dessa noção, além de revelar a marginalidade das jogadoras dentro da lógica dos direitos trabalhistas. Se prosseguirmos em nossa análise considerando as três abordagens de Noronha sobre a informalidade, podemos notar um distanciamento na perspectiva jurídica. Para os juristas, como vimos, não há formal ou informal, mas contratos legais e ilegais. Se as jogadoras não possuem contrato de trabalho,

[11] A reportagem *Carteira assinada é coisa rara e salário máximo de R$ 5 mil: ser profissional no futebol feminino no Brasil é para poucas* da jornalista Gabriela Moreira da EPSN, publicada em 14 março de 2017, corrobora a informação de que a maioria das jogadoras atualmente não possuem carteira de trabalho. Disponível em: http://espn.uol.com.br/post/678444_carteira-assinada-e-coisa-rara-e-salario-maximo-de-r-5-mil-ser-profissional-no-futebol-feminino-no-brasil-e-para-poucas Acesso em: 30 nov. 2017.

sua dinâmica de trabalho poderia ser considerada ilegal. Contudo aparece aqui a especificidade do Direito Desportivo. De acordo com a Lei Pelé:

> Art. 3o O desporto pode ser reconhecido em qualquer das seguintes manifestações (...):
> III - desporto de rendimento, praticado segundo normas gerais desta Lei e regras de prática desportiva, nacionais e internacionais, com a finalidade de obter resultados e integrar pessoas e comunidades do País e estas com as de outras nações.
> § 1o O desporto de rendimento pode ser organizado e praticado:
> I - de modo profissional, caracterizado pela remuneração pactuada em contrato formal de trabalho entre o atleta e a entidade de prática desportiva;
> I - de modo não-profissional, identificado pela liberdade de prática e pela inexistência de contrato de trabalho, sendo permitido o recebimento de incentivos materiais e de patrocínio.[12]

A CBF, seguindo o proposto pela lei, coloca o seguinte: "Art. 1º – Os atletas de futebol no Brasil desdobram-se em duas categorias: profissionais e não profissionais".[13]Deste modo, notamos que as jogadoras de futebol se enquadram, nos termos da lei, no chamado esporte de rendimento, porém são atletas não profissionais, pois não têm o contrato formal de trabalho desportivo, o que não significa que esteja em uma relação de trabalho ilegal, pois a Lei Pelé possibilita a ausência de um contrato formal. É interessante pensar no termo utilizado também: as jogadoras são *não-profissionais*, abandonou-se o uso de *amador*, que agora se enquadraria naquelas práticas esportivas esporádicas, como o "futebol do fim de semana entre casados e solteiros", por exemplo. Com relação às nossas entrevistadas, o termo amador também aparece:

> [A modalidade] **não é profissional, é extremamente amadora,** não existe nenhum tipo de lei trabalhista que envolva a mulher dentro do futebol feminino como em alguns esportes do Brasil também, e eu acredito que sim, a evolução passaria por esse processo. Tinha que passar por esse processo. **Enquanto os clubes tratarem as jogadoras de forma amadora, as mesmas também vão se sentir amadoras.** A partir do momento que elas são tratadas como profissionais, a mentalidade muda (AGGIO, 2017). [grifo nosso]

[12] BRASIL. LEI Nº 9.615, DE 24 DE MARÇO DE 1998. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9615consol.htm Acesso em: 30 nov. 2017.
[13] CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL. Regulamento Nacional de Registro e Transferência de Atletas de Futebol. Disponível em: https://cdn.cbf.com.br/content/201503/20150319143412_0.pdf Acesso em: 30 nov. 2017.

A jogadora Marina utiliza a categoria “amadora” em um tom pejorativo, para demonstrar as dificuldades da modalidade, que passa pelos obstáculos da profissionalização e também pelo déficit dos direitos trabalhistas para as jogadoras. Aqui podemos inferir também que a ideia do amadorismo das jogadoras legitima os clubes a não investirem (mais) no futebol feminino, pois se são amadoras não haverá interesse, com isso retomando o imaginário de que é “fraco”, tem “baixa qualidade” etc. Reiniciando o ciclo vicioso citado anteriormente.

Com relação à abordagem econômica sobre a informalidade podemos analisar as falas das atletas com relação aos salários e possíveis subsídios:

> A.P.: Não rolou nada, eu recebi 70% do que tinha combinado, que eram onze meses pra... porque daí não tem nada no papel, fica só no “ah, o patrocinador ia vim, não veio e tal tal tal”, então fica um negócio meio... ”. Acho que os calotes acontecem menos, dependendo do clube, né. Se a gente pensar nos principais de baixo pra cima, mas ainda acontece lá pra baixo, entendeu? Vai receber quinhentos, recebe duzentos. Receber mil, recebe quinhentos. Acontece. (PELLEGRINO, 2017)
> M.A.: Quando você tem um determinado nível, se é assim que eu posso dizer, já jogou em vários lugares, teve passagem pela Europa, pela seleção brasileira, você tem uma outra conotação. Então jamais alguém ia pegar o telefone pra ligar pra mim para me dar um calote. (...) Então era simples, mas é porque eu tinha uma bagagem financeira por trás de mim, e principalmente cultural. Eu jamais ia permanecer num clube que, por exemplo, que não me pagasse bem ou que não me pagasse. Isso... mas não é a realidade do feminino, ta? A realidade do feminino é muito diferente. As meninas as vezes não recebem, os clubes trabalham por três meses, depois dos estaduais manda as atletas embora sem nem um tipo de direito (AGGIO, 2017).

Nas falas temos dois elementos importantes. O primeiro versa sobre os salários especificamente. Como os contratos são, em sua maioria, verbais, não há uma garantia do cumprimento do mesmo e por isso, muitas vezes, as atletas recebem menos do que fora acordado inicialmente, conforme contou a Aline. O segundo é com relação ao calendário de competições e como isso implica a vida das jogadoras. Como existem poucas competições femininas – ainda que o número esteja crescendo, vide as séries A1 e A2 do Campeonato Brasileiro e o próprio exemplo do sub-17 do Campeonato Paulista[14] - a temporada não tem jogos o suficiente para estar completa. Sem competições, os clubes dispensam as atletas, que ficam nessa incerteza profissional. Esses são aspectos que demonstram uma precariedade

[14] Por outro lado, tivemos esse ano a extinção da Copa do Brasil Feminina pela CBF, o que também gerou descontentamento de atletas, clubes, jornalistas etc.

econômica, pois há a possibilidade de não receber o salário proposto, que já é baixo geralmente, além disso, chegar em determinado período do ano e se ver sem emprego. Nesse sentido, o trabalho de jogadora de futebol no Brasil, de acordo com a abordagem econômica, pode ser considerava como atividade periférica e por isso se constituir como um trabalho informal.

Em contrapartida, alguns clubes e instituições – os mais estruturados – buscam amenizar esse déficit com outras estratégias, com auxílios distintos. Por exemplo, tanto a Marina Aggio quanto a Aline Pellegrino estudaram – graduação e pós-graduação – com bolsas de estudo oriundas da sua prática esportiva. O Santos, no caso da Aline, concomitante (mas não parte integrante) à Bolsa Atleta dada pela prefeitura, fornecia Plano de Saúde vinculado à Santa Casa da cidade. O que são tentativas válidas e com interesse pela manutenção das jogadoras, porém, não garantem uma estabilidade financeira e nem direitos. Lembrando ainda que as atletas não têm direito de imagem ou de arena, apenas quando participam da seleção brasileira. Isso devido aos jogos femininos praticamente não serem transmitidos pela televisão.

Ainda sobre os direitos trabalhistas para as jogadoras, há um ponto específico que merece atenção: a licença-maternidade. A lei brasileira protege a trabalhadora gestante e prevê a licença-maternidade sem o prejuízo do emprego ou do salário, garantindo a estabilidade desde a confirmação da gestação até cinco meses após o parto. Os tribunais entendem que esse direito se estende para os contratos por tempo determinado, que é o caso dos contratos desportivo (no mínimo 3 meses e no máximo de 5 anos, pela Lei Pelé). Porém, as experiências reais podem ser diversas. Aline relatou o caso da jogadora Joicinha que engravidou enquanto era atleta do Santos. O clube tinha convênio com a Santa Casa e dava para as jogadoras o plano de saúde com obstetrícia. Joicinha teve todos os custos da gravidez coberta e o clube renovou o contrato. Marina citou a reportagem de Camile Mourão e Lizandra Trindade para o Esporte Espetacular com a temática sobre a gravidez de atletas[15] e os relatos foram bem distintos. Não focando em casos do futebol, mas a reportagem mostrou inúmeras situações de atletas que tiveram seus contratos rompidos ao anunciar a gravidez, durante a gestação, assim como, a não renovação de seus contratos. Marina defende que no caso do futebol isso é generalizado também. O que é coerente, pois as jogadoras quase não têm garantias formais, a questão da gravidez acaba se tornando mais um agravante e motivo de insegurança. Situação, obviamente, que não se coloca aos atletas homens.

Futebol feminino no Brasil e as relações sociais de sexo: algumas considerações

Ao longo do texto elencamos diversas dificuldades presentes nas trajetórias das jogadoras brasileiras de futebol, mesmo partindo de dois casos singulares, percebemos que

[15] Disponível em: https://globoesporte.globo.com/programas/esporte-espetacular/noticia/dani-lins-anuncia-gravidez-e-desabafa-sofri-preconceito.ghtml Acesso em: 30 nov. 2017.

os problemas se generalizam. Um dos pontos chaves de todo esse processo é a profissionalização da modalidade, pois traz consigo inúmeras consequências, principalmente, quando não se concretiza. Tornar o futebol feminino profissional ainda é um processo em desenvolvimento e diferentes setores advogam a necessidade de se lutar e investir nessa direção. A “revolta” das jogadoras após a demissão da Emily foi um passo importante nesse sentido, assim, como a exigência da criação de um Comitê do Futebol Feminino na CBF (promessa já feita anteriormente pela instituição e não cumprida) e a necessidade de se cobrar maiores investimentos, contratos formais, venda de produtos dos times femininos etc. A partir disso trazemos uma fala significativa da Marina Aggio:

> Então, eu vou definir duas situações pra você. Marina pré-Suécia e Marina pós-Suécia. Por que eu falo isso? Porque lá eu conheci o que era futebol profissional. Quando a gente vai para um país de primeiro mundo aonde a mulher tem uma figura desenvolvida na sociedade, a gente vai entender que ela é também desenvolvida no esporte. Uma coisa vem atrelada a outra. (...) Então, eu sempre falo que antes disso concluo que é amadorismo. Depois disso você entende o que é profissional. Aí eu vim pra cá com outra bagagem cultural e sempre que eu jogava nos clubes eu sempre trabalhei de forma profissional. Então eu costumo dizer que **o futebol pode não ter sido profissional comigo, mas eu fui com ele**. Porque todos os lugares que eu passei fui de fato muito séria no trabalho que eu fiz. E alguns clubes que eu passei aqui no Brasil eram extremamente amadores. Muito assim, sem ter um treinador adequado. Até hoje isso existe. Um treinador, um homem que acha que entende de futebol, alguns profissionais que estão ali atuando sem formação adequada nenhuma, existe muito no futebol feminino (AGGIO, 2017). [grifo nosso]

Marina explicita aqui muito do esforço que as mulheres precisam possuir no Brasil para atuarem como jogadoras. Elas precisam ser profissionais e cumprir todos os seus deveres, inclusive, uma rotina desgastante – nas palavras da Aline “de segunda a segunda” – contudo, não há reciprocidade na relação. O futebol não as considera profissionais, gerando a informalidade no trabalho e todo o desgaste decorrente. Cabe agora buscarmos elementos que possam explicar tal processo.

Para isso nos voltaremos para as categorias de *relações sociais de sexo* e *divisão sexual do trabalho*, entendidas como indissociáveis, formando um sistema. O futebol no Brasil é um importante operador cultural e de identidade, como aponta Simoni Guedes (GUEDES, 1998). Ou seja, ocupa um espaço de destaque na sociedade e cultura brasileiras. No entanto, quando se fala em futebol brasileiro, pensa-se nos homens praticando-o. Há

uma invisibilidade do futebol feminino[16] em terras tupiniquins. A partir do momento que discutimos o futebol de mulheres a luz das questões do trabalho, precisamos considerar essa hegemonia masculina e problematizar esses elementos.

De acordo com Kergoat (2009), as condições em que vivem homens e mulheres são construções sociais e não consequências de um "destino biológico". Esses dois grupos estão envolvidos em uma relação social: as relações sociais de sexo, as quais possuem, uma base material, o trabalho e são expressas através da divisão sexual do trabalho. Compreendendo relação social como uma tensão que produz fenômenos sociais e em torno desses há grupos antagônicos, nas relações sociais de sexo, temos o grupo social dos homens e o grupo social das mulheres. Tais relações se baseiam em uma relação *hierárquica* entre os sexos, é uma relação de *dominação* e de poder (KERGOAT, 2009, p. 71).

Complementando esse pensamento, devemos considerar que as relações de classe e as relações de sexo são *estruturantes* da sociedade. Essa relações se superpõem, o que torna as relações sociais *consubstanciais*. A partir daí, Hirata e Kergoat nos lembram a máxima de que a "classe operária tem dois sexos", defendendo que as condições de trabalho e de desemprego de trabalhadores e trabalhadoras são quase sempre assimétricas e que não é possível pensar em uma homogeneidade da classe trabalhadora (HIRATA, KERGOAT, 1994, p. 93-100). Ademais, a divisão sexual do trabalho se caracteriza pela destinação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva, destinando aos homens as funções de maior valor agregado. Decorre disso a noção de que haveria trabalhos de homens e trabalhos de mulheres e que o trabalho do homem teria mais valor que o da mulher. (KERGOAT, 2009, p. 67)

Toda essa discussão lança luz à realidade do futebol de mulheres no Brasil e as vivências do trabalho das jogadoras. A parte mais óbvia talvez seja a legitimidade que o futebol masculino tem frente ao feminino, como falamos, quando se pensa em futebol brasileiro, pensa-se nos homens. Como se eles fossem os únicos "operários da bola". Há uma clara relação de hierarquia entre os dois futebóis, com um abismo considerável entre eles. Basta recordarmos a discussão acerca da existência dos contratos de trabalho, ou melhor, de quem é considerado profissional e de quem não é – pensando em termos gerais, pois jogadores em formação também não são profissionais, mas neste caso é um critério de idade que será modificado, seria uma relação contingente e não estruturante.

Uma das características da divisão sexual do trabalho é o trabalho masculino valer mais que o feminino. Sobre essa realidade dentro do futebol trazemos a fala novamente da Marina:

[16] O Museu do Futebol em conjunto com o Centro de Memória do Esporte e o Guerreiras Project lançaram a campanha *Visibilidade para o Futebol Feminino* em 2015, buscando desde então, exatamente visibilizar a prática focando no seu desenvolvimento e democratização.

> Não sei nem como começo a responder essa questão [da diferença salarial], porque ela é tão legitimada, se assim eu posso dizer, ela é tão significativa que eu não consigo nem fazer a comparação. Mas eu vou fazer uma comparação bem simples com a Marta. A Marta é cinco vezes melhor jogadora do mundo, ela é doze vezes melhor jogadora indicada pela FIFA, ela tem milhões de prêmios e ela recebe em torno de cem mil reais por mês. Em torno de um milhão por ano, se assim que eu posso dizer. A jogadora mais bem paga, uma das mais bem pagas do Brasil. Neymar nunca foi melhor jogador do mundo, tá ali cotado entre os melhores jogadores, mas nunca foi e tem o salário de cinco milhões por mês. Então, eu acho que já respondo a sua questão. **No futebol feminino isso é ... não tem comparação, porque a gente nunca vai chegar no mesmo nível que o masculino**. Nós temos ai um retardo na cultura de futebol feminino muito grande. (AGGIO, 2017) [grifo nosso]

No futebol fica evidente que o trabalho das mulheres tem um valor muito menor que o dos homens em uma sociedade capitalista e sexista (racista, se quisermos incluir a categoria de raça). A comparação entre Marta e Neymar é ao mesmo tempo didática e simbólica, pois são dois ídolos da seleção brasileira, grandes jogadores, com carreiras imensamente reconhecidas, ainda em atuação e ocupam um mesmo patamar se pensados comparativamente dentro do futebol brasileiro. Porém, a diferença salarial entre ambos é abissal. A mesma lógica se aplica aos valores pagos em premiações pelos campeonatos. O Campeonato Brasileiro Feminino, da série A1, organizado pela CBF, teve como premiação o equivalente a 1% do prêmio pago ao campeão do torneio equivalente masculino.[17]

Para Kergoat, no entanto, falar em divisão sexual do trabalho não é apenas constatar a desigualdade, mas articular a descrição do real com uma reflexão sobre "os processos pelos quais a sociedade utiliza a diferenciação para hierarquizar essas atividades". Para realizar essa empreitada precisamos direcionar nosso olhar para a trajetória histórica das mulheres no futebol no Brasil. A própria Marina lança um "pontapé inicial" sobre:

> Eu não tenho dúvida nenhuma que isso é genuinamente masculino. Nós temos todo um processo dentro da modalidade de futebol que é genuinamente masculino. **Nós tivemos um retrocesso muito grande quando nós somos proibidas de jogar entre 40 e 64, quando aconteceu a ditadura militar e até os anos 80 ainda existiam poucas equipes**. A partir dos anos 80 que a mulher começou a ter um pouquinho mais de liberdade e em 96 entrou nas Olimpíadas. Então todo esse processo histórico, você encontra a figura masculina jogando. Você encontra a evolução dos clubes

[17] Disponível em: http://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,brasileirao-feminino-comeca-com-premiacao-140-vezes-menor-que-o-masculino,70001695591 Acesso em: 4 dez. 2017.

> masculinos, mas do futebol feminino pouco se vê. Mas é um processo único e exclusivamente do futebol? Não, esse é um processo exclusivamente da mulher. Né, nós não vemos a mulher na história, nós vemos a mulher sempre ou atrás ou do lado (AGGIO, 2017). [grifo nosso]

Há relatos de mulheres jogando futebol no Brasil desde o início do século XX, porém, sempre em quantidade muito inferior aos homens e sempre passando por discriminações. É nessa direção que surge a primeira regulamentação restritiva à prática do futebol por mulheres: em 1941 o Conselho Nacional de Desportos (CND) decretou: "Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país". Em tais práticas, o futebol fora incluído (ALMEIDA; PISANI, 2017, p. 28).

Já na ditadura civil-militar, em 1965, implantou-se a Deliberação n.7/65 que reafirmava a disposição de 1941 e descrevia oficialmente quais modalidades seriam vetadas às mulheres: "Não é permitida a prática de lutas de qualquer natureza futebol, futebol de salão, futebol de praia, pólo aquático, pólo, rúgbi, halterofilismo e baseball". Foi somente em 1983 que o CND regulamentou o futebol feminino através da Deliberação 1/83. (ALMEIDA, PISANI, 2017, p. 22) Dessa forma, podemos afirmar que a prática contínua e minimamente organizada do futebol de mulheres ocorreu nas últimas décadas do século XX. Quando em comparação os homens praticam tranquilamente o futebol desde o final do século XIX. Ou seja, há nessa conjuntura barreiras de acesso, inclusive formal, e de reconhecimento profissional gerando uma clara segregação ocupacional.

Nesse sentido, é interessante traçar um paralelo também com relação à demanda por profissionalização das duas modalidades. O futebol masculino profissionaliza-se oficialmente em 1933 (PEREIRA, 2000), ou seja, no contexto da primeira fase da Era Vargas, com a ideologia trabalhista em voga e uma ânsia por regulamentar o trabalho e até mesmo os direitos trabalhistas. Era coerente transformar também o jogador de futebol em trabalhador. Já o caminho para a regulamentação do futebol feminino começa exatamente em um período de desregulamentação do trabalho e esfacelamento das leis trabalhistas com as políticas neoliberais dos anos 1980 e um crescente aumento da informalidade nos anos 1990 no Brasil. Ainda que não seja possível aqui traçar uma relação direta entre esses elementos, é inegável que não é um bom momento para demandar maiores direitos, o próprio movimento sindical encontra-se a partir dos anos 1990 muito mais na defensiva. Todos esses elementos trazem mais um agravante para o processo de luta pela profissionalização da modalidade e se contrapõe exatamente ao que aconteceu com os homens.

Importante contextualizar também que é exatamente no período em que os jogadores são profissionalizados, que a mulher perde o seu direito de simplesmente praticar o futebol, inclusive, como amadora. Aqui retomamos os pensamentos de Saffioti (SAFFIOTI,

1973, p. 55-96) de que o capitalismo marginaliza contingentes humanos do mundo do trabalho, principalmente, mulheres e grupos socialmente discriminados. Às mulheres na Era Vargas foi vetado a possibilidade de ganharem a vida como jogadoras, o que trouxe consequências até hoje. Para legitimar esse alijamento da esfera produtiva do esporte o sistema capitalista se utilizou de mediações ideológicas, ou seja, os preconceitos já existentes para com as mulheres. Como exemplo, podemos citar uma carta endereçada a Getúlio Vargas abordando a prática futebolística feminina:

> Existe hoje uma interminável bibliografia sobre assuntos referentes à educação física e desportos, sendo todos os autores unânimes em profligar o jogo do “velho esporte bretão” pelas mulheres, por acarretar traumatismos que podem afetar departamentos do organismo feminino especialmente delicados e de importância vital. (ARAÚJO apud FRANZINI, 2005, p. 320)

Ou seja, apelava-se para fatores biológicos que tornariam as mulheres frágeis e delicadas frente ao futebol, impossibilitando-as de jogar. Dessa forma, notamos que houve uma construção histórica que alijou as mulheres dentro do futebol. O que não impediu iniciativas de resistências, como vemos até hoje. Porém, tais restrições tiveram consequências na profissionalização do esporte, ou da sua ausência de profissionalização, custando caro às atletas e formalizando uma segregação ocupacional e barreiras de acesso formal ao trabalho dentro do campo esportivo.

Por fim, reiteramos que as tentativas e dificuldades da profissionalização do futebol feminino no Brasil estão conectadas ao debate sobre trabalho formal e informal e as relações sociais de sexo, que dentro da sua lógica oportunizam uma hierarquização entre os futebóis masculino e feminino, tendo o de mulheres muito menos poder nessa relação.

Artigo recebido em 28 fev. 2018.

Aprovado para publicação em 09 mai. 2018.

Referências

ALMEIDA, Caroline; PISANI, Mariane. *Carreiras e profissionalismo de futebolistas brasileiras após a regulamentação do Futebol Feminino no Brasil*, 2017, pp. 1-28. Disponível em: http://www.academia.edu/35200263/Carreiras_e_profissionalismo_de_futebolistas_brasileiras_ap%C3%B3s_a_regulamenta%C3%A7%C3%A3o_do_Futebol_Feminino_no_Brasil

ARAÚJO, Angela M. C.; LOMBARDI, Maria. R. Trabalho informal, gênero e raça no Brasil do início do século XXI. In: *Cadernos de Pesquisa*. v.43, n.149, p. 452-477 mai-ago, 2013.

BONI, V.; QUARESMA, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. In: *Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC*. Vol. 2 nº 1 (3), janeiro-julho/2005, p. 68-80.

BOURDIEU, P. "Como é possível ser esportivo?". In: *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero Limitada, 1983.

BRASIL. LEI Nº 9.615, DE 24 DE MARÇO DE 1998. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9615consol.htm

CLEAVER, Harry. Sports? Play, workandsports. In: CARRINGTON, B.; MCDONALD, I. *Marxism, cultural sutdiesandsports.* London: Routledge, 2009.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL. Regulamento Nacional de Registro e Transferência de Atletas de Futebol. Disponível em: https://cdn.cbf.com.br/content/201503/20150319143412_0.pdf

COSTA, Marcia S. Trabalho Informal: um problema estrutural básico no entendimento das desigualdades na sociedade brasileira. In: *Caderno CRH*. Salvador, v. 23, n. 58, p. 171-190, jan-abr. 2010.

FRANZINI, Fábio. Futebol é "coisa para macho"?: Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. Rev. Bras. Hist., São Paulo , v. 25, n. 50, p. 315-328, Dec. 2005.

GOODE, W; HATT, P. K. *Métodos em pesquisa social*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1975.

GUEDES, Simoni L. *O Brasil no campo de futebol.* Estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro. Niterói: EDUFF, 1998.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. A classe trabalhadora tem dois sexos. In: *Estudos Feministas*, ano 2, vol.3, p. 93-100, 1994.

KERGOAT, Danièle. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In: *Dicionário Crítico do Feminismo*, São Paulo: EDUNESP, 2009, p. 67-75.

NORONHA, Eduardo G. “Informal”, ilegal, injusto: percepções do mercado de trabalho no Brasil. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. v. 18, n. 53, p. 111-129, out. 2003.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania*: Uma História Social do Futebol no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

SAFFIOTI, H. “Trabalho feminino e capitalismo”. In: IXth Congress of Anthropological and Ethnological Sciences, Chicago, 1973, pp. 55-96.

SILVA, Marta V. Carta para eu mesma quando jovem. In: *The players tribune*. 24 ago. 2017. Disponível em: https://www.theplayerstribune.com/marta-letter-to-my-younger-self-portuguese/

Fontes:

Entrevistas

AGGIO, Marina. Entrevista concedida à/ao autor/a. São Paulo, 29 nov. 2017.

PELLEGRINO, Aline. Entrevista concedida à/ao autor/a. São Paulo, 27 nov. 2017.

Negritude futebol clube: pretos, brancos e cinzas

Aira Fernandes Bonfim[1]

Negritude football club: black, white and gray

http://dx.doi.org/10.12660/rm.v9n14.2018.74230

[1]Mestranda do Programa de História, Bens Culturais e Política na Fundação Getúlio Vargas do Rio de Janeiro e pesquisadora do Centro de Referência do Futebol Brasileiro (CRFB) do Museu do Futebol (MF-SP). E-mail: acesseaira@gmail.com.

Resumo:

A partir da história da equipe de futebol amador Negritude Futebol Clube, time que teve origem na passagem da década de 1970 para 1980 na região de Arthur Alvim em São Paulo, o trabalho observará nessa prática esportiva um potente caso de associativismo comunitário emergente no final dos anos 1970, que inclui os discursos e práticas do movimento negro daquele período, até reflexões atuais. Através de um conjunto complexo de relações sociais, essa experiência de futebol se mostrará responsável pela geração de pertencimento e de senso de comunidade, contrariando a ideia de que esse esporte é, contudo, uma prática alienante. O texto é resultado da análise da coleta de dados produzidos desde 2011 (entrevistas, fotos e relatos de campo) e que referenciaram a memória e prática desse time no Museu do Futebol, em São Paulo.

Palavras-chave: associativismo; futebol; movimento negro.

Abstract:

From the history of the amateur soccer team Negritude Futebol Clube, originated in the transition of the 1970s to the 1980s in the region of Arthur Alvim in Sao Paulo, this work will observe in this sports practice a powerful case of emerging community associativism at the end of 1970s, which includes the discourses and practices of the black movement of that period, up to current reflections. Through a complex set of social relations, this football experience will be responsible for the generation of belonging and a sense of community, contradicting the idea that this sport is, however, an alienating practice. The text is the result of the analysis of data collection produced since 2011 (interviews, photos and field reports) and that referenced the memory and practice of this team at the Football Museum in São Paulo.

Keywords: associativism; football; black movement.

Esse artigo escolheu como ponto de partida um time de futebol para desenvolver o que a autora acredita ser um nó articulador, e, dessa forma, um estudo de caso, de experiências associativistas protagonizadas pelos primeiros moradores de Arthur Alvim, bairro da zona leste de São Paulo, engajadas por um time de futebol amador. O bairro vizinho a Itaquera, sofreu consideráveis transformações ao longo das últimas décadas, motivadas, principalmente, pelo crescimento da metrópole e pela consequente especulação imobiliária. Porém, nenhuma mudança é comparável à construção de um dos primeiros grandes conjuntos habitacionais da cidade, a COHAB1, que reuniu, à época, cerca de 75 mil novos habitantes para a região. Um momento fundamental para se compreender a formação do time escolhido para ensejar esse artigo, e, dessa forma, observar como o associativismo se tornou um traço marcante desse clube.

Eventos mais recentes, a exemplo das expectativas e promessas advindas da construção do Estádio de Itaquera, campo do Sport Club Corinthians Paulista e local preparado para receber a abertura da Copa do Mundo FIFA em 2014, também serão fatores mobilizadores de pertencimento e investimento públicos nos espaços de atuação dessa equipe esportiva varzeana. Vale ressaltar a partir da referência de Rial (2016, p.6) que a depender do contexto, “todas as performances futebolísticas, mesmo as amadoras, se constituem-se num espetáculo” e no caso do futebol de várzea, essa prática, assim como seus campos, clubes e campeonatos concentram-se nas periferias paulistanas, tornando-se assim a várzea de hoje, um espaço relacional essencialmente periférico. Ressalta-se, ainda, que os estudos sobre futebol propiciam um interessante ponto de observação e avaliação sobre o processo de edificação da pluralidade de práticas esportivas no contexto brasileiro a partir do impacto da organização dos de um dos principais eventos esportivos mundiais, a Copa.

O texto atravessa os episódios históricos supracitados fazendo uso das narrativas que constituem as memórias do *Negritude Futebol Clube*, time originado na passagem da década de 1970 para 1980 na região de Arthur Alvim e mantido pelos novos habitantes desse bairro em crescimento. O clube ganhou notoriedade no cenário do futebol amador e levou o nome de sua comunidade, a COHAB I, assim como a luta negra registrada no seu próprio nome, por todo estado de São Paulo ao longo dos seus mais de 37 anos de existência. O caso se mostra como um fenômeno associativo que se articula com tantos outros que se desenvolveram e que continuam a existir nas áreas periféricas da cidade de SP. Nessa medida, ao contrário de uma visão do esporte como prática alienante, desprovida de perspectiva política, a agremiação da COHAB I evidencia a inserção da atividade atlética num complexo sistema de formas de articulação comunitária que se influenciam mutuamente.

Com o propósito de questionar a ideia hegemônica de que o futebol só é “coisa pra macho”, que visa naturalizar o homem cis, heterossexual, como o legítimo participante e interlocutor desse esporte, a proposta deste artigo é resgatar a história do Negritude F.C. através dos depoimentos recolhidos ao longo dos últimos seis anos pela única liderança mulher que compõe, desde a fundação, a diretoria da entidade, com uma gestão como

presidente da agremiação durante os anos de 2012-2014. Maria Cristina Costa Vallim, a Cris, é uma escolha que se faz oportuna dada a ausência de fontes sobre futebol produzidas e protagonizadas por mulheres no Brasil. A elaboração da narrativa sobre esse esporte, ao longo de décadas, relegou às mulheres um papel marginal ou, simplesmente, não considerou a sua presença nesse ambiente. Contudo, essa interpretação não significa, obrigatoriamente, a ausência de mulheres na construção da história do futebol, seja ele amador ou profissional.

Os parágrafos a seguir apresentam trechos de relatos etnográficos organizados pelo trabalho de pesquisa do Centro de Referência do Futebol Brasileiro (CRFB), setor do Museu do Futebol, cujos procedimentos, bem como do seu modelo de escrita e, principalmente, o tipo de conhecimento produzido a partir dessas ferramentas, têm inspiração direta no fazer antropológico, enfocando principalmente a metodologia de coleta de dados e o registro de referências de memória e prática do futebol tanto na cidade, como nacionalmente.



Figura 1 - Campo de futebol do Clube Desportivo da Comunidade Alvorada.
Fonte: Crédito Continue Curioso

No período de enfraquecimento do regime autoritário no Brasil, mais precisamente no dia 10 de outubro de 1980, era fundada a equipe de futebol amador Negritude Futebol Clube em São Paulo. A iniciativa nasceu de cinco jovens, entre 18 e 19 anos, que haviam acabado de se mudar para o recém-inaugurado conjunto habitacional Padre José de Anchieta, mais conhecido como COHAB[1], localizado no bairro de Arthur Alvim. O período e a

[1] COHAB é a abreviatura de Companhia Metropolitana de Habitação de São Paulo, empresa pública criada em 1965 para gerir projetos de habitação e moradia no município de São Paulo. Desde sua fundação em 1965 até o ano de 1999, a companhia construiu 55 conjuntos habitacionais, totalizando 130.574 unidades habitacionais para atender uma população estimada em mais de 650 mil pessoas na cidade de São Paulo e na região metropolitana (CASTILHO, 2015, p. 3).

região ficaram marcados pela constituição de grupos populosos de novos moradores nos grandes conjuntos habitacionais construídos na periferia paulistana. Entre 1978 e 1979 foram inaugurados a COHAB I-A (Padre José de Anchieta), COHAB I-B (Padre Manoel da Nóbrega) e COHAB I-C (Padre Manoel de Paiva), todos na zona leste da cidade.



Figura 1 - Primeiros integrantes do Negritude F.C. na COHAB 1 em 1982.
Fonte: Autora

Em um cenário ainda árido e carente de comércio e espaços de lazer, os depoimentos revelam que o único ponto de ônibus do bairro se tornou um local privilegiado de encontro entre os novos moradores, inclusive entre os jovens entusiastas do futebol. O quinteto formado espontaneamente numa fila de espera por quadra de futsal por José Roberto, Douglas, Aguinaldo, Osvaldo e Álvaro, permitiu a reunião e formação inicial da equipe batizada de Negritude F.C.. Ainda praticantes de modalidade de futebol de poucos participantes, o time começou a participar em 1980 dos campeonatos de futebol de salão chamados de "inter-cohabs" e, pouco tempo depois, já com novos integrantes e em um campo de terra, sagraram-se campeões da 1º Copa Cohab, realizada no mesmo ano. Cada oportunidade de encontro proporcionada pelos jogos se mostrava como uma forma privilegiada de integração entre os novos moradores, suas famílias, e principalmente, seus torcedores em formação.

O contexto vivido pelo país no final da década de 1970 alterou de maneira significativa o quadro de coletividades excluídas da esfera de participação política, ao mesmo tempo em que forçou a reorganização do movimento de trabalhadores e a criação de

associações e agrupamentos de pessoas que buscavam não só subsídios para o encontro de caminhos mais democráticos, mas soluções para as demandas sociais locais, resgatando, dentro das possibilidades desse sistema de poderes, o exercício do papel e do protagonismo como atores políticos no Brasil. Tal constatação pode ser observada pelo sociólogo Raul Boschi no livro *A Arte da Associação* (1987), no qual enseja sobre a inédita generalização de coletividades emergentes em torno de valores democráticos desse momento. A busca de alternativas para a organização coletiva por meio das associações pode ser notada na elaboração e participação popular nos temas relacionados ao crescimento das cidades, no engajamento das lutas rurais, na formação e atuação das universidades públicas e privadas, assim como nas demandas temáticas dos movimentos em ascensão no período como o negro, indígena, feministas e LGBTs, só para citar alguns.

Segundo a depoente Cristina, as vitórias inesperadas do time de Arthur Alvim conquistaram visibilidade e prestígio entre os moradores da região e dos bairros por onde esse futebol se deslocava. Como todo time de futebol que se preze, sua fundação se constituiu a partir da elaboração e escolha de um nome, assim como na definição e consenso das cores e símbolos que a equipe carregaria para os desafios e campeonatos futuros. Dentro de um esforço de elaborar a imagem de um país que se modernizava e sustentava um ideário de democracia racial, aquele grupo de jovens adolescentes - e naquela altura, a inclusão de outros adeptos e torcedores - tornavam público o desejo de constituírem-se de uma equipe de identidade de luta negra, na denúncia do mito da democracia racial, baseada na perspectiva de enfrentamento dos grupos afro estadunidenses como os Black Powers e os Panteras Negras.

Cunhado por Moscovici a partir do conceito de representações coletivas de Durkheim. O conceito de representações sociais para o autor se mostra dessa maneira:

> Um sistema de valores, ideias e práticas, com dupla função: primeiro, estabelecer uma ordem que possibilitará às pessoas orientar-se em seu mundo material e social e controlá-lo; e, em segundo lugar, possibilitar que a comunicação seja possível entre os membros de uma comunidade, fornecendo-lhes um código para nomear e classificar, sem ambiguidade, os vários aspectos de seu mundo e da sua história individual e social. (MOSCOVI, 2012, p. 21)

Para o mesmo autor as representações sociais se ligam à identidade, como se pode ver no trecho a seguir:

> (...) as representações sociais emergem não apenas como um modo de compreender um objeto particular mas também como uma forma em que o sujeito (indivíduo ou grupo) adquire uma capacidade de definição, uma função de identidade, que é uma das maneiras como as representações expressam um valor simbólico (...). (MOSCOVICIF, 2012, p. 20-21).

De cores preta, branca e cinza, o fardamento do Negritude F.C. já em 1980 passou a carregar no peito o brasão com o desenho de um homem negro de cabelo black power, desenho e estética amplamente difundido entre os moradores das COHABs e torcedores da equipe da época. Sob alegação das entidades esportivas responsáveis de que o nome original poderia ocasionar "problemas raciais", o time utilizou *Alvinegro Futebol Clube* até o ano de 1986[2], pois com o encerramento da ditadura militar no Brasil (1964–1985) a Secretária Municipal de Esportes, Lazer e Recreação da cidade de São Paulo (SEME) e a Federação Paulista de Futebol (FPF) finalmente permitiram o registro e a participação da equipe em campeonatos de maior expressão com o nome original. Com transmissão na Rede Record de Televisão nas manhãs dos domingos, o Negritude F.C. alcançou popularidade quando participou do campeonato Desafio ao Galo[3] em 1986, e conquistou o 3o lugar entre os melhores varzeanos de São Paulo, com cinco vitórias. Também logrou como vice-campeão da Copa Black Power de 1989, campeonato vigente desde 1987 e organizado pelo time de mesmo nome fundado no bairro do Ipiranga. Era uma agremiação de futebol que passou a gerar identificação por onde passava.

A partir do pressuposto que a identidade é construída historicamente em meio a uma série de mediações que diferem de cultura para cultura, no Brasil, o cabelo e a cor da pele se tornaram referenciais de classificação e apontamento de quem é negro. Dessa forma, essa dupla, presente na concepção do desenho ostentado pelo brasão do time de futebol, carrega a marca identitária negra, que por vezes é interpretada como força, e por vezes, fora desse exemplo, é vivida como estigma de inferioridade. Sobre a inferioridade, Elias e Scotson (2000, p. 23) sinalizam que só pode estigmatizar o outro com eficácia quando se está bem instalado em posições de poder, das quais o grupo estigmatizado é excluído:

> Afixar o rótulo de 'valor humano inferior' a outro grupo é uma das armas usadas pelos grupos superiores nas disputas de poder, como meio de manter sua superioridade social. Nessa situação, o estigma social imposto pelo grupo mais poderoso ao menos poderoso costuma penetrar na auto-imagem deste último e, com isso, enfraquecê-lo e desarmá-lo (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 24).

[2] Mesmo ano em que o grupo de pagode Negritude Júnior é formado na COHAB V de Carapicuíba, e que anos mais tarde, vai exigir exclusividade de uso do nome registrado ao time Negritude F.C. e perderá na justiça.

[3] O Desafio ao Galo foi um dos mais importantes campeonatos de várzea promovidos nos anos de 1980. Além de organizá-lo, a Rede Record de Televisão transmitia ao vivo as partidas nas manhãs de sábado e domingo. Os jogos, disputados por times de bairros e de empresas, aconteciam no campo do CMTC Clube, na Avenida Cruzeiro do Sul, Zona Norte da cidade de São Paulo.



Figura 3 - Primeira camisa da equipe de futebol do Negritude F.C.
Fonte: Continue Curioso.

Sobre o registro do nome "Negritude F.C." vale a pena rememorar que em um artigo publicado no Diário de Pernambuco em 1980 Gilberto Freyre reagiu à tese da negritude dizendo que ela representa uma entrada dos norte-americanos e da sua visão de raça no Brasil com o objetivo de substituir a "felicidade fraternal do samba" por canções de melancolia e revolta (Freyre, 1980) contrariando a ideia do elemento democratizante na integração racial defendida pelo autor em 1933 - segundo ele, a marca característica e as virtudes da população brasileira decorriam precisamente da mistura biológica e cultural, única e exitosa, de negros, brancos e indígenas.

A formação da equipe de futebol remonta à fundação do Movimento Negro Unificado[4] (MNU), que tem uma proposta política clara de construir a solidariedade e a identidade dos excluídos pelo racismo à brasileira. O surgimento do MNU coincide com o fortalecimento da ampla frente social por democracia que incluía setores tão diversos da sociedade, quanto as correntes progressistas da igreja católica, o chamado sindicalismo autêntico e todos aqueles atores que, em seu conjunto, passam a denominar a si próprios de sociedade civil (Costa, 1997). A escolha do nome "Negritude" e o reconhecimento étnico-racial são observações valiosas em um contexto em que a maioria da população brasileira se identificava abstratamente com uma cor distante de sua identidade negra. Mais do que o

[4] Movimento Negro Unificado (MNU) é uma organização pioneira na luta do Povo Negro no Brasil. Fundada no dia 18 de junho de 1978, e lançada publicamente no dia 7 de julho, deste mesmo ano, em evento nas escadarias do Teatro Municipal de São Paulo durante o regime militar.

grupo de jogadores, associados e torcedores que se valorizavam como negros, a equipe divulgava tal identidade em rede nacional de televisão e através das camisas usadas por seus entusiastas. Nesse sentido, Boschi (1987) abordar o fenômeno associativo sob condições políticas repressivas no Brasil, enfatiza as formas urbanas de reorganização. As experiências associativas e os movimentos sociais nesse contexto se tornaram meios de expressão coletiva para concretizar metas políticas fora dos canais oficiais do Estado. Constituem, nos projetos e processos, inclusive nos esportivos, perspectivas de emancipação e libertação do ser humano, entendidas como transformação social e cultural.

O historiador Amílcar Araújo Pereira (2013) ao analisar aspectos da história do movimento negro no Brasil contemporâneo, resgata nesses grupos o combate à discriminação racial e a denúncia do mito da democracia racial num contexto da busca de uma identidade negra positivada. O MNU combaterá à chamada ideologia da democracia racial uma de suas principais frentes de luta, visto que aos olhos do Movimento, a igualdade formal entre negros e brancos e a difusão do mito de que a sociedade brasileira não é racista teria funcionado historicamente como "bálsamo e véu" que encobria a desigualdade real de chances sociais. A equipe do Negritude F.C., assim como tantos outros grupos que compuseram o movimento negro brasileiro da década de 1970, serão oriundos do que o autor chama de "centros de luta", ou seja, articulações para a luta política "em todos os lugares onde o negro vive" (PEREIRA, 2013, p.226). O impedimento legal de registro do nome "negro" do clube de futebol por 6 anos coloca-o lado a lado das organizações negras do período que também sofreram tais restrições, ou em alguns casos, até perseguições. O Decreto-Lei n.510, de 20 de março de 1969, em seu artigo 33• proibia qualquer evento ou publicação relacionado à questão racial, justificado pelo regime militar vigente na época como algo que pudesse incitar o ódio ou a discriminação racial entre os cidadãos do Brasil.

Por outro lado, é curioso analisar que já no período de redemocratização, com o afrouxamento de algumas posturas censoras, a equipe mimetizou no uniforme novas representações de seus sócios. Nos últimos anos o brasão do time se modificou de modo que o rosto do personagem clareou a pele e o corte de cabelo ficou mais discreto e sem o black power. Por mais que a agremiação mobilize o movimento de Cultura Black, observado na natureza de encontros propiciados em sua sede, a COHAB 1 não é apenas um conjunto populacional de fenótipo negro, algo como um indicador de aliança baseada na cor da pele ou mesmo no reconhecimento de pessoas negras. O bairro cresceu nas últimas décadas e com ele a gama diversa e complexa de atores que continuam se reconhecendo com o time, ou seja, como Negritude F.C.. Apesar dessa diversidade, observada inclusive na diminuição de pessoas negras que jogaram e representaram a equipe nas diferentes categorias nesses últimos anos, novos personagens da luta negra foram inseridos nos fardamentos usados pelos jogadores e torcidas, dentre eles, destaque para Zumbi, líder do Quilombo dos Palmares e o presidente da África do Sul, Nelson Mandela, escolhas ainda carregadas de significados e representações no movimento negro. No contexto histórico e político brasileiro, as diferenças étnico-raciais foram naturalizadas, desnudadas da sua riqueza e transformadas em desigualdade. Essa equipe de futebol, nas sutilezas de sua constituição

identitária ao longo dos últimos anos, reencontra e dá visibilidade às referências do protagonismo e identidade negra nas suas escolhas.

O esporte, e mais precisamente o futebol, é um lugar privilegiado para o estudo da construção e reprodução de modelos hegemônicos na sociedade. Para Costa (2005), através do futebol é possível identificar formas de comportamentos, recortes do pensamento sobre o homem e o lugar que este ocupa no mundo - ou não -, podendo ser visto como um universo povoado de valores diversos, manifestados na sua natureza simbólica e seus significados. Tais práticas são constitutivas não apenas da vida cotidiana de um país, mas de referências identitárias de sua cultura e sua população. Cristina, assistente social judiciária no Fórum Regional de Itaquera e irmã de Agnaldo Costa Vallim, um dos fundadores do clube, desempenhou por anos a função de conselheira fiscal e a diretoria social do time. Cris descreve com clareza no depoimento registrado em 2014 algumas formas de associações e apropriações políticas realizadas em torno do time ao longo dos últimos anos:

> "Ele se candidatou a deputado estadual e recebeu apoio porque já era membro da comunidade e parceiro do Negritude. Simão[5] foi eleito e recebeu apoio para a reeleição: ele ajudou na indicação de convênios com a Secretaria de Esportes e dessa forma a relação com os votos nunca foi uma relação de obrigação, foi um compromisso de parceria" (Cristina Vallim, 2013)

Em meio à complexidade das relações observadas no relato de Cristina, é possível observar a ação desses dirigentes e associados como atores políticos participativos do processo de urbanização da cidade de São Paulo. O historiador José Murilo de Carvalho ao conceituar as relações clientelismo em *Mandonismo, Coronelismo, Clientelismo: Uma Discussão Conceitual* (1997), caracteriza o termo como o tipo de relação entre atores políticos que envolve concessão de benefícios públicos bilateralmente, levando em conta os recursos controlados pelos atores, podendo estes variar ao longo do tempo. Tal conceito pode ser visto em prática quando observado o assédio e aproximação de políticos nos espaços dedicados e organizados para receber o público numeroso do futebol amador paulistano. Assim como outros associativismos, aquele gerado a partir do futebol também se depara com relações de tipo clientelista, mobilizando uma pauta própria em suas negociações. Cristina comenta no trecho da entrevista:

> "Inclusive já apoiamos outro político para além do Simão, o Toninho Paiva no caso. Nós apoiamos ele na última reeleição inclusive porque justamente ele tinha a proposta de estar trazendo o sintético através da emenda (parlamentar) e isso para nós era importante porque era um desejo da comunidade e ia beneficiar o campo. A gente definiu o seguinte: ele vai

[5]Simão Pedro é ex-morador da COHAB I e militante político da região de Artur Alvim filiado ao Partido dos Trabalhadores (PT). Elegeu-se deputado estadual em 1993 e passou a atuar no Legislativo em prol de alguns projetos esportivos. Sua frente de atuação política caracterizou-se pela defesa do futebol amador por meio do incentivo às associações esportivas.

> trazer uma melhoria para a comunidade, a gente como membros da comunidade, comprometidos com o bem-estar da comunidade, temos que apoiá-lo porque é o único que está se propondo a isso neste momento. Não aconteceu. A gente não se arrepende de ter feito isso com o propósito de melhoria. Quer dizer, a luta continua. " (Cristina Vallim, 2013)

As relações clientelistas no caso do clube podem ser entendidas como um processo não apenas de exploração dos subalternos, mas como uma via de mão dupla, na qual eles conseguem benefícios, ainda que numa realidade assimétrica. Em 2011, o relato de campo produzido pela pesquisadora já sinalizava a presença e o apoio do time ao político Simão Pedro (PT), uma vez que no entorno do campo era possível notar faixa de apoio a sua candidatura, seu nome era citado nas conversas e sua presença notada nos eventos esportivos. Durante a final da 13ª Copa Negritude de Futebol Amador realizada em 18 de dezembro de 2011, Simão foi acompanhado do futuro candidato e prefeito de São Paulo, Fernando Haddad[6] (PT), ainda desconhecido da população e da própria pesquisadora, que espontaneamente acabou flagrando-o nos registros fotográficos e reconhecendo-o meses mais tarde nessa documentação. Segundo Cristina, Simão teria sido responsável também pela vinda do deputado Vicente Cândido [7] (PT) relator da Copa do Mundo 2014, assim como de outros políticos como Dalton Silvano[8] (DEM), responsável pela colocação de inúmeros



campos de futebol sintéticos na Zona Sul da cidade.

[6] Na época Fernando Haddad era ministro da Educação do governo Dilma Rousseff. Ele esteve à frente deste ministério de julho de 2005 e janeiro de 2012, participando dos dois governos petistas.

[7] O político ficou conhecido anos mais tarde pelo relatório sobre o projeto da Lei Geral da Copa que propunha alterações no Estatuto do Torcedor para liberar o comércio de bebidas em todos os jogos, por exemplo.

[8] Dalton Silvano é vereador na cidade de São Paulo desde 1996. Tem sua atuação marcada principalmente na região onde cresceu: Cambuci, Aclimação, Vila Mariana, Paraíso e Ipiranga.

Dessa forma, o campo de futebol e o clube, com a carga associativista apresentada nos parágrafos anteriores, se apresenta como espaço privilegiado para a negociação de interesses, sejam eles coletivos como individualistas, uma vez que se apresentam como cenários políticos pautados por múltiplas articulações e marcados pela presença de diversos atores sociais. Sem julgar aqui as propostas e intenções dos atores políticos mencionados, vale ressaltar as diferentes esferas de representação - municipal, estadual e federal - encontradas nesse evento esportivo. A observação da campanha eleitoral para a Prefeitura de São Paulo (2012) revelou um cenário político-esportivo complexo e heterogêneo, também pautado por múltiplas articulações e mediações, e que elabora e confere significados diversos à construção de um conceito político de esporte. O depoimento de Cristina de 2011 ressalta a expectativa de público que até 3 mil pessoas visitassem a Copa Negritude, contudo, nessa ocasião o número não ultrapassou mil [9]pessoas. Em outras palavras, a Final do campeonato se mostrou um lugar seguro e propício de especulação de projetos políticos e partidários naquele cenário populoso. A iniciativa informal que reuniu um grupo de organizações e pessoas com o objetivo de superar dificuldades e gerar benefícios econômicos sociais, culturais ou políticos, caracteriza a proposição associativista em torno desse campo de futebol. As mediações entre agentes políticos vinculados a diferentes setores do poder público demonstraram o importante papel ocupado pelo Negritude F.C. na região.

No ensejo da crítica alavancada pelo sociólogo Bruno Briguel no texto *Com, contra e para além de charles tilly,* no qual traz luz a um período em que as linhas de pesquisa em que os movimentos sociais eram analisados fundamentalmente em função de suas relações com o Estado e o sistema político, o estudo de caso do Negritude F.C. se faz oportuno dada a natureza da ocupação original desse grupo: o esporte e o lazer. O espaço de atuação e articulação do time é pouco estático e previsível. A partir das narrativas sobre a história desse clube de futebol amador é possível observar o alcance que essa projeção identitária proporcionou, não só no bairro de Arthur Alvim, ainda em crescimento na zona leste de São Paulo, mas na notoriedade reconhecida através de torcedores e equipes de outras regiões que consideram o evento e a agremiação além de respeitáveis, um time com história na várzea.

Apresenta-se, desde a década de 1960, uma tendência para o uso do esporte enquanto direito social, o que viria a ser institucionalizado a partir da Constituição de 1988. Os mais diversos movimentos sociais estiveram representados na constituinte e lograram, de alguma maneira, que o novo texto constitucional contemplasse suas demandas. Nesse mesmo ano, por exemplo, foi fundada a Fundação Palmares, o primeiro órgão no âmbito federal especializado no atendimento de demandas específicas da população afro-descendente. Posteriormente, tanto na lei federal nº 8672 de 1993 (conhecida como Lei Zico), quanto na lei federal nº 9615 de 1998 (conhecida como Lei Pelé), o esporte como

[9] O baixo número de torcedores foi justificada pela ausência de finalistas da região. Na ocasião, dois times da zona norte (bairros do Jaçanã e Vila Maria) disputavam a taça da Copa Negritude.

prática educativa estaria presente (Deccache-Maia, 2003), nesse meio tempo, em 1995, houve a criação do Grupo de Trabalho Interministerial População Negra, sob a coordenação do militante Hélio Santos. O Negritude F.C. também permaneceu por todos esses anos responsável e participativo das lutas e projetos que visam a melhoria da praça esportiva ocupada pelos campos e pela população moradora da COHAB 1. A entidade foi ao longo dessas décadas uma das associações que assumiu por algumas gestões a administração do Clube Desportivo da Comunidade Alvorada (CDC) e do projeto Clube Escola[10]. O projeto de CDC, antigos Clubes Desportivos Municipais (CDMs), criados ao longo da década de 1970, são unidades descentralizadas do município de São Paulo, de administração indireta. É uma experiência de gestão compartilhada de um espaço público de lazer com pelo menos duas entidades civis sem fins lucrativos e regularmente constituídas com o objetivo primordial de desenvolver atividade desportiva. Além da manutenção e melhoria dos dois campos de futebol, vestiários, arquibancada e espaços do entorno, em parceria com a Escolinha de Futebol da COHAB (ESFUCO) - entidade com quem também dividem o local - foi possível durante anos oferecer aulas de futebol de campo para um número considerável de categoria de base[11] sem custo algum para a comunidade, resultados que interessam as autoridades responsáveis pela cessão do local, como a Secretaria de Esportes.

O Negritude F.C. se mostra atravessado por questões de um associativismo comunitário emergente no final dos anos 1970, que inclui os discursos e práticas do movimento negro daquele período e das novidades que essa luta social vivenciou nos anos posteriores. Segundo Cristina, o atual desafio do time está em engajar a comunidade local nas atividades e decisões do campo uma vez que a maioria dos fundadores do time já não moram mais no bairro. Somente em 2003 foi possível construir uma sede social no local do terreno da COHAB apta para receber as reuniões e atividades do clube, mas principalmente atividades desconexas do futebol e atender, dessa maneira, atividades propostas pela própria comunidade local como festas, churrascos, aulas de dança, rádio comunitária e para confraternizações particulares.

Na ausência de atuação do poder público, principalmente no filtro e atenção das necessidades locais, o time de futebol do Negritude F.C. se faz atuante e propositivo no bairro. Ao considerarmos a importância da produção e difusão de conhecimentos, no que tange à preservação da memória do esporte e do lazer, as fontes produzidas pela pesquisa de campo mostram uma série de vestígios relevantes na identificação de associativismos num conjunto complexo de relações sociais. Essa experiência de futebol se fez responsável pela

[10] O Clube Escola é um programa municipal voltado ao oferecimento de atividades esportivas, recreativas e de lazer para aqueles em idade escolar, realizado a partir da articulação entre a Secretaria Municipal de Esportes, Lazer e Recreação (SEME), Secretaria Municipal de Educação (SME), Secretaria Municipal de Saúde (SMS), Secretaria Especial para Participação e Parceria (SEPP), Secretaria de Coordenação das Subprefeituras (SMSP), dentre outras.

[11] Na pesquisa realizada em 2011, competiam a Copa Negritude as categorias Sub 12-Mirim, Sub 14-Infantil e Sub 16-Juvenil. Também havia os veteranos da bola na categoria Máster, e a mais competitiva de todas: a categoria Esporte. O campeonato oferece até os dias de hoje uma abrangência etária considerável na sua competição, e mais recentemente, de representatividade de zonas e bairros longínquos da zona leste.

geração de pertencimento e de senso de comunidade, contrariando a ideia de que esse esporte é, contudo, uma prática alienante, ou mesmo, o ópio do povo. De fardamento preto, branco e cinza, a equipe de futebol do Negritude, seus dirigentes, associados, torcedores e entusiastas constituem suas próprias trajetórias, e, consequentemente, dos conflitos em torno da conquista de direitos políticos e sociais. Perpetuam o futebol de várzea numa metrópole como São Paulo, e ainda proporcionam experiências políticas e engajadoras.

Artigo recebido em 10 mar. 2018

Aprovado para publicação em 15 mai. 2018

Referências

BRINGEL, Breno. "Com, contra e para além de Charles Tilly: mudanças teóricas no estudo das ações coletivas e dos movimentos sociais". *Revista Sociologia* &. Antropologia (UFRJ), v.2, n.3. 2012.

BONFIM, Aira. *Relato de campo Negritude Futebol Clube.* São Paulo: Centro de Referência do Futebol Brasileiro do Museu do Futebol, 2012. 8 p. Disponível: <http://dados.museudofutebol.org.br/site/siteanexos/download/542658>. Acesso em 02 dez. 2017.

BONFIM, Aira. *Relato de campo 13ª Copa Negritude de Futebol Amador.* São Paulo: Centro de Referência do Futebol Brasileiro do Museu do Futebol, 2011. 6 p. Disponível: <http://dados.museudofutebol.org.br/site/siteanexos/download/542658>. Acesso em 02 dez. 2017.

BONFIM, Aira. *Relato de campo 13ª Copa Negritude de Futebol Amador.* São Paulo: Centro de Referência do Futebol Brasileiro do Museu do Futebol, 2011. 4 p. Disponível: <http://dados.museudofutebol.org.br/site/siteanexos/download/498493>. Acesso em 02 dez. 2017.

CASTILHO, Edmilson Peres. *A Companhia Metropolitana de Habitação de São Paulo (Cohab-SP): o principal agente da política de habitação popular da ditadura militar brasileira (1964-*

1985). XXVII Simpósio Nacional de História: Lugares dos Historiadores Velhos e Novos Desafios. 2005. Florianópolis, SC.

COSTA, Antônio da Silva. "Do futebol a uma nova imagem do homem e da sociedade." In LOVISARO, Martha e NEVES, Lecy Consuelo Neves (organizadores). *Futebol e sociedade um olhar transdisciplinar* – Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2005.

DECCACCHE-MAIA, Eline. *Esporte e políticas públicas na virada do milênio: o caso de Niterói.* Tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2003.

DOIMO, A. M. *A vez e a voz do popular: movimentos sociais e participação política no Brasil pós-70.* Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders.* Rio de Janeiro: J. Zahar, 2000.

FREYRE, G. *Casa Grande e Senzala.* S. Paulo, R. Janeiro, Record, 36a. ed. (1999, orig. 1933).

_____. "Que Negritude?" Diário de Pernambuco. Caderno Opinião, 6 de junho. 1980.

GOMES, Nilma Lino. *Corpo e cabelo como símbolos da identidade.* Belo Horizonte: Autêntica, 2006a.

MOSCOVICI, Serge. *Representações Sociais. Investigações em psicologia social.* Petrópolis: Vozes. 2012.

PEREIRA, Amílcar Araújo. *O mundo negro. Relações Raciais e a constituição do movimento negro contemporâneo no Brasil.* Rio de Janeiro, Pallas/Faperj, 2013.

RIAL, Carmem. S. "Jogadores brasileiros na Espanha: estrangeiros, porém..." *Antropologia em Primeira Mão.* N.87, p.1-42, 2006.

SILVA, Roberta Pereira da. *Campo de terra, Campo da Vida: Interfaces das expressões cotidianas, as alternativas de resistência popular e o Negritude Futebol Clube.* 2017. 1 v. Dissertação (Mestrado) − Curso de Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.

WOOD, Charles. "Categorias Censitárias e Classificações Subjetivas de Raça no Brasil", in Peggy Lovell (org.), *Desigualdade Racial no Brasil Contemporâneo.* Belo Horizonte, Cedeplar, p. 93-111. 1991.

Fontes:

Pesquisas de Campo produzidas em:

27/08/2011; 30/09/2011; 18/12/2011; 29/06/2013; 12/04/2014 e 26/11/2017.

A tensão como regra: regulações em torno da profissão de jogador de futebol

Radamés Rogério[1]

Tension as a rule: regulations around the profession of football

http://dx.doi.org/10.12660/rm.v9n14.2018.74025

[1]Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará. Professor Adjunto da Universidade Estadual do Piauí (UEPI). E-mail: rm_rogerio@yahoo.com.br

Resumo:

O presente artigo foca na regulação da profissão de jogador de futebol, localizando este profissional no interior da teoria do processo civilizador de Norbert Elias (1993 e 1995b). Gostaríamos de apresentar a seguinte questão: o futebol é uma atividade que participa do processo civilizador ao propiciar excitação prazerosa e controlada ao público em geral, à massa, mas, para cumprir esse papel, os participantes principais da atividade, os jogadores, devem ser submetidos a uma rigorosa disciplina e devem ter atitude exemplar no contexto dessa ordem disciplinar. Para refletir sobre as questões propostas, além da referência a teoria eliasiana, apresentamos contribuições de Arlei Damo (2007) e Roberto DaMatta (1994 e 2000) e exemplos fornecidos pelo noticiário esportivo.

Palavras-chave: Futebol; Jogador de futebol; Processo civilizador.

Abstract:

This article focuses on the regulation of the football player profession by locating this professional within Norbert Elias' theory of the civilizing process (1993 and 1995b). This is the question that we would like to hold: football is an activity that participates in the civilizing process of our society by providing pleasant and controlled excitement to the general public, to the mass, but to fulfill this role, the main participants of the activity, the players, must be subjected to a rigorous discipline and must have an exemplary attitude in the context of this disciplinary order. In order to reflect on the proposed issues, in addition to the reference to the Eliasian theory, we present contributions by Arlei Damo (2007) and Roberto DaMatta (1994 and 2000) and examples provided by sports news.

Key words: Soccer; Football player; Civilizing process.

Introdução

Desde que se tem registro, o esporte cumpre papéis sociais relevantes nas sociedades em que ocorre. Particularmente do ponto de vista do processo que Norbert Elias (1993) convencionou chamar de "civilizador", o esporte adquire centralidade enquanto atividade que espelha e ao mesmo tempo participa ativamente da constituição desse processo, ambiguamente como forma de ratificação ou invalidação.

Focando no esporte na era do capitalismo industrializado, moderno, podemos afirmar que um de seus papéis é o fomento de uma indústria do lazer e/ou do entretenimento. Os campeonatos nacionais, regionais e internacionais de futebol entre clubes ou seleções nacionais são grandes eventos mobilizadores de grande quantia de capital.

Mas para além do aspecto financeiro, o esporte moderno desempenha papel na preparação do corpo e da mente do indivíduo para a sobrevivência num mundo e mercado de trabalho cada vez mais exigentes tratando-se, portanto, de uma adaptação ou redenção do corpo e da mente à modernização da vida – veloz, fugidia, de mudanças incessantes.

Neste sentido, ao comentar sobre os significados do futebol brasileiro, Roberto DaMatta (1994) afirma que numa sociedade baseada no conflito de interesses e na competição, como se caracteriza a sociedade moderna capitalista, todas as modalidades esportivas que invariavelmente "tomam o confronto, o conflito e a competição como matéria-prima" transformando "paixões que levavam à morte e à vingança nas sociedades tradicionais", numa leal, rotineira e "higiênica disputa de interesses", cumprem o papel social de canalização da violência, assim, o esporte moderno transformou tais dissenções em espetáculos programados, planejados e institucionalizados.

Eric Dunning, afirmou em entrevista, que Norbert Elias buscou demonstrar, em Deporte y Ocio (1995), que a "principal função do esporte é a produção de excitação prazerosa e socialmente construtiva" (2008, p. 224). Para Elias, o esporte se constitui como uma espécie de "remédio" que as sociedades, submetidas ao processo de civilização, oferecem aos indivíduos que dela fazem parte para combater os efeitos colaterais do processo de "autocontrole" ao qual todos devem se submeter sob pena de não obterem suas socializações, ou seja, a permissão de viver em sociedade.

Conforme se vê, há uma ambiguidade na função social atribuída ao esporte: por um lado ele se constitui como atividade institucionalizada, controlada, planejada que visa canalizar e civilizar a violência e, ao mesmo tempo, constitui-se como válvula de escape aos níveis cada vez mais altos de autocontrole aos quais os indivíduos são submetidos em sociedades civilizadas .

A questão a qual gostaríamos de nos deter nesse momento é a seguinte: o futebol é uma atividade que participa do processo civilizador de nossa sociedade ao propiciar excitação prazerosa e controlada ao público em geral, à massa, mas para cumprir esse papel, os participantes principais da atividade, os jogadores, devem ser submetidos a uma rigorosa

disciplina e devem ter atitude exemplar no contexto dessa ordem disciplinar. Quais as consequências para os jogadores? Como este campo profissional é afetado por esta ambiguidade do processo civilizador?

Acredito que a profissão de jogador de futebol é marcada por diversas pressões de ordem psicossocial. Tais tensões são consequências diretas das regulações que incidem sobre ela. As principais dessas regulações analisadas em minha tese foram: 1. As ambiguidades no processo civilizador; 3. A gestão da vida e do corpo do jogador; 3. As leis e relações de trabalho que regem a profissão. Neste artigo, devido ao diminuto espaço, iremos dar atenção às duas primeiras.

Primeiro, analisaremos o futebol e o jogador de futebol profissional no contexto do processo civilizador em Norbert Elias. Depois, a análise será sobre a gestão da vida e do corpo do jogador realizando um diálogo com a teoria de Michel Foucault.

Ambiguidades no interior do processo civilizador

Na introdução de *Deporte y ócio en el proceso de la civilización*, Elias busca demonstrar como o estudo sobre o esporte revela aspectos importantes da formação geral das sociedades. Em sua conotação dita moderna, a principal característica que diferencia o esporte de sua composição pré-moderna é a imposição de regras que visam diminuir ao máximo a possibilidade de lesão séria aos praticantes do mesmo, ou seja, o esporte moderno se caracteriza por se tratar de uma batalha não violenta, ou por se compor por "tensões controladas", conforme Dunning (1995).

O que motivou a mudança da forma de se praticar esporte dos tempos antigos e/ou pré-modernos aos modernos? Quais são os fatores que dão ao esporte moderno essa condição de "batalha não violenta" e "tensão controlada"? Como essa passagem reflete uma mudança sociocultural e histórica nas sociedades onde ocorreu?

Para Elias, tal mudança só pode ser compreendida se a análise buscar compreender todo o processo civilizador pela qual passou a sociedade em geral e está diretamente ligada ao aumento do nível de intolerância à violência. A Inglaterra é o país aonde primeiro ocorreu esse processo de civilização das práticas recreativas, particularmente a esportiva, ou seja, de surgimento do esporte em suas feições modernas. A explicação do autor para esse fenômeno é que a autopacificação das classes que exerciam poder no país, no âmbito político, fenômeno que chamou de "*parlamentarización*" e que teve seu equivalente na "esportivização" dos passatempos dessa mesma classe, ou seja, na pacificação e repugnância à violência no âmbito do esporte. Assim, se nos jogos de poder, as habilidades militares, foram substituídas pelas habilidades verbais do debate, da retórica e da persuasão, todas as demais atividades responderiam a esse "impulso civilizador" (1995b, p. 48).

Leite Lopes (1995) afirma que a análise de Elias sobre o esporte foca na Inglaterra como retomada de sua teoria sobre o processo civilizador, agora no século XVIII, complementando e trazendo novos elementos para a análise que tinha como *lócus* a França no século XVI e o foco na arte da etiqueta no contexto da corte francesa.

O processo civilizador consiste, portanto, na mudança na conformação das classes e dos indivíduos a um novo padrão de conduta fincado, principalmente, na autorregularão dos sentimentos e das emoções. O argumento é que a mudança que ensejou a formação dos Estados europeus, passando pela submissão das classes guerreiras a um controle estrito do uso da força, agora monopolizada pelo Estado, e o agrupamento dos nobres nas cortes dos países da Europa, estavam relacionados, de algum modo, com uma mudança no código sentimental e de conduta.

Entretanto, embora o autor afirme que a coação advém do exterior, admite que o aparelho biogenético e neurológico humano seja preparado para a coação, o que não quer dizer que o processo ocorra sem resistência, conflitos e/ou resultados imprevistos. Assim, para Bejarano & Pilatti, a teoria de Elias é biossocial, ou seja, "assume uma visão das emoções que considera a interação de fatores genéticos, ou tendências inatas, com fatores adquiridos com a experiência, principalmente a interação social" (2009, p. 230).

O processo civilizador traduz-se numa série de mudanças de longo prazo na sociedade humana fincado basicamente na monopolização do uso da força por parte do Estado que praticamente eliminou a fruição deliberada dos instintos e paixões humanas (muito comum numa sociedade de guerreiros). Com a sociedade de corte, a civilização toma forma e o desenvolvimento de uma força psíquica interna capaz de barrar o desejo de hostilizar ou matar o outro, o que Elias (1993) denominou de controle das emoções, ganha força suficiente para promover a pacificação interna de muitas sociedades.

Elias concluiu que os indivíduos pagavam um preço muito alto para fazer parte da civilização. A civilização exige um nível razoável de autocontrole individual daqueles que dela participam, para, somente assim, poder se efetivar.

Para o autor, o monopólio do uso da força por parte do Estado atrelado ao aumento da complexidade das funções sociais que, por sua vez, amplia a rede de interdependências entre as pessoas, são os fatores centrais para que ocorra a mudança que marca o processo civilizador. Ao ressaltar a essencialidade do controle das emoções para que o processo civilizador possa existir, Elias deixa indícios de uma compreensão sobre uma natureza agressiva humana. O fato é que essa necessidade social e exercício individual de autocontrole geram um alto nível de tensão emocional ("efeito colateral") nos indivíduos submetidos à contenção dos impulsos, dos fortes sentimentos, dos afetos e emoções.

Em sociedades onde há elevada manutenção dos controles e normas civilizadoras, graças a um estrito controle da violência física exercido pelo Estado, "*las tensiones personales resultantes de este tipo de conflictos, las tensiones por sobreesfuerzo o, en otras palavras, el stress*" (1995a, p. 56) são muito presentes na vida cotidiana dos seus membros.

A maioria das sociedades humanas desenvolve algum tipo de "remédio para as tensões por sobre-esforço que elas mesmas geram". Tratam-se das mais diferentes atividades recreativas como o teatro, o cinema, as artes, a literatura e o esporte. Para tudo que foi suprimido da vida diária foi criado um substituto na vida privada através dos livros, pinturas, sonhos, filmes violentos e eróticos para ficar somente em alguns exemplos.

Para cumprir a função de liberar os indivíduos de suas tensões, porém, conforme ressalta Elias, é necessário que essas atividades estejam adaptadas à relativa sensibilidade à violência física característica do comportamento social das pessoas que se encontram nas etapas contemporâneas do processo civilizador.

O autor admite, entretanto, que numerosos esportes possuem um sério problema na conciliação entre duas funções que são contraditórias por excelência: 1. Gerar excitação prazerosa capaz de ser agradável e factível aos sentimentos humanos, e para isso há, no contexto e espaço especial destinado à prática esportiva, certo nível de permissividade da expressão dessas emoções reprimidas e recalcadas no cotidiano; e ao mesmo tempo, 2. Conservar e ratificar uma série de coerções com o objetivo de ser mais uma atividade a fortalecer o exercício do autocontrole e dos impulsos violentos. Será que para cumprir à risca um dos objetivos não é necessário negar ou comprometer o outro? Neste sentido, Elias reflete que um dos problemas centrais de numerosos esportes é

> *En todas sus variedades, el deporte es siempre una batalla controlada en un escenario imaginario, sea el oponente una montaña, el mar, un zorro u otros seres humanos*. (...) *El problema a resolver, en este caso como en el de los demás juegos desportivos, es cómo mantener bajo el riesgo de que los jugadores sufran daños, manteniendo sin embargo en un nível elevado la placentera emoción de la batalla* (1995b, p. 66-68).

O futebol é, portanto, uma atividade recreativa (nos termos do autor) privilegiada no sentido de propiciar excitação mimética[1] prazerosa na fruição da catarse, ou seja, na liberação de paixões, emoções e tensões reprimidas, forças represadas no cotidiano das pessoas. Elias chega a afirmar que os espectadores de futebol podem vivenciar um "sentimento mais vivo", na medida em que o convívio em sociedade oferece poucas oportunidades de expressão coletiva destes, sendo, ao contrário, marcado, em geral, pelo isolamento das pessoas umas em relação às outras.

Para DaMatta, o fato do futebol ser um esporte jogado com os pés, confere a este, em especial, um "ritmo de altas improbabilidades", assim ficando menos previsível. É dado vazão, assim sendo, às "ideias de sorte, destino, predestinação e vitória. Com isso pode-se imediatamente ligar futebol com religião e transcendência no caso brasileiro" (1994, p. 16).

[1] Processo de recriação da realidade em que deve haver o equilíbrio entre a veracidade (nível em que a representação é factível), mas sem haver o objetivo de se passar pela realidade, pois do contrário, a representação perde seu efeito.

Além disso, o futebol tem forte capacidade de mobilização sociocultural, política, econômica e psíquica, conforme se pode pensar com o exemplo da seleção brasileira em agosto de 2004 no Haiti. Neste mês e ano, a seleção brasileira realizou o que ficou conhecido como o "jogo da paz" contra a seleção local, conseguindo a proeza de paralisar, provisoriamente, a guerra civil haitiana que se arrastava há anos.

Não é à toa que, segundo Elias, poucas sociedades humanas (para não dizer nenhuma) existem sem instituições sociais que proporcionem esse alívio emocional acima descrito, ou seja, que não "*proporcionan alivio emocional contrarrestando las tensiones y los esfurezos de la vida ordinária com sua serias luchas, peligros, riesgos y coacciones*" (1995a, p. 60).

Voltemos então à ambiguidade: o futebol[2] deve ser uma atividade capaz de oferecer ao seu público uma válvula de escape para as tensões cotidianas que o mundo civilizado impõe ao indivíduo moderno. Para alcançar esse objetivo, o jogo deve simular situações violentas ao mesmo tempo em que deve permitir que o público possa se manifestar dentro dos limites das leis, do "civilizado". A violência tanto do jogo, quanto do público, porém, deve ser altamente controlada, pois do contrário, ao invés de ratificar o processo civilizador, o jogo o enfraqueceria. A ambiguidade está posta e a tensão instaurada: se a violência não for verossímil, se não houver mimeses a contento o futebol não concretiza excitação prazerosa e o "antídoto" deixa de existir ou de fazer efeito, mas se a violência não for amplamente controlada e disciplinada o processo civilizador estará comprometido.

No epicentro dessa ambiguidade está o jogador profissional e sua condição o coloca numa situação liminar, pois não pode usufruir desse antídoto, não pelo menos na atividade em que exerce, pois "*el deporte con fines profesionales puede ser bastante triste para quienes se dedican a él; puede estar sometido a las mismas restricciones que otras atividades profesionales".* (1995a, p. 80).

Ou seja, a atividade que gera a tensão prazerosa e mimética para muitos indivíduos, transformando-se em válvula de escape, antídoto contra o esforço cotidiano de agir civilizadamente, momento catártico não o é para aquele que realiza o espetáculo. O jogador profissional cumpre um papel importante no interior do processo civilizador e, dessa forma, se vê submetido a uma pressão muitas vezes mais severa do que aquela a qual está submetido o cidadão (dito comum).

Todas as ações, atitudes e opiniões do jogador profissional são passíveis de julgamento não só por parte do público, como também pelos "tribunais da disciplina[3]" em que se configura muitas vezes a imprensa esportiva e o comando dos próprios clubes e

[2] A análise pode ter validade para outros esportes, mas passarei a tratar somente do futebol.

[3] Essa expressão é uma referência direta a José Paulo Florenzano (1998), que, por sua vez, inspirou-se nas expressões usadas por Foucault para caracterizar os agentes do poder disciplinador. Para Florenzano, o jornalista, no contexto esportivo, assume um papel muito peculiar a partir de meados dos anos 1960 no Brasil: o papel de juiz da normalidade que identifica o desviante, classifica-o e solicita para ele a sanção normalizadora. A este, Florenzano ainda acrescenta os "técnicos do comportamento" e os "mestres de disciplina".

federações. A responsabilidade que recai sobre o jogador profissional é proporcional a sua posição dentro da sociedade, no interior do processo civilizador. Um dos pontos a serem considerados é que o jogador exerce um papel importante no processo sem sabê-lo (muitas vezes) ou no mínimo sem escolher exercê-lo ou ainda sem ter o devido preparo para tal.

O jogador profissional sofre controle não só pelo que faz ou deixa de fazer dentro das quatro linhas durante os jogos e treinos (ainda mais hoje em tempos de tantas câmeras), pois este se estende a sua vida privada. Os lugares e as atividades que desenvolvem nos momentos de lazer ou até mesmo durante as férias tornam-se objeto de sanção e controle, particularmente se estes tiverem ligação com o uso "incorreto" do corpo, ou seja, atividades que possam comprometer o desempenho atlético. É o caso do uso de drogas lícitas como álcool e tabaco. Imagens de jogadores fumando e/ou bebendo sempre geram grandes polêmicas no mundo do futebol e a simples presença de jogadores em casas de entretenimento adulto como boates ou casas de show é motivo de sanções, comentários e críticas.

O jogador é cobrado o tempo todo para manter uma postura "condizente com a de um profissional" (um ideal construído e reconstruído constantemente), assim, mesmo quando está de férias ou em seu momento de lazer é mau visto por buscar aquilo que Freud (2011) chama de "medidas paliativas contra os sofrimentos e decepções da vida". Em 2011, noticiou-se que um conselheiro de um dos mais populares clubes do país, o Flamengo do Rio de Janeiro, propôs criar o "disque-dentuço[4]" – uma referência à destacada posição dos dentes frontais de um dos principais e mais caros jogadores do clube à época, Ronaldinho Gaúcho. Como seu desempenho dentro de campo não correspondia àquilo que a torcida e os membros da diretoria do clube esperavam dele, uma possível solução seria fiscalizar e denunciar as atividades que o jogador vinha participando fora de campo e que, provavelmente, vinham prejudicando a atuação do mesmo, no entender deles.

O caso de Ronaldinho Gaúcho é exemplar. O jogador tornou-se referência tanto em relação ao controle externo que sofre da mídia, dos clubes e seus dirigentes e da torcida, quanto em polêmicas ligadas a "má gestão do corpo e da vida" com frequentes noitadas e festas. No mesmo ano, ao referir-se a uma festa promovida por um jogador do Santos (clube do litoral paulista), Elano, um colunista do portal UOL afirmou: "Elano dá uma de Ronaldinho Gaúcho e aluga casa para dar 'festinha'.[5]"

O tempo passou e depois de uma passagem com quase nenhum título no Flamengo, Ronaldinho Gaúcho foi contratado pelo Atlético Mineiro de Belo Horizonte ajudando o clube a conquistar o seu mais importante título, a Libertadores da América, junto com o título veio

[4] Ver reportagem "'Disque Dentuço' contra as noitadas de Ronaldinho Gaúcho", disponível em http://veja.abril.com.br/noticia/esporte/disque-dentuco-tenta-frear-as-noitadas-de-ronaldinho-gaucho - acesso em 20/06/2011.

[5] "Desde que chegou ao Flamengo, Ronaldinho já fez várias dessas festinhas. Ele aluga um salão em um hotel na Barra para a reuniãozinha. E para não ser visto ao sair do local, dorme lá mesmo, só que na suíte presidencial". Disponível em http://br.omg.yahoo.com/blogs/pronto-falei/elano-d%C3%A1-uma-ronaldinho-ga%C3%BAcho-e-aluga-casa-021659288.html – acesso em 10/09/2011.

a mudança, supostamente, da postura do jogador em relação às baladas e noitadas que passaram a ser "caseiras", exaltava a reportagem do mesmo portal UOL, refletindo, segundo esse discurso, o amadurecimento do jogador. Chama a atenção a forma como é construído esse discurso do amadurecimento, vejamos:

> Ronaldinho **adotou a discrição como lema** ao se mudar para Belo Horizonte e encontrou um esconderijo quase perfeito. Sua mansão alugada no Condomínio Estância das Amendoeiras, em Lagoa Santa, é ideal para quem não quer ser visto. O condomínio é grande, tem uma distância generosa entre as casas e muitos proprietários o frequentam apenas nos fins de semana. Só é possível entrar quem é morador ou convidado. Para passar ainda mais despercebido, a casa eleita para virar o lar de R49 é a mais isolada do local sendo a única de uma rua inteira. Seguranças ainda fazem plantão em tempo integral para impedir que alguém tenha acesso. **Não é à toa que suas frequentes festas pouco incomodam os moradores**, com exceção de raras reclamações apresentadas pelos vizinhos. (...) A balada preferida de Ronaldinho é a sua própria casa. É lá que ele passa os dias de folgas em **churrascos 'intermináveis'** e regados a muito pagode em que ele próprio se arrisca em tocar. **A cervejinha também não pode faltar**[6].

O discurso sobre a gestão da vida e do corpo é incoerente e se modifica ao sabor do "vento", diga-se, dos êxitos relevantes na carreira do jogador, diga-se novamente: dos títulos. A descrição que a reportagem faz mostra uma mudança sútil da postura do jogador de sua fase menos amadurecida para a atual e a sutileza está na descrição. Ou seja, a questão não está se o jogador agora tem cuidado mais de si, não pelo menos do ponto de vista do cuidado que se atribui ao atleta de alto rendimento – dormir cedo, não beber etc., do cuidado propriamente do corpo. Ronaldinho "amadureceu" e o sinal desse amadurecimento é que ele passou a ser mais discreto, embora tenha continuado a fazer festas "frequentes", "intermináveis", onde a "cervejinha não pode faltar".

A incoerência é intensa: quando o jogador não rende o esperado e, consequentemente o time não ganha, a culpa está na forma como o jogador gere a sua vida pessoal, particularmente pela falta de cuidado com o corpo pelo consumo de bebida, pelo horário de dormir devido às festas, mas quando o contrário ocorre e o jogador "leva" o clube às vitórias e aos títulos, as mesmas festas, enfim, o mesmo comportamento, deixa de ser relevante, particularmente se o jogador for "discreto". A patrulha realizada pelos "tribunais da disciplina" varia sua intensidade tendo por base o desempenho do jogador em campo, ou

[6] Reportagem intitulada "Festas caseiras contra exposição e amadurecimento marcam guinada de Ronaldinho", disponível em http://esporte.uol.com.br/futebol/campeonatos/libertadores/ultimas-noticias/2013/07/29/festas-caseiras-contra-exposicao-e-amadurecimento-marcam-guinada-de-ronaldinho.htm – acesso em 29/07/2013. Grifos meus.

seja, a passagem da vigilância do que o jogador faz em campo para o que ele faz fora dele tem por catalisador as vitórias e os títulos, de forma que quando se vence, o que o jogador faz fora de campo perde um pouco de importância.

Para Elias, quanto mais se tornam complexas e se estendem as cadeias de interdependências, maior é a "fiscalização" que exercemos sobre nós mesmos e sobre os outros. O caso dos jogadores profissionais de futebol é bastante exemplar disso. A extensão do controle para as férias do jogador demonstra que de férias ou em período de atividade, o jogador é visto da mesma forma: como atleta profissional que tem sua vida, seu esforço e gestão do corpo, voltado para a atividade, para a vitória, para os títulos e, por isso, deve cuidar de si o tempo todo, já que sua vida gira em torno do espetáculo, de uma performance digna de ser considerada de alto rendimento.

O patamar ao qual essa responsabilidade do jogador de futebol pode chegar pode ser medido na repercussão de um incidente ocorrido em 1995 no estádio do Pacaembu na cidade de São Paulo. As torcidas organizadas de Palmeiras e São Paulo protagonizaram um dos maiores conflitos envolvendo torcidas dentro de um estádio já ocorridos no Brasil na final da Supercopa de Juniores deixando um saldo de mais de cem feridos e um morto. Buscando compreender o ocorrido, várias vozes se levantaram, da mídia esportiva ao meio político, fazendo surgir a hipótese de que as atitudes de determinados jogadores incitariam a violência das arquibancadas.

Florenzano (1998) analisa o fato em questão demonstrando como o jogador Edmundo acabou sendo culpabilizado pela violência deste acontecimento. Nesse mesmo período, o jogador estava no auge de sua carreira, tendo mais destaque nos meios de comunicação e na publicidade esportiva do que jogadores recém-coroados tetracampeões do mundo pela seleção brasileira. Desde seu surgimento no futebol profissional em 1992 no Vasco da Gama, Edmundo teve sua imagem associada ao perfil de jogador-problema. Até o ano anterior a este trágico incidente, ele já havia acumulado inúmeras polêmicas em sua carreira e já havia sido alcunhado de "animal". O apelido surge com conotação positiva visto estar associado ao empenho, a vontade de vencer e a excelência atlética/física do jogador, mas logo é associado ao comportamento tido como anormal, desregrado, incontrolável.

A associação do jogador ao acontecimento estava baseada na caracterização da ação dos torcedores como também animalesca, bem como no recente histórico de cenas de violência protagonizadas pelo jogador em campo. Assim, o prestigiado ex-técnico da seleção brasileira, Telê Santana afirmou em sua coluna no jornal Folha de S. Paulo: "Muitas brigas de torcidas começam porque os jogadores estão se agredindo dentro de campo. Foi assim naquele jogo entre São Paulo e Palmeiras no conflito envolvendo Edmundo" (SANTANA *apud* FLORENZANO, 1998, p.189).

A fim de estabelecer a relação entre a atitude violenta das torcidas organizadas no episódio do Pacaembu e as ações do jogador Edmundo, Vital Battaglia, à época diretor de redação do jornal A Gazeta Esportiva, afirmou:

> tivesse o 'animal' Edmundo sido punido – juntamente com os outros animais que participaram daquela briga entre jogadores de São Paulo e Palmeiras em 94 – e não teríamos tantos jovens, fora de campo, lutando para se transformarem nos 'animais' das arquibancadas (BATTAGLIA *apud* FLORENZANO, Idem, Ibidem).

O clímax da culpabilização do jogador, porém, ocorreria com a publicação de uma reportagem do Jornal da Tarde que citava um pronunciamento feito no Congresso Nacional pelo deputado federal Paulo Delgado (PT/MG) em que este sentenciava Edmundo como "o" principal responsável pela violência nos estádios. Afirmou o deputado:

> Considero motor e motivação básica da violência as atitudes antidespotivas e a maneira violenta de jogar futebol de Edmundo. (...) Não há prova mais concreta da violência como fator de lucro pessoal do que a trajetória desse jogador, desse *gladiador do futebol brasileiro* (...) ele consagra a ideia da violência como atividade lucrativa. (...) as atitudes do jogador Edmundo servem claramente à consagração do anti-social (Jornal da Tarde *apud* FLORENZANO, Idem, p.189-190, grifo no original).

Segundo esse raciocínio, o poder de influência do jogador de futebol é muito grande, ao ponto de consagrar este ou aquele modelo de conduta e de vida. Embora consideremos extremamente exagerada, precipitada e generalista esta associação da violência da torcida com as atitudes do jogador Edmundo, acreditamos ser pertinente refletir sobre a posição destacada que esses indivíduos ocupam na sociedade, particularmente, devido à exposição midiática e a intensidade com que tanto a profissão quanto o esporte inundam o imaginário coletivo.

As paixões que o esporte desperta e a importância que ele tem na vida de milhões de pessoas também explica isso, afinal o jogador é o portador, o representante do alvo dessa paixão: o clube. Para muitos brasileiros, o bom desempenho dos jogadores e, consequentemente de seu "clube do coração" ou da seleção nacional, significa muito, pois se trata de uma das poucas oportunidades de experimentar a vitória no contexto de um cotidiano tão difícil. Conforme afirma DaMatta, o futebol tem uma

> capacidade de proporcionar ao povo, sobretudo ao povo pobre e destituído, a experiência da vitória e do êxito. (...) através do "jogo de futebol", as massas brasileiras podem experimentar vencer *com* os seus times favoritos. Sentem, então, que o seu desempenho no estádio como *torcida* – como plateia sofredora que se dá sem

> reservas ao seu clube e heróis – produz resultados palpáveis e vitórias completas (1994, p. 17, grifos no original).

Durante os treinamentos e os jogos, os jogadores profissionais são submetidos a uma verdadeira gestão da vida e do corpo, de forma que há um empenho por parte do poder disciplinar em apagar a fronteira entre a vida privada e pública do jogador, assunto do qual passarei a tratar agora.

A gestão da vida e do corpo

Muitas profissões demandam uma enorme dedicação, muitas vezes quase que exclusiva a elas para se concretizarem. Por tratar-se de uma espécie de sistema perito[7], no sentido de Anthony Giddens (1991), o investimento necessário é exaustivo e demanda uma especialização altamente precoce. O jovem aspirante é encorajado (por todos os envolvidos – pais, dirigentes, treinadores, preparadores físicos etc.) a empenhar-se na carreira e direcionar toda sua vida futura à profissão.

Incide em todo esse processo uma intensa disciplinarização que, no limite, constitui-se numa gestão da vida e do corpo. Ter talento, ser um exímio controlador da bola não é o bastante, embora seja a base de tudo. Segundo Damo, os bons jogadores são aqueles tidos como "portadores de talento especial, um jeito singular de usar o corpo. (...) acredita-se que o dom seja uma capacidade inata, uma dádiva divina ou da natureza" (2007, p.18).

O ponto inicial, portanto, é o dom, o talento. Entretanto, o futebol profissional não se compõe somente de certo número de jogadores muito talentosos. O sistema perito se constitui, conforme já dito, não somente do fazer, mas também do saber. Daí que para tornar-se jogador de futebol profissional é preciso se submeter a uma "tecnologia" que visa "converter jovens de reconhecido talento em profissionais capazes de exibir suas performances a um público muito peculiar" (Idem, p.22/23). Não basta saber jogar muito bem futebol, ser extremamente habilidoso, pois o objetivo do jogo vai muito além da simples exibição de talento, o espetáculo esportivo é muito mais complexo do que isso.

O jogador profissional de futebol se submete a um "aprendizado corporal" que é, segundo Damo, "equivalente a um curso superior" e "não é realizado gratuitamente, mas

[7] Tais sistemas se caracterizam por seu nível de complexidade do ponto de vista das operações que lhes dão movimento, que o situam em funcionamento. Tais operações são desconhecidas por seus usuários, haja vista esse nível de complexidade, mas são de responsabilidade de um corpo técnico altamente especializado composto de instituições e profissionais portadores de um conhecimento perito.

visa determinados fins: a produção de performances públicas, altamente apreciadas" (Idem, p.33).

O espetáculo tem um formato ao qual clubes, dirigentes, treinadores e jogadores devem se submeter, e o jogador, mesmo como protagonista, é o elo mais frágil dessa cadeia de submissões. Existe um modelo requerido de jogador de futebol que varia conforme o período histórico, a região do país, do mundo e o nível do campeonato. Esse modelo incide sobre a forma como o jogador deve jogar, falar, se comportar em campo, nos treinamentos, viagens ou em seus momentos de folga, no seu modo de vestir, no visual do seu corpo e deve refletir, por exemplo, a agremiação, o clube, o nível do campeonato.

Para termos um bom exemplo, quando era o técnico das categorias de base da seleção brasileira, Alexandre Gallo deu uma entrevista que gerou certas controvérsias. O treinador defendia a implantação de uma "nova mentalidade" na base da seleção a partir da qual o jovem jogador selecionado deveria passar a "imagem de profissional". Para ilustrar essa imagem de profissional baseada nessa nova mentalidade, Gallo afirmou que não permitiria mais que os jogadores usassem brincos, andassem de chinelo ou usassem fones de ouvido sintetizando o que chama de "imagem de desleixo" incompatível, segundo ele, com o perfil de futuro jogador profissional e de jogador da seleção. Desta forma, muda-se o critério estabelecido para a convocação de um jovem jogador para as categorias de base da seleção, conforme explicou o treinador:

> Quando eu cheguei na CBF, me falaram: "O jogador aqui é convocado sempre pela capacidade dele, por serem jogadores comprometidos e também pelo caráter". Eu falei: "Está errado. E a partir de hoje vamos virar a página ao contrário. Vamos convocar primeiro pelo caráter, segundo pelo comprometimento e cumplicidade com o trabalho e terceiro pela capacidade[8]" (sic).

Fica clara a tentativa de homogeneizar nivelando o grupo não pela capacidade técnica individual, pelo talento, mas pela potencialidade que o jogador tem de se submeter ao comando e de se integrar (e porque não, se entregar) à equipe, sintetizadas pelo treinador nas características "caráter" e "compromisso", revelam o sentido da produção do corpo dócil.

Seja provindo da mídia esportiva, dos treinadores, dos dirigentes ou até dos torcedores, existe um poder disciplinar que impõem ao jogador de futebol uma série infindável de sanções que se erige a partir de uma estratégia discursiva que produz um ideal

[8] Entrevista concedida pelo técnico das categorias de base da seleção brasileira, Alexandre Gallo ao jornal O Estado de São Paulo, disponível em http://www.estadao.com.br/noticias/esportes,vou-implantar-uma-nova-mentalidade-na-base-diz-alexandre-gallo,1056213,0.htm – acesso em 24 jul 2013.

de profissionalismo a ser buscado a qualquer custo. A disciplinarização é a chave e ela se estenderá indefinidamente, do cabelo à barba que ele use à forma como se veste e fala, para controlar com quem ele se relaciona, aonde ele deve andar e do que deve ou não gostar, tudo isso para que se obtenha desses indivíduos a vitória, o título, o lucro com a venda da marca e, talvez, o exemplo para os jovens das gerações posteriores.

A cobrança que vem das arquibancadas está sempre muito próxima do limiar da violência e sempre que algum jogador ou jogadores são assediados pela torcida erige-se o debate sobre o suposto "direito" do torcedor de cobrar, afinal de contas: o jogador não é um funcionário daquele clube? E a quem pertence o clube? Logo, a quem pertence o direito de cobrança?

A naturalização dessa cobrança está cristalizada em todos os âmbitos, da crônica esportiva aos dirigentes, chegando às próprias "vítimas" dos protestos: os jogadores de futebol. Em 2012, o time do Ceará de Fortaleza encontrava-se em uma sequência de empates e derrotas no campeonato brasileiro da segunda divisão, quando os torcedores do time (particularmente a torcida organizada) realizaram um protesto no campo de treinamento do time. O protesto iniciou à base de insultos aos jogadores e à diretoria que giravam em torno da questão do comprometimento e da honra dos jogadores ensejando gritos como o de "time sem vergonha". Não satisfeitos, entretanto, alguns torcedores invadiram o campo de treinamento e entraram em conflito direto com diretoria, comissão técnica e jogadores. Após o ocorrido, alguns jogadores vieram à público para justificar a ação da torcida e reafirmar o direito destes de "protestar", bem como trataram de declarar e assumir a culpa pela situação conforme se observa nessas entrevistas de dois dos mais experientes jogadores do time[9]:

> Eles têm o direito de protestar. Se eles estão aqui cobrando, é porque nós, jogadores, colocamos o Ceará nessa situação. Em time de grande torcida é assim, se o resultado não vem, o protesto acontece. A torcida quer resultado.

> Ninguém gosta que isso aconteça, mas foi compreensível. Só nós, jogadores, com vitórias, podemos trazer a torcida para o nosso lado de novo.

A normalidade desse tipo de cobrança é ratificada em outra fala do jogador Daniel Marques, quando este afirma: "já passei por isso, faz parte. Vivi momentos como esse em

[9] Respectivamente, Daniel Marques e Juca, disponível em: http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=1168024 – acesso em 08 ago 2012.

outros clubes. Jogador que veste a camisa do Ceará tem que saber aguentar a pressão[10]". São vários os discursos que naturalizam a chamada "pressão" de forma que a capacidade de aguentá-la tornar-se uma característica indispensável para jogadores que pretendam jogar num time de massa, já que irá enfrentá-la corriqueiramente, conforme o relato dos jogadores citados, muito comuns, diga-se, nas coberturas esportivas brasileira no rádio ou na TV.

A crônica esportiva local também operou a naturalização da cobrança neste caso, conforme se pode observar na coluna de um dos mais destacados comentaristas esportivos do estado:

> PROTESTO da torcida do Ceará, inclusive invadindo o local do treino, já era esperado para qualquer momento. Questão de dias. (...) NÃO é a primeira vez que acontece, nem será a última. Já avisei mil vezes. Brincar com paciência de torcedor de clube de massa equivale riscar o fósforo perto de tanque de gasolina. Paciência tem limite de tolerância. Quando extrapola saiam da frente. (...) PROTESTAR pode, entrar no campo de treino, local de trabalho dos jogadores, não. Este tipo de aviso não pega. Nem cola. O torcedor não quer nem saber, nem mede as consequências do seu ato. O que quer mesmo é lavrar seu protesto cara a cara. E ai de quem tentar reagir. (...) PROTESTO tem um recado mais forte. Vamos a ele. Ao ver o time despencar, outra vez rondando a maldita zona de rebaixamento, a torcida tenta com seu grito de revolta abrir os olhos antes que seja tarde demais. Por omissão a torcida não vai pecar[11].

A naturalização do ato de violência praticado pela torcida é paulatinamente construída: primeiro, o colunista sentencia que o protesto já era esperado e logo aconteceria; segundo, conforme o próprio, não é a primeira vez que isso acontece e não deixará de acontecer, pois a paciência de torcedor é algo com o qual se deve ter muito cuidado e as consequências de seu esgotamento são avassaladoras ("saiam da frente"); terceiro, o torcedor, provavelmente como uma massa amorfa e poderosa, não respeita limites, assim deve-se saber de antemão que não adianta avisar sobre a proibição de se invadir o "local de trabalho dos jogadores"; quarto, não importando de que forma as coisas aconteçam, o ato dos torcedores tem a "boa intenção" de "abrir os olhos" de todos em relação aos rumos, provavelmente desastrosos, em que o time tem caminhado, de forma que o "pecado da omissão" nunca poderá ser atribuído aos torcedores.

---

[10] "Tensão no Ceará: Rogerinho desabafa, torcida protesta e interrompe treino", disponível em http://esportes.opovo.com.br/app/esportes/clubes/ceara/2012/08/07/noticiasceara,2409407/rogerinho-reage-a-criticas-e-desabafa-no-twitter.shtml – acesso em 08 ago 2012.

[11] Coluna do comentarista Alan Neto no Jornal O Povo, disponível em http://esportes.opovo.com.br/app/colunas/alanneto/2012/08/08/3938708/riscar-fosforo-perto-de-tanque-de-gasolina.shtml - acesso em 08 ago 2012. Conforme o original.

Não é sempre, porém, que a violência é naturalizada. Em 2011, uma reportagem da revista IstoÉ enumerava uma série recente de acontecimentos em que a torcida agiu com violência ante aos jogadores de futebol. De apedrejamento do ônibus de clubes a perseguição aos jogadores em locais públicos como restaurantes ou em suas próprias casas, a violência ganhou a atenção do ministério público que resolveu investigar a ação de torcedores que perseguiram a ameaçaram o jogador Fred, à época jogador do Fluminense. Conforme afirmava a reportagem:

> No celular, um número desconhecido chama e ameaça: se não jogar direito, vai apanhar. Em frente à casa do jogador de futebol, um grupo o intimida na presença da família. Dentro do restaurante, atletas são perseguidos e cobrados. E, não eventualmente, situações assim acabam em violência física. O medo entrou em campo para os jogadores de futebol brasileiros. E não é medo de times adversários. É de quem torce pela mesma bandeira, de quem, teoricamente, está do mesmo lado. Fred, capitão do clube carioca Fluminense, é a mais recente vítima da perseguição de torcedores. Em uma das situações, ele e o colega de time Rafael Moura estavam em um restaurante, em Ipanema, no Rio de Janeiro, quando torcedores do Flu começaram a tirar satisfações sobre jogos passados. Eles saíram do local e a perseguição continuou, perigosamente, nas ruas[12].

Concluindo a reflexão

Procurei demonstrar aqui que o futebol, enquanto fenômeno moderno, se configura como um espaço de disciplinarização das massas, ao mesmo tempo em que, se manifesta como instrumento de liberação de "excitação prazerosa" no contexto daquilo que Norbert Elias chamou de processo civilizador.

A ressalva de Luiz Henrique de Toledo (2001), entretanto, deve ser considerada, sem inviabilizar, entretanto, o referencial, as contribuições e os apontamentos de Elias para a compreensão do fenômeno esportivo e sua participação no processo social, mas demonstrando algumas reservas necessárias:

[...] ainda que Elias rompa com uma concepção positivista de cisão radical entre esporte e jogo, acaba por universalizar o processo de constituição dessa categoria sócio-histórica denominada indivíduo em detrimento de outras dimensões ou instâncias, tais como a plasticidade evocada na noção de pessoa. Elias não leva em conta que seu processo civilizador está preso de maneira obsessiva à existência e onipresença de uma ética individualista que, segundo o próprio autor, é geradora do processo multiplicador de controle social e de um autocontrole elevado, concebido com uma certa positividade.

[12]"Torcedores e algozes", disponível em http://www.istoe.com.br/reportagens/151444_TORCEDORES+E+ALGOZES?pathImagens=&path=&actualArea=internalPage – acesso em 14 ago 2011.

Embora não sonegue aos esportes alguns dos elementos lúdicos presentes em contextos históricos anteriores, tais como a tensão, o prazer, o divertimento, a incerteza e, a destacar, o fenômeno da violência, aliás, negligenciado em muitas das análises dos modelos dicotômicos [...], Elias reduz todos esses fatores ao autocontrole estabelecido pela dimensão individualista. A percepção desse autopoliciamento imposto pelos constrangimentos sociais de uma ética burguesa, supostamente civilizada no que se refere ao adestramento e à pacificação dos costumes, inclusive os "esportivos", não consistiu uma via de mão única nas sociedades ocidentais, o que pode ser verificado em contextos etnográficos específicos (Archetti, 1999; Toledo, 2002, por exemplo). (p. 142).

E é aqui que entra o jogador de futebol, que se encontra num lugar privilegiado e absolutamente visível e vigiado do imaginário popular na medida em que é o ator principal de um dos mais importantes aspectos da cultura e sociedade brasileira, o futebol. Em conformidade com Toledo, podemos observar que ao contrário de uma "via de mão única", o processo que incide sobre massa e jogadores é recíproco, no sentido de que as posições de uns e outros, são interdependentes.

Assim, seja devido a sua posição no processo civilizador, seja devido ao processo de disciplinarização ao qual são submetidos, os jogadores vivem a eterna tensão de uma profissão onde não são donos de si mesmos, pertencendo antes ao patrimônio de um clube, de uma torcida, de uma massa apaixonada de pessoas.

Embora haja quem se posicione contra, os mais diversos atores do campo futebolístico (técnicos, jornalistas, jogadores, torcedores, dirigentes) tendem a naturalizar essa tensão que coloca o jogador numa posição quase sempre frágil conforme buscamos demonstrar através de um exemplo de muitos que se repetem rotineiramente em todo país, todas as temporadas em que jogadores são "cobrados" por torcedores, ou de forma mais abrangente, pelos "tribunais da disciplina".

Artigo recebido em 28 fev. 2018.

Aprovado para publicação em 04 jul. 2018.

Referências

BEJARANO, Viviane C. e PILATTI, Luiz A. As emoções na perspectiva de Norbert Elias: da evolução biológica e socialização à influência da psicanálise na psicogênese e sociogenias elisianas *In:* GEBARA, Ademir e WOUTERS, Cas. **O controle das emoções**. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2009, p. 215-233.

DAMATTA, Roberto. **Antropologia do óbvio**. Revista USP. Dossiê Futebol. Junho, julho, agosto, nº. 22, 1994.

_____. **A bola corre mais que os homens**: duas copas, treze crônicas e três ensaios sobre futebol. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

DAMO, Arlei Sander. **Do dom à profissão**. **A formação de futebolistas no Brasil e na França**. São Paulo: Aderaldo & Rothschild Ed., ANPOCS, 2007.

DUNNING, Eric. Prefacio. In: ELIAS, Norbert e DUNNING, Eric. **Deporte y ócio en el proceso de la civilización**. México: Fondo de Cultura Económica, 1995a, p. 9-29.

ELIAS, Norbert e DUNNING, Eric. **Deporte y ócio en el proceso de la civilización**. México: Fondo de Cultura Económica, 1995b, p. 31-81.

_____. **O processo civilizador**: formação do estado e civilização. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993, v2.

_____. Sobre os seres humanos e suas emoções: um ensaio sob a perspectiva da sociologia dos processos. In: GEBARA, Ademir e WOUTERS, Cas. **O controle das emoções**. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2009, p. 19-46.

FLORENZANO, José Paulo. **Afonsinho e Edmundo: a rebeldia no futebol brasileiro.** São Paulo: Musa editora, 1998.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

_____. **Vigiar e punir:** nascimento da prisão**.** Petrópolis: Vozes, 1987.

FREUD, Sigmund. **O futuro de uma ilusão**. Porto Alegre: L&PM, 2011.

GASTALDO, Édison. **Esporte, violência e civilização**: uma entrevista com Eric Dunning. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 14, n. 30, p. 223-231, jul./dez. 2008.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Ed. UNESP, 1991.

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol:** dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões**.** São Paulo: Nova Alendria, 2010.

LEITE LOPES, José Sérgio. **Esporte, emoção e conflito social**. Mana–Estudos de Antropologia Social, p. 141-63, 1995.

ROGÉRIO, Radamés de M. **No "segundo tempo da vida":** o jogador de futebol e a passagem para a pós-carreira. 2014. Doutorado em Sociologia. Departamento de Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Futebol e Teoria Social**: Aspectos da Produção Científica Brasileira (1982-2002). BIB, São Paulo, n° 52, 2° semestre de 2001, pp. 133-165.

Futebol profissional: saída da pobreza?

Carlos Heller Mandel [1]
Fernando Burgos Pimentel dos Santos[2]

Professional football: a way out of poverty?

http://dx.doi.org/10.12660/rm.v9n14.2018.74052

[1]Bacharel em Administração Pública na EAESP/FGV. Analista Júnior de Projetos no Instituto Ayrton Senna. E-mail: carlosmandel95@gmail.com
[2]Doutor em Administração Pública na EAESP/FGV. Professor do Departamento de Gestão Pública da FGV. E-mail: Fernando.burgos@fgv.br

Resumo:

A pesquisa pretende analisar se o futebol é uma alternativa de saída da pobreza. Com base no trabalho de Fields (2001), Bradshaw (2007), Goldthorpe (2011), entre outros, são discutidos os conceitos de pobreza e mobilidade social. O trabalho de campo pautou-se em May (2004), Spink (2008) e Rego e Pinzani (2013). Foi possível perceber que é necessário grande investimento familiar para que um jovem participe de uma peneira e que, quando este vem das classes sociais mais baixas, há uma relação predatória dos empresários. Diversas barreiras impedem que um adolescente pobre supere sua condição por meio desta prática esportiva. Entretanto, o futebol se configura como uma oportunidade para jovens no que tange a mobilidade social, embora a carreira apresente mais desafios do que a concepção vendida pelos clubes e pela mídia.

Palavras-chave: futebol; pobreza; mobilidade social.

Abstract:

This research aims to analyze whether football is an alternative way out of poverty. Based on the work of Fields (2001), Bradshaw (2007), Goldthorpe (2011), among others, the concepts of poverty and social mobility are discussed. The field work was based on May (2004), Spink (2008) and Rego and Pinzani (2013). It was possible to realize that, for an adolescent to participate in a try-out, it is necessary a huge investment from his family and that there is a predatory relation of agents with poor teenagers. Several barriers prevent a poor teenager from overcoming his condition through this professional sporting practice. However, football is an opportunity for young people in terms of social mobility, although the career presents more challenges than the idea sold by the clubs and the media.

Keywords: football; poverty; social mobility.

Apresentação

O caráter elitista do futebol nacional é um dos grandes problemas relacionados a esta prática esportiva. Se por um lado ele é uma paixão tão grande que consegue caracterizar uma nação inteira como na frase "O Brasil é o país do futebol", por outro valoriza uma pequena parcela da população que consegue pagar os caros ingressos para assistir aos jogos mais disputados - o valor do ingresso da final da Copa do Mundo no Rio de Janeiro em 2014, por exemplo, variou de R$ 330,001 a R$ 1.980,00. (GE, 2013). Assim se questiona: se o país é do futebol, esse futebol é para quem?

A resposta para tal pergunta abarca diversos fatores. O acesso ao futebol deve ser entendido não apenas no contexto do torcedor, mas também como prática esportiva. Mais especificamente, o presente artigo estuda a perspectiva daqueles que desejam se tornar atletas profissionais2, e visa entender as reais possibilidades que jovens pobres têm de acessar esse mercado.

Além de ser uma paixão nacional, o futebol também é encarado como uma alternativa de rompimento com o ciclo da pobreza. A fama e, principalmente, os altos salários que acompanham a vida de um jogador tornam esta profissão um sonho para muitos brasileiros, em especial os que nascem em condições de vulnerabilidade social.

Os clubes profissionais, como forma de promoção do trabalho desenvolvido em suas categorias de base e visando atrair novos talentos, usam essa retórica para seduzir jovens e suas famílias para o mundo esportivo. Os temas do sucesso juvenil e da entrada no mundo do futebol passam a ser amplamente explorados por essas agremiações esportivas, conforme matéria veiculada pelo Santos Futebol Clube (2016):

> Pensando nos novos talentos que estão por vir, o site do Peixe traz agora, semanalmente, a história de um garoto da base santista. Aspirantes ao time principal, os Meninos da Vila lutam todos os dias para alcançar o sonho de ter o nome gravado na história de um clube mais do que vencedor.

A argumentação utilizada pelos clubes baseia-se, principalmente, em casos de superação da pobreza por meio do futebol para atrair jovens talentos. A isso, soma-se o senso comum de que essa profissão é democrática por requisitar apenas habilidades esportivas de seus praticantes. Isso é o suficiente para convencer milhares de famílias de que é possível vencer uma situação de vulnerabilidade social por meio da prática esportiva.

---

[1] Neste mesmo ano o salário mínimo era de R$ 724,00. (IBGE, 2013) Ou seja, o ingresso mais barato para assistir a final do Mundial era o equivalente a cerca de 45,6% da renda mínima.

2 Por profissional entende-se aqueles que tem remuneração pactuada por um contrato de trabalho assinado bilateralmente, com idade superior a 18 anos.

Entretanto, o sucesso de um jogador profissional depende de diversos outros fatores.

Primeiramente, o atleta necessita de uma infraestrutura de qualidade – tanto esportiva quanto familiar –, de boa alimentação, e de adequado preparo físico desde o começo da prática esportiva – que tem se iniciado cada vez mais cedo, com algumas seletivas de clubes visando crianças menores de dez anos. Além disso, também deve-se considerar que a carreira de um jogador é uma das mais traiçoeiras - não apenas pelo fato de que lesões, que fazem parte da vida de um atleta, podem acabar com um futuro promissor - mas também porque o rendimento de um adolescente é instável, e ele pode ser descartado por um time de uma hora para outra. Assim, o ideal seria que todo aspirante a jogador de futebol pudesse conciliar o início da sua "carreira" com uma dedicação efetiva aos estudos.

O objetivo do artigo é debater a citada "romantização" dos clubes e da mídia quanto às possibilidades reais de um indivíduo romper com o ciclo da pobreza por meio da prática futebolística profissional. A análise dos resultados pode ser entendida dentro de quatro perspectivas: a) qual é o investimento que uma família deve fazer para ter acesso à este universo; b) quais são as mudanças na vida de um jovem atleta, e em que medida isso afeta seus familiares; c) como um jovem consegue conciliar treinos e estudos e qual é a cobrança dos clubes no que tange à educação de seus atletas; e, por fim, d) qual é o papel que os empresários desempenham nesta situação.

Metodologia

Como forma de acompanhar famílias cujos filhos estavam no processo de seleção dos clubes de futebol, realizamos um levantamento de informações acerca de diversos testes de futebol existentes em escolinhas e times profissionais para decidir quais peneiras analisar. Nesse trabalho inicial, pudemos constatar que, de modo geral, os clubes não são transparentes no que diz respeito às questões relacionadas aos testes. Descobrir o contato do responsável pela base do clube também foi difícil. Deste modo, questiona-se: se os informes relacionados às seletivas são disponibilizados apenas pela internet, e se seu conteúdo não responde todas as dúvidas possíveis, como um jovem em condição de vulnerabilidade social consegue descobrir as informações necessárias para poder realizar o teste? Adendo a esta situação soma-se o fato de que os telefonemas realizados para a central das categorias de base raramente foram atendidos ao longo da pesquisa.

Além da dificuldade em obter as informações, outra constatação feita foi de que em muitos casos o próprio sistema da peneira impossibilita que jovens pobres participem delas. Determinada empresa cobrava uma taxa de 180,00 reais para a inscrição do atleta, por exemplo. Já outro clube requisitava uma conversa pessoal do responsável pelo adolescente com o coordenador das categorias de base, em dia de semana e sem hora marcada, durante o horário comercial – tornando-se um grande obstáculo para pais e mães que trabalham neste período do dia. Percebe-se, portanto, que a falta de informações disponíveis sobre as peneiras aliada à exclusão que o próprio sistema impõe através de requisitos básicos já formam a primeira barreira entre o adolescente e uma carreira de jogador de futebol.

Após muita insistência, conseguimos autorização para conversar com os profissionais de um dos mais importantes clubes da primeira divisão do futebol brasileiro. É necessário ressaltar a importância do trabalho de campo dado o objetivo da pesquisa. A entrevista dos atores envolvidos se torna fundamental a partir do momento em que se percebe que ela permite maior entendimento e uma análise mais próxima do que ocorre naquele ambiente e situação que se pretende entender, algo inatingível apenas pela análise dos conceitos (SPINK, 2008).

Optamos por realizar entrevistas semi e não-estruturadas, segundo May (2004), todas elas realizadas nos anos de 2015 e 2016. O primeiro foi utilizado nas entrevistas com funcionários e ex-funcionários do clube e também naquela realizada com um profissional da área de gestão esportiva e que atuou como empresário de um dos mais ricos jogadores de futebol brasileiro. Já as conversas com familiares dos jovens atletas – realizadas durante as chamadas "peneiras" – foram realizadas sem roteiro prévio[3]. Uma vez que a pesquisa visava o contato com famílias em situação de vulnerabilidade social, a consideração trazida por Rego e Pinzani (2013) torna-se essencial: é importante que o pesquisador tenha a noção de que não deve falar em nome de, ou tentar desempenhar o papel de representante dos pobres, uma vez que é difícil conseguir ter uma percepção de fora da sua realidade para que se permita criticar a sociedade em que se vive.

Alguns números sobre o futebol brasileiro

De acordo com o IBGE (2016), a população masculina brasileira é de 101.726.102 indivíduos. Destes, 15,83%, ou seja, 16.103.242 são jovens de até 19 anos. Dados da Confederação Brasileira de Futebol – CBF (2016a) apontam a existência de 28.203 jogadores profissionais assalariados. *Grosso modo*, considerando que todos esses jovens desejam seguir a carreira futebolística, a probabilidade de um deles se tornar um profissional é de 1 em 570. Considerando a Seleção Brasileira como tendo um plantel de 23 jogadores (atletas convocados para a disputa das Eliminatórias para a Copa do Mundo), a chance de um jovem menor de 19 anos conseguir ser convocado para representar o país é de 1 em 700 mil. Apenas para ilustração, a probabilidade de um indivíduo conseguir ser sorteado na loteria[4] apostando 9 números é de 1 em 600 mil. (EXAME, 2014).

Ainda, uma análise da faixa salarial dos jogadores profissionais cadastrados no sistema da CBF (Tabela 1) revela que, para a grande maioria dos atletas, a profissão não está

[3] É importante ressaltar que as conversas com os familiares foram realizadas no mesmo momento em que os filhos estavam sendo testados. Como os resultados dos testes geralmente ocorrem no final da tarde do mesmo dia ou no dia seguinte (muitas vezes os resultados são divulgados em páginas na internet ou informados diretamente aos familiares), não estivemos presentes nestes momentos. Assim, buscamos analisar apenas o momento em que as famílias expunham as suas dificuldades e, principalmente, as suas esperanças. E assim, decidimos não analisar a capacidade de resiliência das famílias e dos jovens em casos de resultados adversos, como a não-aprovação para as fases seguintes.

4 Considerando a Mega-Sena, na qual o indivíduo deve acertar os 6 números sorteados.

diretamente relacionada a um grande salário:

Salário	Número de atletas	%
Até R$ 1.000,00	23.238	82,40%
De R$ 1.000,01 até R$ 5.000,00	3.859	13,68%
De R$ 5.000,01 até R$ 10.000,00	381	1,35%
De R$ 10.000,01 até R$ 50.000,00	499	1,77%
De R$ 50.000,01 até R$ 100.000,00	112	0,40%
De R$ 100.000,01 até R$ 200.000,00	78	0,28%
De R$ 200.000,01 até R$ 500.000,00	35	0,12%
Acima de R$ 500.000,01	1	0,00%
Total	28.203	100,00%

Tabela 1: Faixa Salarial dos Jogadores Profissionais de Futebol no Brasil
Fonte: CBF, 2016ª – Dados trabalhados pelos autores

Os dados da CBF mostram que mesmo que o "sonho" de mudar a própria vida e da família esteja presente no imaginário de grande parte destes jogadores, menos de 4% deles recebem um salário maior do que 5 mil reais.

Breve conceituação sobre a Pobreza

Nos últimos anos, os estudos sobre a pobreza têm buscado avançar em relação à caracterizá-la apenas como a insuficiência de renda, reconhecendo que há múltiplas dimensões na pobreza. No entanto, a dimensão renda segue sendo muito importante. Fields (2001) define o indivíduo pobre como aquele que não consegue arranjar recursos para satisfazer suas necessidades básicas. Bradshaw (2007, p. 9) segue a mesma linha de raciocínio, definindo pobreza como "*the lack of necessities*". Entretanto, o próprio autor faz a ressalva de que não há um conjunto de necessidades que seja padrão para todas as pessoas do mundo, tornando-se necessário adotar uma definição mais relativa para este conceito. Mesmo assim, os pobres seguiam sendo aqueles cujos vencimentos são insuficientes para comprar uma "cesta" capaz de suprir suas necessidades básicas. (FIELDS, 2001; BRADSHAW, 2007). A linha de pobreza seria, portanto, a divisória entre as remunerações capazes e incapazes de supri-las.

No entanto, a criação de uma linha da pobreza única, baseada exclusivamente na renda monetária, apresenta vários problemas. O primeiro e mais evidente é que estados e cidades dentro dos países possuem realidades econômicas e características sociais distintas e custos de vida diferentes. Como forma de resolver esse problema, pensou-se em associar a linha de pobreza absoluta a um determinado nível de nutrição. Tal abordagem também apresentou problemas, uma vez que leva em consideração apenas o básico necessário para sobreviver e, dado que gastos energéticos variam de indivíduo para indivíduo e que não são

os mesmos para pessoas inter e intra países, o método torna-se pouco confiável.

Do ponto de vista sociológico, o trabalho inicial de Simmel publicado em 1907 (SIMMEL, 2011) é fundamental. Para o autor, é a condição de "ser assistido", ao receber ajuda pública de uma determinada coletividade, que estabelece a marca identitária da condição do "pobre". Deste modo, enxerga que a pobreza está relacionada à dependência do indivíduo de uma assistência social - o que torna a torna um processo, e não uma situação estática.

Uma outra categorização possível é a realizada por Paugam (2007), que divide as pessoas em situação de pobreza em 3 tipos: os marginais, os frágeis e os assistidos. O primeiro grupo é formado pelos *marginais*, ou seja, aqueles que vivem em situação de ruptura social, incluindo a familiar e a institucional – estando à margem da sociedade. Deste modo, necessitariam de intervenção direta dirigida a eles, mas normalmente são bastante reativos aos serviços disponibilizados.

Já os *frágeis* são aqueles que necessitam de relações pontuais com serviços de assistência, mas que possuem um certo nível de autonomia. Por este motivo, o fracasso que acarreta nestas assistências pontuais é motivo de vergonha para o indivíduo que vai adquirindo consciência da distância que o separa do resto da população, e o faz ter a sensação de que todos também o percebem.

Os *assistidos*, por sua vez, formam o terceiro grupo. Estes são os dependentes dos serviços sociais, que constroem uma relação regular com estes. A pobreza assistida está relacionada com desesperança por parte do indivíduo em sair daquela situação, o que faz como que ele desista de conseguir emprego.

Estes níveis de assistência estão associados ao exposto por Rego e Pinzani (2013), que dizem que uma das características definidoras do pobre é a vergonha por se reconhecer como tal. A própria assistência pressupõe a falta de autonomia do pobre, o rotula como alguém necessitado e faz com que ele se sinta envergonhado por estar nesta situação.

Além disso, Rego e Pinzani (2013) afirmam que a pobreza também está associada a outro fator: um nível básico de autonomia individual. Este está associado com a possibilidade do indivíduo realizar escolhas livres, sem ser constrangido pela falta de recursos básicos, sejam eles materiais ou intelectuais. Ademais, o conceito diz respeito à capacidade do indivíduo conseguir cuidar de si e de sua família sem precisar do auxílio de terceiros.

Segundo Bradshaw (2007), são cinco as explicações que devem ser consideradas sobre a origem da pobreza. A primeira delas culpabiliza o indivíduo por sua condição. Sendo assim, a incompetência, a preguiça e más escolhas individuais são responsáveis pela falta de renda do indivíduo. Seu princípio básico é de que a competição presente na sociedade premia os esforçados, e pune aqueles que por deficiências individuais (como mau uso do dinheiro e más práticas sexuais - ter mais filhos do que pode sustentar) não prosperam. (BRADSHAW, 2007; REGO E PINZANI, 2013).

A segunda teoria é a cultural: de acordo com ela, existe uma cultura da pobreza, que é transmitida de geração em geração, e nela estariam contidas crenças, valores e habilidades. Tal cultura seria gerada socialmente, mas ficaria contida no indivíduo, que seria vítima desta, sendo assim isento de culpa. A terceira teoria responsabiliza a estrutura político-econômica pela origem da pobreza. De acordo com ela, as instituições sociais geram barreiras que impedem a ascensão dos pobres a melhores empregos e, consequentemente, a uma maior remuneração - que aumentaria sua qualidade de vida. A quarta teoria descrita por Bradshaw (2007) é a geográfica. De acordo com ela, há disparidades de oportunidades entre áreas geográficas. Isto ocorreria devido à concentração de recursos em algumas poucas regiões. Esta explicação explicita que isso ocorre desde níveis municipais - como favelas em grandes cidades -, até mundiais - como o terceiro-mundo. Além de menos recursos, tais áreas não possuem o poder necessário para reverter tal situação. Assim, enquanto investimentos vão para as melhores áreas, o crime e a pobreza se alastram nas zonas periféricas. Há também a questão da migração de conhecimento, na qual indivíduos com melhores habilidades deixam tais zonas em busca de melhores oportunidades nas áreas ricas. Essa teoria apenas complementa as demais.

Por fim, a quinta teoria apresenta elementos de todas as anteriores. A visão cíclica/cumulativa explica a pobreza por meio da interdependência de alguns fatores. Devido a esta relação, qualquer acontecimento que porventura deixe o trabalhador desempregado gerará uma cascata de eventos problemáticos que aumentará ainda mais o nível de pobreza deste indivíduo. As consequências desta espiral de eventos poderão influenciar negativamente a economia do local.

Nos últimos anos, trabalhos sobre o cotidiano das pessoas em extrema pobreza tem sido cada vez mais frequentes. De maneira geral, Ehrenreich (2004), Edin e Shaefer (2016) e Desmond (2016) mostram as múltiplas estratégias utilizadas pelas famílias para lidar com a pobreza no cotidiano. Em grande medida, estas estratégias passam pelas redes de contatos dos mais pobres – vizinhos, amigos, colegas de trabalho, e em alguns casos, a família – que auxiliam na busca por novos empregos, outros tipos de benefícios sociais ou mesmo a buscar alternativas de moradia mais baratas.

A promessa da mobilidade social

A metodologia adotada nos estudos acerca da mobilidade social se baseia, principalmente, em comparar a classe de um indivíduo com a de seus pais. (RIBEIRO, 2014). Há, deste modo, um enfoque nas mudanças intergeracionais. As mudanças intrageracionais são contempladas dentro deste conceito, uma vez que uma alteração de condição dentro da mesma geração será revelada quando comparada com a anterior.

Bresser-Pereira (1974) discorre acerca de dois “sub-tipos” da mobilidade social: a geográfica, e a horizontal. A primeira diz respeito à busca de melhores condições de vida e de trabalho em regiões que não a do nascimento do indivíduo, e se relaciona com a questão da fuga de conhecimento de locais periféricos para os grandes centros discutidos por Bradshaw

(2007), e citada neste trabalho. Já a mobilidade horizontal diz respeito às mudanças nas condições dentro de uma mesma classe social, em oposição ao que acontece na vertical, onde há alteração de estrato ao qual aquele indivíduo pertence. O modelo adotado infere uma organização hierárquica de classes, tendo as dominantes – mais ricas e poderosas – e as mais pobres.

Uma das principais referências no que tange os estudos relacionados à mobilidade da sociedade é a classificação das estruturas sociais presentes no trabalho de Goldthorpe (2011). Em pesquisa sobre a experiência de mobilidade social em Londres, ele elencou cinco fatores que poderiam ser responsáveis pela mudança de estrato social intergeracional dos indivíduos: sindicalismo, empenho no trabalho, sorte, oportunidades e condições econômicas. Esta última diz respeito ao desenvolvimento econômico que é buscado constantemente pelas sociedades. Em épocas de crescimento, as chances de mobilidade são maiores visto que a economia como um todo é incentivada.

O sindicalismo interfere nessa questão uma vez que a força dos trabalhadores, quando unidos, é maior. Deste modo, conseguem melhorias nas condições de trabalho, nas remunerações, e nos benefícios dados pelos empregadores. Sendo assim, sua qualidade de vida melhora, e há uma possibilidade de ascensão social em relação à geração anterior. Os outros três fatores estão, de certa forma, interligados. Só é possível que um indivíduo consiga se destacar e mudar de classe social por meio de seu empenho no emprego se ele tiver a oportunidade de conseguir exercer sua força de trabalho. Muitos trabalhadores entrevistados em seu estudo relacionam tal oportunidade ao quesito sorte. Esta pode ser vista de duas maneiras: sorte em nascer em um estrato social que abra mais possibilidades, ou então sorte de que nenhuma tragédia tenha acontecido em sua família (GOLDTHORPE, 2011). Há, contudo, aqueles que creditam sua mobilidade social exclusivamente ao esforço no trabalho. Esta visão liberal, que premia a dedicação e o empenho do trabalhador, se assemelha às teorias de pobreza que responsabilizam o pobre por sua condição.

Ribeiro (2014) trata das oportunidades como um dos principais fatores para a desigualdade no Brasil. Segundo o autor, os estratos “de cima” possuem maior gama de opções do que os “de baixo”. Isso pode, em certa medida, ser alterado por meio do aumento do nível educacional desta última. Entretanto, há um fator que nem mesmo um maior nível de instrução consegue anular, que é a origem do indivíduo. Pessoas originárias dos estratos mais ricos têm mais chances de se manter neste do que outros indivíduos - cujos familiares são de camadas mais baixas - possuem de entrar. O autor relata que o topo da estrutura social no país é composto por profissionais e administradores, enquanto que a base pertence aos trabalhadores rurais. Os demais tipos de trabalho se enquadram entre estas duas categorias. Seu trabalho permite concluir que os rendimentos das categorias intermediárias são similares, enquanto há uma grande disparidade destas com a classe inferior, e uma maior ainda quando comparadas com o topo da estrutura social nacional, o que significa que a maior diferença no estrato social brasileiro não é entre a camada inferior e a mediana, mas

sim entre esta e a superior[5].

Tanto os referenciais de pobreza e de mobilidade social apresentados até aqui nos ajudarão a analisar as entrevistas e observações realizadas no cotidiano dos processos seletivos de futuros jogadores de futebol.

As "Seletivas" e seu impacto nas famílias

Conforme mencionamos, as "seletivas", também conhecidas popularmente como "peneiras" são a porta de entrada na grande maioria dos clubes de futebol. Durante as entrevistas realizadas com familiares de jovens atletas, funcionários dos clubes e com um profissional da área de gestão esportiva, pudemos constatar que esses processos seletivos geram efeitos em quatro perspectivas que serão explicadas a seguir.

Investimento da Família

Uma das entrevistadas (J.) era mãe de um atleta da escolinha do clube no interior. Ela era divorciada, e morava com o pré-adolescente em residência própria na região de Osasco/Jaguaré (SP). Ela contou que aquela era a segunda fase de três das peneiras das franquias do clube. Para que seu filho (M.V.) pudesse participar da escolinha de futebol desembolsava uma mensalidade de R$ 150,00, além de outras taxas cobradas ao longo do ano. Ela contou que a questão financeira era o maior entrave durante o processo das peneiras. Embora tivesse a opção de ir e voltar do litoral paulista todos os dias, preferiu ficar alojada na cidade praiana durante a semana de testes. O valor gasto poderia ser menor, caso ela tivesse optado por voltar para casa diariamente. Contudo, o cansaço que isso auferiria ao garoto, aliado à sempre existente possibilidade de acidentes na estrada que poderiam atrasá-lo e, consequentemente, impedi-lo de participar da seletiva – atrasos não são tolerados, o portão é fechado às oito horas da manhã em ponto – a fizeram desistir desta opção.

Para pagar as despesas da viagem, como ainda não havia recebido seu pagamento, J. pediu emprestado para uma amiga - já que esta não cobraria juros. Ela comentou que estava preocupada pois, caso seu filho fosse aprovado nesta seletiva, e não fosse contratado após a última etapa, a família teria gasto quase R$ 3.000,00 à toa.

Na entrevista, J. ainda comentou sobre o contato que teve com outras famílias ao longo do processo: grande parte delas ficou hospedada na mesma pousada e, assim, conviveram ao longo de uma semana[6]. Ela contou sobre um garoto advindo de uma família pobre, que só conseguiu mandar o menino para a peneira após uma "vaquinha" feita pelo

[5] Tal aspecto está relacionado com a teoria da estrutura político-econômica explorada por Bradshaw (2007) no tópico anterior.

[6] Deve-se fazer uma ressalva que, ao contar sobre estes relatos, não é a voz direta de uma pessoa que está sendo retratada, mas sim a visão de uma terceira.

técnico da escolinha com auxílio dos outros pais. A mãe do jovem, no entanto, não tinha condições de acompanhá-lo. Sendo assim, os pais ali presentes, juntamente com o dono da pousada, supervisionaram a criança ao longo da semana da peneira.

Esta história mostra como as redes de contato são importantes para as pessoas em situação de pobreza e extrema pobreza, conforme afirmam Ehrenreich (2004) e Edin e Shaefer (2016). A perda destas redes caracteriza um rompimento social, em um processo que agravaria ainda mais a vida das pessoas. As redes da família previamente existentes e aquelas construídas durante as semanas das peneiras entre os familiares ali presentes tornam-se fundamentais, já que segundo a entrevistada, o clube explicita que não dará nenhum amparo à família até que o jovem seja contratado[7].

Mudanças na Vida

Uma preocupação de J. era referente à possibilidade de M.V. ser, de fato, contratado. Ela contou que, neste cenário, o garoto teria que se mudar para a cidade e, uma vez que ele tem apenas 11 anos, ela teria que acompanhá-lo. Disse que estava disposta a abandonar sua vida em São Paulo pela possibilidade de M.V. se tornar jogador do clube. Entretanto, o alto custo de vida da cidade e a dificuldade em se estabelecer em outro município a preocupavam. Além disso, segundo a própria, o clube só oferece uma ajuda de custo no valor de 200 reais mensais para os jovens atletas aprovados nas peneiras – quantia que considerava quase que insignificante perto dos gastos reais com o filho. Além disso, J. comentou que sabia que o aceite do clube era apenas o começo, e que havia a possibilidade do filho ser dispensado posteriormente. Desta maneira, contou que não venderia sua residência em São Paulo, para ter um "plano b".

É interessante notar que a possibilidade de se mudar para a cidade considerada pela entrevistada não é uma opção para todas as famílias, e isto não deve única e exclusivamente ao aspecto financeiro. Vínculos familiares diferentes dos de J. - ou seja, mais do que um filho na família, casamento ou empregos - são fatores que podem impedir a mudança de uma família de cidade.

Ainda no que tange as mudanças que o aceite por parte do clube de futebol teria na vida de M.V., deve-se mencionar o alívio que J. tem por seu filho se interessar tanto por futebol. De acordo com a mãe, a região onde eles vivem é relativamente perigosa e há, segundo suas próprias palavras, "*muita coisa ruim que poderia atrair o M.V., mas graças a Deus ele se interessa e se envolve por futebol e por andar de bicicleta*". Deste modo, a prática esportiva atua na vida de M.V. também no sentido de tirá-lo da "rua", evitando assim que se envolva com o tráfico de drogas, por exemplo.

[7] Essa questão das redes de contato se fez presente ao longo da entrevista inteira com J., uma vez que ela viu nos pesquisadores a possibilidade de construir novos laços, além dos já citados. Deste modo, pediu ajuda no sentido de encontrar desde uma pousada mais barata, até patrocinadores para seu filho.

Um funcionário do clube, inclusive, revelou que a instituição também compartilha desta ideia. Segundo ele, o clube se preocupa não só em tirar o jovem da "rua", como também em mantê-lo longe dela: por saber que a ascensão no mundo futebolístico gera um impacto para qual o jovem muitas vezes não está preparado, e que isso pode fazer com que ele recorra a vícios – drogas lícitas e ilícitas, por exemplo – o clube oferece auxílio psicológico e social para os atletas de suas categorias de base[8]. Contudo, de acordo com o que foi possível apurar, esta estrutura pedagógica não está disponível quando os atletas se tornam profissionais. Uma vez que muitos o fazem aos 15 e 16 anos, e que é nessa fase que eles mais precisam de apoio – dado os aumentos salariais e maior exposição na mídia – a omissão do clube pode ser prejudicial em sua vida.

Um funcionário de outro clube demonstrou a mesma preocupação quanto à saúde psicológica dos jovens. Entretanto, devido a alguns problemas, disse que ainda não foi possível implementar o que chamou de corpo multidisciplinar – uma equipe formada por profissionais da área médica, psicológica, nutricional, pedagógica etc.

Já o profissional da área de gestão esportiva e ex-empresário de jogador de futebol citou que a falta de preparo das famílias para as mudanças que podem ocorrer na vida do jovem pode determinar o fim precoce de sua carreira, tornando-se assim mais um empecilho para o atleta. De acordo com ele, ao longo de sua carreira, presenciou diversas carreiras acabarem pela falta de preparo dos familiares dos atletas.

Conciliação com Estudos

Um entrevistado ligado a um clube revelou que a principal preocupação da categoria de base no que tange o desempenho acadêmico é de que o jovem conclua o ensino médio. Para isso há convênios com escolas públicas[9] e particulares[10], bem como um acompanhamento da instituição para garantir seu bom desempenho. Caso isto não esteja ocorrendo, cabe ao técnico escolher como lidar com as notas baixas – seja por meio de punição, de conversas, entre outros.

O profissional de gestão esportiva teve uma opinião diferente. Ele revelou que, embora haja essa preocupação com a formação dos atletas, no cotidiano dos clubes o fator que mais importa é o talento futebolístico do jovem. Se ele é "bom no campo", geralmente o clube faz vista grossa caso seu desempenho acadêmico deixe a desejar. Entretanto, se ele não é um destaque de seu time, a cobrança é maior para que suas notas sejam boas. Para o entrevistado, isso se deve ao fato de que, no final das contas, os clubes estão preocupados com seu negócio - ou seja, formar jogadores e não estudantes.

O clube visitado por nós possui um Centro de Estudos voltados para ajudar seus

[8] Este auxílio é obrigatório segundo a Lei n° 9.615/98 (a chamada "Lei Pelé")

[9] O clube possui parceria com dois colégios municipais, sendo que um deles tem uma localização próxima às instalações do clube. O acordo com a outra escola, um pouco mais afastada, prevê o vale-transporte sem custo para os atletas da categoria de base.

[10] As escolas particulares têm interesse em oferecer bolsas de estudos para estes estudantes porque podem utilizá-los em competições esportivas escolares, aumentando a sua visibilidade.

atletas a melhorar seu desempenho acadêmico. Não obstante, a entrevistada e mãe J. elogiou o clube no que tange o cuidado dado à educação. Ela disse que a instituição tem uma cobrança de frequência escolar e que exige que o aluno tire notas altas no colégio. Além disso, o clube também possui parcerias com escolas da região e são seus funcionários que se encarregam dos trâmites burocráticos de transferência de instituição de ensino caso o atleta seja aprovado na seletiva e se mude para o município.

Relação com Empresários

"Empresários são um mal necessário" – assim um dos funcionários das categorias de base de um clube define a ação destes agentes. *Necessário,* pois empresários conseguem suprir necessidades dos atletas que os clubes não têm capacidade ou estrutura para fazê-lo. *Mal*, pois o empresário acaba se tornando um "parasita" do jogador, se aproveitando de toda oportunidade que surge para ele. Segundo o entrevistado, infelizmente, o trabalho das categorias de base ainda é muito dependente da ação destes agentes de jogadores.

De acordo com a Confederação Brasileira de Futebol (CBF), em 2015 haviam 115 empresários registrados, número que pulou para 250 até julho de 2016 – data do último relatório divulgado. (CBF, 2016c). A ação dos intermediários – como a CBF classifica os empresários – é regida pela própria instituição. Segundo o Regulamento Nacional de Intermediários:

> Considera-se Intermediário [...] toda pessoa física ou jurídica que atue como representante de jogadores e/ou de clubes, seja gratuitamente, seja mediante o pagamento de remuneração, com o intuito de negociar ou renegociar a celebração, alteração ou renovação de um contrato especial de trabalho desportivo e/ou como representante de clube visando a negociar a transferência temporária ou definitiva, de jogador entre clubes. (CBF, 2016b)

Em consonância com a Lei Pelé (Art. 27-C, inciso VI), a instituição proíbe que estes profissionais agenciem contratos de atletas menores de 18 anos. (BRASIL, 1998). Contudo, como será explorado adiante, a ação dos intermediários está presente no cotidiano das categorias de base. Segundo uma mãe entrevistada, atletas com estes vínculos têm mais chance de serem contratados, muitas vezes pulando etapas dos testes.

Nos clubes que não realizam peneiras abertas, a ação empresarial fica mais restrita à pressão que estes profissionais fazem em cima dos membros das categorias de base para que eles chamem atletas apadrinhados por eles para compor o elenco. Para isso, encaminham vídeos das melhores jogadas dos jovens. Neste aspecto, deve-se levar em consideração que a produção de vídeos demonstra um caráter elitista, pois famílias de baixa renda não conseguem pagar por esta. Se o conseguem, o resultado é um material de pior qualidade, que pode interferir na seleção dos clubes. Embora empresários possam ajudar as

famílias cobrindo os gastos da produção, o jovem entra em dívida com este profissional e, caso não vingue no mundo futebolístico, não terá condições de pagá-la.

Há de se levar em consideração, ainda, o exposto no documentário *O Outro Lado da Bola*, de Marcelo Migliaccio (2012): muitas vezes, o empresário de jovens que moram em favelas é alguém ligado ao tráfico de drogas que, por ter dinheiro, financia os primeiros passos dos garotos no futebol. Caso isso não dê certo, a única maneira do atleta conseguir pagar sua dívida é entrando no esquema de venda de drogas ilegais.

Não é nem necessário que o jovem não vingue no mundo esportivo, basta apenas que isso demore para acontecer. Um entrevistado das categorias de base de um clube revelou que o desenvolvimento esportivo é um processo lento, que demora pelo menos 6 anos até o jovem aparecer em um clube de ponta. Muitas vezes, o jogador demora mais ainda, atingindo seu máximo com 24, 25 anos. Considerando que ele começou a treinar aos 14, são 10 anos ou mais de investimentos até que ocorra o retorno financeiro.

Sobre isso, deve-se levar em conta a ressalva feita pelo gestor da área esportiva de que há diferentes níveis de jogadores - nem todos são destaques mundiais. Deste modo, existem os casos de atletas que se tornam jogadores profissionais e que conseguem seguir esta carreira, embora não sejam considerados os destaques de suas equipes. Nesses casos, seus retornos financeiros não são tão grandes, conforme mostramos na Tabela 1. Deste modo, quando um agente percebe que seu agenciado não lhe trará tanto resultado financeiro, acaba desistindo de gerenciar sua carreira, o que pode acabar com as chances do jovem de se profissionalizar. Ele ainda disse que, embora jogadores com empresários tenham certa vantagem, grande parte da carreira futebolística profissional depende de sorte. Para ilustrar, ele contou que o hoje astro mundial Neymar quase não vingou – pelo menos não nas categorias de base do Santos Futebol Clube. Quando ainda jogava no sub-15, o jogador era reserva e iria ser dispensado até que o técnico da categoria de cima o chamou para compor o elenco. Esta mistura entre sorte e oportunidade[11] foi determinante para que o atleta permanecesse no clube, e se tornasse o ícone que é hoje.

O ex-empresário, baseado em sua experiência, também contou que a vida dos jogadores em início de carreira é tão difícil, que a grande maioria dos que se profissionalizam o fazem por não terem outra perspectiva de trabalho. Para ele, jovens advindos de famílias com maiores condições, ao se depararem com os sacrifícios que a vida de um atleta requer, escolhem outra profissão.

Conclusão

Pode haver um lado perverso para os jovens com famílias em situação de pobreza e extrema pobreza que se arriscam no mundo do futebol. Conforme apurado ao longo das entrevistas, se, por qualquer motivo que seja - e as possibilidades variam desde lesões e

[11] Como discorrido por Goldthorpe (2011) – ver seção *Mobilidade Social*.

rendimento inconstante até falta de condição familiar -, o atleta é dispensado após investir nesta carreira, suas opções costumam ser escassas, principalmente quando a família é pobre. Como analisado no referencial teórico, a população das classes mais baixas já possui um leque de oportunidades menor do que os mais ricos. Tendo isso em mente, o presente trabalho visava analisar se o futebol poderia ser uma dessas opções - atuando como uma porta de saída da pobreza.

Pelo trabalho de campo realizado, contudo, não foi possível responder a esta pergunta de forma categórica, principalmente pelo fato de que as histórias ouvidas e analisadas diziam respeito a famílias que não podem ser enquadradas como em situação de pobreza extrema. Os próprios entrevistados comentaram que poucas vezes tiveram contato com jovens cujos pais eram beneficiários do Programa Bolsa Família[12], por exemplo.

Partindo de duas definições semelhantes apresentadas ao longo do trabalho para a pobreza (BRADSHAW, 2007; FIELDS, 2001), que a caracterizam como uma situação na qual as necessidades básicas de um indivíduo não conseguem ser supridas, os casos apresentados na pesquisa não permitem uma conclusão que encerre a questão sobre este assunto, visto que não se enquadram em tal definição. Tendo esta ressalva em mente, pode-se dizer que, a partir do material apurado – e não das histórias analisadas -, o futebol não pode ser configurado como uma possibilidade de saída da pobreza. Isto pode ser percebido por alguns motivos.

Primeiramente, as oportunidades no mundo futebolístico costumam aparecer para aqueles que já possuem alguma condição financeira. Isso fica evidenciado no modelo de peneira realizado pelo clube acompanhado. A manutenção do jovem durante uma – ou mais – semanas na cidade do litoral paulista inviabiliza que jovens de baixa renda participem desta seletiva. Mais do que isso, os gastos envolvidos em uma possível transferência de sua família para acompanhá-lo também são muito altos para indivíduos que se enquadram na situação de extrema pobreza.

Outro modelo visto diz respeito à observação de jovens em escolinhas de futebol. Estas costumam cobrar mensalidades dos atletas, o que inviabiliza a participação de adolescentes muito pobres. Já o banco de dados que alguns clubes possuem com base em vídeos enviados, como já discutido, também aparece como uma barreira para que a pobreza seja superada. Ademais, embora exista a visão de que do dia para a noite um atleta pode começar a receber um salário milionário, este cenário está reservado para poucos jovens, e não deve ser considerado como uma regra para a profissão. O salário inicial de um jogador de futebol profissional não costuma passar do salário mínimo – como relatado nos dados e nas entrevistas - e é só após alguns anos que ele passa a aumentar.

Por fim, deve-se mencionar que as dívidas que jovens de classe baixa contraem para

[12] Programa do Governo Federal instituído em 2003 que contribui para o combate à pobreza e à desigualdade no Brasil. A partir de 2011, a extrema pobreza e a pobreza no Brasil passaram a ser enfrentadas pelo Plano Brasil Sem Miséria, que atua por meio de: a) complemento de renda; b) inclusão produtiva (urbana e rural); c) acesso a serviços. Para mais informações, acessar: <http://mds.gov.br/assuntos/bolsa-familia/o-que-e>.

com seus empresários configuram mais um empecilho nesta caminhada visto que, como relatado, elas podem fazer com que o jogador desista da carreira futebolística. Assim, embora não seja possível afirmar categoricamente, é possível indagar, dado todas as reflexões advindas tanto do referencial teórico quanto do trabalho de campo, que jovens nessas condições sequer chegam a disputar as peneiras, principalmente por falta de condições financeiras.

Se por um lado, não é possível afirmar que o futebol pode tirar uma família da pobreza, é possível realizar esta análise em termos de mobilidade social. Como visto no trabalho de Ribeiro (2014), há maior possibilidade de ascensão social entre as classes mais baixas e médias do que estas últimas e as mais ricas. Deste modo, conseguir ascender socialmente por meio do futebol até a classe social mais alta é difícil. Mas também difícil por meio de qualquer outra atividade. Entretanto, é possível que o futebol seja utilizado para ascender socialmente - em menor escala de uma classe inferior para uma média e, principalmente, entre os estratos medianos. Deve-se notar que, embora seja uma tarefa árdua, há casos de jogadores que obtiveram tal sucesso através do esporte.

Outro aspecto importante diz respeito ao observado por Ribeiro (2014) e por Goldthorpe (2011) acerca das oportunidades que se abrem para os indivíduos. A análise de ambos permite concluir que estas aparecem em maior quantidade para os que têm pais nos estratos mais ricos, e que quanto maior o "leque de opções", maior a possibilidade de fluxo social. Ainda, um dos fatores que contribuem para o aumento das oportunidades é a formação acadêmica, visto que esta amplia as opções de trabalho de um indivíduo. Por fim, quanto maior o nível de instrução, melhor a remuneração para o empregado. A partir destes pontos é possível traçar um paralelo entre a literatura estudada e a realidade vivida por jovens aspirantes às categorias de base dos clubes.

No caso das peneiras, o fato de um jovem ter nascido em uma classe social mais alta possibilita alguns benefícios, que podem se traduzir em vantagens. Um adolescente rico não tem mais chances de ser aprovado na seletiva por este aspecto, embora sua condição possa lhe favorecer. No caso dos testes no clube acompanhado por nós, por exemplo, seus rendimentos podem lhe permitir dormir em uma cama mais confortável ao longo da semana de testes, por exemplo. Sua alimentação também pode ser melhor, por vezes com acompanhamento de nutricionista profissional, fazendo com que sua forma física seja superior às demais – em um contexto do futebol atual no qual a forma física é fundamental. Assim, percebe-se que a renda influencia alguns aspectos das peneiras, tornando a disputa desigual.

Por outro lado, caso o plano de se tornar jogador não dê certo, este jovem ainda tem outras oportunidades pois, uma vez que é sustentado pelos pais, consegue treinar sem ter que abdicar dos estudos. Assim, sua educação lhe garante opções que jovens de classes mais baixas não têm, por mais que os clubes busquem formar seus atletas no ensino médio. Ainda, estes indivíduos não precisam contrair dívidas com empresários para conseguir se locomover até os testes, situação que pode influenciar negativamente a vida de um atleta de baixa renda.

Entre os outros aspectos abordados por Goldthorpe (2011) que influenciam a

mobilidade social estão o sindicalismo, o empenho no trabalho, a sorte e o desenvolvimento econômico da sociedade. Tanto o último quanto o primeiro importam menos no fluxo social relativo ao futebol. Quanto ao empenho no trabalho e à sorte, deve-se retomar a ressalva feita ao longo do trabalho de que estes estão interligados com as oportunidades. O talento de um jovem que se dedica à prática esportiva só aparecerá caso ele tenha a chance de demonstrá-lo. Esta, em algumas situações, pode depender da sorte – como quando um olheiro observa algum jogo. Em outras, ela aparece com o auxílio de terceiros, como empresários. Porém, em considerável parte das vezes, está associada ao nível de talento do jovem, que depende tanto de sorte – para ter nascido com tal habilidade, quanto do empenho em aperfeiçoá-la. Sobre este aspecto, cabe retomar a entrevista do gestor e ex-empresário, que afirma que apenas talento e conexões com empresários não garantem uma carreira de sucesso, uma vez que a sorte e o preparo das famílias desempenham um papel considerável na vida de um atleta.

Assim, se conclui que o futebol pode ser um mecanismo de mobilidade social. Mesmo que o jogador não desponte como uma estrela mundial – ou até nacional – o recebimento de salários mínimos já pode configurar uma mudança em sua vida. Além disso, caso o jovem tenha talento, o futebol é uma das poucas possibilidades que estão ao seu alcance. Não se trata de um caminho fácil – lesões, seletivas rápidas, abandono dos estudos, oscilações naturais de desempenho – mas o sonho dos jovens e de suas famílias é persistente e, em geral, releva essas diversas barreiras a serem superadas. Embora a imagem do Brasil como o "país do futebol" ainda esteja muito presente na nossa sociedade, as opções de carreira profissional são para poucos. Ainda mais quando se considera que outros aspectos – que podem ser futuramente discutidos – também influenciam esta questão, como o recorte de gênero e a etnia do jogador.

Artigo recebido em 28 ago. 2017.

Aprovado para publicação em 04 mai. 2018.

Referências

BRADSHAW, Ted K.. "Theories of Poverty and Anti-Poverty Programs in Community Development." *Community Development: Journal Of The Community Development Society. Califórnia,* p. 7-25. maio 2007.

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. *Empresários e Administradores no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1974.

BRASIL. "Lei Nº 9.615, de 24 de Março de 1998": *Lei Pelé*. 1998.

CBF – *Confederação Brasileira de Futebol. Raio-X do futebol: salário dos jogadores***.** 2016a. Disponível em: <http://www.cbf.com.br/noticias/a-cbf/raio-x-do-futebol-salario-dos-jogadores#.WI6f4PkrLDd>. Acesso em: 29 dez. 2016

CBF - *Confederação Brasileira de Futebol. Regulamento Nacional de Intermediários.* 2016b. Disponível em: <http://cdn.cbf.com.br/content/201603/20160314131514_0.pdf>. Acesso em: 03 jan. 2017.

CBF - *Confederação Brasileira de Futebol. Relatório da Diretoria de Registro e Transferência. 2016c.* Disponível em: <http://www.cbf.com.br/noticias/a-cbf/relatorio-da-diretoria-de-registro-e-transferencia#.WGvjhfkrLDd>. Acesso em: 28 dez. 2016.

DESMOND, Matthew. *Evicted: Poverty and Profit in the American City.* New York: Crown Publishing Group, 2016.

EDIN, Katryn & SHAEFER, H. Luke. *$2.00 a Day: Living on Almost Nothing in America*. New York: Mariner Books, 2016.

EHRENREICH, Barbara. *Miséria à America*na. Rio de Janeiro: Editora Record, 2004.

EXAME. *Veja qual a probabilidade de você ganhar na Mega-Sena.* 2014. Disponível em: <http://exame.abril.com.br/seu-dinheiro/veja-qual-a-probabilidade-de-voce-ganhar-na-mega-sena/>. Acesso em: 02 jan. 2017.

FIELDS, Gary S. *Distribution and Development: A New Look at the Developing World.* Cambridge University Press, 2001.

GE. *Fifa anuncia preços dos ingressos da Copa de 2014: de R$ 30 a R$ 1.980. 2013*. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/copa-do-mundo/noticia/2013/07/fifa-anuncia-precos-dos-ingressos-para-copa-do-mundo-de-2014.html>. Acesso em: 19 mar, 2015

GOLDTHORPE, John. "The Experience of Social Mobility." In: GRUSKY, David & SZELENYI, Szonja. *The Inequality Reader: Contemporary and Foundational Readings in Race, Class, and Gender.* Colorado: Westview Press, 2011.

IBGE (Brasil). *PNAD - Pesquisa Nacional Por Amostra de Domicílio:* Brasil e Síntese de Indicadores. 2013. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/00000018883109232014310419410583.pdf> Acesso em: 21/03/2015

IBGE. *Projeção da população do Brasil e das Unidades da Federação.* 2016. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/>. Acesso em: 03 jan. 2017.

MAY, Tim. *Pesquisa Social: Questões, métodos e processos*. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004. 288 p.

MAY, Tim. *O Outro Lado da Bola.* Direção de Marcelo Migliaccio. [s.i]: Desconhecido, 2012. (52 min.), son., color.

PAUGAM, Serge. *Las formas elementares de la pobreza*. Madrid: Alianza Editorial, 2007.

REGO, Walquiria Domingues Leão; PINZANI, Alessandro. *Vozes do Bolsa Família: Autonomia, Dinheiro e Cidadania.* São Paulo: Unesp, 2013, 248 p.

RIBEIRO, Carlos Antonio Costa. "Mobilidade e Estrutura de Classes no Brasil Contemporâneo." *Sociologias,* Porto Alegre, v. 16, n. 37, p.178-217, dez. 2014.

SANTOS FUTEBOL CLUBE. *Conheça os futuros craques do Santos FC.* 2016. Disponível em: http://www.santosfc.com.br/2016/05/serie-nossos-meninos-conheca-os-futuros-craques-do-santos-fc/. Acesso em: 25 jun. 2016.

IMMEL, Georg. *El Pobre*. Madri: Sequitur, 2011.

SPINK, Peter. "O Pesquisador Conversador no Cotidiano." *Psicologia e Sociedade (Impresso)*, v. 20, p. 70-77, 2008.

Recusando armários: histórias de homens homossexuais no futebol brasileiro

Luiza Aguiar dos Anjos[1]
José Aelson da Silva Júnior[2]

Refusing closets: stories of homosexual men in Brazilian football

http://dx.doi.org/10.12660/rm.v9n14.2018.74071

[1] Doutoranda em Ciências do Movimento Humano pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Instituto Federal do Rio de Janeiro. E-mail: luizaaguiardosanjos@gmail.com

[2] Doutorando em Estudos do Lazer na Universidade Federal de Minas Gerias. Professor no Instituto Federal de Minas Gerais E-mail: aelson.junior@ifmg.edu.br

Resumo:

No futebol, é notável entre seus participantes o exercício constante de afirmação de uma masculinidade viril para si e de uma masculinidade não viril para os adversários, enfatizando a diferenciação entre nós e eles/outros. Isso não significa que não há espaço para resistências. Nesse texto, apresentamos duas histórias de homens assumidamente homossexuais que, de diferentes modos, participam do universo do futebol. Recorremos a entrevistas de História Oral, complementadas com textos de periódicos que abordaram os grupos que tais sujeitos integraram ou integram. Suas trajetórias evidenciam experiências que vão além da exclusão e mesmo da simples tolerância, evidenciando a multiplicidade de vivências que ocorrem no contexto do futebol, algumas das quais escapam à heteronormatividade.

Palavras-chave: Futebol; Homossexualidade; Gênero; História Oral.

Abstract:

In football, it is notable among its participants a constant exercise in asserting a virile masculinity for themselves and a non-virile masculinity for their opponents, emphasizing the differentiation between us and them/others. This does not mean that there is no room for resistance. In this text, we present two stories of homosexual men who, in different ways, participate in the football universe. We used Oral History interviews, complemented by texts from periodicals that approached the groups that these subjects integrated or integrated. Their trajectories show experiences that go beyond exclusion and even simple tolerance, evidencing the multiplicity of experiences that occur in the football context, some of which eventually escape heteronormativity.

Keywords: Soccer; Homosexuality; Gender; Oral History.

Introdução

"Em culturas as mais diversas, a afirmação social do 'ser homem' passa pela disputa com outros homens" (GASTALDO; BRAGA, 2011, p.880). Essas competições se manifestam tanto em lutas corporais, quanto em desafios verbais, apostas, etc. e estão presentes, de diferentes modos, desde a infância até a idade adulta. Assim, vencer uma competição entre homens, com frequência, mais do que afirmar-se melhor em uma dada tarefa, representa a afirmação da superioridade da própria masculinidade em detrimento da do derrotado.

Os esportes e, mais especificamente, o futebol são espaços privilegiados de afirmação e (re)produção da masculinidade através da competição, sobretudo por tratarem-se de disputas que colocam em ação outro valor tradicionalmente masculino, a força física. Se a contenda em campo é o enfrentamento mais óbvio do futebol, estendem-se também outros confrontos de diversas ordens, nos quais não apenas jogadores tomam parte: treinadores disputam em capacidade estratégica; torcedores enfrentam-se em brigas físicas; dirigentes trocam insultos e provocações. De forma mais ou menos evidente, a masculinidade atravessa essas disputas.

Reconhecemos e defendemos que há inúmeras masculinidades possíveis e legítimas, o mesmo valendo para as feminilidades. Adotamos aqui, uma compreensão pós-estruturalista de gênero, na qual se entende que as masculinidades e feminilidades são construídas socialmente, num processo contínuo e não linear afetado pelas marcas da cultura na qual são produzidas (LOURO, 2001; MEYER, 2013).

As diferentes expressões de gênero, contudo, não são reconhecidas e valorizadas de forma equânime. Elas estão sujeitas a relações de hierarquia construídas, mantidas e modificadas, em contextos culturais específicos, produtos das dinâmicas relações de poder entre elas travadas. Sobre a produção de um lugar de hegemonia de uma dada masculinidade, Louro (2000) explica:

> A masculinidade hegemônica constrói-se não apenas em contraposição à feminilidade, mas também em oposição a outras formas de masculinidade. Tornar-se masculino pode implicar na combinação de uma heterossexualidade compulsória associada à homofobia e à misoginia. Os corpos dos garotos devem proclamar sua rejeição a qualquer traço de homossexualidade. Seus corpos também não podem sugerir nada de feminino (p.70).

A citação destaca o caráter relacional dos processos de produção das identidades de gênero, na qual inserem-se também aspectos referentes à sexualidade: ser masculino

implicaria ser heterossexual. Apesar da evidência da proximidade desses dois marcadores sociais (gênero e sexualidade), é fundamental destacar que as identidades sexuais – vistas como conceituações inventadas que identificam o objeto de nossos desejos afetivos e sexuais e, com isso, produzem referenciais de normalidade e anormalidade (WEEKS, 2010) – não são causa ou consequência do gênero.

Os processos normativos que dinamicamente mantém ou modificam referenciais de normalidade e superioridade ocorrem nas mais diversas instâncias sociais, entre elas os esportes.

No contexto do futebol, expressões misóginas, machistas e homofóbicas são recorrentes, num exercício constante de afirmação de uma masculinidade viril para si e de uma masculinidade não viril para os outros, reafirmando a dualidade e a diferenciação entre nós e eles/outros. Assim, padrões heteronormativos já fortemente presentes em nossa sociedade ali encontram maior permissividade para se expressarem de formas explícitas, ofensivas e agressivas (ANJOS, 2015).

Partindo do conceito de Michael Warner (1993), a herenormatividade é entendida como a normatização da ordem social que parte do pressuposto de que a heterossexualidade é natural, buscando controlar e regular a vida dos sujeitos, não apenas no que concerne à sua orientação sexual, como também na imposição de padrões de comportamentos atrelados a um suposto binarismo sexual.

Isso não significa que não há espaço para resistências e subversões, entre as quais podemos destacar aquelas protagonizadas por sujeitos identificados como indesejáveis ou não pertencentes a tal modalidade, notadamente mulheres e homossexuais[1], que encontram e constroem brechas para participarem dessa prática de lazer.

Nesse texto, apresentaremos duas histórias de homens gays que, de diferentes modos, participam do universo do futebol. A primeira é sobre Osmar Dziekaniaki Rodrigues, mais conhecido como Careca, torcedor do Grêmio e ex-integrante das torcidas organizadas Eurico Lara, Força Azul, Coligay e Máquina Tricolor. A segunda é sobre Gustavo Mendes, fundador do BHarbixas, equipe de futebol formada por homens gays de Belo Horizonte.

Osmar e Gustavo foram identificados e buscados a partir de suas participações em grupos futebolísticos compostos por homens gays: no primeiro, a Coligay e, no segundo, do BHarbixas. Em ambos os casos a internet serviu como importante instrumento para contato com os entrevistados. Foram, então, realizadas entrevistas sob a perspectiva da História Oral (ALBERTI, 2005).

A opção pelo aporte teórico-metodológico da História Oral se justifica centralmente

[1] Apontamos essas identidades como as mais explicitamente negadas. Reconhecemos, contudo, outros processos de exclusão. No que se refere ao gênero, cabe destacar a rejeição às pessoas trans.

pela nossa intenção de não apenas apresentar fatos, mas de refletir sobre os sentidos atribuídos pelos sujeitos às suas experiências. Nesse sentido, acreditamos que a subjetividade dos relatos orais é uma de suas riquezas (PORTELLI, 1996).

As entrevistas ocorreram no ano de 2017, sendo cada uma conduzida por umx[2] dxs autorxs desse trabalho. Tratando-se de uma História Oral Temática, o foco de nossa investigação é o envolvimento de nossos entrevistados com o futebol, especialmente na condição de torcedor, no caso de Osmar, e de praticante, no caso de Gustavo. Tendo isso em vista, o roteiro que utilizamos contemplou perguntas voltadas às questões: 1) inserção dos entrevistados no universo do futebol; 2) envolvimento em equipes/torcidas organizadas de futebol; 3) experiência de ser homossexual no ambiente no futebol. Dentro disso, as perguntas seguiam certo encadeamento cronológico, ainda que os entrevistados tivessem liberdade para alterar essa ordenação em suas respostas, o que também eventualmente alterava a condução do diálogo.

As entrevistas foram gravadas em áudio, passando, então, pela transcrição e conferência de fidelidade. Para as análises, utilizamos os documentos escritos resultantes desse processo. Os entrevistados assinaram Cartas de Cessão nas quais autorizaram a publicização de seus depoimentos pelxs pesquisadorxs.

Complementamos os relatos com uma entrevista com um torcedor que conviveu com Osmar, além de matérias de periódicos que abordaram os grupos que eles integraram ou integram[3].

Nossas análises entendem os discursos como prática social, historicamente e culturalmente situados, compreendidos nesse exercício interpretativo pelos pressupostos teórico-metodológicos de Norman Fairclough para uma Análise Crítica do Discurso (ACD), utilizando as bases da Representação Tridimensional do discurso, propostas por ele.

Para Fairclough, a ACD

> visa a explorar sistematicamente relações frequentemente opacas de causalidade e determinação entre (a) práticas discursivas, eventos e textos, e (b) estruturas sociais e culturais, relações e processos mais amplos; a investigar como essas práticas, eventos e textos surgem de relações e lutas de poder, sendo formados ideologicamente por estas; e a explorar como a opacidade dessas relações entre o discurso e a sociedade é ela própria um fator que assegura o poder e a hegemonia (FAIRCLOUGH, 2001, p. 33).

[2] Aqui, o "x" é usado como "linguagem não-binária" ou "linguagem neutra" para descaracterizar o binarismo da linguagem, isto é, a ideia de que as palavras são masculinas ou femininas, assim como a utilização do masculino como referência. Ao usar o "x" quando tratamos de coletivos de identidades plurais contemplamos homens, mulheres e aqueles que fogem da norma binária também sejam contemplados. Ao tratar de agrupamentos que possuem exclusivamente pessoas identificadas como homens gays, matemos o uso do masculino.

[3] Esse trabalho foi produzido como recorte do trabalho de doutoramento dxs dois autorxs. Assim, as fontes que complementam os relatos orais de Osmar Rodrigues e Gustavo Mendes fazem parte de fontes produzidas no contexto dessas pesquisas mais amplas.

Osmar Dziekaniaki Rodrigues, o Careca da Força Azul, da Coligay e da Máquin Tricolor

Osmar Dziekaniaki Rodrigues, mais conhecido como Careca, nasceu em 1948, na cidade de Rio Grande, no Rio Grande do Sul. Foi lá onde cresceu e formou suas primeiras referências e preferências clubísticas, identificando-se com o Sport Club Rio Grande, agremiação notabilizada por ser o mais antigo clube em atividade do país. O vínculo com o Rio Grande vinha também acompanhado por certo apreço pelo Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense, fato esse (torcer também por um dos grandes clubes da capital de seu estado) comum entre muitos torcedores de clubes de menor expressão nacional.

Aos 18 anos, Osmar mudou-se para Porto Alegre, passando a residir com uma tia gremista que frequentava regularmente os jogos do Grêmio no Estádio Olímpico. Careca passou a acompanhá-la e, em pouco tempo, o tricolor gaúcho tornou-se o clube principal de sua vida, de quem se tornou um fiel e apaixonado torcedor. Hoje, esse pertencimento é expresso por ele até mesmo na decoração de sua casa, onde todos os espaços são coloridos em azul, preto e branco e com escudos do clube. Não à toa, relata: “Aqui onde eu moro, [...] se na entrada perguntar pelo Osmar ninguém sabe, mas se perguntar pelo gremista todo mundo sabe aonde eu moro” (RODRIGUES, O., 2017, p.5).

A ampliação e o fortalecimento desse vínculo ocorreram de forma paralela à sua participação em torcidas organizadas. Esse envolvimento começou quando, nas arquibancadas, fez amizade com outros jovens, passando a torcer juntos e se organizando para confeccionar bandeiras e papel picado. A animação e iniciativa os levaram a serem convidados para integrar a Eurico Lara, única torcida organizada do Grêmio existente até então, vinculada à direção do clube na forma de um departamento.

Careca conta que ele e seu grupo participaram de uma série de transformações na Eurico Lara, como a implantação de uma bateria, o uso de bandeiras grandes e a utilização de uniformes pelos membros da torcida.

O vínculo da Eurico Lara com o clube, contudo, impedia que a torcida manifestasse discordâncias com a diretoria, o que levou alguns de seus integrantes, entre os quais Careca, a formarem a primeira torcida organizada independente do Grêmio, a Força Azul, fundada em 1974.

O gremista relata que a Força Azul era uma torcida familiar, o que não necessariamente significava que havia vínculos de parentesco entre seus integrantes, mas que as relações construídas entre eles eram de muita proximidade, afeto e respeito. Havia casais, filhos e filhas, irmãos e irmãs, mas também muitos integrantes que eram, assim como Osmar, vindos de cidades do interior e com poucos ou nenhum parente na cidade, o que,

inclusive, contribuía para reforçar o vínculo com xs colegas de torcida.

Um elemento de destaque na Força Azul era o protagonismo de algumas mulheres. Era na casa de uma delas, Sônia, que o grupo costumava se reunir para se preparar para os jogos ou para alguma festividade da torcida.

O perfil dessa primeira torcida independente gremista diferencia-se dos agrupamentos pioneiros que surgiram alguns anos antes no Rio de Janeiro e em São Paulo, nos quais o perfil predominantemente masculino e juvenil se destacava (HOLLANDA, 2009; TEIXEIRA, 2003; TOLEDO, 1996).

Careca guardou poucas lembranças do momento em que deixou a Força Azul. O que se recorda é que a saída ou afastamento de algumas lideranças gerou uma "desavença de poderes" que enfraqueceu a torcida, levando à sua desarticulação. Em meio a esse processo, ele também resolveu deixá-la.

No período, ele era frequentador regular da Coliseu, boate porto-alegrense voltada para o público gay. Como gremista apaixonado que era, foi uma das pessoas que Volmar Santos, proprietário da casa noturna, chamou para a fundação de uma torcida do Grêmio formada por homossexuais, que veio a ser nomeada Coligay.

A Coligay estreou nas arquibancadas do Estádio Olímpico em abril de 1977, em um jogo do Campeonato Gaúcho, e acabou ganhando notoriedade impulsionada pelo status de torcida pé-quente pela conquista daquele estadual pelo Grêmio, que vinha de um período de oito anos sem títulos.

A torcida tinha uma performance bastante marcante, classificada como alegre, festiva, animada e mesmo engraçada. Contribuía para a atenção que atraía sua indumentária, que incluía chapéus, paetês, plumas, purpurina, sapatos de salto, entre outros. "Mas a atração principal era por causa daquela camisola, aquele camisão grande que tinha as letras que formava as letras do Grêmio", lembra Careca (RODRIGUES, O., 2017, p.11). A qualidade de sua charanga era também um motivo de orgulho para seus/suas componentes. Ela era formada por integrantes da Escola de Samba Imperadores do Samba, lideradxs pelo mestre Neri Caveira. Segundo Careca, "igual aquela não tinha outra não" (RODRIGUES, O., 2017, p.8).

Entre suas tantas memórias como torcedor organizado, Careca define como a mais marcante o dia em que desfilou junto com a Coligay, no campo do Beira-Rio, antecedendo a disputa de um Gre-nal, em 1979. Se talvez para os colorados o desfile tenha sido promovido com a intenção de tripudiar o Grêmio em função de sua "torcida gay", xs gremistas não se incomodaram e adoraram ocupar um espaço de destaque dentro da casa do adversário.

Careca permaneceu na Coligay até sua extinção, motivada pela saída de seu idealizador e líder, Volmar Santos, que retornou à Passo Fundo, sua terra natal, e fechou as portas do Coliseu, que funcionava como uma sede da torcida.

Não tardou, todavia, para que Osmar se mobilizasse junto a outro grupo de gremistas para criar uma nova torcida organizada, a Máquina Tricolor. Isso aconteceu em

1982, por iniciativa de alguns frequentadores do Bar do Ramon, estabelecimento que ficava próximo ao estádio Olímpico, famoso por reunir torcedorxs antes das partidas (ROCHA, 2017).

Entre xs integrantes da Máquina havia muitas famílias e a torcida chegou até a ter um núcleo mirim, com integrantes de até 15 anos (TORCIDAS, 1997). Novos casamentos também aconteceram entre alguns/mas de seus/suas componentes, aumentando as famílias do grupo (ROCHA, 2017).

Como integrante da Máquina, Careca teve a oportunidade de ir à Tóquio para assistir à partida em que o Grêmio se sagrou campeão mundial, em 1983. Isso ocorreu porque o Grêmio organizou uma ação para ajudar as suas torcidas organizadas da época a levar representantes para acompanhar sua delegação e assistir ao jogo único contra o Hamburgo, então campeão europeu. As próprias torcidas deveriam vender camisetas autografadas e carnês "Jogada de Campeão"[4] para financiar a ida desses representantes (CRUZ, 1983). Três agrupamentos conseguiram alcançar o número de vendas necessário: Super Raça Gremista, Garra Tricolor e Máquina Tricolor. A escolha dxs premiadxs cabia à organizada e Careca foi um dos dois membros selecionados por seu grupo, o que demonstra a valorização da sua contribuição à torcida pelos seus pares.

A saída de sua terceira torcida organizada ocorreu quando Careca mudou-se para o Rio de Janeiro, ainda na década de 1980. Lá, ele mantém o hábito de, mesmo pela televisão, assistir a todas as partidas do Grêmio. Sobre seu "gremismo" e a seriedade dos momentos de jogos, ele diz:

> O Grêmio não é só um time para mim, o Grêmio é uma religião minha, eu tenho uma doença que se chama Grêmio, 'Grêmio Mania', que eu... Dia de jogo do Grêmio, se você vim me perturbar, eu mando você para puta que pariu, porque é a hora que eu tô fazendo a minha oração e não quero ser perturbado por ninguém (RODRIGUES, O., 2017a, p.4).

Na capital fluminense, ele continuou acompanhando o Grêmio como pôde. Reunia-se com outrxs gremistas em bares e nos estádios sempre que o clube enfrentava as equipes cariocas. Por nove anos, ele organizou uma comemoração de aniversário do Grêmio em meio às festividades da Semana Farroupilha[5], como ele narra: "na data do aniversário do Grêmio a gente fazia a missa campeira, a gente dava brinde e a gente pedia para que todo mundo fosse com a camiseta do Grêmio" (RODRIGUES, O., 2017, p.4).

Hoje, Careca reside em Maricá, no interior do estado, onde há menos gremistas

[4] Carnês com premiações diversas que o clube produziu. O dinheiro arrecadado com as vendas seria destinado ao custeio da viagem dos representantes das torcidas.
[5] A Semana Farroupilha é um evento festivo da cultura gaúcha, comemorado na semana que antecede ao Dia da Revolução Farroupilha, 20 de setembro.

para acompanhá-lo. Ainda assim, ele conta que convence muitxs amigxs a apoiar o clube: "quem está do meu lado vai ser gremista [riso], porque é uma religião, é tipo uma lavagem, "ou tu é meu amigo ou não é?!"" (RODRIGUES, O., 2017, p.4).

Ao rememorar sua trajetória de torcedor, nos diferentes espaços por que passou, grupos que integrou e pessoas com as quais conviveu, Careca afirma não ter encontrado dificuldades no ambiente do futebol por ser assumidamente gay. Além de afirmar nunca ter sido vítima de preconceito ou discriminação, disse nunca ter presenciado atos homofóbicos contra outros homossexuais ou contra a Coligay: "Naquela época nós viajávamos a qualquer lugar e nós éramos respeitados aonde chegássemos" (RODRIGUES, O., 2017, p.9); "A bicharada passava por tudo que era lugar e era bem recebido em qualquer parte" (ibidem, p.18).

O entendimento de homofobia reconhecido por Careca parece associado a práticas de repulsa ou ódio direcionadas de forma específica a um indivíduo ou grupo de homossexuais. Assim, a jocosidade com que a Coligay era eventualmente tratada ou os gritos de "bicha" proferidos como xingamento genérico a qualquer pessoa (gay ou não) não são interpretadas por ele como sinais de homofobia[6].

Especificamente sobre seu convívio dentro das torcidas organizadas do Grêmio, Careca afirma que, igualmente, havia respeito e que a relação era de muita harmonia. Assim como Careca, outros integrantes da Coligay chegaram a fundar, compor e presidir outras torcidas organizadas. Tratando dessa presença, Luiz Afonso da Rocha, que integrou a Máquina Tricolor, assim se referiu ao convívio de torcedores gays dentro das torcidas organizadas do Grêmio, de forma geral: "Normal, normal. Como se tu tivesse... Um irmão teu que fosse gay e que estava ali na arquibancada contigo" (ROCHA, 2017, p.12).

Também com os atletas do Grêmio, Careca descreve uma relação amistosa. Integrantes da torcida e jogadores eventualmente se encontravam no Bar do Ramon, estabelecimento próximo ao Estádio Olímpico, e, por vezes, mesmo nos vestiários, visto que, naquela época, o acesso de torcedores a esse espaço era mais facilmente permitido. Osmar conta que era uma figura conhecida no clube, sendo, inclusive, chamado pelo apelido "Careca" por todos, denotando intimidade.

Essa aceitação e acolhimento dos torcedores gays no universo das torcidas percebida por ele, se opõe, contudo, a invisibilidade da Coligay enquanto uma importante torcida organizada do Grêmio. Esse apagamento decorrido após sua extinção foi notado por Bandeira e Seffner (2017) que, a partir de entrevistas com gremistas, verificaram que a maioria desconhece a torcida ou a conhece apenas por meio de chacotas feitas pelos rivais, além de alguns minimizarem seu valor.

Tendo isso em vista, destacamos como histórias de e sobre sujeitos LGBT's (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros) que circularam (e circulam) nos ambientes futebolísticos podem trazer novas contribuições para a compreensão da complexidade da identidade

[6] Diante dos objetivos desse texto, nos limitamos a apontar as percepções sobre homofobia percebidas pelos entrevistados. Para análises aprofundadas do conceito, ver Borillo (2010).

torcedora e do contexto social do futebol, indo além do simples pressuposto da rejeição, invisibilidade ou ausência desses sujeitos nas arquibancadas. A trajetória de Careca, que exerceu papéis de liderança em quatro torcidas organizadas gremistas, contribui para relativizar o estereótipo de lideranças torcedoras, marcadas pela violência e masculinidade normativa (HOLLANDA, 2010).

Gustavo Mendes, os BHarbixas e a Ligay

Fora do armário e dentro dos campos society e quadras poliesportivas está o sujeito de nossa próxima história. Gustavo Mendes, nascido em Ponte Nova, interior de Minas Gerais, em 1992, e residente em Belo Horizonte desde 2013, é desde criança – e até hoje - um amante do futebol. Ele afirma seu apreço pelo esporte, declarando essa vivência como prática de lazer recorrente em sua vida, independentemente da condição de torcedor, abandonada, segundo o próprio Gustavo, por conta de uma reflexão crítica sobre o heterossexismo[7] reiterado no discurso das torcidas.

Ele é um dos fundadores do BHarbixas, grupo formado por jogadores gays da capital mineira. O time é um de um conjunto de equipes de futebol criadas em algumas capitais brasileiras no ano de 2017, que ganharam notoriedade a partir da divulgação de suas iniciativas em uma série de veículos da mídia.

Gustavo foi motivado a criá-lo após tomar conhecimento de iniciativas em São Paulo e Rio de Janeiro, dos times “Unicorns” e “BeesCats”, ainda no primeiro semestre daquele ano. Ele afirma que fez contato com as equipes pioneiras, que lhe ajudaram a formar o novo grupo. “Foi muito rápido!”, salienta.

> [...] eles fizeram a divulgação, me ajudaram na divulgação para encontrar os meninos do time, disponibilizando minhas redes sociais para contato. E [...] aconteceu muito rápido. Começaram a divulgação na segunda-feira e na quarta já estava criando grupo de whatsapp, com as pessoas mandando contato. E já deu pra marcar a primeira pelada no domingo. Aconteceu tudo muito rápido. Já montou uma pelada, [...] compareceu, mais ou menos, umas vinte pessoas (MENDES, 2017, p.2).

As redes de sociabilidade criadas em torno de um mesmo objetivo aparecem como articuladoras fundamentais para divulgação e difusão da ideia de se criar times de futebol para homens gays. Os equipamentos e processos de informação, cada vez mais globalizados, oferecem os recursos necessários para suprimir as distâncias geográficas e promover a comunicação e interação entre os sujeitos conectados em rede, de maneira instantânea.

Gustavo Mendes (2017, p.2) descreve o BHarbixas como “um time de futebol gay”,

[7] Para Daniel Borrillo (2010) é onde a heterossexualidade ocupa posição de superioridade e dominação em relação às mulheres e homossexuais.

dando muita ênfase a esse aspecto, como também o fazem os demais jogadores. Para eles, o objetivo seria o de "juntar gays que gostam de futebol" (ibidem, p.2). E complementa: "A gente é aberto a todos os públicos, contanto que seja gay. Porque o nosso projeto é abranger mesmo o público gay e promover a interação, diversão, inclusão, liberdade de expressão. [...] são esses os pilares do nosso time" (ibidem, p.2).

O discurso ganha uma identidade coletiva, bem como uma representação concisa de grupo. Tantas vezes evocado na narrativa dos jogadores gays por seus interlocutores (como porta-vozes de suas equipes) é, assim, produzido enquanto sentido. A locução pronominal "a gente", expressando uma confluência de ideias e desejos, parece revelar, de fato, esperanças e atitudes do "nós" para o grupo de jogadores. Eles são, em sua maioria, estudantes e trabalhadores jovens, assumidamente gays, com histórias de preconceito e bullying durante a infância e fase de escolarização, onde eram tolhidos dos espaços de jogo e assistência ao futebol por conta da androgenia de seus corpos e falta de retidão de suas masculinidades, indigestas e abjetas ao jogo viril, de masculinidade esquadrinhada e heterossexualidade compulsória[8]. Sobre a constituição desse espaço reservado aos gays, André Machado, jogador e idealizador do BeesCats, em entrevista ao site Terra, acrescenta:

> Nosso objetivo não é excluir os héteros, muito pelo contrário, eu espero que daqui 10 anos não precise mais existir [separação], será normal um gay jogar futebol ou ser galã de novela, delegado, jornalista ou que quer que seja". (RODRIGUES, A., 2017, s.p.).

Pertencer ao grupo transcende a habilidade com os pés e os atributos físicos, técnicos e táticos que convencionalmente servem para caracterizar, em nossa sociedade, um "bom" boleiro. Muitos acompanham o grupo como apoiadores e animadores da "pelada". Nos treinos/jogos/encontros dos BHarbixas, relata Gustavo Mendes, "tem gente que vai, todo domingo, senta lá e fica vendo a gente jogar...escuta música ou vai pra dançar também... a gente põe a música lá e fica dançando, e rindo com a gente. É mó... [satisfação]. Estamos abertos a qualquer público pra ir assistir, participar" (MENDES, 2017, p.3).

Os BHarbixas realizam seus encontros para jogar bola em quadras próprias para esse fim, espaços alugados que recebem diversos grupos, em sua maioria homens, durante todos os dias da semana. Perguntado sobre a reação dos demais usuários dessas quadras diante da presença do grupo gay com seu futebol e torcida irreverente, Gustavo Mendes afirma que, até aquele momento, ele e os demais integrantes não haviam passado por nenhuma situação conflituosa ou de preconceito com os demais usuários.

> Não mostraram muita surpresa em ver a gente, não. Olharam assim, fizeram aquela reação meio que [...] tanto faz. – Oh! Um gay jogando bola. Mas só [...] não comentaram nada, não fizeram nenhum comentário pejorativo, nada do tipo não. Foi muito tranquilo (MENDES, 2017, p.3).

[8] A heterossexualidade compulsória é um conceito da feminista Adrienne Rich, que visa destacar como nossa sociedade produz um direcionamento psicológico à heterossexualidade a partir de inúmeros mecanismos presentes em nossa cultura – contos de fada, televisão, cinema, etc –, que funcionam como propagandas coercitivas da heterossexualidade e do casamento como padrões (NOGUEIRA; COLLING, 2015).

No bar que frequentam após os jogos, contudo, já ouviram comentários cuja jocosidade se baseia no entendimento de que a homossexualidade é um defeito e, como tal, deve ser atribuído a seus adversários, como lembra Gustavo sobre um comentário feito por um cruzeirense: "um dos clientes do bar virou e falou assim: 'Chegou a torcida do Atlético ali? '" (MENDES, 2017, p.3). Isso se deu ao reconhecer o grupo de jogadores como gays, reproduzindo os repetidos comentários e piadas alinhadas à depreciação da masculinidade de seu grande rival, o Clube Atlético Mineiro.

Os integrantes do BHarbixas também se envolvem com o futebol na condição de torcedores. Gustavo relatou, inclusive, que eles encontraram dificuldade em adequar o horário e dia dos treinos em função do apreço e da identidade torcedora que seus colegas de time têm pelos clubes de futebol da capital mineira. Acompanham, torcem, vão aos estádios e bares.

> O horário da nossa pelada, no início foi o maior [...]. – Gente, não tem como marcar pra outro horário, não? – Domingo, quatro horas [...]? Normalmente horário de jogo. Temos cruzeirense, atleticano [...].
> – Tem que marcar, vamos remarcar o horário, então[...]. É [...], mas o pessoal, muito fã, fanático mesmo, conversa e tudo, mas eles preferiram aderir a pelada e depois, sei lá, rever a reprise do jogo e ver os melhores momentos do jogo (MENDES, 2017, p.3).

Tanto os BHarbixas quanto outros times gays – Unicorns (SP), Futeboys (SP), BeesCats (RJ), Alligaytors (RJ), Magia (RS), Sereyos (SC), Bravus (DF)[9] – utilizam das redes sociais para divulgar fotos e eventos, postar pequenos vídeos dos encontros e demarcar sua posição de resistência, contrariando a evidente tese de que homossexuais não gostam de futebol. Como reforça Gustavo Mendes, "a gente quer quebrar esses tabus e paradigmas que a sociedade cria" (MENDES, 2017, p.3).

No dia 25 de novembro de 2017, foi organizada a 1ª Champions Ligay de Futebol, torneio realizado no Rio de Janeiro, na arena Rio Sport, na Barra da Tijuca, contando com a participação de oito equipes de diferentes estados brasileiros.

Em declaração feita ao jornal O Globo (KALICHESKI; CALLEGARI, 2017, s.p.)[10], André Machado, fundador do BeesCats e um dos organizadores do campeonato, demonstra confiança num futuro menos excludente para o futebol brasileiro. "Digo que 2017 é o ano zero do futebol gay no Brasil. Acredito que em dez anos vai ter jogador profissional assumido, e essa luta será passado". Ian Mendonça, goleiro do time Alligaytors, em mesma

[9] Equipes participantes da Primeira Champions Ligay, na cidade do Rio de Janeiro, no dia 25 de novembro de 2017. Disponível em: https://www.terra.com.br/esportes/lance/vai-comecar-a-champions-ligay-conheca-as-historias-e-como-surgiu-o-primeiro-rasileiraohomossexual,68f9921a8bca0c734f0936bf9ab8f064zpr0w9f1.html. Acesso em 22 de novembro de 2017.

[10] Texto de Daniela Kalicheski e Carolina Callegari, publicado no jornal o Globo, em 18 de novembro de 2017, intitulado "Champions Ligay reunirá oito times LGBT de seis estados no Rio".

entrevista, reforça a seguinte ideia, que faz coro a dos demais participantes da Ligay: "Orientação sexual não tem nada a ver com desempenho. Estamos dando espaço para muita gente se superar. Nós não queremos segregar, mas não podemos deixar que nosso propósito seja perdido: ter um espaço sem intimidação".

Em entrevista ao site Terra, um dos participantes da competição avalia que "a ascensão das minorias em busca de reconhecimento tem tido mais espaço na mídia [e que] ... a prática esportiva é um grande elo de diálogo com a população" (RODRIGUES, A., 2017, s.p.).

Thiago Ribeiro, também membro do BHarbixas, faz a seguinte reflexão sobre a participação de gays no esporte e sobre a importância da Ligay, nessa mesma entrevista:

> Ocorre que o futebol é um esporte que, ainda hoje, é permeado pelo preconceito. Raros são os casos em que pessoas declaradamente LGBT conseguem ser verdadeiramente incluídas nas equipes tradicionais. Participar da LiGay é, acima de tudo, sinalizar à sociedade e ao mundo do futebol que existimos e que muitos de nós fomos e somos preteridos, todos os dias, por preconceito. Trata-se de um posicionamento claro: gays jogam bola, e jogam bem! (RODRIGUES, A., 2017, s.p.).

Finalizada a competição, os BHarbixas sagraram-se campeões após decisão, nos pênaltis, com a anfitriã e favoritíssima – na visão dos participantes – equipe carioca BeesCats. Reconhecida como "a equipe afeminada", os BHarbixas quebraram outros tabus ao chamarem atenção à heteronormatividade[11] assumida por muitos gays que desconsideram outras formas de masculinidade, que não as reconhecidas por um padrão heterossexual e conservador.

Nesse sentido, é oportuno destacar que "violências atualmente chamadas de homofobia não se dirigem igualmente a todos/as os/as homossexuais, mas, antes, muito mais frequentemente a quem não segue esse padrão". Dessa maneira, "muitos homossexuais, também normalizados, ajudam na estigmatização e na percepção negativa daqueles que não cabem na heteronormatividade" (MISKOLCI, 2016, p. 15).

Depois da conquista, em entrevista a Jamille Bullé[12], Gustavo Mendes deu o seu recado, chamando atenção para o preconceito e a "dinâmica da aparência" no mundo futebolístico, inclusive entre os gays.

> Existe um preconceito, sim, verdade seja dita. Só os afeminados não jogam bola? Jogamos, sim. A gente conseguiu mostrar para as pessoas aqui hoje. A gente só quer dividir a nossa alegria com elas. A gente brinca mesmo, lacra mesmo, independentemente da opinião alheia, a gente só

[11] Alinhada à ideia desenvolvida por Michael Warner (1993), Richard Misckolci (2016, p. 15), entende a heteronormatividade como sendo "a ordem sexual do presente, na qual todo mundo é criado para ser heterossexual, ou – mesmo que não venha a se relacionar com pessoas do sexo oposto – para que adote o modelo da heterossexualidade em sua vida".

[12] Texto de Jamilele Bullé para o site globoesporte.com, em 26 de novembro de 2017, intitulado "Respeito, tolerância e equipe afeminada campeã marcam a Champions Ligay".

quer ser feliz (BULLÉ, 2017, s. p.).

A história de Gustavo Mendes é também a de muitos homens no campo do futebol, nas suas mais diversas manifestações. Nesta mesma entrevista, ele relata um pouco da sua experiência com o futebol e com os BHarbixas:

> Infelizmente vivemos em um país que ainda tem muito preconceito enraizado. Joguei minha vida toda com héteros, sempre escutei uma brincadeira aqui ou ali, mas não comigo. Eu tentava "fazer uma linha", ficava no armário para evitar desgaste com as pessoas. Mas, hoje, me libertei disso. Resolvi me aceitar e ser o que sou. Só queremos mostrar para as pessoas que somos iguais a todos os outros. Queremos um espaço, jogar o nosso futebolzinho e ser feliz. (BULLÉ, 2017, s.p.).

Por fim, ressaltamos que o discurso inclusivo, tão presente na fala dos participantes da Ligay, pôde ser observado também por meio da presença de outras minorias durante o torneio. Duas treinadoras e duas árbitras participaram da competição, bem como varixs performers e drag queens animaram os intervalos entres os jogos.

A próxima edição da Champions Ligay já tem data marcada. Segundo a fanpage da liga, será nos 14 e 15 de abril de 2018, em Porto Alegre. Espera-se que sejam adicionadas à 2ª edição do evento oito novas equipes, ainda não definidas.

Considerações em defesa de um futebol sem armários

Por outro lado, para além das equipes gays como os BHarbixas, fatos como o recente destaque dado à Coligay no Museu do Grêmio[13], a criação de comunidades virtuais de torcedores manifestando-se contra a homofobia (PINTO, 2014), punições da Federação Internacional de Futebol (FIFA) e denúncias ao Superior Tribunal de Justiça Desportiva (STJD) de manifestações homofóbicas demonstram que ações em prol da diversidade sexual nos estádios estão também ocorrendo. Entre as perdas e conquistas resultantes dessa disputa, é possível afirmar que práticas torcedoras historicamente vinculadas ao machismo e à homofobia estão sendo cada vez mais visibilizadas e desnaturalizadas, o que leva Bandeira e Seffner (2017, p.11) a anunciarem que "parece existir uma disputa por significados das masculinidades torcedoras mais evidente do que aparecia até então".

Esse processo de desnaturalização também atingiu o ambiente acadêmico, que está mais atento a sujeitos e grupos marginais ao universo hegemônico do futebol. Ao olharmos e ouvirmos aqueles sujeitos que escapam à heteronormatividade, descobrimos vivências que

[13] No Museu do Grêmio, inaugurado em 2015, há um painel dedicado à história da Coligay. Ela é a única torcida organizada com tal visibilidade nesse espaço institucional.

superaram processos de exclusão. Se muitas dessas histórias foram e são invisibilizadas, descortiná-las é um ato necessário para compreender a multiplicidade de experiências que se dá nos campos e arquibancadas.

Grupos como a Coligay e os BHarbixas geram um deslocamento do que se entende por pertencente ao futebol, da interpretação geral de que o futebol é um campo de interesse e habilidade de homens heterossexuais. Entendemos, assim, que os sujeitos LGBT's que ocupam o ambiente futebolístico podem ser entendidos como corpos dissonantes por se desviarem de padrões estéticos, comportamentais e identitários ali idealizados, apresentando, por isso, um potencial disruptivo e subversivo[14] em relação às normatividades instituídas desse esporte (CAMARGO, 2016).

Dentro dessa lógica, por vezes os agrupamentos gays são marcados pela particularidade: a Coligay como uma torcida gay, os BHarbixas como um time gay. São outra coisa, outro futebol, e talvez, seja justamente por serem entendidos dessa maneira que algumas pessoas e grupos avessos a mudanças no ambiente tradicional do futebol consigam conceder-lhes tolerância. Se por um lado tal identificação é um instrumento de visibilidade e de representatividade do próprio grupo, também assume ares de guetificação e segregação.

Ainda sobre o potencial disruptivo desses grupos, cabe destacar que eles (todos os grupos e todos os sujeitos que o compõem) não apresentam uma posição consensual de questionamento a uma heteronorma. Os limites definidos como aceitáveis e desejáveis no que tange ao torcer e ao jogar e às manifestações de gênero e sexualidade ainda são pautas em disputa e construção dentro de grupos não normativos, afinal, eles também são afetados pelo que se toma como referência no "esporte convencional" e na sociedade como um todo. Além disso, também entre heterossexuais, questionamentos aos padrões do futebol viril se fazem presentes. Em suma, as disputas por legitimidade no futebol são mais complexas do que a suposição da defesa da virilidade pelos heterossexuais e seu questionamento e subversão por LGBT's.

Ademais, a condição de diferenciação ou mesmo de oposição que se espera que um homossexual permanentemente ocupe no universo do futebol não se manifesta de forma constante e unívoca. Se, de fato, a afirmada e performada homossexualidade de sujeitos como (ex-)integrantes da Coligay e dos BHarbixas lhes impõe uma permanente situação de questionamento e risco, percebemos em suas narrativas que os modos de superação dessas dificuldades se deram não apenas por vias do enfrentamento, mas também pelo afeto e pela conquista do respeito e da admiração. Na prática, essas pessoas e grupos circulam nem sempre marcados como "outros", mas sendo, também, muitas vezes reconhecidos por outros torcedores e jogadores como "um de nós".

Por fim, Careca e Gustavo têm vivências distintas que muito podem contribuir para reflexões sobre gênero e sexualidade no futebol. Uma experiência do torcer e uma do jogar, uma que se inicia na década de 1970 e outra nos anos 2010, uma que ocorre misturada aos heterossexuais e outra que se dá em um espaço voltado aos homossexuais. Em comum, a

[14] Conforme explica Camargo (2016), os atos subversivos, como nomeia Judith Butler, ou práticas disruptivas, na definição de Marie-Hélène Bourcier, desnaturalizam regimes sexuais, de gêneros, disciplinares.

recusa de manterem-se no armário para que possam se apropriar do futebol.

Artigo recebido em o7 mar. 2018.
Aprovado para publicação em 18 Jun. 2018

Referências

ALBERTI, Verena. *Manual de história oral*. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

ANJOS, Luiza Aguiar dos. "'Vôlei masculino é pra homem': representações do homossexual e do torcedor a partir de um episódio de homofobia". *Movimento*, v. 21, n. 1, Porto Alegre, jan./mar., 2015, p. 11-24.

BANDEIRA, Gustavo Andrada; SEFFNER, Fernando. "O que pensam os torcedores do Grêmio sobre a experiência da torcida Coligay". *Seminário Internacional Fazendo Gênero*, 11. Anais eletrônicos. Florianópolis, 2017.

BORILLO, Daniel. *Homofobia*: história e crítica de um preconceito. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

CAMARGO, Wagner Xavier. "Dilemas insurgentes no esporte: as práticas esportivas dissonantes". *Movimento*, Porto Alegre, v. 22, n. 4, Porto Alegre, out./dez. de 2016, p.1337-1350.

FAIRCLOUGH, Norman. "Análise Crítica do Discurso e a Mercantilização do Discurso Público: as Universidades". In: MAGALHÃES, Célia Maria (Org.). *Reflexões sobre a análise crítica do discurso*. Belo Horizonte, 2001, p. 31-82.

GASTALDO, Édison Luis; BRAGA, Adriana Andrade. "Corporeidade, esporte e identidade masculina". *Revista Estudos Feministas*, v.19, n.3. Florianópolis, set./dez. 2011, p. 875-894.

HOLLANDA, Bernardo Buarque de. “A voz da torcida: Biografia, História Oral e Memória nos relatos de antigas lideranças torcedoras”. *Aurora*, São Paulo, v.9, n.1, 2010, p.27-47.

_____ *O clube como vontade e representação*: o jornalismo esportivo e a formação de torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.

LOURO, Guacira Lopes. “Pedagogias da sexualidade”. In: _____. (Org.). *O corpo educado*: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2ª ed., 2001.

_____. “Corpo, escola e identidade”. *Educação & Realidade*. Porto Alegre: FACED/UFRGS, v.25, n.2, jul/dez 2000, p. 59-75.

MEYER, Dagmar Estermann. “Gênero e Educação: teoria e política”. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre. (Orgs.). *Corpo, Gênero e Sexualidade*: um debate contemporâneo na educação. 9ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

MISKOLCI, Richard. *Teoria Queer*: um aprendizado pelas diferenças. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora: UFOP, 2016.

NOGUEIRA, Gilmaro; COLLING, Leandro. “Homofobia, heterossexismo, heterossexualidade compulsória, heteronormatividade”. In: COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antônio. *Dicionário Crítico de Gênero*. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2015.

PINTO, Maurício Rodrigues. “Torcidas Queer e Livres em Campo: Sexualidade e Novas Práticas Discursivas no Futebol”. *Ponto Urbe*, v.14, n.1, São Paulo, 2014, p.1-9.

PORTELLI, Alessandro. “A filosofia e os fatos. Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais”. *Revista Tempo*, v.1, n.2, Rio de Janeiro, 1996, p. 59-72.

TEIXEIRA, Rosana da Câmara. *Os perigos da paixão*: visitando jovens torcidas cariocas. São Paulo: Annablume, 2003.

TOLEDO, Luiz Henrique de. *Torcidas organizadas de futebol*. Campinas, SP: Autores Associados/Anpocs, 1996.

WARNER, Michael. *Fear of a queer planet: queer politics and social theory.* Minnesota: Minnesota Press, 1993.

Depoimentos

MENDES, Gustavo. Depoimento de Gustavo Mendes: *Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas – GEFuT/UFMG***.** Belo Horizonte, 28 de julho de 2017.

ROCHA, Luiz Afonso Oliveira da. Depoimento de Luiz Afonso Oliveira da Rocha: *Projeto Garimpando Memórias*. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2017.

RODRIGUES, Osmar Dziekaniaki. Depoimento de Osmar Dziekaniaki Rodrigues: *Projeto Garimpando Memórias*. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2017.

Periódicos

BULLÉ, Jamille. "Respeito, tolerância e equipe afeminada campeã marcam a Champions Ligay". [online]. Globoesporte.com. Disponível em https://globoesporte.globo.com/futebol/noticia/respeito-tolerancia-e-equipe-afeminada-campea-marcam-a-champions-ligay.ghtml. Acesso em 26 de novembro de 2017.

CRUZ, Sidnei. "Torcidas organizadas também voam à Tóquio". Correio do Povo. Porto Alegre, p.12, 06 dez. 1983.

KALICHESKI, Daniela; CALLEGARI, Carolina. "Champions Ligay reunirá oito times LGBT de seis estados no Rio". Disponível em https://oglobo.globo.com/rio/bairros/champions-ligay-reunira-oito-times-lgbt-de-seis-estados-no-rio-22080555. Acesso em 18 de novembro de 2017.

RODRIGUES, Alysson. "Conheça as histórias e como surgiu o primeiro brasileirão homossexual". [online] Portal Terra. Disponível em https://www.terra.com.br/esportes/lance/vai-comecar-a-champions-ligay-conheca-as-historias-e-como-surgiu-o-primeiro-brasileirao-homossexual,68f9921a8bca0c734f0936bf9ab8f064zpr0w9f1.html. Acesso em 22 de novembro de 2017.

"TORCIDAS Organizadas: Máquina Tricolor". Nação Tricolor, Porto Alegre, v.1, n.4, 1997.

Mr. Reader no Brasil: processos de hibridismo cultural em torno da Copa do Mundo de 1950

Raphael Alberti Nóbrega de Oliveira [1]

Mr. Reader in Brazil: processes of cultural hybridity around the 1950 World Cup

http://dx.doi.org/10.12660/rm.v9n14.2018.74082

[1] Graduado em História pela UFRJ e mestrando em História, Política e Bens Culturais pelo CPDOC/FGV - RJ. E-mail: raphalberti@gmail.com

Resumo:

Artigo que retrata a passagem do árbitro de futebol George Reader pelo Brasil entre 1948 e 1950 e os processos de hibridização cultural que ocorreu ao longo desse período da (na) cultura futebolística sul-americana. A análise destas trocas culturais tem como contexto histórico os reflexos do fracasso da seleção brasileira na Copa do Mundo de 1938, passando pela vinda de árbitros ingleses para apitar jogos nos campos de futebol do Brasil no final da década de 1940 e termina com a arbitragem de George Reader na Copa do Mundo de 1950. Os intercâmbios culturais no estilo de jogo e na forma de interpretar as regras futebolísticas afetaram gradativamente tanto os juízes de futebol britânicos como os atletas brasileiros gerando um debate jornalístico intenso na crônica esportiva carioca.

Palavras-chave: hibridismo; futebol; cultura.

Abstract:

This article portrays the passage of football referee George Reader by Brazil between 1948 and 1950 and the processes of cultural hybridization that occurred throughout this period of the South American football culture. The analysis of these cultural exchanges has as a historical context the reflexes of the failure of the Brazilian team in the 1938 World Cup, passing by the English referees to whistle games on the soccer fields of Brazil in the late 1940s and ends with the arbitration of George Reader at the 1950 World Cup. Cultural exchanges in the style of play and in the way of interpreting football rules have gradually affected both British football judges and Brazilian athletes generating an intense journalistic discussion in the sporting chronicle of Rio de Janeiro.

Key words: hybridism; football; culture.

Introdução

Esta pesquisa visa compreender os processos de hibridização cultural decorrentes da vinda do juiz George Reader ao Brasil no final da década de 40 e início da década de 50 e suas respectivas consequências para Mr. Reader e os jogadores, dirigentes e imprensa no país. Como metodologia utilizarei majoritariamente o trabalho de (BURKE, 2008) e um ponto específico de (CANCLINI, 2011) no âmbito das interações entre culturas pretendendo elucidar os englobamentos da cultura europeia no futebol sul-americano e vice-versa.

As etapas e reações ao hibridismo cultural serão abordadas, como as evidências de que ao longo desses dois anos da passagem de Mr. Reader no país, a forma de entender o futebol dos latinos irá, aos poucos, se inserindo no árbitro inglês.

A análise sociológica e historiográfica dos acontecimentos esportivos que envolveram Mr. Reader, as equipes brasileiras de futebol e a própria seleção brasileira serão referenciados pelos trabalhos consagrados de Mário Filho (FILHO, 2003) e Leonardo Affonso de Miranda Pereira (PEREIRA, 2000). Neles constam os relatos da crônica esportiva especializada do país e do exterior.

1938 como aprendizado

Brasil, junho de 1938. O cenário era uma mistura de revolta, frustração e orgulho. Após uma boa campanha na fase inicial da Copa do Mundo, o Brasil encarava a Itália pelas semifinais da competição. Uma vitória o colocaria na primeira final de sua história e o povo brasileiro ansioso por este momento acompanhava o jogo pelos rádios no país.

Um lance marcaria este jogo para sempre: o pênalti cometido por Domingos da Guia no italiano Piola que geraria o segundo gol da Azzurra na vitória contra os brasileiros por 2x1. Envolto em muita polêmica, Piola caía na área e esfriava a reação brasileira naquele jogo. Jornais de Paris[1] relataram que Piola claramente se jogara, buscando ludibriar o juiz suíço Hans Wüthrich. Domingos da Guia concedeu dois depoimentos distintos sobre o ocorrido: para o jornalista inglês Aidan Hamilton[2] disse ter apenas revidado ao pisão no tornozelo que levara de Piola anteriormente. Já à Tv Cultura, alegou ter sido um choque natural de jogo e se surpreendeu com a marcação de pênalti naquele momento crítico da partida.

A emoção que a transmissão de rádio brasileira passava para seus cidadãos da injustiça cometida naquele campo futebolístico em Marselha gerou mobilização. Diversas

[1] "Existe uma só mancha no puro cristal do futebol praticado por Silvio Piola. É uma certa tendência a dissimulação. Em Marselha, quando recebeu os golpes do grande Domingos, Piola atirou-se ao solo para obter um pênalti a favor da sua equipe". Football, 17 de junho de 1938

[2] HAMILTON, Aidan. Divino Mestre. 1ª edição. Rio de Janeiro: Gryphus, 2005.

pessoas foram às ruas protestar contra aquele lance que decidiu a trajetória da equipe no campeonato mais importante de futebol do mundo. Mesmo sem visualizarem o lance, pois naquela época não existia televisores, os adeptos brasileiros estavam convictos que a penalidade máxima não ocorrera (PEREIRA, L.A.M, 2000. p.338-39). Por desconhecimento da regra, a imprensa brasileira e os torcedores acreditavam que pelo fato da bola estar fora de jogo, seria "um despropósito, absurdo ou má fé" (PEREIRA, 2000. p. 339.) apitar falta, já que a protagonista do jogo estava fora das quatro linhas. Mesmo assim, a conquista do terceiro lugar trouxe um sentimento de orgulho aos brasileiros que mesmo sem o troféu, acreditavam que a seleção era a melhor equipe do mundo. Em tempos de Estado Novo, era a confirmação do surgimento de um novo homem, superior ao europeu devido à miscigenação com outras raças.

Preparativos para a Copa de 1950: arbitragem inglesa no Brasil

A Segunda Guerra Mundial (1939-1945) impediu que a próxima Copa do Mundo fosse realizada em 1942 e 1946, só retornando a ser jogada em 1950, no Brasil. O país se preparou para a realização da maior das copas, até então, e para isso construiu o maior estádio do planeta: o Maracanã, no Rio de Janeiro que poderia abrigar 200 mil pessoas em suas instalações.

Querendo evitar o fracasso de 1938, a Confederação Brasileira de Desportos (CBD) acertou excursões de alguns times ingleses para enfrentar equipes locais em jogos apitados por árbitros da Inglaterra. A ideia era que os atletas se adaptassem ao modo de arbitragem europeia. Se Domingos da Guia soubesse que faltas poderiam ser marcadas mesmo a bola estando fora de jogo, talvez não chegasse de forma tão ríspida na jogada que definiu a disputa para os italianos. Como todos os selecionáveis[3] jogavam no país, precisavam deste intercâmbio cultural.

Uma figura específica marcou estas duas fases de 1948 e 1950. O árbitro de futebol George Reader, mais conhecido como Mr. Reader, foi o encarregado de apitar alguns jogos da passagem do Southampton, equipe inglesa da segunda divisão, pelos gramados brasileiros contra as principais equipes do Rio de Janeiro e São Paulo. Mr. Reader, como veremos, será o símbolo da hibridização cultural entre brasileiros e europeus no que diz respeito à interpretação das regras e no *ethos* futebolístico sul-americano imbricando no seu modo de apitar um jogo.

Entendo como hibridismo cultural um processo multilateral de fusão cultural feito por duas sociedades ou indivíduos de grupos distintos que tenham um convívio contínuo por um tempo considerável. É uma troca entre o nativo e estrangeiro e não processo de imposição cultural de um grupo ou indivíduo sobre o outro, mais associado ao termo aculturação. Perceberemos que os desportistas brasileiros incorporaram ações e ideias dos

[3] A seleção brasileira era um combinado de jogadores de times paulistas e cariocas, exceto Zezé Procópio que jogava no Atlético-MG.

bretões, assim como em alguns cenários o juiz inglês vê seus critérios de arbitragem europeia relegada em prol da forma de praticar o futebol nos campos sul-americanos. Peter Burke enfatizou essa multiplicidade de influências relatando que: "Devemos ver as formas híbridas como resultado de encontros múltiplos e não como resultado de um único encontro, quer encontros sucessivos adicionem novos elementos à mistura" (BURKE, 2008. p. 31).

Imediatamente, no primeiro jogo do Southampton no Brasil, contra o Fluminense, já se observava o choque entre maneiras diferentes de entendimento do jogo, para o europeu e os brasileiros. Orlando "Pingo de Ouro", atacante do Fluminense, ao tentar dominar uma bola deixara-a esbarrar em sua mão. Instantaneamente, não deu prosseguimento a jogada esperando que o juiz bretão marcasse a infração de mão na bola e concedesse uma cobrança de falta ao Southampton. Mr. Reader mandou a jogada seguir e Orlando marcou um dos quatro gols do Fluminense, que venceria a partida por 4x0. A interpretação do lance feita por Mr. Reader era que houve "bola na mão" e não "mão na bola", ou seja, Orlando não teve a intenção de tocar com a mão, a bola, por isso, a jogada deveria prosseguir. (FILHO, 2003. p. 275). Mário afirma que por quase 50 anos, o brasileiro jogou futebol achando que qualquer toque da bola na mão, mesmo que involuntário, seria sempre uma ilegalidade.

Mr. Reader ficou encantado pela *mea culpa* que os jogadores brasileiros faziam nas vezes em que tocavam a mão na bola, se confessando automaticamente. O que lhe rendeu essa declaração de entusiasmo: "Foi o jogo mais limpo que vi na minha vida. Os jogadores brasileiros são esportistas"[4] (FILHO, 2003. p. 276). Na mente de George Reader, o brasileiro tinha tamanha atitude por honestidade e integridade que marcava um autêntico atleta com espírito esportivo, visando um jogo limpo, na bola, sem descambar para a violência. Entretanto, não passava de uma análise equivocada. No Brasil, admitia-se a bola na mão ao árbitro por desconhecimento da regra. Por desconsiderar o caráter interpretativo da regra que tinha o juiz.

George Reader foi um divisor de águas para a análise das regras do futebol para o Brasil, por isso, poucos dias depois da vitória do Fluminense contra o Southampton, a Federação Metropolitana de Futebol[5] trouxe mais juízes da Inglaterra para o Campeonato Carioca. Vieram para o país os árbitros Dundas, Barrick, Devine, Ford e Lowe. Foi internalizado que independentemente do ímpeto, se o jogador acertasse a bola numa jogada, mesmo que em um carrinho, não seria apitada a falta. Os bandeirinhas poderiam ficar em frente à linha de *off-side*[6] e traçar uma diagonal imaginária entre eles, se colocando em lados opostos das laterais do campo, para não precisarem correr de um lado para o outro a todo o momento e aplicarem as regras do impedimento com correção. Além disso, pela primeira vez no Brasil as camisas levavam números nas suas costas, configurando um exemplo de imitação cultural da ideologia burkeana.

[4] Atual FERJ.
[5] Impedimento.

Ainda estava no início o processo de intercâmbio cultural entre juízes ingleses e futebolistas brasileiros. Como o hibridismo não estava consolidado em um e em outro, gerava polêmicas nas partidas pós-1948 nos campos brasileiros. Antes das controvérsias surgirem, o técnico do Fluminense Ondino Vieira já manifestava sua preocupação com a diferença de critérios entre sul-americanos e europeus em uma fala a um jornal carioca: *"*Aqui no Rio, como em Buenos Aires e Montevidéu marca-se sistematicamente a bola que um jogador tira de sola, à altura do peito do adversário [mesmo que] não seja atingido*"* (DIÁRIO DA NOITE, 13/05/1948).

Os árbitros ingleses não marcavam faltas em jogadas grosseiras como pontapés dados no rosto de um atleta, pois não desconfiavam que alguém propositadamente poderia fazer uma ação tão temerária ao praticar um esporte. Sendo assim, acreditavam que a única explicação para aquele ato seria obra do acaso. Já um puxão de camisa era punido de forma imediata, como clara e manifesta vontade de retardar o jogo para o seu próprio benefício.

Em alguns casos, o jogador brasileiro caía imóvel depois de um choque com o adversário e causava preocupação dos juízes ingleses. Assim que era marcada a falta, levantava-se rapidamente como se nenhum contato tivesse acontecido. Essa "catimba" brasileira/sul-americana irritava os árbitros europeus que expulsavam o jogador que agisse dessa forma. Somente após algumas partidas a hibridização cultural foi sendo incorporada para que os mediadores ingleses do jogo adquirissem um olhar refinado capaz de julgar se o atleta estava fazendo "cera"[7] ou não.

Com o jogo muito corrido, e poucas marcações de falta em ações como as trombadas, os árbitros ingleses foram sendo criticados pelos principais clubes cariocas. Por causa de "falta de brasilidade" e alguns problemas de lesões, os juízes ingleses não apitaram a final do Campeonato Carioca de 1948 entre Botafogo e Vasco da Gama, deixando a função para o brasileiro Mário Vianna. Vieram para resolver o problema crônico de arbitragem no Brasil e acabaram retornando a Europa, antes de apitar o jogo mais importante da Federação que os convidara. Em 1949, apitaram o campeonato estadual, mas continuaram sendo contestados pela mídia fluminense pela falta de coibição a jogadas violentas.

Mr. Reader e a final da Copa

O Brasil estreou na Copa do Mundo de 1950 com uma vitória de 4x0 sobre o México, no Maracanã. Os gols foram marcados por Baltazar, Jair Rosa Pinto e Ademir Menezes (2 vezes). Mr. Reader apitou a partida e além de aparecer na capa do Jornal dos Sports do dia seguinte, em meio à troca de gentilezas dos capitães das duas equipes, foi bastante elogiado pela imprensa fluminense:

> Magnífico Mr. Reader! Preciso o árbitro britânico. O maior elogio que se pode fazer a arbitragem de Mr. Reader é de que quase não teve

[7] Ato de simular uma agressão que não houve.

> conhecimento de sua presença no campo. De fato, o juiz inglês marcou as faltas com absoluta precisão, não havendo a menor restrição a se fazer quanto a seu desempenho. De uma feita foi vaiado em face de um arremesso lateral que favoreceu a equipe mexicana. Ainda aí sua indecisão foi incontestável, porque o couro bateu de fato no pé de Bigode. (JORNAL DOS SPORTS, 25 de junho de 1950).

Após duas vitórias e um empate na primeira fase da competição, o Brasil entrou arrasador no quadrangular final goleando a Suécia por 7x1 e a Espanha por 6x1. A imprensa espanhola chegou a caracterizar a peleja como a maior exibição de uma equipe de futebol na história, já que em 10 minutos o Brasil já vencia por 3x0 (FILHO, 2003. p. 282). Havia um clima de grande euforia durante a Copa do Mundo de 1950 no Brasil. Não só a torcida manifestava uma confiança exacerbada no time, como a imprensa e dirigentes.

Na véspera da partida final contra o Uruguai, os jogadores foram chamados às pressas para o Salão Nobre de São Januário, onde estavam concentrados, para tirarem fotos com candidatos a vereador, deputado e senador do Rio de Janeiro. Os políticos desejavam associar suas imagens a futura seleção campeã do mundo (FILHO, 2003. p.283). Alguns jornais já se antecipavam e davam o título a seleção anfitriã, antes da partida se iniciar.

Até mesmo a seleção uruguaia se enxergava em uma situação delicada, admitindo a superioridade da equipe brasileira. Sendo assim, surgiram informações, confirmadas pelo presidente da CBD, Mário Polo que os uruguaios estavam determinados a abandonar o jogo, na primeira oportunidade plausível que aparecesse. Assim, buscariam provocar os brasileiros ao máximo conseguindo uma expulsão de jogador ou jogadores do próprio time, e em seguida, se retirariam do campo em forma de protesto. Mr. Reader foi avisado desta conduta por Sir Stanley Rous, secretário da Football Association (FA)8 que falava em nome do presidente da Federação Internacional de Futebol (FIFA), Jules Rimet.

Os brasileiros já tinham sido informados desta possibilidade e desde 1948 havia uma força-tarefa, já descrita anteriormente, criada para que o Brasil não repetisse os erros cometidos na Copa de 1938, que lhe custaram o caneco. Com isso, precisariam abandonar velhos costumes em prol de um bem maior: o primeiro título mundial da seleção brasileira. Se em 1938, Zezé Procópio agrediu um tcheco que já tinha sido expulso e Domingos cometeu um pênalti revidando a uma provocação, em 1950 não aconteceria o mesmo. A experiência de arbitragem europeia no Brasil era a dose de hibridismo cultural necessária para alertar os jogadores sobre sua conduta dentro de campo. Além disso, o juiz da partida final seria o próprio Mr. Reader, que tanto encheu os olhos da crônica esportiva com sua visão alternativa das regras futebolísticas. Contudo, de acordo com Mário Filho e a opinião pública da época a hibridização cultural que previam ser uma aliada dos brasileiros, acabou prejudicando a seleção e, principalmente um jogador em específico: Bigode.

[8] Federação Inglesa de Futebol

O dia 16 de julho de 1950, provavelmente teve o maior público da história de uma partida de futebol, pois havia muito mais torcedores do que os 174 mil anunciados oficialmente. Diversos relatos de testemunhas mostram que vários torcedores conseguiram entrar nas dependências do estádio sem ingresso, o que resultaria em uma assistência de mais de 200 mil pessoas.

Inicialmente, Bigode estava levando vantagem, no seu duelo particular contra o ponta-direita uruguaio Gigghia. O meio-campista Obdúlio Varela ao ver que Gigghia não reagia, bateu no pescoço de Bigode, que não revidou por ter sido orientado para tal. Os jornalistas do The Guardian, Scott Murray e Rob Smyth escreveram no livro And Gazza misses the final (MURRAY e SMYTH, 2014) Rob a repercussão da final de 1950 e deste episódio nos jornais ingleses como o Manchester Guardian:

> 28 min: O TAPA DE OBDULIO!!! URUGUAY'S CAPTAIN THROWS HANDS!!! Bigode has been tussling with Ghiggia down the right, and struggling to contain him, it has to be said. He's nudging the willowy winger in the back. Varela and Jair join in the tussle as the ball flies out for a throw. Varela takes a step towards Bigode and reaches to pat his opponent on the head, as he often does in matches. This time, however, he gives Bigode a little cuff round the ear! Bigode - the literal translation is Moustache - bristles at this. He's shaken by Varela's slap, as are the crowd. The referee demands the two players embrace, which they reluctantly do. Obdúlio Varela struts off talking loudly to himself, pulling at the front of his light-blue shirt with his fist, every inch the victor of that little spat. Your sense he thinks he's put down some sort of marker and that the defender won't be so quick to foul Ghiggia again. Imagine being in Bigode's boots just there, with Varela - a man with biblical willpower and a face made of granite - approaching you, arm cocked, ready to clip you round the lug. Imagine the chill that would shoot down your spine.
> (28 min: O TAPA DE OBDÚLIO!!! CAPITÃO URUGUAIO SOLTOU UM SOCO!!! Está sendo uma luta para Bigode as investidas de Ghiggia pela direita e ele está lutando para contê-lo, verdade seja dita. Ela está empurrando o ponta-direita pelas costas. Varela e Jair se juntam a disputa e a bola sai para lateral. Varela dá um passo em direção a Bigode e o atinge na cabeça, como costumeiramente fazia nas partidas. Desta vez, no entanto, ele dá em Bigode um pequeno tapa na orelha. Bigode – a tradução literal de Moustache [Bigode] – se indignou com aquilo. Ele está inconformado com a agressão de Varela, assim como os torcedores. O árbitro exige que os dois jogadores se abraçam, o que eles fazem relutantemente. Obdúlio Varela se engrandece falando alto para si mesmo, agitando a camisa celeste para o punho e cada cuspe dado naquele momento representava uma vitória. Sua sensação era de que tinha colocado o marcador psicologicamente para baixo e o defensor tão cedo não faria outra falta em Ghiggia. Imagine estar na pele de Bigode lá, com Varela – um homem de uma força bíblica e um rosto feito de granito – aproximando-se de você com o braço armado, pronto para pressioná-lo em volta da orelha. Imagine o frio que estremeceria sua espinha.)

Até os dias de hoje não se chegou a um consenso sobre a intensidade do gesto de Obdúlio Varela. Geneton Moraes (NETO, 2013) afirma ser impossível tal conclusão, pois cada testemunha conta uma versão diametralmente diferente. Max (GEHRINGER, 2014) remonta em *A grande história dos mundiais: 1950, 1954 e 1958* esta batalha de memória:

> Em sua transmissão o locutor Pedro Luiz, mencionou que Obdúlio apenas passara a mão no 'pescoço' de Bigode e classificou a atitude como mera provocação. Pela Rádio Nacional, Antônio Cordeiro narrou que Obdúlio, 'com aquela sua mania de dar tapinhas' atingira Bigode no pescoço. Já o correspondente do Jornal La Vanguardia foi mais explícito ao descrever a agressão como 'una bofetada em la nuca

A princípio, a provocação não surtiu efeito, pois Friaça aos 47 minutos do primeiro tempo abriu o placar para o Brasil: 1x0 nos uruguaios. Entretanto, toda aquela preocupação em seguir uma cartilha de posturas culturais diferentes das que vigoravam no sul do continente americano tiveram o efeito reverso. Bigode sentiu-se intimidado e nem mesmo o seu efetivo "bote de cobra" funcionava mais. Tanto que os dois gols da virada uruguaia por 2x1, saíram dos pés de Gigghia, que travava um duelo particular com Bigode no flanco esquerdo da defesa brasileira.

Quem assistia à partida ao vivo, estava boquiaberto com a inércia de Bigode em reagir a agressão. O defensor do Fluminense era conhecido como um dos jogadores mais violentos em atividade naquele momento. O assombro justifica-se se recorrermos a esta matéria do jornal *Diário da Noite* de 1948, intitulada *Decida o público: Ou Bigode é jogador limpo ou Mr. Reader não sabe apitar* sobre as características do defensor e os critérios usados pelo juiz inglês na partida entre Fluminense x Southampton:

> O 'assassino' dos nossos gramados tão 'marcado' pelos nossos juízes, cometeu apenas um *foul*[9] contra os ingleses! Na enquete que realizamos há pouco entre os jogadores da cidade (...) qual o jogador mais violento? Pedro Amorim disse que era Gérson, do Botafogo, um jogador do Olaria apontou Zizinho, mas o resto elegeu Bigode como o número um.
> Criada essa atmosfera, nem os juízes dela escaparam. Vimos muitas vezes Bigode ser advertido energicamente na primeira jogada dura, sofrendo a ameaça da expulsão. Correndo-se a lista das estatísticas, vemos que é infindável o número de pênaltis assinalados contra Bigode.
> Deu-se o reaparecimento de Bigode justamente contra os ingleses. (...) E que vimos? Uma atuação primorosa de Bigode. Uma atuação limpa e de alto rendimento. De sua conduta elogiosa, fala eloquentemente, o fato de ter praticado, durante toda a partida, apenas um *foul,* e um *foul* comum. (DIÁRIO DA NOITE, 19/05/1948)

[9] Falta

A manchete era muito expressiva sobre o novo *modus operandi* esperado por um jogador brasileiro no pós-1938 e depois do contato com a arbitragem inglesa. Não poderíamos mais perder uma Copa do Mundo por provocações, por isso se um adversário o agredisse, o recomendado era dar o outro lado da face para que ele batesse. Entretanto, aquela era a essência de um defensor latino-americano como Bigode. Jogando mais com a emoção do que a razão. Talvez num amistoso contra um time da segunda divisão inglesa, como era o Southampton, não fizesse tanta diferença mudar um pouco seu estilo de jogo. Porém, relegar a Bigode sua característica principal em uma final da Copa do Mundo, contra o Uruguai, time que tinha essa cultura futebolística arraigada, acabou tendo o efeito contrário.

Para Mário Filho, o requisitado hibridismo e incorporação do jeito brasileiro de jogar futebol ao modo europeu de se apitar, prejudicou Bigode, fazendo o defensor se perder em campo, por tentar ter um estilo que nunca lhe foi peculiar. Assim, escreveu o artigo *A hora da compreensão de uma derrota* no Jornal dos Sports, em 1950:

> Quando Obdúlio Varela agrediu Bigode, Mr. Reader não o expulsou de campo como não expulsaria Bigode, se Bigode fosse o agressor. O juiz inglês, e isso foi demonstrado largamente aqui pelas arbitragens inglesas, só expulsa em último caso. Dispõe-se sempre a perdoar, desde que julgue o perdão como uma maneira de colaborar para que o *match* termine bem com os vinte e dois jogadores. Uma expulsão, às vezes, em vez de serenar os ânimos, deturpa uma partida. Pois aparece como uma justificativa da derrota. A verdade, porém, é que Bigode não revidou certo de que seria expulso de campo. A tolerância de Mr. Reader não lhe deu coragem: atemorizou-o. Na hora de parar o avanço de Gigghia de qualquer maneira, Bigode teve medo de uma expulsão de campo, de um penalty e ficou inibido. (JORNAL DOS SPORTS, 23/07/1950)

Era como se o houvesse dois jogos diferentes a serem disputados de maneiras distintas: o jogo de futebol contra europeus e o jogo contra sul-americanos. O hibridismo cultural mostrou-se eficaz contra os europeus, vide que a seleção ficou invicta contra eles. Empate contra a Suíça e vitórias contra Iugoslávia, Suécia e Espanha, sendo as duas últimas goleadas acachapantes. Contudo, jogar contra sul-americanos era estar preparado contra "catimbas", "ceras", provocações, agressões, etc. Ignorar tudo isto e se tomar de uma maneira de jogo que nunca lhe foi comum, seria perder componentes que fizeram a diferença na questão psicológica do jogo. Vale ressaltar que não pretendo ser monocausal e imputar em um zagueiro a responsabilidade do resultado. Foi a mistura de todos os componentes: euforia da torcida, imprensa, jogadores e dirigentes; a adaptação de alguns jogadores a um estilo que nunca lhe foi característico por conta do hibridismo cultural na interpretação da regra e o mérito da seleção uruguaia, os responsáveis pela derrota.

O juiz George Reader também sofreu transformações no seu modo de mediar o jogo. A mescla da cultura europeia com a sul-americana produziu um Mr. Reader de 1950 diferente do George Reader de 1948. Quando chegou ao Brasil para apitar jogos amistosos enxergava os brasileiros com grande espírito esportivo e honestidade e aos poucos foi

entendendo suas malícias de jogo. O George Reader, árbitro da final da Copa do Mundo, já era outro. Embora notasse as agressões não poderia de forma impulsiva expulsar os jogadores de ambos os times, pois corria o risco do abandono de campo pelos uruguaios. Teve que ser conivente com algumas situações de jogo que não passariam despercebidas por ele em outra ocasião. Se em 1948, ficava indignado com a desfaçatez de jogadores que simulavam contusões e, em seguida, já se mostravam saudáveis, em 1950 via a falta, mas precisava levar o jogo na "manha", com cautela, já que uma expulsão "estragaria a partida".

As consequências do que muitos chamaram de acovardamento foram vistas nas competições seguintes. No Pan-Americano de 1952, aconteceu a revanche entre brasileiros e uruguaios. O jogo se encaminhava para o final e o Brasil vencia por 4x1, quando Nilton Santos percebeu um aceno do banco de reservas e deu um pontapé em Gigghia. O árbitro deu pênalti, que foi convertido pelo Uruguai, diminuindo o placar para 4x2. Esta agressão de Nilton Santos simbolizava a mudança de postura esperada pelos aficionados para uma resposta a racionalidade e comedimento de 1950.

Outro fator relevante era o fato de Barbosa[10] e Bigode serem negros. Em um país, recém saído do Estado Novo, com um forte componente racista de séculos não era incomum ouvir da opinião pública uma culpabilização do fracasso esportivo pela ótica racial. Sendo assim, naquele reencontro de 1952, Bigode e Ely do Amparo agrediram Obdúlio Varela como forma de compensar o que o primeiro sofreu na Copa do Mundo de 1950. Mais que isso, era uma maneira de esclarecer que os pretos não são covardes de apanhar sem revidar.

Com isso, uma máxima emergiu no futebol brasileiro da década de 50: "futebol é coisa pra homem" (FILHO, 2003. p. 300). Dita por Carlito Rocha, técnico do Botafogo indicava que depois de 1950 não haveria mais espaço para atletas que fugissem de provocações que terminassem em agressões. Em um espaço de quarenta anos, o futebol passava de "esporte de mulheres" para "coisa de homem". As mulheres se sentiam mais confortáveis em clubes de futebol, pois os clubes de regatas eram estritamente restritos ao universo masculino. No começo do século XX, os remadores eram mais musculosos e comentavam que o futebol era um esporte delicado, praticado com diversos "saltinhos" (FILHO, 2003. p. 48-49). Os próprios jogadores de futebol passaram a praticar remo para ficarem mais fortes. A virilidade tão associada ao futebol dos dias de hoje, reduto de práticas machistas e homofóbicas, em outros tempos era questionada.

A necessidade de se mostrar viril era tão contundente no futebol brasileiro pós-1950 que abriu precedentes para situações extremamente inusitadas. Em 1952, Vasco da Gama e Portuguesa de Desportos disputavam a final do Torneio Rio-São Paulo. Após um desentendimento entre um jogador de cada equipe, os dois foram expulsos pela arbitragem e uma confusão se instaurou no campo. Entraram na discussão dentro das quatro linhas, o presidente da Portuguesa paulista, Augusto Isaías e o massagista do Vasco da Gama, Mário Américo. De forma intempestiva, Mário acertou um soco no dirigente da Lusa. Um ano depois, o mesmo presidente, ao invés de se sentir intimidado e escandalizado com a

[10] Goleiro da final da Copa do Mundo de 1950

situação, viu aquele gesto como aquilo que precisava para a sua equipe, um componente com espírito de valentia. Ofereceu um salário alto à Mário Américo e o trouxe para Portuguesa (FILHO, 2003. p. 301).

Conclusão

Apesar dos ingleses terem sido os inventores do futebol, não praticavam o jogo mais encantador do mundo, visto que esse posto ficava com o Brasil, desde a Copa de 1938. Mesmo com o pioneirismo futebolístico e a supremacia político-econômica da Inglaterra sobre o Brasil, não significou um processo de imposição cultural vertical quando os dois grupos se encontraram em 1948, no Brasil. A chegada de Mr. Reader foi muita elogiada pela imprensa e muitos, como Mário Filho, o consideravam o melhor árbitro em atividade. Foi convidado para presidir o Conselho Arbitral do Rio de Janeiro e deu palestras para juízes paulistas e cariocas (DIÁRIO DA NOITE, 15-17 de maio de 1948). Porém, alguns dias depois do primeiro jogo apitado por George Reader, os jornais já questionavam o critério de apitar menos faltas do que o convencional, como vimos na matéria sobre o desempenho de Bigode contra os *Saints*.

Os jogadores interiorizaram alguns costumes europeus, mas também dissuadiram outros hábitos dos ingleses, como o jantar amistoso entre vencedores e vencidos após os jogos como exemplo de esportividade (FILHO, 2003. p. 67). Prática vinda dos ingleses que trouxeram o futebol para os clubes de São Paulo e Rio de Janeiro era quebrada no início do século XX pelas provocações entre jogadores e torcidas adversárias no Brasil que não dispensavam a oportunidade de fazer alguma pilhéria com a derrota do rival. Em alguns casos os atletas eram agredidos pela torcida adversária nos campos, vestiários ou bondes. O entendimento de Nestor Garcia Canclini sobre hibridização cultural dialoga com esta passagem, pois afirma ser o fim da divisão entre culturas popular e cultura erudita. As duas se aglutinando e fazendo um movimento duplo de agregar ou descartar as práticas culturais do grupo que está em contato.

A análise de Peter Burke sobre as diversas etapas do processo de hibridização cultural, que em sua opinião, não pode ser vista como algo singular e monofásico são identificadas em alguns trechos da passagem dos juízes ingleses no Brasil. A imitação de uma característica cultural de um povo por outro (brasileiros passaram a colocar números nas costas das camisas dos jogadores); a acomodação e negociação (a assimilação inicial em não cair em provocações, revidando agressões, mas após o episódio de 1950 ponderar se o revide não seria necessário contra alguns oponentes em específico) e a hibridização (Todos os árbitros ingleses que vieram ao Brasil em 1948, aos poucos vão se “sulamericanizando”. Inicialmente, não identificavam a catimba dos jogadores brasileiros e gradativamente se acostumam).

Após a efetivação dos processos de hibridização cultural, Burke menciona as consequências destas trocas entre grupos sociais distintos que vão desde a rejeição, até a adaptação ou aceitação. Pode-se concluir que os responsáveis pelo futebol brasileiro

(dirigentes, imprensa e jogadores) após os efeitos da fusão cultural rejeitaram o modelo inglês de interpretação das regras, que foi aceito e comemorado inicialmente. A missão de juízes ingleses no Campeonato Carioca não conseguiu nem apitar a final tamanha a insatisfação com o método de deixar o jogo "correr", evitando ao máximo expulsões e a dificuldade de perceber a malícia dos atletas no Brasil. O espírito pacífico de não revidar a provocações, é um outro exemplo disto.

Entretanto, pode-se dizer que Mr. Reader teve como consequência aos processos de hibridização cultural, a adaptação. Burke aponta para as características deste tipo de reação:

> Uma reação comum ao encontro com outra cultura, ou com itens de outra cultura, é a adaptação, ou empréstimo no varejo para incorporar as partes em uma estrutura tradicional. É o que o antropólogo francês Claude Lévi-Strauss chamava de 'bricolagem'. (...) A adaptação cultural pode ser analisada como um movimento duplo de des-contextualização ou re-contextualização, retirando um item de seu local original e modificando-o de forma a que se encaixe no seu novo ambiente. (BURKE, 2008. p.91)

As provocações e agressões dos jogadores uruguaios na final da Copa do Mundo visualizada pelo juiz inglês não sofreu a punição cabida, devido ao entendimento da estratégia uruguaia de conturbar o jogo em proporções grandiosas. O critério que usaria costumeiramente ganharia o efeito contrário do desejado, caso retirasse um dos jogadores celestes da partida. Por isso, a adaptação do inglês a cultura local.

Artigo recebido em 08 mar. 2018.

Aprovado para publicação em 16 mai. 2018.

Referências

Associação de Cronistas Esportivos do Rio de Janeiro. O pênalti de Domingos em Piola. Disponível em: http://www.acerj.com.br/o-penalti-de-domingos-em-piola. Último acesso: 07

de março de 2018.

BURKE, Peter. *Hibridismo cultural.* São Leopoldo: Unisinos, 2008.

CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair na modernidade*. São Paulo: EDUSP, 2011.

Depoimento de Domingos da Guia à Tv Cultura. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_OctFzpL4w0. Último acesso: 05 de março de 2018.

FILHO, Mário. *O negro no futebol brasileiro.* 4ª edição. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

GEHRINGER, Max. *A grande história dos mundiais: 1950, 1954, 1958*. EGALAXIA, 2014.

HAMILTON, Aidan. *Divino Mestre.* Rio de Janeiro: Gryphus, 2005.

MURRAY, Scott & SMYTH, Rob. *And Gazza misses the final*. Inglaterra: Constable, 2014.

NETO, Geneton Moraes. *Dossiê 50*. Rio de Janeiro: Maquinaria Editora, 2013.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Domingos do Brasil: futebol, raça e nacionalidade na trajetória de um herói do Estado Novo.* Disponível em: https://locus.ufjf.emnuvens.com.br/locus/article/viewFile/2229/1590. Último acesso: 06 de março de 2018.

_____. Footballmania: *Uma história social do futebol no Rio de Janeiro – 1902-1938.* 1ª edição. Nova Fronteira, 2000.

SILVA, K.V. *Dicionário de conceitos históricos*. São Paulo: Contexto, 2006.

Jornais
Diário da Noite
Jornal dos Sports

Democracia torcedora versus Vantagens consumistas: uma análise da associação clubística em tempos de futebol-negócio

Irlan Simões da Cruz Santos[1]
Anderson David Gomes dos Santos[2]

Supporter's democracy vs. Consumerists Advantages: an analysis of club membership in football-business times

http://dx.doi.org/10.12660/rm.v9n14.2018.74084

[1] Mestre e doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UERJ. E-mail: iirlansimoes@gmail.com.
[2] Mestre em Ciências da Comunicação pela Unisinos. Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UNB. Professor da unidade Santana do Ipanema, da UFAL. E-mail: andderson.santos@gmail.com.

Resumo:

Os anos 2010 estão marcando uma nova virada histórica nas formas de associação clubística, após um período de intensos debates e transformações de inserção do Brasil na lógica do futebol-negócio a partir dos megaeventos esportivos realizados no país. Este artigo segue uma trajetória de estudos no âmbito de uma Economia Política do Futebol com o objetivo de apontar alguns elementos dentro das mudanças ocorridas nas formas de associações nos clubes brasileiros e como esse tema nos permite compreender a formação política dessas instituições. Para tanto, além do resgate histórico, também buscaremos traçar paralelos com outros países, a fim de preparar o terreno para discutir sobre o momento atual, demarcado pela resistência de grupos de torcedores frente às "vantagens" meramente consumistas.

Palavras-chave: democracia torcedora; consumo; associação clubística; futebol; economia política.

Abstract:

The 2010's are pointing a new historical turn on clubs memberships ways of association in a moment of discussions and transformations about Brasil's introduction on football-business's logic from the mega sporting events held in the country. This paper is part of a set of studies on Political Economy of Football, with the aim to point some aspects on changes of brazillians footbal clubs ways of a associations in a way this subject would provide a better understanding at this institutions policial developments. Therefore, beyond the historical approach, it's made a paralel with other countries, in a way to afford the discussions about the actual momento, between supporter's resistance groups to the offert of simple consumerists "advantages".

Keywords: supporter's democracy; consumption; club membership; football; political economy.

"El club és la única cédula de identidad en la que el hincha cree"
(Eduardo Galeano)

Introdução

Numa das páginas daquela que talvez seja uma das obras mais relevantes da "futebologia" brasileira, Hilário Franco Júnior (2007) nos traz uma imagem, em preto e branco, do público de um jogo de futebol. O registro capta torcedores e torcedoras em trajes sociais, com chapéus, ternos, gravatas e vestidos, em um lance da arquibancada com uma placa de aviso: "Privativo dos Sócios". O local em questão era o Estádio das Laranjeiras, principal praça esportiva do país, pertencente ao Fluminense Football Club, agremiação identificada com a elite do Rio de Janeiro, então capital federal, que reunia os nomes mais relevantes dos círculos decisórios do desporto nacional.

A ausência de identificação da data da fotografia não nos impede de lançar a hipótese de que se trata de um registro da segunda década do século XX, portanto, um universo muito distinto do atual. O futebol ainda testemunhava disputas internas em torno de suas significações, os dilemas da popularização e a decadência de seu status de prática social elitizada. Tentava lidar e absorver as contradições da crescente atratividade do público em geral, contexto em que a ânsia de determinados atores políticos e econômicos pela instrumentalização desses novos "espetáculos" urbanos entrava em rota de colisão com um certo amadorismo conservador e elitista.

O ponto-chave daquele registro fotográfico, no entanto, é o enfoque dado ao aviso de que determinada área do estádio estava reservada aos "sócios". Essa figura, sempre presente nos estatutos sociais dos principais clubes brasileiros, será o tema deste artigo. Os anos 2010 estão marcando uma nova virada histórica nas formas de associação clubística, após um período de intensos debates e transformações de inserção do Brasil na lógica do futebol-negócio a nível global. Entendemos que este processo é anterior ao ciclo de megaeventos esportivos realizados no país (Jogos Pan-Americanos de 2007, Jogos Mundiais Militares de 2011, Copa das Confederações FIFA 2013, Copa do Mundo FIFA 2014 e Jogos Olímpicos de Verão de 2016), cujas novas arenas construídas ao serem utilizadas pelos clubes de futebol brasileiro representam uma nova etapa de mercantilização do espaço de jogo.

Assim, no artigo que segue nosso foco se centra em apontar alguns elementos dentro das transformações ocorridas nas formas de associações nos clubes brasileiros, em especial aqueles que desenvolveram departamentos de futebol profissional de alto rendimento, e como esse tema nos permite compreender a formação política dessas instituições. Para tanto, além do resgate histórico, também buscaremos traçar paralelos com outros países, a fim de preparar o terreno para discutir sobre o momento atual, em que grupos de torcedores comuns de diversos clubes levantam a bandeira da democratização das

suas instâncias diretiva e deliberativas, ressaltando, principalmente, a garantia desses direitos políticos ao "sócio-torcedor".

Como o próprio título do artigo indica, vamos problematizar o "sócio-torcedor" como um elemento indispensável para se compreender as disputas de sentidos, as "novas epistemes" que estão em jogo no futebol nacional. Por um lado, a "democracia torcedora" como instrumento de participação popular, de maior horizontalidade na relação de torcedores como "membros" ativos no clube; por outro, as "vantagens consumistas", por entender que essas modalidades de associação estão constantemente gerenciadas numa relação de "empresa-produto-consumidor", típica do esporte-negócio a nível global, porém insuficientes para dar conta das complexas relações historicamente estabelecidas entre torcedores e clubes no Brasil.

O mesmo Fluminense, que usamos como gancho para ilustrar como era a figura de "sócio" nos primórdios do futebol, serve-nos de exemplo para essa incursão histórica. Entre 2012 e 2015 o clube passou por uma série de discussões para a criação da modalidade "sócio futebol", dentro do bojo de transformações que passaria a conferir àqueles que se associassem aos planos que davam descontos nos ingressos dos jogos de futebol o direito a votar e ser votado.

Em que pesem as limitações ainda impostas ao modelo tricolor, bem como os conflitos inerentes aos interesses dos sócios ligados ao clube social (uma particularidade relevante no Rio de Janeiro), o Fluminense se colocou um passo à frente dos seus rivais locais, inserindo a torcida na discussão do futuro do clube.

Nesse artigo mobilizaremos teorias que tratam da perspectiva torcedora, casos de I. Santos (2017) e Toledo (2012), utilizando ainda de uma pesquisa a partir de fontes secundárias que nos auxiliem a entender a conjuntura que permeia o processo, inclusive em outros países. Assim, o artigo partirá de uma análise da associação clubística comparativa nas principais ligas do mundo, para depois tratarmos do histórico de criação dos planos de sócio torcedor no Brasil; quando avançaremos para problematizá-los dentro dos modelos de gestão que se desenham no país, com dissonâncias entre o modelo de empresa, clubes democráticos e clubes aristocráticos. Antes da conclusão ainda faremos apontamentos teóricos que balizam a discussão da democratização dos clubes.

Questões culturais?

Na semana em que esse artigo era produzido, uma polêmica se instaurava no futebol europeu. Por conta de uma série de protestos contra a realização de jogos às segundas-feiras, os estádios alemães estavam esvaziados. Torcedores, rejeitando o novo horário imposto por contratos com redes de televisão, promoveram os chamados protestos

voting with their feets ("votando com os pés deles"), que designava um boicote às partidas. Essa forma de demonstrar insatisfação é recorrente na Alemanha, como Merkel (2012) aponta, já sendo utilizada desde os anos 1960.

Preocupado com a diminuição de quase 30 mil presentes em partidas do Borussia Dortmund, Hans-Joachim Watzke, o CEO do clube, posicionou-se duramente contra a medida, colocando em debate um tema espinhoso. Para ele, não se pode tratar o torcedor alemão como se trata o inglês, uma vez que há uma diferença cultural entre esses dois países:

> No futebol inglês, torcedores aceitam [jogos às segundas], principalmente, porque eles são mais clientes do que membros do clube. [...] Nós temos 154 mil membros. Todos querem ser parte do clube, não querem ser clientes do clube. Essa é uma grande diferença. Esse é o "special spirit" no futebol alemão (STONE, 2018).

A fala do CEO do clube alemão precisa ser contextualizada de acordo com o histórico de constituição dos modelos de gestão dos clubes europeus, questão que passa de forma inevitável à apreciação dos efeitos do processo de empresarização dos clubes (análise realizada em I. Santos 2016; 2017). Em que pese a constituição da figura jurídica de empresa dos clubes ingleses desde o início do século XX, muitas alterações no tratamento com o público dos estádios, o que chamamos de "processo de clientelização", ocorreram no bojo das transformações que promoveram a empresarização nas principais ligas do mundo ao longo das décadas de 1980 e 1990. Isto é, a criação de leis que possibilitaram a constituição de entidades esportivas enquanto sociedades anônimas aplicadas na Itália, França, Espanha e Alemanha (assim como em vários outros países menores), medidas que causaram efeitos colaterais na própria concepção do futebol, agora um produto a ser oferecido a um público consumidor e rentabilizado de modo a, teoricamente, maximizar lucros.

Na Alemanha o processo contou com uma particularidade decorrente de um longo processo de debates entre o modelo de empresa com a persistência de um formato que permitisse aos sócios, conhecidos como *mitglieder* – os "membros" aos quais se referia o CEO do Borussia –, direito inalienável de participação. Essa estrutura se apoia na lei do "50%+1", que limita a entrada de empresas como acionistas dos clubes, garantindo menor poder do que à parte que representa o clube e seus membros, de maneira a diminuir a ingerência dos investidores. A "questão cultural" a qual se referia Watzke perpassa por essa particularidade. Esse formato que alia o poder de investimento privado, de modo a não perder competitividade frente aos outros países europeus, com a participação intensa e o tratamento de membros é um conquista política que já completa décadas como bandeira de resistência dos torcedores alemães. Curiosamente, a preponderância esportiva do Bayern de Munique, com certa proximidade do Borussia Dortmund, vinha gerando rumores dos demais times numa mudança dessa regra, o que geraria novos protestos de torcedores.

No trabalho de Llopis-Goig (2012) há uma interessante análise de como esse processo de empresarização deixou marcas no futebol espanhol. Analisando como os torcedores passaram de *socios to hyper-consumers*, perdendo ferramentas de participação e recebendo tratamento de clientes, o pesquisador detecta, dentre outros pontos, uma mudança geracional de afastamento dos torcedores, com maior desinteresse com relação às decisões diretivas, apresentando comportamentos mais "hedonistas" com relação ao futebol. Atualmente, os torcedores da maioria dos clubes da principal divisão da liga espanhola só pode ser acionista (considerando seus custos inacessíveis) ou portadores dos chamados *season tickets*, que são os pacotes anuais de ingressos a valores promocionais (como veremos adiante, lógica semelhante aos planos brasileiros).

Entretanto, o Brasil não é Inglaterra, nem Espanha ou Alemanha. A constituição clubística e a cultura associativista no âmbito futebolístico brasileiro é distinta, e o que se observa na atual quadra histórica é uma virada interessante e complexa, que precisa ser investigada como um *movimento amplo de luta por maior participação torcedora nas instâncias decisivas dos clubes*. O esforço que aqui fazemos de levantar elementos históricos que permitam compreender aspectos sociológicos e político-econômicos da gerência dos clubes de futebol – e a associação torcedora como parte desse processo –, é uma forma de salientar a importância de que novos estudos se estabeleçam a partir desses elementos.

Como fizemos em trabalhos anteriores, partindo do princípio de que o público de futebol possui distintos perfis, passíveis de taxonomização – como fez Giulianotti (2002) no caso específico inglês, e como fizeram outros autores em suas esferas locais –, entendemos que esses estudos podem contribuir com o campo de pesquisa do futebol como um todo. Para tanto, é necessário frisar que as construções simbólicas e as densidades afetivas, para dialogar com Toledo (2012), estão sempre consequentes aos modelos de gestão – e participação ou alienação dos torcedores – promovidos pelas diretorias dos clubes.

Ainda assim, importante também ressaltar antes de falar do caso brasileiro, a relação entre torcedores e seus clubes está sempre, em medidas variadas, mediada por um senso de propriedade ou uma noção de direito de participação, mesmo que isso não aconteça de fato. Contradizendo a leitura do CEO do Borussia Dortmund, vale lembrar os protestos de diversas torcidas inglesas contra o aumento violento do preço dos ingressos na temporada 2016/17. Torcedores do Liverpool, por exemplo, usaram cartazes com dizeres contra os dirigentes: "somos torcedores, não somos clientes" (HEIN, 2017).

Sócio-torcedor: um tiro que saiu pela culatra

Sócio-remido, sócio-benemérito, sócio-patrimonial, sócio-contribuinte, dentre outras tantas nomenclaturas, foram modalidades criadas de tempos em tempos em determinados clubes. A ideia era estimular uma associação que garantisse dada segurança

orçamentária ou para a efetivação de projetos estruturais de custos mais elevados, pois antes da TV os clubes de futebol dependiam da renda dos jogos e do bom humor dos seus conselheiros mais endinheirados. Fora isso, era pura precariedade e desarranjo. Só nos anos 1980 que a venda de jogadores se tornaria uma prática de relevância equivalente para os cofres dos clubes e a partir da década seguinte, no caso brasileiro, o dinheiro da cessão dos direitos de imagem passa a ser paulatinamente a principal fonte de receita.

Esses "títulos" seguem até hoje válidos em muitos casos. Famílias passam para a geração seguinte um símbolo de status e de pertencimento a esse fechado círculo que representa a instituição futebolística. Porque, de certo modo, se apontarmos o canhão de luz sobre aqueles que realmente poderiam deliberar ou executar qualquer coisa dentro dos clubes, a sensação era a de uma reunião de um grupo maçônico. Nomes do alto escalão político e econômico local, políticos experientes e seus jovens pupilos, paparicadores diversos, todos se declarando "abnegados", sujeitos de boa índole que não buscam, em tese, tirar proveito do status conferido ao título de sócio ou conselheiro.

É importante lembrar que esse processo caracteriza a história inicial da estruturação do futebol no Brasil, que reproduz o modelo de clubes para famílias endinheiradas aproveitarem seus momentos de lazer, com essa categoria permanecendo em muitos clubes até hoje. Conforme A. Santos (2013), a primeira alteração estrutural do futebol, a possibilidade de participação de outras classes sociais no jogo, demarca a saída da exclusividade da elite do campo para os cargos diretivos dos clubes.

Assim, esse formato fechado e sem critérios claros para a entrada de novos membros foi predominante nos principais clubes brasileiros ao longo de muitos anos, seja ao longo do processo de popularização do futebol na década de 1920; na profissionalização que se arrastaria até o final dos anos 1940; durante o processo de massificação e da construção dos super estádios ao longo dos anos 1960/70, com mediação indispensável do poder público na ditadura militar; seja sob o discurso neoliberal do futebol-negócio, agravados a partir dos anos 1990. Poucas coisas no futebol mundial conseguiram ser tão duradouras como a estrutura quase feudal do comando político nos principais clubes do Brasil.

Até que, em meio aos ventos de "modernização", na verdade uma nova onda de mercantilização do futebol a nível global, a figura do sócio-torcedor começa a ser estimulada e propagandeada. Analisemos o contexto em que esses planos foram criados.

Toledo (2012) interpreta e contextualiza a criação dos chamados planos de "sócio-torcedor" a partir da segunda metade da década de 1990, período que coincide com a consolidação e aprofundamento das narrativas sobre o "futebol moderno". Dentre diversos discursos de legitimação de transformações estruturais mercantilizantes do futebol – estádios, jogadores, gestão, televisionamento –, o torcedor passava a ser ressignificado enquanto um consumidor desejoso de melhores serviços e atrativos para "retornar" ao futebol:

> Animado com as transformações do futebol proporcionadas pela Lei Pelé e coadunando com as suspeitas da opinião pública que colocavam em xeque a vocação de liderança das Tos [Torcidas Organizadas], setores do poder público estadual [em São Paulo] se voltaram para o incremento de outra modalidade torcedora que, despolitizada em seus propósitos, repatriaria noções mais conservadoras do torcer, fortemente atreladas às dinâmicas do poder como indutores de uma nova disciplina esportiva para a prática torcedora nas arquibancadas (TOLEDO, 2012, p. 150).

O período era marcado por graves conflitos entre torcidas organizadas, grande sensacionalismo midiático e a entrada cada vez mais intensa de figuras do poder público no debate sobre a violência no futebol. Tinha destaque o promotor público Fernando Capez, que buscou, por diversas oportunidades, excluir as torcidas organizadas e, como a pesquisa citada aponta, declarava estar por trás da criação dos programas de sócio-torcedor. Assim, "renda, segurança e disciplina, subserviência e voluntarismo político matizam os programas adotados em vários clubes" (TOLEDO, 2012, p. 153).

A associação era, por um lado, uma tentativa de enfraquecer o papel das torcidas organizadas, seja financeiramente ou na sua representatividade no imaginário do torcedor comum; e, por outro lado, consolidava-se enquanto uma modalidade de filiação de torcedores a planos de benefícios na compra de ingressos e produtos relacionados ao clube. Diferente das antigas modalidades de "sócios", o tal do "sócio-torcedor" era muito mais uma estratégia de mercado para a consolidação de uma nova receita, livre das flutuações típicas do futebol, do que uma via de integração de um indivíduo aos círculos decisórios do clube.

Considerando algumas particularidades em diferentes localidades do Brasil, nossos destaques, com o intuito de favorecer o entendimento desse contexto histórico, vão além. Os planos de sócio-torcedor à época visavam: 1) inserção consumista da classe média e a busca de consolidação desse perfil de ocupante nos estádios brasileiros, em detrimento ao público de origem popular costumaz; 2) a transmissão de sensação de maior pertencimento ao clubes, ainda que isso não se consumasse de forma estatutária; 3) a retomada do até então negligenciado público do estádio como receita, após o assentamento do modelo televisivo, agora considerado insuficiente; 4) a ampliação do "quadro associativo", antes restrito a modalidades muito custosas e restritivas, em que pese a distinção quanto aos direitos políticos; 5) a decadência dos clubes sociais enquanto lugar da prática urbana esportiva e de lazer, ou mesmo a necessidade de desvinculação dessas modalidades de associação para o caso do futebol profissional (exemplos mais evidentes no Rio de Janeiro, inclusive no citado Fluminense).

Um destaque que merece atenção especial, e por isso comentaremos com maior atenção, é o aspecto da "modernização manca" do futebol brasileiro. Reticentes quanto à aprovação das leis de empresarização dos clubes, os ditos "cartolas" buscavam a todo instante responder às cobranças públicas pela "modernização" dos clubes. Enquanto

promoviam reformas parciais em estádios, lançavam planos de fidelidade ou intensificavam estratégias de marketing cada vez mais arrojadas e agressivas; por outro lado, moviam-se nos bastidores da política nacional para barrar, distorcer ou desconfigurar leis empresarizadoras, como ocorreu à Lei Pelé (Lei 9.615/1998) (A. SANTOS; I. SANTOS, 2015; I. SANTOS, 2017).

É no fracasso desportivo e financeiro das poucas experiências de clube-empresa, bem como na série de irregularidades nas experiências de parcerias entre clubes e grandes investidores, que o caráter de associação civil sem fins lucrativos perdura quase intocado nos grandes clubes nacionais. Então o sócio-torcedor começa a ser inflado de outras significações.

Ainda no ano 2000, numa ação arrojada, o Sport Club Internacional decide que seus sócio-torcedores, mesmo os ligados aos planos mais baratos, passariam a ter direito a votar para presidente e eleger membros para o Conselho Deliberativo. Com a criação de planos acessíveis nos anos seguintes, o Inter passou a ter o maior quadro social do país, alcançando 42 mil sócios, e realizando eleições com quase 17 mil eleitores. Anos depois, em meio a uma grande crise, o Grêmio de Foot-Ball Porto Alegrense seguiu os passos do rival, reformando o estatuto para que o sócio pudesse ter participação na escolha do presidente e do conselho deliberativo do clube. Em 2012, o Grêmio atingiu a sua eleição recorde, com a participação de mais de 13 mil sócios (cerca de 40% dos aptos a votar).

Das iniciativas gaúchas – notáveis pela cultura associativista da população local, que reverbera no ímpeto de ligar-se ao clube – até os dias atuais é imprecisa a cronologia das reformas estatutárias democratizantes dos principais clubes brasileiros. Até onde nossa pesquisa conseguiu alcançar, o processo já atingiu Bahia, Vitória, Sport, Fluminense, Atlético Paranaense e Coritiba. Destaca-se, contudo, a existências diferentes níveis de acessibilidade e capacidade deliberativa em cada uma dessas instituições.

Vale ressaltar outro desafio ao desenvolvimento do objeto de pesquisa aqui proposto – que, no entanto, foge ao nosso objetivo e escopo –, que é a análise dos impactos dos dispositivos legais implicados no Código Civil Brasileiro (Lei 10.406, de 10 de janeiro de 2002) e na sua alteração (Lei 11.107, de 28 de junho 2005) que implicou na necessidade da reforma estatutária de diversos clubes. É relevante entender até que ponto isso significou, em casos específicos, na formação de regras eleitorais mais acessíveis.

Clube-empresa x Clube aristocrático x Democracia torcedora

Já entendendo a pequena quantidade de pesquisas que se debruçam sobre o tema da associação aos clubes, importava analisar os materiais já existentes. A referência de maior densidade, inclusive utilizado como parâmetro pelos próprios clubes, é o estudo do Itaú BBA sobre a situação financeira dos clubes brasileiros. De pronto, um primeiro destaque:

> Esta é uma distorção do nosso modelo de controle dos Clubes. Ao serem entidades políticas, que dependem de eleição e mudam sua gestão de tempos em tempos, não há incentivo a pensar em longo prazo, se as conquistas estão a um passo de distância. O problema é que todos os anos todos os clubes começam do zero, e estão a um passo de distância da glória (ITAÚ BBA, 2017, p. 4).

Registrada ainda no início do relatório do Itaú BBA (2017), o trecho já indica a linha ideológica que norteia o estudo. A defesa de um modelo de empresarização dos clubes passa quase que indispensavelmente pela crítica de seus modelos "políticos". Isto é, com gestões com prazos restritos estatutariamente, a "democracia" acaba se tornando um impeditivo à aplicação de modelos de gestão empresariais. Ainda que essa "democracia" na verdade ainda seja um jogo restrito a pouquissímos nomes que se repetem nas gestões dos clubes, percebe-se o tom de demonização e deturpação dos sentidos de "política".

Nessa leitura, é óbvio que cai por terra qualquer demanda torcedora pela participação política em clubes que deveriam ser "empresarizados". Seria como estender a amadores passionais e irracionais a condução de uma instituição com potencial lucrativo que deveria ser gerida de forma fria, calculada, austera como um banco, visando lucros e a atração de novos consumidores. Mesmo a própria ideia de uma democracia torcedora, caso realmente se consolide no Brasil no futuro, poderá ser exposta como um "mal da política". Por isso, como referência, também nos vale avaliar o modelo argentino, sob mais pressão para um modelo legal neste sentido.

Na vizinha Argentina, onde também não emplacam leis de transformação de clubes em empresas, o volume da participação torcedora nas *asambleas* é muito maior que no caso brasileiro. Os clubes argentinos, de modo geral, não possuem estruturas como os tradicionais Conselho Deliberativos, mas desde sempre praticam eleições amplas para a escolha da *Comisión Directiva* (diretoria). Absorvendo práticas e mesmo interesses da política tradicional, seara que possui costumes muito peculiares no país, os clubes argentinos são sempre acusados de sofrerem do "mal da política", que causaria prejuízos financeiros e desperdiçaria seus potenciais lucrativos. De fato, como aponta Moreira (2012; 2013), diversas eleições de clubes na Argentina já testemunharam casos graves de violência, inclusive com o recrutamento de *barras bravas* (nomenclatura deles para a forma de organização torcedora); ingerência de políticos de alto escalão; repetidos casos de clientelismo político; fraudes eleitorais; e descumprimento de normas pré-estabelecidas.

No entanto, não estamos falando de nada exclusivo ou inédito com relação às práticas costumeiras da política institucional em seus desequilíbrios financeiros e autoritarismos. Afinal, como apontam Daskal e Moreira (2017), o principal promotor da lei de empresarização dos clubes argentinos, o presidente Mauricio Macri, é uma "cria" desse ambiente de disputas políticas com grande capilaridade popular que é o clube de futebol. Foi na função de presidente do Boca Juniors que Macri começou a forjar a sua imagem de gestor

qualificado, moderno e eficiente. Tal leitura de "mal da política" de Mauricio Macri tem fins ideológicos claros, mas também finalidades pragmáticas, como o enfraquecimento de uma série de outros grupos políticos que instrumentalizam o futebol de forma eleitoral para esferas institucionais. Um exemplo disso está na criação do programa "Fútbol Para Todos" por Cristina Kirchner e a quase imediata exclusão do mesmo como um dos primeiros atos de governo de Macri – retirando os direitos de transmissão do futebol nacional da TV estatal e devolvendo ao hegemônico grupo Clarín, histórico aliado político do agora partido governista Propuesta Republicana.

Quando se trata do "mal da política" dos clubes tradicionais, também não estamos falando de práticas às quais clubes em moldes empresariais estejam imunes, mesmo com decisões restritas aos seus proprietários/acionistas. Haja vista o caso do Exxel Group, império financeiro comandado pelo empresário Juan Navarro nos anos 2000, que adquiriu ações do clube argentino Vélez Sarsfield e do brasileiro Vitória, além de outras 70 empresas, descoberto em meio a operações que maquiavam transações ilegais, dentre as quais a apresentação de balancetes falsos, prejudicando dezenas de acionistas – ou, os agora novos sócios –, além de favorecimentos ilegais em concessões públicas. Do mesmo modo, podemos apontar uma série de casos de endividamentos de clubes já transformados em sociedades anônimas desportivas na Europa, com alto endividamento; ou no Chile, que promoveu a empresarização dos clubes em 2005 e hoje tem no depoimento dos seus próprios promotores o pesar da drástica situação financeira do futebol local – que, inclusive, pouco se desenvolveu em termos esportivos (DASKAL; MOREIRA, 2017, p.45).

O fato é que o futebol argentino está muito à frente do brasileiro com relação à densidade da participação da torcida no futuro do clube. Para se ter uma ideia, as eleições mais recentes para presidentes das instituições tiveram a seguinte participação: Boca (26 mil), River (19 mil), San Lorenzo (12 mil), Racing (7,4 mil), Rosário Central (10 mil), Newells (9,6 mil), Belgrano (7 mil) e Independiente (6,5 mil).[1]

No Brasil, os principais "colégios eleitorais" tiveram os seguintes comparecimentos: Internacional (14 mil), Grêmio (6,6 mil), Atlético-PR (5,5 mil), Corinthians (4,8 mil), Bahia (4,4 mil), Sport (4,3 mil), Fluminense (4,2 mil), Flamengo (2,7 mil), , Coritiba (2,8 mil), Vitória (1,8 mil), Palmeiras (1,7 mil) e Santos (1,5 mil).[2]

O caráter social e cultural que diferencia de forma tão brutal a participação dos torcedores de Argentina e Brasil é um tema indispensável para compreender, por exemplo, o alto grau de resistência aos projetos de lei que buscam converter os clubes argentinos em sociedades anônimas desportivas. Pressionados por sócios, mesmo diretores de clubes de linhagem "macrista" se posicionaram publicamente contra a lei.

[1]Parte considerável das informações sobre o futebol argentino foram coletadas com a ajuda do pesquisador Nicolás Cabrera (Conicet - Universidad Nacional de San Martin).

[2]A amostragem é meramente ilustrativa. Estão inclusos clubes já democratizados e clubes de caráter restritivo, independente do tamanho e da acessibilidade ao seu quadro social, ou ao conselho deliberativo.

Retomando o estudo do Itaú BBA (2017), e reiterando a atenção que tem sido dada pelos clubes aos seus resultados, o que se nota é que os planos de sócio-torcedor são destacados única e exclusivamente como uma "receita", ao lado da própria bilheteria. Não há destaque com relação aos direitos políticos inseridos nas modalidades de vários dos clubes analisados. O cálculo meramente analisa o montante arrecadado e avalia as motivações comerciais para a associação.

> O programa nasceu para ser uma versão Brasileira do Season Ticket Europeia, onde os torcedores compram as entradas da temporada toda e cuja dinâmica consagrada permite ações como revenda, onde torcedor e clube se beneficiam. [...] O simples acesso ao ingresso é um incentivo insuficiente para manutenção no programa. Ou seja, é preciso trazer mais benefícios (ITAÚ BBA, 2017, p. 18)

Ora, se na lógica do relatório do Itaú BBA os clubes precisam se emprezarisar e se livrar da política e os planos de sócio-torcedor precisam ter mais atrativos para os seus consumidores, então temos aqui um conflito incontornável dentro do futebol brasileiro. As medidas propostas do relatório sugerem transformações diametralmente opostas aos posicionamentos de torcedores de diversos clubes.

Apenas a título de ilustração, outro ponto que merece pesquisas melhor aprofundadas, podemos citar movimentos recentes pela democratização dos clubes – formados apenas por torcedores ou apoiados por bom número de torcedores pelas pautas democratizantes – como Flamengo da Gente (Flamengo), Atlético de Novo (Atlético Paranaense), Democracia Santacruzense (Santa Cruz), Democracia Rubro-Negra (Sport), Resistência Azul Popular (Cruzeiro), "Com Diretas Viro Sócio" (Vasco da Gama) e "Fiel Torcedor com Direito a Voto" (Corinthians). Esses movimentos se somam aos avanços recentes para a eleição de conselho deliberativo porporcional em clubes como Bahia, Vitória e Coritiba – conquistas de/ou impulsionadas por grupos de torcedores –; ou avanços pontuais, como é o caso do Fluminense.

O que aqui queremos mostrar é que esses novos movimentos de torcida podem representar algo fora dessas duas perspectivas: nem um clube fechado à mercê dos interesses de cartolas que se utilizam política e financeiramente das instituições; nem uma empresa igualmente fechada aos anseios da torcida, gerida apenas sob os imperativos mercadológicos do retorno financeiro aos seus acionistas, ainda que do ponto de vista esportivo o desempenho seja de mediocridade.

Antes do encerramento desse artigo, é importante fazer uma breve ponderação teórica para qualificar as discussões aqui propostas. Do ponto de vista da defesa da efetivação da participação torcedora nos rumos do clube, o que se percebe é a necessidade

da criação de uma nova episteme para se pensar o futebol. Até que medida os torcedores podem ou não ter direito político dentro do clube? É possível afirmar que os torcedores "produzem" o clube para o qual torcer? Até onde a legitimidade do "senso de propriedade" que aqui citamos pertence apenas aos poucos sócios autorizados a deliberar sobre o futuro do clube?

Esses questionamentos se fazem necessários diante da nova ofensiva das propostas de transformação de clubes brasileiros em empresas, que ocorrem em paralelo ao surgimentos dos movimentos pela democratização. Há uma disputa de sentidos em curso, uma bifurcação se apresentando no caminho da história do futebol brasileiro, que, diante da instabilidade das definições jurídicas dos clubes, poderá criar uma dissonância entre as tantas modalidades de gestão.

Deixamos como sugestão a discussão sobre as questões do "comum", já trabalhadas anteriormente (I. SANTOS, 2017). O debate da "produção do comum" articula uma série de reflexões críticas sobre o papel da produção fora das tradicionais leituras de caráter economicista ou politicistas. Lança luz sobre conceitos como "trabalho vivo" e "trabalho coletivo" para analisar o processo produtivo de bens materiais ou culturais (caso do futebol), que passam ao largo de dicotomias como privado/estatal, mercado/estado, tradicional/comercial. Abordar o comum do futebol nos permite elevar o debate a pontos intocados, abrindo flancos de disputa de sentidos, significados e discursos.

Comuns, a grosso modo, são produtos naturais das relações humanas. E, por isso, passíveis de apropriação e exploração capitalista, bem como da exploração política, como esteve o futebol da primeira quadra do século à mercê da propaganda de regimes diversos – de liberais a fascistas, de nacional-desenvolvimentistas a comunistas. Esse fenômeno é próprio da dinâmica das tantas expressões culturais em processo de disputa, algo além de qualquer tipo de juízo de valor. É nesse aspecto que se faz fundamental uma reflexão, em especial diante do contexto em que se discute o futuro dos clubes brasileiros nos termos apresentados nesse artigo. Mesmo experiências desconhecedoras contemplam as noções das lutas pelo comum, pois criam uma nova episteme, uma nova explicação sobre o funcionamento e o direito sobre as coisas. A compreensão da formação do comum traz legitimidade ao debate sobre o direito histórico dos torcedores sobre os clubes que produziram ao longo de gerações.

Considerações

Este artigo buscou apresentar ponderações a partir de uma base teórica crítica quanto à nova etapa de mercantilização do futebol demarcada a partir da denominada "modernização do futebol brasileiro", cujo conceito é construído desde os anos 1990, mas que se intensificaram a partir da utilização das arenas multiuso, construídas em sua maior parte no caso brasileiro para a realização de megaeventos esportivos, destacadamente a Copa do Mundo FIFA Brasil 2014.

Diferente de outros momentos (vide, por exemplo, A. SANTOS; I. SANTOS, 2015), nossa preocupação aqui não foi contextualizar a realização dos megaeventos esportivos no Brasil, enxergando as mudanças na cultura torcedora apenas devido a esse processo, mas entendê-la como um processo histórico maior, focando na discussão de associação e participação política nos clubes, algo que entendemos ser superior às restrições a partir do valor de ingressos a entrar ou não num estádio.

É a partir deste processo que o torcedor, mais enquanto consumidor de um espetáculo que partícipe dele, também vai ter seu entendimento de modelo ideal modificado. Como visto aqui, o "sócio-torcedor" passa a ser um modelo quantitativo a ser atingido, de maneira a se gerar uma grande renda para os clubes, colocando-se, inclusive, muito perto de um patrocínio máster e/ou dos recursos oriundos dos meios de comunicação.

Assim, demonstramos ao longo do trabalho que tratar da relação entre clubes e seus associados, bem como de seus modelos estatutários, é um debate inadiável para o futebol brasileiro. Mais do que resposta ao processo de empresarização dos clubes e suas ameaças, falar da democratização dessas instituições também é falar de gestão, transparência, controles financeiros, alternância de poder, reaproximação do clube à torcida, etc.

Destaca-se ainda que este problema vem desde o início da prática futebolítica estruturada em torno de clubes profissionais no Brasil que, em meio a outras evoluções de práticas democráticas, seguiram por caminhos tortuosos, com o controle gerencial seguindo com uma elite historicamente determinada. O processo corrente na presente década ao mesmo tempo que acentua a perspectiva do torcedor-consumidor, abriu espaço em diferentes clubes para uma participação efetiva não só nas arquibancadas, mas também nos aspectos gerenciais.

Defendemos, portanto, a necessidade de mais exemplos e mais luta torcedora em torno de espaços (mais) democráticos nas instâncias decisórias. Entende-se ainda que seria necessária uma instituição capaz de potencializar essas iniciativas torcedoras e propagar os benefícios inerentes à maior participação de torcedores comuns nos clubes.

Artigo recebido em 09 mar. 2018.

Aprovado para publicação em 04 mai. 2018.

Referências bibliográficas

DASKAL, R.; MOREIRA, V. *Clubes argentinos. Debates sobre un modelo.* UNSAM edit. Buenos Aires, 2017.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A Dança dos deuses:* futebol, sociedade, cultura. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

HEIN, Thomas. *We need to get rid of FSG', 'Supporters Not Customers' Liverpool Fans Furious Over Latest Ticket Prices*. *The Kop Times*. 27 nov 2017. Disponível em: <http://thekoptimes.com/2017/11/17/we-need-to-get-rid-of-fsg-supporters-not-customers-liverpool-fans-furious-over-latest-ticket-prices/>. Acesso em: 07 mar 2018.

ITAÚ BBA. *Análise Econômico Financeira dos Clubes de Futebol Brasileiros. 2017*. Disponível em: <https://www.itau.com.br/_arquivosestaticos/itauBBA/contents/common/docs/Analise_dos_Clubes_Brasileiros_de_Futebol_Itau_BBA_2017.pdf>. Acesso em: 05 mar. 2018.

LLOPIS-GOIG, Ramón. *From 'socios' to 'hyper-consumers': an empirical examination of the impact of commodification on Spanish football fans. Soccer & Society*, Londres, n. 13, p. 392-408, 2012.

MERKEL, Udo. *Football fans and clubs in Germany: Conflicts, crises and compromises. Soccer & Society*, Londres, n. 13, p. 359-376, 2012.

MOREIRA, María Verónica. *Juego electoral y relaciones políticas en el fútbol argentino*. *História*: Questões & Debates, Curitiba, n. 57, p.127-149, 2012.

_____. *Participación, poder y política en el fútbol argentino. Nueva Sociedad*, n. 248. Buenos Aires, 2013, p. 52-63.

PRONI, Marcelo Weishaupt. *Esporte-Espetáculo e Futebol-Empresa.* 1998. 275 f. Tese (Doutorado em Educação Física). Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

TOLEDO, Luiz Henrique. *Políticas da corporalidade: socialidade torcedora entre 1990 2010.* In: Toledo, Luiz Henrique et al. (Org.). *A torcida brasileira*. Rio de Janeiro: Sete Letras, 2012. p. 122-158.

SALDANHA, Renato Machado. *Placar e a Produção de uma Representação de Futebol Moderno*. 2009. 101 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Programa de Pós-

Graduação em Ciências do Movimento Humano. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

SANTOS, Anderson David Gomes dos. *A consolidação de um monopólio de decisões*: a Rede Globo e a transmissão do Campeonato Brasileiro de Futebol. 2013. 263 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação). Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2013.

SANTOS, Anderson David Gomes dos; SANTOS, Irlan Simões da Cruz. *História do espectador dos jogos de futebol no Brasil:* da elitização amadora às novas formas de exclusão das Arenas Multiuso. In: SANTOS, Verlane Aragão; MOTA, Joanne Santos; MARTINS, Bruna Távora de Sousa (Orgs.). *XIII Seminário OBSCOM/CEPOS e I Fórum Regional ALAIC Cone Sul:* Compilação de trabalhos apresentados. São Cristóvão; São Paulo: OBSCOM/CEPOS/ALAIC, 2015, p. 28-41.

SANTOS, Irlan Simões Cruz. *For the love, not the money:* futebol, produção do comum e direito à cidade. *Lugar Comum*, Rio de Janeiro, n. 48, p. 120-144, 2016.

SANTOS, Irlan Simões. *Clientes versus Rebeldes*: novas culturas torcedoras nas arenas do futebol moderno. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2017.

STONE, Simon. *English football fans 'clients', says Borussia Dortmund chief Hans-Joachim Watzk*. Disponível em: <http://www.bbc.com/sport/football/43235571>. Acesso em: 07 mar. 2018.

O futebol na China: do *cuju* (蹴鞠)ao sonho de se tornar uma potência mundial

Emanuel Leite Júnior[1]
Carlos Rodrigues[2]

Soccer in China: from cuju (蹴鞠) to the dream of becoming a world power

http://dx.doi.org/10.12660/rm.v9n14.2018.74092

[1]Graduado em Direito pela UNICAP e em Comunicação Social, pela UNINASSAU. Doutorando em Políticas Públicas pela UA - Portugal. E-mail: emanuel.leite.junior@ua.pt.
[2]Professor Auxiliar, Diretor do Departamento de Ciências Sociais, Políticas e do Território. Diretor do Mestrado em Estudos Chineses da UA - Portugal. E-mail: cjose@ua.pt.

Resumo:

De acordo com a FIFA, a origem histórica do futebol se encontra na China Antiga, na prática do *cuju* (蹴鞠), que remonta à Dinastia Han (206AC – 220DC) e foi bastante popular durante a Dinastia Song (960–1279). Prática que foi perdida, provavelmente, no período da Dinastia Qing (Século 17). O futebol moderno, codificado na Inglaterra em 1863, chegaria ao país em 1879. Ao longo do Século 20, apesar de algumas tentativas, a China foi incapaz de obter sucesso neste esporte. Agora, o país tem um ambicioso sonho. Quer se tornar potência do futebol mundial até 2050. Para isso, lançou em 2016 o "Plano de desenvolvimento do futebol a médio e longo prazo (2016-2050)". Este artigo apresenta a evolução histórica do futebol na China e questiona o que motiva os chineses na busca da concretização deste audacioso Plano.

Palavras-chave: futebol; china; história; *cuju*; plano de desenvolvimento.

Abstract:

According to FIFA, the historical origin of football lies in Ancient China and in the practice of cuju (蹴鞠), dating back to the times of the Han Dynasty (206 BC – 220 AC) and being quite popular during the Song Dynasty (960–1279). It is believed that it was during the Qing Dynasty, in the 17th century, that football stopped being practiced in China. Modern football, codified in England in 1863, reappears in China in 1879. Throughout the 20th Century, despite some attempts, China was unable to succeed in this sport. Now the country has an ambitious dream. China wants to become a world superpower by 2050. To this end, in 2016, it was launched the "The football development plan in the medium and long term (2016-2050)". This article presents the historical evolution of football in China and questions what motivates the Chinese in the pursuit of this audacious Plan.

Key words: football; china; history; *cuju*; development plan.

Introdução

De acordo com a FIFA, a origem histórica do futebol se encontra na China Antiga, na prática do *cuju* (蹴鞠) (SIMONS, 2008, p. 46). Um jogo de "chutar bola" que remonta à Dinastia Han (206AC – 220DC) e foi bastante popular durante a Dinastia Song (960–1279), mas que deixou de ser praticado, provavelmente, por volta do Século 17, no período da Dinastia Qing (CHUNJIANG, 2008, p. 37).

Dois séculos depois, o futebol retornaria ao "Reino do Meio". Porém, já em sua versão moderna, seguindo as regras da codificação ocorrida na Inglaterra em 1863. O futebol moderno entraria no país através de Hong Kong, que foi colonizado pelos britânicos depois da Guerra do Ópio (1839-1842). Como aconteceu um pouco por vários lugares do mundo, soldados, comerciantes e missionários britânicos jogavam bola e a população local começou a se interessar, passando a jogar com os estrangeiros. Foi assim que o futebol, a partir de Hong Kong, chegou a Xangai, Pequim e outras cidades chinesas (HONG; MANGAN, 2003; JINXIA; MANGAN, 2001). O primeiro jogo de futebol em território chinês, sob a regras da Federação Inglesa (FA), aconteceu em 1879, na cidade de Xangai (SIMONS, 2008, p. 157).

Em 1887, foi fundado o Xangai Football Club e 10 anos depois, em 1907, surgiu uma liga também em Xangai (SIMONS, 2008, p. 157). A Associação Chinesa de Futebol viria a ser estabelecida em 1924 pelo governo nacionalista (SIMONS, 2008, p. 158). A instabilidade política vivida pela China na primeira metade do Século 20 (o país foi invadido pelo Japão e depois de se livrar do domínio japonês entrou em uma guerra civil que só chegaria ao fim em 1949, com o triunfo dos Comunistas), prejudicou o desenvolvimento do futebol chinês (JINXIA; MANGAN, 2001; SIMONS, 2008, p. 159).

Com o estabelecimento da República Popular da China, em 1949, o futebol viveria uma nova era. Isto porque os líderes chineses entendiam que o esporte moderno deveria representar a imagem de uma China moderna e o futebol era visto como o principal símbolo desta modernidade, uma expressão de atualidade (JINXIA; MANGAN, 2001).

Entretanto, o futebol jamais obteve o mesmo sucesso que a China alcançou nos Jogos Olímpicos depois de sua estratégia olímpica, implementada a partir dos anos 1980 (HONG; ZHOUXIANG, 2012e) e cujo ápice ocorreu nos Jogos Olímpicos de Pequim, em 2008, ocasião em que a delegação da China conquistou ficou no lugar mais alto do pódio de medalhas de ouro. Nem mesmo depois do processo de profissionalização do futebol, já nos anos 1990 e na sequência da grande reforma econômica pela qual passou o país naquele período.

Sob a liderança de Deng Xiaoping, a China entrou na era do "socialismo de mercado" (CHEN. et al., 2017; GONG; CORTESE, 2017) e o sistema do esporte de elite chinês passou por uma profunda reestruturação para se adequar à nova realidade (HONG; ZHOUXIANG, 2013; JINXIA; MANGAN, 2001). O futebol foi o pioneiro. Assim, em 1994, surgiu o primeiro campeonato profissional do país. A competição experimentou um breve período de popularidade, porém enfrentou diversas adversidades (HONG; ZHOUXIANG, 2013).

Ao fim dos Jogos Olímpicos de 2008, o então presidente chinês Hu Jintao se mostrou empenhado em em fazer da China uma potência do esporte mundial, determinando que ações fossem tomadas para que o "Reino do Meio" passasse de "um país de acontecimentos esportivos importantes para uma potência esportiva mundial". No ano seguinte, Xi Jinping, na ocasião ainda vice-presidente do país, expressou a determinação do Estado em desenvolver o futebol (TAN et al., 2016).

Xi Jinping, agora presidente do país, é reconhecidamente um fã do esporte bretão. E o atual líder chinês tem "três sonhos da Copa do Mundo": participar da Copa do Mundo; sediar a Copa do Mundo e ser campeão do mundo de futebol (TAN et al., 2016).

Contudo, não é simplesmente por conta dos "três sonhos da Copa do Mundo" de seu presidente que a China lançou seu audacioso projeto para o futebol. A estratégia chinesa busca aumentar a demanda dos cidadãos por atividades físicas, desenvolver a indústria desportiva e promover o rejuvenescimento do país (CHINA'S NATIONAL DEVELOPMENT AND REFORM COMMISSION, 2016).

Como já foi dito, a estratégia olímpica foi bem-sucedida, mas no futebol a China segue sendo um coadjuvante. Em seu plano de médio-longo prazo para o desenvolvimento do futebol, o Estado chinês coloca o esporte mais popular do planeta no eixo central de uma estratégia de mercado, vendo no futebol a mola propulsora para o crescimento de toda a indústria desportiva do país.

Para atingir estes objetivos e transformar a China na futura potência do futebol mundial, o governo chinês lançou em abril de 2016 o ambicioso "Plano de desenvolvimento do futebol a médio e longo prazo (2016-2050)" (中国足球中长期发展规划 [2016—2050年]).

O plano chinês tem objetivos econômicos, políticos e sócio-culturais. Afinal, o esporte de alta competição tem a capacidade de reafirmar a identidade nacional, ao mesmo tempo em que pode ser utilizado como ferramenta de promoção da imagem do país – tanto na busca da aceitação internacional (ALLISON; MONNINGTON, 2002), como no estabelecimento de relações internacionais, através do chamado 'soft power' (BRENTIN; TREGOURES, 2016; GIULIANOTTI, 2015; SAMUEL-AZRAN et al., 2016).

Por isso, este artigo busca compreender até que ponto, na busca por este sonho de ser tornar potência do futebol mundial, qual é o papel do Estado chinês no fomento de políticas públicas do esporte, especificamente no futebol, com o objetivo de reforçar a identidade nacional e promover a imagem do país com fins geopolíticos (soft power).

Cuju (蹴鞠)

O sociólogo Richard Giulianotti preconiza que "para explorar a história social do futebol, devemos começar discutindo as origens do jogo" (GIULIANOTTI, 2010, p. 15). O pesquisador britânico observa, ainda, que há diversos registros históricos de formas "primitivas" do futebol e acrescenta que "as dúvidas sobre a semelhança desses jogos ao esporte que conhecemos hoje continuam" (GIULIANOTTI, 2010, p. 15). Porém, dentre estas "variantes do futebol primitivo", Giulianotti acredita que é a China que tem o "mais convincente argumento para a mais antiga história do futebol" (GIULIANOTTI, 2010, p. 15). Este "argumento" se chama *Cuju* (蹴鞠).

Cuju (蹴鞠), significa literalmente "chutar bola", e remonta aos tempos da Dinastia Han (206 AC – 220 DC). Reza a lenda que o *cuju* foi criado por Huangdi, o "Imperador Amarelo", considerado ancestral de todos os chineses da etnia Han. Segundo a estória, após derrotar as tropas das tribos vindas do Sul, comandadas por Chiyou, Huangdi teria arrancado o estômago de Chiyou, enchido com palha, fazendo uma bola, e dado aos seus soldados para que chutassem (CHUNJIANG, 2008, p. 31). Liu Bang (刘邦 256 AC – 195 DC), o emperador fundador da Dinastia Han, era um grande fã do *cuju*. Assistir ao *cuju* era, aliás, não só o passatempo favorito dos emperadores Han, mas também uma prática bastante popular tanto entre as elites, quanto no povo.

Havia duas formas de se praticar o *cuju*: performance e competição. Na primeira, o praticante se exibia chutando a bola e fazendo uma performance acompanhado de música. Já a segunda maneira, tinha seis jogadores de cada lado e o campo tinha seis buracos ("espaços da bola"), que eram protegidos pelos defensores, pois o objetivo do jogo era chutar a bola para dentro de um dos buracos (CHUNJIANG, 2008, p. 32).

Durante a Dinastia Han, as bolas eram "exóticas esferas de brocado de seda", preenchidas com penas ou cabelo (SIMONS, 2008, p. 46). Séculos depois, uma inovação faria com que o *cuju* se popularizasse ainda mais. Foi nos tempos da Dinastia Tang (618-907), "quando um empreendedor recheou a bola de seda do jogo com uma bexiga inflada" (SIMONS, 2008, p. 47). Também durante a Dinastia Tang o jogo passou a ser disputado com um único gol, em que cada time ficava de um lado do gol e ganhava a partida aquele que marcasse mais gols (CHUNJIANG, 2008, p. 33).

Registros históricos demonstram que o *cuju* também era muito popular no período da Dinastia Song (960–1279), a era mais avançada tecnologicamente na China Antiga. É desta época a criação do primeiro clube de *cuju* (SIMONS, 2008, p. 48). A nobreza, a família imperial e mesmo dois imperadores da Dinastia Song praticavam o *cuju*. Nesta altura, havia 40 formas de produzir uma bola (CHUNJIANG, 2008, p. 35).

Não há como precisar quando o *cuju* deixou de ser praticado na China. Acredita-se que tenha sido durante a Dinastia Qing, após a ocupação da China por parte dos Manchus. Eles tentaram fazer uma forma adaptada de *cuju* no gelo e a dificuldade de praticar esta variante do esporte fez com que, com o passar do tempo, ele deixasse de ser jogado (CHUNJIANG, 2008, p. 37).

Como foi dito anteriormente, Giulianotti acredita que o *cuju* dá à China o "mais convincente argumento para a mais antiga história do futebol" (GIULIANOTTI, 2010, p. 15).

Um argumento referendado pela FIFA, que reconheceu oficialmente o *cuju* como a origem primitiva do futebol em 2004. A cidade de Zebo, distrito de Linzi, na província de Shandong, passou a ser considerada o berço histórico do futebol.

O futebol moderno chega à China

Após o desaparecimento do *cuju* durante a Dinastia Qing, o futebol somente ressurgiria na China no Século 19, já em sua versão moderna, sob as codificações da Federação Inglesa (FA). Hong Kong, território ocupado pelos ingleses após a Primeira Guerra do Ópio (1839-1842), seria a porta de entrada desta vesão do esporte. De Hong Kong o futebol chegaria a Xangai, Pequim e outros lugares (JINXIA; MANGAN, 2001). Segundo Simons, o primeiro jogo de futebol moderno que se tem registro na China ocorreu em 1879, em partida que envolveu o Xangai Athletic Club e o Engineers XI (SIMONS, 2008, p. 157).

Em 1887, seria fundado o Xangai Football Club, uma reunião de times amadores daquela cidade, que em 1907 ganharia a primeira liga dedicada ao futebol (SIMONS, 2008, p. 157). No início do Século 20, o futebol se espalharia por várias cidades chinesas, com ligas surgindo principalmente em cidades litorâneas – o que se compreende, uma vez que as relações comerciais, mais do que os vínculos imperiais, serviram de meio de propagação do futebol pelo mundo e na China não foi diferente (GIULIANOTTI, 2010, p. 21). Foi assim que Tianjin, Qindao e Guangzhou, por exemplo, viram surgir seus primeiros clubes e suas ligas de futebol (SIMONS, 2008, p. 158).

Percebendo a expansão do futebol no país, principalmente por intermédio de estrangeiros, mas havendo cada vez mais adesão de chineses, o governo nacionalista decidiu estabelecer a Associação Chinesa de Futebol em 1924 (SIMONS, 2008, p. 158).

A difusão do futebol, contudo, seguia limitada a um círculo restrito da população chinesa. Era um jogo basicamente da classe média, de estudantes universitários e de escolas secundaristas (JINXIA; MANGAN, 2001; SIMONS, 2008, p. 159), além de empresários que tinham relações comerciais “com os portos controlados por tratados estrangeiros” (SIMONS, 2008, p. 159).

Entretanto, o desenvolvimento do futebol na China, na primeira metade do Século 20, seria prejudicado pela instabilidade política vivida no país. A guerra civil entre Comunistas e Nacionalistas foi deflagrada em 1927, sendo interrompida apenas em 1937, na altura da invasão japonesa. Seguiram-se oito anos de luta contra os invasores japoneses. Quando os chineses expulsaram as tropas do Japão do país, logo depois foi retomada guerra civil, que só se encerraria em 1949, com o triunfo dos Comunistas. Estes conflitos afetaram, evidentemente, a prática do futebol na China, uma vez que, com o país em constantes batalhas, o futebol não firmou raízes junto entre o povo (JINXIA; MANGAN, 2001; SIMONS, 2008, p. 159).

A proclamação da República Popular da China, em 1º de outubro de 1949, inauguraria uma nova etapa na evolução do futebol no país. Como veremos na próxima seção.

O futebol na República Popular da China

Após o triunfo sobre o Partido Nacionalista (KMT), em 1949, o Partido Comunista pôs fim à guerra civil e estabeleceu, como dito anteriomente, a República Popular da China (RPC). No dia 1º de outubro, quando foi estabelecida a nova república chinesa, houve uma partida de futebol comemorativa. Como dito na introdução, o futebol era visto como um símbolo de modernidade e o novo governo pretendia que os esportes modernos caracterizassem a China. Não foi por acaso, portanto, que vários membros do Partido Comunista e do governo da RPC tenham marcado presença no jogo festivo. E já em 1951 foi organizada a primeira competição nacional de futebol (GINEPRINI, 2016, p. 25; JINXIA; MANGAN, 2001).

Desde a implementação da RPC, o governo chinês tem utilizado os esportes para suas relações internacionais. A começar pela "sovietização do esporte" do país nos anos 1950 (fundamental no estabelecimento dos contatos com a União Soviética e os países do Leste Europeu); passando, no período pós-rompimento das relações sino-soviéticas, pelos Jogos das Novas Forças Emergentes (GANEFO) – através do GANEFO a China visava reforçar sua liderança no Terceiro Mundo, como alternativa às potências dos Estados Unidos e União Soviética; pela "diplomacia do pingue-pongue" (que permitiu a reaproximação com os Estados Unidos em um período de tensão nas relações sino-soviéticas); até a estratégia olímpica e a busca pela glória nos Jogos Olímpicos (HONG; ZHOUXIANG, 2012a, 2012b, 2012c, 2012d), para citar alguns exemplos.

Como referenciado acima, os esportes na China serviram de instrumento político e social. Nos primeiros anos da RPC, houve de imediato o que ficou conhecido como a "sovietização do esporte". Em fevereiro de 1950, ou seja, poucos meses depois do estabelecimento da RPC, foi assinado o "Tratado de Amizade, Aliança e Assistência Mútua Sino-Soviético". A China tinha a União Soviética como o país comunista mais desenvolvido e, portanto, um modelo para o seu desenvolvimento.

Por essa razão, nos anos 1950, após visita de delegação chinesa a Moscou, o então Ministro do Esporte He Long, que havia liderado a viagem, deu palestra em seu país sobre como o modelo soviético para o esporte representava uma grande força na construção da sociedade comunista. Argumentando que a China deveria aprender com o exemplo da União Soviética, adotou-se a filosofia soviética dos esportes, dividindo-os em dois grandes setores: de massa (a prática desportiva como forma de treinar as massas para serem saudáveis e aptas para a defesa do país e para o trabalho) e de elite planejado para formar atletas para as grandes competições internacionais. A sovietização do esporte chinês teve papel fundamental no estabelecimento dos contatos e das relações da RPC não apenas com a União Soviética, mas também com os países do Leste Europeu (HONG; ZHOUXIANG, 2012a).

O futebol não esteve alheio a esse processo pelo qual passou o esporte no país. Como mencionado anteriormente, já em 1951, no mês de dezembro daquele ano, houve a primeira edição do Campeonato Nacional de Futebol, realizado em Tianjin, contando com a participação de oito times: seis representando as maiores áreas administrativas (Sul, Norte, Leste, Oeste, Nordeste e Noroeste), além dos times do exército e da associação ferroviária (GINEPRINI, 2016, p. 25; JINXIA; MANGAN, 2001). Em 1952, criou-se a Comissão Nacional do Esporte, órgão do Estado responsável pela formulação e execução de políticas relacionadas ao desporto (JINXIA; MANGAN, 2001).

A sovietização do esporte chinês, conforme dito anteriormente, também serviu para o estabelecimento de relações diplomáticas e trocas de experiências culturais com países comunistas. A Hungria, campeã olímpica em 1952, enviou especialistas à China para darem palestras sobre futebol e sua seleção também visitou o país para fazer alguns jogos de exibição (JINXIA; MANGAN, 2001). Em 1954, ano em que os "Mágicos Magiares" foram vice-campeões do Mundo, uma delegação de 25 jogadores chineses foi para a Hungria, em um intercâmbio de treinos que durou um ano e meio (HONG; ZHOUXIANG, 2012a; JINXIA; MANGAN, 2001).

Em 1958, havia 154 clubes de futebol no sistema nacional de competição e a seleção chinesa disputou 65 jogos internacionais, vencendo 30, empatando 16 e perdendo 19 (JINXIA; MANGAN, 2001). A Revolução Cultural (1966-1976), entretanto, representou uma regressão em todos os esportes de alto rendimento. Convencido de que Liu Shaoqi, então presidente da RPC e seu sucessor na liderança no Partido Comunista, havia implementado medidas revisionistas e capitalistas, Mao Tsé-Tung decidiu que o Partido deveria salvaguardar a revolução, expurgando todas as práticas revisionistas em todas as esferas. O esporte não escapou. Para o líder do Partido Comunista, o Ministro do Esporte He Long, próximo a Liu Shaoqi, havia adotado a ideologia burguesa nos esportes. Por isso, o Ministério do Esporte se tornou um escritório do quartel-general do exército. Oficiais e soldados do Exército Popular de Libertação substituíram os responsáveis pela administração dos esportes. 47 equipes de futebol provinciais deixaram de existir, 1124 jogadores e 115 treinadores tiveram que trabalhar em fábricas ou lojas (HONG; ZHOUXIANG, 2012b; JINXIA; MANGAN, 2001).

Em 1979, já sob a liderança de Deng Xiaoping, a China voltou aos organismos internacionais de esportes, como o Comitê Olímpico Internacional (COI) e a Federação Internacional de Futebol (FIFA) (HONG; ZHOUXIANG, 2012e; JINXIA; MANGAN, 2001). O país havia rompido com COI, FIFA e outras nove federações internacionais em agosto de 1958, na sequência da questão das "duas Chinas", por não aceitar o reconhecimento de Taiwan como China Formosa (HONG; ZHOUXIANG, 2012a).

Assim que retornou ao Comitê Olímpico Internacional em 1979, a China estabeleceu uma "estratégia olímpica", que foi implementada a partir dos anos 1980 (HONG; ZHOUXIANG, 2012e). Introduzida pelo Ministério do Esporte, a estratégia foi aprofundada nos anos 1990 e 2000, após os maus resultados nos Jogos de Seul (1988), quando houve a implementação do sistema de esporte de alta competição que os chineses denominaram 'Juguo Tizhi' (举国体制), em mandarim, que em português significa 'todo o país apoia o

esporte de alta competição'. Este sistema visou canalizar o máximo de recursos possível para os Jogos Olímpicos. O governo chinês, por sinal, sempre fez questão de enfatizar a importância política do sucesso do projeto olímpico do país (HONG; ZHOUXIANG, 2012f).

O futebol também passou por reformas nos anos 1980, mas a mais significativa de todas aconteceria nos anos 1990. Após a sua reabertura para o mundo, no fim dos anos 1970, a China passou por diversas transformações até a implementação da chamada "economia socialista de mercado", ou "socialismo de mercado" em 1992 (CHEN et al., 2017; GONG; CORTESE, 2017). O futebol foi o primeiro esporte a passar por uma reforma que adaptasse sua estrutura organizacional ao "socialismo de mercado" (HONG; ZHOUXIANG, 2013; JINXIA; MANGAN, 2001). E isso aconteceu logo depois que a seleção nacional fracassou em se classificar para os Jogos Olímpicos de 1992.

Na esteira desta reforma, em 1994, surgiu o primeiro campeonato profissional do país. Foi criada uma liga de futebol com duas divisões, Jia A e Jia B. A competição experimentou um breve período de sucesso comercial (inclusive com contratos com multinacionais estrangeiras que patrocinavam o campeonato) e também de popularidade – a média de público chegou a ultrapassar a casa dos 20 mil espectadores.

A liga chinesa, porém, enfrentou diversas adversidades. Principalmente os sucessivos escândalos de corrupção e esquemas de jogos com resultados viciados. As denúncias partiram inicialmente do jornal Shenyang Evening Post e logo repercutiram em grandes jornais de todo o país (HONG; ZHOUXIANG, 2013). Isso fez com que a credibilidade da competição se esvaísse, fazendo com que patrocinadores e os espectadores perdessem interesse. As autoridades chinesas intervieram, prenderam dirigentes, jogadores e árbitros envolvidos nos escândalos. Em 2002, foi iniciada uma nova reforma e em 2004 criou-se a Super Liga Chinesa. Porém, entre 2009 e 2010 eclodiram novos casos de apostas e subornos, minando a credibilidade da competição. Após várias tentativas frustradas de combate às fraudes no futebol, o ano de 2011 é apontado como o paradigma de uma nova fase do futebol profissional do país (HONG; ZHOUXIANG, 2013; JINXIA; MANGAN, 2001).

Em meio às questões internas da organização do futebol nacional, a seleção chinesa disputou sua primeira Copa do Mundo em 2002. Perdeu para Costa Rica (2x0), Brasil (4x0) e Turquia (3x0), voltando para casa sem ter marcado um único gol. Portanto, em que pese ter sido o primeiro desporto a ser profissionalizado na China, e de seu desenvolvimento nos últimos anos, o futebol chinês tem representado não só uma decepção, como por vezes expõe o sentimento do orgulho nacional a vexames como a derrota por 5 a 1 para a Tailândia, em seu próprio território, em junho de 2013 (GIULIANOTTI, 2015; HONG; ZHOUXIANG, 2013; TAN et al., 2016).

Por essa razão, o governo chinês resolveu apostar em mais uma grande reforma de reestruturação de toda estrutura do futebol do país, lançando, em 2016, o audacioso plano de desenvolvimento.

O ambicioso plano de desenvolvimento

O plano de desenvolvimento do futebol (中国足球中长期发展规划 [2016—

2050年]) apresenta uma estratégia de política pública formulada e implementada pelo Governo Chinês com abrangência que vai desde o sistema educacional (aumento da carga horária de educação física nas escolas, com ênfase no futebol), passando pelo estímulo à prática do futebol como questão de saúde pública (visando o bem-estar físico e mental dos jovens, bem como o fortalecimento da qualidade física das massas), a promoção de intercâmbio cultural e diplomático com outras nações, até o objetivo de fazer do futebol a mola propulsora do desenvolvimento de toda a indústria desportiva do país, para que esta se torne um setor relevante na economia nacional, ajudando a que o país continue a crescer e prosperar. Além, claro, da principal ambição de todas que é ver a China se sagrar campeã do mundo e se consolidar como uma das maiores potências do cenário mundial (CHINA'S NATIONAL DEVELOPMENT AND REFORM COMMISSION, 2016).

Para isso, o plano, originalmente, estabelecia-se em três etapas:

- Até 2020: 20 mil escolas especializadas em futebol, 70 mil campos de futebol, entre 30 a 50 milhões de estudantes do ensino básico e secundário praticando o desporto.

- Até 2030: 50 mil escolas especializadas em futebol, a seleção chinesa masculina ser uma das melhores da Ásia, e a seleção feminina estabelecida como de "classe mundial".

- Até 2050: seleção de primeiro escalão no futebol mundial (masculino), no top-20 do ranking da FIFA, tendo sediado e vencido uma Copa do Mundo.

Já em 2017, o Diário do Povo (人民日报), jornal oficial do Partido Comunista Chinês, publicou que as autoridades do desporto da China haviam alterado as metas originais. Uma mudança ainda mais ambiciosa. Ao invés de se esperar até 2030 para que existam 50 mil escolas especializadas em futebol, o objetivo é que essa marca esteja alcançada já em 2025 (PEOPLE'S DAILY, 2017).

Na visão chinesa, essa seria uma forma de auxiliar o desenvolvimento da economia, sociedade e cultura. No aspecto econômico, por exemplo, um dos objetivos é que em cinco anos a indústria desportiva do país gere US$ 460 bilhões (THE STATE COUNCIL, 2016) e que em 2025 chegue a valores que rondem US$ 813 bilhões (NIELSEN SPORTS, 2016). A título comparativo, de acordo com estimativa da Plunkett Research, a indústria desportiva mundial movimentou cerca de US$ 1,5 trilhão em 2015, sendo US$ 498,4 bilhões apenas nos Estados Unidos. (PLUNKETT RESEARCH, 2016). Ou seja, os chineses pretendem, em cinco anos, possuir uma indústria desportiva que se aproxime do tamanho atual do mercado dos Estados Unidos.

O sonho chinês e de seu presidente Xi Jinping também se inserem em estratégias geopolíticas do país, como o próprio plano atesta, ao se referir a relações diplomáticas e intercâmbio cultural. Em 2008, após sediar os Jogos Olímpicos de Pequim, a China acredita que foi capaz de mostrar ao mundo o seu desenvolvimento e que conseguiu se colocar como

uma potência mundial: econômica e desportiva. "A imagem de uma nação altamente moderna, eficiente e crescentemente próspera", (GIULIANOTTI, 2015).

Inclusive, em relação aos Jogos Olímpicos de 2008 em Pequim e o contexto geopolítico, é curioso notar que Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul, países emergentes, que após o crescimento econômico nos anos 2000 estabeleceram o grupo que ficou conhecido por seu acrônimo em inglês BRICS, consolidando o (re)posicionamento desses países no cenário econômico global, especialmente no que diz respeito à influência geopolítica, sediaram megaeventos esportivos.

Ou seja, o reposicionamento destes países também se verificou no contexto geopolítico desportivo. Pequim, a capital chinesa, recebeu os Jogos Olímpicos de Verão em 2008 e vai organizar os Jogos de Inverno em 2022. A Índia promoveu os Jogos da Commonwealth em 2010 (Deli). No mesmo ano, a África do Sul se tornou o primeiro país africano a sediar a Copa do Mundo FIFA. Em um período de dois anos, o Brasil teve em seu território os dois maiores megaeventos desportivos do planeta: Copa do Mundo FIFA 2014 e Jogos Olímpicos de Verão 2016 (Rio de Janeiro). A Rússia, por fim, organizou os Jogos Olímpicos de Inverno 2014 (Sochi) e vai receber a próxima edição da Copa do Mundo FIFA, em 2018.

Não se trata de uma coincidência, nem muito menos de algo fruto do acaso. Apesar de reconhecidos como forças emergentes no cenário econômico mundial, esses países viram no esporte, principalmente na organização de megaeventos esportivos, a oportunidade de demonstrar de forma mais evidente não apenas pujança econômica, mas, também, de projetarem a nível mundial outra estatura perante a comunidade global. Um novo contexto na estrutura hierárquica da geopolítica desportiva como uma possibilidade de se firmarem como potências na arena internacional. (ALMEIDA; MARCHI JÚNIOR; PIKE, 2013; CORNELISSEN, 2010; GRIX; LEE, 2013).

É neste sentido que nos parece se inserir este ambicioso plano de desenvolvimento chinês e o sonho de se tornar potência do futebol mundial.

Futebol e soft power

O esporte de alta competição há muito que tem sido usado como uma ferramenta ideológica. Por essa razão, tem servido aos interesses políticos, tornando-se, assim, uma importante arena para políticas públicas (KORNEEVA; OGURTSOV, 2016). O uso político do esporte, como visto em seção anterior deste artigo, não é uma novidade na China. Desde a proclamação da República Popular da China, o Estado chinês recorreu, em diversas ocasiões, ao esporte como um instrumento político.

No entendimento de Giulianotti (2015), os "megaeventos esportivos podem ser considerados uma das mais poderosas manifestações contemporâneas da globalização". Isto porque, segundo este sociólogo, os megaeventos esportivos têm reflexos nas esferas econômica, social e política. Em termos econômicos, Giulianotti alude às cifras bilionárias

envolvidas nestes torneios e a possibilidade de as cidades e países que sediam os eventos poderem "se vender". No que tange à questão social, o pesquisador recorda que estas competições são acompanhadas por bilhões de pessoas em todo o planeta. Por fim, o aspecto político, uma vez que "estes eventos atraem políticos de todo o mundo, particularmente nas cerimónias de abertura" (GIULIANOTTI, 2015). Por essa razão, a organização de megaeventos esportivos podem servir como instrumento de 'soft power' (GIULIANOTTI, 2015; KORNEEVA; OGURTSOV, 2016; MANGAN; OK; KWAK, 2013).

'Soft power' é um conceito introduzido por Joseph Nye, que, ao descrever as relações de poder, definiu que "poder é a habilidade de influenciar as outras pessoas para se conseguir os resultados que se deseja, o que pode ser feito através da coerção, do pagamento ou da atração" (NYE, 2012). Em contraponto ao "poder duro", que se caracterizaria pela coerção (força militar) ou do pagamento (força econômica), haveria o 'soft power' ("poder brando"). "Um país pode obter os resultados que deseja na política internacional porque outros países – admirando seus valores, emulando seu exemplo e aspirando ao seu nível de prosperidade – vai querer segui-lo" (NYE, 2004). E na literatura alguns autores têm abordado a relação do esporte com o 'soft power' (BRANNAGAN; GIULIANOTTI, 2015; BRANNAGAN; ROOKWOOD, 2016; CHARI, 2015; CHEN; COLAPINTO; LUO, 2012; DELGADO, 2016; GIULIANOTTI, 2015; GRIX; LEE, 2013; KORNEEVA; OGURTSOV, 2016; KRZYZANIAK, 2016).

O Qatar é um bom exemplo do recurso ao futebol como instrumento de 'soft power'. Desde o dia 2 de dezembro de 2010, quando conquistou o direito de sediar a Copa do Mundo FIFA 2022, aquele emirado tem estado no centro das atenções do futebol mundial. A candidatura catari se inseriu dentro de um plano estratégico do país que tem no desporto e nos megaeventos desportivos o principal elemento para mudar sua imagem perante a opinião pública internacional (BRANNAGAN; GIULIANOTTI, 2015; BRANNAGAN; ROOKWOOD, 2016; REICHE, 2014). Segundo analistas, mais do que fazer do país uma referência desportiva, a intenção das autoridades do Qatar é dissociar a imagem do emirado da ideia de ser um estado financiador do terrorismo (SAMUEL-AZRAN et al., 2016).

Entretanto, o exercício do 'soft power' no esporte não ocorre apenas na organização dos megaeventos esportivos. Ao aliar os mecanismos de 'soft power' com as técnicas de marketing para criar uma marca ("branding") de uma nação e assim mudar a visão da opinião pública internacional - "nation branding" (KRZYZANIAK, 2016). No mesmo sentido, Freeman (2012) explica que as nações utilizam esse recurso como forma de construir e gerir suas reputações, acrescenta, ainda, que essa é uma forma de 'diplomacia pública suave', que serve para os estados não apenas para os estados se tornarem atrativos para os estrangeiros como também para os seus cidadãos.

O Qatar é, novamente, um bom exemplo de caso de recurso ao 'nation branding' como forma de soft power. Primeiro através da Fundação do Qatar e atualmente por intermédio da Qatar Airways (uma empresa estatal, detida em sua integralidade pelo Fundo Soberano do Qatar), patrocina o Barcelona, um dos mais emblemáticos clubes do mundo. Em 2011, a Autoridade de Investimento do Qatar comprou o Paris Saint-Germain

(KRZYZANIAK, 2016). Basta ver a repercussão internacional da contratação de Neymar, que ocorreu justamente em um período que o Qatar sofreu o corte das relações diplomáticas dos vizinhos Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos, Egito e Bahrein.

Fazer da China uma potência do futebol mundial pode ser uma boa maneira de promover a imagem do país, e enquanto tenta cumprir este objetivo audacioso o Estado chinês encontra no esporte mais popular do mundo um recurso para criar ou estreitar laços diplomáticos e/ou comerciais com outras nações.

Identidade e orgulho nacional

Hobsbawm escreveu que "a imaginária comunidade de milhões, parece mais real na forma de um time de onze pessoas com um nome. O indivíduo, mesmo aquele que apenas torce, torna-se o próprio símbolo de sua nação" (HOBSBAWM, 1991, p. 171). Como observa Duerr (2016), o historiador recorre ao termo de Benedict Anderson – "comunidade imaginária" – para fundamentar que a ideia de que as pessoas que vivem em um mesmo país estão ligadas umas às outras, mesmo sem nunca se conhecerem, se torna mais latente quando a seleção nacional de futebol entra em campo. Em outra obra, Hobsbawm volta a ressaltar o que considera poder catalisador do futebol. "Praticamente desde que adquiriu um público de massa, esse esporte [futebol] tem sido o catalisador de duas formas de identificação grupal: a local (com o clube) e a nacional (com a seleção nacional, composta com os jogadores dos clubes)" (HOBSBAWM, 2007, p. 92).

Nesse sentido, corrobora Freeman (2012), quando diz que megaeventos esportivos como a Copa do Mundo FIFA têm vários elementos de rituais nacionalistas, como a execução dos hinos nacionais ou quando um jogador beija o escudo da seleção nacional ao comemorar um golo.

Isto nos ajuda a compreender o que levou nove milhões de holandeses, então cerca de 60% da população da Holanda, às ruas em uma noite de terça-feira, em 21 de junho de 1988. A maior celebração popular desde a libertação da Alemanha em 1945 aconteceu justamente após uma vitória da seleção holandesa de futebol por 2 a 1 sobre a seleção alemã, na meia-final da UEFA Euro 1988. O triunfo, em solo alemão, fez com que milhões de jovens – a geração que sequer sofreu com a invasão alemã foi mais efusiva do que aquela que viveu o tenebroso período da guerra – gritassem nas vias públicas – "nós pegamos nossas bicicletas de volta" (as tropas alemãs confiscavam as bicicletas durante a ocupação à Holanda) (WARD, 2009).

Quem também trata da importância do futebol na formação da identidade nacional é o antropólogo Roberto DaMatta. Ao comparar o Brasil com países europeus e os Estados Unidos, DaMatta observa que estes tinham como fontes de identidade social instituições consolidadas como a constituição, a história política, a ordem financeira, o sistema universitário, ao passo que o Brasil, na ausência de estruturas políticas e social, formou sua identidade a partir de fontes secundárias, como carnaval, samba, religiosidade e futebol (como citado em LOVISOLO; SOARES, 2011).

Outros autores, como Cha (2016), reforçam a ideia de que o esporte tem sido usado na construção da identidade nacional. E este autor dá como exemplo da seleção olímpica das Alemanhas unificadas, que nos Jogos de 1956, 1960 e 1964, apesar de todas as diferenças e do clima da Guerra Fria, disputaram as competições sob a mesma bandeira. Alemanha, por sinal, que utilizou a Copa do Mundo FIFA 2006 para mudar a imagem negativa, por conta das duas guerras mundiais e do Holocausto, perante do mundo, ao mesmo tempo em que experimentou um eufórico sentimento de nacionalismo (KERSTING, 2007; SAMUEL-AZRAN et al., 2016; WARD, 2009).

Não é por acaso, portanto, que em seu "Plano de desenvolvimento do futebol a médio e longo prazo (2016-2050)" o Estado chinês ressalte que o "futebol é um esporte de influência mundial" e que "a realização do sonho de se tornar uma potência do futebol" seria uma demonstração inequívoca do "grandioso rejuvenescimento da nação chinesa" e um motivo de "orgulho nacional" (CHINA'S NATIONAL DEVELOPMENT AND REFORM COMMISSION, 2016, p. 3).

Para Giulianotti "o futebol é uma das grandes instituições culturais, como a educação e os meios de comunicação de massa, que forma e consolidam identidades nacionais no mundo inteiro" (GIULIANOTTI, 2010, p. 42). Foi o caso da seleção de futebol do Kosovo. Ao entrar em campo pela primeira vez, no dia 5 de março de 2014, para um jogo amigável com a seleção do Haiti, a sensação que seu povo teve foi de como se, finalmente, a sua nação estivesse reconhecida. E foi precisamente o futebol que deu aos kosovares o senso de reconhecimento internacional à sua identidade nacional (BRENTIN; TREGOURES, 2016).

Sentimento que se coaduna com a proposta chinesa, que diz pretender "revitalizar e desenvolver o futebol" por ser "uma ardente expectativa do povo", e acrescenta que isso ocorre porque este desenvolvimento "cultiva nas pessoas saúde física e psicológica e excelente cultura" (CHINA'S NATIONAL DEVELOPMENT AND REFORM COMMISSION, 2016, p. 1).

Estado e mercado

Desde o lançamento do plano de desenvolvimento do futebol, grandes conglomerados chineses como Alibaba, Dalian Wanda Group, Jiangsu Suning e Fosun, para citar apenas alguns exemplos, têm investido tanto no mercado nacional, como no exterior (CHADWICK; WIDDOP; PARNEL, 2017; CHADWICK; WIDDOP; PARNELL, 2016).

Clubes como os gigantes italianos AC Milan e Internazionale ou o tradicional Aston Villa (sete vezes campeão inglês e detentor de um título europeu) agora pertencem a grupos chineses. 13% do Manchester City, clube inglês de propriedade da Abu Dhabi United Group, foram adquiridos pela China Media Capital.

No mercado interno, as contratações de jogadores estrangeiros, com valores de transferências muitas vezes bastante inflacionados e salários elevadíssimos, foram o que

mais chamaram a atenção. De repente a Super Liga Chinesa passou a estar no centro das atenções do futebol mundial.

Foram precisamente os elevados investimentos em contratações de jogadores estrangeiros, principalmente no mercado europeu, que espantaram o mundo do futebol. De acordo com o relatório da Transfer Matchings Systems/FIFA de 2017, os clubes chineses haviam gasto US$ 168,3 milhões em transferências em 2015, o que representava 10,3% a mais do que os gatos de todos os outros clubes da Confederação Asiática de Futebol (AFC) juntos. Em 2016, os gastos saltaram para US$ 451,3 milhões (168,2% a mais do que no ano anterior), o correspondente a 344,4% a mais do que todo o restante da Ásia. Com esses números, passou do 20º lugar que ocupava em 2013 no ranking de gastos de transferências para a quinta posição em 2016 (FIFA/TMS, 2017). Somente no mercado de transferências do inverno de 2017 foram gastos 388 milhões de euros (US$ 411 milhões).

Em dois momentos distintos, entretanto, o governo chinês interveio, com o objetivo de controlar os gastos que considera excessivos por parte, principalmente, dos clubes da Super Liga Chinesa.

Em janeiro de 2017, a Administração Geral do Desporto da China, acusando os clubes de "queimarem dinheiro e pagarem salários muito elevados a jogadores estrangeiros", manifestou sua intenção de limitar os gastos dos clubes profissionais (CHADWICK, 2017). Logo a seguir, a Associação Chinesa de Futebol mudou o regulamento do limite de jogadores estrangeiros por time. Ao invés da regra de 3+1 (três estrangeiros mais um asiático) por jogo, passou a apenas três estrangeiros em cada partida (independentemente da nacionalidade), além da obrigação de escalar um chinês sub-23 no 11 titular (WILSON, 2017). Já em maio de 2017, a CFA publicou a implementação de um imposto que recai sobre o valor de transferência de jogadores estrangeiros: 100% sobre o valor que pagar pelo atleta.

A janela de transferências do verão de 2017 – a primeira sob a vigência do novo imposto – corroborou a expectativa de refreamento dos clubes chineses no mercado internacional. O que se viu foram transferências no mercado interno e, no que tange a jogadores estrangeiros, vários retornos de empréstimos.

Entretanto, na janela de transferências do inverno de 2018, que se encerrou recentemente, o Dalian Yifang contratou o argentino Nicolas Gaitán e o belga Yannick Carrasco ao Atlético de Madrid, além do português José Fonte, que atuava no West Ham. O Dalian foi adquirido há pouco tempo pelo bilionário Wang Jianlin, proprietário do Wanda Group. Os valores das transferências não foram revelados, mas certamente não se comparam ao que o Shanghai SIPG pagou pelos brasileiros Hulk (45 milhões de euros) e Oscar (60 milhões de euros).

Ou seja, as intervenções do estado chinês tiveram efeitos no cenário do mercado interno do futebol no país. Essas intervenções governamentais demonstram, também, a preocupação que o Estado tem como sua estratégia para o futebol. Tentar fazer com que os clubes profissionais se tornem rentáveis, promover a integração de jovens jogadores nacionais nas equipes são medidas que visam fomentar o desenvolvimento das categorias de base e, assim, a formação de novas gerações de atletas.

Conclusão

Como vimos neste artigo, o recente "Plano de desenvolvimento do futebol a médio e longo prazo (2016-2050)" (中国足球中长期发展规划 [2016—2050年]) não é a primeira tentativa da China em se colocar no primeiro plano internacional do esporte mais popular do planeta. A diferença, entretanto, é que desta vez, pelo que foi exposto, as autoridades públicas do país têm demonstrado um empenho ainda maior para que seus objetivos sejam alcançados.

O *cuju* (蹴鞠), reconhecido pela FIFA em 2004 como a origem do futebol, foi praticado na China desde os tempos antes de Cristo até o século 17, passando pelas Dinastias Han, Tang, Song e Qing. Porém, esta prática desapareceu com a chegada dos Manchus ao país.

A forma moderna do jogo, o futebol como o conhecemos nos dias atuais, chegou à China no Século 19, através de Hong Kong, tendo o primeiro jogo sido realizado em Xangai em 1879. A história do futebol no "Reino do Meio", contudo, tem sido marcada por várias adversidades. Quando começou a se popularizar no início do Século 20, vieram a guerra civil, a invasão japonesa e novamente a guerra civil. Quando voltava a se expandir nos primeiros anos da República Popular, veio a Revolução Cultural, que fez com que todos os esportes de alta competição regredissem.

Ao contrário dos esportes olímpicos, que, com a estratégia olímpica implementada nos anos 1980, prosperou e fez da China uma potência mundial, o futebol não evoluiu. A profissionalização e comercialização do futebol, na esteira das reformas do "socialismo de mercado", que culminou com a criação da liga profissional em 1994, em um primeiro momento foi bem sucedida, com multinacionais internacionais patrocinando a competição e média de público acima dos 20 mil torcedores. Porém, escândalos de corrupção e combinações de resultados, por exemplo, minaram a credibilidade da competição. A partir de 2011, a Super Liga Chinesa passou ser vista com uma imagem mais positiva, reconquistando a confiança de investidores e dos torcedores.

Mas, no país em que 237 milhões de pessoas afirmam que o futebol é o seu esporte favorito (SCHMIDT, 2018), é evidente que há um potencial enorme para o desenvolvimento. Em abril de 2016, o governo chinês lançou um Plano com objetivos a médio e longo prazo, visando a transformar o futebol do país em uma potência mundial até 2050.

Neste artigo, analisamos alguns aspectos deste Plano, procurando questionar os interesses que sustentam o "sonho chinês" do futebol. Vimos que as aspirações geopolíticas e o futebol como instrumento de soft power podem nos ajudar a compreender o porquê da China estar investindo tanto no futebol e ter implementado uma política pública específica para este fim. Bem como o reforço da identidade e orgulho nacional. Tudo isso, claro, contando com a iniciativa privada, mas sem que o Estado deixe de monitorar e intervir quando acha necessário impor limites, para que seu Plano seja executado conforme

idealizado.

Entendemos que o contributo deste artigo se encontra precisamente no fato de analisar não apenas a estratégia chinesa para o futebol sob uma perspectiva diferente, mas o próprio futebol em si e suas conexões com a política, geopolítica, cultura e economia. Tendo consciência de que não se trata de um tema esgotado, principalmente tendo em consideração que o Plano chinês tem como meta final o ano de 2050.

Artigo recebido em 09 mar. 2018.

Aprovado para publicação em 11 mai. 2018.

Referências

ALLISON, L.; MONNINGTON, T. "Sport, Prestige and International Relations". *Government and Opposition,* v. 37, n. 1, p. 106–134, jan. 2002.

ALMEIDA, B. S. DE; MARCHI JÚNIOR, W.; PIKE, E. "The 2016 Olympic and Paralympic Games and Brazil's soft power." *Contemporary Social Science,* v. 9, n. 2, p. 271–283, 2013.

BRANNAGAN, P. M.; GIULIANOTTI, R. "Soft power and soft disempowerment : Qatar , global sport and football ' s 2022 World Cup finals." *Leisure Studies*, v. 34, n. 6, p. 703–719, 2015.

BRANNAGAN, P. M.; ROOKWOOD, J. "Sports mega-events, soft power and soft disempowerment: international supporters' perspectives on Qatar's acquisition of the 2022 FIFA World Cup finals." *International Journal of Sport Policy,* v. 8, n. 2, p. 1–16, 2016.

BRENTIN, D.; TREGOURES, L. "Entering Through the Sport's Door? Kosovo's Sport Diplomatic Endeavours Towards International Recognition." *Diplomacy & Statecraft,* v. 27, n. 2, p. 360–378, 2016.

CHA, V. "Role of Sport in International Relations: National Rebirth and Renewal." *Asian*

Economic Policy Review, v. 11, n. 1, p. 139–155, 2016.

CHADWICK, S. *A rap on the knuckles, but no burst bubble*. Disponível em: <http://www.policyforum.net/rap-knuckles-no-burst-bubble/>. Acesso em: 24 jan. 2017.

CHADWICK, S.; WIDDOP, P.; PARNEL, D. *A feast for wolves.* Disponível em: <http://www.policyforum.net/a-feast-for-wolves/>. Acesso em: 6 jan. 2017.

CHADWICK, S.; WIDDOP, P.; PARNELL, D. *The guanxi of football.* Disponível em: <http://www.policyforum.net/the-guanxi-of-football/>. Acesso em: 6 jan. 2017.

CHARI, T. "Discursive Constructions of the Germany-Brazil Semi-Final Match During the Fifa 2014 World Cup: the Limits of Football As a Soft Power Resource." *Communicatio-South African Journal for Communication Theory and Research*, v. 41, n. 4, p. 405–422, 2015.

CHEN, C. C.; COLAPINTO, C.; LUO, Q. "The 2008 Beijing Olympics opening ceremony: Visual insights into China's soft power." *Visual Studies*, v. 27, n. 2, p. 188–195, 2012.

CHEN, X. et al. "Who provides the capital for Chinese growth : the public or the private sector ?" *Applied Economics,* v. 49, n. 23, p. 2238–2252, 2017.

CHINA'S NATIONAL DEVELOPMENT AND REFORM COMMISSION. Medium and Long-Term Plan of Chinese Football Development. [s.l: s.n.].

CHUNJIANG, F. *Origins of Chinese Sports.* 1. ed. Singapura: Asiapac Books, 2008.

CORNELISSEN, S. "The Geopolitics of Global Aspiration: Sport Mega-events and Emerging Powers." *The International Journal of the History of Sport,* v. 27, n. 16–18, p. 3008–3025, 2010.

DELGADO, D. R. L. "Opening Ceremonies of International Sports Events: The Other Face of Chinese Soft Power." *The International Journal of the History of Sport,* v. 33, n. 5, p. 1–17, 2016.

DUERR, G. M. E. "Civic integration or ethnic segregation? Models of ethnic and civic nationalism in club football/soccer." *Soccer & Society,* p. 1–14, 31 mar. 2016.

FIFA/TMS. *Global Transfer Market Report 2017.* [s.l: s.n.].

FREEMAN, K. "Sport as swaggering: utilizing sport as soft power." *Sport in Society,* v. 15, n. 9, p. 1260–1274, 2012.

GINEPRINI, N. *Il Sogno Cinese: storia ed economia del calcio in Cina.* 1. ed. [s.l.] Urbone Publishing, 2016.

GIULIANOTTI, R. *Sociologia do futebol – dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões.* São Paulo: Nova Alexandria, 2010.

GIULIANOTTI, R. "The Beijing 2008 Olympics: Examining the Interrelations of China, Globalization, and Soft Power." *European Review,* v. 23, n. 2, p. 286–296, 2015.

GONG, X.; CORTESE, C. "A socialist market economy with Chinese characteristics : The accounting annual report of China Mobile." *Accounting Forum*, v. 1978, n. August 2016, p. 1–15, 2017.

GRIX, J.; LEE, D. "Soft Power, Sports Mega-Events and Emerging States: The Lure of the Politics of Attraction." *Global Society,* v. 27, n. 4, p. 37–41, 2013.

HOBSBAWM, E. *Nações e Nacionalismo desde 1780*. Rio de Janeiro: Terra e Paz, 1991.

HOBSBAWM, E. *Globalização, democracia e terrorismo.* São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

HONG, F.; MANGAN, J. A. "Will the “Iron Roses” Bloom Forever? Women’s Football in China: Changes and Challenges." *Soccer & Society*, v. 4, n. 2/3, p. 47–66, 2003.

HONG, F.; ZHOUXIANG, L. "Representing the new China and the sovietisation of chinese sport (1949-1962)." *International Journal of the History of Sport,* v. 29, n. 1, p. 1–29, 2012a.

HONG, F.; ZHOUXIANG, L. "Sport in the Great Proletarian Cultural Revolution (1966-1976)." *International Journal of the History of Sport,* v. 29, n. 1, p. 53–73, 2012b.

HONG, F.; ZHOUXIANG, L. "China, the Asian Games and Asian politics (1974-2006)." *International Journal of the History of Sport,* v. 29, n. 1, p. 98–112, 2012c.

HONG, F.; ZHOUXIANG, L. "China's sports policy and politics in the post-Beijing Olympics era." *International Journal of the History of Sport,* v. 29, n. 1, p. 184–189, 2012d.

HONG, F.; ZHOUXIANG, L. 'Sports and politics in the 1980s: The Olympic strategy." **Th***e International Journal of the History of Sport,* v. 29, n. 1, p. 74–97, 2012e.

HONG, F.; ZHOUXIANG, L. "From Barcelona to Athens (1992-2004): "Juguo Tizhi" and China's quest for global power and Olympic glory." *The International Journal of the History of Sport,* v. 29, n. 1, p. 113–131, 2012f.

HONG, F.; ZHOUXIANG, L. "The Professionalisation and Commercialisation of Football in China (1993–2013)." *The International Journal of the History of Sport*, v. 30, n. 14, p. 1637–1654, 2013.

JINXIA, D.; MANGAN, J. A. "Football in the new China: political statement, entrepreneurial enticement and patriotic passion." *Soccer & Society,* v. 2, n. 3, p. 79–100, 2001.

KERSTING, N. "Sport and national identity: A comparison of the 2006 and 2010 FIFA World Cups™." *Politikon,* v. 34, n. 3, p. 277–293, 2007.

KORNEEVA, V. A.; OGURTSOV, E. S. "The Politicization of Sports as a Soft Power Public Resource." *Indian Journal of Science and Technology*, v. 9, n. 29, 2016.

KRZYZANIAK, J. S. "The soft power strategy of soccer sponsorships." *Soccer & Society*, v. 970, n. January, p. 0, 2016.

LOVISOLO, H.; SOARES, A. J. G. "Futebol: construção histórica do estilo nacional.'' In: HELAL, R. (Ed.). *Futebol, jornalismo e ciências sociais: interações.* 2. ed. Rio de Janeiro: Eduerj, 2011.

p. 33–51.

MANGAN, J. A.; OK, G.; KWAK, Y. M. *East Reflects on West, East Meets West!: South Korean Media Responses to London 2012The International Journal of the History of Sport Taylor & Francis, , 2013.* Disponível em: <http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/09523367.2013.842902>

NIELSEN SPORTS. *China and Football.* [s.l: s.n.].

NYE, J. S. *Soft Power: The Means to Success in World Politics*. 1. ed. New York: PublicAffairs, 2004.

NYE, J. S. "China and soft power." South African Journal of International Affairs, v. 19, n. 2, p. 151–155, 2012.

PEOPLE'S DAILY. *China to build 50,000 football schools by 2025.* Disponível em: <http://en.people.cn/n3/2017/0222/c90000-9181128.html>. Acesso em: 3 mar. 2017.

PLUNKETT RESEARCH. *Plunkett Research Sports Industry.* Disponível em: <https://www.plunkettresearch.com/statistics/sports-industry/>. Acesso em: 24 nov. 2016.

REICHE, D. "Investing in sporting success as a domestic and foreign policy tool: the case of Qatar." *International Journal of Sport Policy and Politics,* v. 6940, n. April 2015, p. 1–16, 2014.

SAMUEL-AZRAN, T. et al. "Promoting terror or sport? The case of Qatar's international image." *American Behavioral Scientist*, v. 60, n. 9, p. 1101–1115, 2016.

SCHMIDT, S. L. *Who is the Chinese soccer consumer and why do Chinese watch soccer?* Disponível em: <https://cpianalysis.org/2018/03/02/who-is-the-chinese-soccer-consumer-and-why-do-chinese-watch-soccer/>. Acesso em: 8 mar. 2018.

SIMONS, R. *Traves de bambu: como a China aprendeu a amar o futebol.* Rio de Janeiro: Record, 2008.

TAN, T.-C. et al. "Xi Jin-Ping's World Cup Dreams: From a Major Sports Country to a World

Sports Power." *The International Journal of the History of Sport,* v. 3367, n. November, p. 1–17, 2016.

THE STATE COUNCIL. *Chinese sports industry aims to reach $460b in 5-year plan*. Disponível em:<http://english.gov.cn/state_council/ministries/2016/05/05/content_281475342468190.htm>. Acesso em: 24 nov. 2016.

WARD, T. "Sport and national identity." *Soccer & Society,* v. 10, n. 5, p. 518–531, 2009.

WILSON, C. *Chinese FA over-ruled by goverment as foreign player limit abruptly cut to three*. Disponível em: <https://wildeastfootball.net/2017/01/chinese-fa-over-ruled-by-goverment-as-foreign-player-limit-abruptly-cut-to-three/>. Acesso em: 22 jan. 2017.

Representações sobre mulheres nos estádios de futebol

Gustavo Andrada Bandeira[1]
Fernando Seffner[2]

Representations of women in football stadiums

http://dx.doi.org/10.12660/rm.v9n14.2018.74098

[1] Doutor em Educação pela UFRGS, técnico em assuntos educacionais da UFRGS. E-mail: gustavoabandeira@yahoo.com.br
[2] Doutor em Educação (UFRGS), professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS, coordenador do Grupo de Estudos de Educação e Relações de Gênero GEERGE. E-mail: fernandoseffner@gmail.com

Resumo:

A legitimação masculina nos estádios de futebol faz com que suas práticas apareçam fora de questionamento. Esse conhecimento e essa legitimidade do lugar masculino nas práticas torcedoras nos estádios de futebol, do jornalismo esportivo e da atuação no futebol profissional lhes dão, também, a possibilidade de produzir representações sobre as mulheres que atuam nesse espaço. Neste trabalho, apresentamos representações sobre mulheres nos estádios de futebol. Como homens narram essa participação. Utilizamos falas da imprensa esportiva sobre a presença de mulheres no estádio e manifestação de torcedores quando da realização de uma etnografia na Arena do Grêmio. A maior presença de mulheres nos estádios de futebol acaba colocando algumas representações naturalizadas sobre gênero em questão.

Palavras-chave: gênero; representação; futebol; feminilidades; masculinidades.

Abstract:

Male legitimacy in football stadiums makes their practices appear out of question. These knowledge and legitimacy of the masculine place in the supporting practices in football fields, sports journalism and professional football also gives them the possibility of producing representations about the women who work at this space. In this work, we present representations about women in football fields. How men narrate this participation. We use sports press statements about the presence of women in the field as well as the manifestation of fans in the ethnography performed at the Grêmio Arena. The greater presence of women in football fields ends up placing some naturalized representations about the gender in question.

Keywords: gender; representation; football; femininity; masculinity.

Introdução

Os indivíduos que frequentam estádios são atravessados por diferentes narrativas sobre futebol e masculinidade em suas construções enquanto sujeitos torcedores. A produção de torcedores de futebol e de suas masculinidades acontece de forma simultânea e ordenada. Em determinados momentos é difícil saber se os conteúdos que estão postos em cena se referem às práticas do torcer ou a uma produção de identidade masculina. Se pensarmos nas representações mais tradicionais sobre o torcer, o mesmo parece não ocorrer quando pensamos nas mulheres torcedoras. Negadas, diminuídas e invisibilizadas, as feminilidades das torcedoras não parecem estar 'em jogo'[3] quando de sua presença nos estádios. Ao menos não da mesma forma como as masculinidades são colocadas em questão. Existe certo consenso de que os esportes, como os conhecemos, são um fenômeno próprio da modernidade (DAMO, 2005; ELIAS; DUNNING, 1992; FIENGO, 2003; GIULIANOTTI, 2010; MASCARENHAS, 2014). Os esportes modernos, seja em sua prática ou em sua fruição, acabam sendo um espaço privilegiado de investigação sobre as masculinidades. Nascido nas *public school* inglesas e com origem aristocrática, o futebol se converteu em uma prática multiclassista, transgeneracional e, potencialmente, transgenérica (FIENGO, 2003). Apesar dessa potencialidade de ser uma prática para gêneros distintos, ainda existem hierarquias bastante marcadas com conteúdos específicos, abordando não apenas a predominância da masculinidade como representação legítima no espaço do futebol de espetáculo, como limitando as possibilidades de vivências dessa masculinidade.

A própria concepção do esporte carrega, historicamente, essa hierarquização que valoriza elementos associados aos homens e à masculinidade. Georges Vigarello recorda que nos princípios do século XX,

> (...) os ideólogos do esporte, em particular, multiplicam os argumentos que promovem a perfeição masculina: tanto o vigor como sua aplicação monitorada, tanto o "músculo" como sua "utilização" moral, a exemplificação dos confrontos, a "luta" de homens valorizados, legitimados por um universo de árbitros e de regulamentos. Assim, uma qualidade se impõe no âmago da excelência, ou seja, a virilidade (2013, p. 270).

O mesmo autor destaca que a virilidade perderia seu protagonismo quando, a partir da presença das mulheres no esporte, os mesmos atributos como força, coragem e determinação seriam valorizados e exigidos, também, para elas (VIGARELLO, 2013). A afirmação do autor permite fazer pequenos apontamentos sobre o conceito de gênero. Em primeiro lugar, o gênero não pode ser pensado como colado em corpos naturalmente distintos. Eventualmente, os esportes poderiam potencializar uma discussão sobre o conceito de gênero em algumas direções. Apontamos duas possibilidades de tensionamento

[3] Utilizamos aspas simples no texto quando procuramos fazer algum destaque ou utilizar as palavras com outros sentidos que não os convencionais; o uso de aspas duplas aparece quando utilizamos citações, palavras e/ou expressões de outros autores.

em direções contrárias: a) poderia existir uma exigência de performance esportiva ou do torcer que desconsiderasse o corpo de homens e mulheres? Ao mesmo tempo em que permanece sendo uma das áreas que realiza a maior diferenciação entre homens e mulheres (como nas competições exclusivas e separadas), uma expectativa de performance idêntica poderia borrar as fronteiras de gênero?; b) as masculinidades poderiam ser tão protagonistas nas construções de representações esportivas que a expectativa de bom resultado deveria ser sempre associada às representações masculinas fazendo com que, em alguma medida, o esporte seja entendido como masculino, inclusive dispensando a necessidade dessa adjetivação? Com isso, sempre que o esporte, ou mesmo as práticas torcedoras, fosse adjetivado de feminino estaríamos falando de algo hierarquicamente inferior, reforçando as fronteiras existentes?

Para este trabalho, apresentamos representações sobre mulheres nos estádios de futebol. Como os homens narram essa participação. Depois dessa pequena introdução, apresentamos os modos de produção do material aqui analisado e nosso procedimento analítico. Após uma discussão sobre a relação entre gênero e esporte, utilizamos falas da imprensa esportiva, dirigentes e treinadores sobre a presença de mulheres no estádio, além de apontar manifestação de torcedores entrevistados quando da realização de uma etnografia na Arena do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense. Finalizamos o material empírico com uma passagem de machismo do treinador do Sport Club Internacional ao conceder uma entrevista, durante o Campeonato Brasileiro da série B, em 2017. O texto termina com breves considerações sobre o lugar de masculinidades e feminilidades na construção de hierarquias nas práticas do torcer nos estádios de futebol.

Modos de produção do material empírico e procedimento analítico

Para a produção do material empírico que compõe o *corpus* deste trabalho, realizamos diálogos com pequenos grupos de torcedores, quase sempre duplas ou trios, nos quais nos inseríamos para discutir algumas das percepções desses indivíduos sobre a mudança no exercício do torcer, especificamente para os torcedores do Grêmio que realizavam um trânsito entre o antigo estádio Olímpico[4] para a Arena do Grêmio. Dentre os temas que pautaram nossas conversas estavam a tentativa de mapear como estes sujeitos entendiam o 'caso Aranha'[5], as memórias que possuíam sobre a torcida Coligay[6], a rivalidade Gre-Nal e de que maneira recebiam as interdições de cânticos que estavam acontecendo nos estádios de futebol. Essas conversas foram realizadas, na maior parte das vezes, antes das

[4] Estádio em que o Grêmio mandou seus jogos entre 1954 e 2013.
[5] Durante partida pela Copa do Brasil de 2014, o, então, goleiro do Santos Futebol Clube foi chamado de macaco por torcedores do Grêmio. Além da punição que fez com que o clube gaúcho fosse eliminado da competição, uma série de restrições sobre o que os torcedores historicamente cantavam no estádio foi colocada (BANDEIRA; SEFFNER, 2016).
[6] Grupo de torcedores homossexuais do Grêmio que praticava performances no estádio Olímpico entre o final da década de 1970 e o início da década de 1980.

partidas. Estávamos sempre vestidos com uma camiseta do Grêmio, nos apresentávamos enquanto pesquisadores, apontávamos brevemente os assuntos que gostaríamos de conversar e solicitávamos registrar esse diálogo em um gravador.

Esses diálogos aconteciam enquanto realizávamos a inserção no campo para a realização de uma etnografia que incluíam, além das observações participantes, a construção de diários de campo. "A escolha por trabalhar etnograficamente deve-se ao fato de que o interesse incide nos valores e sentidos vividos. O estudo etnográfico acentua a importância dos modos pelos quais os atores sociais definem, por si mesmos, as condições em que vivem" (ESCOSTEGUY, 2004, p. 143). Acompanhamos, durante o período de um ano, de maneira sistemática, trinta e duas partidas do Grêmio pelos Campeonatos Brasileiro, de 2015 e de 2016, Copa do Brasil, de 2015, Campeonato Gaúcho, de 2016, Primeira Liga, de 2016 e Copa Libertadores da América, de 2016. Ao final desse período, totalizamos trinta e cinco diários de campo, que constituíram o material empírico desta investigação.

O futebol de espetáculo pode ser dividido em quatro categorias de agentes: os profissionais, os torcedores, os dirigentes e os mediadores especializados (DAMO, 2006). Os profissionais seriam os jogadores, treinadores e preparadores envolvidos com os jogos. Os torcedores se constituem no público com variados graus de interesse e envolvimento durante as partidas. Os dirigentes poderiam ser profissionais ou amadores filiados aos clubes ou às federações. Os mediadores especializados, por sua vez, são os profissionais que trabalham na espetacularização do futebol e produzem narrativas sobre os eventos futebolísticos. Eles teriam a função de 'explicar' os eventos para o público que, de alguma forma, não seria 'apto' a lê-los sozinho. Neste trabalho, procuramos mostrar falas de mediadores especializados, profissionais e torcedores que colocam em jogo representações sobre as mulheres nos estádios de futebol.

Tomando o conceito de dispositivo de Michel Foucault[7] e dialogando com o trabalho de Rosa Maria Bueno Fischer ao propor o conceito de "dispositivo pedagógico da mídia", que ela define como um "modo muito concreto de formar, de constituir sujeitos sociais, através da prática cotidiana de consumir produtos televisivos" (1997, p. 71), seria possível supor a existência de um dispositivo pedagógico dos estádios de futebol que abarcaria esse heterogêneo conjunto de atores e narrativas constituindo uma discursividade sobre as práticas adequadas nos estádios de futebol, dentre as quais as de gênero.

O futebol é uma prática cultural que faz circular diferentes pedagogias, ensina comportamentos, valores, modos de ser e de estar no mundo. Na perspectiva teórica em que este trabalho se insere, as práticas culturais são entendidas como textos a serem analisados em sua materialidade. Para dar conta de nossas questões, tomamos a análise cultural como

[7] (...) um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos (2004, p. 244).

procedimento analítico. Dagmar Estermann Meyer acredita que a análise cultural e a análise de discurso "permitem descrever e problematizar discursos que, imbricados, permitem aos sujeitos/instituições expressar-se de determinados modos e não de outros" (2012, p. 55). Análises culturais trabalham com interpretações de interpretações. Elas possuem um caráter histórico e provisório. Para Clifford Geertz, "a análise cultural é (ou deveria ser) uma adivinhação dos significados, uma avaliação das conjeturas, um traçar de conclusões explanatórias a partir das melhores conjeturas e não a descoberta do Continente dos Significados e o mapeamento da sua paisagem incorpórea" (1989, p. 30-31).

Essas práticas culturais como as que acontecem nos estádios acabam fazendo circular diferentes representações de gênero e do torcer. É a partir dessas representações que dialogam com o circuito mais amplo da cultura que se autorizam a entender se uma prática torcedora, de masculinidade ou de feminilidade está sendo 'adequadamente' performatizada.

> A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos (WOODWARD, 2004, p. 17).

No registro pós-estruturalista, a representação é sempre uma marca visível, material. Para identificar quais são as representações sobre as mulheres nos estádios de futebol, não nos interessou buscar descobrir o que os sujeitos quiseram dizer, mas sim, registrar o que eles disseram e em que contextos. Também não pareceu adequado pensar que só exista uma representação de feminilidade nos estádios de futebol. Como o significado da representação não consegue associar-se plenamente ao significante, ela (a representação) não pode ser lida como fixa, estável, determinada...

> (...) a representação só adquire sentido por sua inserção numa cadeira diferencial de significantes. Ela é representação de alguma "coisa" não por sua identidade, coincidência ou correspondência com essa "coisa", mas por representá-la (por meio de um significante) como diferente de outras "coisas" (SILVA, 2003, p. 41).

A análise cultural ganha maior relevância a partir de uma perspectiva que olha para a "centralidade da cultura" e para como esta articula diferentes pedagogias de produção de subjetividades.

> (...) o que é a educação senão o processo através do qual a sociedade incute normas, padrões e valores – em resumo, a "cultura" – na geração seguinte na esperança e expectativa de que, desta forma, guiará, canalizará, influenciará e moldará as ações e as crenças das gerações futuras conforme os valores e normas de seus pais e do sistema de valores predominante da sociedade? (...). Toda a nossa conduta e todas as nossas ações são

> moldadas, influenciadas e, desta forma, reguladas normativamente pelos significados culturais (HALL, 1997, p. 40-41).

A produção dos conhecimentos ocorre através da linguagem. Conhecer não é descobrir 'a realidade', mas, descrever, nomear, relatar, desde uma posição que é inequivocamente temporal, espacial e imersa em relações de poder. A linguagem não é de domínio de um sujeito soberano que a utiliza da maneira como deseja (HALL, 2006). Os sujeitos que participaram de nossas conversas não foram entendidos como a origem dos discursos.

> Ao analisar um discurso – mesmo que o documento considerado seja a reprodução de um simples ato de fala individual –, não estamos diante da manifestação de *um* sujeito, mas sim nos defrontamos com um lugar de sua dispersão e de sua descontinuidade, já que o sujeito da linguagem não é um sujeito em si, idealizado, essencial, origem inarredável do sentido (FISCHER, 2001, p. 207).

A aposta por esses diálogos, assim como pelos materiais produzidos pelos jornalistas com as falas de profissionais e dirigentes se deram a partir do entendimento que as narrativas produzidas pelos sujeitos permitiram acessar diferentes tentativas de dar inteligibilidade às práticas desenvolvidas pelos diferentes atores e de que maneira as mulheres eram representadas desses diferentes lugares.

Gênero e suas relações com o esporte

Em nossa cultura, gênero é um elemento definidor de inteligibilidade: "não se pode dizer que os corpos tenham uma existência significável anterior à marca do seu gênero" (BUTLER, 2003, p. 27). Gênero é um processo sem origem nem final, mas que se constrói em ato, ou melhor dito, em uma sequência de atos que está sempre ocorrendo. Segundo Judith Butler, as identidades de gênero e de sexualidade são performativas[8], "o gênero é sempre um feito, (...) não há identidade de gênero por trás das expressões de gênero; essa identidade é performativamente constituída" (2003, p. 48). Com isso, ser homem ou ser mulher é algo que 'fazemos' e não algo que 'somos'. É necessário ressaltar a diferenciação entre performatividade e performance. "Butler argumenta que a identidade de gênero é uma sequência de atos (...), mas ela também argumenta que não existe um ator (...) preexistente que pratica esses atos, que não existe nenhum fazedor por trás do feito" (SALIH, 2012, p. 65). Nesta perspectiva, a construção generificada deve ser entendida como

[8] Ao invés de entender a identidade como descrição, o conceito de performatividade a entende como um "tornar-se". Um enunciado performativo faz acontecer. A partir de uma performance repetida, é possível ler o gênero como um ato, como uma re-experimentação de significados. Sobre o conceito, ver BUTLER, 2003.

> (...) um processo contínuo de repetições que, ao mesmo tempo, anula a si mesmo (pois mostra a necessidade de repetir-se para substituir) e aprofunda suas regras. (...) assumir um gênero não é algo que, uma vez feito, estabiliza-se. Ao contrário, estamos diante de uma inscrição que deve ser continuamente repetida e reafirmada (SAFATLE, 2015, p. 189).

O conceito de gênero aqui utilizado está ancorado nos Estudos de Gênero Pós-Estruturalistas e nos Estudos Culturais (LOURO, 2004, MEYER, 2003). Nessa perspectiva, gênero não pode ser reduzido a qualquer aspecto essencialista, seja ele biológico ou cultural. Judith Butler (2009) argumenta que nem o gênero e nem a sexualidade são elementos que possuímos. Esses conceitos seriam mais bem entendidos como "um modo de despossessão", sempre em uma relação com o outro. Os gêneros estão imbricados em processos pedagógicos que utilizam diferentes estratégias metodológicas, dentre as quais a reiteração e a repetição de práticas construídas, como culturalmente adequadas.

O conceito de gênero, na perspectiva dos Estudos de Gênero Pós-Estruturalistas e dos Estudos Culturais, aponta para quatro desdobramentos importantes (MEYER, 2003). O primeiro destaca a permanente construção dos sujeitos de gênero. Essa construção não é um processo linear ou evolutivo de causa e efeito. Nenhuma 'garantia' de masculinidade ou feminilidade poderá ser obtida em qualquer local da cultura. Aprendemos, em diferentes instituições e artefatos culturais, formas adequadas de 'exercer' um gênero. Essas aprendizagens acontecem ao longo de nossas vidas.

O segundo desdobramento do conceito demonstra a diversidade de masculinidades e feminilidades variando em diferentes tempos e espaços e dentro de uma mesma cultura. O conceito tem sua potência catalisada quando associado a outros marcadores sociais, como classe social, religião, raça/etnia, nacionalidade... (MEYER, 2003). É justamente essa variação das diversas masculinidades e feminilidades que permite colocar o olhar sobre as práticas torcedoras e as representações que se produzem sobre essas práticas.

A relação entre os sujeitos de gênero é a terceira implicação do conceito. As construções de masculinidades possuem nas feminilidades o seu oposto, seu limite, sua fronteira. Pensar nas masculinidades de forma isolada não tende a ser muito produtivo. Mesmo que em determinados contextos exista uma preponderância de exigências e expectativas sobre comportamentos masculinos ou femininos, a principal fronteira nessas construções, da forma como nossa cultura se organiza, nesse momento, segue sendo o 'polo oposto' de gênero. Esse binarismo é uma relação infinita, com fronteiras movediças. Ele ajuda a construir uma ficção de estabilidade que é reiteradamente afirmada para provocar uma suposta permanência. "Numa perspectiva pós-estruturalista, nossa tarefa seria perturbar a aparente solidez desse par binário, entender que esses dois elementos estão mutuamente implicados, dependem um do outro para se afirmar, supõem um ao outro" (LOURO, 2009, p. 89).

A última implicação do conceito de gênero nos mostra como as diferentes instituições sociais são atravessadas por pressupostos de masculinidade e de feminilidade. Elas são produzidas por pressupostos de gênero ao mesmo tempo em que participam das produções de gênero (MEYER, 2003). Assim, "sexo e gênero são efeitos – e não causas – de instituições, discursos e práticas" (SALIH, 2012, p. 21). Não existe um sujeito soberano e anterior que produza esses elementos a partir de concepções prévias: "nós, como sujeitos, não criamos ou causamos as instituições, os discursos e as práticas, mas eles nos criam ou causam, ao determinar nosso sexo, nossa sexualidade, nosso gênero" (Ibidem).

Os esportes em geral, e o futebol em específico, acabam trabalhando fortemente na circulação e na produção de valores e de representações associados a masculinidades. Eles podem ser lidos como uma das instituições generificadas e androcêntricas de nossa cultura.

> (...) o esporte, como qualquer outra prática cultural, é generificado e generificador. Ou seja, seu acontecer está perpassado pela (re)produção de masculinidades e feminilidades, e estes marcadores identitários não são neutros nem universais. Ao contrário: constroem-se cotidianamente considerando as representações culturais a eles associados (MÜHLEN; GOELLNER, 2012, p. 167).

Diferentes elementos poderiam ser elencados para demonstrar como ocorre essa construção generificada. No Brasil, apenas o futebol jogado por homens possui público regular nos estádios. Para as mulheres, nem mesmo um calendário existe. As premiações dadas a homens e a mulheres também são muito diferentes no espaço dos esportes[9]. As práticas recebem ou não adjetivação a partir do sexo de seus praticantes. Os homens jogam futebol, enquanto as mulheres jogam futebol feminino. Um dos importantes exercícios das construções normativas é, justamente, essa invisibilidade tentando marcar (ou esconder) que ela não é uma posição ou perspectiva. "A posição que emerge como posição dominante é, contudo, declarada a única possível. A história posterior é escrita como se essas posições normativas fossem o produto do consenso social e não do conflito" (SCOTT, 1995, p. 87). A falta de adjetivação aponta para a naturalização da prática do esporte realizado por homens. Geralmente, as adjetivações atribuídas aos homens acontecem quando eles não correspondem às representações viris da masculinidade esportiva.

Nos estádios de futebol, os sujeitos acabam sendo constituídos por uma série de elementos valorizados dentro da 'cultura masculina'. Para Daniel Borrillo, "a competição, a forte apreensão relativamente à demonstração de vulnerabilidade, o controle dos sentimentos e a homofobia constituem os elementos que modelam o jeito de ser homem" (2010, p. 89). Na socialização masculina que ocorre nos estádios, muitos desses elementos

[9] Em 2016, a Liga Mundial, torneio de voleibol masculino, distribuiu US$ 1 milhão ao campeão. No mesmo ano, o Gran Prix, torneio de voleibol feminino equivalente ao masculino na hierarquia das competições, distribuiu US$ 200 mil. Ambos os torneios contam com a organização da Federação Internacional de Voleibol (FIVB). Disponível em: http://globoesporte.globo.com/volei/noticia/2016/07/titulo-do-gp-paga-5-vezes-menos-que-liga-mundial-sacanagem-diz-sheilla.html. Acesso em 27/01/2017, às 9h37.

são considerados na hora de 'avaliar' os comportamentos constituídos como adequados. A associação entre esporte e construções de masculinidade é uma possibilidade de visualizar de que forma o gênero funciona como um atravessador das instituições. O que está em questão quando se aprende a jogar, ou mesmo a torcer, não são apenas as melhores maneiras de executar essas práticas, mas se está ingressando em uma instituição repleta de significados.

O público de futebol é predominantemente masculino. Entretanto, dentro do processo de modernização/elitização dos estádios existe certo investimento para que as mulheres passassem a frequentar mais esse espaço. As observações, de forma impressionista, nos permitem apontar que existe, sim, um aumento do número de mulheres nesse local[10]. Esse aumento não significa uma imediata alteração nas construções generificadas que acontecem neste contexto cultural específico. No contexto argentino, Verónica Moreira aponta que "muchas son las mujeres que asisten a la cancha para ver y alentar a su equipo, pero los estilos de participación se subordinan a las manifestaciones culturales netamente masculinas" (2005, p. 99). Reiteramos que isso não significa constituir esse contexto cultural específico como exclusivamente masculino, mas sim, destacar a preponderância discursiva dessas disputas entre masculinidades na construção do que pode ser lido como um currículo de masculinidade dos torcedores de estádio de futebol (BANDEIRA, 2010). Em alguma medida, tanto os corpos normativamente representados como masculinos, quanto aqueles representados como femininos, estariam envolvidos nessa produção de masculinidades. Um dos conteúdos que se disputam nos estádios de futebol é a masculinidade. O mesmo parece não ocorrer com as feminilidades. Raquel da Silveira e Marco Paulo Stigger nos lembram que "ao contrário da importância que as práticas esportivas tiveram para com a constituição das masculinidades, a participação das mulheres nos esportes não se constituiu em elemento importante para a construção de uma feminilidade hegemônica" (2013, p. 180).

Como os homens representam as mulheres nos estádios de futebol

Os estádios de futebol se constituíram, historicamente, como um espaço legitimado para homens. Eles são um contexto cultural específico, um local que institucionaliza práticas, ensina, produz e representa masculinidades. Através de distintas formas de socialização, os sujeitos que frequentam esses locais passam por diferentes processos pedagógicos. Os sujeitos torcedores que frequentam os estádios são produzidos ao longo de diferentes jogos e situações. Diferentes conteúdos nos estádios são didaticamente ensinados através de cânticos, xingamentos e performances que acabam produzindo uma lógica de atitudes

[10] Em 2016, no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul sob orientação do professor César Augusto Barcellos Guazzelli, Camila Guterres Casses de Oliveira defendeu a dissertação de mestrado intitulada "Uma mudança nas arquibancadas: a elitização do futebol leva as mulheres aos estádios (Porto Alegre, 2007-2014)".

indispensáveis para a apreciação estética dos eventos nesse ambiente. Ao mesmo tempo em que reforçam uma série de aprendizagens vinculadas ao masculino, os esportes, em geral, e o futebol, de forma específica, acabam sendo uma exigência para que um garoto seja 'bem avaliado' em sua performatividade masculina.

Esse cenário faz com que a participação das mulheres ainda seja tratada de forma bastante caricata, com representações bastante fixas sobre o que seria a feminilidade. Em 2008, o Internacional jogou no dia 8 de março (Dia Internacional da Mulher) e realizou uma promoção que liberava as mulheres da compra de ingressos. Gustavo Bandeira aponta de que maneira os jornais de então se referiram a presença feminina no estádio:

> Todos os jornais que comentaram aquele jogo enfatizaram a presença maciça da torcida feminina no Beira-Rio. Paulo Roberto Falcão, em *Zero Hora*, destacou em uma matéria intitulada *Perfume na arquibancada* que os repórteres no Beira-Rio apontavam um aroma diferenciado no estádio. O comentarista também destacou que a presença de mulheres e crianças poderia ser positiva para "civilizar" o comportamento nos estádios, em tempos de violência. Ruy Carlos Ostermann enfatizou o depoimento de um repórter que achou o estádio silencioso para um público de cinquenta mil pessoas. Hiltor Mombach do *Correio do Povo* destacou que o melhor do final de semana foi o público no Beira-Rio e a presença maciça das mulheres. Essa presença maciça de mulheres correspondeu, segundo o mesmo colunista, a vinte e seis por cento do público. Essa surpresa ajuda a demonstrar como a presença das mulheres, mesmo num percentual nem tão "maciço" assim (uma mulher para cada três homens) causa alguma admiração e ainda é entendido como incomum (2009, p. 93-94).

Nesse contexto as mulheres são perfumadas, civilizadas e silenciosas, características poucas vezes associadas aos torcedores de futebol. Observando o movimento nos estádios em 2015 e 2016, visualizamos uma presença constante de grupos exclusivamente de mulheres. Essa presença, entretanto, parecia ainda dialogar com um ambiente machista, atraindo uma série de olhares e assédios. Antes da partida contra o Coritiba Foot Ball Club, pelo Campeonato Brasileiro de 2015 observamos um desses grupos exclusivamente femininos acessando o estádio. Ao passarem por pequenos grupos de homens, era possível escutar manifestações machistas de toda a ordem, quase sempre vinculadas aos atributos físicos das torcedoras, que utilizavam a tática da ignorância em relação a essas manifestações (DC 6[11]). Em outra partida pelo Campeonato Gaúcho de 2016, duas meninas de shorts receberam um "pelo amor de Deus" de um torcedor (DC 19). Ainda antes do início da partida diante do Esporte Clube Vitória, a árbitra assistente foi fazer a recorrente verificação da rede do gol próximo a Arquibancada Norte. Do espaço, predominantemente ocupado pela *Geral*[12], vieram assobios e comemorações (DC 30).

[11] Todas as notas realizadas e as manifestações dos torcedores compuseram diários de campo. Optamos por utilizar após cada um desses trechos a sigla DC, para diário de campo, e o número do respectivo diário.
[12] Principal torcida organizada ou de alento do Grêmio.

Situações que desvalorizam a participação de mulheres no futebol masculino podem ser identificadas nas falas de dirigentes de clubes. Depois de a árbitra assistente, então aspirante à FIFA, Fernanda Colombo Uliana marcar equivocadamente um impedimento contra o Cruzeiro Esporte Clube diante do rival Clube Atlético Mineiro durante o Campeonato Brasileiro de 2014, o então dirigente da equipe prejudicada, Alexandre Mattos, afirmou: "se ela é bonitinha que vá posar na Playboy. Não tem preparo, os caras gritam e ela erra[13]". Ao reclamar do trio de arbitragem após empate diante do Internacional, na mesma competição em que o gol da equipe gaúcha foi marcado de forma irregular, o então vice de futebol do São Paulo Futebol Clube, Ataíde Gil Guerreiro, reclamou o que seria "muita incompetência para um trio de arbitragem só. Só salva a Nadine [Bastos], que é muito bonita[14]".

Alguns torcedores entendiam que a maior presença masculina nos estádios seria algo natural pela preferência deste grupo aos esportes. Tiago[15] disse, em relação a ele e seu amigo Matías: "*convidamos as duas esposas e elas não quiseram vir*[16]" (DC 15). Matías argumentou que o futebol seria um esporte "*mais ao agrado dos homens do que das mulheres, claro percentuais. Têm muitas mulheres que gostam*" (DC 15). Alan comemorou o que ele chamou de retorno da mulher ao estádio de futebol, entendendo que a associação do futebol com os homens não deveria ser excludente, "*aqui tem uma coisa de que futebol é coisa de homem. Não é assim, não é assim mesmo*" (DC 13). Alan entendia que o estádio já foi um ambiente mais hostil às mulheres, dialogando, em alguma medida, com restrições mais amplas da sociedade, "*a coisa de futebol ser coisa de macho, de homem. Hoje a mulher já está mais entrosada, a mulher está mais liberal, ela se libertou, porque antes a mulher era muito mais, vamos dizer, submissas, então o futebol era o homem que ia, o homem, o filho*" (DC 13). Ele identificou uma série de campanhas nos meios de comunicação para aumentar a presença de mulheres no estádio, o que considerava ser bom. Ao mesmo tempo, a marcação de pertencimento de participação das mulheres é avaliada na relação com os homens, "*tem muita mulher aí que entende de futebol mais do que homens. Aquela guria da Band, a Renata Fan, ela dá um banho em muita gente*" (DC 13). Pedro, filho de Alan, acreditava que a aceitação da mulher no estádio de futebol estava melhor, "*as mulheres se fizeram presentes e isso ajudou bastante. Está se perdendo um pouco essa coisa de que futebol é coisa de homem, apesar de que ainda é muito, mas está perdendo essa...*" (DC 13). Ele acabou concluindo que as mulheres teriam alguns elementos particulares para participarem no espaço futebolístico, "*a mulher veio dar um toque mais sutil para o futebol que faltava*" (DC 13).

Outros torcedores conseguiam perceber a presença de um olhar machista nas interações dentro do estádio. Fábio, um torcedor de aproximadamente 50 anos, afirmou que

[13] Disponível em: http://zh.clicrbs.com.br/rs/esportes/brasileirao/noticia/2014/10/bandeirinha-punida-pela-beleza-segue-de-castigo-o-erro-sera-menos-tolerado-para-mim-4624059.html. Acesso em 20/04/2017, às 8h45.
[14] Disponível em: http://globoesporte.globo.com/futebol/times/sao-paulo/noticia/2014/11/diretor-do-sao-paulo-ataca-arbitro-e-cbf-e-muita-incompetencia.html. Acesso em 20/04/2017, às 8h53.
[15] Todos os nomes dos interlocutores foram alterados para a manutenção do anonimato.
[16] As falas dos torcedores registradas com o gravador serão destacadas em itálico. Falas individuais que escutei durante as partidas ou nas demais observações serão destacadas com as aspas duplas, mas sem o itálico.

"*uma menina passando de mini saia, a culpa de eu olhar para ela não é dela, a malícia que ocorrer sou eu que estou fazendo. Ela tem que andar de mini saia, é a liberdade dela*" (DC 9). Arthur, irmão de Fábio, disse ir aos jogos com sua esposa e "*às vezes fico até com vergonha de olhar maliciosamente, é uma menina e a gente já tem filho na idade*" (DC 9). Por mais que os dois torcedores coloquem suas ações em suspeição, eles seguem "olhando maliciosamente" para as meninas. Questionados se ainda seria possível pensar no estádio de futebol como um local machista. Arthur afirmou categoricamente que "*ainda tem, isso ainda é mais forte*" (DC 9). Fábio entendia que a mulher "*até já está superior. Eu me policio, mas tem horas que o cara solta um palavrão, mas a gente nota que a mulher que está ali por perto não está nem aí*" (DC 9). Essa é outra interpretação recorrente que acaba marcando no corpo uma expectativa de comportamentos diferenciados. A presença de mulheres, que segundo os jornalistas em 2008 acrescentaria perfume às arquibancadas, também poderia reduzir o número de palavrões proferidos. O palavrão aparece como elemento moral colocado em questão com a presença de um número maior de mulheres nesse ambiente. Em outro diálogo, Anderson lembrou que no estádio Olímpico "*quando passava uma torcedora muito formosa era aquele cântico 'i, i, i, essa fulana eu já cri', aqui eu acho que essa é uma representação desse fenômeno*" (DC 30). Leonardo, pai de Anderson, disse que estamos em uma fase em que tudo é proibido, "*chamar alguém de negrão é proibido, falar que uma mulher é gostosa hoje é assédio sexual*" (DC 30).

Pensar no aumento da presença de mulheres no estádio não deveria igualar-se a uma maior feminização do mesmo. O conceito de gênero utilizado neste trabalho não limita suas articulações a relacionamentos face-a-face sobre corpos marcados e distinguidos pela biologia. Questionado sobre se acreditavam que o estádio de futebol poderia ser pensado como um ambiente machista, Lucas lembrou que já foi muito pior. Ele reforçou que hoje "*não pode entrar sem camisa, não pode colocar o pé assim, é que não é mais aquele ambiente que era antigamente que o cara ficava com um copo de plástico cheio de cerveja, a camiseta amarrava na cabeça, entrava uma mulher, (...) vinha o estádio abaixo*" (DC 35). Wender, amigo de Lucas, mesmo reconhecendo essa ampliação da presença de mulheres e, aparentemente, favorável a ela acabou citando uma definição que interpretamos como bastante atravessada por discursos machistas, "*tem uns amigos meus que dizem que não precisa mais nem ir em festa para procurar mulher, é só vir no jogo do Grêmio, é só vir no jogo do Grêmio que é isso aí, olha só o que tem de mulher no jogo do Grêmio e mulher linda e maravilhosa*" (DC 35).

Ao mesmo tempo, o aumento da presença das mulheres quando percebido pelos torcedores, provoca uma associação direta dessa frequência com a diminuição do machismo no futebol. Jackson disse que hoje o machismo é bem menor no estádio, atribuindo isso à maior presença de mulheres nas partidas, "*agora do nosso lado tem cinco mulheres e não era assim. No tempo que a gente ia no jogo era gritaria, palavrão o jogo inteiro, mijo e joga copo e fica quieto. Era outro ambiente*" (DC 11). Questionado se o estádio de futebol poderia ser pensado como um lugar machista, Ângelo associou sua resposta à presença mais elevada de mulheres, "*do Olímpico para cá vem bem mais mulher, as mulheres têm acompanhado*

mais aqui do que no Olímpico. Para mim, quer vir mulher, pode vir. O interessante é vir, torcer e o time ganhar quem quer vir, vem" (DC 12). Edimo apontava que a Arena "*passa mais segurança, em função da separação mais marcada dos setores e isso fica melhor para o pessoal escolher aonde quer sentar. Antes era mais um aglomerado de pessoas que ficava de pé lá e aqui ficou melhor*" (DC 13). Roger marcou que as mulheres estão participando, querendo olhar o jogo, "*tanto as mulheres solteiras quanto acompanhante do namorado*" (DC 33). Me parece interessante pensar se essas mesmas marcações poderiam ser feitas para os homens que frequentam o estádio. Seria necessário marcar que eles estão participando e/ou querendo olhar o jogo? Faria sentido pensar em torcedores solteiros ou que estivessem acompanhando suas namoradas?

Para além de jornalistas, dirigentes e torcedores, os profissionais do esporte também parecem possuir entendimentos bastante específicos sobre o gênero do futebol profissional mostrando o que seria 'natural' e o que poderia causar estranhamento. Em 2014, ao explicar uma discussão com o lateral Douglas, o então técnico do São Paulo, Muricy Ramalho justificou: "Aqui é jogo de homem, aqui não tem lugar para menina[17]". O então treinador do Real Madrid Club de Fútbol, Carlo Ancelotti, ilustrava suas expectativas para a partida contra o rival Club Atlético de Madrid: "O Atlético tem um estilo próprio, com muita intensidade. Mas assim é o futebol. É um jogo para homens, não moças[18]". O então treinador do Grêmio, Luiz Felipe Scolari, reclamou do "passe de mocinha" do lateral Raul durante um treinamento[19]. Essas construções de masculinidades e feminilidades são produtivas no sentido de construírem significados que se tornam inteligíveis e elegíveis. Para os atletas, é um imperativo não jogarem como meninas, moças ou mocinhas.

No dia 18 de julho de 2017, após sua equipe vencer o Luverdense Esporte Clube, pelo Campeonato Brasileiro da série B, o, então, treinador do Internacional, Guto Ferreira, respondeu a pergunta de uma jornalista de maneira machista. A jornalista Kelly Costa perguntou se os erros dos atacantes do time aconteciam por problemas psicológicos ou técnicos. O treinador tinha como estratégia de resposta começar devolvendo uma pergunta aos jornalistas. Ele afirmou:

> Desculpe, eu não vou te responder com uma pergunta porque você é mulher e talvez não tenha jogado [futebol], mas todo jogador que joga tem dificuldades de ter uma tensão a mais no lance final. Precisa acertar para ter confiança. Se você já jogou para perceber isso.[20]

[17] Disponível em: http://globoesporte.globo.com/futebol/times/sao-paulo/noticia/2014/02/muricy-sobre-bate-boca-com-douglas-aqui-nao-tem-lugar-para-menina.html. Acesso em 24/05/2015, às 16h34.
[18] Disponível em: http://globoesporte.globo.com/futebol/futebol-internacional/futebol-espanhol/noticia/2014/09/ancelotti-da-o-tom-para-classico-de-sabado-e-um-jogo-para-homens.html. Acesso em 24/05/2015, às 16h39.
[19] Disponível em: http://globoesporte.globo.com/futebol/times/gremio/noticia/2015/05/felipao-da-pistas-sobre-time-e-bronca-em-jovem-lateral-passe-de-mocinha.html. Acesso em 24/05/2015, às 16h42.
[20] Disponível em: https://extra.globo.com/esporte/guto-ferreira-machista-ao-responder-reporter-apos-jogo-do-inter-mas-depois-se-desculpa-21605957.html. Acesso em 11/02/2018, às 13h51.

Após uma enxurrada de críticas pelas redes sociais e de diversos colegas da jornalista, o, então, treinador do Internacional procurou diferentes meios de comunicação para desculpar-se. O jornalista Maurício Saraiva tentou 'explicar' a fala do treinador colorado:

> Guto Ferreira gosta de mulher, é casado, não sei se tem filha, mas certamente não tem nada contra mulheres. (...). O mundo da bola ainda é assim. Muito homem junto, mulheres recém começando a ocupar a arquibancada e muitas ainda mais atentas ao bonitinho do que ao bom jogador. Também as mulheres estão na transição de gostar do futebol pelo futebol, capazes de ir ao futebol sem marido, amigo ou namorado. Então, todos em aprendizado.[21]

Novamente o jornalista separa o que seria 'natural' do que demandaria novos aprendizados. Ele acaba, também, reforçando o quadro heteronormativo do esporte. Não seria possível ir olhar o 'bonitinho' e o 'bom jogador'. Para o jornalista, qual seria a possibilidade de que um torcedor fosse ao estádio para ver o jogador 'bonitinho'?

Breves considerações

A legitimação masculina nos estádios de futebol faz com que suas práticas apareçam fora de questionamento. O saber aprendido passa por repetidos exercícios de naturalização fazendo com que esses aprendizados sejam tomados como dados e associados a todos os homens que ocupam esse espaço. Por estar naturalizado, se afirma que os homens conhecem as regras, entendem do jogo e têm as posturas adequadas para esse contexto.

Esse conhecimento e essa legitimidade do lugar masculino nas práticas torcedoras nos estádios de futebol, do jornalismo esportivo e da atuação no futebol profissional lhes dá, também, a possibilidade de produzir representações sobre as mulheres que tentam atuar nesse espaço. A beleza feminina é naturalizada e poderá ser 'positiva' quando embeleza o estádio ou quando é a única coisa que 'salva' uma arbitragem ruim. O que se poderia dizer para um árbitro bonito que errasse uma marcação contra o nosso time?

Os conhecimentos femininos no futebol são marcados e hierarquizados na comparação com os homens. As mulheres que entendem de futebol, entendem tanto quanto eles ou ao menos quase tanto. Tomando a construção das masculinidades e feminilidades como complementares e não como polos opostos, uma maior legitimação da participação das mulheres poderia desestabilizar esse lugar naturalizado dos homens no futebol. Talvez essa possa ser uma chave explicativa para essas manifestações ainda bastante

[21] Disponível em: http://globoesporte.globo.com/rs/blogs/especial-blog/vida-real/post/guto-e-mulheres.html. Acesso em 11/02/2018, às 13h57.

atravessadas pelo machismo e por representações bastante fixas e tradicionais sobre mulheres, feminilidades e esporte.

Ao mesmo tempo, porém, uma maior participação das mulheres pode colocar em questão uma série de representações, desestabilizando as masculinidades dos torcedores, jornalistas e profissionais do futebol. Esse é um jogo que parece estar ainda em seu começo, mas parece que é bastante visível que elas virão jogá-lo! Quem será capaz de imaginar que as mulheres não tomarão para si a possibilidade de produzir discursos e representações sobre sua participação no contexto futebolístico?

Artigo recebido em 09 mar. 2018.

Aprovado para publicação em 16 mai. 2018.

Referências

BANDEIRA, Gustavo Andrada. *Um currículo de masculinidades nos estádios de futebol*. In: Revista Brasileira de Educação. V. 15, n. 44, maio/ago. 2010.

BANDEIRA, Gustavo Andrada. *"Eu canto, bebo e brigo... alegria do meu coração"*: currículo de masculinidades nos estádios de futebol. 2009. 128 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, UFRGS, Porto Alegre, 2009.

BANDEIRA, Gustavo Andrada; SEFFNER, Fernando. *Aranha, macaco e veado*: o legítimo e o não legítimo no zoológico linguístico nos estádios de futebol. In: Movimento. Porto Alegre, v. 22, n. 3, jul./set., 2016.

BORRILLO, Daniel. *Homofobia*: história e crítica de um preconceito. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

BUTLER, Judith. *Vida precaria*: el poder del duelo y la violencia. Buenos Aires: Paidós, 2009.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero*: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

DAMO, Arlei Sander. O ethos capitalista e o espírito das copas. In: GASTALDO, Édison Luis; GUEDES, Simoni Lahud. (Orgs.). *Nações em campo*: Copa do Mundo e identidade nacional. Niterói: Intertexto, 2006.

DAMO, Arlei Sander. *Do dom à profissão*: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França. 2005. 435 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. *A busca da Excitação*. Lisboa: Difel, 1992.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Estudos Culturais: uma introdução. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org). *O que é, afinal, Estudos Culturais?.* Belo Horizonte: Autêntica, 2004, p. 133-166.

FIENGO, Sergio Villena. Gol-balización, identidades nacionales y fútbol. In: ALABACES, Pablo. (Comp.). *Futbologías*: fútbol, identidad y violencia en América Latina. Buenos Aires: Clacso, 2003.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. *Foucault e a análise do discurso em Educação*. In: Cadernos de Pesquisa, São Paulo, nov. 2001.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. O estatuto pedagógico da mídia: questões de análise. In: *Educação & Realidade*. Cultura, mídia e educação. FACED/UFRGS, v.22, n.2, jul./dez. 1997.

FOUCAULT, Michel. Sobre a história da sexualidade. In: _____. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2004.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP &A, 2006.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções de nosso tempo. In: *Educação & Realidade*. Cultura, mídia e educação. FACED/UFRGS, v.22, n.2, jul./dez. 1997.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

GIULIANOTTI, Richard. *Sociologia do futebol*: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. São Paulo: Nova Alexandria, 2010.

LOURO, Guacira Lopes. Heteronormatividade e homofobia. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (org.). *Diversidade sexual na educação*: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009, p. 85-93.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação*: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 7ª ed., 2004.

MASCARENHAS, Gilmar. *Entradas e Bandeiras*: a conquista do Brasil pelo futebol. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

MEYER, Dagmar Estermann. Abordagens pós-estruturalistas de pesquisa na interface educação, saúde e gênero: perspectiva metodológica. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (Orgs.). *Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação.* Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

MEYER, Dagmar E. Estermann. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre. (Orgs.). *Corpo, gênero e sexualidade*: um debate contemporâneo. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

MOREIRA, Verónica. El Rojo y Newell's Old Boys, un sólo corazón. Reciprocidad, amistad y rito de comensalidade entre las hinchadas de fútbol en Argentina. In: ALABARCES, Pablo (Org.). *Hinchadas*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2005.

MÜHLEN, Johanna Coelho Von; GOELLNER, Silvana Vilodre. Representações de feminilidades e masculinidades (re)produzidas pelo site Terra. In: *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Florianópolis, v. 34, n. 1, jan./mar. 2012.

SAFATLE, Vladimir. Dos problemas de gênero a uma teoria da despossessão necessária: ética, política e reconhecimento em Judith Butler. In: BUTLER, Judith. *Relatar a si mesmo*: crítica da violência ética. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

SALIH, Sara. *Judith Butler e a teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica Editores, 2012.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: *Educação & Realidade*. Gênero e Educação. Porto Alegre: FACED/UFRGS, v.20, n.2, jul./dez. 1995.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *O currículo como fetiche*: a poética e a política do texto curricular. Belo Horizonte: Autêntica, 2ª reimp., 2003.

SILVEIRA, Raquel da; STIGGER, Marco Paulo. Jogando com as feminilidades: um estudo etnográfico em um time de futsal feminino de Porto Alegre. In: *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Florianópolis, v. 35, n. 1, jan./mar. 2013.

VIGARELLO, Georges. Virilidades esportivas. In: CORBIN, Alain; COUTRINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Orgs.). *História da virilidade*: a virilidade em crise? Séculos XX-XXI. Petrópolis/RJ: Vozes, 2013.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 3ª ed., 2004.

Mirante Esporte Clube: um estudo etnográfico do processo de aprendizagem e reprodução do gosto pela prática futebolística amadora na cidade de Ponta Grossa – Paraná (2013-2017)

Miguel Archanjo de Freitas Junior[1]

Edilson de Oliveira[2]

Wendell Luiz Linhares[3]

[1] Doutor em História pela Universidade Federal do Paraná (2009). Pró-Reitor de Graduação da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). E-mail: mfreitasjr@uepg.br

[2] Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Professor Colaborador do Departamento de Educação Física da UEPG.
E-mail: edilsonde.oliveira@outlook.com

[3] Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). E-mail: wendell.luiz@hotmail.com

Mirante Esporte Clube: an ethnographic study of the learning process and reproduction of the taste for the practice of amateur soccer in the city of Ponta Grossa-Paraná (2013-2017)

http://dx.doi.org/10.12660/rm.v9n14.2018.74105

Resumo:

O objetivo do estudo foi analisar o papel da família no processo de aprendizagem e reprodução do gosto pela prática futebolística amadora. Para isto, optou-se em utilizar os princípios da Etnografia para estudar a equipe do Mirante E. C., localizada na cidade de Ponta Grossa-PR. Utilizou-se como baliza temporal o período de 2013 a 2017, momento que observou-se jogos oficiais, peladas[1] (jogos não oficiais), amistosos e também os espaços de socialização dos atletas, totalizando 180 saídas de campo. Nessa análise, identificou-se um imbricamento entre a estrutura familiar e a estrutura do clube, emergindo a necessidade de preservação deste lócus, ou seja, um espaço em que se valoriza a herança cultural futebolística, as trajetórias dos agentes, a coletividade e o próprio lugar.

Palavras-chave: futebol; etnografia; campo; herança cultural.

Abstract:

The purpose of the study was to analyze the role of families in the process of learning and reproduction of the taste for the practice of amateur soccer. For this, it was decided to use the principles of Ethnography to study the team of Mirante E. C., located in Ponta Grossa-PR. Within the period from 2013 to 2017, it was observed official games, pick-up games (unofficial games), friendly matches and the spaces for socialization of the athletes, totaling 180 empirical field research trips. In this analysis, it was identified an imbrication between family structure and the structure of the club, emerging the need for preservation of this space as the place of Mirante, that is, a space in which the football cultural heritage is valued, the track records of the agents, the community and the place itself.

Keywords: football; ethnography; field; cultural heritage.

[1] As peladas podem ser entendidas como jogos recreativos organizados pelas equipes, em sua grande maioria, contra outros clubes, as quais possuem uma dupla função. A primeira é a da socialização, pois os próprios jogadores estabelecem as regras, deste modo, atletas veteranos e jovens dividem os mesmos espaços. A segunda pode-se entender como preparatória para as competições amadoras. Devido a estas funções, percebeu-se que estes encontros possuem um papel central no processo de formação das equipes.

Introdução

A formação cultural de um indivíduo engloba elementos que vão desde a política, a educação e as finanças, chegando a outros muitas vezes considerados secundários, como a literatura, o cinema, a música, o lazer e o esporte[2]. Observar estes espaços à partir de suas interações simbólicas permite ao pesquisador ampliar a compreensão dos usos cotidianos da cultura e das relações vivenciadas nas sociedades em que elas estão dispostas (DOMINGOS, 2012a).

O campo[3] futebolístico suburbano de Lourenço Marques localizado em Moçambique, é um exemplo ilustrativo de tal argumentação. Ao analisar este espaço Domingos (2012b) constatou que as ideologias cultivadas pelos indivíduos nas instituições educacionais, estatais, étnicas e religiosas contrastavam-se com as cultivadas no futebol, sobretudo no suburbano, promovido fora do controle do Estado. Ao analisar este espaço social, o autor percebeu que ali foi estabelecida uma nova ordem de equilíbrio, a qual não se pautava somente no interesse dos grupos dominantes.

No caso brasileiro, um dos precursores desta abordagem foi o antropólogo Roberto DaMatta que, através da coletânea intitulada "Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira" (1982). O autor exerceu e ainda exerce influência significativa nas pesquisas que abordam a temática futebol em uma perspectiva sociocultural.

Para Damo (2003), uma das maiores contribuições de DaMatta (1982) foi incluir o futebol ao grupo de fatos sociais "relevantes" para a compreensão da sociedade brasileira. Entretanto Damo (2003, p. 131) ressalta que quem o lê "procurando saber a qual referente empírico ele está se dirigindo quando usa o termo futebol, não terá dificuldade em identificar na versão espetacularizada ou profissionalizada este referente". Destarte, o autor defende a necessidade de olhar-se para o Brasil enquanto o país dos "futebóis4", visto que, para além desta dimensão do esporte profissional, há outras interfaces que devem ser consideradas e exploradas na análise.

[2] Estes pressupostos normalmente estão balizados na teoria marxista, na qual os seus pensadores são reticentes a ideia ou possibilidade de que existam grupos que não atuem como a teoria previu. A este respeito Cf. FREITAS JUNIOR, Miguel A. *O futebol como objeto de estudo das ciências sociais: a* urgência de novas abordagens. Disponível em: www.efdeportes.com/Revista Digital, v. 10, n. 94 , Buenos Aires, marzo de 2006.

[3] De acordo com Bourdieu (2002, 2008a), o campo acadêmico, político, econômico, esportivo, dentre outros, deve ser visto como um espaço estruturado de posições ou de postos, o qual não é uma simples localização geográfica, mas um espaço abstrato.

[4] O autor ensaia uma divisão do futebol em quatro matrizes ou configurações, são elas: a) futebol profissional, que compreende-se e engloba os atores (jogadores, especialistas e torcedores) do futebol-espetáculo ou de alto rendimento; b) o futebol de bricolagem, revela-se através das peladas, dos rachas, fute e as demais designações locais; c) já o futebol comunitário, denomina-se em outros contextos como futebol de várzea, de bairro ou amador; d) a quarta configuração é o futebol escolar, que vincula-se às instituições escolares, com enfoque pedagógico (DAMO, 2003; 2005).

Neste viés, as interações simbólicas provenientes da prática futebolística amadora[5] realizadas na cidade de Ponta Grossa, localizada no interior do estado do Paraná – Brasil, apresentam-se como um campo profícuo para análise. Principalmente quando direciona-se o olhar para o Mirante Esporte Clube[6], uma equipe de futebol com mais de 97 anos de trajetória, que originou-se em um bairro tradicional da cidade e por várias décadas manteve este laço afetivo entre o bairro e o clube.

Não obstante, devido popularização do futebol local que lhe possibilitou expandir-se para toda a cidade e região dos campos gerais[7], bem como pela simpatia adquirida pelo Mirante E. C. após conquistas em nível estadual (campeão do interior e vice-campeão paranaense na década de 1930) e em nível local (campeonatos amadores) este elo com o bairro de origem enfraqueceu. Adentrou em seu lugar as relações de longa duração existente entre os jogadores e o clube, independente do local de moradia dos atletas. Deste modo, em muitos casos os sentimentos nutridos pelo clube foram repassados de geração para geração, através da rede de sociabilidade criada em torno das atividades do Mirante E.C.

Diante deste contexto, o objetivo deste artigo foi interpretar e analisar o papel da família no processo de aprendizagem e reprodução do gosto pela prática futebolística amadora no Mirante E. C., no período de 2013 e 2017.

A realização desta pesquisa justifica-se pelo fato de que quando se olha para o campo futebolístico, suas lógicas não se pautam simplesmente em uma libido econômica, expressa no desejo do atleta de tornar-se famoso e financeiramente estabelecido. Para muitos jogadores tornar-se profissional nunca foi uma meta a ser alcançada, isto não significa dizer que o futebol teve menos importância em suas vidas.

Considerando que a construção social do "gosto" do brasileiro pelo futebol sofre influência de variáveis como as diferentes regiões do país, o gênero, as diferentes matrizes futebolísticas (DAMO, 2003; 2005), as posições ocupadas pelos agentes nos diferentes campos sociais, entre outras. Buscou-se tentar compreender este processo de aprendizagem

[5] Neste estudo o futebol amador é entendido enquanto uma prática descompromissada do ponto de vista legal, porém de extrema importância para os jogadores do Mirante E. C. Como ressalta Huizinga (2000, p. 5) em um jogo, neste caso o de futebol, "existe alguma coisa 'em jogo" que transcende as necessidades imediatas da vida e confere um sentido à ação. Todo jogo significa alguma coisa". No campo futebolístico amador de Ponta Grossa, a característica lúdica e as festividades que permeiam a prática do futebol, não minimizam sua função distintiva e instituinte no campo.

[6] No decorrer da presente investigação, optou-se por trabalhar com nomes fictícios, como estratégia que visa preservar tanto os sujeitos quanto o clube de futebol no qual realizou-se as observações in loco. A opção pela utilização de nomes fictícios foi em decorrência do grau de envolvimento estabelecido pelo pesquisador, ao ser aceito em várias camadas do grupo investigado, desta maneira sendo possível circular por diferentes subgrupos existentes dentro do próprio clube.

[7] É composta por 19 municípios: Arapoti, Carambeí, Castro, Curiúva, Imbaú, Ipiranga, Ivaí, Jaguariaíva, Ortigueira, Palmeira, Piraí do Sul, Porto Amazonas, Ponta Grossa, Reserva, São João do Triunfo, Sengés, Telêmaco Borba, Tibagi e Ventania.

e interpretação das possíveis razões que levam as pessoas a gostar de uma determinada prática cultural e para alcançar este objetivo recorreu-se à etnografia.

Entendeu-se que a partir desta metodologia tornou-se possível compreender como homens e mulheres vivem suas vidas (GEERTZ, 2001). Destarte, é importante perceber que questões como a compreensão do gosto pelo futebol está ligada a um sistema de signos passíveis de interpretação, denominado cultura, dentro do qual os acontecimentos sociais, as instituições e as relações de poder precisam ser descritas densamente (GEERTZ, 2008).

Procedimentos metodológicos

A etnografia direciona a realização de diferentes etapas metodológicas, que não necessariamente apresentam uma sequência estrutural obrigatória. Nesta pesquisa, primeiramente estabeleceu-se o objeto e os sujeitos, elementos que permeiam todos os tipos de produções científicas. Nesse sentido, definiu-se o campo futebolístico amador da cidade de Ponta Grossa, a qual possui uma história significativa no desenvolvimento do futebol estadual, pois em maio de 1909, a cidade sediou a primeira partida de futebol no Estado, através do jogo realizado "entre os funcionários da American S. Brazilian Engineering Co., encarregada da construção da via férrea que ligaria o Paraná a São Paulo e ao Rio Grande do Sul" (RIBEIRO JR, 2004, p. 28).

Em sua trajetória esportiva o Operário Ferroviário Esporte Clube (OFEC) é o único clube da cidade que permaneceu na condição de equipe profissional. Porém as suas participações sempre foram sazonais, oscilando entre momentos altos e baixos (como por exemplo, a conquista do seu primeiro título estadual ocorrida no ano de 2015, seguido por um rebaixamento para a segunda divisão da competição no ano seguinte).

A falta de uma referência no futebol profissional local, pode ser um dos motivos para o fortalecimento de outros tipos de futebol, como o futebol amador que tornou-se uma alternativa interessante para quem gosta de assistir e praticar este esporte. No presente estudo, analisou-se os indivíduos pertencentes ao Mirante Esporte Clube, um dos únicos clubes a disputar ininterruptamente as competições amadoras desde a sua primeira edição, realizada no ano de 1928.

Quanto à baliza temporal utilizada, cabe destacar que o estudo foi desenvolvido entre os anos de 2013 a 2017, tendo em vista que neste tipo de estudo há necessidade de análise e contato prévio com o tema, bem como autorização e aproximação com o grupo social investigado, seguido da realização das primeiras descrições e da aceitação por parte do grupo. Só a partir deste momento é que o pesquisador começa a realizar as suas descrições "densas". Estas etapas diferenciam-se de pesquisador para pesquisador, de caso para caso, transformando o tempo em uma "variável dinâmica", que não pode ser definida antecipadamente. É importante destacar também, que o estudo foi apreciado e aprovado

pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Faculdade Sant'Ana, conforme designação da Plataforma Brasil inscrita sob o número do Parecer: 2.005.549.

Reconhecendo que o conhecimento preliminar sobre o objeto de estudo é essencial para traçar as estratégias de inserção ao campo. observou-se, em um primeiro momento, através da literatura8, como o futebol amador vem sendo retratado no contexto dos grandes centros urbanos e das pequenas cidades brasileira. Ação efetivada mediante busca nas bases de dados Scopus, Scielo e Portal de Periódicos CAPES/MEC, com os termos "futebol amador" OR "futebol de várzea", com filtro para os últimos 10 anos. Além de buscas em bibliotecas locais, para o levantamento de obras que abordam a temática futebol no contexto da cidade de Ponta Grossa.

Na sequência, buscou-se a "autorização" para a inserção in loco, tarefa que foi facilitada visita realizada a Liga de Futebol de Ponta Grossa (LFPG), entidade responsável pelo gerenciamento do futebol local. Foi através desta entidade que obteve-se os contatos dos clubes filiados, os quais após algumas tentativas, conseguiu-se efetivar contato com o "responsável" pelo Mirante Esporte Clube, que se colou a disposição para possíveis esclarecimentos. Diante dessa receptividade e da impossibilidade de estar presente ao mesmo tempo nos diversos estádios de futebol, pois os jogos da competição ocorriam simultaneamente, sempre aos domingos pela manhã, solicitou-se a autorização para a inserção in loco nas instalações da equipe do Mirante.

Autorizada a entrada ao campo, iniciou-se a observação participante, desdobrada na estruturação de um diário de campo (DC), onde objetivou-se compreender as lógicas gerais e específicas do campo futebolístico amador pontagrossense. Tal compreensão se torna mais profícua quando ocorre uma caracterização específica, a qual pode ser adjetivada de "densa" (GEERTZ, 2008).

Esta adjetivação efetiva-se quando os pesquisadores são capazes de interpretar "o ponto de vista" dos próprios membros do grupo social investigado, através da vivência e da observação destas práticas oriundas de processos históricos, sociais e culturais (BOUMARD, 1999). Baseando-se em insights que permitem a reorganização dos dados, coletados inicialmente como fragmentos e indícios soltos de um arranjo complexo (MAGNANI, 2002). Ao passo que as descrições capturem os "detalhes, contextos, emoções e as nuances do relacionamento social a fim de evocar o 'sentimento' de uma cena e não apenas seus atributos superficiais" (ANGROSINO, 2009, p. 32-33).

[8] A esse respeito, destacam-se os estudos de Rigo (2007) sobre um clube de futebol social recreativo e Rigo *et al.*(2010) sobre o futebol de várzea, ambos na cidade de Pelotas (RS); de Myskiw e Stigger (2014) sobre um circuito de futebol da cidade de Porto Alegre (RS); de Campos (2015) sobre a integração do espaço amazonense através das ligas municipais e Copa dos Rios de Seleções em Manaus e Parintins (AM); Pimenta (2013) sobre o futebol amador no sertão (CE); de Oliveira (2013) sobre a "suburbana" competição amadora de futebol em Curitiba (PR); no contexto local, destaca-se a obra de Ribeiro Jr. (2004) na qual o autor realiza um resgate das competições e resultados dos clubes pontagrossenses, porém sem reflexões teóricas; e de Freitas Jr (2000) sobre as causas do fracasso do Operário Ferroviário E. C., uma equipe de futebol profissional de Ponta Grossa.

Para conseguir atingir estes objetivos, acompanhou-se os jogos de três categorias em que o futebol amador local é subdividida, são elas: a) Campeonato Amador Divisão Especial (acima de 15 anos); b) Campeonato Amador Máster (acima de 35 anos) e; c) Campeonato Amador Sênior (acima de 45 anos). Partindo desta definição passou-se a acompanhar os jogadores em partidas oficiais, nos seus espaços de socialização e confraternização (antes e após os jogos), nos amistosos, nos jogos treino, nas peladas, realizadas aos sábados a tarde. Também nos fizemos presentes nas festividades em datas comemorativas (aniversário do clube) ou para arrecadação de fundos, em mutirões para realização de pequenas reformas, como pintura dos muros, troca de portas, construção de pisos e rampas, além de reuniões da diretoria do Mirante E. C..

Foram totalizadas 180 saídas a campo, com tempo médio de permanência de 5 horas, resultando em mais de 900 horas no campo, registrando as informações em Diário de Campo (DC), pois normalmente o indivíduo lembra-se somente das coisas que o motivam e o empolgam, descartando fatos sem sentido no momento do acontecimento (DAMATTA, 1987).

Partindo dos conceitos de “estar ali” e “estar aqui”, descritos por Geertz (2010), a materialização do DC fez-se dentro e fora de campo. Além de um caderno de anotações manuseado logo após a saída do campo, utilizou-se o recurso do gravador9 como subsídio para a lembrança dos fatos e a construção de uma descrição detalhada das experiências observadas e experimentadas. Desta maneira, minimizando as perdas da memória. A segunda etapa de construção do DC consistiu na escuta e posterior transcrição do áudio e em seguida a construção de um relatório complementar.

Paralelamente ao processo de observação e estruturação do DC, realizou-se a interpretação e a análise do material empírico proveniente das saídas a campo. Neste processo analítico considerou-se como fundamental no estabelecimento das categorias, a frequência e a relevância das ações/práticas simbólicas observadas.

Contextualizando o campo futebolístico amador de Ponta Grossa

O campo social pode ser compreendido como uma representação abstrata, gerada por intermédio de um trabalho específico de construção (BOURDIEU, 2008a). Logo, existirão tantos campos sociais quanto forem as formas de interesse produzidas (BOURDIEU, 2004).

Ainda de acordo com o autor, tal como um mapa, o campo proporciona aos agentes nele inseridos uma visão panorâmica, através de “um ponto de vista” dentre os inúmeros

[9] Optou-se pela utilização do aplicativo de gravação de áudio do *smartphone*, devido à praticidade de seu uso e por se tratar de um objeto extremamente familiar no campo, assim este causaria menos estranhamento se comparada à utilização de um gravador tradicional. É importante destacar que não foram realizadas gravações durante as rodas de sociabilidade, sem a autorização dos agentes.

pontos que o constituem. Por conseguinte, todas as práticas, ações e representações dos agentes sociais estão ancoradas a sua trajetória e visão do campo. Para a leitura de um espaço social enquanto um campo, torna-se necessário o cumprimento de alguns requisitos. Dentre eles, a identificação de objetos de disputas, que só possuem valor e sentido completo para os agentes pertencentes ao campo específico destes objetos (BOURDIEU, 2002).

No campo futebolístico amador de Ponta Grossa, encontrou-se no status o objeto maior de disputas entre os agentes. Estas disputas simbólicas ou este "jogo de status" (GEERTZ, 2008) eram realizados coletivamente por um grupo, em torno dos símbolos de um clube de futebol e individualmente através da busca pela consagração/legitimação pessoal. Não obstante, estas disputas estavam imbricadas, uma vez que o status de campeão adquirido pelo clube que vence a competição amadora, era desfrutado também por seus jogadores, e os troféus individuais de um artilheiro ou do melhor goleiro do campeonato contribuíam para o aumento do status do clube que representavam.

Ressalta-se a importância de se relativizar o entendimento do título/troféu de campeão enquanto objeto de disputa agregador de status. Isto é, a conquista de títulos era mais um dos elementos legitimadores que atribuíam poder simbólico10 a um agente, acrescenta-se também a habilidade técnica, a inteligência tática, o carisma, a posição ocupada dentro do clube que representa, a posição ocupada socialmente, a herança cultural futebolística (jogadores que são filhos ou possuem algum grau de parentesco com agentes legítimos no campo) e a trajetória do indivíduo no campo, foram alguns dos elementos que observou-se durante o tempo destinado a permanência no campo.

Em virtude desta diversidade de elementos, o campo é permeado por estratégias11, tanto de subversão quanto de conservação do poder adquirido. Portanto, o status conquistado pelo agente está diretamente relacionado ao capital global (econômico, cultural, social e simbólico12) acumulado ao longo de sua trajetória social. Através desta relação, é possível encontrar a gênese dos esquemas de percepção, pensamento e ação, constitutivos do que Bourdieu (2004) chama de habitus.

[10] Este poder simbólico possui também uma dimensão abstrata, que o torna invisível dentro das trocas simbólicas, porém legítimo e reconhecido por todos os agentes da estrutura (BOURDIEU, 2002). Até mesmo quando exercitado de forma latente através "das armas ou a do dinheiro, a dominação possui sempre uma dimensão simbólica" (BOURDIEU, 2001, p. 209).

[11] De acordo com Bourdieu (2004, p. 23) as estratégias são ações orientadoras das práticas, que "embora não sejam produto de uma aspiração consciente de fins explicitamente colocados a partir de um conhecimento adequado das condições objetivas, nem de uma determinação mecânica de causas, mostram-se objetivamente ajustadas à situação"

[12] Através dos escritos de Bourdieu, Bonnewitz (2003) versa sobre as quatro possíveis distinções do capital, quais sejam: Capital econômico - constituído pelo conjunto dos bens econômicos (renda, patrimônio, bens materiais); Capital cultural - correspondente as qualificações intelectuais produzidas pelo sistema escolar e/ou transmitidas pela família. Encontra-se nos estados: incorporado (como disposição do corpo), objetivo (como bem cultural) e institucionalizado (socialmente sancionado como os títulos acadêmicos); Capital social - conjunto das relações sociais de que dispõe um indivíduo ou grupo e; Capital simbólico - corresponde ao conjunto dos rituais ligados à honra e ao reconhecimento.

O habitus é um sistema de esquemas de produção de práticas e, ao mesmo tempo, um sistema de esquemas de percepção e apreciação destas práticas. Em ambos os casos, segundo o autor, a posição social em que estas práticas foram aprendidas é expressa pelos agentes. Desse modo, o habitus produz práticas e representações que "só são imediatamente percebidas enquanto tal, por agentes que possuam o código, os esquemas classificatórios necessários para compreender-lhes o sentido social" (BOURDIEU, 2004, p. 158).

Os fatos observados no campo futebolístico amador pontagrossense e mais especificamente no Mirante E. C., foi que a noção de família, seja ela consanguínea ou por consideração, nos permite entender a importância dada por estes agentes as relações de longa duração e a herança cultural futebolística. No último caso, ao herdar o capital futebolístico (social e simbólico) dos pais, avós ou tios, o herdeiro detinha uma vantagem nesta disputa simbólica por status, uma vez que havia incorporando o gosto e as lógicas da prática futebolística logo no início de seu processo de socialização.

Notas sobre a lógica do casamento

Em sua obra intitulada "A Distinção", Bourdieu (2008a) estrutura uma sociologia do gosto. Ele demonstra através de uma infinidade de dados, como os diferentes grupos sociais (ortodoxos e heterodoxos), incorporam certos padrões de gostos, decorrentes de padrões de habitus. Para o autor, estas preferências manifestadas cotidianamente (gosto), são afirmações práticas da existência de diferenças inevitáveis entre agentes e grupos localizados em posições distintas do campo social.

Bourdieu (2008a) atribui à família e à escola, uma importância singular no processo de aprendizagem e reprodução destas preferências, uma vez que ocorrem nestes espaços as socializações primárias dos agentes. Ou seja, é através das relações sociais com os familiares (pai, mãe, irmão, avós, etc.) que as primeiras práticas e disposições de agir são aprendidas. Posteriormente, a escola também se apresenta como um espaço legítimo e legal da aprendizagem de novas práticas sociais.

Inseparavelmente, família e escola operam como espaços constituintes das competências julgadas "necessárias" para os diferentes momentos, bem como espaços de definição do valor destas competências. Desse modo, ao aferir valor a uma determinada competência cultural, a família e a escola baseiam-se em um senso de aplicação que justifique os investimentos (altos ou baixos) realizados (BOURDIEU, 2008a).

Ao analisar a relevância da prática futebolística e principalmente das relações sociais decorrentes destas práticas na vida dos agentes inseridos no campo futebolístico amador de Ponta Grossa, infere-se que neste contexto específico as relações sociais

emergentes da prática do futebol também adentram ao hall das socializações primárias dos agentes.

Portanto, percebeu-se no Mirante E. C. e no campo futebolístico amador pontagrossense como um todo, que as famílias envolvidas nestes espaços, independente das singularidades e pontos de vista, atribuíam às competências futebolísticas uma alta valoração. Elas acreditavam que as práticas, valores e representações aprendidas neste espaço seriam "aplicadas" em outros momentos. As mais visíveis eram as regras relacionadas às socializações e os "valores" morais e éticos que permeavam as práticas futebolísticas, em nível de peladas ou jogos oficiais por campeonatos.

Devido à alta valorização dos investimentos nas competências futebolísticas – econômicos, mas principalmente de "tempo" ou dos sacrifícios (vestir a camisa do clube, mesmo sofrendo dores decorrentes de alguma lesão ou doença) –, foi possível identificar no Mirante E. C. um imbricamento por parte de um grupo de jogadores, entre a estrutura familiar e a estrutura do clube. Ação descrita através de uma metáfora com o casamento que, ao longo das descrições densas constatou-se não se tratar de uma simples analogia, mas uma lógica produzida e reproduzida histórica e socialmente pelos agentes. Como pode-se observar no trecho do diário de campo a seguir:

> Mesmo após mais uma derrota, a qual quase zerava as chances de classificação do Mirante E. C. para as quartas de final da competição, a "cervejinha" no final do jogo estava presente, embora com "gosto amargo", era também proibido falar na derrota, apontar culpados, inferiorizar a si mesmo ou ao clube. Mais uma vez, o OFEC foi o centro das conversas devido a sua atuação no campeonato paranaense de futebol [ano em que se sagrou campeão]. Após algumas garrafas e vários temas discutidos, como: política, esporte, assuntos pessoais e etc. um dos jogadores realizou uma crítica, referente a atuação do time em campo e logo foi repreendido por seu Tião. Pois segundo ele, a relação entre "o jogador, o futebol e o clube", eram como um casamento, o qual não vive somente de momentos bons, mas também de ruins e mesmo nas dificuldades era preciso lutar para que esta relação não se acabasse, além de ser nestes momentos difíceis que o amor se fortalece. (Diário de Campo, 26 de abril de 2015).

Em virtude do reconhecimento da legitimidade de fala (CHAUÍ, 2007; BOURDIEU, 1998) de seu Tião, decorrente do seu posto de "veterano13", suas palavras foram ouvidas

[13] Ao dirigir-se a palavra a um agente do campo, com idade elevada ou cita-lo, não se deveria utilizar os substantivos "velho" ou "idoso". Mesmo que o agente demonstre claramente traços claros de envelhecimento, a ancoragem do velho a características negativas tornava seu uso ofensivo. Neste viés, a utilização da palavra idoso comporta a mesma carga simbólica, porém de maneira polida. Destarte, se deveria utilizar o substantivo "veterano", o qual tem a função de demarcar uma distinção, clara entre os agentes do campo, entre "o que é ser velho" e "o que é ser veterano". Pois no segundo caso, sua ancoragem está associada às experiências de vida, posto de alguém pertencente ao campo por um longo período, objeto de desejo dos mais jovens.

sem questionamentos, seguidas por um silêncio breve mas significativo, dado o volume e quantidade de diálogos que transitavam no espaço ao mesmo tempo. Para os jogadores, dirigentes e demais envolvidos na estrutura do Mirante E. C., a metáfora de seu Tião, expressava ou deveria expressar perfeitamente esta união. Nesta perspectiva, a aliança construída pelo grupo demandava um compromisso moral, que deveria ser apreendido para então ser aceito como membro da família.

Não obstante, assim como um casamento católico em que só pode ser consagrado por um sacerdote, no futebol não bastava simplesmente a vontade do agente em "casar-se" com o clube, para fazer parte da família, era preciso que este rito fosse legítimo. Nesse contexto, o processo de legitimação perante o grupo, ocorria quando os agentes já "legitimados" (veteranos) o apontavam como exemplo. Esta tradição inventada14 (HOBSBAWN, 1984), faz parte de um enredo místico criado em torno de uma série de acontecimentos que servem para legitimar o fato social.

Verificou-se este simbolismo também nos períodos de preparação para os jogos, nos vestiários e na roda formada ao término da partida, momentos identificados como as principais ocasiões de instituição. Nestes espaços, os agentes instituídos (alguns jogadores, técnico, auxiliares e algumas vezes os veteranos) geralmente proferiam elogios àqueles jogadores que se destacaram no decorrer da partida ou no jogo anterior. Seja por um gol feito, um passe que deu origem a uma boa jogada, pela marcação feita sobre um adversário ou até mesmo por um carrinho dado visando evitar a saída da bola. Na grande maioria das vezes, o elogio não ocorria pelo êxito, mas pela tentativa, pelo esforço e dedicação a equipe.

Desse modo, o elogio ou a crítica (em menor proporção, mas existente) "em público", perante todo o grupo, tornava-se uma ação agregadora de capital simbólico que somada a outras ações, fundamenta a instituição ou destituição social de um agente por outro (BOURDIEU, 1998). Uma vez, nomeado e pertencente à "família", este indivíduo adquiria o capital simbólico que o autorizava a convidar novos jogadores e com o tempo exerceria também a função de nomeador, ou seja, acumularia o poder necessário para instituir esses atletas como membros da família (BOURDIEU, 1998).

O futebol como continuidade da família ou como "segunda família"

No decorrer desta análise, identificou-se que um grupo significativo de jogadores do Mirante E. C. enxergavam o futebol como uma continuidade da família, contando com a presença dos filhos e esposas nas atividades do clube. Isso não ocorria simplesmente de

[14] Por "tradição inventada" entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade, em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer uma continuidade com um passado histórico apropriado.

forma indireta, através da ligação com o esposo ou pai/jogador, mas diretamente, de forma que os filhos e esposas possuíssem uma função na dinâmica social do grupo.

Quanto aos filhos, eles eram iniciados nas práticas futebolísticas através de seus pais, experimentando diferentes situações, por meio das quais seria possível incorporar as competências valorizadas pelo grupo. Nesse processo, os filhos pequenos, com idades entre 4 e 10 anos aproximadamente, eram expostos a uma infinidade de estímulos e sem grandes restrições, como: jogar bola no campo, nos momentos precedentes, no intervalo e após o término das partidas; entrar nos vestiários com os pais, espaço considerado sagrado para os jogadores segundo Petrognani (2016), além de possuírem um espaço no banco de reservas ou nos espaços destinados à imprensa durante as partidas.

Todas essas práticas seriam desautorizadas se partissem de outras pessoas ou até mesmo em se tratando de meninos mais velhos, porém os pais compreendiam esta faixa etária como a fase ideal para a aprendizagem do gosto pelo futebol. Era comum e interessante ver estes estímulos por parte de toda a equipe. Quando um menino entrava tímido com seu pai no vestiário pela primeira vez, por exemplo, logo ele era abordado por outros jogadores, que o instigavam a dialogar, realizando principalmente perguntas sobre futebol (time que torcia, se jogava na escola ou com os amigos), tentando familiarizá-lo ao ambiente. O mesmo observou-se quando eles entravam em campo com seus pais. Nestas ocasiões os jogadores tocavam a bola para os meninos e meninas (em menor número as meninas também participavam destas relações, com exceção da entrada no vestiário), incentivando-os a chutá-la no gol, incluindo-os em seus aquecimentos.

Desse modo, os acordos entre pai e filho ou filha para tornar o jogo de domingo um programa de família, ocorriam sem grandes conflitos. Mesmo quando estes filhos possuíam idades superiores – fato que limitava os acessos nos espaços, resumindo-se ao bar do clube e o alambrado – suas presenças nos jogos eram constantes e já se justificava, segundo eles, pelo gosto em ver o pai jogar, em conversar com amigos (filhos de outros jogadores) e pelos tradicionais churrascos após os jogos. De acordo com Rigo et al.(2010, p. 163), o fato das crianças observarem os jogos dos adultos, as aproximam do universo específico do futebol amador, pois “através deles as crianças vão conhecendo os times, os jogadores e vão familiarizando-se com as artimanhas desse futebol”.

Entretanto, ao referir-se à participação das esposas, este cenário tornava-se menos harmonioso, exigindo dos esposos/jogadores negociações e concessões em relação às atividades familiares, ou seja, se o jogo de domingo era objeto de desejo do esposo/jogador, ele deveria acompanhar sua esposa em outra atividade “equivalente”, uma atividade que fosse objeto do desejo dela.

Estes elementos empíricos revelam em certa medida, a forma como ocorrem os relacionamentos em Ponta Grossa. Trata-se de uma cidade interiorana, marcada por práticas conservadoristas ou menos liberais, não obstante, devido à sua localização próxima da capital do estado e por encontrar-se no centro da região dos Campos Gerais, sendo fortemente marcada pela presença de várias instituições de Ensino Superior, estabelecem-se

determinadas tensões entre as práticas culturais locais e as oriundas destas transformações urbanas. Deste modo, para alguns agentes determinadas esferas da vida, como os relacionamentos, devem seguir concepções mais tradicionais.

Através de discussões explícitas, de "indiretas" (comentários com duplo sentido) em meio ao grupo ou sem conflitos públicos, os jogadores negociavam com suas esposas o tempo destinado ao clube. Esta situação pode ser compreendida sob a perspectiva de Mair (1979, p. 93), uma vez que "o casamento cria novas relações sociais de afinidade e direitos recíprocos entre os cônjuges".

Pode-se verificar uma destas negociações no trecho a seguir, descrito no diário de campo, após captar uma conversa entre dois jogadores do Mirante E. C., na qual um despedia-se alegando não poder esperar o churrasco, pois deveria almoçar com sua esposa.

> Após a vitória do Mirante E. C., por três gols a dois, válida pela 9ª rodada do Campeonato Amador Máster, o clube assumiu a terceira colocação ficando à apenas um ponto do segundo colocado. A empolgação tomou conta dos jogadores e torcedores, fato que levou alguns jogadores a iniciarem uma coleta de contribuições financeiras para compra de carne, linguiça e pães. De imediato a maioria dos jogadores decidiu ficar para o churrasco, o qual não havia sido programado com antecedência. Assim, quando Rodrigo avistou Felipe deslocando-se em direção ao seu carro, ele chamou-o e perguntou se ele estava sabendo que fariam "uma carne". Felipe respondeu que sim, mas que precisava ir para casa, novamente Rodrigo insiste para que ele ficasse. "–Fique ai irmão, os piás já foram buscar a carne, logo chegam do mercado, vamos ali tomar uma cerveja, você come uma carne e vai pra casa, a mulher nem vai perceber ou fala que o jogo atrasou". Ambos riram e então Felipe respondeu: "–Não vou poder ficar mesmo, ontem jogamos à tarde com o pessoal aqui e ficamos até às 22 horas tomando cerveja. Hoje eu tenho que almoçar com a patroa, eu tinha um 'cartucho' e gastei ontem, se soubesse que fariam churrasco tinha ido pra casa cedo e aproveitava hoje, mas preciso ir mesmo". Após esta frase os dois gargalharam e Rodrigo concordou com a "justificativa" do companheiro. Deste modo, eles despediram-se e um deles voltou para o bar, o outro entrou em seu veículo e deixou o estádio do Mirante E. C. (Diário de Campo, 23 de abril de 2017)

Com relação as esposas que acompanhavam seus cônjuges nos dias de jogos, foi possível identificar certa regularidade na forma de inserção ou aproximação com o espaço. Algumas esposas eram instigadas pela curiosidade de verificar in loco, os motivos e interesses do esposo em sair de casa domingo de manhã para jogar futebol. Como a esposa do jogador Paulo destacou, "Não dá para entender o que vocês veem de tão interessante

neste jogo, para acordar cedo, às vezes na chuva, se machucar ainda, só para correr atrás de uma bola?" (Diário de Campo, 05 de março de 2017).

Está argumentação pode ser compreendida através da noção de "sentido de jogo" descrita por Bourdieu (2008a), segundo o autor, ter o sentido do jogo significa "ter o jogo na pele", dotar-se de um senso histórico. Neste viés, quem não vive no campo não consegue ver além da aparência, pois a bola era o menor dos objetos a ser disputado. O prazer de estar com os amigos e a identidade com o clube eram centrais, entretanto são elementos imperceptíveis para o leigo.

Porém, a grande maioria acompanhava os esposos pela primeira vez no estádio por ciúmes, frequentando o espaço para verificar o perfil dos demais jogadores e frequentadores. Dessa maneira, existia um esforço dos jogadores e dirigentes do Mirante E. C. em tornar o espaço "familiar", pois isto facilitaria significativamente os acordos relacionados à "economia do tempo". Deste modo, a estratégia adotada pelos jogadores era a aproximação de suas esposas às esposas dos companheiros, assim elas teriam outros motivos para acompanha-los. Neste sentido, a realização de encontros somente para casais era uma das iniciativas do grupo.

> Por volta das 14 horas, nos despedíamos (eu e minha noiva) dos poucos jogadores e dirigentes que ainda permaneciam no bar do Mirante E. C. Quando seu Tião me convocou, juntamente com alguns agentes ali presentes, para uma reunião sobre um evento a ser realizado com o intuito de angariar fundos para melhorias na estrutura física do estádio. Dentre outros assuntos discutidos, chamou-me a atenção o tema a as regras para participação do almoço, o qual seria destinado a "casais", não permitindo a participação de jogadores que não namorassem, fossem noivos ou casados. O convite, no valor de 50,00 reais, corresponderia ao casal e em certa medida a família, pois os filhos não pagavam o almoço. Antes de encerrar a reunião, um dos jogadores do Mirante E.C. disse: "Bem que os jogos da prata (referindo-se ao Amador Principal) poderiam ser feitos à tarde né, assim a gente poderia combinar um almoço com a família aqui mesmo, fazíamos um churrasquinho antes do jogo, e encerrávamos o domingo com uma cervejinha depois do jogo" (Diário de Campo, 30 de julho de 2016)

Em sua pesquisa sobre o futebol amador no sertão, Pimenta (2013) descreve um cenário semelhante ao observado no Mirante E. C., no que se refere a presença dos familiares no campo. Segundo a autora "o futebol amador no sertão se apresenta como uma forma de lazer para toda a família, possibilitando para a maioria das mulheres e crianças um dos poucos meios de circular entre os distritos, se concretizando algumas vezes como única alternativa de lazer" (PIMENTA, 2013, p. 110).

A busca dos agentes envolvidos com as atividades do Mirante E. C. em tornar o clube um "lugar de família", exige-nos reflexões sobre as relações familiares, mas também

nos instiga a explorar o conceito de lugar, acima de tudo, o que um lugar específico pode representar em relação a um contexto globalizado.

Ancorando-se em Augé (2005) os "lugares" podem ser entendidos como espaços sociais onde formam-se as relações identitárias, por este motivo são espaços em que valoriza-se a coletividade, as trajetórias dos agentes e dos próprios lugares. Já os "não lugares" são o oposto desta compreensão, isto é, espaços em que prevalece o indivíduo "solitário". Tratam-se de locais de passagem, que impossibilitam a formação de identidades, devido ao fluxo contínuo de agentes e imagem(AUGÉ, 2005).

Nesta nova dinâmica social, Sá (2014) enfatiza que a inquietação de Augé deriva da súbita e rápida substituição dos lugares pelos não lugares, em que cada vez mais os lugares representam "[...] um tempo passado e o não lugar um provável futuro" (SÁ, 2014, p. 211). De fato, durante o processo investigativo percebeu-se que muitos jogadores viam os clubes como locais de passagem, espaços que supriam determinadas necessidades e interesses, jogando por uma equipe distinta a cada ano.

Entretanto, na contramão desse movimento ou dessa tendência atual do futebol amador de Ponta Grossa, os jogadores do Mirante E. C. intentavam reduzir os impactos deste fluxo, fosse através das festividades, das rodas de socialização, mas principalmente com a aproximação das famílias ao clube, intentando fazer deste espaço um lugar. Neste processo, a chave para esta questão (na visão dos agentes sociais) era ensinar o gosto pela prática futebolística aos mais jovens.

Para alguns jogadores do Mirante E. C. a relação com o clube não se enraizava de tal forma. Desse modo, os investimentos (BOURDIEU, 2008a) eram menores nas atividades do clube, como presença em festividades e confraternizações, principalmente, em se tratando de tempo para organização destes eventos ou participação de mutirões. Embora seja importante ressaltar que os jogadores mantinham laços sentimentais fortes com os demais colegas de equipe.

Dentre outras razões, isto ocorria devido à ligação fraca dos demais familiares com a equipe, mas principalmente devido à ausência das esposas e filhos nos dias de jogos. Nestes casos, a "economia do tempo" fracionada entre o trabalho, a religião em alguns casos, a família e ao clube, que exigia presença regular nos jogos, tornava-se insustentável. Como pode-se constatar através do discurso de despedida de um jogador do Mirante E. C., publicado em um aplicativo de comunicação, que devido à economia do tempo estava deixando a equipe para dedicar-se mais a "sua família".

> Fala pessoal tudo beleza. Foi um prazer jogar com vocês. Acredito que a vida é feita de escolhas e escolhi não jogar mais aí com vocês. Estou muito distante da minha família no final de semana e acho que não compensa certas coisas. Vou aproveitar mais minha família. O tempo é muito curto,

> trabalhamos a semana toda para no final de semana ficar nos campos. Sou sincero de falar que é minha diversão preferida. Mas não tenho mais cabeça para me dedicar em coisas não vão me trazer frutos bons. Espero que me entendam. Um abraço a todos aí e boa sorte galera. (IGOR, 2017)

Partindo do exposto e do caso supracitado, pode-se compreender que tornar o espaço atrativo aos demais familiares, fazia parte da própria estratégia de sobrevivência do clube, pois se nas relações sociais do clube estes valores não fossem exaltados, existiria uma tendência de que os acordos com as esposas fossem cada vez mais tensos e talvez insustentáveis para os jogadores. Como a prática futebolística amadora em Ponta Grossa, não é fundamentalmente fomentada pela remuneração financeira, pois não se trata de uma atividade profissional, o pagamento deveria vir de outra forma, qual seja, pelo próprio prazer que a atividade proporciona (HUIZINGA, 2000).

Nesse contexto, "ser de família" tornava-se fundamental para jogar no Mirante E. C. e elemento gerador de distinção (BOURDIEU, 2008a) quanto aos jogadores que se enquadravam nas lógicas do clube. Pois aqueles que não tinham a pretensão de estabelecer laços afetivos de longa duração com outros jogadores ou com o Mirante E. C. migravam para outros clubes, isso se seu status lhe garantisse a possibilidade e de escolher onde jogar, do contrário apenas abandonavam o campo futebolístico amador.

Considerações finais

A presente investigação objetivou analisar o papel da família no processo de aprendizagem e reprodução do gosto pela prática futebolística no Mirante E. C. da cidade de Ponta Grossa-PR. No decorrer desta análise, foi possível identificar uma dupla relação entre as famílias e o futebol. Os agentes que jogavam devido à identidade com o clube enxergavam o futebol como uma continuidade de suas famílias, outro grupo, porém, formado por jogadores que jogavam devido às relações de amizade, rodas de sociabilidade e ao amor pelo futebol, viam o futebol como produtor de uma segunda família.

Nesta relação com a prática do futebol, ambos os grupos de jogadores atribuíam às competências futebolísticas uma alta valoração, devido à possibilidade de utilizar e "rentabilizar" as competências aprendidas ali, em outros campos sociais. Justificando, assim, os investimentos econômicos e, principalmente, de "tempo" nesta prática.

Desse modo, foi possível identificar no Mirante E. C. um imbricamento, por parte de um grupo de jogadores, entre a estrutura familiar e a estrutura do clube. Descrito e expresso na equipe através da metáfora com o casamento, a qual não se tratava de uma simples analogia, mas uma lógica produzida e reproduzida histórica e socialmente pelos agentes sociais ali inseridos.

Partindo do exposto, pode-se compreender que tornar o espaço atrativo aos demais familiares, fazia parte da própria estratégia de sobrevivência do clube, pois se nas relações sociais do clube estes valores não fossem exaltados, existiria uma tendência de que os acordos com as esposas fossem cada vez mais tensos e talvez insustentáveis para os jogadores. Desse modo, emergia também a necessidade de preservação deste espaço enquanto o "lugar" do Mirante E. C., ou seja, um espaço em que se valorize a herança cultural futebolística, a coletividade, as trajetórias dos agentes e do próprio lugar.

Artigo recebido em 09 mar. 2018.
Aprovado para publicação em 08 mai. 2018.

Referências

ANGROSINO, Michael. *Etnografia e observação participante.* Porto Alegre: Artmet, 2009, p. 138.

AUGÉ, Marc. *Não-lugares:* introdução a uma antropologia da supermodernidade. Edição 5, Campinas: Papirus, 2005, p. 111.

BOUMARD, Patrick. "O lugar da etnografia nas epistemologias construtivistas". *Revista de Psicologia Social e Institucional*, v.1, n.2, Londrina, 1999, p. 1-6.

BOURDIEU, Pierre. *A Distinção:* crítica social do julgamento. Trad. Daniela Kein e Gilheme J. F. Teixeira, Porto Alegre: Zouk, 2008a, p. 556.

_____. *A Economia das Trocas Linguísticas:* O que Falar Quem Dizer. Trad. Sérgio Miceli. Edição 5, São Paulo: Editora da USP, 1998, p. 191.

_____. *Coisas ditas.* Trad. Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim, São Paulo: Brasiliense, 2004, p. 234.

_____. *Meditações pascalianas.* Trad. Sergio Miceli, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001, p. 324.

_____. *O poder simbólico.* Trad. Fernando Tomaz, Edição 5, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002, p. 311.

_____. Razões práticas: Sobre a teoria da ação. Trad. Mariza Correa, Edição 9, Campinas: Papirus, 2008b, p. 224.

BONNEWITZ, Patrice. *Primeiras lições sobre a sociologia de P. Bourdieu.* Trad. Lucy Magalhães, Petrópolis: Vozes, 2003, p. 149.

CAMPOS, Fernando Rosseto Gallego. "Ligas municipais e Copa dos Rios de Seleções: integração do espaço amazonense através da centralidade subterrânea". *Revista Ra'E Ga,* v. 35, Curitiba, 2015, p. 288-313.

CHAUI, Marilena de Sousa. *Cultura e democracia:* o discurso competente e outras falas. Edição 12, São Paulo: Cortez, 2007, p. 367.

DAMATTA, Roberto. *Relativizando:* uma introdução à antropologia social. Rio de Janeiro: Rocco, 1987, p. 246.

_____ *et al. Universo do Futebol:* Esporte e Sociedade Brasileira. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982, p. 124.

DAMO, Arlei Sander. "Monopólio estético e diversidade configuracional no futebol brasileiro". *Movimento*, v. 9, n. 2, Porto Alegre, 2003, p. 129-156.

_____. *Do dom à profissão:* a formação de futebolistas no Brasil e na França. 2005. 435 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

DOMINGOS, Nuno. *Cultura popular urbana e configurações imperiais.* In Miguel Bandeira Jerónimo (Eds.). O Império colonial em questão (sécs. XIX-XX): poderes, saberes e instituições. Lisboa: Edições 70, 2012ª, p. 391-421.

_____. *Futebol e colonialismo:* corpo e cultura popular em Moçambique. Lisboa: ICS – Imprensa Ciências Sociais, 2012b, p. 314.

FREITAS JUNIOR, Miguel Archanjo de. *Operário Ferroviário Esporte Clube:* um estudo das causas do fracasso de uma equipe de futebol profissional do interior do Estado do Paraná. 2000. 133 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas) Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2000.

GUEDES, Simoni Lahud. Lógicas da emoção. *Revista brasileira de Ciências Sociais*, v. 18, n. 51, São Paulo, 2003, p. 1-5.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas.* Rio de Janeiro: LTC, 2008, p. 323.

_____. *El antropologo como autor.* Barcelona: Paidos, 2010, p. 163.

_____. *Nova luz sobre a antropologia.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, p. 248.

HOBSBAWN, Eric. *Introdução:* a invenção das tradições. In: HOBSBAWN, Eric., RANGER,

Terence. A invenção das tradições. Trad. Celina Cardim Calvacanti. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984, p. 9-23.

HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens*. Trad. João Paulo Monteiro, Edição 4, São Paulo: Editora Perspectiva S. A., 2000, p. 162.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. "De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana". *Revista Brasileira de Ciências Sociais,* v. 17, n. 49, São Paulo, 2002, p. 11-29.

MAIR, Lucy. *Introdução a antropologia social.* Edição 4, Rio de Janeiro: Zahar, 1979, p. 291.

MYSKIW, Mauro; STIGGER, Marco Paulo. "O futebol "de várzea" é "uma várzea"!? Etnografia da organização no circuito municipal de Porto Alegre". *Movimento*, v. 20, n. 2, Porto Alegre, 2014, p. 445-469.

OLIVEIRA, Allan de Paula. "Entre a várzea e o profissional: sobre um campeonato de futebol amador". *Espaço Plural,* v.14, n. 29, Marechal Cândido Rondon, 2013, p. 114-139.

PETROGNANI, Claude. *Futebol e religião no Brasil:* um estudo antropológico do "fechamento". 2016. 236 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2016.

PIMENTA, Rosangela Duarte. "O JOGO NO SERTÃO: CONHECENDO O FUTEBOL AMADOR NA ZONA RURAL". *Espaço Plural,* v.14, n. 29, Marechal Cândido Rondon, 2013, p. 90-113.

RIBEIRO JUNIOR, José Cação. *Futebol ponta-grossense:* Recortes da História. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2004, p. 292.

RIGO, Luiz Carlos. "AMIZADE, PERTENCIMENTO E RELAÇÕESDE PODER NO FUTEBOL DE BAIRRO". *Pensar a Prática*, v. 10, n. 1, Goiânia, 2007, p. 83-98.

RIGO, Luiz Carlos; JAHNECKA, Luciano ; SILVA, Inácio Crochemore da. "Notas etnográficas sobre o futebol de várzea". *Movimento*, v.16, n. 3, Porto Alegre, 2010, p. 155-179.

SÁ, Teresa. "Lugares e não lugares em Marc Augé". *Tempo Social,* , v. 26, n. 2, São Paulo, 2014, p. 209-229.

Campos, festas e pedreiras: narrativas varzeanas das periferias de São Paulo (SP)

Enrico Spaggiari[1]

Fields, festivals and quarries: amateur narratives from the peripheries of São Paulo (SP)

http://dx.doi.org/10.12660/rm.v9n14.2018.74035

[1]Doutor em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo. Professor do Centro Universitário de São Paulo. E-mail: enricospaggiari@yahoo.com.br

Resumo:

Nesse artigo, a questão temporal se revela fundamental para compreender os sentidos que o futebol varzeano desperta nas memórias dos moradores de um bairro periférico da cidade de São Paulo. As narrativas revelam uma contínua reelaboração das percepções de um passado rememorado – do que "era" o futebol de várzea – frente às vivências e transformações do presente. Construídas por diversos atores vinculados ao futebol varzeano, em ritmos temporais marcados por rupturas e lacunas, tais depoimentos e memórias escudam a proposta de uma etnografia da duração, que articula a rememoração de eventos e percepções do passado às reflexões e experiências vividas pelos citadinos no presente, no tempo da interação etnográfica, para impulsionar a compreensão de narrativas biográficas e processos sociais.

Palavras-chave: Futebol de várzea, Etnografia, Narrativa.

Abstract:

In this article, the temporal issue is crucial to understand the meanings that amateur football awakens in the memories of residents of a São Paulo's peripheries. The narratives reveals a continuous reworking of the perceptions of a past recollected - of than "was" the amateur football - in the face of experiences and present transformations. Built by different actors linked to amateur football, in temporal rhythms marked by breaks and loopholes, such testimonies and memories underpin the proposal for an ethnography of duration, which articulates the recollection of events and perceptions of the past with the reflections and experiences of the townspeople in the present, the time of ethnographic interaction, to boost understanding of biographical narratives and social processes.

Key words: Amateur football, Etnography, Narrative.

Introdução

Falar de futebol com os varzeanos – sejam esses jogadores, torcedores, dirigentes ou entusiastas do esporte – é uma viagem pelo tempo e pelo espaço a partir das suas memórias e narrativas que exploram e revelam uma pluralidade de versões e definições do que "era" e do que "é" o futebol de várzea, construídas em relação aos campos de futebol, ao bairro e à cidade. Quando o interlocutor é um veterano, com seus 40, 60 ou 80 anos, a conversa geralmente gira em torno de "uma várzea que não existe mais" ou uma "várzea que já acabou". O cenário varzeano atual é abordado, mas de forma crítica, em comparação ao que foi vivido em outras épocas, quando "a várzea já foi melhor". Estas expressões pouco aparecem quando o interlocutor é um futebolista mais novo, que atua nos quadros principais das equipes de hoje. O assunto destes é o futebol de várzea atual. Porém, ao iniciar a conversa com um jovem, em muitos casos este indica um familiar ou conhecido que acompanhou a várzea em períodos anteriores. Assim, falar de futebol de várzea é, muitas vezes, abordar sobre um passado de uma prática esportiva, de um bairro e de uma cidade que não se reconhecem mais em um presente; é falar sobre um presente assombrado pelo passado nostálgico, mas ao mesmo tempo com a vantagem de o discurso de ser sempre mais moderno.

Esse passado é revelado por fontes orais, com alguns informantes mais centrais do que outros entre as pessoas ligadas ao futebol de várzea. Porém, a cada caminhada pelos bairros, emergem novos relatos e depoimentos. Além das fontes orais, tem-se contato com material fotográfico das décadas de 1950, 60 e 70, carteirinhas dos clubes, antigas atas de reuniões, faixas de campeão e recortes de jornal. Os acervos futebolísticos, apresentados com orgulho, como relíquias, concentram-se nas sedes dos clubes, bares e campos, mas também se espraiam pelas residências dos varzeanos, onde os objetos de memória futebolística se amalgamam e se confundem com os registros de histórias familiares – fotografias de filhos e netos, festas de aniversário e casamento, quadros com diplomas e certificados – que decoram os cômodos das casas.

O objetivo deste texto, porém, não é construir uma história sobre o futebol de várzea na cidade, tampouco apresentar uma pesquisa de documentação histórica de uma prática difícil de ser recomposta por fontes oficiais, mesmo quando observada a partir dos registros dos clubes. O foco é sobre as territorialidades e temporalidades que permeiam as narrativas dos varzeanos no tempo presente e a construção de uma memória citadina, ou seja, como essas pessoas compreendem o passado. O olhar aqui escolhido, apesar de procurar destacar a circularidade das práticas futebolísticas na metrópole, parte inicialmente do sentido periferia-centro ou, como os varzeanos geralmente se referem ao bairro em épocas anteriores, subúrbio-cidade.[1]

[1] O termo subúrbio é aqui utilizado como fala "nativa" referente ao modo como o bairro era denominado em períodos anteriores. Sobre o uso da noção de subúrbio para os bairros afastados da região central, conferir Martins (2001). Para Martins, a noção de subúrbio é distinta e anterior à de periferia em termos teóricos e históricos, utilizada para se referir ao "entorno da cidade de São Paulo durante dois séculos" (Martins, 2001, p.75).

A várzea se alimenta da memória acionada nas narrativas que conferem sentido às práticas do futebol através de lembranças e ritmos temporais marcados por rupturas e lacunas. A questão temporal se apresenta, portanto, como fundamental para compreender não só os sentidos que o futebol varzeano desperta nas memórias dos moradores de Guaianases, bairro periférico da zona leste de São Paulo, pois as narrativas revelam um passado rememorado a partir dos sentidos conferidos no tempo presente a um conjunto de eventos e percepções do que "era" o futebol de várzea.

Tal ritmicidade temporal de rememoração do passado sugere uma contínua reelaboração das percepções frente às vivências e transformações do presente, bem como uma retomada transformadora dos fragmentos e momentos de um passado restaurado. Depoimentos e narrativas construídos por diversos atores vinculados ao futebol do bairro e da cidade, de forma geral, escudam a proposta de uma *etnografia da duração* (Rocha; Eckert, 2013), pautada pela observação, documentos, imagens, fotografias, e voltada à compreensão das narrativas biográficas e processos sociais com base num passado lembrado e reconstituído a partir do tempo narrado, das reflexões e experiências vividas pelos citadinos no presente, no tempo da interação etnográfica.

Portanto, rememorar situações e contextos de um passado varzeano em meio a representações, lembranças e imagens que permeiam o tempo presente permite compreender o lugar do futebol de várzea na memória coletiva[2] de uma cidade concebida como objeto temporal (Rocha; Eckert, 2005; 2013, p.200), notadamente polissêmico e heterogêneo, vivido e narrado pelos citadinos, operadores de um trabalho de recordar que constrói o cotidiano nos jogos de relações e das experiências urbanas no fluxo temporal descontínuo.[3]

Reminiscências, símbolos e territorialidades varzeanas

Os veteranos gostam de vivificar lembranças e experiências, principalmente de forma coletiva, de uma época quando: as escalações dos times pouco mudavam e eram orientadas pelas redes de parentesco e vizinhança; a confraternização valia tanto quanto o jogo; os ídolos dos garotos eram os jogadores do próprio bairro; os jogadores se reuniam em outros momentos cotidianos e rituais, como festas e mutirões; os projetos familiares direcionavam os filhos para uma vida de estudos, faculdade e trabalho; as desavenças eram resolvidas, se preciso, na faca e na peixeira, sem armas de fogo; ruas e campos de futebol eram de terra em uma paisagem uniforme, de um urbano ainda cercado por densas matas; o Brasil ainda tentava se convencer que era o país do futebol.

[2] Para Halbwachs (1990), a memória individual é elaborada a partir de experiências construídas nas relações travadas com outros sujeitos e grupos sociais e que projeta um ponto de vista sobre a memória coletiva, que assim resulta de compartilhamentos e tempos coletivos.

[3] Vale destacar a pesquisa de Rafael Lopo (2008) sobre as dinâmicas, narrativas e formas de sociabilidade do futebol de várzea de Porto Alegre. Amparado pela proposta de uma *etnografia da duração*, Lopo voltou-se aos momentos de conflito, tensão, ruptura e cisão para compreender como as experiências varzeanas revelam formas cíclicas de viver cotidianamente a cidade.

Histórias e relatos da várzea que, mesmo quando não se dão necessariamente tal como vividos, são transmitidos de geração para geração, ganham vida nas dinâmicas e códigos dos bares e salões de barbearia, espaços de sociabilidade que sempre estiveram ligados ao futebol. Ao mesmo tempo coletivas e compartilhadas, as memórias são protegidas, pois os varzeanos sabem do valor das suas histórias, experiências e lutas diárias. Tempos ora relatados como de privação, ora lembrados como de abundância. Privação de energia elétrica expressa no uso de lampiões de querosene; abundância de pêssego nas chácaras das famílias japonesas da zona leste paulistana. Escalações de grandes esquadrões do passado traem a memória e variam de acordo com o narrador, ou mesmo pelo mesmo narrador a depender do dia. Se datas dos jogos e escalações dos times variam conforme o narrador, o mesmo não se pode afirmar sobre os principais jogadores evocados. Ao mesmo tempo, são comuns embates acalorados envolvendo o nome do melhor dentre os principais craques que jogaram pelos campos do bairro. Por vezes, esquecem até nomes de jogadores, mas lembram com riquezas de detalhes de festivais, partidas e até mesmo certas jogadas de habilidade ou inesperadas.

Recordam o quão diferente era o futebol praticado em outras épocas: a dedicação e lealdade aos clubes; como a prática era mais técnica que física; a rotina, objetivos, expectativas, projeções de carreira no futebol. Épocas quando as equipes eram representadas por jogadores do próprio bairro, que moravam próximo ao campo e tinham mais credibilidade que os jogadores de outras localidades. Embora essa "fidelidade" seja citada e valorizada, vários depoimentos revelam a circulação dos jogadores por diferentes times, jogando sábado por uma agremiação, domingo por outra. Havia um desejo de jogar durante todo o tempo livre. A circulação de jogadores, observada e realçada atualmente, já era prática consolidada no futebol varzeano, porém com outra dinâmica.

Olheiros, responsáveis por selecionar varzeanos para o futebol profissional, circulavam pelos campos, recrutando jogadores para testes nos clubes da cidade. Lembram-se de histórias de jogadores que optaram por não se profissionalizar e continuar atuando na várzea como amadores, pois já tinham uma ocupação profissional fora do futebol tão ou mais recompensadora naquela época. Alguns deles atuavam pelos clubes das fábricas e empresas em que trabalhavam, onde conseguiram emprego por meio da prática do futebol, beneficiados com melhores horários e adicionais nos salários – os famosos "bichos" por jogo[4] – uma das oportunidades de rendimentos extras que o futebol oferecia. Além disso, ser jogador de futebol não era uma "profissão" tão bem vista na época, com o *status* social e econômico que detém atualmente. Outros jogadores tentavam ingressar nos clubes profissionais, mas seguir uma carreira no futebol já não era fácil na época. Além disso, para a maioria dos praticantes, oriundos das camadas pobre urbanas, as obrigações familiares exigiam a dedicação aos estudos, mas principalmente o ingresso desde cedo no mundo do trabalho. O comprometimento com o projeto familiar aparece nas narrativas de muitos varzeanos como a principal justificativa para não ter dado continuidade às tentativas de seguir a carreira de jogador (Spaggiari, 2010, p.159). A vida boêmia e o abuso do álcool também são citados para justificar uma possível não profissionalização.

[4] Expressão utilizada também no futebol profissional em referência ao pagamento extra conferido aos jogadores a depender do resultado final da partida.

Cores das camisas, escudos dos times, escalações, principais jogos. Tudo é rememorado diariamente, de forma inesgotável, sempre que tiver um ouvinte disposto a se inteirar sobre o futebol de outras épocas. Partidas memoráveis não só pelos lances e jogadas de um futebol que é reiteradamente considerado extinto, mas também pelas disputas, conflitos, discussões e formas de violência dentro e fora de campo. Afinal, não se trata de um passado composto só de vitórias e glórias, mas também de dramas e tristezas. As poucas derrotas narradas são seguidas de momentos de superação com a conquista de novos triunfos.

No entanto, os varzeanos afirmam que não são nostálgicos. E ao mesmo tempo em que refutam acusações de que teceriam uma visão romântica de outros períodos, defendem que não existe mais a várzea, ou, como dizem, a "várzea dos bons tempos". Criticam a atual falta de comprometimento e o fato de os jogadores não se reunirem para confraternizar na sede ou em um bar após os jogos. Se antes as principais formas de sociabilidade masculina do bairro estavam entrelaçadas às atividades dos clubes, com festas, bailes e outras atividades lúdicas (bocha, carteado, dominó), atualmente o futebol de várzea se resume à prática do esporte. Argumentam que o "fim" do futebol varzeano levou muitos antigos praticantes e frequentadores a se afastarem da várzea para se dedicarem à família ou à igreja. Outros defendem que o futebol de várzea não acabou por causa dos veteranos, que mantêm a "verdadeira várzea na ativa", seguindo os valores tradicionais, vinculados principalmente às relações familiares, de amizade e vizinhança.

Ao mesmo tempo em que preservam a imutabilidade de uma "verdadeira várzea" de outras épocas, as narrativas sobre o futebol de várzea revelam certas transformações na prática e no modo de fazer a cidade (Agier, 2011), modificada constantemente pelas próprias memórias do futebol de várzea e do bairro, que agenciam mudanças em um cenário citadino que se transformou em poucas décadas. Transformações urbanas reelaboradas não só por meio das narrativas e "artes de dizer" (Certeau, 1994), mas principalmente a partir das territorialidades reveladas nos deslocamentos com os jogadores veteranos pelo bairro e por toda a cidade. Em caminhadas e passeios pelas ruas do bairro, imerso nas dinâmicas cotidianas e relações de vizinhança, desvela-se uma Guaianases composta por campos e praças esportivas. Os olhares dos varzeanos, que contemplam campos de várzea atuais e antigos pelo bairro, descortinam vários ritmos temporais citadinos e proporcionam reflexões sobre a territorialidade dos campos de futebol e as transformações no espaço urbano. Nos deslocamentos, os futebolistas traçam mapas dos espaços futebolísticos do bairro, conferindo mobilidade e identidades a campos que foram desativados e transformados em conjuntos habitacionais, escolas, hospitais e novos centros esportivos. São mapas que dialogam com temporalidades criadas de diferentes maneiras; algumas dialogam com o tempo cronológico, outras embaralham este ao tempo da memória.

Assim, campos atuais convivem com espaços futebolísticos que hoje não mais compõem a paisagem urbana, mas que continuam a ser referências espaciais importantes entre aqueles que compartilham certos códigos. Tratados como espaços históricos de um tempo ideal, os campos de várzea não deixam de ser vivenciados no tempo e no espaço dos varzeanos, tampouco se tornam esvaziados de relações e trajetórias. Ainda que não existam

mais, continuam a configurar valores e identidades, pois os trajetos percorridos são formas de inscrever a própria experiência nos espaços urbanos e conferir significado aos espaços do bairro e da cidade (Certeau, 1994). Consequentemente, os trajetos cotidianos pelo bairro permitem visualizar outro mapa da cidade, muito singular, traçado a partir de uma *etnografia de rua* (Eckert; Rocha, 2003) que procura explorar as experiências citadinas nos deslocamentos e caminhos pelas paisagens e cenas urbanas, atenta aos sons e movimentos projetados por aqueles que ocupam e produzem a cidade.

Nas narrativas dos moradores sobre os campos de futebol varzeano aparece a transformação do espaço de "mato" em "bairro", em um período de abundância de espaços para a prática do esporte até a década de 1950, quando crianças e jovens não precisavam jogar bola nas ruas, tidas ainda hoje como os principais e primeiros espaços de socialização de futebol das crianças. Os futuros futebolistas ocupavam os terrenos baldios que sobravam no bairro, limpavam e faziam um campinho, ponto de encontro para as peladas dos jovens praticantes. Descalços e descamisados, utilizavam qualquer objeto esférico como bola, faziam suas próprias regras, sem a preocupação de disputar campeonatos. Como ressaltam os varzeanos, o campo é fundamental para construir a identidade de um time de futebol. São identificados com o nome do time, ou do dono do terreno, de alguma figura importante ligada ao futebol, ou com o nome da localidade no bairro, seja a vila, a rua, alguma referência urbana ou uma característica geográfica. Ter um campo próprio e a sede própria – tal como a construção da casa própria – aparecem como símbolos de luta dos futebolistas. Referências centrais de diferenciação social, a residência e o campo de futebol são costurados nas narrativas, ambos tidos como projetos individuais e coletivos, pessoais e familiares. Se as condições da casa diferenciam os moradores do bairro, certos aspectos – ter ou não um campo, ser gramado ou de terra batida, ter ou não ter iluminação – diferenciam, criam hierarquias e estabelecem rivalidades entre os clubes varzeanos. Os campos variam de medidas, formatos, em terrenos improvisados, disformes, repletos de desníveis, enlameados e esburacados, pois sua construção era feita o mais rápido possível. Os campos irregulares promoviam um estilo de jogo que teria marcado o próprio modo de se jogar futebol no Brasil. Um futebol que precisava ser criativo para harmonizar a relação entre jogadores, bola e campo de jogo.

A dificuldade para encontrar e estabelecer um espaço para a prática num cenário de disputas pelo espaço urbano do bairro era algo recorrente no futebol varzeano de Guaianases. Em outras épocas, diversos clubes conseguiram um campo por meio da doação de terrenos ou apropriação do espaço público, até então pouco controlado, tendo em vista a recente e incipiente urbanização da região. Conforme a cidade passava por inúmeras transformações na ocupação de seu espaço – investimentos imobiliários, construção de moradias populares, reformulação da malha viária urbana etc. –, o futebol de várzea perdia campos e sedes – seus espaços e lugares de pertencimento – para a reapropriação do espaço pelo setor privado e pela Prefeitura. Era difícil para um clube se manter sem um campo de futebol. Vários clubes do bairro encerraram suas atividades após perderem seus campos, retomados pelos proprietários ou por setores do poder público, enquanto outros clubes desafiam até hoje o conjunto de transformações urbanas que, de forma contínua, alimenta o processo de urbanização em curso no bairro e na cidade.

Os trajetos descritos não se restringem a Guaianases e ampliam o mapa de campos de várzea desativados para outras regiões da cidade. Os varzeanos se lembram de jogar em campos nas várzeas do rio Tietê, espaços onde se localizavam diversos campos desde o início do século XX e que continuaram a ser muito utilizados para a prática do futebol nas décadas seguintes, principalmente antes da construção das avenidas marginais entre as décadas de 1950 e 1970. Dezenas de praças esportivas são citadas, a maioria desativada até a década de 1970.[5]

Portanto, frente ao processo de crescimento urbano, os campos de futebol foram decisivos na ampliação e delimitação do espaço urbano. Assim, a definição do que é o futebol de várzea está atrelada à relação dos campos com a dinâmica do bairro e os percursos dos varzeanos por uma cidade cujos espaços se transformavam rapidamente. Em Guaianases, as narrativas sobre as dinâmicas futebolísticas e experiências citadinas de uma agremiação esportiva em particular, E.C. Santa Cruz, operam jogos da memória e revelam muito sobre as transformações da cidade, as formas de sociabilidade e sobre as camadas de tempo da vida urbana.

O "Galo da Central"

As narrativas varzeanas remetem a um período um pouco posterior, quando somente dois clubes, criados por famílias tradicionais do Lajeado Velho – atual Lajeado, o distrito mais populoso do bairro –, dominavam o cenário varzeano da região nas primeiras décadas do século XX. O Atlas Lajeadense F.C., primeiro clube do bairro, foi fundado em 1915. Na década de 1930, surgiu o União F.C. Em comparação aos demais bairros da cidade, o futebol em Guaianases se estruturou de forma tardia, em sintonia com o próprio processo de expansão da região, visto que nas áreas centrais, desde a primeira década do século XX já havia clubes de futebol de várzea, em que se praticava o esporte em paralelo ao futebol amador das ligas oficiais da época. Ambos, Atlas e União, são citados como os primeiros representantes do futebol de várzea no bairro, porém poucos relatos abordam esse período. Varzeanos por vezes se lembram de jogadores citados por seus pais e avós, e descrevem a localização dos campos de futebol utilizados pelos times no bairro.

Dois anos antes de o bairro receber oficialmente o nome de Guaianases (pela Lei nº 252 de 27/12/48), surgiu em 1946 um clube intitulado Guaianases F.C., fundado a partir da junção das agremiações mais antigas do bairro, já mencionadas. A região, até então conhecida como Lajeado, tornou-se Guaianases; os clubes lajeadenses viraram Guaianases. Várias agremiações foram criadas nos anos seguintes. Algumas delas duraram poucos anos, outras décadas, e, algumas, tal como o Guaianases F.C., perduram até hoje, o que o torna o mais antigo do bairro. Dentre as que continuam ativas, o segundo clube mais antigo do bairro é o 1º de Maio, fundado em 1950, seguido pelo Grêmio Botafogo de Guaianases, criado em 1955. Embora estes sejam os clubes mais tradicionais do bairro, a maioria das

[5] São lembrados, por exemplo, os vários campos do Parque do Povo, desativados recentemente no bairro do Itaim-Bibi após uma longa batalha judicial e o processo de tombamento do parque. Sobre o processo de tombamento do Parque do Povo, ver Magnani e Morgado (1996).

narrativas sobre um passado varzeano aborda outra agremiação, que não é a mais antiga tampouco continua ativa, mas que para os veteranos da várzea local foi o principal clube de Guaianases, e até hoje lembrado por varzeanos da Zona Leste.

Trata-se do E.C. Santa Cruz, fundado em 1954 por membros da família Matheus, uma das muitas famílias de imigrantes que se embrenharam em Guaianases. A saga da família Matheus (Ramos, 2001) tem início com o português Luiz Matheus e a espanhola Manglória Matheus, quando o casal decide deixar a Espanha e buscar novas oportunidades na América do Sul. O artesão Luiz, que já tinha experiência no trabalho com pedras, iniciou um negócio com guias e paralelepípedos e, depois, arrendou uma pedreira em Guaianases. O primogênito Vicente Matheus, nascido na pequena cidade de Toro, perto de Zamora, na Espanha, e naturalizado brasileiro, ainda criança, para ajudar os pais, começou a trabalhar na pedreira adquirida pela família em Guaianases. Aos 16 anos, cuidava da administração da pedreira enquanto seu pai se deslocava pela cidade para vender pedras. Quando já atuava como gerente, expande os negócios da família e aumenta a produtividade das pedreiras, que acompanhavam a demanda de materiais para construção provocada pelo crescimento da cidade. Alguns anos depois investe na criação de sua própria empresa no ramo de pavimentação, a Pavimentadora Vicente Matheus, para participar de concorrências públicas para as obras públicas da Prefeitura de São Paulo e de municípios do ABC Paulista. Enquanto inicia os trabalhos na nova pavimentadora, continua a trabalhar com o pai e os irmãos nas pedreiras da família.

Nesse mesmo período, durante a década de 1920, levados por um tio espanhol aos jogos do Corinthians, inclusive no antigo Campo da Floresta, perto do rio Tietê, Vicente e seus irmãos se tornaram torcedores do clube, que contava naquela época com seu primeiro grande ídolo, Neco. Entre as décadas de 1930 e 1940, Vicente ganhou a concorrência pública da Prefeitura de São Paulo para a pavimentação da rua São Jorge, localizada em frente ao Corinthians, clube do qual é torcedor. Após finalizar a obra, Vicente comprou uma casa na rua São Jorge recém-pavimentada, próxima ao estádio e ao clube social. Na década de 1940, o corintiano e empresário Vicente Matheus foi convidado a participar do Conselho Deliberativo do clube. A atuação como conselheiro catalisou, em poucos anos, a entrada de Vicente no grupo de dirigentes do Corinthians. Era diretor de futebol quando o clube conquistou o título do IV Centenário da Cidade de São Paulo no Campeonato Paulista de 1954. Em 1959, elegeu-se presidente do Corinthians e passou a conciliar a vida de empresário com a de cartola do clube.

Com Vicente Matheus morando em frente ao Parque São Jorge e cada vez mais imerso na vida política do Corinthians, seus irmãos mais novos, principalmente Isidoro, assumiram os negócios da família nas pedreiras e noutros empreendimentos. Isidoro seguiu os passos do pai e do irmão mais velho, trabalhando nos ramos de mineração, pavimentação e construção civil, bem como no comando da Pedreira São Matheus e Pedreira Lageado. Apaixonado por futebol, assim como o irmão Vicente, Isidoro cria o E.C. Santa Cruz, que passaria a ser conhecido como “Galo da Central”. Em 1954, quando o Santa Cruz dava seus primeiros passos na várzea, Vicente Matheus já era diretor de futebol do Corinthians. Os relatos dos varzeanos revelam uma dupla percepção: o Santa Cruz surgiu tanto para ser um

clube local dos irmãos Matheus, apaixonados por futebol, quanto como uma manobra dos empresários para se aproximar da comunidade local, descontente com a longa atuação das pedreiras na região.

Os varzeanos levantam diversos aspectos para justificar a importância do Santa Cruz frente aos outros clubes da época. Clube rico, amparado por uma família proeminente do bairro, o Santa Cruz tinha uma estrutura fora dos padrões da várzea da época, o que permitia reunir os melhores jogadores do bairro, bem como de outras regiões da cidade e municípios vizinhos, descritos como habilidosos, inteligentes, malandros, valentes, guerreiros, solidários que priorizavam a qualidade técnica, mas sabiam quando empregar a força. Alguns jogadores recebiam propostas de emprego para as pedreiras da família, atraídos pelas promessas salários como funcionários e remuneração como jogadores.[6] A jornada de trabalho dos funcionários contratados por sua capacidade no futebol definia-se também pelos jogos do clube e outros compromissos futebolísticos. Trabalhadores durante a semana e jogadores aos finais de semana, os varzeanos corporificavam as pedreiras em tempo integral, embaralhando assim as fronteiras entre trabalho e lazer. Emergia, assim, um sentido de jogar que passava também pelas configurações de ideias e valores do ser trabalhador e suas práticas sociais (Guedes, 1982).

Para os varzeanos, o Santa Cruz era um tradicional clube de bairro mantido pela família Matheus, mas com um modelo administrativo próximo da esfera profissional. Vínculos entre universo amador e profissional revelados não somente no pagamento aos jogadores que atuavam pelo clube, mas também pela forte inserção de diretores do clube e da família Matheus na vida política do Corinthians. Essa era das muitas vantagens de jogar pelo Santa Cruz: os diretores do clube também eram conselheiros e diretores do Corinthians. Trata-se, contudo, de um caminho de duas vias, como foi relatado em narrativas sobre as trajetórias de outros jogadores que tiveram chance de ingressar no futebol profissional do Corinthians após bons desempenhos pelo Santa Cruz, mas que acabaram por retornar ao futebol de várzea, por diferentes motivos.

Assim, as narrativas revelam não só um futebol de várzea já consolidado nos bairros periféricos e capaz de mobilizar um número significativo de moradores aos finais de semana, como também uma prática que fortaleceu seus laços e pontes de acesso aos clubes profissionais, inserindo novas lógicas na relação entre cidade e futebol. Um dos exemplos mais citados dessa profissionalização local é o campo de futebol do Santa Cruz, apresentado como um importante espaço de lazer, local de encontro e sociabilidade, que reunia não somente jogadores, diretores e torcedores, mas diversas pessoas do bairro. Foi o primeiro campo a ter traves fixas quando a maioria dos campos tinha traves improvisadas com pedaços de bambu ou tijolos.

Além do campo, o Santa Cruz também era conhecido por sempre levar muita torcida

[6] Sobre as relações de trabalho e o futebol praticado nos clubes de fábrica e empresas, bem como a criação de oportunidades de emprego para jogadores-funcionários, conferir Antunes (1992; 1994; 1996), Mascarenhas (2002) e Cioccari (2010). Sobre as trajetórias de jogadores vinculados ao futebol das fábricas e empresas, conferir Leite Lopes e Maresca (1992) e Leite Lopes (2010).

quando jogava no campo dos adversários. O bairro se deslocava em grande número, mobilizando moradores em caravanas para outras regiões da cidade. Relembram as excursões e caravanas como momentos de desbravar a cidade de forma coletiva, fora do tempo de trabalho, quando jogadores, diretores, familiares e amigos viajavam para disputar amistosos ou festivais em bairros distantes da cidade ou mesmo em outros municípios. Além das partidas, rememoram as outras atividades lúdicas da viagem, como almoços, bebedeiras, rodas de samba e choro, as discussões sobre futebol etc.[7] Camisas e bandeiras decoravam a paisagem citadina aos finais de semana. Tais adornos permitiam apresentar o clube ao bairro, e o bairro para a cidade. Se o transporte coletivo utilizado nos dias da semana era a linha de trem Central do Brasil, aos finais de semana outros tipos de transporte eram providenciados para transportar jogadores e torcedores do bairro, como os caminhões das fazendas, olarias e pedreiras do bairro. [8] Por meio de diferentes meios de transporte, vivenciavam a cidade através do futebol de várzea.[9]

O futebol reforçava o pertencimento a um território, uma vila, criando antagonismos em diferentes planos, ora dentro do bairro, com vilas vizinhas e times de localidades próximas, ora com clubes de outros bairros. Configurava-se uma identidade clubística ou bairrista com base na oposição a outro clube ou outro bairro, fazendo das práticas, relações e espaços varzeanos, dimensões privilegiadas de produção de identidades territoriais. Os deslocamentos diários para o trabalho reforçavam as rivalidades futebolísticas e as identidades territoriais dos bairros da Zona Leste. No trem da Central do Brasil, embora não demarcados oficialmente, certos vagões eram exclusivos para moradores de um bairro específico para irem e voltarem do trabalho. Entrar no vagão errado, com maioria de moradores de um bairro vizinho, era motivo para provocações, xingamentos e pequenos confrontos físicos, iniciando ou reforçando no trem certas rivalidades futebolísticas. Como grande parte do bairro ainda não era asfaltada, os moradores de Guaianases eram chamados de “pés vermelhos”, por carregarem nos calçados a terra herdada da longa caminhada à estação de trem. Porém, era nos encontros futebolísticos que aflorava o bairrismo, decorrente dos jogos duros, incertezas, conflitos e casos pontuais de violência que o ato de jogar no campo do adversário poderia gerar.

Portanto, além de conectar futebolistas ao cotidiano de Guaianases, o futebol de várzea articulava os bairros paulistanos, relacionando moradores, clubes, fábricas e

[7] Sobre as formas de sociabilidade relacionadas às festas, práticas de lazer e entretenimento, observadas nos *pedaços* das periferias urbanas paulistanas, bem como *fora do pedaço*, nos *trajetos* por outros espaços da cidade, para além das tramas cotidianas do bairro, conferir pesquisa de Magnani (1998) sobre os circos-teatros mambembes, focada nos contextos de troca, contato e circulação entre universos tidos como distintos e apartados, que permite problematizar e romper com certos binarismos tradicionais (público e privado, trabalho e lazer, sagrado e profano).

[8] Não é possível afirmar, com base nos relatos, se havia alguma coação para os torcedores, principalmente aqueles trabalhadores da pedreira, acompanharem os jogos ou se o transporte era providenciado por uma demanda dos próprios torcedores.

[9] Os caminhões utilizados durante a semana para o trabalho nas pedreiras e fábricas foram substituídos, principalmente a partir da década de 1970, por ônibus e vans, que também têm seus usos rearticulados entre o tempo do trabalho e o tempo do lazer. Logo que começaram a ser utilizados no transporte de passageiros para complementar e agilizar a conexão que trens faziam entre bairros periféricos e centro da cidade, os ônibus também foram apropriados pelos clubes varzeanos.

pedreiras. Ao mesmo tempo, produzia rivalidades futebolísticas que geravam heterogeneidades e conflitos, tornavam visíveis diferenças sociais, fundamentais no processo de criação das identidades do bairro e de diferenças com o outro. Uma contínua reelaboração cotidiana de uma prática marcada desde o início por conflitos, tensões e lutas por territorialidades que se mostravam presentes nas ruas, bares e meios de transporte das periferias paulistanas.

Os relatos varzeanos apontam que o Santa Cruz foi o primeiro clube do bairro a superar os limites socioespaciais de Guaianases. O time disputava os principais campeonatos futebolísticos da época, que reuniam uma pequena parcela do total de equipes da várzea paulistana. O reconhecimento do valor da equipe do Santa Cruz era o reconhecimento de toda Guaianases. Mais do qualquer outro clube, o Santa Cruz representava o bairro. O apelido, "Galo da Central", faz referência a uma das conquistas, o título da Copa DIPO, do jornal *Diário Popular*, disputada da década de 1960, e que reunia clubes de toda a cidade, divididos de acordo com o bairro e a região. Assim, o Santa Cruz disputava a divisão Leste. Os primeiros jogos eram contra equipes de bairros próximos e afastados das áreas centrais. Conforme vencia, o Santa Cruz avançava na competição e passava a enfrentar equipes de bairros da Zona Leste. A trajetória de vitórias da equipe seguia o trajeto da linha do trem da Central do Brasil, enfrentando equipes tradicionais de bairros próximos ao centro da cidade. Imbatível de ponta a ponta da linha da Central do Brasil, de Mogi das Cruzes ao Brás, o Santa Cruz, cujo mascote era um galo, passou a ser conhecido como o "Galo da Central". Enquanto os demais clubes de Guaianases continuavam a ser clubes de bairro ou mesmo clubes de vilas, o Santa Cruz ganhava reconhecimento na Zona Leste. Mais do que Guaianases, para os moradores, era um clube da Zona Leste que poderia enfrentar outros grandes clubes varzeanos da cidade em igualdade de condições.

Um dos principais momentos de sociabilidade do bairro, a disputa de diversas modalidades (festivais, copas, amistosos interbairros) reunia centenas de pessoas do bairro. Os festivais não se resumiam ao futebol; abarcavam também outras formas de entretenimento, como gincanas e danças. Para disputar as competições, os clubes dispunham de vários quadros de acordo com o desempenho e faixa etária. O Santa Cruz, por exemplo, tinha o esporte (primeiro quadro), o extra (segundo quadro) e o juvenil. A divisão das equipes é tradicional no futebol amador. O primeiro quadro agrega jogadores mais jovens e mais habilidosos. O segundo reúne jogadores veteranos e os jogadores menos habilidosos. Numa época em que ainda não havia a categoria de veteranos ou máster, os jogadores mais velhos disputavam os jogos de "casados contra solteiros", que aconteciam antes ou depois dos jogos do "esporte" ou do "extra". Havia, também, partidas realizadas em datas festivas específicas. Uma partida comemorativa, disputada no dia sete de setembro, aniversário do Santa Cruz, reunia a equipe da Pedreira Matheus, composta por jogadores do Santa Cruz, contra o time formado por funcionários da Pavimentadora Vicente Matheus.

Se as celebrações e glórias do clube rendem histórias e lembranças da juventude vividas nos bailes e aos domingos no campo, o encerramento das atividades do Santa Cruz ainda hoje gera narrativas emocionadas de varzeanos do bairro. Embora até o início da década de 1970 os donos da pedreira fizessem grandes investimentos na organização do

clube, principalmente em busca dos melhores jogadores da região, nos anos seguintes os diretores desaceleraram os investimentos na equipe e nas atividades sociais realizadas na sede social. Os varzeanos apontam que o gradativo afastamento de Isidoro das atividades das pedreiras, arrendadas para outros empresários, afastou os irmãos Matheus do bairro e provocou a queda da equipe. Desprendimento também vivenciado por Vicente na segunda metade da década de 1970: "Agora, vivo para o Corinthians. Fico na pavimentadora só durante uma hora por dia. Meus funcionários cuidam da empresa, e eu, do Clube" (Ramos, 2001, p.143).

Mais do que o afastamento das pedreiras, para muitos varzeanos o fim do clube está ligado a esse 'viver para o Corinthians' descrito por Vicente e que contagiou o irmão Isidoro. O Santa Cruz não sobreviveu ao crescente envolvimento de seu principal diretor e investidor nas atividades do Corinthians ao longo da década de 1970, quando Vicente Matheus retornou à presidência do clube. Tal como irmão mais velho, Isidoro frequentou por décadas o clube e atuou como diretor de futebol do alvinegro. Isidoro esteve sempre ao lado de Vicente durante o mandato do irmão na década de 1970. Quando a equipe do Tatuapé venceu o Campeonato Paulista de 1977, após quase 23 anos sem títulos, Isidoro era vice-presidente do Corinthians. Enquanto seus principais diretores partiam de Guaianases e centralizavam as ações de um clube profissional (mas que teve origem no universo varzeano), o Santa Cruz encerrava suas atividades em 1976. Assim, o sucesso do Corinthians, do vice-presidente Isidoro, contrastava com o encerramento das atividades do Santa Cruz, do presidente Isidoro, no ano anterior.

Considerações finais: a várzea e o "pessimismo sentimental"

Para os varzeanos de Guaianases, falar sobre a história do Santa Cruz é rememorar um período, entre as décadas de 1950 e 1970, de proliferação de clubes, campos e jogadores voltados a uma prática que mobilizava as famílias do bairro (clubes de famílias, linhagens de jogadores) e reunia torcedores entusiasmados nas praças esportivas da região ou nas carrocerias dos caminhões que atravessavam as ruas e avenidas da Zona Leste em direção a outras regiões da cidade. Época em que, segundo os veteranos, o futebol era praticado por jogadores mais talentosos e habilidosos, de uma mesma geração de futebolistas campeões mundiais, que se dedicavam e honravam a camisa do clube do bairro, e que, movidos pelo desejo de jogar, varzeanos mostravam-se menos preocupados com remunerações e satisfeitos em alcançar prestígio dentro do bairro. Uma época redefinida frente a uma várzea vivida no tempo presente que desperta estranhamento e desconforto.

Contudo, as narrativas sobre o Santa Cruz não revelam somente questões relacionadas ao futebol varzeano, mas dizem muito também sobre a configuração e o cotidiano do próprio bairro de Guaianases, bem como sobre o processo de produção do espaço urbano. Escrita do centro para a periferia, como se a cidade fosse se construindo gradativamente em direção à periferia, a história da cidade ganha outra orientação quando observada a partir das narrativas sobre o Santa Cruz e o futebol de várzea em Guaianases. A ascensão do "Galo da Central" evidencia esses movimentos de contrafluxo, do subúrbio que fluiu em direção às áreas centrais. Fenômeno urbano de grande amplitude, o futebol de

várzea, tal como o subúrbio – "posto privilegiado para observação e estudo das transformações da cidade e da formação das classes sociais" (Martins, 1992, p.8) –, revela dimensões e aspectos importantes da metrópole em construção. As pedreiras são os maiores símbolos de um bairro suburbano com características próprias e dinâmica social singular que, a partir do árduo trabalho de extração de pedras, vivenciou e fomentou o processo de transformação e crescimento do espaço urbano paulistano.

Enquanto as pedras de Guaianases ajudavam a construir São Paulo, o Santa Cruz construía uma cidade futebolística e a ocupava com seus caminhões, torcedores e bandeiras. Assim, as dinâmicas do futebol aparecem atreladas à história da região e às transformações de um bairro que deixava de ser subúrbio e ganhava contornos de periferia, com a melhoria da infraestrutura, do transporte urbano etc., bem como revelam aspectos que só podem ser compreendidos dentro de uma conjuntura urbana que vivenciava um processo acelerado de transformações, alto crescimento demográfico e desenvolvimento industrial. Na dinâmica do crescimento urbano, formava-se um espaço urbano assinalado pela segregação territorial, que ainda gera e salienta desigualdades. É a cidade que os varzeanos vivenciam por meio do futebol, seja ao compartilhar memórias, ao criar estratégias familiares, acionar códigos e redefinir pertencimentos futebolísticos.

As narrativas sobre o Santa Cruz e o futebol de várzea do bairro, ao se debruçarem sobre o imaginário citadino, trazem um olhar para a pluralidade de experiências urbanas e espaços urbanos marcados por uma estética descontínua, instável e fugaz. As estratégias, adaptações e pontuais intervenções dos varzeanos na tessitura urbana revelam memórias, comportamentos e escolhas de citadinos realocados em novas lógicas urbanas (Rocha; Eckert, 2013). Observa-se uma prática esportiva que se transformou não só no que se refere ao jogo, mas também no modo de se relacionar com uma paisagem citadina assinalada por inovações e alterações nas formas de trabalho, meios de transporte, relações, trajetos e ritmos temporais.

Mais do que enfatizar uma visão nostálgica que postula um fim do futebol de várzea, vale destacar como presente e passado convivem em uma várzea repartida entre antigos e novos valores. Esse encontro descompassado entre passado e presente é o que confere sentido à prática do futebol**.** Tal como o aparecimento do demônio, que dá sentido às mudanças nas relações de trabalho frente às inovações tecnológicas em um setor fabril ainda marcado pelo conservadorismo (Martins, 2008)**,** o "fim" do futebol de várzea é a forma que o imaginário varzeano confere às transformações para compreendê-las**.**[10] O alardeado fim do futebol de várzea – forma criada pelos varzeanos para enfrentar as transformações no tempo e espaço – estiliza as relações sociais, acidenta os ritmos temporais cotidianos e reconfigura o imaginário social.

Um "fim" que passa pelas rupturas e crises, conforme observa Lopo (2008), mas

[10] "A aparição do demônio onde supostamente não houve qualquer mudança no processo de trabalho, a seção de escolha, foi expressão dos temores gerados pelo conservadorismo desses setores colocados à margem das inovações e/ou das decisões que levaram a elas. Foi a forma que o imaginário das operárias deu às inovações para compreendê-las no conflito que encerravam" (Martins, 2008, p.167).

também pela permanência de uma prática na qual os varzeanos veteranos não mais se reconhecem. Assim, a várzea se questiona e se alimenta tanto dos desdobramentos de sua continuidade quanto de suas disrupções. É o fato de a várzea continuar ativa e absorvente nos bairros periféricos, mas com contornos diferentes de como eram em outros espaços-tempos (como o subúrbio e as regiões centrais da cidade), que induz seus praticantes a reflexões lúgubres.

Desse modo, o conjunto de processos sociais e urbanos que provocaram transformações no futebol, bem como o "pessimismo sentimental" que cerca seu anunciado "fim", pode ser compreendido como uma forma de apropriação e diferenciação local dos clubes e varzeanos, que reinventam suas experiências e rearranjam os símbolos urbanos (Sahlins, 1997a, 1997b). Parafraseando Marshall Sahlins, o que explica o futebol de várzea *não ser um objeto em vias de extinção* é a sua articulação com determinados saberes e espacialidades, alimentando-os de sentido e sendo por eles continuamente produzido e significado de forma reflexiva.

Assim, o "fim da várzea" não é determinado exclusivamente pela diminuição dos campos, extinção de clubes ou avigoramento de seus contrários/complementares (futsal, society), mas sim pelos modos de viver as mudanças no futebol e na cidade. A várzea fenece todo final de semana no criar das narrativas e desenrolar das partidas nas periferias paulistanas, ao mesmo tempo em que muitos dos princípios e dispositivos varzeanos continuam a pautar as práticas dos clubes atuais e ativos do universo amador paulistano.

Artigo recebido em 28 fev. 2018.

Aprovado para publicação em 25 jun. 2018.

Referências

AGIER, Michel. *Antropologia da cidade:* lugares, situações, movimentos. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2011.

ANTUNES, F. M. O futebol nas fábricas. *Revista USP - Dossiê Futebol*, São Paulo, n. 22, p. 102-109, 1994.

_____. *Futebol de fábrica em São Paulo*. 1992. 190 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

_____. O futebol na Light & Power de São Paulo. *Pesquisa de Campo*. Rio de Janeiro: EDUERJ, n.3/4, 1996.

CIOCCARI, Marta. R. *Do gosto da mina, do jogo e da revolta*: um estudo antropológico sobre a construção da honra numa comunidade de mineiros de carvão. 2010. 482 f. Tese de doutorado (Antropologia), Museu Nacional, UFRJ, Rio de Janeiro. 2010.

CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano:* artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

ECKERT, C.; ROCHA, A. L. C. da. *O tempo e a cidade*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.

_____. Etnografia de rua: estudo de antropologia urbana. *RUA: Revista do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade da Unicamp*, Campinas, n. 9, p. 101-127, 2003.

GUEDES, Simone Lahud. Subúrbio: celeiro de craques. In: DAMATTA; FLORES; GUEDES; VOGEL (Orgs.). *Universo do futebol:* esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakotheque, 1982. p.59-74.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice/Ed. dos tribunais, 1990.

LEITE LOPES, José S. A vitória do futebol que incorporou a pelada: a invenção do jornalismo esportivo e a entrada dos negros no futebol brasileiro. *Revista da USP*, n.22, pp.64-83, 1994.

_____. Da usina de açúcar ao topo do mundo do futebol nacional: trajetória de um jogador de origem operária. *Cadernos AEL*, v. 16, n. 28, pp.13-39, 2010.

LEITE LOPES, J. S.; MARESCA, S. A morte da alegria do povo. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, ano 7, n. 20, p. 113-134, 1992.

LOPO, Rafael Martins. *É o fim da várzea?* Ensaio etnográfico sobre formas de sociabilidade, narrativa e conflito em um time de futebol de várzea na cidade de Porto Alegre. 2008. 71 f. Monografia de bacharelado (Ciências Sociais), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2008.

MAGNANI, José G. C.; MORGADO, Naira. Futebol de várzea também é patrimônio. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, São Paulo, n. 24, p.175-184, 1996.

MAGNANI, José Guilherme C. *Festa no pedaço:* cultura popular e lazer na cidade. São Paulo, Editora Hucitec, 1998.

MARTINS, José de Souza. *A aparição do demônio na fábrica: origens do eu dividido no*

subúrbio operário. São Paulo: Editora 34, 2008.

_____. Subúrbio, vida cotidiana e história no subúrbio da cidade de São Paulo: São Caetano, do fim do império ao fim da República Velha. São Paulo: Hucitec/Prefeitura de São Caetano do Sul, 1992.

MASCARENHAS, Gilmar. Várzeas, operários e futebol. *GEOgrafia*. v.4, n.8, 2002.

NEGREIROS, Plínio José Labriola de Campos. *Resistência e rendição:* A gênese do Sport Club Corinthians Paulista e o Futebol Oficial em São Paulo (1910-1916). 1992. 122 f. Dissertação de mestrado (História), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 1992.

_____. Futebol nos anos 1930 e 1940: construindo a identidade nacional. *História: Questões & Debates*, Curitiba, Editora UFPR, n. 39, p. 121-151, 2003.

PEREIRA, L. A. de M. *Footballmania:* uma história social do futebol no Rio de Janeiro: 1902-1938. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

RAMOS, Luiz Carlos. *Vicente Matheus: quem sai na chuva é pra se queimar.* São Paulo: Editora do Brasil, 2001.

ROCHA, Ana L. C. da; ECKERT, Cornelia. *Antropologia da e na cidade:* interpretações sobre as formas da vida urbana. Porto Alegre: Marca Visual, 2013.

SAHLINS, Marshall D. O pessimismo sentimental e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um "objeto" em vias de extinção (Parte I). *Mana*, v.3, n.1, p. 41-73, 1997a.

_____. O pessimismo sentimental e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um "objeto" em vias de extinção (Parte II). In. *Mana,* v.3, n.2, p. 103-143, 1997b.

SALLES, José Geraldo C. *Entre a paixão e o interesse:* amadorismo e profissionalismo no futebol brasileiro. 2004. 496 f. Tese de doutorado (Educação Física), Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro. 2004.

SANTOS NETO, J. M. dos. *Visão do jogo:* primórdios do futebol no Brasil. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

SEABRA, Odette Carvalho de Lima. *Urbanização e fragmentação:* cotidiano e vida de bairro na metamorfose da cidade em metrópole, a partir das transformações do bairro do Limão. 2003. 397 f. Tese de Livre-Docência (Geografia), Universidade de São Paulo, São Paulo. 2003.

SILVA, Diana M. M. da. *A Associação Atlética Anhanguera e o futebol de várzea na cidade de São Paulo (1928-1950)*. 2013. 200 f. Dissertação de mestrado. (História Social), Universidade de São Paulo, São Paulo. 2013.

SPAGGIARI, Enrico. Sobre 'quem participa do rateio': duas trajetórias futebolísticas. *Oralidades* (USP), v. 7, p. 147-165, 2010.

A construção social do espaço para si: pertencimento na biografia de um migrante

Lucas Cé Sangalli[1]

The social construction of a self-space: belonging in the biography of a migrant

http://dx.doi.org/10.12660/rm.v9n14.2018.70594

[1]Doutorando em Ciências Sociais da Universidade de Göttingen. Atualmente, é pesquisador do Centro de Métodos em Ciências Sociais (Métodos Qualitativos) da Universidade de Göttingen. E-mail: lucas.sangalli@sowi.uni-goettingen.de

Resumo:

Essa investigação está fundamentada na tradição da sociologia de orientação fenomenológica (Alfred Schütz, 1973), da sociologia do conhecimento (Peter Berger e Thomas Luckmann, 1991) e da sociologia dos processos e figurações (Norbert Elias, 1994). Os métodos de entrevista narrativa biográfica e de reconstrução de caso biográfico (Fritz Schütze, 1983; Gabriele Rosenthal, 2014) foram usados para compreender os processos de construção do pertencimento na biografia de um migrante do Haiti no Brasil. Os resultados da investigação esclarecem a constituição processual do pertencimento e enfatizam a dimensão do movimento, colocando em perspectiva questões advindas da vivência em figurações sociais diferentes pelas quais o migrante se deslocou, em países como Haiti, Equador, Peru e Brasil.

Palavras-chave: pertencimento; migração, entrevista narrativa biográfica; reconstrução de caso biográfico; haiti.

Abstract:

This investigation is grounded in the Phenomenological Sociology (Alfred Schütz, 1973), the Sociology of Knowledge (Peter Berger and Thomas Luckmann, 1991), and the Sociology of Processes and Figurations (Norbert Elias, 1994) tradition. The biographical narrative interview method and the biographical case reconstruction method (Fritz Schütze, 1983; Gabriele Rosenthal, 2014) were used to reconstruct the constitution of feelings of belonging in the biography of a migrant from Haiti in Brazil. The results point out to the constitution of belonging as an ongoing process that emphasizes the dislocation dimension and sheds light on questions related to the experience of the migrant in different social figurations in Haiti, Ecuador, Peru, and Brazil.

Key words: belonging; migration; biographical narrative interview; biographical case reconstruction; haiti.

Uma das questões centrais a respeito da migração é aquela sobre o pertencimento (étnico-nacional, religioso, dentre outros) dos indivíduos a agrupamentos.[1]Em relação a quais referenciais é construído o pertencimento de indivíduos que se deslocam espacial e temporalmente? Como são constituídos os espaços na percepção desses migrantes? Como esses indivíduos orientam sua ação cotidiana entre identificações e diferenciações nos espaços criados ao longo de seus cursos de vida (BOGNER e ROSENTHAL, 2009)?[2]

Da interação entre indivíduos e agrupamentos sobre o território e da construção biográfica que cada indivíduo realiza em relação aos espaços que atravessa, são construídos os sentimentos de pertencimento (ROSENTHAL e KÖTTIG, 2009). A decisão de permanecer – fazer parte de um lugar – está, deste modo, atrelada à possibilidade de o indivíduo construir-se como parte dos espaços: o pertencimento é aqui a apropriação que o migrante consegue fazer do lugar através da construção de um espaço próprio a sua existência. Essas construções são aquilo que aparece em sua biografia, resultado não só da escolha individual, mas condicionada à emergência de particularidades individuais que distintas figurações sociais possibilitam ou não (ELIAS, 1994; ROSENTHAL, 1997; BOGNER e ROSENTHAL, 2009; Rosenthal e Bogner, 2017).[3] Daí a questão principal colocada nesse artigo: "como são construídos os sentimentos de pertencimento na vida de um migrante?" Em relação a quais lugares e a quais agrupamentos uma "vida em movimento" faz referência?[4]

Nesse caso, a migração é tratada em seus termos processuais e não como um fenômeno estático. A noção de migração proposta aqui é uma que, para fins de análise teórica, divide-se em movimento e pertencimento. Essa divisão é meramente teórica e, empiricamente, o fenômeno apresenta-se indissociável. Com isso, o fenômeno migratório é compreendido nos termos de um movimento desempenhado, em sua dimensão biográfica, por um indivíduo que se desloca – física e socialmente – de um lugar para outro. A dimensão principal desse deslocamento é seu caráter processual, ou seja, o foco da análise não recai exclusivamente na partida ou na chegada do indivíduo em um lugar, mas em todo o processo de gênese e transformação dessa movimentação.

---

[1]Brubaker (2004) sugere o uso do termo *agrupamento* como forma de evitar identificações automáticas de pertencimento de indivíduos a grupos baseado apenas em pressupostos do pesquisador: "chamarei de 'grupismo' [...] a tendência a tomar grupos conectados como constituintes básicos da vida social, protagonistas de conflitos sociais e unidades fundamentais da análise social" (BRUBAKER, 2004, p. 7-8, tradução do autor).

[2] O termo construção remete ao conceito de "fazer diferença" (*doing difference*) proposto por West e Fenstermaker (1995, p. 21, tradução do autor) em relação às diferenças de gênero socialmente constituídas em interações entre indivíduos na sociedade em seu cotidiano.

[3] Figuração social faz referência às relações assimétricas de poder entre agrupamentos de indivíduos, de forma a identificar interdependências de poder entre estes (ELIAS e SCOTSON, 2000).

[4] Para Rosenthal (2012, p. 209, tradução minha), "a homogeneização dos migrantes em um grupo único de migrantes de determinado país, se não de uma determinada área cultural, vem de uma falta de análise em relação às figurações resultantes da interdependência dos migrantes com outros agrupamentos – ambos com os estabelecidos ou com os *outsiders* – em seu país de origem ou, naturalmente, em seu país de chegada. Em outras palavras, a análise da rede de relações ou das redes sociais geralmente está ausente. Por fim, mas não menos importante, isso inclui uma falta da análise da distribuição assimétrica e mutável de poder entre os agrupamentos nas figurações ao longo do tempo".

Para cumprir com esses objetivos, a investigação do deslocamento do migrante de um lugar para o outro deve levar em consideração a noção de pertencimento, segunda a dimensão da migração analisada. A ideia de pertencimento busca dar conta da dinâmica existente entre indivíduo e agrupamento, como tentativa compreensiva dos balanceamentos no nível individual àquilo que é tão caro à sociologia de Norbert Elias: a constituição mútua entre indivíduo e sociedade (ELIAS, 1994). Daí que movimento e pertencimento sejam indissociáveis, uma vez que a sensação do não-pertencimento individual a um agrupamento pode servir como uma razão, dentre tantas, para a pessoa deixar um lugar em direção a outro. Após o deslocamento e a chegada em outro lugar, o pertencimento ganha, mais uma vez, importância central, já que há a necessidade de compreender se o indivíduo se sente ou não parte dos agrupamentos nas novas figurações sociais que passa a vivenciar cotidianamente (BOGNER e ROSENTHAL, 2009; ROSENTHAL e KÖTTIG, 2009).

Estabelecer qual a sensação predominante na gênese da motivação do ator individual – se a sensação de não-pertencimento ou a vontade de deslocamento em si mesma – é uma tarefa complexa, mas não impossível. Pelo uso dos métodos de entrevista narrativa biográfica e de reconstrução de caso biográfico em sua matriz alemã (SCHÜTZE, 1983; ROSENTHAL, 2014), foi possível ganhar conhecimento a respeito da motivação do entrevistado para sair do Haiti, e dos agrupamentos nos quais foi socializado (como sua família), bem como das figurações que tornaram essas movimentações possíveis. Com isso, determinou-se a forma como as construções de pertencimento de um migrante haitiano no Brasil se constituíram ao longo do curso migratório.

De acordo com os dados do Sistema de Cadastro de Registros de Estrangeiros (Sincre) do Departamento da Polícia Federal – Ministério da Justiça e Segurança Pública para o ano de 2017, 85.918 haitianos constam com registro ativo no Brasil. O aumento dessa parcela da população brasileira pode ser visto no gráfico abaixo, elaborado com base nos dados do Sincre para o período de 2010 até 2016.[5]

[5] As limitações para o uso de dados do Sincre e seu potencial para análise aparecem em Baeninger e Peres (2017). As autoras apresentam ainda dados sobre o local da entrada dos haitianos no território brasileiro (principalmente pelos estados do Amazonas e Rondônia), suas regiões de estabelecimento (principalmente no Sul e no Sudeste), dentre outras análises.

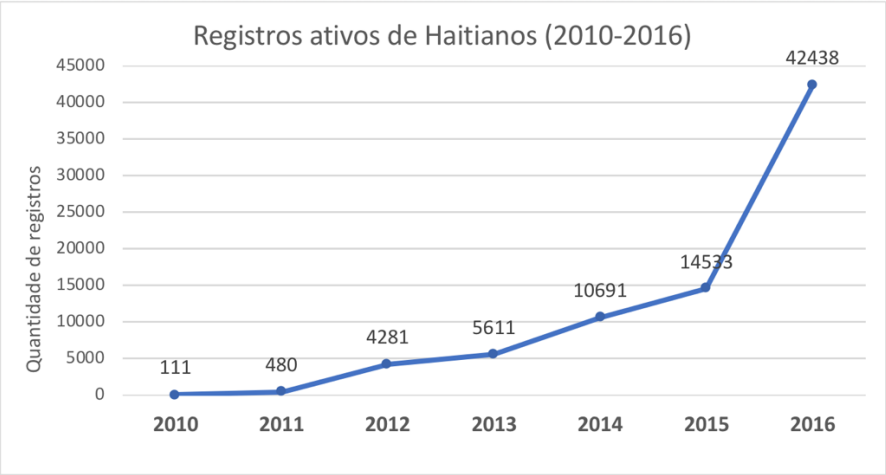


Gráfico 1. Registro ativo de haitianos no Brasil (2010-2016)
Fonte: Sincre Polícia (2018).

No que diz respeito ao estudo da migração de indivíduos do Haiti que têm como destino o Brasil a partir de 2010, os trabalhos produzidos têm-se focado no levantamento de dados estatísticos e demográficos (FERNANDES *et al.*, 2013; ZAMBERLAN *et al.*, 2014; FERNANDES e CASTRO, 2014; CARRERA, 2014; METZNER, 2014; Baeninger e Peres, 2017; Leão *et al.*, 2017), na descrição de rotas migratórias (SILVA, 2014; VÁSQUEZ, BUSSE e IZAGUIRRE, 2014; Audebert, 2017) e na condição jurídico-legal dos haitianos (GODOY, 2011; FERNANDES *et al.*, 2013; REDIN e BARBOSA, 2014; Fernandes e Faria, 2017). [6] O estudo de Gomes (2017) avança na compreensão das narrativas e dos modos de vida de migrantes vindos de regiões do Haiti em Florianópolis. Apesar do investimento da autora no sentido de investigar as narrativas dos sujeitos que migraram, ela não faz uma distinção entre os níveis de análise do vivenciado e do narrado nos relatos, como sugerido por Rosenthal (2017). Além disso, incorre na limitação do "grupismo" indicada por Brubaker (2004) ao pressupor a existência de dois grupos em seu estudo.[7]

De acordo com Rosenthal (2012), os estudos da migração não levam em

[6]Sasaki e Assis (2000, p. 17) estabelecem considerações importantes a respeito da pertinência das categorias utilizadas para abordar a migração pelas ciências sociais brasileiras: "As migrações internacionais recentes têm nos instigado a repensar as categorias com as quais as migrações e os migrantes têm sido analisados, demonstrando que estes processos de atravessar fronteiras devem contemplar múltiplos aspectos desse movimento. [...] Estas reflexões são importantes para não corrermos o risco de limitar os migrantes em categorias que não contemplam o fato de que são pessoas que se movem, têm projetos, desejos de ir, voltar, permanecer e reconstruir suas vidas atravessando estas múltiplas fronteiras".

[7] Para outros estudos sobre migrantes vindos de regiões do Haiti para o Brasil, ver Silva (2017) para a análise do papel das redes de acolhimento, Vieira (2017) para o estudo de narrativas e ações no estabelecimento de um problema a ser gerido pelo governo federal, Silva (2015) para o estudo das reações à presença haitiana na região amazônica, Pimentel e Cotinguiba (2014) para uma discussão do tratamento dispensado pelo governo brasileiro aos haitianos e Véran *et al.* (2014) para uma análise das dificuldades de assistência e proteção aos haitianos.

consideração uma perspectiva histórica do processo e desconhecem a história das sociedades de origem do migrante, de sua vida e de sua família. Além disso, assumem uma imagem homogeneizante dos migrantes, reforçando um discurso sobre "haitianos", desconsiderando variações e diferenças importantes entre regiões de um mesmo país.[8] Por fim, carecem de análise relativa às figurações nas quais os migrantes se encontram e nas quais estão em interação com outros agrupamentos, principalmente em seus países de origem (ROSENTHAL, 2012).

Levando em consideração as limitações indicadas por Rosenthal (2012), esse artigo propõe que as construções de pertencimento dos indivíduos migrantes sejam compreendidas a partir da constituição dos espaços durante o curso de vida dos indivíduos através de diversas figurações sociais, de modo a conhecer-se a natureza processual não só do fenômeno migratório, mas da gênese da vontade de migrar pelo ponto de vista dos sujeitos a partir de seu cotidiano. A análise recairá sobre a construção do conhecimento biográfico (APITZSCH e SIOUTI, 2007) a partir da compreensão de si com base na narrativa (FISCHER-ROSENTHAL, 2005; ROSENTHAL, 1997). Esse entendimento evita noções estáticas a fim de dar conta do estudo da biografia de um migrante que se deslocou por diversas figurações. Com isso, pretende-se fornecer conhecimento empiricamente fundamentado complementar às discussões a respeito da migração já estabelecidas nos estudos sobre migração no Brasil.

As entrevistas narrativas biográficas com Alain

A primeira entrevista narrativa biográfica que fiz com Alain aconteceu em outubro de 2013, aproximadamente um ano após ele e sua família se mudarem para o sul do Brasil. Durante o primeiro encontro, entrevistei o irmão de Alain (com 16 anos à época), sua irmã (com 14 anos) e tive contato com outros membros da família, como seus pais e seu sobrinho. As entrevistas foram todas feitas, por escolha espontânea do entrevistado, na casa de sua família. As entrevistas seguiram as propostas do método de entrevista narrativa biográfica como sugerido pela socióloga alemã Gabriele Rosenthal (2014), isso é, o pesquisador vai a campo sem hipóteses explicativas prévias para o fenômeno, seguindo o princípio de abertura (HOFFMANN-RIEM, 1980). Assumindo uma posição de pesquisa social interpretativa (WILSON, 1980), a construção dos dados se deu de acordo um processo abdutivo, em consonância com a teoria fundamentada nos dados (GLASER e STRAUSS, 1967).

Com isso em mente, perguntei para Alain e seus irmãos sobre sua vida e sobre as histórias que seus familiares contaram para eles. Com isso, procurei não impor aos entrevistados temas específicos *ex ante*, mas possibilitar que, baseados em seu próprio sistema de relevância, narrassem abertamente suas histórias. Em momento algum pretendi que sua narração fosse relacionada a suas motivações para deixarem o Haiti. Procurei

[8] Como indicado por Knöbl (2006), o termo *região* pode ser usado para referir as origens do migrante ao invés do termo país devido às diferentes especificidades religiosas, linguísticas, de pertencimento étnico e nacional. Indivíduos podem ter seu sentimento de pertencimento atrelado mais fortemente a uma região em particular ou a determinado grupo étnico dentro de um país.

compreender a gênese do processo migratório em relação ao indivíduo e seus enquadramentos e também o contexto no qual vivia e outras experiências de migração que sua família vivenciou (isso é, a influência dos outros membros da família sobre a decisão de um deles migrar).

Em maio de 2014, Alain desapareceu sem deixar informações para familiares ou conhecidos. Com isso, entrevistei seu irmão e sua irmã em outubro de 2014, exatamente um ano após a primeira entrevista, para compreender os impactos que o desaparecimento de Alain teve sobre sua família e, de forma mais ampla, a comunidade em geral, uma vez que ele atuava como liderança haitiana na região. Apesar de Alain ter um contato forte com a comunidade na região, ninguém foi capaz de explicar seu desaparecimento.

Em janeiro de 2015, Alain retornou para sua família no sul do Brasil. Nesse mesmo mês, fiz a última entrevista com ele, quando tematizou as mudanças em sua vida desde nosso primeiro encontro em 2013. Alain abordou seu desaparecimento, falou sobre temas que deliberadamente omitira no primeiro encontro (como a filha que teve com uma brasileira no norte do Brasil logo após chegar no país) e mencionou como principal razão para ter deixado o norte do Brasil em direção ao sul, sua vontade de omitir de sua família que engravidara uma mulher sem casar com ela.

Os temas abordados por Alain e seus familiares variam desde experiência religiosa, diferenças de natureza da discriminação racial que sofreram em diversos países e em seu país de origem, gênero, mudanças de poder no núcleo familiar, música, vida em zonas de fronteira e experiências de deslocamento entre Haiti, Equador, Peru, Bolívia e Brasil. Apesar do principal interesse da investigação estar centrado na migração, ao analisar os dados construídos nas entrevistas narrativas biográficas, foi possível compreender a relação entre migração e outros temas geralmente tratados em separado.

O artigo discute resultados empíricos da reconstrução de caso biográfico com a abordagem transnacional da migração (COGO, 2014) e a construção de espaços sociais transnacionais (PRIES, 2000).[9] Essa discussão aprofunda a temática da construção do pertencimento ao longo do processo de deslocamento por diversas figurações sociais em diferentes países na vida de Alain. O contraste entre os dados empíricos com a teoria avança na utilização de uma abordagem biográfica e processual para a compreensão do processo migratório.

[9] Esse artigo é uma edição atualizada e revista da dissertação de mestrado de Lucas Cé Sangalli (2015) no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). A pesquisa foi desenvolvida com financiamento do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq) e foi supervisionada pelo Prof. Dr. Hermílio Santos (PUCRS).

O caso Alain Loin

Alain nasceu no interior do Haiti, mesmo local onde seus pais e avós nasceram.[10] Apesar de a região ser próxima à capital, Porto Príncipe, ela é essencialmente rural e as famílias da região plantam para subsistência e venda de excedentes em mercados da região. Durante sua adolescência, Alain mudou-se sozinho para uma região mais próxima da capital para estudar comunicação social. Após graduar-se, convidou alguns de seus professores para abrir seu instituto de comunicação social na região de Croix-des-Bouquets no final de 2009. Cerca de 3 meses após a abertura do instituto, um terremoto destruiu não só o instituto, mas grande parte da região. Apesar de Alain ter-se esforçado para continuar em seu país natal, sua rede de contatos foi abalada pelas consequências do terremoto. Poucos podiam ajudá-lo a reconstruir o instituto, uma vez que estavam envolvidos com questões mais prementes, como acesso à água potável e medicamentos.

Esse evento inicia um deslocamento transfronteiriço que tem sua gênese no primeiro movimento desempenhado por Alain em relação a sua família, isso é, quando ele sai do convívio diário com sua família para estudar em Porto Príncipe. Traços de individualização são reforçados pelo seu distanciamento da família. Mesmo assim, a responsabilidade que Alain sente por seus familiares certamente influenciou sua decisão de deixar o país três meses após o abalo sísmico. Desde que Alain deixou o Haiti em abril de 2010, atravessou fronteiras e viveu em países como: Equador, Peru, Bolívia, Brasil, Estados Unidos e, atualmente, Canadá.

A construção do pertencimento na vida de Alain

A explicação adequada da gênese do movimento na vida de um migrante deve incluir a compreensão sobre a construção do pertencimento, uma vez que ambos estão relacionados aos deslocamentos na vida de Alain. As questões de pertencimento dizem respeito a referenciais em relação aos quais o indivíduo projeta e executa sua ação (PFAFF-CZARNECKA, 2013). São aproximações e distanciamentos que realiza entre um si mesmo e os outros, um equilíbrio fino entre nós e eu (ELIAS, 1994). Destas ponderações, resultam os sentimentos de afiliação, que, em sua manifestação gramatical, aparecem como categorias e nomes em uma narrativa (ELIAS, 1994; BOGNER e ROSENTHAL, 2009).

Disto decorre a centralidade da linguagem no estudo dos sentimentos de pertencimento (BOGNER e ROSENTHAL, 2009). Os nomes utilizados pelo narrador constituem sentidos e são constituídos, em uma inter-relação entre indivíduo e sociedade (ELIAS, 1994; BOGNER e ROSENTHAL, 2009). A relação entre a rede de significados da linguagem e o entendimento de si estão associados aos sentimentos de Alain em relação ao

[10] Os nomes que aparecem no artigo são fictícios. Essa opção se deve ao fato de acreditar que as informações a respeito da análise da vida de uma pessoa devem preservar a condição de anonimato do biografado. Nesse sentido, nomes que possibilitariam sua identificação – como o da cidade ou da região na qual Alain viveu – não são explicitados.

Haiti, que emerge em sua narrativa como nação atrelada a sua família e à língua que falam em seu cotidiano, o crioulo haitiano. A construção do Haiti está, nesse caso, relacionada não apenas à língua que usam para se comunicar em família, mas à musicalidade do país, à língua na qual as músicas são cantadas, e a forma pela qual Deus é louvado em sua região de nascimento.

Na biografia de Alain, o Haiti remete a sua família, atrelada a um microcosmo evangélico em um universo majoritariamente vodu. Daí que todas as coisas relacionadas à família, à religião, ao Haiti (como sua política) e à música apareçam, na narrativa de Alain, como partes integradas de si. Suas movimentações acontecem em relação a esse conjunto atrelado ao seu núcleo familiar, presente na figuração social na qual nasceu e cresceu no interior do Haiti. Na narrativa de Alain, a métrica para todas as coisas próximas relaciona-se a sua gênese de menino do interior, “coloniero” (colono), em suas palavras.

É natural que seu primeiro movimento de afastamento aconteça, deste modo, em relação a esse agrupamento (sua família) e a essa figuração social (o interior rural do Haiti). O processo de sair para estudar na região metropolitana da capital do Haiti afasta Alain geograficamente daqueles aos quais pertence por questão de seu contexto de nascimento, mas o define enquanto indivíduo ao acentuar preferências particulares (VELHO, 2012). Nesse sentido, a autenticidade da vida de Alain em relação aos seus familiares já estava indicada em um elemento transmitido pela tradição desse mesmo agrupamento, a crença na profecia sobre sua vida recebida por sua mãe quando Alain, ainda criança, sofreu um acidente grave. Esta já o situava como alguém diferenciado em relação as suas origens, uma pessoa que desenvolveria um caráter de explorador ante seu agrupamento, sinalizando seu processo de individualização (VELHO, 2012).

É necessário enfatizar a dimensão tradicional relacionada a essa diferenciação, uma vez que a profecia está fundada em crenças atreladas a sua família e a figurações sociais herdadas de gerações anteriores (ROSENTHAL, 1997). Entretanto, não há propriamente um conflito entre essa perspectiva tradicional e a questão da autodeterminação individual na biografia de Alain, uma vez que, em nenhum momento, essa oposição é executada. Ou seja, o caráter de individualização que é reforçado na saída efetiva de Alain do interior, seu convívio com outros agrupamentos em centros urbanos maiores e em sua trajetória acadêmica já estava indicado em uma profecia de caráter essencialmente religioso. Daí que uma explicação que oponha razão e sentimento, como a dualidade ciência-religião ou tradição-modernidade, é insuficiente à compreensão do caso em questão.

Na biografia de Alain, universos identificados como opostos em sociedades modernas aparecem em uma unicidade consolidada pelas suas vivências em seu curso migratório, de modo que não se deve limitar sua análise a abordagens fundamentadas em termos identitários. Alain é o menino do interior que deixa seu núcleo de socialização para empreender projetos individuais na região metropolitana. Em nenhum momento, no entanto, exclui de sua autocompreensão o caráter tradicional atrelado a sua socialização. Para ele, sua individualização em relação ao seu núcleo não entra em conflito com os mitos

sobre sua origem – seu nascimento e a profecia de sua vida. Pelo contrário, esse afastamento reforça e acentua sua crença em uma dimensão que alguns insistiriam tradicional, já que religiosa.

Nesse sentido, antes que uma relação de conflito entre a herança religiosa de sua família e sua formação acadêmica, há um *apaziguamento biográfico*, pela qual se procura exprimir uma ideia sintetizada na trajetória biográfica de Alain e que compreende elementos ditos tradicionais e modernos de forma amalgamada. Esse apaziguamento não pode ser compreendido com base somente em um ponto de sua trajetória de vida, uma vez que ocorre *ao longo* de sua trajetória, conferindo coerência a noções que, se analisadas separadamente, apresentam-se contraditórias.

Assim, antes que uma alteração identitária, como sugerida em um abandono por parte de Alain de sua compreensão de si como um menino do interior quando chega na região metropolitana, há um reforço de um elemento vinculado à religião e à profecia transmitidas por seus pais, a qual é utilizada por Alain para planejar sua ação e ordenar seu mundo. Alain não descarta sua compreensão de mundo formada durante sua infância no interior em momento algum. Pelo contrário, quando se muda para a cidade e, posteriormente, para outros lugares atrelados a suas movimentações, ele mantém um sentimento de coerência em relação a quem foi – o menino interiorano – a despeito de se sujeitar às determinações das figurações sociais dos centros urbanos pelos quais transita.

Essas compreensões são essenciais ao estudo do pertencimento na vida de Alain porque fundamentam referenciais, âncoras de sentido, em relação aos quais suas ações são executadas (TRAJANO FILHO, 2010). Ou seja, são os elementos construídos e sedimentados em seu conhecimento biográfico (APITZSCH e SIOUTI, 2007). Desta forma, o primeiro movimento na vida de Alain acontece em relação ao seu núcleo familiar e consolida para si a percepção de que é um explorador, um abridor de caminhos para esse agrupamento. Posteriormente, sua saída do Haiti, ou seja, a consolidação de Alain como imigrante, está diretamente atrelada a essa noção que tem de si e que utiliza para conferir significado ao seu distanciamento da família.

O contato de Alain com figurações sociais distintas daquelas nas quais foi socializado no interior do Haiti e na capital do país dá início a uma trajetória de sofrimentos, como ele mesmo coloca, a partir da chegada em Quito. A explicitação da questão racial é reforçada por essa movimentação, uma vez que a lógica subjacente às relações raciais na sociedade haitiana são outras que aquelas da sociedade equatoriana. Mais que isso, impõe-se o elemento de ser e sentir-se estrangeiro (SCHÜTZ, 1964), não dominando a língua local. Nesse deslocamento, Alain é obrigado a lidar com o aprofundamento do contraste a respeito de compreensões que tem se si: noções raciais, étnico-nacionais, religiosas e de gênero são postas em destaque pela nova figuração na qual Alain passa a executar sua ação (BOGNER e ROSENTHAL, 2009).

A chegada dos pais de Alain à capital equatoriana desencadeia outra movimentação, afastando Alain de agrupamentos aos quais desenvolvera sentimentos fortes, como seus colegas de trabalho no colégio em que foi professor. Esses afastamentos, a saída do Haiti e a

saída do Equador, aprofundam em Alain um sentimento nostálgico em relação àqueles que "ficam pelo caminho", sintetizando uma percepção de si como alguém em movimento entre diversos agrupamentos em sociedades variadas (GLICK SCHILLER *et al.*, 1995).

A difusão tecnológica e o acesso facilitado a meios de comunicação têm um impacto substancial sobre a manutenção de vínculos, mesmo que por mídias digitais, com indivíduos com os quais não convive fisicamente (HALL, 2006). O uso de redes sociais tem um papel importante na construção do sentimento de pertencimento de Alain, já que, através delas, torna público comentários, imagens e vídeos sobre sua vida longe dos espaços que percorreu. Esse uso, frequente em seu cotidiano, coloca-o em contato não só com familiares, como o irmão que vive na França, mas com conhecidos de outras localidades. Alain expõe conteúdos de sua vida que escolhe compartilhar, forjando um vínculo com pessoas e lugares geograficamente distantes e suscitando ideias a respeito de sua vida no exterior nos outros. Nesse sentido, a facilidade do contato com essas pessoas fortalece resgates possíveis, que vão desde a manutenção de relações à distância até o planejamento de encontros e projetos conjuntos.

Com isso, sua trajetória contém referenciais múltiplos (GLICK SCHILLER *et al.*, 1995) relacionados a uma diversidade de agrupamentos que vivenciou durante sua vida no Haiti e no Equador, indicando uma faceta distinta de sua profecia de vida: o explorador é aquele que abrirá novos caminhos para seu agrupamento, mas não sem sofrimento – os afastamentos de Alain de agrupamentos em relação aos quais desenvolve sentimentos de pertença tornam-se uma constante em seu curso migratório. Daí que apresente, em grande medida, sua vida como marcada pelo sofrimento. A trajetória de um imigrante como Alain, sujeito à recorrência dos deslocamentos, coloca-o em constantes situações de reinício, o que reforça sua percepção de uma vida difícil, dada a necessidade de incluir constantemente resultados inesperados do processo migratório (ONG, 1999).

Após um período vivendo no norte do Brasil com sua família, Alain engravidou uma brasileira. Ele deliberadamente omitiu essa informação de sua família e, receoso do que seus pais poderiam pensar a respeito de o filho ter engravidado uma mulher sem casar com ela, encontra emprego para ele e seus familiares no sul do Brasil. Após mais de um ano acomodados no sul (ele e seus pais trabalhavam e seus irmãos estudavam), Alain desapareceu. Ele mesmo usa como justificativa para seu desaparecimento o fato de ele ter acordado seu casamento com uma haitiana, cujo pai veio para o Brasil para viver com a família de Alain e acertar pormenores da união. O convívio do futuro sogro de Alain, praticante do Vodu, com os pais de Alain, evangélicos, gerava conflitos diários. Com isso, Alain decidiu retirar-se dessa situação acreditando ser a única forma de solucionar o conflito.

O desaparecimento de Alain sintetiza diversas questões levantadas nessa investigação. A primeira delas diz respeito ao fato de o desaparecimento só poder ser executado em relação aos outros, ao agrupamento ao qual Alain atrela sentimentos de vergonha devido compromissos assumidos perante sua família e a família da futura noiva. Nesse sentido, a saída de Alain serve como alternativa individual encontrada para solucionar

uma questão colocada pelo agrupamento familiar como um todo, reforçando a noção de individualização do sujeito (VELHO, 2012). A segunda delas está relacionada ao fato de que seu afastamento desse núcleo constitui uma situação de forte perda de sentido por parte de Alain, que contempla o suicídio durante seu desaparecimento.

Após encontrar amparo na música e em Deus, dimensões relacionadas à socialização em seu núcleo familiar, Alain decide não retornar para o sul por conta da vergonha que sente em relação ao seu futuro sogro e aos seus familiares. É interessante a manifestação desse sentimento, indicando justamente a influência desses agrupamentos na conduta de sua ação. Com isso, Alain decide retornar ao Haiti, explicando, em seus termos, que, como não podia voltar para *sua* família, voltaria para *seu* país. É nesse sentido que o Haiti constitui um referencial atrelado aos sentimentos que Alain tem também em relação ao seu núcleo familiar. Em sua narrativa, o Haiti representa também sua família em diversos momentos.

Uma imposição jurídica impede, no entanto, que Alain retorne ao Haiti, contribuindo para que fique na fronteira. Esse impedimento jurídico de retornar ao seu país pode ser visto como indicador da centralidade do estado-nação, em sua definição moderna, na condução da ação individual, dado que serve como constrangimento à vontade de Alain. Nesse sentido, pode-se afirmar que, a despeito da sobreposição espacial e da multirreferencialidade da região de fronteira (GLICK SCHILLER *et al.*, 1995; PRIES, 2000), mantêm-se determinações jurídico-legais atreladas a uma noção tradicional de estado, já indicadas em outros estudos que utilizaram uma abordagem biográfica da migração (BRANDHORST, 2014).

Após esse impedimento, Alain retorna para o sul. O retorno ao sul é percebido por Alain como um retorno para sua casa, reforçando a centralidade de sua família em sua trajetória. Além disso, explicita seu desejo para reunir sua filha com uma brasileira com seus familiares no sul. Após seu desaparecimento, Alain confere novo significado a sua trajetória e a si mesmo. Passa a apresentar-se como músico, a despeito de ser caixa em um supermercado. Também manifesta sua disposição para retornar ao Haiti com todos seus familiares, como forma de executar a previsão de sua profecia que o coloca, no futuro, como político haitiano.

O sentimento de responsabilidade que Alain assume ante a comunidade haitiana na região é semelhante àquele que assume perante aquilo que define como “povo haitiano” em sua narrativa, sugerindo seu pertencimento étnico-nacional ao seu país de origem. Nesse sentido, compreende-se a articulação entre todas essas dimensões de seu pertencimento que a profecia de sua vida encerra ao prever seu retorno ao Haiti. Pode-se sugerir, deste modo, um condicionamento forte da noção de pertencimento ao Haiti em Alain, que faz com que tenha planos futuros atrelados à presidência de *seu* país, compreendido, em seus termos, como uma comunidade dispersa pelo mundo (a noção a respeito do Haiti que Alain sugere é uma de uma comunidade pouco atrelada a noções territoriais da ilha). Nesse sentido, Alain planeja sua ação de retorno em relação a um Haiti distante, presente fortemente nas crenças que constrói em relação à nação e ao seu povo.

Essa dimensão de liderança presente na biografia de Alain – um líder não só em sua família e na comunidade próxima, mas com aspirações para assumir um cargo político em seu país – é indicado como um sentimento fortemente vinculado a dinâmicas sociais do Haiti contemporâneo (NEIBURG *et al*., 2011). Nesse sentido, apesar de o cargo de liderança almejado por Alain ser um que diz respeito a uma dimensão individual de seus projetos, essa vontade foi configurada biograficamente e em relação àqueles espaços aos quais se sente parte ao ponto de planejar seu retorno.

A próxima seção sintetiza a discussão realizada até aqui ao investigar a constituição do espaço atrelada ao movimento e ao pertencimento na biografia de Alain. Além disso, articula o significado biográfico ensejado pela música e sua relação com seu país de origem e seu núcleo familiar.

A constituição biográfica de um espaço para si: Alain e a música

O deslocamento de Alain por distintas figurações sociais atua de modo a constituir um espaço individual, que diz respeito a uma dimensão pessoal das emoções e sentimentos de pertencimento de Alain, mas também a determinações sociais maiores, que o impelem ao movimento e que estão relacionadas às sociedades que vivenciou. A compreensão adequada desse espaço na vida de um migrante só é possível quando atentamos para a totalidade dos eventos ocorridos em sua trajetória e para a configuração que formam em conjunto (ROSENTHAL, 2014). Com isso, essa seção indica a relação entre cada uma das movimentações da vida de Alain com a formação de um espaço biográfico próprio, uma grafia individual inconfundível, que emerge a partir das constelações sociais pelas quais Alain se deslocou (ELIAS, 1994; BOGNER e ROSENTHAL, 2009).

A constituição biográfica de um espaço para si é a forma como Alain confere significado ao seu pertencimento a agrupamentos e às movimentações que executou ao longo de sua trajetória, bem como para seus planos futuros. Esse espaço é resultado da articulação entre constrangimentos sociais e emoções pessoais, pelas quais o indivíduo assimila e integra a si elementos aparentemente externos, mas que são desde sempre e para sempre constituintes do seu ser (FAIST, 2000; PRIES, 2000). Essa construção está fundada exatamente na relação que Alain estabelece com os outros, cujo resultado é a constituição mútua desse espaço social, que transborda limitações individuais para se constituir socialmente.

Disto decorre que o acesso a esse espaço social, constituído socialmente no indivíduo, é passível de ser acessado pelos relatos fundamentados em linguagem comum: o espaço construído ao longo da trajetória nada mais é que o relato que emerge na biografia narrada pelo migrante (APITZSCH e SIOUTI, 2007). É a história narrada para si e para os outros a respeito de si, que configura o espaço a partir do qual o indivíduo se situa socialmente. Seu caráter narrativo não aceita conceitos estáticos, já que deve dar conta da dimensão processual das relações entre eventos e sentimentos que mudam com o passar do

tempo (ROSENTHAL, 1997).

Com isso, o retorno de Alain para seu núcleo familiar – seu reaparecimento – atua como síntese biográfica do caso. Em um primeiro momento, identificou-se na relação de Alain com sua família a gênese de seu movimento em direção a outro lugar. O ambiente no qual Alain foi socializado – sua família e a vida na região rural do interior do Haiti – imprimiu no menino o desejo de mover-se para a cidade. A constelação mágico-religiosa de sua família e os significados derivados de sua profecia de vida situaram Alain em seu agrupamento e em figurações sociais que vivenciou em seu cotidiano (ELIAS, 1994; BOGNER e ROSENTHAL, 2009).

A música adquire uma função religiosa nesse momento de sua vida, que reconecta Alain, mesmo que à distância, a referenciais consolidados em sua biografia como seu espaço de pertencimento, quais sejam, o interior haitiano onde nasceu e viveu com sua família, as celebrações de Deus na pequena igreja da comunidade, o reconhecimento público de sua voz advindo de seu trabalho na rádio em seu país de origem. O resgate que Alain faz da música durante seu desaparecimento enfatiza essa possibilidade para estabelecer conexões com o povo, os outros, em distintas figurações sociais pelas quais transitou pela expressão musical.

Daí que Alain sinta-se músico à altura do último encontro. O espaço de pertencimento construído ao longo de sua trajetória relaciona à música dimensões variadas que remetem Alain ao seu passado e o situam em relação ao seu futuro. Além da presença constante da música durante sua infância e adolescência, ela promoveu sua reconexão com o universo circundante em um momento de extrema perda de sentido. Mais que isso, representa para Alain, em suas palavras, a possibilidade de ressoar dentro dos outros, independentemente de nacionalidade ou religião. A música assume um caráter de síntese da multiplicidade de projetos que Alain tem e que estão atrelados a sua vivência em contextos distintos, que vão desde o fato de se ter formado em uma instituição de ensino superior até sua fé na profecia a respeito de sua vida. Na biografia de Alain, é a música que articula as vivências biográficas em uma totalidade, em um processo que explicita a coerência entre manifestações aparentemente incoerentes se limitadas a primeiras impressões contidas em identificações.

Justamente nessa coerência total, na síntese biográfica, residem os esclarecimentos a respeito das temáticas do pertencimento e do movimento na vida de um migrante. A figura total relacionada à música é sugerida por Alain, apesar de não ser explicitada por ele. Ela é antes um sentimento de pertencimento a um espaço socialmente construído ao longo de sua trajetória do que uma mera identificação. Ela é um trabalho biográfico (FISCHER-ROSENTHAL, 2005). Alain torna-se músico a despeito de uma infinidade de constrangimentos sociais. De fato, continua vivendo em um país estrangeiro e trabalhando como caixa de supermercado, mas tem convicção de que esse não é seu lugar, apesar de ocupá-lo.

A convicção, a fé que Alain tem na possibilidade de continuar seu trabalho de criação de seu próprio espaço, está fortemente vinculada ao próximo movimento que executará, o qual sinalizou na última entrevista e de fato executou anos mais tarde em

direção aos Estados Unidos. Ele não pretende cessar as movimentações em sua vida. Sua trajetória de vida (RIEMANN e SCHÜTZE, 1991) configurou-se de modo que, apesar dos diversos movimentos ocorridos em sua vida, outros já estão planejados.

Nesse sentido, a construção do espaço social em relação ao qual Alain constituiu seus sentimentos de pertença foi acontecendo desde o início de sua vida, incutindo no indivíduo sentimentos referentes a tradições transmitidas por seus antepassados e pela comunidade da região onde nasceu e cresceu. O atravessamento de figurações sociais consolida influências e desvela novas possibilidades de ação para Alain, dentre elas a de deixar o Haiti. A saída de seu país de origem coloca-o em contato com constrangimentos advindos de figurações sociais externas, mas que acabam por se inscrever em sua biografia, influenciando sua percepção acerca de si e tornando-se parte dele. Nesse ponto, poder-se-ia sinalizar uma mudança identitária, mas opta-se, aqui, pelo uso da noção de constituição do espaço para si, uma vez que procura dar conta de todo o *processo* de formação desse espaço social constituído pelas movimentações de Alain e dos quais se sente parte.

A última seção do artigo estabelece uma tipologia de um migrante com base nos resultados da análise do pertencimento e do movimento advinda dos dados empíricos relacionados à biografia de Alain. Essa tipologia enfatiza características sociais contidas no caso particular, cuja recorrência em termos sociológicos deve ser aprofundada em pesquisas posteriores.

Considerações finais

O caso analisado sugere a existência de um tipo de migrante cuja constituição dos sentimentos de pertencimento sinaliza um retorno iminente à nação a qual se sente parte. Nesse sentido, a biografia analisada aporta à discussão a respeito da transmigração (GLICK SCHILLER *et al.*, 1995) a necessidade de aprofundar o conhecimento sobre o tipo de migrante que, apesar de atravessar múltiplas figurações sociais e constituir referenciais de pertencimento atrelados a diversas nações, planeja seu futuro enquanto um "migrante de retorno". Não só isso, mas planeja esse retorno para um único país que estabeleceu como referencial, seu país de origem.

Com isso, tem-se que o caso em questão exemplifica a possibilidade da ocorrência da transmigração ao mesmo tempo em que se perpetua uma noção de pertencimento étnico-nacional vinculada a um único país. Em contraste com outros migrantes de retorno, como aqueles identificados em outros estudos a respeito da migração haitiana recente para o Brasil (FERNANDES *et al*., 2013; ZAMBERLAN *et al.*, 2014; FERNANDES e CASTRO, 2014), pode-se sugerir outra diferença com base no caso analisado: o migrante não pretende retornar ao seu país a fim de executar projetos estritamente pessoais ou limitados ao seu núcleo familiar. Ele poderia ter deixado o Haiti a fim de melhorar sua formação acadêmica no exterior, para juntar quantias de dinheiro para reinvestir em projetos pessoais em seu país de origem ou para auxiliar economicamente familiares que ficaram no país, como aparece na

literatura sobre migrantes haitianos no Brasil (FERNANDES *et al.*, 2013; ZAMBERLAN *et al.*, 2014). Entretanto, o projeto atrelado ao seu país de origem tem uma dimensão "comunitária" que, como apresentado nessa investigação, está relacionada à constituição dos sentimentos de pertencimento em sua trajetória.

Essa dimensão comunitária configura um tipo que parece estar relacionado a uma posição social de liderança. Ao longo de sua trajetória, o biografado sempre esteve vinculado à mediação entre haitianos e grupos ou instituições em relação aos quais deveriam se articular. Antes mesmo de sair do Haiti, mostrou-se preocupado com iniciativas envolvendo a educação da população, esteve em contato desde muito cedo com o que define como "povo", uma referência aos seus interlocutores na rádio em que trabalhou e, posteriormente, ao público presente nas apresentações de sua banda. O contato com o público parece ter desenvolvido um sentimento de responsabilidade individual que manifesta perante a população haitiana e o seu país. Nesse sentido, o Haiti não é apenas um território e as instituições em relação as quais o migrante orienta suas ações. Ele é a população que vivencia esse país, mesmo que em território estrangeiro, como no sul do Brasil. Ele é parte integrante da percepção que o migrante tem de si, a ponto de vincular essa noção ao seu entendimento do Haiti com a música, algo que estaria em todos os lugares de forma difusa.

No que tange o estudo das migrações, fica clara a diferença desse tipo de migrante em relação a outros já indicados pela literatura, como migrantes de retorno cujo interesse está profundamente atrelado a questões econômicas ou políticas (os que saem de seu país a fim de ganhar dinheiro no exterior para remeter a familiares que ficaram no país, ou aqueles que renegam suas origens nacionais). Isso coloca em discussão no campo de estudos sobre a migração a existência de migrantes de retorno com ambições comunitárias em relação ao seu povo. Essa noção sintetiza a discussão realizada no artigo, uma vez que indica um tipo de migrante que não aparece com frequência na literatura acerca do tema, bem como chama atenção para a dimensão de um *retorno iminente* relacionado ao país do qual se sente pertencente e em relação à população de sua nação.

Artigo recebido em 21 jul. 2017.

Aprovado para publicação em 09 maio 2018.

Referências

APITZSCH, Ursula; SIOUTI, Irini. *Biographical analysis as an interdisciplinar research*

perspective in the field of migration studies. York, 2007. Disponível em: <https://www.york.ac.uk/res/researchintegration/Integrative_Research_Methods/Apitzsch%20Biographical%20Analysis%20April%202007.pdf>. Acesso em: 16 fev. 2018.

AUDEBERT, C. *The recent geodynamics of Haitian migration in the Americas: refugees or economic migrants?.* In: Revista Brasileira de Estudos da População, Belo Horizonte, v.34, n.1, p. 55-71, 2017.

BAENINGER, R.; PERES, R. *Migração de crise: a migração haitiana para o Brasil.* In: Revista Brasileira de Estudos da População, Belo Horizonte, v.34, n.1, p. 119-143, 2017.

BOGNER, Artur.; ROSENTHAL, Gabriele (eds.). *Ethnicity, belonging and biography.* Berlim: Verlag, 2009.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas*. The social construction of reality.* London: Penguin, 1991.

BRANDHORST, Rosa María. *Transnational families in Cuba and Germany: on the intersection between isolation, restrictions and agency.* In: Canadian Journal of Latin American and Caribbean Studies, 2014.

BRUBAKER, Rogers. *Ethnicity Without Groups*. Cambridge: Harvard University Press, 2004.

CARRERA, Gabriela. *Por qué migrar? Algunos apuntes sobre las viejas y nuevas heridas de Haití.* In: Cuadernos Migratorios, La migración haitiana hacia Brasil: características, oportunidades y desafios, N. 6, Organización Internacional para las Migraciones, p. 33-50, 2014.

CÉ SANGALLI, Lucas. *O desaparecimento de Alain: movimento e pertencimento na vida de um migrante.* 93 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

COGO, Denise. *Comunicação e migrações transnacionais – o Brasil (re)significado em redes migratórias haitianas.* REU, São Paulo, v. 40, n. 2, p. 233-257, 2014.

ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John. *Os estabelecidos e os outsiders.* Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

ELIAS, Norbert. *Towards a theory of established-outsider relations.* In: ELIAS, N.; SCOTSON, J. *The established and the outsiders* (Vol. 4 of the Collected Works of Norbert Elias). Dublin, Ireland: University College Dublin Press, p. 1-36, 2008.

FAIST, Thomas. *The volume and dynamics of international migration and transnational social space.* Oxford: Clarendon Press, 2000.

FERNANDES, D.; CASTRO, M; RIBEIRO, C. *Migração haitiana para o Brasil: Minas Gerais como destino, a fala dos haitianos.* In: XVI Seminário sobre Economia Mineira/CEDEPLR/UFMG. Diamantina, 2014.

FERNANDES, Duval; CASTRO, Maria da Consolação. *Estudos sobre a migração haitiana ao Brasil e diálogo bilateral (Relatório de pesquisa).* Belo Horizonte: Conselho Nacional de Imigração e Organização Internacional para Migração, 2014.

FERNANDES, D.; FARIA, D. *O visto humanitário como resposta ao pedido de refúgio dos haitianos.* In: Revista Brasileira de Estudos da População, Belo Horizonte, v.34, n.1, p. 145-161, 2017.

FERNANDES, Duval; MILESI, Rosita; PIMENTA, Bruna. *Migração dos haitianos para o Brasil.* In: Cadernos de Debates, Refúgio, migrações e cidadania, Brasília, Instituto Migrações e Direitos Humanos, v. 8, n. 8. p. 55-71, 2013. Disponível em: <http://www.migrante.org.br/index.php/component/booklibrary/1180/view/53/Publica%C3%A7%C3%B5es/30/caderno-de-debates-08-refugio-migracoes-e-cidadania>. Acesso em: 15 fev. 2018.

FISCHER-ROSENTHAL, Wolfram. *The problem with identity.* In: Biographical Research Methods. London: Sage, 2005.

GLASER, Barney; STRAUSS, Anselm. *The discovery of grounded theory.* New Brunswick: AldineTransaction, 1967.

GLICK SCHILLER, Nina; BASCH, Linda; BLANC, Cristina Szanton. *From immigrant to transmigrant: theorizing transnational migration*. In: Anthropological Quarterly, v. 68, n. 1, p. 48-63, 1995.

GODOY, Gabriel. *O caso dos haitianos no Brasil e a via de proteção humanitária complementar.* In: CARVALHO RAMOS, A. et al. (Eds.). *60 anos de ACNUR:* perspectivas de futuro. São Paulo: Editora CLA Cultural, 2011. p. 45-68.

GOMES, M. *Os impactos subjetivos dos fluxos migratórios: os haitianos em Florianópolis (SC).* In: Psicologia & Sociedade, v. 29, p. 1-11, 2017.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOFFMANN-RIEM, Christa. *Die Sozialforschung einer interpretativen Soziologie. Der datengewinn.* In: Kölner Zeitschrift für Soziologie und Sozialpsychologie, ano 2, n. 32, p. 339-372, 1980.

KNÖBL, Wolfgang. *Of contingencies and breaks: the US-American South as an anomaly in the debate on multiple modernities.* In**: European Journal of Sociology**, v. 47, n. 1, p. 126-167, 2006.

LEÃO, H.; MURARO, A.; PALOS, C.; MARTINS, M.; BORGES, F. *Migração internacional, saúde e*

trabalho: uma análise sobre os haitianos em Mato Grosso, Brasil. In: Cadernos de Saúde Pública, v. 33, n.7, p. 1-7, 2017.

METZNER, Tobías. *La migración haitiana hacia Brasil: estúdio enel país de origen.* In: La migración haitiana hacia Brasil: características, oportunidades y desafios. Cuadernos Migratorios 6. Organización Internacional para las Migraciones, 2014.

NEIBURG, Federico.; NICAISE, N.; BRAUM, P. *Lideranças em Bel Air.* Núcleo de Pesquisas em Cultura e Economia, Museu Nacional/UFRJ, 2011.

ONG, Aihwa. *Flexible citizenship.* London: Duke University Press, 1999.

PFAFF-CZARNECKA, Joanna. *Multiple Belonging and the Challenges to Biographic Navigation.* MMG Working Paper 13-05, Max-Planck-Institut zur Erforschung multireligiöser und multiethnischer Gesellschaften, Göttingen, 2013.

PIMENTEL, Maria Lima; COTINGUIBA, Geraldo Castro. *Wout, rakète, fwontyè, anpil mizè: reflexões sobre os limites da alteridade em relação à imigração haitiana para o Brasil.* In: Universitas Relações Internacionais, Brasília, v. 12, n. 1, p. 73-86, 2014.

PRIES, Ludger. *The approach of transnational social spaces: responding to new configurations of the social and the spatial.* In: PRIES, L. (Ed.). *New transnational social spaces – International migration and transnational companies in the early twenty-first century.* London: Routledge, 2000. p. 3-33.

REDIN, Giuliana; BARBOSA, Juliana. *Da segurança internacional à segurança humana: implicações do instituto jurídico do refúgio e o caso da política externa bilateral Brasil-Haiti na questão imigratório.* In: Boletim Meridiano 47, v. 15, n. 141, p. 10-17, 2014. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/MED/issue/view/871>. Acesso em: 15 fev. 2018.

RIEMANN, Gerhard; SCHÜTZE, Fritz. *Trajectory as a basic theoretical concept for analyzing suffering and disorderly social processes.* In: MAINES, D. (Ed.). *Social organization and social processes: essays in honor of Anselm Strauss.* New York: de Gruyter, 1991. p. 333-357.ROSENTHAL, Gabriele. "National identity or multicultural autobiography?". In: *The narrative study of lives 5*, p. 21-39. Thousand Oaks: Sage, 1997.

ROSENTHAL, Gabriele. *National identity or multicultural autobiography?* In: The narrative study of lives 5, p. 21-39, 1997.

ROSENTHAL, Gabriele. *A plea for a more interpretive, more empirical and more historical sociology.* In: KALEKIN-FISHMAN, Devorah; DENIS, Ann. (Eds.). *The shape of sociology in the 21st Century:* tradition and renewal. Thousand Oaks, CA: Sage Publications, 2012. p. 202-217.

ROSENTHAL, Gabriele. *Pesquisa social interpretativa: uma introdução.* Porto Alegre: Edipucrs, 2014.

ROSENTHAL, Gabriele. *História de vida vivenciada e história de vida narrada.* Porto Alegre: Edipucrs, 2017.

ROSENTHAL, Gabriele; BOGNER, Artur. *Biographies in the Global South.* Frankfurt: Campus, 2017.

ROSENTHAL, Gabriele; KÖTTIG, Michaela. *Migration and questions of belonging.* In: Forum Qualitative Social Research, Volume 10, No. 3, Art. 19, September, 2009. Disponível em: <http://www.qualitative-research.net/index.php/fqs/article/view/1372>. Acesso em: 16 fev. 2018.SASAKI, E.; ASSIS, G. "Teorias das migrações internacionais". Apresentação no XII *Encontro Nacional da ABEP*, GT de Migração. Caxambu, 2000.

SCHÜTZ, Alfred. The stranger. In: SCHÜTZ, A. *Collected papers II – Studies in social theory.* The Hague: Martinus Nijhoff, p. 91-105, 1964.

SCHÜTZ, Alfred. *On phenomenology and social relations.* Chicago: The University of Chicago Press, 1973.

SCHÜTZE, Fritz. *Biographieforschung und narratives Interview*. In: Neue Praxis, v. 13, n. 3, p. 283-293, 1983.

SILVA, Paloma. *Seguindo rotas: reflexões para uma etnografia da imigração haitiana no Brasil a partir do contexto de entrada pela tríplice fronteira norte.* 157 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Brasília, Brasília, 2014.

SILVA, Sidney. *Brazil, a new Eldorado for immigrants?: the case of Haitians and the Brazilian immigration policy.* Urbanities, v. 3, n. 2, p. 3-18, 2013.

SILVA, S. *Fronteira amazônica: passagem obrigatória para haitianos?.* In: Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana, n. 44, p. 119-134, 2015.

SILVA, S. *Imigração e redes de acolhimento: o caso dos haitianos no Brasil.* In: Revista Brasileira de Estudos da População, Belo Horizonte, v.34, n.1, p. 99-117, 2017.

TRAJANO FILHO, Wilson (org.). *Lugares, pessoas e grupos: as lógicas do pertencimento em perspectiva internacional.* Brasília: Athalaia/ABA, 2010.

VÁSQUEZ, Tania; BUSSE, Erika; IZAGUIRRE, Lorena. *La migración haitiana en Perú y su trânsito hacia Brasil.* In: Cuadernos Migratorios, N. 6, La migración haitiana hacia Brasil: características, oportunidades y desafios, Organización Internacional para las Migraciones, p. 83-104, 2014.

VELHO, Gilberto. *Individualismo e cultura*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

VÉRAN, J-F.; NOAL, D.; FAINSTAT, T. *Nem refugiados, nem migrantes: a chegada dos haitianos à cidade de Tabatinga (Amazonas)*. In: DADOS, Rio de Janeiro, v. 57, n. 4, p. 1007-1041, 2014.

VIEIRA, R. *O governo da mobilidade haitiana no Brasil.* In: MANA, v. 23, n. 1, p. 229-254, 2017.

WEST, Candace; FENSTERMAKER, Sarah. *Doing diference.* In: *Gender and Society*, vol. 9, No. 1, p. 8-37, 1995.

WILSON, Thomas. *Theorien der Interaktion und Modelle soziologischer Erklärung.* In: GRUPO DE TRABALHO DE BIELEFELD. (Orgs.). *Alltagswissen, Interaktion und gesellschaftliche Wirklichkeit.* Wiesbaden: VS Verlag für Sozialwissenschaften, 1980. p. 54-79.

ZAMBERLAN, Jurandir; CORSO, Giovanni; BOCCHI, Lauro; CIMADON, João Marcos. *Os novos rostos da imigração no Brasil – Haitianos no Rio Grande do Sul.* Porto Alegre: Solidus, 2014.

A paz, tranquilidade e garantia dos habitantes desta Capital: a atuação da Quarta Delegacia Auxíliar do Rio de Janeiro no ano 1932

Felipe Castanho Ribeiro[1]

Peace, tranquility and security for inhabitants of this Capital: the performance of the Fourth Police Station Auxiliary of Rio de Janeiro in the year 1932

http://dx.doi.org/10.12660/rm.v9n14.2018.73214

[1] Mestre em História pela Universidade Salgado de Oliveira. Professor de História e Sociologia do Colégio de Aplicação da Universidade Castelo Branco. Professor de História no Centro Educacional Califórnia. E-mail: fe.castanho@gmail.com

Resumo:

O presente artigo tem como proposta principal analisar as medidas adotadas pelo Governo Provisório para combater a oposição política no Distrito Federal ao longo do ano de 1932. Vale ressaltar que este foi o ano da Guerra de 1932, mais conhecida como revolução constitucionalista de 1932, razão pela qual este evento detém uma posição central neste estudo. Neste sentido, o governo precisou adotar uma série de medidas para evitar a desordem e garantir a sua legitimidade na capital do país. Dessa forma, para a presente análise, trabalhamos principalmente como relatório de atuação da Quarta Delegacia Auxiliar do Distrito Federal que se destacava pelo tratamento das questões políticas e sociais da cidade.

Palavras-chave: Quarta Delegacia Auxiliar, Distrito Federal, Guerra de 1932, Revolução Constitucionalista de 1932

Abstract:

This article has as main purpose to analyze the measures adopted by the Provisional Government to crack down on political opposition in the Federal District during 1932. It is worth mentioning that this was the year of the War 1932, better known as the Constitutionalist Revolution of 1932, which is why this event holds a central position in this study. In this sense, the Government needed to adopt a series of measures to prevent clutter and ensure your legitimacy in the country's capital. Thus, for this analysis, we work primarily with the report of the Fourth Police Station Auxiliary of Rio de Janeiro, highlighted by the treatment of political and social issues of the city.

Keywords: Fourth Station Assist, Federal District, War of 1932, Constitutionalist Revolution of 1932

Contexto histórico: algumas explicações sobre a Guerra de 1932

Pela proposta do presente trabalho não nos cabe aqui explorarmos integralmente o contexto histórico do ano de 1932. No entanto, para que possamos alcançar uma melhor compreensão do presente texto, procuramos contextualizar a Guerra de 1932[1], principal evento histórico do ano em questão e que se relaciona diretamente com a narrativa aqui construída. Neste sentido, vale ressaltar que não se trata de uma abordagem profunda da guerra e que já tem uma ampla historiografia que versa sobre o tema[2].

A Guerra de 1932durou 85 dias, de nove de julho à dois de outubro, e o seu principal campo de batalha foi o estado paulista, onde se formaram dois *fronts* principais, ao sul e ao norte de São Paulo. Os números sobre a guerra são extremamente divergentes. Marco Antonio Villa calcula em quase 85 mil combatentes, aproximadamente 55 mil das tropas federais e 30 mil das tropas constitucionalistas. Já Frank D. MacCann chega a cifra de 70 mil soldados lutando por São Paulo, enquanto o Governo Provisório contava com 80 mil (Vide VILLA, 2010 p. 38 e MACCANN, 2009, p.421). Tanto São Paulo quanto o Governo Provisório recorreram à formação de batalhões compostos por voluntários.

Para além de São Paulo, também encontramos o *front* de batalhas no estado do Mato Grosso. Episódios do conflito também ocorreram em outros estados como Distrito Federal, Rio Grande do Sul, Paraná, Minas Gerais, Bahia, Pará e Amazonas (DE PAULA, 1988, p. 30). Na cidade de Óbidos, região do Baixo Amazonas do Pará, uma unidade pequena do Exército se rebelou e declarou apoio à causa constitucionalista (OLIVEIRA, 2012).

---

[1] O nome do movimento eclodido em 1932 no Estado de São Paulo pode variar de acordo com o posicionamento historiográfico dos autores que se debruçam sobre o tema. Acreditamos que a nomenclatura mais correta seja a de guerra civil, não apenas por conta da projeção do conflito como pela própria definição do termo que, segundo o Dicionário de Política é a guerra quando conduzida por cidadãos de um mesmo Estado. Para Saint-Pierre a guerra civil se desenvolve em uma unidade decisória, como manifestação extrema de uma pluralidade política. In: BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola e PASQUINO, Gianfranco. Dicionário de Política. Brasília: Editora Universidade de Brasília: São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000, p. 572 e SAINT-PIERRE, Héctor Luis. A política armada: Fundamentos da guerra revolucionária. São Paulo: Editora Unesp, 2000, p. 34. No presente artigo iremos nos referir ao conflito como Guerra de 1932.

[2] Em outro texto publicado, tivemos a oportunidade de analisar algumas das principais obras historiográficas sobre a Guerra de 1932 e algumas das diferentes interpretações sobre o conflito. Cf.RIBEIRO, Felipe Castanho. A historiografia da Guerra de 1932 e a sua amplitude. Mosaico, Rio de Janeiro, v. 8, n. 12, p. 226 - 247, jun. 2017. ISSN 2176-8943. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/mosaico/article/view/65514>. Acesso em: 13 Dez. 2017. doi:http://dx.doi.org/10.12660/rm.v8n12.2017.65514., pp. 226–247.Ainda neste sentido, recomendamos a leitura da tese doutorado de João Paulo Rodrigues defendida em 2009. Neste trabalho, através da imprensa do período e de obras memorialísticas,o autor problematiza o “levante de 1932” e analisa a memória que se construiu sobre o conflito nos dois anos posteriores ao seu advento, e que de certa forma chegou a influenciar algumas das interpretações sobre o evento. Ver RODRIGUES, João Paulo. Levante "Constitucionalista" de 1932 e a força da tradição: do confronto bélico à batalha pela memória (1932-1934). 2009. 320f. Tese (Doutorado em História). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, São Paulo.

Ao término do conflito, venceu o Governo Provisório. Basicamente, esta vitória se deu graças ao isolamento de São Paulo e a capacidade de mobilização do Governo Provisório para evitar que a oposição conquistasse a adesão de outros estados. Dessa forma, os paulistas e os articuladores do movimento acabaram se rendendo no dia 02 de outubro de 1932.

No que diz respeito ao contexto histórico da Guerra de 1932, o texto *Os anos de 1930: as incertezas do regime*, escrito pela historiadora Dulce Chaves Pandolfi, elencou a complexidade dos anos de 1930 e inseriu a Guerra de 1932 numa conjuntura mais ampla. Ao analisar o "tumultuado" período político que compreende a década de 1930, Pandolfi percebeu que os anos de 1930 a 1937 foram marcados por ambiguidades e que diversos projetos disputaram o poder político. A autora lembra que durante este período o país passou por inúmeras mudanças sociais, políticas e econômicas e que as disputas políticas foram constantes, envolvendo os tenentes, oligarquias dissidentes, patrões e empregados. Alguns dados elencados pela autora demonstram os diferentes embates políticos, de modo que: foram mais de 50 movimentos militares entre 1930-1934; somente durante os anos de 1930 a 1935 governaram os estados mais o Distrito Federal 94 interventores; a Guerra de 1932; e o levante comunista de 1935 (PANDOLFI, Dulce. *In* FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucilia de Almeida Neves, 2003, pp. 18-32).

Sendo assim, para Dulce Pandolfi, a pior "guerra civil vivida pelo país" se insere num período histórico mais amplo que os 85 dias de duração do conflito. Para a autora, foi um importante evento político da década de 1930, e que este sem dúvida "provocou uma reorganização no cenário político nacional e representou um marco no processo de depuração das elites civis e militares" (PANDOLFI, Dulce. In FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucilia de Almeida Neves, 2003, p.26). Outrossim, a Guerra de 1932 é um momento importante do período 1930-37 e que, segundo Pandolfi, ajuda a demonstrar que o "Estado Novo esteve longe de ser um desdobramento natural da Revolução de 30. Foi um dos resultados possíveis das lutas e enfretamentos diversos travados durante a incerta e tumultuada década de 1930" (PANDOLFI, Dulce. *In* FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucilia de Almeida Neves, 2003, p. 35).

No que diz respeito ao aspecto de mobilização do Governo Provisório, esta foi de significativa importância para que o governo pudesse assegurar a sua vitória na Guerra de 1932[3]. E foi neste sentido que o governo de Getúlio Vargas atuou no Distrito Federal, reprimindo e combatendo a oposição na capital do país. Por se tratar da sede administrativa e política do país, era fundamental garantir a ordem e a legitimidade do governo na cidade e foi dessa forma que atuou a Quarta Delegacia Auxiliar, responsável pelos crimes políticos no Rio de Janeiro.

[3] Para o aprofundamento desta questão indicamos a leitura da tese de doutorado de Raimundo Helio Lopes, aonde o autor demonstra a importância da mobilização do Governo Provisório no estado do Ceará. LOPES, Raimundo Helio. Um vice-reinado na República do pós-30*:* Juarez Távora, as interventorias do Norte e a Guerra de 1932. 2014. 321 f. Tese (Doutorado em História, Política e Bens Culturais). Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro.

A Quarta Delegacia Auxiliar

Durante a Guerra de 1932, coube à polícia do Distrito Federal conservar a ordem e evitar movimentos contrários ao governo na capital. A experiência com o policiamento político da capital, certamente deve ter facilitado a sua atuação no decorrer do ano de 1932. O Rio de Janeiro, enquanto Distrito Federal, contava desde 1907 com instituições responsáveis pela tarefa de polícia política. A primeira delas foi o Corpo de Investigações e Segurança Pública da Polícia Civil, que deteve até 1920 a incumbência para reprimir crimes políticos, nestes quaisquer eventos de desordem pública poderiam se enquadrar. A partir de 1920, foi criada a Inspetoria de Investigações e Segurança Pública, responsável pelos crimes políticos e pela segurança interna da República. A Inspetoria existiu por apenas dois anos, pois em 20 de novembro de 1922 foi criada a Quarta Delegacia Auxiliar que mantinha uma seção de Ordem Social e Segurança Pública, responsável pela atividade social e política na cidade. A Quarta Delegacia seria substituída apenas em 10 de janeiro de 1933 pela Delegacia Especial de Segurança Política e Social (DESPS). Portanto, durante a Guerra de 1932, cabia à Quarta Delegacia Auxiliar a responsabilidade de evitar distúrbios políticos na capital, e a sua atuação era vista pelo governo como essencial (MENDONÇA, 1998, pp. 379-388).

A escolha dos delegados da Quarta Delegacia era realizada criteriosamente pelo Governo Provisório, de modo que esta recaia sempre em homens de confiança e de simpatia inequívoca pelo governo. À época da Guerra de 1932, o chefe da Quarta Delegacia era o tenente João Alberto que havia sido nomeado no dia 15 de abril do mesmo ano. No entanto, com a eclosão do conflito, João Alberto foi substituído interinamente pelo capitão Dulcídio do Espirito Santo Cardoso até o final do ano de 1932[4]. A importância da Quarta Delegacia também era reconhecida pelo fato de o seu delegado ser considerado o chefe da polícia no Distrito Federal. No relatório das atividades exercidas por esta delegacia no ano de 1932, também se reconheceu a sua proeminência diante das outras delegacias. Segundo este:

> As Delegacias Auxiliares têm parte saliente nas medidas que se tornam necessarias á bôa ordem dos multiplos serviços policiais, como colaboradoras desta chefia, no cumprimento de suas atribuições regulamentares. A quarta Delegacia Auxiliar, entretanto, tem o seu movimento consideravelmente maior que o das outras, em consequencia da importância e da complexidade dos muitos serviços que lhe estão entregues, como os da secção de ordem social e segurança publica, os de

[4] Segundo o Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro(DHBB) produzido pelo Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), doravante citado como DHBB/CPDOC, o capitão Dulcídio do Espirito Santo Cardoso era vinculado ao tenentismo e seu pai, Augusto Inácio do Espírito Santo Cardoso, foi entre 1932 e 1933 ministro da Guerra de Getúlio Vargas. In: verbete Dulcídio do Espirito Santo Cardoso. Ainda segundo o DHBB, Cardoso teria ficado na chefia do departamento até o fim do conflito em outubro de 1932. No entanto, no relatório de atividade da Quarta Delegacia Auxiliar do ano de 1932, finalizado em 31 de dezembro de 1932, ainda encontramos o visto do capitão Cardoso.

> fiscalização de explosivos, armas e munições, os de segurança pessoal, os de arquivo, e outros, adiante relacionados (APERJ, DESPS, notação 864).

Sendo assim, a importância da Quarta Delegacia Auxiliar se explicava não apenas pela sua função de policiamento político, mas também pelas suas múltiplas funções, das quais também se destacavam a fiscalização de armas, munições e explosivos na capital. Neste sentido, compreendemos que o relatório da Quarta Delegacia Auxiliar, localizado por nós em pesquisa realizada no Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro (APERJ), é de fundamental importância para a compreensão da atuação do governo no Distrito Federal para a manutenção da ordem no Distrito Federal durante o ano de 1932 e que compreende o conturbado período da Guerra de 1932. Devemos mencionar que, no APERJ, não encontramos documentação específica para a atuação da polícia no ano de 1932, de modo que o referido relatório foi encontrado no fundo arquivístico da DESPS referente aos anos de 1933-1945. O relatório da Quarta Delegacia Auxiliar foi localizado nos documentos referentes ao ano de 1933. Neste documento encontram se os relatórios das diferentes seções que compunham a Quarta Delegacia Auxiliar, estes eram destinados, inicialmente, para o quarto delegado capitão Dulcídio do Espirito Santo Cardoso.

Não obstante, para este trabalho, nos interessa o relatório redigido por Seraphim Braga, chefe da Seção de Ordem Social e Segurança Pública, incumbida de conter os movimentos políticos contrários ao governo. O advento da Guerra de 1932, requereu considerável atenção da Delegacia, de modo que é perceptível a centralidade deste evento e dos seus desdobramentos no relatório. Se referindo às atividades da polícia do ano de 1932, o relatório dizia que:

> As questões politicas e sociais estiveram muito agitadas em 1932, como é do dominiopublico. A parte politica, entretanto, foi a que mais avultou, em consequencia de se haverem fundido varias correntes partidarias do país sob o pretexto de procurarem restabelecer, imediatemente, o regimen constitucional. Assim vinha sendo tratada a questão da constituinte imediata, quando, a 9 de julho, irrompeu, nos Estados de S. Paulo e Mato Grosso, chefiado por antigos politicos, o movimento revolucionario contra o Governo Provisorio. Outros Estados, tambem propensos á volta do país ao regimen legal negaram o seu apoio a esse movimento, por julgá-lo injusto e contrario aos interesses do Brasil, bem como ao seu reerguimento economico e administrativo. Para o Distrito Federal, séde do Governo contra o qual se dirigia o movimento revolucionario, embora distante dos campos da luta, convergiram todas as atenções, reclamando os maiores cuidados, por ser o ponto de concentração dos elementos de combate á rebelião. Á policia, em tal emergencia, estava entregue a mais ardua função e ela se colocou, sem pratica de excessos, na altura que era de esperar, cumprindo a sua missão sem desfalecimentos nem falhas, agindo com a energia e prudencia que o momento exigia(APERJ, DESPS, notação 864).

Apesar de o ano de 1932 ter sido “agitado” pelas questões sociais e políticas, o relatório reconheceu a proeminência da questão política. O documento também salientou a

importância do Distrito Federal. Este, enquanto sede do Governo Provisório, carecia de maiores cuidados, o que demonstra a preocupação com eventuais movimentos que pudessem pôr em perigo o governo. Góis Monteiro, comandante do Destacamento do Exército de Leste, em suas "Observações sobre o movimento de São Paulo" também reconheceu a importância de defender a capital. Segundo o comandante:

> Guardada a séde do Governo – que é o mais importante para evitar golpes de mão e um golpe de Estado – o principal, mesmo que hajam outras manifestações de rebelião, é concentrar o maior numero de forças contra S. Paulo. Si se tiver que atender a muitos movimentos simultaneos , será preciso, primeiro, preocupar-se só com S.PAULO (E RIO) [...] Do RIO, deverá se tirar, até que se esclareça completamente a situação, o minimo de elementos, pois, não é prudente desprezar uma eventualidade má (AHEX, 1932, Cx. 5080).

O trabalho da Delegacia para manter a ordem na capital acompanhou o acirramento do clima de tensão política nacional. Dessa forma, desde fevereiro a polícia já tomava providências com serviços de observação em torno de "elementos pró Constituinte". O mês de maio, marcado pelas manifestações em torno da escolha do secretariado para o governo de São Paulo e que culminou no dia 23 de maio quando foram mortos os estudantes paulistas[5], foi um outro ponto de inflexão nas ações da Quarta Delegacia. Ainda segundo o relatório:

> Em fins de Maio São Paulo tornou-se o ponto de convergencia dos agitadores constitucionalistas. Foi, conforme a prudencia indicava, estabelecido nessa occasião o serviço de censura telephonica entre esta Capital e São Paulo e detidos aqui alguns politicos da situação decahida que se movimentavam em favor de uma causa que em absoluto não lhes pertencia e sim áquelles que, durante 8 annos, por ella porfiaram com abnegação e perseverança. Os primeiros presos politicos estiveram a bordo do vapor 'Pedro Iº', sendo mais tarde postos em liberdade. Prosseguindo, alguns, na sua acção, foram novamente detidos (APERJ, DESPS, notação 864).

Através do relatório também nos foi possível observar o *modus operandi* da Delegacia para que se prosseguisse a prisão de um indivíduo.

> Antes de deter qualquer pessôa, com o intuito de evitar injustiças, procedia a rigorosas sindicancias afim de bem apurar as acusações ou suspeitas que pesassem contra o denunciado. Feito isto, quando procedente a suspeita, prendia-se o individuo e dava-lhe destino conveniente. Aquele contra quem nada ficasse apurado, era posto imediatemente em liberdade; outros, em

[5] Para uma análise detalhada da manifestação do dia 23 de maio de 1932 indicamos a leitura de DE PAULA, Jeziel. 1932: imagens construindo a história. Campinas/Piracicaba: Editora da UNICAMP/Editora UNIMEP, 1988, p.80.

> caso contrario, ficavam presos como politicos, em prisões adequadas, com o tratamento correspondente a presos desta natureza. As sindicancias, entretanto, prosseguiam mesmo depois da prisão; verificada que fosse a nenhuma culpabilidade da pessôa detida, jámais se lhe negou a liberdade (APERJ, DESPS, notação 864).

É de se supor, segundo o relatório, que não se precisava muito para que o indivíduo fosse preso pela polícia. Após uma apuração inicial, era realizada uma segunda sindicância depois do elemento preso, para provar ou não a sua culpabilidade. Dessa forma, ainda que se procedesse a uma investigação antes da prisão de um suspeito, a polícia agia prematuramente, procurando se antecipar aos movimentos dos seus opositores. Analisando a atuação do DEOPS de São Paulo entre 1930 e 1945, Álvaro Gonçalves Antunes Andreucci, afirma que também era costume deste departamento a prática da "prisão preventiva" para o saneamento do "perigo à estabilidade da nação". Para Andreucci, "assim, a polícia se antecipava ao crime como que se auto-atribuindo poderes sobrenaturais ou divinatórios"[6]. Também analisando a polícia política do estado de São Paulo, Maria Luiza Tucci Carneiro afirmou que:

> Os relatórios de investigação e os autos de busca e apreensão demonstram que, na maioria das vezes, o julgamento das autoridades policiais se faziam baseadas em suposições. Estas – orientadas por indícios e valores preconceituosos – procuravam purificar a sociedade das idéias incômodas (CARNEIRO in: DUTRA, e MOLLIER, 2006, p. 164).

Como consequência da atuação da polícia, o número de presos no ano de 1932 foi elevado, lotando as cadeias da capital. O jornal clandestino *Nove de Julho*, em sua segunda edição, denunciou o fato das cadeias no Rio de Janeiro se encontrarem lotadas de presos políticos. Além disso, segundo o jornal:

> Não ha mais logar para os prisioneiros militares e politicos que a policia sinistra do capitão João Alberto arrebanha todos os dias. Politicos, jornalistas, Generaes, Almirantes officiaes de todos as patentes da terra e mar e das forças militares do Districto Federal e dos Estados, commerciantes, industriaes, funccionariospublicos, clerigos, estudantes, engenheiros, advogados, medicos, pessoas do povo, uma legião enorme de cidadãos sem outra culpa ou outro crime que o de ter idéas contrarias ás do Governo Dictatorial enchem os pavilhões das casas de Detenção e Correição, as salas das fortalezas, o lazareto da Ilha Grande, o convez e os porões do navio presidio Pedro I, os xadrezes da Policia Central e das Delegacias Districtaes. Não ha exemplo de situação igual. Uma simples denuncia, uma simples suspeita, um simples capricho de qualquer beleguin policial bastam para que se realizem diligencias e buscas ruidosas, á luz do dia ou no silencio da noite alta, em estabelecimentos commerciaes ou

[6] Segundo o autor, a mesma estratégia foi adotada na Alemanha por Heinrich Himmler, chefe da polícia secreta alemã. ANDREUCCI, Álvaro Gonçalves Antunes. O risco das idéias: intelectuais e a Polícia Política (1930-1945). São Paulo: Associação Editorial Humanitas: Fapesp, 2006, p. 103.

> residencias familiares prendenso-se a torto e a direito quem quer que incorra em desconfiança mesmo a mais infundada (*Nove de Julho*, RJ,03/09/1932).

Para o jornal, o número de presos era tão acentuado que o governo não teria mais lugar para eles. Ainda segundo a denúncia do *Nove de Julho*, uma simples denúncia ou suspeita de um oficial da polícia poderia levar a realização de diligências pela polícia. Diante da conjuntura de guerra e da importância da capital do país para o Governo Provisório, era preferível a polícia correr o risco de prender "inocentes" a pôr em perigo o governo. Ao longo do ano de 1932, o elevado número de presos por motivos políticos também pode ser um indício da atuação premonitória da polícia.

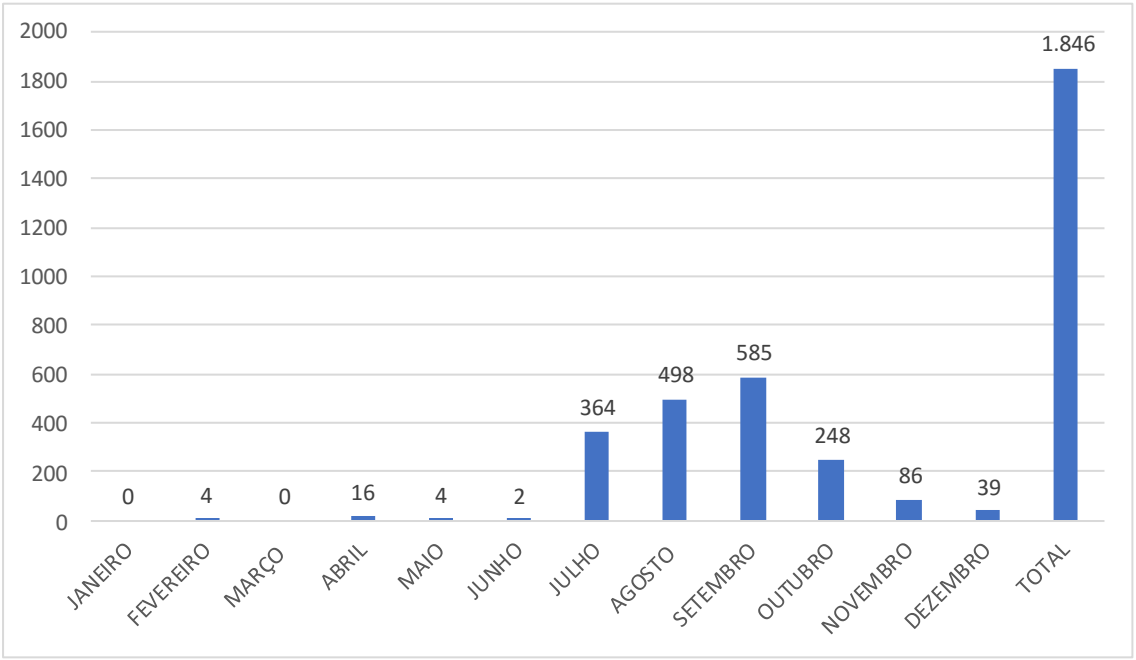


Gráfico 1 - Prisões efetuadas por motivo político ao longo do ano de 1932
Fonte: (APERJ, DESPS, notação 864)

No gráfico 1 podemos visualizar a quantidade de pessoas presas por motivos políticos em 1932. Nos dados fornecidos pelo relatório já se encontram excluídos os presos por questões sociais e, todos os 1.846 detentos se referem ao movimento de oposição ao Governo Provisório e vinculados a conspirações que levaram a Guerra de 1932. Pelos números do relatório, a Quarta Delegacia já vinha monitorando movimentos contrários ao governo desde o início do ano, com destaque para quatro presos políticos no mês de fevereiro, ou seja, seis meses antes do início da guerra. Apesar de ser proporcionalmente pequeno o número de presos políticos antes de julho, os números demonstram a constante vigilância do governo para com as atividades políticas. Os três meses de duração do conflito marcaram o ápice das prisões políticas, quando as mesmas começaram a decair em outubro.

Ainda assim, mesmo dois meses depois, ainda eram realizadas prisões pela Quarta Delegacia[7].

O elevado número de presos políticos fez com que a polícia precisasse criar, de última hora, novas prisões. Para tanto, foram criados os presídios do "'vapor Pedro Iº', do Meyer, Tijuca, Ilha do Rijo, além da Casa de Detenção e Casa da Correcção e dos Presidios da Ilha das Flores e Ilha Grande, sendo approveitadas as instalações ali existentes que foram ampliadas e melhoradas"(APERJ, DESPS, notação 864). Em dezembro de 1932, apenas o presídio do Meier se encontrava em operação e das 1846 pessoas detidas, 1798 já se encontravam em liberdade, sendo que neste número também estão descritos os indivíduos deportados para a Europa, restando assim, 57 pessoas presas.



TENDO INICIADO A IMPRESSÃO, NA CASA DA MOEDA, DE BONUS INTEIRAMENTE EGUAES AOS DA EMISSÃO DE SÃO PAULO, PARA FAZER LARGA DISTRIBUIÇÃO, POR MEIO DE AVIÕES, NO TERRITORIO PAULISTA, E, ASSIM, PREJUDICAR OS TITULOS LEGITIMOS DO GRANDE ESTADO, O GOVERNO DICTATORIAL, DIANTE DA DENUNCIA DESSA INDIGNIDADE VEHICULADA PELO "NOVE DE JULHO", RESOLVEU SUSPENDER OS TRABALHOS JÁ' COMEÇADOS. OS BILHETES, IMPRESSOS SÓ' DE UM LADO, FORAM RECOLHIDOS, MAS NÃO TENDO SIDO DESTRUIDOS, DEVEMOS CONTINUAR VIGILANTES

NOVE de JULHO

Anno I - Num. 3 | Rio de Janeiro, 3 de Setembro de 1932 | Terças-Quintas-Sabbados

Povo do Norte, um gesto!

Prisioneiros Politicos

"Nove de Julho" a bordo do Pedro I

Miserias da policia dictatorial

A situação brasileira no Exterior

O estado de belligerancia de São Paulo

Figura 1 - Edição de 3 de setembro do Nove de Julho
Fonte: (Hemeroteca, IHGB)[1]

[7] Infelizmente o relatório não realizou nenhuma lista nominal de presos políticos em ações das Quarta Delegacia no Distrito Federal. No referido documento, o levantamento de presos foi realizado com números gerais, incluindo presos em outros estados, mas que foram transferidos para a tutela da Delegacia. Sendo assim, os principais dados que a fonte revela são: o número de presos; o mês em que foram encarcerados; e duas listas com os nomes dos prisioneiros deportados e daqueles que ainda se encontravam retidos. Sendo assim, não foi possível realizar uma análise aprofundada das prisões efetuadas no Distrito Federal.

Segundo o relatório da Quarta Delegacia Auxiliar, os presos eram tratados da melhor maneira possível e de acordo com o que permitia a situação anormal do país. Neste sentido, devemos lembrar que não eram simples prisioneiros e sim detentos políticos, alguns oriundos da elite política do país, mas também podiam ser militares de alta patente ou em outros casos jornalistas, e isto justificava a distinção no tratamento destes presos. Alguns deles eram proeminentes políticos nacionais, como Artur Bernardes e Borges de Medeiros que após fracassarem em seus levantes em Minas Gerais e no Rio Grande do Sul foram transferidos para a capital sob a custódia da Quarta Delegacia Auxiliar. Conforme nos demonstra o gráfico 2, as prisões efetuadas pela Seção de Ordem Social e Segurança Pública, eram frutos de um intenso trabalho realizado pelos diferentes agentes envolvidos no serviço de vigilância da sociedade.

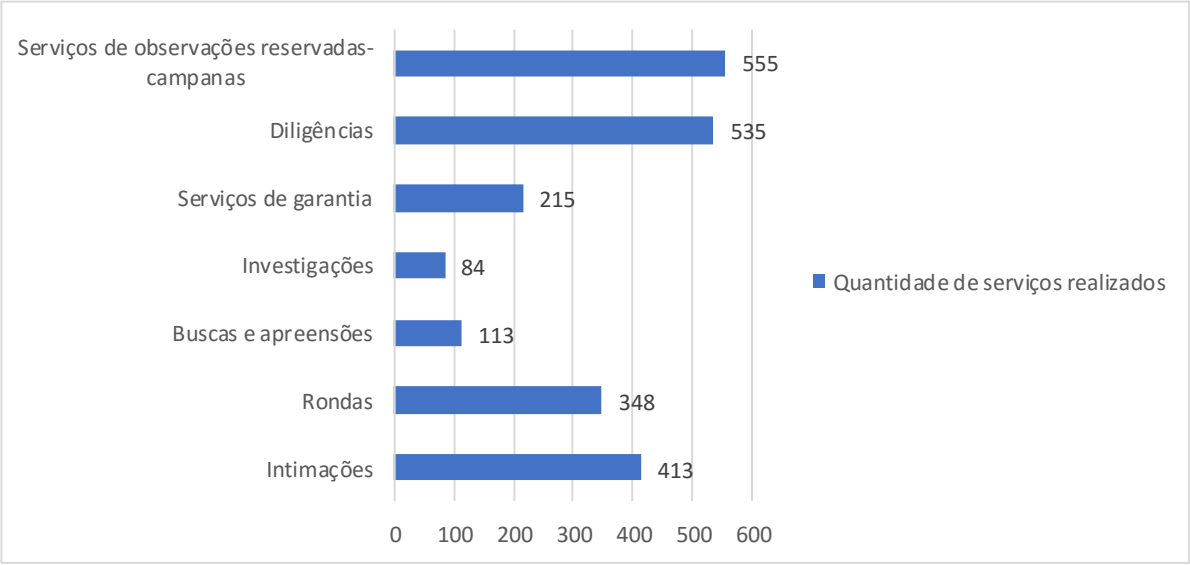


Gráfico 2 - Serviços realizados pela Quarta Delegacia Auxiliar da Policia do Distrito Federal ao longo do ano de 1932
Fonte: (APERJ, DESPS, notação 864)

Não conseguimos acesso aos relatórios dos anos precedentes a 1932 para que pudéssemos comparar os números dos serviços realizados pela Delegacia. Contudo, é de se pressupor que a quantidade de serviços realizados era superior aos anos anteriores, o que deve ter sobrecarregado a Delegacia e, segundo o relatório, o "relativamente reduzido número de funcionários" desta no "estafante" trabalho de policiar politicamente o Distrito Federal (APERJ, DESPS, notação 864). Mesmo sobrecarregada, a Quarta Delegacia não se descuidou da questão social. Segundo o relatório:

> Apesar do acumulo de serviço de natureza politica, a Delegacia não se descuidou do movimento trabalinsta. As classes proletárias e suas associações – é justo salientar – no decorrer dos acontecimentos de S. Paulo, se colocaram, como era de esperar, numa atitude digna da maior atenção. Não trataram de pleitear interesses, e se colocaram ao lado do

> Governo Provisorio, hipotecando lhe solidariedade. Acompanhando todo o movimento associativo desta capital, durante o ano findo, assinalam-se poucos casos de perturbação da ordem, todos sem o caráter violento ou alarmante que era de esperar. Da acção policial sempre ponderada, resultou encaminhamento ao Ministerio do Trabalho das diversas questões entre patrões e operários para a devida solução. A pendencia que havia entre os empregados, representados pelo Centro dos Operarios da Light e Companhias Associadas e essas empresas deu origem a tentativas de greve geral dos mesmos trabalhadores, em abril e maio de 1932, o que felizmente pôde ser obstado em começo, conciliando os interesses das partes em divergência (APERJ, DESPS, notação 864).

As questões sociais, relativas ao mundo do trabalho, já apresentavam indícios de uma das principais características do período em que o Brasil foi governado por Getúlio Vargas, a transferência da questão social para o ministério do Trabalho, não mais sendo tratada unicamente como uma questão de polícia[8]. Ainda sobre este assunto, Maria Celina D'Araujo afirma que a questão social teve uma ênfase no governo de Getúlio Vargas por meio da criação do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio em 1930 (D'ARAUJO, 2004, pp. 77-98). No entanto, D'Araujo também menciona que antes mesmo da revolução de 1930 a questão social já era objeto de atenção dos poderes públicos, tal fato podia ser constatado, segundo a autora, através de algumas conquistas legais dos trabalhadores e que ocorreram antes do governo de Vargas (D'ARAUJO, 2004, pp. 87-89). Não obstante, este tratamento não se aplicava aos movimentos de esquerda, como o anarquismo e o socialismo. Neste aspecto, D'Araujo observou que "desde cedo, Getúlio e seus auxiliares procuraram diminuir o conflito entre trabalhadores e patrões e esvaziar o movimento operário que se formara no Brasil desde o final do século XIX, de forte influência anarquista e socialista" (D'ARAUJO, 2004, p. 21). Sendo assim, mesmo durante a guerra de 1932, indivíduos ligados a estes movimentos continuaram sendo vigiados e presos. Maria Helena Capelato afirmou que o ano de 1932 teve um movimento ascensional de greves em São Paulo e no Distrito Federal e que este foi o ano com maior número de greves da década de 1930 (CAPELATO, 1981, p. 68). A mesma autora, em trabalho que analisou o comportamento da imprensa liberal paulista, escreveu que "a classe operária incomodava e inquietava os constitucionalistas de 32" (CAPELATO, 1981, p. 116). Segundo a historiadora:

> Os liberais de São Paulo se atemorizaram com o movimento grevista, não só pelas proporções que assumiu, mas principalmente porque, nesse momento, estava sendo articulada a revolução contra Getúlio. Ali a greves ocorreram em maio, num clima tenso e de violentos conflitos com a polícia. O movimento se alastrou e a greve foi geral, sendo interpretada como algo mais que um conflito entre patrões e operários (CAPELATO, 1981, p. 116).

[8] Para este aspecto indicamos a leitura do texto "A invenção do trabalhismo" de Angela de Castro Gomes in: A Invenção do trabalhismo. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

Dessa forma, 1932 tratou-se de um ano conturbado para o Governo Provisório, não apenas pela crise política que este enfrentava no âmbito nacional, mas também pela questão social. Sendo assim, a polícia política do Distrito Federal, além de manter vigilância em cima de elementos oposicionistas que conspiravam contra o governo de Getúlio Vargas, precisou conter os perigos oriundos do mundo do trabalho.

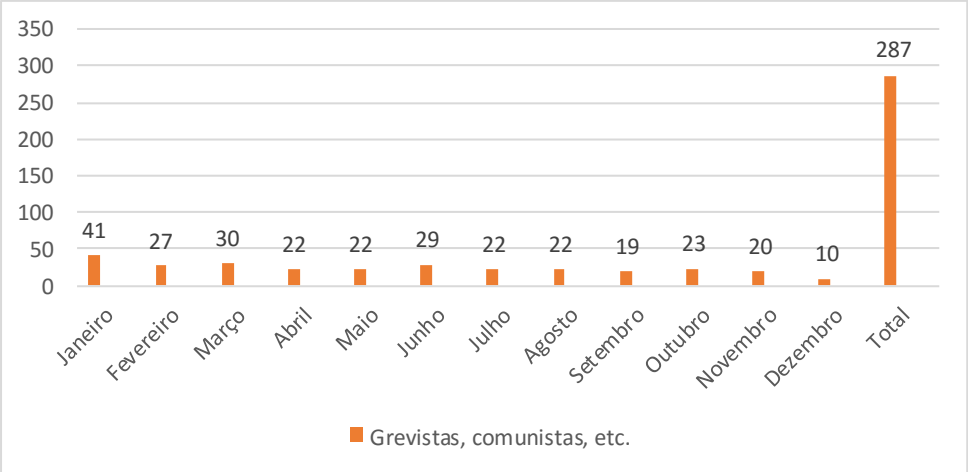


Gráfico 3 - Prisões efetuadas pela Quarta Delegacia Auxiliar vinculadas a questão social
Fonte: (APERJ, DESPS, notação 864)

De acordo com os dados do gráfico 3, podemos perceber a constância da atuação da Quarta Delegacia para com a questão social e, mesmo durante os meses de duração da Guerra de 1932, os funcionários da delegacia não relaxaram a vigilância, efetuando número de prisões semelhante aos meses anteriores. Dessa forma, a atuação da polícia política durante o ano de 1932, representou apenas a continuidade da intensa vigilância da questão social, sobretudo do comunismo, dos períodos anteriores[9].

Para evitar movimentos políticos que pusessem em risco o governo na capital, a Quarta Delegacia Auxiliar precisou atuar em diferentes frentes e, mesmo com o elevado número de presos, não conseguiu evitar todos os movimentos de oposição. A impressão de jornais clandestinos, mesmo quando havia todo um esforço para evitar a produção e circulação destes, demonstram o quanto era árdua a tarefa da polícia. Neste sentido, combater a propaganda contrária ao governo tinha uma atenção especial da Quarta Delegacia. Segundo o relatório da Seção de Ordem Social e Segurança Pública:

> Durante o movimento revolucionario de São Paulo a vida Capital da Republica esteve em constante agitação. A Av. Rio Branco era o ponto

[9] Analisando a censura implementada pelo DEOPS de São Paulo, Maria Luiza Tucci Carneiro afirma que desde a criação da polícia política a literatura de cunho marxista garantiu seu lugar de honra dentre os "livros mais cassados". CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. Livros proibidos, idéias malditas: o DEOPS e as minorias silenciadas. São Paulo: Ateliê Editorial, PROIN – Projeto Integrado Arquivo do Estado/USP; FAPESP, 2002,p. 163.

> predilecto, onde os individuos mais exaltados procuravam fazer a propaganda do movimento paulista, lançando mão de uma infinidade de processos, inclusive o da distribuição de bolentins, impressos por todo os meios e modos ao seu alcance, atirando-os das sacadas, dos corredores e dos terraços dos arranha céos da Avenida. A acção desses individuos não se detinha ahi; mandavam e distribuiamtaes boletins pelo correio, jogavam dos automoveis e affixavam nas paredes (APERJ, DESPS, notação 864).

Para o relatório, os opositores do Governo Provisório lançaram mão de diferentes expedientes para divulgar o "movimento paulista" na capital. A centralidade da avenida Rio Branco na vida urbana do carioca, fez com que esta fosse alvo favorito na disseminação de propaganda impressa contra o governo, o que também ajuda a explicar a concentração de manifestações nesta região. Não sabemos ao certo como se dava a prática de distribuição de boletins. Entretanto, Maria Luiza Tucci Carneiro analisou um subterfúgio detectado pela polícia política de São Paulo que nos faz conjecturar sobre a maneira como os mais "exaltados" atiravam os boletins "das sacadas, dos corredores e dos terraços dos arranha céos da Avenida". Segundo Carneiro, a tática do "barbante que queimava" consistia na escolha de um prédio central para a panfletagem. Em seguida, o indivíduo se dirigia aos andares mais altos e amarrava em alguma janela os prospectos num barbante. Feito isso, ateava-se fogo no barbante que somente iria desprender os boletins cerca de dois, três ou cinco minutos depois, dando a chance do indivíduo fugir sem ser identificado (CARNEIRO, 2002, pp. 86-88).

Outro meio de propagar os ideais da oposição, foi a utilização sistemática do rádio. Segundo o relatório da polícia, alguns elementos chegaram a instalar "possantes apparelhos de transmissão e recepção para utilisal-os na propaganda da sua causa ingrata". O jornal *O Radical* narrou com detalhes a estratégia utilizada pela polícia para conseguir chegar ao rádio transmissor. Segundo o jornal, a polícia carioca conseguiu descobrir e apreender quatro estações clandestinas transmissoras de rádio a serviço do "reacionarismo paulista". Ainda segundo o jornal:

> Desde o início do movimento revolucionario de São Paulo, as autoridades policiais, através de seus serviços técnicos especializados, observaram a atividade intensa de algumas estações de radio clandestinas nesta cidade, que ininterruptamente transmitiam completas informações para a capital paulista, detalhando os acontecimento cariocas e, sobretudo, registando as linhas e disposições militares do Governo Provisorio (*O Radical*, RJ, 24/09/1932).

As investigações estavam a cargo do dr. Francisco Pereira Pinto, no serviço de rádio da Chefia de Polícia. Para *O Radical*, as medidas "policiaes correram parallelasá gravidade do caso, pois torna-se desnecessário encarecer, nestas linhas, os resultados dessa espionagem e desse contacto, através do espaço, por meio dessa poderosa arma que é o radio". O jornal dava detalhes da investigação e afirmava que a localização dos quatro rádios transmissores só foi possível graças a uma engenhosa estratégia da polícia. Esta consistiu na montagem de

um aparelho receptor num automóvel, uma vez realizada esta proeza mecânica, o veículo circulou pela cidade medindo a intensidade do sinal. Descobriram assim, que o sinal mais forte ficava no Alto da Boa Vista e nas ruas Marquês de São Vicente e Voluntários da Pátria. Após esta descoberta, a polícia passou a realizar a vigilância da região. Além das quatro estações, a polícia encontrou listas contendo nomes de pessoas envolvidas neste processo e que, segundo o jornal, já se encontravam detidas (*O Radical*, RJ, 24/09/1932). No que diz respeito aos aparelhos das estações de rádio, relatório da Quarta Delegacia Auxiliar informou que "alguns desses aparelhos foram aprehendidos em pleno funccionamento e recolhidos á Secção competente, de acordo com as leis que regulam o funccionamento de rádios particulares" (APERJ, DESPS, notação 864).

A vigilância policial foi uma das estratégias utilizadas pela Quarta Delegacia para combater a movimentação de elementos contrários ao governo. O serviço de observação da polícia política vinha atuando desde o início do ano de 1932 e tinha na sua lista de suspeitos elementos militares e civis. Políticos, jornalistas e oficiais do Exército eram observados de perto pela polícia. Nem mesmo o ex interventor do Distrito Federal, Adolpho Bergamini, escapou da vigilância policial. Num documento dirigido a Getúlio Vargas em 15 de abril de 1932 e redigido pela Seção de Ordem Social e Segurança Pública, o Serviço de Observação Reservada relatou que o Dr. Adolpho Bergamini:

> Encontra-se presentemente nesta Capital. Tem escritório na rua 7 de setembro n.178, 1º andar, onde vai diariamente. Costuma ir ao Estado de Minas Gerais, embarcando e desembarcando em Cascadura. Está em agitação politica. A sua acção vem sendo observada por esta Delegacia (CPDOC/FGV, AGV, 15/04/1932).

O movimento de embarque e desembarque entre o Distrito Federal e os estados de São Paulo e Minas e Gerais também eram acompanhados de perto pelo serviço de Observação Reservada da Quarta Delegacia (CPDOC/FGV, AGV, 15/04/1932). Da mesma forma, nas estradas, principalmente as que ligavam o Rio a São Paulo, os veículos eram fiscalizados. Segundo o relatório anual da Quarta Delegacia:

> Esta Secção manteve sempre nos principaes logradouros publicosvarios postos de fiscalisação e vigilancia, inclusive em estradas de rodagem, isto é, em Campo Grande, (Estrada Rio São Paulo) e Vigario Geral, (Estrada Rio Petropolis) visando estes ultimos pontos, especialmente, a fiscalização de vehiculos e de pessoas que por ali transitavam. Nos pontos de embarque e desembarque foi, tambem, mantido rigoroso serviço de fiscalisação e, como era natural, manteve-se, ainda, em torno de altas auctoridades do paiz, um serviço discreto de garantia (APERJ, DESPS, notação 864).

Antes de 9 de julho, o trabalho era preventivo e procurou evitar que os conspiradores continuassem com as suas atividades. Além de procurar desarticular o movimento, também era importante para o governo demonstrar que estava alerta, pois com isto poderia desencorajar indivíduos menos convictos da sua participação no movimento

contra o Governo Provisório. Após o 9 de julho, além das conspirações, combatia-se a ação direta de indivíduos contra o governo. Assim, a Quarta Delegacia Auxiliar procurou evitar de diferentes maneiras movimentos de oposição na capital. Neste sentido, apreendeu armas, bombas e munições, prendendo compradores e vendedores. Além disso, a Quarta não se descuidou "dos pequenos transportes maritimos, tendo sido presos alguns dos profissionaes desse ramo de actividade que alugavam suas embarcações para a fuga de officiaes para o Estado de São Paulo" (APERJ, DESPS, notação 864).

Durante o ano de 1932, o combate às conspirações no Distrito Federal, talvez tenha sido a atividade mais importante da Quarta Delegacia Auxiliar. Ao longo deste ano, segundo o relatório da Seção de Ordem Social e Segurança Pública, a polícia descobriu vinte conspirações(APERJ, DESPS, notação 864). O número é condizente com a preocupação externada por Getúlio Vargas durante o conflito. Em telegrama enviado ao interventor do Rio Grande do Sul, Vargas relatou a Flores da Cunha que:

> Tem sido descobertos aqui alguns focos de conspiradores, geralmente reacionarios filiados movimento S. Paulo, que desesperançados consegui revolta ou adesão tropas federaes esta capital derivaram sua atividade para a pratica de atentados pessoais contra membros do governo. Um desses centros conspiração, recebeu hontem aviso Morato, instando subversidade agir porque eles só se poderiam apresentar em eficiencia militar até dia cinco corrente mez. Como a informação é curiosa e nova tatica de atentados pode tambem estender-se até ai, julguei conveniente avisar, para que tomes necessarias precauções (CPDOC/FGV, AGV, 15/07/1932).

A preocupação de Getúlio Vargas com eventuais conspirações na capital se alastrou durante toda a Guerra de 1932 e o tema também foi recorrente no seu diário. Do início do conflito até o seu fim, o chefe do Governo Provisório registrou constantemente boatos e descobertas de conspirações. Dessa forma, no registro dos dias 30 e 31 de julho, Vargas diz ter encontrado a notícia de uma conspiração chefiada pelos generais Mena Barreto e Sotero de Meneses com o intuito de depor o governo. Em combinação ao movimento, seria provocada agitações populares na capital que havia sido anunciada pelo "rádio dos rebeldes paulistas" (VARGAS, 1995, p. 120.). Em setembro, já no final da guerra, os relatos de conspirações continuavam. No dia 5, Vargas registrou ter sido "descoberta uma conspiração em Minas, com ramificações no Rio e outros pontos, de acordo com São Paulo" (VARGAS, 1995, p. 129). Já no dia 27, em sua última anotação sobre conspirações, relatou que continuavam os "boatos de conspirações no Rio, com anúncio de uma parada para o dia 29" (VARGAS, 1995, p. 136).

Sendo assim, durante a Guerra de 1932, foi significativo o movimento contrário ao Governo Provisório no Distrito Federal. Podemos classificar a atuação deste movimento em dois grupos. No primeiro grupo, encontramos aqueles que efetivamente atuaram contra o governo: conspirando, planejando levantes na capital, mantendo rádios transmissores ou participando da confecção de jornais clandestinos. No segundo grupo, podemos encontrar aqueles que eram simpatizantes do movimento irrompido em São Paulo e que, por isso,

ajudavam a disseminar boatos e notícias que iam de encontro aos interesses do governo. Em alguns casos, estes indivíduos também podiam participar das manifestações no centro da cidade. Não obstante, pelo que pudemos observar do relatório da Seção de Ordem Social e Segurança Pública da Quarta Delegacia, se combateu e foram efetuadas prisões de ambos os grupos. Se nos apoiarmos no relatório da Quarta Delegacia Auxiliar, podemos afirmar que o movimento contra o governo na capital era amplo e possuía representação tanto no meio militar quanto no civil.

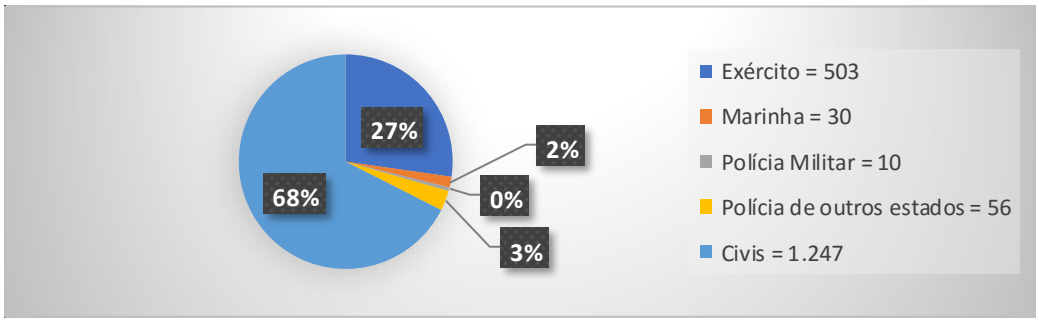


Gráfico 4 - Ocupação social dos presos políticos do ano de 1932
Fonte: (APERJ, DESPS, notação 864)

Segundo o gráfico 4, podemos notar uma proeminência de presos oriundos do meio civil, seguido respectivamente por membros do Exército, policiais de outros estados, Marinha e da Polícia Militar do Rio de Janeiro. No que diz respeito aos números elevado de presos oriundos das esferas civil e do Exército, defendemos que dois fatores podem explicar essa proeminência: para o meio civil, acreditamos que o grupo político dissidente e alijado do poder desde a revolução de 1930 tenha contribuído para os opositores deste setor; já o expressivo quantitativo de membros do Exército deve estar vinculado ao anti-tenentismo na instituição. Este último fator também deve ter levado indivíduos de outros setores da sociedade a serem presos por envolvimento ou por serem suspeitos na ótica da polícia em movimentos contrários ao governo na capital.

Conclusão

Finalizando a parte política do relatório da Seção de Ordem Social e Segurança Pública, Seraphim Braga, chefe deste setor na Quarta Delegacia Auxiliar, afirmou que a Guerra de 1932:

> Foi, sem duvida, umas das mais graves phases por que tem atravessado o paiz, não somente devido á diversidade de correntes, políticas ou não, que se desmembraram umas e se fundiram outras para a formação de uma nova

> corrente constituída de elementos que, de antemão, não nos era possivel distinguir, como tambem pela conservação de elementos contrários que permaneceram em nosso meio sem se externar francamente sobre o momento. Era o desconhecimento do meio em que se agia, obrigando-nos, por isso a uma maior somma de cuidados e de precauções afim de evitar decepções e a annulação da nossa actividade. Contudo, sem utilizar de perseguições, conseguimos desempenhar a nossa tarefa de maneira a ficarmos com a consciencia tranquila de a ter executado com a maximacorrecção e elevação, amparados pela boa vontade dos funccionarios que servem nesta Secção, os quaes deram o maximo do seu esforço e dedicação e a prova mais cabal de sua honestidade e lealdade á causa commum de todos nós, concorrendo, assim, para a paz, tranquilidade e garantia dos habitantes desta Capital (APERJ, DESPS, notação 864).

A Guerra de 1932 teve um desfecho favorável para o Governo Provisório e a ordem e segurança do Distrito Federal foi garantida, em boa parte, graças aos esforços da Quarta Delegacia Auxiliar em combater os inimigos políticos do governo. A atuação da Delegacia não apenas garantiu "a paz, tranquilidade e garantia dos habitantes" da capital como também do próprio Governo Provisório. No entanto, devemos considerar que a oposição ao governo na capital foi significativa e que a sede do governo só não correu riscos por conta da capacidade da polícia política de anular as ações dos opositores. Ao mesmo tempo, mesmo com o empenho e esforço dos seus funcionários, a Quarta Delegacia não foi capaz de deter todos os movimentos de oposição na cidade. Dessa forma, jornais clandestinos, rádios transmissores, boatos, manifestações e conspirações ocorriam mesmo com esforços da Quarta Delegacia Auxiliar em evitá-los.

Artigo recebido em 18 dez. 2017.

Aprovado para publicação em 09 mai. 2018.

Referências

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola e PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de Política*. Brasília: Editora Universidade de Brasília: São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000.

CAPELATO, Maria Helena. *O movimento de 1932*: a causa paulista. São Paulo: Brasiliense, 1981.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Livros proibidos, idéias malditas*: o DEOPS e as minorias silenciadas. São Paulo: Ateliê Editorial, PROIN – Projeto Integrado Arquivo do Estado/USP; FAPESP, 2002.

_____, KOSSOY, Boris (Organizadores). *A imprensa confiscada pelo DEOPS*: 1924-1954. São Paulo: Ateliê Editorial: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2003.

DE PAULA, Jeziel. *1932:* imagens construindo a história. Campinas/Piracicaba: Editora da UNICAMP/Editora UNIMEP, 1988.

D'ARAUJO, Maria Celina. *A era Vargas*. São Paulo: Moderna, 2004.

DUTRA, Eliana de Freitas e MOLLIER, Jean-Yves (organizadores). *Política, nação e edição*: o lugar dos impressos na construção da vida política no Brasil, Europa e Américas nos Séculos XVIII-XX. São Paulo: Annablume, 2006.

GOMES, Angela de Castro. *A Invenção do trabalhismo*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

HILTON, Stanley. *A guerra civil brasileira:* história da Revolução Constitucionalista de 1932. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

LOPES, Raimundo Helio. *Os batalhões provisórios*: Legitimação, mobilização e alistamento para uma guerra nacional (CEARÁ, 1932). 2009. 213 f. Dissertação (Mestrado em História Social). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

_____.*Um vice-reinado na República do pós-30:* Juarez Távora, as interventorias do Norte e a Guerra de 1932. 2014. 321 f. Tese (Doutorado em História, Política e Bens Culturais). Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro.

RIBEIRO, Felipe Castanho. *A historiografia da Guerra de 1932 e a sua amplitude*. Mosaico, Rio de Janeiro, v. 8, n. 12, p. 226 - 247, jun. 2017. ISSN 2176-8943. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/mosaico/article/view/65514>. Acesso em: 13 Dez. 2017. doi:http://dx.doi.org/10.12660/rm.v8n12.2017.65514.

RODRIGUES, João Paulo. *Levante "Constitucionalista" de 1932 e a força da tradição*: do confronto bélico à batalha pela memória (1932-1934). 2009. 320f. Tese (Doutorado em História). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, São Paulo.

MACCANN, Frank D. *Soldados da Pátria*: História do exército brasileiro 1889-1937. São Paulo: Companhia das Letras, Rio de janeiro: Biblioteca do Exército, 2009.

OLIVEIRA, Walter Pinto. *Memórias de uma Revolta esquecida*: O baixo Amazonas na Revolução Constitucionalista de 1932. 2012. 180 f. Dissertação (Mestrado em História Social). Universidade federal do Pará, Belém do Pará.

PANDOLFI, Dulce. *Os anos 1930*: as incertezas do regime. In FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. O Brasil Republicano II – O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo. Livro II. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

SAINT-PIERRE, Héctor Luis. *A política armada*: Fundamentos da guerra revolucionária. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

VARGAS, Getúlio.*Diário, Volume I (1930-1936)*. São Paulo: Siciliano; Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1995.

VILLA, Marco Antonio. *A Revolução de 1932*: Constituição e Cidadania. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2010.

Fontes

Arquivo Histórico do Exército (AHEX), 4ª secção, Revolução de São Paulo, 1932, Góes Monteiro. Caixa: 5080.

Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro. DESPS, Relatório da Seção de Ordem Social e Segurança Pública. Notação: 864.

Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC/FGV). Arquivo: Getúlio Vargas. Classificação: GV c 1932.04.15/2. Datas: 15/04/1932 e 15/07/1932. Informações da 4ª Delegacia Auxiliar, Seção de Ordem Social e Segurança Pública, Serviço de Observação Reservada, sobre atividades conspiratórias de diversas pessoas. Rio de Janeiro (Vol. V/44).

Hemeroteca da Biblioteca Nacional - jornal *O Radical*.

Hemeroteca do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro (IHGB) - jornal *Nove de Julho*.

A cidade e os terreiros: os zeladores de santo e a construção do imaginário sobre Codó-MA

Romário Chaves Oliveira[1]
Marcio Douglas de Carvalho e Silva[2]

The city and the terreiros: the saint-watchers and the construction of the imaginary about Codó-MA

http://dx.doi.org/10.12660/rm.v9n14.2018.73820

[1] Especialista em Docência do Ensino Superior pelo Instituto de Ensino Superior Franciscano. E-mail: romariochaves01@hotmail.com.
[2] Mestre em Antropologia pela UFPI. E-mail: conectadonomarcio@hotmail.com.

Resumo:

Os zeladores de santo são aqueles que cuidam das obrigações espirituais dos filhos de santo e guardam a sabedoria das entidades. O objetivo deste trabalho é analisar a presença dos zeladores de santo e seus terreiros para a constituição imagética da cidade de Codó-MA. A metodologia empregada foi a História Oral, através da qual realizamos entrevistas com os zeladores de santo, além da análise de trabalhos que versam sobre a história da cidade Codó e a sua relação com a instituição dos terreiros religiosos, evidenciando essa cidade pelo viés do imaginário.

Palavras-chave: terreiro; cidade; Imaginário.

Abstract:

The saint-watchers are those who take care of the spiritual obligations of the sons of saints and guard the wisdom of the entities. The objective of this work is to analyze the presence of the caretakers of santo and its terreiros to the imagistic constitution of the city of Codó-MA. The methodology used was the Oral History, through which we conducted interviews with the caretakers of santo, besides the analysis of works that deal with the history of the city Codó and its relation with the institution of religious terreiros, evidencing this city by the bias of the imaginary.

Keywords: terreiro; city; imaginary.

Codó está localizada na Mesorregião leste maranhense, distante 290 km da capital, São Luís. Possui cerca de 120.000 habitantes, distribuídos numa área de 4.361,32 km² (BRASIL, 2010). A cidade de Codó é conhecida e reconhecida pela tradição dos terreiros[1] de Terecô[2]. "Tenda, Terreiro, barracão e Salão são utilizados como sinônimo e remetem aos espaços rituais onde se dança Terecô" (AHLERT, 2013, p. 14). Mães de santo e pais de santo fazem parte do cotidiano do lugar, assim como o lugar faz parte do cotidiano das tendas dessa manifestação religiosa. As origens da cidade de Codó e sua "tradição" religiosa são marcadas não apenas pelo material, mas também pelo intangível.

A cidade é fortemente influenciada pela lida dos caboclos3 e orixás4. Esses estão envolvidos pelos zeladores de santo5 em um emaranhado de contradições, singularidades, aceitações e preconceitos.

Na natureza de justificar a estrutura intrínseca deste texto, convém ressaltar que a constituição imagética da cidade de Codó é formada em virtude dos trabalhos acadêmicos que legitima a urbe como terra da magia e pela história de vida dos zeladores de santos, desde o momento que entram na religião, bem como a origem dos seus terreiros. Durante o trabalho será apresentada uma visão historiográfica da cidade, mas tendo em vista que estamos lidando com a memória, a ordem cronológica dos fatos não será aprofundada.

Na historiografia oficial a cidade recebeu um grande aglomerado de pessoas por após a implantação da Companhia Manufatureira fundada em 1892. Contudo, é permitido pensar na possibilidade de a cidade ter crescido pela influência da forte religiosidade de matriz africana que fez pessoas irem para Codó. O desejo de alguns zeladores em estarem próximos de alguém que pudesse ajudá-los na vida espiritual, do mesmo modo que conduzir as atividades de zelo dos encantados6, fez com que alguns pais e mães de santo se dirigissem

[1] O termo terreiro será empregado nesse trabalho para se referir as Tendas de Terecô da cidade de Codó.

[2] Terecô é a denominação de uma das religiões afro-brasileiras originada no município de Codó no Maranhão. Os sacerdotes desempenham funções de rezadores e curandeiros, tipificados de origem indígena.

[3] Os Caboclos pertencem à uma linha de muita força espiritual, são naturalmente guerreiros, poderosos e humildes.

[4] Os orixás são deuses africanos que correspondem a pontos de força da Natureza.

[5] Este termo será utilizado no decorrer do trabalho para se referir aos pais de santos e mães de santo, visto que muitos praticantes da religião de matriz africana preferem ser chamados de zeladores de santo. Essa intitulação é dotada de um profundo significado, pois é um termo sincrético utilizado tanto nos terreiro quanto no catolicismo. Expressa a dedicação de homens e mulheres aos serviços dos encantados; recebem, também, o nome de Pais e Mães de Santo, Cavalos de Santo. Eles são líderes religiosos, uma vez que coordenam pessoas (Filhos de Santo), fazem festejos em honra aos seus encantados. Além disso, conduzem as obrigações, ou seja, têm responsabilidades inerentes na comunidade tais como: benzimentos, intercessão junto aos encantados ou orixás para abrir caminhos de prosperidade, amor, enfim, conforme os interesses de quem os procuram.

[6] "No Maranhão o termo encantado é encontrado nos terreiros de Mina, tanto nos fundados por africanos, quanto nos "mais novos" e sincréticos, e nos salões de curadores e pajés. Refere-se a uma categoria de seres espirituais recebidos em transe mediúnico, que não podem ser observados diretamente ou que se acredita poderem ser vistos, ouvidos e sentidos em sonho, ou por pessoas dotadas de vidência, mediunidade ou de percepção extrassensorial, como alguns preferem denominar. Os encantados, apesar de totalmente invisíveis para a maioria das pessoas, tornam-se "visíveis" quando os médiuns em quem incorporam manifestam

a Codó. A respeito disso, Dona Maria dos Santos, filha de santo de um dos primeiros terreiros da cidade declara que:

> Eu tinha minha casinha lá em São Luís, uma salinha pequena que eu fazia sessão. Chegava uma pessoa, eu fazia o benzimento, banho e aí, quando foi no governo do Castelo, eu pedi uma nomeação, que eu era lavadeira dele aqui. Tava em São Luis, com dois anos ele me deu quando a nomeação saiu pra cá. Ou eu vinha ou eu perdia a nomeação. Tudo tava direcionado pra Codó. Ai foi época que eu vim e ela (Antoninha) me entregou o salão. Eu to aqui até hoje, até na hora que o Pai celestial determinar[7] (SANTOS, 2015).

Desta maneira, a chegada de Dona Maria dos Santos não ocorreu por sua própria vontade, sendo sua chegada relacionada a fatores que contribuíram para que ela fosse morar em Codó. Assim, ela acreditou que o seu encantado exerceu forte influência para que sua nomeação se direcionasse a referida cidade. Nessa sequência, é permitido pensar o quanto a memória dos zeladores de santo é importante para ajudar no processo de constituição da história de uma cidade. Com outra ótica, o tempo acumulado em suas experiências vividas torna possível o relato emotivo da história de Codó.

Os zeladores de santo de Codó são aqueles excluídos da cidade que narram a urbe através das suas subjetividades em um lugar erguendo um espaço – o terreiro, para então experimentar a cidade. Quando um zelador de santo aceitou morar em determinado lugar da cidade não foi por acaso, mas configura-se como uma vontade dos seus encantados. Eles que determinam onde deve ser instalado um terreiro ou, pelo menos, aceitam a escolha do local. Tudo isso permite pensar a oralidade e as memórias como destaques influenciadores no processo de valorização das cidades e concepção da sua espiritualidade.

Sobre a sensibilidade como força impulsionadora do fabuloso, Sandra Jathay Pesavento (2007) destaca que a realidade de uma cidade, mesmo estereotipada, pode ser inserida na memória do indivíduo e provocar o reconhecimento da urbe, assim como também as cidades representadas pelas imagens visuais onde entram em comunhão com as imagens mentais as quais possuímos.

A concepção de Pesavento (2007), utilizada nesse trabalho para se pensar a cidade, é importante, dado que o objeto dessa pesquisa são as memórias dos zeladores da cidade de Codó. A categoria cidade é discutida em virtude de ela ser um espaço onde ocorreu as fundações dos primeiros terreiros. Conforme Maria Izilda Santos de Matos (2007), ela é um território de memórias:

---

alterações de consciência e assumem outra identidade. Apresentam-se à comunidade religiosa como alguém que teve vida terrena há muitos anos e que desapareceu misteriosamente ou tornou-se invisível, encantou-se" (FERRETTI, 2000, p. 15 *Apud* AHLERT, 2013, p. 19).

[7] Adotou-se no decorrer deste trabalho a fala coloquial dos entrevistados. Além disso, houve uma edição das falas no sentido de melhorar a compreensão.

> Cabe também entender as cidades como um território que condicionam múltiplas experiências pessoais e coletivas. Sob a cidade fisicamente tangível descortinam-se cidades análogas invisíveis, tecidos de memórias do passado de impressões recolhidas ao longo de experiências urbanas. (MATOS, 2007, p. 25).

A cidade analisada nesse trabalho não se conceitua apenas pela materialidade, mas também por uma imaginação latente na vida dos codoenses, e principalmente dos primeiros zeladores de santo e seus respectivos terreiros. As entidades, que ocupam esse papel do metafísico, fazem parte de suas vidas e influenciam fortemente na escolha de um local para a estruturação de um terreiro.

Muitas marcas são apagadas, a materialidade e sociabilidades do passado são trazidas pelo esforço do historiador. Por isso, Pesavento (2007), manifesta a magnitude da ideia de pertencimento de uma cidade. Para ela, a urbe é individualizada, personifica modos, carrega relíquias e o narrador revê não apenas as coisas, mas o significado delas.

São muitas as situações de aflição e sofrimento encontradas nas memórias dos zeladores de santo. É nas primeiras manifestações dos encantados no seu corpo por meio de sonhos, visões e doenças que eles tiveram a ajuda de entidades e de outros pais de santo para resolver seus problemas espirituais. Depois de cuidados e curados, com o passar do tempo e com sua dedicação à encantaria, eles também se tornaram pessoas capazes de curar, cuidar e trabalhar com as entidades e similarmente entender a força mítica dos encantados em suas vidas.

Compreende-se que para discutir cidade é necessário compreender essa categoria em suas diversas reflexões, visto que ela envolve elementos outros os quais são relevantes para o historiador estudar a cidade em sua totalidade.

A história da cidade de Codó foi sendo escrita não apenas pela historiografia, mas pelas imagens as quais ficaram na memória desses líderes religiosos por isso, entendemos que nesse processo, oralidade é, sem sombras de dúvidas, uma história formada por estilhaços onde a memória torna-se item valioso nesse processo. Com toda fluidez, o conhecimento constituído a partir da oralidade está sempre se reformulando adquirindo novos valores conforme a fala de cada depoente.

A Cidade de Codó enquanto terra da magia

Em 1896, aconteceu a campanha de emancipação para que a Vila recebesse o galardão de cidade. A família Bayma tomou parte nesse processo, principalmente o senhor Francisco Sergio Bayma, que era sobrinho de Manoel Ferreira Bayma. Assim, conforme Machado (1999), Codó tem em sua constituição histórica as figuras de intendentes, prefeitos e alguns interventores. A fusão política tornou-se inevitável com a chegada de Sebastião Archer, que a princípio vem para ajudar na administração, mas, em pouco tempo, tornou-se o maior acionista da fábrica Companhia Manufatureira e Agrícola do Maranhão (1892) e uniu matrimônio com Maria José Bayma.

Nos anos de 1780 a 1790, havia a presença de grandes fazendas como as dos Brandão, Colares Moreira e Salazar, com forte presença de negros escravizados. Conforme Machado (1999), no ano de 1873 havia na cidade um contingente africano de 6.550 escravos. Nesse seguimento, a religião de matriz africana adquiriu as mesmas proporções, gerando ramificações em a toda cidade. Codó foi delineada por diversos acontecimentos favoráveis ao crescimento desordenado da cidade, mas que obedeceu, também, a uma força de coerção capaz de modelar o lugar; é nesse aspecto que Sulivan Charles Barros (2000), assegura que no mundo imaginário, os participantes vivem, concebem e produzem, por meio do culto e dos rituais, as suas conexões com os deuses e a interferência desses deuses em suas experiências cotidianas.

A literatura historiográfica dá a conhecer diversos fatores que contribuíram para o aumento populacional de Codó. Os escritos oficiais apontam para um crescimento maior a partir da Companhia Manufatureira e Agrícola do Maranhão, a qual foi responsável por trazer muitas pessoas para a cidade, outro fato, também postulado por pesquisas acadêmicas, nomeia o êxodo rural como força que perfaz o desenho citadino.

Desde a chegada dos negros no final do século XVIII, Codó adquiriu novo significado, em se tratando de religiosidade, visto que, a partir daquele momento, as influências de matriz africana foram inseridas no município. Jéssica Cristina Aguiar Ribeiro (2012) formatou seu trabalho partindo da problemática de se pensar como se deu a predisposição da representação da cidade de Codó como a "terra da macumba". A autora se refere a essa marca nos codoenses como "estigmas" que assinalam as pessoas que vivem nessa cidade.

Ribeiro (2012), detém-se nos antigos e atuais líderes religiosos para mostrar as representações de Codó como "terra da macumba", partindo das marcas deixadas por esses condutores do Terecô da cidade. É demonstrada a grande influência do pai de santo Bita do Barão entre os políticos, os quais vêm a Codó em busca do Mestre para alcançar seus objetivos. Segundo Ferretti apud Ribeiro (2012), desde 1986, a tenda Umbanda Rainha Iemanjá tem acolhido políticos como Antônio Carlos Barcelar e Magno Bacelar.

A autora chama a atenção para o quanto os conceitos a respeito dessas pessoas vão sendo modificados, uma vez que no início a cidade era vista como lugar de bruxaria e, aos poucos, foi adquirindo um retrato de lugar de feitiçaria ou capital da magia negra. Tudo isso

porque no início, a propagação das práticas religiosas acontecia por pessoas como Maria Piauí, Deus Quiser e Tobias que durante muito foram denominado “bruxos” da cidade.

Para tanto, aprecia as análises realizadas sobre o papel da mídia na divulgação de estigmas da cidade de Codó e Bita do Barão. Para isso, Ribeiro (2012), analisa o documentário que foi exibido em 22 de maio de 1994, pela TV Bandeirante em um programa exibido em rede nacional denominado “Domingo 10”. Nesse documentário, apresentado por Marília Gabriela, foi presumível apreender nas entrelinhas que, de forma latente, afirmava-se o envolvimento de Bita do Barão com o ex-presidente da República José Sarney e que o falecido Tancredo Neves teria sua vida ceifada por trabalhos de magia negra. E para culminar essa marca de Bita do Barão, o ex-presidente da República José Sarney ofereceu para o Mestre, com o apoio de um Centro de Estudos de Ciências Jurídicas e Sociais, o título de Comendador da República. Sobre esse acontecimento, seu Aluízio Mota narra:

> E a gente tá aqui e não pode negar. Olha, uma vez eu lembro muito bem dessa história. Chegou uma pessoa aqui, eu não conhecia a moça, ela queria apresentar um trabalho e tinha ido na casa do Domingos Paiva. Minha mãe de santo era viva e tinha ido em outro terreiro muito famoso aqui em Codó. Se a pessoa tivesse feito algum mal para alguma pessoa, como que eu ia repor aquele mal, acabar aquele mal? Então eu tinha que fazer um bem para chegar àquele benefício. Ai minha mãe Antoninha disse que eu poderia fazer. Ai minha mãe aceitou e disse que como era só para demonstrar, eu podia fazer. Sabe que depois que a gente começou o trabalho o guia disse: “você é uma pessoa muito importante”. E não era a Marília Gabriela? Nesse tempo aqui tinha um jornal chamado Cidade Reclama de Dejalma Siqueira. Eu fui até convidado para falar. Teve gente que se ignorou muito. Teve gente que morava no Rio e falou que tinha vergonha e que não pisava mais no Codó. (MOTA, 2015).

E Ahlert (2013, p. 18) acrescenta:

> A fama da cidade como *“capital da magia negra”* tem sido impulsionada também pela exploração midiática intensa - em grande parte estigmatizadora e preconceituosa - da profusão de tendas de religiões afro-brasileiras e dos atendimentos realizados por pais e mães de santo. Neste sentido, Codó aparece como a *“Meca dos políticos”* que a visitam para realizar trabalhos e vencer eleições, como terra do pai de santo de José Sarney (*grifos do autor*).

Ribeiro (2012), percebe que o discurso acadêmico pode legitimar ou negar aquilo que foi tido como realidade; neste caso, os estigmas. A autora, embasada por Michel Foucalt, expõe a noção de saber-poder que como tal tem a capacidade autenticar, de forma

simbólica, alguns aspectos científicos. Nessa acepção a autora conclui que na cidade de Codó há muitos trabalhos acadêmicos concebidos por codoenses que ora legitimam, ora negam o entendimento de Codó como terra da macumba.

As reflexões sobre as perseguições às práticas de magia e religiosas são abordadas pela autora. A historiadora dá a conhecer ao leitor os principais terreiros da cidade afirmando que isso legitima Codó como "Meca da Feitiçaria". Assim, os terreiros são vistos pela autora como espaço material e simbólico porque eles contribuem para uma visão de "Cidade Negra" com o grande número de terreiros que há no município. Quando surgiram os primeiros terreiros, o quimérico sobre as práticas religiosas era de caráter negativo, pois era visto como sinônimos de atraso e que contrariava as ideias da época, numa cidade onde a maior parte da população era negra, tornava-se importante para a elite investir na política do branqueamento.

> Ao escrever sobre a história do terecô, (...)mesmo antes da chegada da umbanda[8] e da quimbanda[9] na cidade, existiam grandes feiticeiros conhecidos por realizarem trabalhos tidos como ambíguos. Foi, entretanto, com a expansão do panteão das entidades recebidas na cidade, a partir da umbanda, que exus e pombagiras se tornam parte do que seria o imaginário sobre o medo e magia negra. Para o autor, este imaginário era experienciado no cotidiano dos sujeitos, onde funcionaria como um "operador lógico que estabelece relações de hierarquia (AHLERT, 2013, p. 32).

Para mais, Ribeiro (2012), traz à luz os festejos na Tenda Espírita de Umbanda Rainha Iemanjá comandada pelo Mestre Bita do Barão. Na etnografia, ela relata a sua experiência em participar das festividades, das entrevistas realizadas com membros da casa e da reação de outras pessoas no que concerne à sua pesquisa. Nessas entrevistas Ribeiro (2012) adquire conhecimentos sobre as práticas religiosas e sobre a hierarquia da casa. Tudo isso, escreve a autora, para mostrar que a categoria macumba, termo utilizado pela autora, não dá conta de incluir todas as práticas religiosas realizadas na Tenda Espírita Umbanda Rainha Iemanjá, no sentido de desmistificar aquilo que é proposto pela mídia.

Mediante tudo isso, percebe-se que é inegável a consideração da religião de matriz africana na cidade dos mistérios e encantados. Os acontecimentos religiosos contribuíram fortemente para que a notoriedade de Codó chegasse a outras instâncias, levando consigo os fatos religiosos e fazendo com que outros lugares conhecessem a áurea da cidade como a terra de magia.

Tendo em vista a discussão feita acima, nota-se que a concepção imagética obedece

[8] A Umbanda é uma religião brasileira que sintetiza vários elementos das religiões africanas e cristãs, porém sem ser definida por eles. Formada no início do século XX no sudeste do Brasil a partir da síntese com movimentos religiosos como o Candomblé, o Catolicismo e o Espiritismo. (BARNES, 1997).

[9] A palavra "Quimbanda" (Kimbanda) vem da palavra africana em Bantu que significa "curador" ou "shaman", também se refere a "Aquele que se comunica com o além".

a um processo cujas partes têm seus méritos e suas consequências sobre a chegada do negro, a legitimidade feita pelos acadêmicos e pela mídia os quais oportunizaram a veiculação da magia codoense.

Os africanos vieram para o Brasil de forma desumana, foram obrigados a deixar a sua terra, os seus reinos, foram separados de seus parentes, mas não poderiam jamais deixar aquilo que estava dentro deles, a sua cultura e sua fé, mas, sobretudo a sua identidade que foi a força motriz para que os mesmos pudessem resistir silenciosamente ao etnocentrismo. Nessa lógica, ao fixar em Codó, deram um novo sentido para esta terra. A forma deles se refugiarem dentre tantas que já se conhece como a dança, a música e a esperança de um dia voltar para a África. Há também a necessidade de oferecer à nova terra, Codó, uma áurea singular, a magia da cidade que vai se edificando antes mesmo da formação de suas ruas, avenidas e bairros.

Com vistas a essa discussão sobre a formação dos bairros na cidade de Codó, é importante entender a atuação desses primeiros terreiros no momento em que surgiram os bairros onde estão situados esses respectivos espaços e analisar a dimensão da Igreja Católica. O catolicismo foi e é um forte instrumento de elaboração da cultura. Barros (2000) chama atenção para a diferenciação entre catolicismo definido pela Teologia e pelo Direito Canônico e o catolicismo popular. O primeiro nunca existiu, é fruto de uma abstração de teólogos, o segundo existiu em virtude da tentativa europeia de implantar a sua cultura em um ambiente totalmente diferente.

A inter-relação entre catolicismo e religião de matriz africana em Codó obedece à dinâmica do segundo conceito, visto que a religião africana absorveu muitos aspectos do catolicismo como forma de resistência. Os praticantes da religião de matriz africana foram colocados distante do centro da cidade para exercerem ocultamente seus cultos. Ao seguir essa lógica, Codó apresenta bairros com grande incidência de terreiros de Terecô.

Com os dados em mãos, observou-se primeiramente o Bairro São Benedito, o qual está concentrado a Tenda Santo Antônio de Dona Maria Iracema da Conceição. Nos dias atuais, o terreiro que se encontra no Bairro São Benedito está sob cuidado da mesma, mas anteriormente, no período de sua fundação, esse terreiro estava sob a responsabilidade de Dona Maria Piauí. Dona Iracema discorre que no inicio do terreiro havia apenas uma senhora de nome Raimunda que também tinha um terreiro. Segunda sua fala: “Tinha da finada Raimunda, mas se acabou e hoje é casa de aluguel. A família dela a metade é crente, o marido e o filho. Eles tiram as imagens, tem gente que tira a telha, muda o piso e o assentamento, eles quebraram tudo”. Percebe-se que já havia outras pessoas que ocupavam esse local e que também praticavam o Terecô. Dona Maria dos Santos Sardinha, menciona outros nomes de moradora nesses lugares, que hoje pertencem ao Bairro São Benedito.

> Quando eu me entendi, achei foi da dona Maria Piauí e do seu Eusébio Bijansem, bem ali onde é aquele supermercado Carvalho. Depois veio

> vindo a Roxa, dona Dalvina, seu Eduardo e depois veio o seu Chico Fateiro. Depois botaram um bem ali na Rua Patí, mas não foi avante. Chico Fateiro morreu. Depois veio seu Mundiquinho do interior e fundou o dele lá embaixo! Eu sei que o nosso aqui tem uns 45 anos para 46. (SANTOS, 2015).

Nesse depoimento destaca-se o senhor Chico Fateiro. Esse zelador de santo, já falecido, também morou onde hoje é o Bairro São Benedito. Desse modo, o Senhor Chico Fateiro foi o quarto terreiro depois de Eusébio Jânsen e Maria Piauí. A rua do Patí está situada no Bairro São Francisco, bem como o do Senhor Raimundo Nonato dos Santos que atende pelo nome religioso de Mundiquinho. Assim, os bairros citados são os pioneiros no processo de fixação dos terreiros da cidade.

O triunfo dos terreiros na ocupação desses espaços tornou-se constante a ponto de proporcionar um fenômeno de crescimento considerável dentro da cidade. Após a década de 1960, outras pessoas chegaram a diferentes pontos dos bairros, com forte incidência no São Francisco e se fixaram. É importante salientar as fronteiras entre um bairro de elite e o outro segregado, os quais podem ser visíveis e invisíveis.

> Mas nem sempre esta separação é assim tão simples. A segregação também se escreve por símbolos. A fronteira entre um bairro popular e um bairro da gente mais rica pode ser uma esquina, uma ponte, uma imagem, ou nem sempre se colocar de maneira muito precisa. Por outro lado, as cercas e fronteiras imaginárias que estabelecem o lugar de cada atividade e de cada um dos moradores têm códigos que pode ser também decifrado pelos sociólogos e historiadores (BARROS, 2007, p. 76).

Nota-se que a cidade vai ganhando em suas ruas, becos avenidas e principalmente nos bairros a magia da encantaria, pois as pessoas que se fixaram nesses locais foram aos poucos formando a excepcionalidade da cidade de Codó. A lógica da segregação é acompanhada da imaterialidade, pois ao mesmo tempo em que pessoas vão morar nos locais mais distantes, há presente neles um desejo latente de estar mais próximo da natureza, de ocultar suas práticas as quais sempre foi motivo de castigos e de etnocentrismo.

A tabela abaixo mostra o nome dos terreiros do bairro São Francisco. Assim, percebe-se que há uma total de 22 tendas. A coluna, que demonstra os endereços chama atenção para os terreiros que estão localizados na mesma rua do bairro como, por exemplo, a Rua São João que contém 02 tendas; Rua Moisés Reis com 02 tendas; Rua Paraguai com 03 tendas; e Avenida Primeiro de Maio com 03 tendas.

TENDA	ENDEREÇO	NOME
TENDA SÃO JORGE	Rua São Francisco 1104	Maria Benedita Dias
TENDA ESPIRITA DE UMBANDA SÃO MIGUEL ARCANJO	Rua São João 1400	Maria do Socorro de Araújo
TENDA ESPÍRITA DE UMBANDA SÃO BENEDITO	Rua Moisés Reis, 1042	Benedito Muniz Raul
TENDA ESPIRITA DE UMBANDA BOA FÉ FILHO DA TRINDADE	Rua São Raimundo, 1191	Vicência Merandelina da Silva
CASA DE CANDOMBLÉ XANGÔ E OXALÁ	Rua Paraguai, 1273	Beatriz dos Santos Bandeira
TENDA NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO	Rua Rio de janeiro, 1452	Benedito Dias
TENDA ESPÍRITA DE UMBANDA RAIO OLAR	Av. Primeiro de maio, 476	Josenilde Paiva
TENDA ESPÍRITA DE UMBANDA SANTA BARBARA	Rua Paraguai, 1366	Domingos Sousa
TENDA ESPÍRITA DE U. C. A. BRASILEIRO, SÃO BENEDITO E SÃO JOSÉ DE RIBAMAR	Rua Magalhães de Almeida, 1168	João Tavares
CENTRO DE ORAÇÃO SÃO JORGE GUERREIRO	Rua Distrito Federal, 1199	Paulo César Silva Vasconcelos
TENDA UNIÃO DOS FILHOS DA CASA DOS ORIXÁS	1º Travessa 1º de Maio, 1655	Pedro César Santos Sousa
TENDA ESPÍRITA DE UMBANDA SÃO DOMINGOS	Rua do Acre, 1187	Raimundo Brandão de Pinho
TENDA ESPÍRITA DE UMBANDA NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO	Rua Paraguai, 705	Terezinha de Jesus Guilhon
TENDA E. U. C.A. B. YLÉ AXÉ DE OXOSSE E OXUM	Rua Des. Vasconcelos Torres, 1658	Nilza Viana
TENDA SÃO JERÔNIMO	Rua: Rio de Janeiro 935	Maria das Neves Rocha
CENTRO NOSSA SENHORA APARECIDA	Rua: José Rosa 1772	José Roberto da Silva
TENDA SENHORA SANTANA	Avenida 1º de maio 1650	Claessio Viana
TENDA ESP. DE UMBANDA SENHORA SANTANA	Rua São João1259	Francisco de Assis de Melo Araújo
SALA DE CURA CABANA DE PRETO VELHO	Rua José Merval Cruz, 645	Maria de Jesus Sousa
TENDA ESPÍRITA DE UMBANDA SANTO ANTONIO	Av. 1º de maio	Raimundo Nonato dos Santos
TENDA ESPÍRITA DE UMBANDA SÃO BENEDITO	Rua Moisés Reis, 1042	Benedito Muniz Raul
TENDA ESPÍRITA DE UMBANDA SANTA HELENA	Travessa Moacyr Machado, S/N	José Maria da Conceição

Tabela 01 Terreiros de Terecô no Bairro São Francisco.
Fonte: Secretaria de Cultura e Igualdade Racial.

Ressalto algo que foi considerado como hipótese, quando se suscitou a possibilidade dos bairros adquirirem o nome dos respectivos santos por causa do santo

festejado no primeiro Terreiro de santo do bairro, uma vez que a maioria dos bairros da cidade de Codó intitula-se pelos nomes dos santos festejados pelo catolicismo.

A Igreja Católica avançou significativamente a respeito disso no sentido que ela adota nomes de santos do catolicismo para nomear o bairro São Benedito. É bom salientar que o bairro onde Dona Iracema vive tem um nome de um santo que é exemplo do sincretismo religioso. São Benedito é um santo negro muito festejado tanto na Igreja Católica quanto nos terreiros e grupos folclóricos, vide Tambor de Crioula, que fazem o sincretismo religioso comemoram seus orixás e associam eles a santos católicos. Abaixo segue uma tabela com algumas entidades e as respectivas correspondências que há entre a religião de matriz africana e o catolicismo.

ORIXÁS	SANTOS CATÓLICOS
IROCO	SÃO FRANCISCO DE ASSIS
EXU	SANTO ANTONIO
OSSAIM	SÃO BENEDITO
IEMANJÁ	ASSOCIADA A VIRGEM MARIA.
OXOSSI	SÃO SEBASTIÃO

Tabela 02 Orixás sincretizados com santos católicos.
Fonte: Dados coletados a pesquisa.

O sincretismo religioso evidencia que não há uma influência total do catolicismo. Os Terreiros do bairro São Francisco, que não tiveram nenhuma influência na denominação do seu bairro, obedece à mesma concepção sincrética levando nome de santos católicos em suas Tendas. Aqui é importante salientar que o foco é o sincretismo no nome dos bairros da cidade, uma vez que o bairro é um elemento à urbe, e nele há a presença do imaginário. Os zeladores não se incomodam com os nomes dos santos escolhidos pela elite para intitular os bairros.

Quando um zelador observa o nome do bairro, o mesmo observa não apenas o nome do santo católico, mas sim o correspondente sincretizado. Assim, o bairro onde esse zelador mora tem um significado. O imaginário e o sentido de terra da magia se efetiva por meio se uma relação sincrética. Observa-se isso na fala de Dona Iracema da Conceição sobre a ordem dos acontecimentos entre a estruturação do seu terreiro e o surgimento da igreja de São Francisco:

> Era só um caminho mesmo, uma veredinha. O terreiro começou antes da igreja de são Francisco e muito ali não existia, nem ninguém. Ali era só mato mesmo. Não tinha casa, não tinha nada. Nesse tempo a gente cozinhava na lenha (onde hoje se encontra o supermercado) Carvalho. Até em cima nós ia era buscar lenha, porque nós cozinhava na lenha nesse tempo (CONCEIÇÃO, 2015).

Buscou-se ainda, durante a entrevista de Dona Iracema, entender mais precisamente como foi o processo de formação do bairro São Francisco, e também do Bairro São Benedito. O que ela apresentou foi uma história cuja ordenação estava permeada de lacunas, mas foram obtidas informações de forma indireta. Tudo isso remete a uma reflexão que permite entender a atual realidade vivida nos bairros com relação aos terreiros e a Igreja Católica. Os terreiros estão situados dentro dos bairros e tem a sua realidade, mas eles não se coadunam com a comunidade. Não há muitos eventos de solidariedade por esses terreiros, exceto os atendimentos feitos pelas benzedeiras com atividades de pajelança.

Acerca da discussão sobre os nomes dados aos bairros, vale ressaltar que ao longo das entrevistas, seu Aluízio Mota demonstra através de sua memória, que o encantado tem grandes influências na vida dos brincantes; é interessante mencionar isso a título de informação sobre como é escolhido o santo padroeiro de uma tenda, visto que se acreditava numa escolha subjetiva com base na sua devoção por determinado santo. Assim, o pai de santo Aluízio Mota manifesta-se a respeito dessa realidade que aqui se concretiza.

> Porque quando é na época, que a gente vai fazer o serviço. Eu vou entrar no camarim pra receber meu batismo, o batismo dos guias da gente. Eu fui batizado em 47, ano que nasci, na cidade de Rosário. Agora quando a gente vai pedir a preparação da cabeça para batizar os guias da gente, entra no camarim, num quarto. Quando a gente deita ali, se prepara para tudo. Alí o guia que vai dizer qual é o santo que você vai festejar, quais são dias de obrigação, ele vai (dizer) tudo. Tem pessoas que passam até 24 horas, mas tem gente que passa até 15 dias no camarim. Alí tem o preparamento de tudo a partir da comida. A gente não pode é dizer o que come lá dentro. E assim a gente aprende como deve preparar o seu povo (MOTA, 2015).

Como se pode observar, não são os zeladores que definem o que fazer nos terreiros, eles são instrumentos da vontade e necessidades dos guias. Vontades estas que terminam por interferir na cidade. Diante do que foi exposto, infere-se que conhecer a história da cidade permitiu entender a configuração de uma cidade cuja história está marcada pela influência africana e que contribuiu para que no cerne do surgimento dos primeiros bairros de Codó estivesse a presença dos zeladores de santo.

O terreiro tem a sua peculiaridade e dele emana a áurea colhida pela sensibilidade dos zeladores de santos. Essa afirmação permite o surgimento de uma cidade imaterial dentro da cidade real. A história dos bairros da cidade é um exemplo de que o terreiro tem o seu valor dentro.

Considerações Finais

Diante do que foi apresentado neste texto, Codó não é apenas uma cidade, mas um espaço onde se produziu uma polissemia de representações, norteadas por interesses culturais, religiosos e sociopolíticos, a tal ponto de se tornar conhecida nacionalmente. Para tanto, outros estudos foram imprescindíveis para, junto com os zeladores de santos e os terreiros, formarem a imagem da cidade como "terra da magia".

Os zeladores de santo são detentores de um saber-poder que os tornam singulares dentro da cidade. Ao acompanhar a genealogia dos zeladores na religião e o processo de construção dos espaços sagrados, percebe-se imagem que foi construída. Para eles a terra é cheia de mistério porque é o local escolhido pelo encantado. Até mesmo os nomes dos bairros refletem não apenas o catolicismo, mas o sincretismo latente na vida dessas pessoas.

Sendo assim, foi necessário narrar a cidade imaterial, cuja análise atentou em perceber o simbólico. Partindo da história oficial, foi-se direcionando o olhar para uma História de Codó diferente onde as representações, as quais foram capazes de imaginar a notoriedade de uma cidade por meio de sua forte manifestação religiosa, permitiram compreender a história da cidade e entender o porquê dos terreiros de santo fazerem parte da cidade.

Artigo recebido em 11 fev. 2018.
Aprovado para publicação em 19 abril 2018.

Referências

AHLERT, Martina. *Cidade relicário:* uma etnografia sobre terecô, precisão e Encantaria em Codó (Maranhão). 2013. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

BARNES, Sandra T. Africa's Ogun: Old World and New. Indiana *University Press*. p. 91, 1997.

BARROS, José de Assunção. *Cidade e história.* Petrópolis: Vozes, 2007.

BARROS, Sulivan Charles. *Encantaria de Bárabara Soeira: a construção do imaginário do Medo em Codó – MA.* 2000. Dissertação (Mestrado Sociologia) – Universidade de Brasília, DF. 2000

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo demográfico 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano:* 1. Artes de Fazer. Tradução de Eplaim Ferreira Alves. Petrópolis. RS: Vozes, 1994.

MACHADO, João Batista. *Codó, histórias do fundo do baú.* São Luís: FACT/UEMA, 1999.

MATOS, Maria Izilda Santos de. *A cidade, a noite e o cronista.* Bauru: EDUSC, 2007.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades Visíveis, cidades Sensíveis, cidades imaginárias. *Revista Brasileira de História,* São Paulo, v. 27, n. 53, p. 11-23, jan./ jun. 2007.

RIBEIRO, Jéssica Cristina Aguiar. *Saberes e fazeres das práticas afro-religiosas:* a representação de Codó como meca da macumba maranhense e a construção dos estigmas de Bita do Barão de 1950 a 1990. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Estadual do Maranhão, Caxias, MA, 2012.

Entrevistas

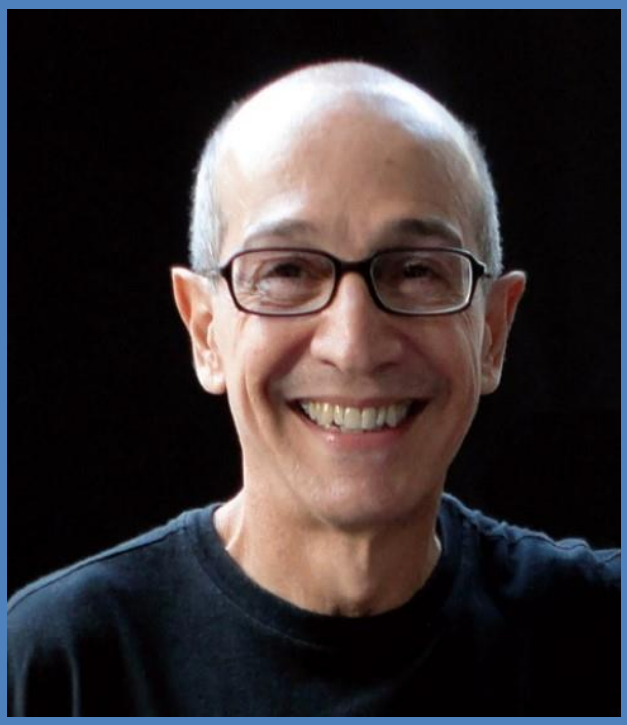
CONCEIÇÃO, Maria Iracema. Entrevista concedida em maio de 2015.

MOTA, Aluízio. Entrevista concedida em maio de 2015.

SARDINHA, Maria dos Santos. Entrevista concedida em maio de 2015.

Entrevista de Mauricio Murad

Concedida a Isabella Trindade [1]



Mauricio Murad é doutor em Sociologia do Desporto pela Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, Portugal, com co-orientação do INEF de La Coruña, Espanha. Atualmente é Professor Adjunto (aposentado) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), professor e pesquisador de Sociologia dos Esportes do programa de pós-graduação da Universidade Salgado de Oliveira (Universo) e Colaborador da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ). Publicou 45 artigos em periódicos especializados no Brasil e no exterior e mais de 20 trabalhos em anais de eventos nacionais e internacionais. Possui 30 capítulos de livros, 15 livros publicados e mais de 600 itens de produção técnica. Recebeu dez prêmios e/ou homenagens acadêmicas e culturais. Um de seus livros (*Todo esse lance que rola, uma história de namoro e futebol*) foi indicado à premiação *Sala de Leitura* do MEC e adaptado para o teatro, na versão de um musical. Atualmente coordena dois projetos de pesquisa. Atua na área de Sociologia, com ênfase em Cultura, Sociedade, Futebol e Violência. Em suas atividades profissionais já interagiu com nove colaboradores em co-autorias de trabalhos científicos, no Brasil e no exterior.

http://dx.doi.org/10.12660/rm.v%vn%i.%Y.7636

[1]Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais (PPHPBC) - CPDOC/FGV, Rio de Janeiro, Brasil. Professora IFRJ - EPF
E-mail: bella_tm@yahoo.com.br

Como nossa entrevista é sobre o tema "diálogos com o futebol", assunto da próxima edição da revista Mosaico, pedimos que nos fale um pouco sobre a sua trajetória pessoal e acadêmica.

É um prazer conceder esta entrevista para a revista Mosaico, que eu tenho certeza, que é boa, a começar pelo nome. Então é um prazer de fato, para mim. Vejamos como posso contribuir: a minha trajetória no futebol começou quando ainda era um garoto, porque eu tentei ser jogador de futebol, cheguei a colocar o calção e as chuteiras no clube do Botafogo. Isto aconteceu nos anos 1960, quando o Botafogo tinha um time espetacular. Eu não jogava mal não, mas o time do Botafogo era bom demais, então, eu tive algumas chances, mas acabei abandonando. Depois cursei Sociologia, graças a política, pois a minha geração foi muito envolvida com o meio político. Por isso, eu também fiz Sociologia na UFRJ: para fazer política. Um dia, na universidade, eu vi o anúncio de uma palestra do Anatol Rosenfeld, intelectual alemão, que fugiu do Nazismo e veio para o Brasil. Assisti, sua palestra sobre cultura brasileira, pois eu era fã dele e por ser uma referência na época, hoje já falecido. Ele era uma referência para o teatro, filosofia e a literatura brasileira, contudo quando eu cheguei no auditório ele estava falando de futebol. Ouvi aquilo com muita atenção, uma vez que eu gostava muito de futebol, mas aquele era o momento da Ditadura e falar de futebol era meio que proibido, já que o futebol era considerado "o ópio do povo". No entanto, eu sempre tive reservas em relação ao termo ópio do povo, mas tinha um pouco de vergonha de tentar discutir esse assunto, questionar isso. Não tínhamos muito espaço para divergir, afinal isso era parte da resistência à Ditadura Militar civil-militar. Existia um patrulhamento ideológico muito grande e não tínhamos muito como discutir, por isso eu guardava as dúvidas dentro de mim. Quando entrei no auditório, do velho prédio do IFCS/UFRJ, no Largo de São Francisco, no Centro do Rio de Janeiro, isto me chamou a atenção em sua fala. Ele se admirava como a intelectualidade, principalmente a ligada a esquerda, tinha dificuldade em entender o futebol como elemento chave para compreensão da cultura brasileira. Sua fala esteve centrada, todo tempo, no futebol. Ele afirmou que na Alemanha, mais precisamente na Universidade de Colônia, um setor no curso de Sociologia destinava-se a estudar o futebol. Aquilo ficou na minha cabeça. Após a palestra, conversei com ele e nos tornamos amigos. Mesmos sendo um homem muito mais velho que eu, jovem estudante, nossa amizade foi muito produtiva, muito. Mesmo sendo uma amizade curta, de quase três anos, pois ele logo faleceu, aquilo ficou na minha cabeça e eu sempre pensava: o dia em que eu tiver chance criarei e/ou ajudarei a fundar no Brasil algo como feito na Alemanha. Em razão disto, descobri que a Universidade de Leicester, na Inglaterra, foi a segunda instituição do mundo, a seguir a Universidade de Colônia, ou seja, a ter um setor da faculdade de Sociologia voltado para os estudos sobre futebol. Futebol como fenômeno histórico e social, além do fenômeno esportivo: fenômeno político, econômico, cultural, histórico, simbólico etc. Anos depois, já formado em Sociologia pela UFRJ e professor, fiz um concurso pra UERJ e me tornei professor do departamento de Ciências Sociais desta universidade. Na sequência, realizou-se um concurso interno nos tornamos professores em regime 40 horas - não havia ainda dedicação exclusiva - mas era algo parecido. Era necessário apresentar um projeto nesse concurso e eu apresentei a criação do núcleo permanente de estudos de sociologia do futebol. Foi aprovado pelo Departamento e pelo Instituto, e em maio de 1990,

eu criei e coordenei esse grupo por mais de dez anos. Esse foi o primeiro núcleo, até onde eu sei, da América Latina - do Brasil foi o primeiro com certeza -, pioneiríssimo, responsável por estudar o futebol em caráter permanente, sob a ótica das ciências sociais e para além das "quatro linhas". Até onde pude constatar, foi o terceiro no mundo. Primeiro o da Universidade de Colônia, na Alemanha, o segundo na Universidade de Leicester, Inglaterra, que hoje é o principal centro de pesquisas nessa área do mundo, e o terceiro, na UERJ. E assim começou o meu trabalho acadêmico com futebol. Foi bastante difícil, porque havia um preconceito muito grande, diversas barreiras, e diziam quase sempre que o "futebol não é um tema importante para a *academia*"; afinal *academia* tem isso. *Academia* tem uma arrogância, o nariz em pé, uma hierarquização das coisas que nem sempre condiz com a qualidade dos trabalhos, mas há essa empáfia. Mas sabendo disso, nós tínhamos que impor uma insistência, e assim foi. Começamos a fazer parcerias internas na universidade, muitos professores e alunos surgiram interessadas. Eram da história, filosofia, comunicação social, direito, porque o direito esportivo estava começando no Brasil, então tudo se ampliou, até mais do que eu imaginava. Eu era o coordenador deste Núcleo na UERJ, mas notei que tínhamos de fazer parcerias externas e dar mais e maior legitimidade àquela ideia. Procuramos pessoas vinculadas a cultura brasileira, reconhecidamente interessadas no futebol assim como de outras áreas: música, cinema, teatro, todos que adoravam o futebol. Estabelecemos parcerias com Chico Buarque de Holanda, Paulinho da Viola, Nei Lopes, pessoas do teatro, da literatura, do cinema. Isso foi deu visibilidade ao Núcleo e, portanto, uma respeitabilidade externa que resultou no aumento de credibilidade e de resultados internos. Na área da literatura, um grande amigo do Núcleo e meu, parceiro e colaborador absolutamente fundamental foi o estudioso, escritor e pesquisador Edilberto Coutinho, autor do livro "Maracanã, adeus, 11 histórias de futebol", vencedor do prêmio Casa de Las Américas, de Cuba. O Edilberto foi mesmo fundamental! E isso tudo, todas essas iniciativas institucionais, dentro e fora da UERJ, aconteceram a partir de maio de 1990. Em 1994, o futebol comemorava, oficialmente, cem anos no Brasil, então nós fizemos um evento na UERJ chamado "Futebol: 100 anos de paixão brasileira". Foram quase dois meses de atividades todos os dias, uma loucura, nunca mais fiz isso (risos), nem farei, porque quando você faz um evento de um dia já é uma loucura...

Um dia já é encrenca, quanto mais dois meses. Reunimos treze unidades acadêmicas: Direito, Medicina, História, Sociologia, Comunicação, Artes, Educação Física e outras. Cada olhou o futebol pelo seu âmbito: medicina pela medicina esportiva, direito pelo direito esportivo, faculdade de Nutrição, nutrição esportiva, odontologia, a odontologia esportiva nem existia ainda como especialidade, mas existe hoje (a Associação Brasileira de Odontologia Esportiva, que segue uma tendência mundial), enfim, cada um olhou o futebol pelo seu viés. O futebol era o epicentro, e cada unidade analisou o futebol com o olhar de sua área de conhecimento. Fizemos um evento enorme e a partir dele criamos a primeira revista acadêmica de sociologia do futebol no Brasil, chamada *Pesquisa de Campo*, nome que eu gosto muito, porque dá um duplo sentido e ela durou. Percorreu cinco números e posteriormente, a universidade não quis mais custear, pela ausência de verbas, afinal nunca se tem para as coisas boas. No Brasil, as instituições estão sempre sem dinheiro... mas para corrupção e desvio há - é só bilhão, bilhão e bilhão. Você não ouve mais milhão. Milhão é café pequeno. Mas para as coisas efetivas, necessárias, e que estão previstas na Constituição e, portanto, não é favor, é obrigação, para isso não há recurso nunca. Por isso, a revista

circulou apenas cinco números, mas marcou uma época. Nesse período também criamos a primeira disciplina, no âmbito das ciências sociais, para tratar das temáticas do futebol, chamada Sociologia do Futebol, da qual fui o criador e responsável por ministra-la como disciplina eletiva - eletiva universal, porque estava aberta para alunos internos e externos da UERJ - durante anos e por reunir mais de setecentos, setecentos e cinquenta alunos e alunas. Uma curiosidade: foram mais alunas do que alunos. Isto, creio eu, porque quando as mulheres percebem que em algum lugar, elas imaginam que o preconceito é menor, elas chegam com mais liberdade, mostram que entendem e que gostam de futebol; só a exclusão de gênero, que é uma forma de violência, que acha o contrário. Esse período foi muito positivo e em consequência realizamos várias pesquisas, estudos, debates e eventos. Uma das primeiras investigações abordou violência e futebol, porque em meados dos anos 1980, a violência passou das páginas esportivas para as páginas policiais. Outra investigação inaugural do Núcleo se deu em torno do olhar feminino no futebol, a questão de gênero, da exclusão, uma vez que muitas mulheres nos procuravam e isto nos chamou atenção. Outra pesquisa se deu entorno da relação entre futebol e arte, por isso fizemos um vídeo com Chico Buarque sobre o tema. A ideia foi crescendo, crescendo, crescendo, e eu me especializei nessa área de ensino, pesquisa e extensão. Posteriormente morei fora do país, vivi cinco anos na Europa trabalhando com o tema, e até hoje só faço isso e ainda me pagam.

Não tanto quanto eu mereço (risos), mas me pagam para isso. Esta foi a minha trajetória. Sou aposentado há nove anos pela UERJ, embora não pareça (risos), e agora eu trabalho em uma universidade privada em Niterói, na Universo, onde sou professor e pesquisador de Sociologia dos Esportes. Me especializei em futebol e violência, área acadêmica onde tenho vários artigos e livros escritos e publicados no Brasil e no exterior.

Professor, nos fale um pouco sobre sua experiência com sua atual área de pesquisa.

Hoje eu trabalho fundamentalmente com futebol e cultura brasileira e futebol e violência. Futebol e cultura brasileira: a questão da história e da contextualização sociológica do futebol. Futebol como expressão do Brasil, sim, porque quando você abre a pesquisa do futebol, quando você discute o futebol quem se enxerga é o Brasil. Com suas dificuldades, suas desigualdades, suas mazelas, seus dilemas, suas contradições e que são muitas, profundas e complexas. É aquela famosa frase que eu até já citei em outras ocasiões, do José Lins do Rego, “o conhecimento do Brasil passa pelo futebol”, então para se entender o Brasil, é preciso entender o futebol. E eu diria também que para se entender o futebol é preciso entender o Brasil. A partir do futebol e da cultura, analiso o conteúdo histórico e sociológico, e com isto, entendo que o futebol é mais do que um jogo nas quatro linhas. O que importa no futebol, mais do que o jogo, que é bonito, que é vibrante etc., são os jogos que envolvem o futebol. Jogos econômicos, político, simbólico, a identidade, a história, a sociedade. Então, essa é uma linha de pesquisa que eu trabalho no mestrado e que, enfim, ministros aulas e palestras. Fui convidado diversas vezes para falar e debater essas ideias.

Nesse período de copa do mundo eu vou falando, me chamam e eu falo. Sobre futebol e violência - entendendo que a violência é *no* futebol e não *do* futebol... tem as suas especificidades, é óbvio, mas ela é uma expressão da violência geral do país. Violências no plural. É macrossocial. O nosso país tem uma história de violências, de violências estruturais e até estruturantes, como a escravidão, e também momentos mais agudos, com um repertório assustador de agressividade, intolerância e violência, como o atual. Essa conjuntura terrível, de violência em todos os setores, violência contra mulher, contra LGBTs, no trânsito, no mundo rural, a luta pela posse da terra, brutalidades contra jovens, contra negros, com índices alarmantes de agressividade e violências, que assombram a nossa cidadania, a nossa consciência cidadã. É uma macro violência generalizada que alcança todos os segmentos da existência social em nosso país. E nesse contexto, há violência também no futebol, violências, práticas diversificadas de violência. Nesse contexto, somos campeões mundiais de mortes de torcedores comprovadamente por conflitos de torcidas organizadas. De gangues infiltradas nas torcidas, melhor dizendo, não das torcidas organizadas como um todo, mas de gangues de delinquentes com links já comprovados com o crime organizado, o tráfico de drogas e mais recentemente, com o tráfico de armas. Isto atinge os mais jovens, sobretudo, jovens de periferia e negros. Ou seja, o que está no mapa da violência do Brasil, em geral, também está no cenário de violência no futebol brasileiro. Veja: temos, segundo os últimos dados, 62.517 vítimas de homicídios, a maioria por arma de fogo, vitimando em sua maioria jovens negros moradores de periferias. O que relatei acima sobre os homicídios no Brasil pode ser aplicado aos homicídios no futebol. A violência no futebol tem as suas especificidades e não pode ser determinado em linha direta, ou seja, do quadro global da sociedade brasileira para o específico que acontece no futebol. Uma relação determinista, mecanicista é teoricamente discutível, mas na prática percebe-se que não é bem assim; tem as suas especificidades, por exemplo, a violência no futebol é um fenômeno de multidão, e a multidão tudo exacerba, tudo acentua. Falta uma preparação da polícia no sentido de lidar com esse público, de trabalhos principalmente preventivos, de inteligência, de conhecimentos em bases científicas, permanentes, sustentáveis e renovados para se atuar com inteligência e preponderantemente de modo preventivo. Sim, a polícia tem experiência com o delito de uma pessoa ou de um pequeno grupo, mas a multidão tem outra psicologia, outra sociologia. Há outros protocolos operacionais para fundamentar a ação das tropas quando se trata de multidão. É preciso entendê-la, cientificamente, insisto, e isso falta, falta o preparo da polícia, o preparo em bases científicas, em bases operacionais. Os protocolos internacionais acompanhados por mim durante os cinco anos em que morei fora, a polícia brasileira praticamente desconhece. Apenas no Rio de Janeiro existe um pelotão específico de policiamento dos estádios, o GEPE, mesmo assim sucateado nos últimos anos pelos desgovernos Sérgio Cabral e Pezão como toda a segurança pública do estado. Em geral, em outros estados do Brasil, o Batalhão de Choque faz o policiamento dos estádios e das áreas em torno, ou o batalhão da polícia militar da área onde está localizado o evento. Importa referir igualmente que a segurança pública, em todo o Brasil, está sucateada, depauperada. Então há especificidades, como a cumplicidade silenciosa dos clubes, por exemplo. Esse é outro problema, pois eles dão ingressos, ajudam nas caravanas, na hospedagem e na alimentação sem nenhuma contrapartida. Essas especificidades no futebol não podem ser desconsideradas. É um jogo com muita disputa, é um jogo de contato físico muito intenso, é uma cultura de masculinidade, machismo, que predomina nas torcidas. Mas são

especificidades com links diretos, claros, evidentes, com as macros violências da sociedade brasileira. É nessa linha de inter-relações que está fundamentada a estratégia das nossas pesquisas e investigações. Também seguimos pesquisando, até empiricamente, os cenários dos conflitos entre torcedores, torcidas, os processos ali presentes, quem são essas torcidas, seu perfil socioeconômico e cultural etc. Quem são esses torcedores? Por que isso acontece? Do geral ao específico e deste àquele. A questão da impunidade, que é geral no Brasil e também no futebol, a questão do racismo, que é geral no Brasil e também no futebol, da homofobia, que é geral no Brasil e também no futebol, das agressões de gênero, da exclusão, da misoginia, da concentração de renda (82% dos jogadores profissionais de futebol, no Brasil, ganham até mil reais por mês), da corrupção em geral e no futebol, dos autoritarismos diversos... Estabelecer esses links é fazer sociologia, pelo método da contextualização e do entendimento das relações dialéticas entre a expressão local de um fenômeno global.

Professor Mauricio, nos fale um pouco mais da sua trajetória na Universo e seu núcleo de pesquisas nesta instituição. Como está sendo sua atuação?

Na Universo trabalho na pós-graduação. Sou professor e pesquisador de Sociologia dos Esportes e não temos exatamente um núcleo, mas um grupo de professores e de alunos que discutem violência nos esportes. Nesse grupo formado por alunos e professores do mestrado, estudantes de graduação e professores, que coordeno pesquisas, que, em última instância, dão sequência a todo esse caminho acadêmico iniciado na UERJ com o Núcleo. Desde que eu comecei na UERJ, em maio de 1990, eu não parei mais com essas reflexões e na Universo damos prosseguimento a isso. Renovamos a pesquisa a cada ano, na verdade a cada mês, sobre mortes de torcedores, sobre medidas de contenção. Inclusive meu último livro... não, último não, meu mais recente livro, chamado “A Violência no Futebol”, ele tem um subtítulo, “novas pesquisas, novas ideias, novas propostas”. É que ele tem, até a editora falou, colocou até o nome diferente da primeira edição, porque disse “na verdade é um novo livro, porque tem 36 páginas a mais da primeira edição e todos os dados atualizados”, todos. Então na verdade é como se fosse outro livro. E como é que eu atualizo tudo isso? Não sou somente eu, mas todo esse grupo da Universo que pesquisa, escreve, dá aula, faz seminário e assim o processo caminha por aí. É muito bom porque é um fenômeno. Quer dizer, por um lado é muito bom do ponto de vista da pesquisa, por outro lado é muito triste, porque você vê que a violência futebolística expressa a violência geral de uma maneira dramática e que nada ou quase nada é feito, sequer pensado, para entender e conter esse tsunami. Inclusive, tivemos há pouco tempo um trabalho lá sobre, com os novos coletivos de torcedores, de torcedoras, de LGBTs, que estão surgindo pelo Brasil, como os coletivos “mulheres de arquibancada”, como também de mulheres jornalistas, o movimento “deixa a gente trabalhar” ou “me deixa trabalhar”, que são mulheres que trabalham na mídia.

E há pouco tempo também eu estive na Casa do Saber, num debate sobre as torcidas gay. Então você vê a exclusão de gay, LGBTs em geral. O Brasil é o país que mais mata LGBTs no mundo. Hoje, temos um assassinato para cada 19 horas. Então, coletivos de

torcedores LGBTs surgindo, a gente vai, pesquisa, faz parceria e abre espaço para eles, pois eles reclamam muito da falta de espaço, de divulgação. A gente leva vídeos deles para os alunos e quando eles nos convidam para eventos, simpósios e encontros, a gente sempre vai, e sempre fica trocando informações e conhecimentos, fazendo parcerias, intercâmbio de dados, de experiências e também com algumas reflexões, porque eles estão na prática, mas eles não tem muito, às vezes, conhecimento teórico, instrumentais, metodológicos e teóricos para poder problematizar aquilo que vivem, de uma forma mais aprofundada. Então é isso que estamos fazendo, e que eu acho que através do futebol, você cumpre aí, digamos assim, entre aspas, uma "missão social". Eu acho que a academia tem que sair da sua arrogância e cumprir o artigo 207 da Constituição que diz que a universidade tem três objetivos: ensino, pesquisa e extensão. Ensino é ensinar o que está. Pesquisa é renovar o que está para o ensino. E extensão é produzir efeitos sociais para além dos muros da universidade. Para as comunidades, para os excluídos ou não, é produzir efeitos sociais. A gente procura fazer isso e eu acho que, no fundo, através do futebol, que é um trabalho social, histórico e político, você contribui pedagogicamente para ampliar as consciências, a massa crítica. Com mais informação, com mais sentido de cidadania. Isso tudo é uma contribuição mínima, mas é uma contribuição para a gente melhorar ou até tentar implementar algo mais civilizatório na vida brasileira. Estamos precisando e muito. Claro que o futebol não é panaceia, mas pelo impacto simbólico que tem, pode ajudar. E deve ajudar.

Ótimo. O senhor já falou um pouco que quando o senhor começou o futebol era considerado alienação, não era muito bem visto pela academia. Eu queria que o senhor analisasse um pouco como isso está hoje, se você acha que houve alguma mudança de olhar, se o futebol continua marginalizado pela academia...

Sim, quando eu comecei era demais. Mas de lá pra cá são quase 30 anos e melhorou. Ainda não resolveu tudo, mas melhorou. Porque, por exemplo, agora vai sair um livro pela Universidade Federal de Minas Gerais, do GEFUF, Grupo de Estudos do Futebol. Eu estive lá no seminário, houve até uma homenagem ao primeiro Núcleo, que foi o que eu fundei e coordenei. Só havia na década de 1990 o núcleo da UERJ. Hoje, segundo levantamento deles, há dezenas e dezenas pelo Brasil, em universidades. Então é um dado empírico, estatístico, que prova que melhorou e não pouco, mas com certeza precisa melhorar mais. Ainda existe o preconceito e ele não é pequeno. Eu ouço muitas vezes de gente que vem fazer entrevista comigo, quando eu participo de bancas, de pessoas dizendo assim, "poxa, quando eu pensei estudar futebol me perguntaram: 'ué, mas futebol?'". Então ainda existe preconceito, ainda existe barreira, mas melhorou muito. Hoje essas dezenas de núcleos espalhados pelo Brasil fazem um trabalho muito interessante, eu sou sempre chamado para falar. Então eu vou, sempre que posso contribuir, eu contribuo, e tem muita gente boa pesquisando isso. Gente de altíssima qualidade. E também pessoas de gabarito, interessadas em estudar e conhecer essa área no Judiciário, nas polícias e no Ministério Público. Mas isso tudo, Isabella, essas parcerias, são fundamentadas com dados, reflexão teórica e metodológica e muita pesquisa, com números e reflexões. Então, a coisa tem melhorado, e a gente tem que se envolver, tem que contribuir, porque isso vai aumentando a massa crítica e quanto mais massa crítica melhor para a gente mudar, minimamente que seja, porque eu sempre digo, como os gregos clássicos diziam, lá na época das primeiras

Olimpíadas: nem o esporte, tampouco uma só modalidade como o futebol, que é uma modalidade entre centenas de outras, é panaceia. Quer dizer, não é remédio para todos os males, mas que pode ajudar, pode e deve. E nós, que trabalhamos na universidade e somos sustentados pelos impostos de toda a sociedade, temos o direito e a obrigação de fazer isso. Eu vejo com muita satisfação, fico muito feliz, quando eu vejo muita gente boa, crescendo, ampliando, novos estudantes (estudando o tema). Você, por exemplo, revistas como a de vocês, a Mosaico, que têm essa preocupação. Você vê, um número temático, um dossiê sobre futebol... Então, tudo isso está multiplicando. Ainda é difícil, ainda há barreiras e preconceitos, mas já melhorou muito. Não dá para imaginar o que era há 30 anos atrás. Ou dá.

Como o senhor falou, nós estamos perto do início da Copa do Mundo. Eu queria que o senhor falasse um pouco sobre qual é a avaliação que o senhor faz desse evento, das tantas transformações que foram ocorrendo ao longo dos anos. Essa Copa do Mundo de 2018 é muito diferente das anteriores, queria que o senhor fizesse um apanhado sobre isso.

A Copa do Mundo é um grande evento da cultura das multidões. Eu tentei cunhar esse conceito, essa noção na verdade, de "cultura das multidões" para sair da armadilha de cultura popular, porque se eu digo que tem uma cultura popular, é porque eu presumo, mesmo que sem querer, que tem uma cultura erudita. Então, eu cunhei esse conceito num trabalho e até publiquei essa ideia em um livro da editora da FGV/Rio. Então, a Copa é um dos maiores eventos da cultura das multidões do mundo, num certo sentido mais do que as Olimpíadas. Tem mais, por exemplo, audiência televisiva do que as Olimpíadas, e olha que o futebol é uma modalidade entre dezenas e dezenas de outras modalidades esportivas. Então, o futebol, a Copa do Mundo, tudo isso é espetacular. Como integração de culturas, de histórias, de modos de jogar, de modos de entender o futebol, manifestações coletivas de cultura, de torcidas. Cânticos, cores, vestimentas, comportamentos, culinárias, etnias, panoramas econômicos, políticos e ideológicos, dos diversos países envolvidos etc. Agora em breve, na Rússia, todos poderão ficar sabendo da história, da musicalidade, da literatura, do balé, das construções, da política, desse que é o maior país do planeta em extensão territorial. Mas também ficaremos sabendo sobre o fechamento autoritário do país, a repressão política, os preconceitos - como o racismo, a homofobia, a misoginia, a xenofobia... Então eu acho que a Copa do Mundo é muito interessante como fenômeno cultural e de conhecimento. Agora, ela não deixa de ser também um fenômeno econômico e comercial. E o que tem acontecido nas últimas edições é que a parte comercial, mercantilista, tem predominado sobre a parte cultural. É uma pena, porque a excessiva comercialização, os ingressos caríssimos, os pacotes econômicos, os estádios muito elitizados, isso acaba ficando como legado. Um legado de exclusão e elitização de um esporte que é consistentemente e profundamente popular. O legado deveria ser mesmo na segurança, na democratização, na melhoria da formação de base, na educação esportiva. É isso que a gente chamava antes de legado dos megaeventos. Para esses, ninguém liga. Mas, por outro lado, a comercialização e elitização dos espaços, dos estádios, isso tem crescido muito, assim como os interesses geopolíticos e os níveis altíssimos de corrupção e

desmandos nas entidades, desde a FIFA, até as Confederações, Federações e mesmo nos clubes. A questão da televisão, dos patrocínios, isso é de uma brutal e selvagem mercantilização. E o mundo, já de algumas décadas pra cá, descobriu que o futebol é um grande fenômeno de mercado. Tanto que os países que não têm o futebol como paixão, como é o caso mais gritante dos Estados Unidos e do Japão, estão investindo pesadamente para isso, porque eles não podem ficar fora desse grande e lucrativo mercado. E agora a China, que desde 2016, há dois anos, fez uma parceria, com a federação alemã de futebol, para desenvolver projetos coletivos, para enraizar o futebol na base da sociedade chinesa, para que possa emergir "de baixo pra cima", como um fenômeno total no país e das próprias identidades culturais e simbólicas da China. Então, a Copa do Mundo, tem essa polaridade, tem essa tensão. Eu acho que quanto mais reforço na parte cultural melhor, em que a gente promova revistas, debates, eventos públicos, projeção em telão, para juntar pessoas que não podem ir aos estádios. Mas a FIFA também já pegou isso, já está comercializando isso, que começou de forma espontânea e até como sinal de resistência, na Copa da Alemanha em 2006. Eu estava lá e pude acompanhar esse processo. Quanto mais a gente puder democratizar o evento, mais a gente vai ampliar o lado cultural do futebol, porque o lado mercantil está sendo fortemente ampliado. Então, o que acontece, é que a Copa do Mundo é um evento muito rico culturalmente, é uma marca vencedora, sem dúvida. Mas é preciso não "matar a galinha dos ovos de ouro" priorizando demais o lado comercial e de marketing político e relegando a um segundo, terceiro plano as expressões culturais, educacionais e simbólicas desse grande evento. No caso brasileiro e nesta Copa de 2018, especificamente, veja só: sempre a Rede Globo organizava uma campanha de enfeitar as ruas e praças quando faltavam cem dias para a copa. Era toda uma articulação, para as pessoas irem entrando no clima do torneio. Historicamente, era mais ou menos isso. Começavam a enfeitar ruas, havia disputa das mais embandeiradas, mais coloridas, e era interessante porque as comunidades se reuniam, conversavam, se organizavam. Cem dias, um pouco mais de três meses. Agora nós estamos a sete dias da Copa e praticamente você não vê nada. Eu tenho viajado muito pelo Brasil, Isabella, como eu te falei antes, e olha, eu tive agora recentemente no Nordeste, no Sul, no Centro Oeste, e não vi sinal. Nenhuma empolgação. Claro que quando começar a Copa e se o Brasil tiver bons resultados, e o Brasil tem uma ótima seleção muito bem dirigida pelo Tite, isso poderá acontecer. Talvez não logo de início, mas depois que o time relaxar eu acho inclusive que o Brasil é um dos candidatos ao título. É claro que isso vai crescer e as pessoas, creio que lentamente, abraçarão o evento. Mais do que o evento, a seleção como representante do futebol brasileiro, mesmo com todas as críticas e revoltas com tudo que está ocorrendo no país, porque o futebol é uma conquista social que está no inconsciente coletivo, que é parte da nossa história, que pertence à população e não aos governantes de plantão. O futebol é bem mais do que qualquer uso político, direto ou indireto, que se queira fazer dele. Futebol é conquista e afirmação das camadas populares do Brasil, futebol é um capítulo da nossa história social, de resistência, de lutas e de tentativas de inclusão, de inserção, numa sociedade tão excludente como a nossa. É uma paixão minha, sua, de todos nós, e a tendência vai ser essa.

É, depois que começar. Deixa o time entrar em campo. Aí pode mudar muito. Mesmo na época da Ditadura, depois que começavam as partidas e aquele timaço barbarizava, as pessoas que tinham combinado torcer contra, muitas delas não conseguiam e torciam a

favor. Há diversos relatos de presos políticos da época, de presos políticos, hein, que torceram dentro das cadeias, cadeias sombrias da tortura e dos assassinatos. Há diversos relatos interessantíssimos nesse sentido. Agora, na verdade, eu acho que a conjuntura que o Brasil vive hoje é muito dramática, cruel. De corrupção, de desmando, de autoridades públicas, como é que eu vou dizer, que não são nem autoridades, nem públicas, são muito mais privativas de seus interesses pessoais, de grupos, de partidos, sem pensar em políticas públicas, pensando mais em política, no sentido de politicagem, do que em políticas no sentido de políticas públicas consistentes, de médio e longo prazos, de saúde, educação, transporte, saneamento, segurança, esporte etc. Então, eu acho que o povo brasileiro está muito chateado, muito aborrecido, revoltado com todos estes desmandos, e o povo está distante do fenômeno, mais distante nesta conjuntura do que em outras, apesar da nossa seleção ser uma seleção muito respeitada, porque o Tite é um cara muito respeitado. Ele é um cara bacana, ele é uma liderança que resgatou a importância da humildade nas lideranças, ele parece não ter arrogância, ele fala, ele conversa, ele respeita os jogadores, os jornalistas, ele é quase uma unanimidade, coisa rara no Brasil de hoje. E ao mesmo tempo ele ajudou a resgatar o chamado, entre aspas, "estilo brasileiro de jogar bola": de toque de bola, de arte, de infiltração, de técnica, habilidade, tabelinha. Então, eu acho que a seleção brasileira é uma seleção muito boa e muito respeitada. Eu torço pela seleção e torço pelo Tite. Agora, não torço pela CBF, não torço pelas federações e nem pela imensa maioria das direções de clubes, que são corruptas, que não entendem que dirigem um dos fenômenos mais importantes da identidade coletiva brasileira, que é o futebol, e estão ali para conquistar prestígio social, lucros políticos e econômicos. Então, eu acho que a Copa vive essa contradição, essa ambiguidade e a população brasileira percebeu isso, e por isso a poucos dias da Copa a gente praticamente não vê sinais, embora exista um esforço da televisão, muitas vezes risível, no sentido de dizer que "estamos todos nós vibrando com a seleção". Nunca vi nada tão distante da realidade a sete dias de iniciar o evento.

O senhor falou um pouco sobre essas transformações para chegar até a Copa desse ano. Queria te pedir também para falar sobre essas questões relacionadas à globalização do futebol e aprofundar um pouco mais as questões das arenas...

Isso é um problema, né, essa globalização. Tem dois tipos políticos de globalização em sociologia. Até no meu livro eu falo sobre isso: a globalização hegemônica, que é aquela que vem dos Estados Unidos, que é a imposição sufocante dos padrões ideológicos, econômicos, financeiros e políticos das grandes corporações capitalistas, o capital financeiro; e a globalização contra hegemônica, que é aquela que abre as fronteiras nacionais, mas respeitando as identidades locais. Então a globalização não hegemônica é positiva, você não pode também ficar fechado em si. Agora, o problema é a globalização hegemônica, que hoje predomina no futebol e predomina porque os interesses mercantilistas, de marketing, de volumosos investimentos, de marcas patrocinadoras da modalidade oriundas do grande capital, predominam na globalização hegemônica e também no futebol profissional de altíssimo rendimento. As arenas, a compra de clubes por bilionários, muitas vezes para a lavagem de dinheiro sujo, os grandes patrocinadores associados à FIFA e às Confederações, a

televisão tomando conta de tudo de forma quase monopolista, a massificação, a padronização do jogo... Você vê a valorização de quem está lá fora, você vê que dos 23 convocados pelo Tite, somente três jogam no Brasil. Por quê? Isso é um dilema histórico do Brasil, um país de periferia, exportamos sempre o nosso melhor açúcar, nosso melhor café, a nossa melhor soja, o nosso melhor diamante, então, nós exportamos o nosso melhor jogador de futebol. 1202 jogadores no último ano, em 2017, dados oficiais da FIFA. Exportados para 120 países. Não estamos falando só de Barcelona, de Real Madrid, ou de Manchester e Liverpool. 120 países. Quer dizer, exportando jogadores para países que não tem nenhuma tradição no futebol, que vão pagar pouco e logo depois fazem a chamada "roda giratória", para grandes clubes, em geral da Europa, revendendo por valores muitíssimos mais elevados do que aqueles que pagaram. Mas os clubes daqui, por uma ganância, por um imediatismo, e por penúria também, vendem logo o seu craque. Ai não se cria uma identificação com o local, com a cultura do lugar, uma interação e socialização entre a torcida e os seus novos ídolos. Garotos com 16, 17 anos, às vezes antes, estão sendo vendidos ou pré-vendidos para fora. Então, essa globalização massifica, homogeneíza e cria uma situação ruim, porque o mais bonito do futebol não é o que se joga, é como se joga. E como se joga é uma variação cultural, local, da história de cada país. Então eu acho que a Copa do Mundo é um grande fenômeno para gente analisar do ponto de vista da política, da sociologia, da economia, da história, da psicologia de massas o mundo de hoje e essa tensão, entre a globalização hegemônica e a globalização contra hegemônica.

Quando começaram a construção dessas novas arenas, uma das principais questões levantadas era quanto ao combate à violência, a vigilância dos torcedores, o controle. Com a construção das arenas percebemos que a violência vem aumentando, ao invés de diminuir. Queria que o senhor comentasse um pouco sobre isso.

É uma visão elitista, típica do Brasil. Eu sempre brinco assim: por acaso o futebol brasileiro mora no Brasil. Então ele revela o país. Não é o reflexo, não é aquela determinação mecanicista, mas ele expressa o país, com todas as mediações e intermediações, mas em que está inserido. É um país extremamente hierarquizado e elitista. Por isso que é difícil pesquisar o futebol, porque é uma coisa que tem origem popular e aí, nessa visão, a violência é vista e difundida como produto das classes populares. É apresentado, em geral, como produto desses segmentos sociais, das violências dominantes nesses universos de vida, do pobre, do negro, do mestiço, das pessoas da periferia. Sem nenhuma base na realidade. Que pesquisas fundamentam essa difusão ideológica? As pesquisas que eu coordeno há quase 30 anos dizem que as práticas de violência no universo do futebol se espalham por toda a sociedade, em diferentes classes sociais, pois ela se espalha social e culturalmente. Então não é construindo mais arena cara e excludente, estádios que são estúdios, distantes e quase aristocráticos, reconfigurando o panorama de uma cidade em favor do elitismo concentrador de rendas, de poder e de oportunidades, que você vai conter a violência. Até porque a violência hoje no futebol, mais 90% dos confrontos, das agressões, dos crimes - inclusive racismo, que é crime inafiançável e imprescritível desde 1989- acontecem fora dos estádios. Em locais distantes e em dias e horários bem diferentes dos jogos. Isso mostra que a violência é muito mais algo social do que futebolístico. Como costumo dizer é a violência no futebol e não do futebol. Nós já pegamos mortes a 60 km dos

estádios, a 50 km dos estádios e em dois, três dias, antes dos jogos ou dois, três dias depois. E os horários? O jogo é cinco da tarde, a morte aconteceu às dez da manhã. Então, não tem nada a ver diretamente com o estádio. Mas ainda assim, o estádio entra como questão por ser palco daquele mega show. A condição do espetáculo gera também a condição de você aumentar o lucro, o capital ali investido. Mas é um equívoco, mais um equívoco no Brasil, que a realidade desmente e que grande parte das pessoas e da mídia insiste em não enxergar. Há muito desconhecimento, muita superficialidade, achismo e até oportunismo de pessoas que não entendem sobre o tema, que aceitam participar de programas de grande audiência televisiva, como se autoridades fossem. De quatro em quatro anos, em geral em épocas de boa visibilidade, como a Copa do Mundo. Tem gente que até escreve livros. (risos). E a mídia adora uma espetacularização...

Ultimamente na academia os estudos de raça e gênero vêm crescido muito. Queria que o senhor comentasse a respeito disso, se tem crescido os estudos sobre gênero e raça no futebol, se o senhor acha que é um assunto relevante...

Tem crescido muito, sim. Eu acho que são assuntos muito relevantes, para os estudos do futebol e da sociedade, e acho que ambos têm crescido muito no Brasil. E acho também que o futebol tem uma história, não só no Brasil que possibilita revelar muito potencial de investigação científica, tanto em raça quanto em gênero. Toda a história da exclusão, do negro e do pobre, todo o processo de inclusão do negro e do pobre. A questão da mulher, a questão do futebol feminino, da mulher torcedora, da dificuldade de a mulher estar sozinha no estádio. Hoje os coletivos de mulheres tentando impor um espaço, tentando conquistar algo que não deveria ser tentado, mas deveria ser natural. Mulheres torcedoras, mulheres jornalistas, pessoas que querem tão somente torcer ou trabalhar com dignidade e tranquilidade. Eu mesmo tenho recebido muita gente que vem pesquisar, consultar, fazer entrevista nessas duas linhas de trabalho e investigação, de raça e de gênero. Tem muita coisa sendo escrita e publicada e eu acho que o futebol propicia muito dessas pesquisas e é rico, tanto na atual conjuntura como na história, onde há um potencial muito grande na pesquisa das estruturas brasileiras. Eu acho extremamente relevante porque é algo de significativo valor a pesquisar: gênero e raça. Ou até os dois juntos, porque também têm investigações nesse sentido, articulando gênero e raça. No espaço dos estudos do futebol brasileiro, voltamos àquele ponto da origem da nossa conversa, quando aprofundamos as nossas interpretações, o que se revela de fato e para além das temáticas particulares é o Brasil. O país com seus problemas, seus antagonismos, seus dilemas, suas desigualdades profundas. O seu potencial de exclusão, de hierarquias, elitização e concentração de renda, de poder e de oportunidade. Então, esses temas trazem muita riqueza de observação, reflexão e conclusão. Isso tem crescido, sim, eu tenho observado essa tendência.

E as pesquisas sobre o futebol feminino?

Também. Eu acho que nessa linha de gênero, veio a pesquisa do futebol feminino, que também cresceu nos últimos anos. Por que mulheres não podem jogar futebol? Por que não? Futebol é um jogo. Já me disseram o seguinte "não, porque uma bolada no seio é um problema". Sim, uma bolada no seio é um problema, eu não posso negar isso. Mas eu posso argumentar. Ainda podemos argumentar, né? Ou está proibido? (risos). Dois contra-argumentos: primeiro, a indústria do material esportivo hoje tem protetores de seio que fazem com que a bola não atinja diretamente a anatomia do corpo, do seio propriamente dito. Segundo: uma bolada no seio no futebol é um erro. Pode ser até punido com cartão amarelo, se o árbitro perceber que você chutou intencionalmente. E se você não chutou intencional, a bola não tem que bater no adversário, tem que passar pelo adversário, ultrapassá-lo, como no drible. Então, jogar a bola em alguém no futebol é um erro, não faz parte do jogo. Agora, por que o voleibol é tido, hoje nem tanto, mas era tido, como um "esporte feminino"? Quando eu era garoto, homem jogava bola e mulher jogava vôlei. Se a bolada, a cortada, no peito é muito mais forte, e no voleibol não é um erro, faz parte da lógica do jogo. É a lógica do jogo, justamente a cortada muito forte em cima do adversário, contra ele, para evitar que consiga defender. Mesmo se você defender, mas se a bola resvalar e escapulir, pela força, pela contundência da cortada, o ponto é conquistado. E aí a chance de acertar no seio - e contundir, claro- é muito grande. E, no entanto, era tido como uma modalidade tipicamente feminina. Então isso mostra o seguinte - o preconceito cega as pessoas. Por que uma coisa óbvia, evidentíssima, como essa comparação, não era vista? E quando eu fiz isso, essa ponderação, falei "pô, aí Mauricio, concordo contigo" (risos), "bem feita essa comparação, gostei". Ninguém via. Ou, pelo menos, se via, ninguém falava. Por que mulheres não podem jogar futebol? Qual o fundamento dessa narrativa? Agora o PROFUT veio tentar impor essa possibilidade e mesmo assim os clubes não fazem o que está previsto, ignoram uma parcela expressiva dos seus investimentos e quase não investem seriamente no futebol feminino. Poucos clubes cumprem o que está estabelecido em lei e investem. As jogadoras reclamam muitíssimo da realidade do futebol feminino nos clubes. Não existe organização, não existe planejamento, promoção na televisão, as jogadoras ganham muitíssimo menos, em termos econômicos, de prestigio social, de perspectivas futuras. Imagina se a Marta fosse um jogador. Cara, a Marta seria um Pelé... Ou quase, né? Porque o Pelé era de outro mundo, como bem disse o craque Puskas, da Hungria. Ganham menos, não tem prestígio, a maioria dos treinadores da seleção feminina não é de mulheres, mas é de homem, e isso mostra outro preconceito. "Vocês até podem jogar, mas quem tem que mandar, dirigir, controlar e planejar, é o homem". Como se a mulher não soubesse. Então, eu acho que o futebol feminino reflete o nosso país. Uma vez eu falei isso num evento, aqui perto na FACHA, evento de futebol feminino, com várias jogadoras e falei assim: "vocês jogam muito mais do que os homens, sabem por quê? Porque os homens jogam só um jogo, vocês jogam o jogo e jogam muito mais contra o preconceito, contra a exclusão, contra a desconfiança de que vocês não sabem chutar, lançar, driblar, que futebol é coisa de homem". Então fiz, digamos, uma metáfora, uma quase brincadeira, quase, mas que era nesse sentido, de questionar "verdades" ocas repetidas como fundamentação. Quando elas entram em campo, são muitos adversários que entram em campo contra elas. E não só o time adversário. Então elas têm tentado jogar antes de ingressar nos clubes, nos colégios, nas aulas de Educação Física. Fizemos uma pesquisa na Universo, só com o futebol

feminino em colégios e descobrimos pelo menos duas jogadoras craques de bola. Craques! Tem jogadoras que jogam muito bem, com uma leveza e visão de jogo de chamar atenção. Poderiam desenvolver? Poderiam. Mas à medida em que vão crescendo, a própria família cria obstáculos, o namoradinho, o colega, o irmão, de que "isso não é coisa para mulher", "isso é coisa pra sapata", "não sei o que", "sai dessa". Elas acabam tendo o seu desejo reprimido. Então eu acho que o futebol feminino é um campo muito bom, muito interessante de pesquisa para você entender o que é o futebol, mais do que um esporte, mas como expressão sociológica da vida brasileira.

Eu estava lendo uma matéria essa semana, falando que saiu a lista dos cem atletas mais bem pagos, o senhor viu isso?

Eu vi, eu vi.

A única atleta que estava na lista era a Serena Willians, e ela saiu (da lista). Então, é uma lista em que, dos cem atletas mais bem pagos no mundo inteiro, cem são homens.

Esse preconceito é no mundo todo. Agora, esse não é só um preconceito no esporte. A mulher ganha menos no local onde ela trabalha. Você vê, quantas mulheres estão no Supremo Tribunal Federal? Em onze pessoas, são duas, mesmo agora. Quantas mulheres estão na Academia Brasileira de Letras? São poucas. E por aí vai. Quantas mulheres desembargadoras têm? Desembargador é acima de juiz... Poucas. E no Congresso Nacional? Tem agora toda uma campanha, até falam em cotas, porque há somente alguma coisa em torno de 8% de mulheres no Congresso Nacional, ao passo que as mulheres são mais de 50% da população brasileira. Então, quer dizer, isso é geral, um fenômeno geral, que se manifesta por extensão no futebol. Por isso que eu digo: o futebol, potencialmente, é muito interessante de ser estudado porque é bem mais do que você estudar só o futebol. É você estudar o Brasil, através do futebol.

Já partindo para as perguntas finais, como o senhor analisa os desafios atuais para quem pesquisa futebol no Brasil?

Ah, isso é muito interessante. Aliás, todas as suas perguntas estão muito interessantes, não só essa, as outras também. Eu acho que os desafios são muitos, mas esta conclusão não é para desanimar, é para estimular e dizer que devemos continuar, insistir, aprofundar os estudos. É chamar e incentivar alunos e alunas de graduação e de pós-graduação, explorando a paixão, o interesse e a curiosidade da maioria das pessoas pelo fenômeno do futebol. É atender os alunos. "Ah, que mala, o aluno da graduação lá de São José do Rio Preto me ligou, quer uma entrevista", faça! Dê a entrevista, com a mesma atenção de qualquer outra, porque você está aumentando a massa crítica, dando um apoio a uma pessoa que às vezes não tem a quem recorrer. Seja generoso academicamente... E a pessoa que te procura é porque está precisando, e às vezes você está contribuindo para dali surgir um grande pesquisador. Aumentar as parcerias, valorizar o trabalho, ampliar a massa

crítica, pesquisar, escrever, publicar, ser generoso com quem está pesquisando, com quem está começando, ao invés de partir para aquilo que a academia faz muito, ou seja, de criticar forte, muitas vezes por uma competição selvagem, de cair de pau em cima. Podemos criticar, mas com generosidade, procurando ampliar, acrescentar, contribuir. Eu acho que esses são alguns dos desafios e do mesmo modo há os desafios do ponto de vista das temáticas a serem abordadas. Porque várias temáticas vão surgindo e é preciso que os pesquisadores de futebol acompanhem, estejam atentos. Por exemplo, o árbitro de vídeo, o VAR, não havia isso. É interessantíssimo o que isso contribui, pode contribuir. As polêmicas em torno do assunto, o uso da tecnologia, o que isso pode quebrar da cultura do futebol, das tradições. As medidas atuais de implementar a torcida única, de acabar com torcida organizada, de demonizá-las, criminalizá-las, reprimi-las, o papel da mídia... Há várias coisas. A gente deve ir acompanhando isso que vai acontecendo. O futebol feminino, que nos referimos, a Copa do Mundo como megaevento mundial, a questão das relações entre futebol e diversas artes, como a música, como o ballet. Você sabe que há experiências de jogadores de futebol que aprenderam técnicas de ballet? Isso é uma coisa novíssima. Na Rússia é coisa mais antiga. Olha a cultura do lugar influenciando. Porque o ballet dá massa muscular, mas dá também elasticidade. Não é aquela coisa da academia tradicional que dá massa e pesa, a pessoa fica dura. Futebol precisa de jogo de corpo, de maleabilidade, de sinuosidade e o ballet dá isso. Na Bahia acompanhei uma experiência com a capoeira, focada exatamente nessa perspectiva. Olha de novo a cultura local se impondo. O ballet e a capoeira são práticas corporais que dão impulsão e a impulsão, mesmo dos baixinhos - veja o caso clássico do Romário contra os zagueiros da Holanda, a impulsão é fundamental para o cabeceio, para a surpresa do cabeceio. Então, ir observando essas coisas, ir pesquisando, e há um sem número de projetos possíveis de investigação, que ampliam a representatividade dos estudos de futebol, para sociedade e ampliam também para as nossas parcerias internas nas instituições universitárias. Eu vejo isso como perspectiva. Vejo como positivo e acho que isso tem crescido no Brasil e é preciso crescer mais, para se consolidar. A questão dos clubes, a questão das torcidas, da democratização dos conselhos deliberativos e das direções dos clubes, em que a maioria é muito autoritário, os sistemas de eleição interna, tudo isso. Outra coisa: textos de ficção sobre futebol. Eu, por exemplo, escrevo ficção também, contos e romances, além de trabalhos de pesquisa. É uma experiência muito rica. O futebol tem tudo para uma boa ficção: ele tem drama, comédia, tragédia, morte, amor, mistério, violência, tem ódio, ele tem... vida! Vamos escrever também ficção sobre futebol, vamos publicar, vamos fazer seminários, vamos fazer isso que vocês fazem tão bem na Fundação Getúlio Vargas, gravar depoimentos, para isso ficar registrado... Por que as pessoas morrem, né? Para o bem ou para o mal, a gente não sabe ainda (risos), mas a gente morre. Então, com a pessoa morre muita coisa. Uma história, uma experiência acumulada, uma sabedoria. Nós fizemos isso lá na UERJ, em 1990, um centro de memória, uma videoteca e uma fitoteca. Chegamos a 320 horas de material gravado, com Pelé, Zico, Zizinho, Ademir, Barbosa, com escritores, gente da música brasileira, do jornalismo esportivo, pesquisadores, etc.

Esse material ainda está lá?

Esse material ainda está lá. Então quer dizer, tudo isso enriquece, amplia e mostra que o futebol é muito mais do que o preconceito pode imaginar. E que a universidade no Brasil pode e deve cumprir um papel civilizatório, que é bem maior do que o produtivismo academicista que predomina hoje. Inclusive e principalmente nos sistemas oficias de avaliação da produção intelectual dos professores, sobretudo dos docentes da pós-graduação *stricto sensu*, mestrados e doutorados, onde a quantidade predomina em detrimento da qualidade, da inovação, da originalidade e da inserção social dos trabalhos de ensino-aprendizagem e do impacto social e cultural das pesquisas científicas. Einstein, de fato, publicou "apenas" quatro artigos científicos e mudou a história da ciência e do pensamento. Seria, com certeza, descredenciado pela CAPES... (risos).

O senhor gostaria de acrescentar alguma coisa que não foi mencionada, falar de algum tema?

Eu acho que você abordou tudo. Gostaria de parabenizar você, Isabella, e o grupo da Mosaico, porque é bom quando a gente tem uma entrevista e percebe que a pessoa estudou e se preparou para aquilo.

Obrigada!

Porque não é uma pessoa que chegou aqui e perguntou: "professor, quem é a bola?".Isso é uma metáfora do Nelson Rodrigues. E eu, claro, não podia esperar nada diferente de uma aluna orientanda, do meu amigo Bernardo Buarque de Hollanda. Então, parabéns, eu acho que abordamos tudo. E se você depois se lembrar de algo mais, é só falar, ok? Aqui não é assim, não: olha, terminou agora, então cale-se para sempre (risos). Se você percebeu que alguma coisa falhou, por e-mail, por telefone, a gente pode complementar. E eu fico aguardando ansioso a entrevista. Quero parabenizar a você e a todo o pessoal da Mosaico.

Mas não marquei porque eu sou bonzinho não, nem estou fazendo favor, eu marquei porque eu acho que é uma obrigação minha. Como pesquisador e professor, é uma obrigação política! Para tentar mexer minimamente nas estruturas de poder, e ter um resultado minimamente civilizatório para o Brasil. Parabéns.

Professor, eu que agradeço em nome da FGV e de todos os meus companheiros da revista. Foi um prazer estar aqui com o senhor e não é à toa que o senhor foi escolhido para essa entrevista.

Obrigado. E eu sou autor da FGV também, eu tenho livros publicados, tenho amigos lá na editora e na livraria, e os livros que eu publiquei lá sempre fui muito bem tratado e tudo funcionou muito bem.